

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MUSEU NACIONAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Sociabilidade e conflito no *morro* e na *rua*:
etnografia de um Centro Comunitário em Vila Isabel/RJ**

Fernanda Delvalhas Piccolo

Tese de Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Cardoso Alves Velho

Rio de Janeiro

2006

Fernanda Delvalhas Piccolo

**Sociabilidade e conflito no morro e na rua:
etnografia de um Centro Comunitário em Vila Isabel/RJ**

Tese de Doutorado apresentada ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título do Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Cardoso Alves Velho

Rio de Janeiro

2006

PICCOLO, Fernanda Delvalhas.

Sociabilidade e conflito no morro e na rua: etnografia de um Centro Comunitário em Vila Isabel/RJ/ Fernanda Delvalhas Piccolo. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2006.
xiv, 485 p.il.

Tese (Doutorado em Antropologia Social) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS,
2006.

Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho

1. Rede de Relações Sociais. 2. Centro Comunitário.
3. Favela. 4. Antropologia Social. – Teses.
I. Velho, Gilberto Cardoso Alves(Orient.). II. Universidade
Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional/PPGAS.
III. Título.

CDD:

Fernanda Delvalhas Piccolo

**Sociabilidade e conflito no morro e na rua:
etnografia de um Centro Comunitário em Vila Isabel/RJ**

Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau do Doutor em Antropologia Social.

Rio de Janeiro,.....de.....de.....

Aprovada por:

Profº_____ - Orientador
Gilberto Cardoso Alves Velho
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional

Profª_____
Lícia do Prado Valladares
Universidade de Lille

Prfª_____
Myriam Moraes Lins de Barros
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Serviço Social

Profº_____
Luiz Fernando Dias Duarte
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional

Profº_____
Antônio Carlos de Souza Lima
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional

*À minha amada filha Luciana, minha maior alegria.
À minha mãe Jacira, imprescindível.
Aos moradores dos Morros do Macaco, Parque Vila Isabel
e Pau da Bandeira, a razão de ser desta tese.*

Agradecimentos

Esta tese tornou-se realidade graças às contribuições de diversas pessoas e instituições que compõem as redes sociais nas quais me inseri durante o percurso de minha trajetória.

Agradeço ao meu orientador, Professor Gilberto Velho, pelo interesse nesta tese, pela confiança depositada em mim, pela sua dedicação no acompanhamento deste trabalho, desde o momento em que cheguei ao Museu Nacional com minha dissertação em mãos solicitando que aceitasse me orientar. Por propiciar um diálogo estimulante com pesquisadores de outras instituições e, inclusive de outros países, e pelas ajudas financeiras, em momentos cruciais, para finalizar o presente trabalho.

Agradeço a leitura atenta e às contribuições e sugestões das professoras Myriam Lins de Barros e Antonádia Monteiro Borges, que participaram da banca de qualificação do projeto desta tese.

Agradeço aos professores Licia do Prado Valladares, Myriam Moraes Lins de Barros Luiz Fernando Dias Duarte e Antônio Carlos de Souza e Lima, por aceitarem avaliar e discutir a presente tese.

Agradeço os momentos de interlocução com a professora Licia do Prado Valladares, durante o curso que ministrou no IUPERJ. Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação e, em especial, aos professores Lygia Sigaud e Moacir Palmeira, pelos momentos de reflexão proporcionados por suas aulas.

Agradeço aos coordenadores do Fórum de Pesquisa *As Múltiplas Faces da Cidade e do Urbano*, professores Heitor Frúgoli e Luciana Teixeira de Andrade, e do Fórum *Ritos da Cultura Popular*, professores Maria Laura Cavalcanti e Wilson Trajano Filho, durante a ABA em Recife, pela oportunidade de discutir muitas das idéias que hoje estão nesta tese e, que contaram com uma leitura preciosa dos coordenadores e dos outros participantes dos fóruns, que contribuíram com comentários atenciosos.

Agradeço a duas professoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que foram fundamentais na minha formação acadêmica, Daniela Riva Knauth, minha orientadora durante o mestrado, e Ceres Gomes Víctora, que me orientou durante a graduação. Foi com elas que dei os primeiros passos na área da pesquisa, quando fui bolsista de iniciação científica.

Agradeço a meus colegas Alessandra Barreto, Sandra da Costa, Ana Carmem Jara Casco, Patrícia Delgado Mafra, Maria Elvira Benítez, Rogéria Dutra, Isabel Travancas, Augusto César Gonçalves e Lima, pelas sugestões e provocações nas aulas ministradas pelo Prof. Gilberto.

Ao CNPq por me conceder uma bolsa de estudos, que possibilitou que eu me dedicasse integralmente a este trabalho e participasse de diversos eventos, assim como outros recursos advindos do PPGAS. À Tânia Ferreira e aos outros funcionários da secretaria pelas ajudas e prestativas informações; às Bibliotecárias Cristina e Carla.

À Maria Elisabeth Rossignol Cobra pela atenciosa e dedicada revisão final desta tese. Às minhas tias Jussara Delvalhas dos Santos e Jurema Delvalhas Liedtke pelas incessantes

revisões, não apenas nesta tese, mas nos mais variados artigos, textos e projetos que escrevi. Ao Ricardo Roberto Bevilacqua pela disponibilidade e gentileza de elaborar o abstract desta tese.

Agradeço ao colega Mário Miranda pelas discussões, e por me apresentar à Joice, que levou-me a conhecer Heloísa; a ambas sou grata por terem me aberto as portas ao trabalho de campo.

Agradeço aos amigos Eduardo H.P. de Oliveira, Thaís Portella e seu pequeno Thiago, Maria Elvira Benítez e Rafael Gutiérrez, Vanderlei de Souza, André Cândido da Silva amigos que, além do carinho, me incentivaram nos momentos quando pensei em desistir e naqueles em que persisti; à Elielma Ayres, Paulo Santos e suas amigas e amigos que me proporcionaram momentos de muita alegria, divertimento, muitos deles em Vila Isabel; a Augusto Lima, Cláudia Miranda, Fátima Ceccheto, Patrícia Farias e Geraldo, Andréa Lacombe e Caroline, Fernando Rabossi e Daniela, Patrícia Delgado Mafra, Everaldo e Maíra, a Luciane Soares, Vanessa Pereira, Hidelbrando Saraiva, Thiaguinho, Roberta Federico, Cíntia Beatriz Müller. Amigos que compartilharam minhas alegrias nos momentos de descontração e também minhas tristezas nos momentos de introspecção.

Agradeço à Elisabete de Oliveira Pereira, Maria de Lourdes Militão, Alessandro Gomes, Eliana Reis e Igor Grill, Luciana Caliman, Marcos Renato Benedetti, Eucléia Santos, Josiane de Oliveira, José Antônio dos Santos, amigos que, mesmo distantes e espalhados por este e outros países, me ofereceram seu carinho, apoio e atenção.

Sou grata à Antonádia Monteiro Borges e Marcelo Rosa pelo apoio, a atenção, e às profícias discussões, assim como pelos momentos de descontração quando da minha vinda para o Rio Janeiro e nos primeiros anos de minha estada aqui.

Ao Pedro e à Dogivane, agradeço pela amizade e pelos prazerosos momentos nos quais conheci suas filhas, seus pais, irmãos, irmãs e cunhadas e cunhados.

Agradeço ainda Andréia Dantas, Thaís Faggione, Felipe, Luzia, Álvaro, aos amigos que durante o último ano ouviram minhas aflições, e a Pedro Paulo, Fatinha e Flávia pela compreensão.

À minha filha Luciana, por abrir mão da minha presença no dia-a-dia e, ainda, se orgulhar de mim e me dar seu amor - sentimento recíproco, precioso e fundamental para mim. À minha mãe, Jacira, por suas preocupações, ouvidos abertos às minhas lamúrias, e que esteve sempre presente, mesmo distante, contribuindo e financiando meus projetos; pelo interesse naquilo que faço, inclusive, que leu toda a tese em busca da compreensão para o que eu queria dizer. Obrigada pelo apoio incondicional de ambas.

Agradeço o apoio da minha família, da minha irmã Mariana e do meu irmão Rodrigo, das minhas avós Maria Antônia e Aracy, das minhas tias, tios, primas e primos e do meu pai, Carlos, por fazerem de mim a pessoa que sou hoje.

Por todo amor, compreensão e enorme paciência com que, durante esses últimos quatro anos, ouviu minhas lamentações e esteve sempre ao meu lado, agradeço a Wellington Luiz Federico, meu companheiro. Obrigada, você é muito especial para mim.

À Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, nas pessoas de Deise e Cassiano por possibilitarem que eu desfilasse nesta agremiação no carnaval.

À presidente do Centro Comunitário do Morro dos Macacos por permitir minha inserção e participação na instituição que coordena, por me apresentar seus filhos, netos e demais freqüentadores desta entidade e moradores do morro, em especial aos jovens do Projeto Esperança de Vida. A todos meu muitíssimo obrigado, sem vocês, sua contribuição, participação, atenção e confiança, este trabalho não estaria concretizado.

Resumo

A presente etnografia procura analisar as relações sociais existentes entre os moradores do morro Parque Vila Isabel e os do bairro circunvizinho, Vila Isabel, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, tomando como mote o Centro Comunitário daquela favela. Nesse sentido, é de fundamental importância vislumbrar as redes sociais, pois a partir das conexões entre os indivíduos, bem como de seu conteúdo é possível compreender de que maneira essas relações são postas em ação. No contexto da entidade, as redes são um elemento de organização social, pelas quais as interações cotidianas, entre as pessoas, ganham sentido. O vínculo entre os indivíduos não se realiza apenas porque trabalham ou freqüentam a instituição, mas sim por amizade, parentesco, religiosidade, que atuam de fato fazendo com que as pessoas sejam admitidas para trabalharem ou freqüentarem o local. Dessa forma, interessa perceber de que maneira, nessas redes, as trocas e as reciprocidades são estabelecidas, bem como são acionadas, por exemplo, para obtenção de recursos – como os projetos sociais. Nessas redes, os indivíduos ocupam distintos papéis sociais e, em função disto, há tanto um controle de seus comportamentos, visto que devem cumprir determinadas normas, como das informações e do fluxo das mesmas. A partir daí decorrem inúmeros conflitos, visto que essa rede não é “estreita”, mas sim há, constantemente, a inserção de novos membros, muitas vezes com valores e interesses distintos – como os funcionários da Prefeitura e trabalhadores de classes sociais distintas. Ainda, mediante a análise de um dos projetos sociais desenvolvidos no Centro Comunitário, analiso as relações estabelecidas entre os jovens, que supostamente encontram-se numa “situação de risco social”, e os moradores do bairro no âmbito de um *shopping center*.

Abstract

The present ethnography seek to analyze the existing social relationships among the dwellers of “Morro Parque Vila Isabel” and those of the adjacent neighborhood, Vila Isabel, in the northern area of Rio de Janeiro City, setting the Community Center of that “favela*” as target. As this respect, it's very important to see the social networks, for since the connections among people and also their content is possible to understand how these relationships are putting into action. In the entity context, the networks are an element of social organization through those the daily interactions among people get sense. The bond among people isn't just accomplished because they work or go to the institution, but because of friendship, next of kin, religiosity that act, in fact, doing that people are admitted for working or going to the place. Doing so, we're interested in perceiving how the exchanges and the reciprocities are established in these networks, and how, for instance, these ones are activated to raise resources for social projects. In these networks, people play different roles, and because of that, there is as a control of their behavior, seen that they have to fulfill certain norms, as of information and its flux. From this point, a lot of conflict are developed, because this network is not “narrow”, but there is always new members coming in, lots of time with values and different interests such as the city hall workers and workers of different social classes. Still, through the analysis of one of the social projects developed by the Community Center, I analyze the relationships set among the youths of the “favela”, that they are suppose to be in a “social risk situation, and the dwellers of the neighborhood in a shopping center context.

*Favela: a group of popular houses that are precarious built (usually in hills) and with deficient hygienic resources (according to Aurelio's dictionary).

Lista de imagens inseridas no texto

Foto 1 - "Homenagem a Noel Rosa, Vila Isabel - Rio de Janeiro"	82
Foto 2 - Imã de geladeira em comemoração aos 130 anos de Vila Isabel	83
Foto 3 e Foto 4 - Fachada do Centro Comunitário	150
Foto 5 e Foto 6 - Fachada do Centro Comunitário	150
Foto 7 - Kombi no saguão do Centro Comunitário.....	152
Foto 8 - "O jornalista e então vereador carioca Carlos Lacerda conversa com moradores do morro dos Macacos em 1948"	244
Foto 9 e Foto 10 - Jovens do "projeto Esperança de Vida" junto a carros em passeio ao Centro da Cidade	319
Foto 11 e Foto 12 - Jovens entre o símbolo do Terceiro Comando e o desenho de um tanque de guerra	320
Ilustração 1 - Logotipo Ceaca-Vila.....	155

Lista de Siglas Utilizadas

AA	Alcoólicos Anônimos
ADA	Amigos dos Amigos
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento.
BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (Grupo Banco Mundial).
CDI	Comitê para Democratização da Informática.
Ceaca - Vila	Centro Educacional de Ação Comunitária da Criança e do Adolescente.
Cedae	Companhia Estadual de Águas e Esgotos.
Cemasi	Centro Municipal de Assistência Social Integrada.
Cieds	Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável.
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CRSMDS	Coordenadoria Regional da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.
CV	Comando Vermelho
DinamoCoop	Cooperativa Prestadora de Serviços em Informática, Artes Gráficas e Consultoria.
Desipe	Departamento do Sistema Penitenciário
EIC	Escola de Informática e Cidadania.
Faetec	Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro.
Funlar	Fundação Municipal Lar Escola Francisco de Paula.
LBA	Fundação Legião Brasileira de Assistência.
MEL	Movimento Esporte e Lazer.
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização.
NA	Narcóticos Anônimos
NESA	O Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente .
PCC	Primeiro Comando da Capital [SP]
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.
PM	Polícia Militar
PROAP	Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro.
IX RA	IX Região Administrativa.
Serpha	Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-higiênicas.
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.
SESC	Serviço Social do Comércio.
T@í.com	Todos Acessando a Internet na Comunidade.
TC	Terceiro Comando.
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sumário

Introdução	15
Capítulo 1. “O que você sabe fazer?”: reflexão sobre as negociações na pesquisa de campo	24
Introdução.....	24
1. Telefonemas, e-mails, encontros e desencontros: as negociações para entrar em campo	27
2. “Eu te espero em frente ao antigo jardim zoológico”: entradas e saídas, as fronteiras simbólicas	40
3.“O que você sabe fazer?”: as negociações no campo	46
4. “E você, minha querida, fala sobre você!”: relação recíproca de entrevistas e de observações.....	55
5. “Você tem cara de rica!”: cores e estrangeiros.....	59
6. “X-novando”: silêncios e inquietações.....	67
7. “Você já é mesmo da comunidade”	75
Capítulo 2. Da Fazenda do Macaco ao “Morro dos Macacos”	79
Introdução.....	79
1. “130 anos de cantos e encantos da Vila Isabel”: eventos, histórias, memórias e identidades sociais	80
2. Festa de São Cosme e Damião	103
3. O “Complexo dos Macacos”	107
3.1. <i>O local</i>	115
3.2. <i>Os barracos</i>	115
3.3. <i>Água, luz, fogão</i>	116
4. Comunidade, comunidades.....	121
5. O Morro & a Rua.....	134
6. A “invasão”: os policiais e os traficantes	137
7. Imagens da mídia impressa	139
Capítulo 3. Organização e vida social local: o Centro Comunitário Maria Isabel e sua dirigente	147
Introdução.....	147
1. O Centro Comunitário: da “casinha baixinha” ao “tudo isso que a gente está vendo aí”	148
1.1. Maria Isabel: “esse nome a gente deu em homenagem a uma parteira”	153
2. Dona Anastácia: “é uma doença esse negócio de Associação”	160
2.1. A fundação do Centro Comunitário	181
2.2. “Eu sempre me dediquei à educação”	185
2.3. As comemorações de aniversário de Dona Anastácia	199
Capítulo 4. Centro Comunitário e sociabilidade: projetos sociais, religião, política, amizade e rituais	210
Introdução.....	210
1. Um dia no centro: as redes e os dias.....	211
1.1. Almoçando no Centro.....	220
2. Centro Comunitário e Religião.....	230
3. “No tempo do...”: O Centro Comunitário e os políticos	242

<i>a) Água e Luz</i>	245
<i>b) Obras</i>	246
<i>c) Escolas</i>	246
<i>d) Favela-Bairro</i>	247
4. Eventos: parceiros, projetos e oficinas	255
4.1. O Aniversário de 20 anos do Centro Comunitário	256
4.2. O Dia das Crianças	264
4.3. O Festival de Gastronomia dos Idosos	270
Capítulo 5. Os jovens e o “projeto social”: classificações sociais, acusações de desvio e práticas civilizatórias.....	276
Introdução	276
1. “Estou precisando de alguém para ajudar uns meninos a ler”: minha entrada nesse projeto	277
2. “Eles chegaram no projeto drogados, melhoraram, o objetivo foi concluído”: objetivos do projeto	283
2.1. A “equipe”	293
3. Os jovens	301
3.1. Os jovens e seu estilo de vida	307
3.1.1. <i>Cabelos e pêlos</i>	308
3.1.2. <i>Nike, Redley, Kenner, Osklen: as roupas e as grifes</i>	315
3.1.3. <i>Os jovens e as fotografias</i>	318
3.2. Os jovens, os traficantes locais e a facção criminosa	320
3.2.1. <i>A visão da equipe: “encantamento pelo falso poder”</i>	322
3.3. O baile funk	340
3.4. “ <i>Nunca gostei de polícia</i> ”: os jovens e a polícia	350
4. As definições de comportamento	352
5. “Inserir no mercado de trabalho”	362
Considerações finais	367
Referências Bibliográficas sobre Vila Isabel	393
Sites visitados	394
Anexos.....	395
ANEXO A – MAPA VILA ISABEL	396
ANEXO B – LOCALIZAÇÃO SHOPPING IGUATEMI	398
ANEXO C – FOLDERS DAS PROGRAMAÇÕES 130 ANOS DO BAIRRO DE VILA ISABEL	400
ANEXO D – CÓPIA DA LEI DO VENTRE LIVRE	404
ANEXO E – “FOLHA DO PERNAS”	408
ANEXO G – NOTÍCIAS DE JORNais SOBRE O MORRO DOS MACACOS E VILA ISABEL	411
ANEXO G – ANOTAÇÕES SOBRE ALGUNS TRABALHADORES DO CENTRO COMUNITÁRIO	446
ANEXO H – REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS DOS TRABALHADORES E FUNCIONÁRIO DO CENTRO COMUNITÁRIO	456
ANEXO I – TABELA COM OS DADOS DOS IDOSOS	461
ANEXO J – ANOTAÇÕES SOBRE OS JOVENS DO PROJETO ESPERANÇA DE VIDA	464
ANEXO K – FICHAS DE AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL INDIVIDUAL (ABRIL/2004)	483

Introdução

No Rio de Janeiro, uma das experiências percebidas e vividas pelos seus moradores como tendo grande potencial para gerar conflitos é a que se refere à relação entre as favelas e a cidade, principalmente entre uma favela e o bairro no qual está inserida (Abreu, 1997; Valladares, 2001).¹

A relação entre as favelas e os bairros circunvizinhos passa a ser entendida e experienciada como envolta em conflitos e acusações por parte dos moradores dos bairros e pela mídia, advindos, principalmente, pelo destaque que dão às atividades do tráfico e uso de drogas. Essas ações seriam as responsáveis por grande parte das cenas de violência ocorridas na cidade, tanto no interior das favelas - pela briga entre traficantes rivais e atuação da polícia -, quanto fora delas - pelos tiros, balas perdidas e assassinatos (Zaluar, 1985, 1994; Abreu, 1997; Zaluar e Alvito, 1998; Valladares, 2000 e 2001; Alvito, 2001; Ribeiro e Lago, 2001).

Embora o termo “favela” tenha passado por transformações em seu significado², permaneceu no bojo de sua (re)construção a representação social de “chaga” no espaço da cidade contemporânea, impingindo ao local, e aos seus habitantes, um estigma (Goffman, 1988). Rapidamente, ela foi transformada e incluída no rol dos “problemas sociais”³ - sanitário, legal e urbanístico – em decorrência da imagem construída socialmente de que nesse local imperariam inúmeras “carências” – “carência” de bens materiais, devido a habitações irregularmente construídas, sem arruamento, sem planejamento urbano, sem esgoto, água ou luz; e, “carência” de civilidade, já que sua população era vista como marginal, criminosa, perigosa, “carente” de moralidade. Essas visões permanecem ainda hoje, embora os objetos símbolos desse rótulo tenham mudado. Se a favela, antes, era considerada por parte da população e dos governantes como reduto dos “malandros”, sambistas e capoeiristas, hoje

¹ Recordo, como exemplo, a “guerra” na favela da Rocinha, em abril de 2004. Este episódio, que a mídia explorou nacionalmente, produziu grande tensão entre aquele local e os bairros circunvizinhos, Gávea e São Conrado. Nessa ocasião, o Vice-Governador do Estado, Luiz Paulo Conde, propôs a construção de um muro para isolar tais localidades. Esta “guerra”, como a mídia denominou o confronto entre traficantes rivais, eclodiu na Semana Santa de 2004. A proposta do muro e sua discussão puderam ser lidas, entre outros jornais, em O Globo de 12/04/2004 (p.8) e de 13/04/2004 (p.7)

² Segundo Valladares (2001:3), o termo “favela” passou pelas seguintes transformações: um registro botânico (uma planta do sertão); um registro geográfico e topográfico (designa uma colina no interior da Bahia); depois um Morro no Rio de Janeiro: o Morro da Providência, conhecido como o Morro da Favela (1897); posteriormente serviu para definir um tipo de habitação precária carioca; em seguida, passou a ser uma categoria do censo, a princípio local, depois nacional e, mais recentemente, internacional, significando “um conjunto de habitações populares de construção sumária despossuída de conforto”; tornou-se, ainda, uma categoria para as Ciências Sociais.

³ Sobre a discussão da maneira como um fato social é alçado a “problema social”, ver, entre outros, Becker (1977) e Leclerc (1979).

é vista, em especial, como abrigo de quadrilhas de traficantes (Zaluar, 1985 e 1994; Zaluar e Alvito, 1998; Alvito, 2001), desconsiderando, desta maneira, a grande heterogeneidade de pessoas que moram neste local, que inclui desde pessoas muito pobres economicamente até uma pequena classe média; trabalhadores da construção civil; empregados em serviços domésticos; no comércio; funcionários públicos de baixo escalão; estudantes; e, ainda, em empregos informais.

As favelas foram apontadas, desde seu princípio, como lugares sem a presença do Estado, no sentido de não haver assistência e controle estatal, que deveria resolver esse “problema”. Muitas ações tiveram lugar no decorrer do século XX, como a erradicação de algumas, remoção de outras. Diversos planos foram elaborados e seus objetivos variaram desde o “embelezamento” da cidade - com a retirada das favelas das áreas consideradas “nobres” - até o provimento de infra-estrutura básica para essas localidades (Valladares, 1978; Heye, 1979; Santos, 1981; Slob, 2002).

Por outro lado, as favelas são vistas como ostentando muitos dos símbolos da identidade carioca, e talvez nacionais, como o samba e os sambistas, o carnaval, o *funk*, o *hip hop*, a umbanda, o candomblé e outros. Ainda, é vista como o local em que se encontram estreitos laços de solidariedade e reciprocidade entre suas redes de relações sociais, bem como um lugar concentrador de muitos votos e de mão-de-obra barata, e que, portanto, devem ser mantidas, ainda que sob controle intenso das forças do Estado.⁴

Cabe atentar que essas percepções e representações da favela orientam as diversas relações entre os moradores daquele local e os do restante do bairro.

Tendo em vista a discussão acima, irei analisar, nesta tese, as relações existentes entre o morro Parque Vila Isabel e o bairro circunvizinho, Vila Isabel, na Zona Norte carioca, tomando como mote o Centro Comunitário daquela favela. Esta é conhecida como “Morro dos Macacos” e “Complexo dos Macacos”. Os moradores do bairro e da favela denominam de “Complexo” quatro favelas: Parque Vila Isabel, Pau da Bandeira, Morro dos Macacos e Pantanal/Alto Simão.

Nesse sentido, é de fundamental importância vislumbrar as redes sociais, pois a partir das conexões entre os indivíduos nessas redes, bem como de seu conteúdo, é possível compreender de que maneira essas relações são postas em ação.

⁴ Importante atentar para a existência de considerável literatura refletindo especificamente sobre as favelas cariocas. Ver, entre outros, Zaluar, (1985). Especificamente sobre as organizações de crime e tráfico fluminense, ver, entre outros, Zaluar (1985, 1994a); Leeds (1998); Mafra (1998); Misso (2000a,b,c); Zaluar e Alvito (org.) 1998; Alvito (2000 e 2001); Cunha (2000). Ainda sobre as características da cultura das classes populares ver, entre outros, Duarte (1988); Zaluar (1985, 1994); Fonseca (1987a; 1987b; 1991; 1993); Knauth, Víctora e Leal (1998).

As redes de relações sociais são tanto um objeto de estudo privilegiado em Antropologia, como uma maneira de inserção e manutenção do pesquisador em campo, através do denominado *snow ball*, segundo o qual um participante da pesquisa indica e apresenta o pesquisador a outro possível participante, dentro de sua rede de relações pessoais. Além disso, como aponta Barnes (1987:161): “a rede social pode ser útil no exame de vários tipos de situações sociais”.

Constituem um instrumento importante para tentar analisar as interações dos indivíduos e seus padrões. A discussão sobre qual ponto de vista as redes sociais devem ser entendidas está fundada em dois pilares: como sendo um sistema total de relações sociais, apresentando-se como a estrutura social; ou devem ser vistas como categorias da interação social de um grupo de pessoas, dentro de um sistema maior. Neste caso, deve-se perceber qual (ou quais) categoria(s) de interação social são relevantes para os indivíduos, quais categorias ligam os indivíduos entre si – tais como parentesco, vizinhança, amizade, trabalho, religião -, isto é, qual o conteúdo dessas redes (Mitchell, 1969 e 1973).

A rede social como uma estrutura, no sentido de sistema total de relações sociais, é o ponto de partida para a construção da noção de rede, tal como definida por Radcliffe-Brown (1973 [1952]), segundo o qual o objeto mesmo, em si, da Antropologia Social é a estrutura social, que é “uma complexa rede de relações sociais” interligando os indivíduos. Nessa rede de relações sociais os indivíduos ocupam diferentes posições sociais, diferenciadas, entre outros, por gênero, classe social, *status*. A noção de estrutura social de Radcliffe-Brown era, no entanto, muito ampla e utilizada metaforicamente, visto que interligava toda a sociedade. Nesse sentido, diversos autores⁵, posteriormente, redefiniram o conceito de redes sociais, apontando que as relações sociais entre as pessoas que compunham uma rede eram definidas por critérios distintos, tais como vizinhança, limitando, nesse sentido, a amplitude da rede, pois a centralidade está nas relações sociais nas quais se tem contato pessoal. Ainda, outros autores alargaram a noção de rede, que abrangeia todas as relações sociais de um determinado campo social, cujos indivíduos não conheciam todas as pessoas inseridas nessa rede.

As redes de relações sociais como objeto de estudo em Antropologia, levam à análise das ligações e interações das pessoas, por variados vínculos, tais como amizade, parentesco,

⁵ Sobre rede de relações sociais ver, entre outros, Mitchell (1968, 1969, 1973), Epstein (1969), Bott (1976); Boissevan (1987), Barnes (1987); Mayer (1987). Especificamente sobre a análise de redes de relações sociais em favelas, ver, entre outros, Castro (1998). O autor analisa as redes de relações sociais estabelecidas em uma favela carioca a partir do samba e do jogo e articuladas para os processos políticos, pelas quais o controle social era exercido, entre outras formas, pelas fofocas.

religiosidade, política, enfim, os mais diversos tipos de vínculos. Busca-se perceber se estes vínculos estarão abertos ou fechados para a inserção e integração de novos membros.

Mediante as redes sociais é possível perceber as dinâmicas das relações entre os indivíduos, que não são estáticas, estão em transformação, com identidades sendo construídas e reelaboradas, apontando, assim, para a mudança social. Além disso, as redes estão relacionadas ao contexto, ao cenário, à situação social na qual as pessoas estão inseridas. E essa relação vai permitir que as características das ligações entre os sujeitos possam ser utilizadas para interpretar o comportamento social dos envolvidos (Mitchell, 1969). É assim que Mitchell (1968) vai analisar a sociedade urbana africana, percebendo como os indivíduos interagiam, qual o conteúdo de suas interações, isto é, qual a categoria de interação relevante para os africanos que haviam saído de suas aldeias e encontravam-se na situação urbana de Copperbelt. Ele mostra o tribalismo como foco central ligando as pessoas através de suas interações cotidianas e organizando as relações sociais com estranhos. A *kalela dance*, por ele analisada, vai ser a de expressão desse tribalismo nesse processo de adaptação ao meio urbano.

Nesse contexto urbano africano, Epstein (1969) vai apontar que as redes sociais são importantes meios de disseminação de informações e controle social, como pelas fofocas, que operam na manutenção e reforço das normas sociais estabelecidas pelo grupo para o comportamento dos indivíduos.

Há, portanto, uma definição de conduta a ser seguida pelos indivíduos, regida por seus interesses e valores. É assim que Mayer (1987) estuda as eleições em Dewas e as bases de apoio dos candidatos, que podiam ser descritas e analisadas como redes de relações sociais: os “quase-grupos”, como ele denominou. As interações nessas categorias ocorrem em “conjuntos de ação”, que possuem número limitado de membros, conectados por um interesse comum, que no caso estudado por Mayer, era eleger determinado candidato.

Boissevain (1987) vai apontar a importância das redes em nossa vida social cotidiana, entendendo o homem como “um empreendedor que [pelos suas escolhas pessoais] tenta manipular normas e relações sociais para seu proveito próprio, social e psicológico” (1987: 201). Boissevain aponta que são as redes sociais - formadas por amigos, parentes, colegas de trabalho - que acionamos quando temos um problema a resolver ou temos metas a atingir, colocando-nos, muitas vezes, numa situação de reciprocidade com essas pessoas, isto é, a cada favor que uma pessoa dessa rede nos faz, ficamos em dívida com ela.

Outro estudo importante é o de Bott (1976), que vai analisar as ligações das famílias urbanas inglesas. A autora aponta que as relações sociais dessas famílias se arranjam de duas

maneiras, relativas ao menor ou maior grau de “conectividade” entre as pessoas, em rede de relações de “malha frouxa”, onde há um menor conhecimento interpessoal das pessoas e maior divergência quanto às regras e aos padrões de comportamento, e a rede de “malha estreita”, na qual há maior conhecimento interpessoal e maior consenso quanto aos comportamentos esperados e, consequentemente, maior controle social sobre os indivíduos.

Tendo em vista os apontamentos acima é que a análise das redes sociais no âmbito do Centro Comunitário Maria Isabel ganha significância antropológica. No contexto da entidade, as redes são um elemento de organização social, pelas quais as interações cotidianas das pessoas ganham sentido.

Dessa forma, interessa perceber de que maneira, nessas redes, as trocas e as reciprocidades são estabelecidas e qual o conteúdo dessas transações, bem como o acionamento dessas redes para obtenção, por exemplo, de recursos – como os projetos sociais.

Nessas redes, os indivíduos ocupam distintos papéis sociais e, em função disto, há tanto um controle de seus comportamentos, visto que devem cumprir determinadas normas estabelecidas no âmbito da entidade, quanto o controle de informações e seus fluxos. A partir daí decorrem inúmeros conflitos, visto que essa rede não é “estreita”, mas, sim, que há, constantemente, a inserção de novos membros, muitas vezes com valores e interesses distintos – como os funcionários da prefeitura, trabalhadores de classes sociais distintas.

Cabe salientar, como será visto no primeiro capítulo, que a maneira como me inseri em campo foi por meio do acionamento de redes de relações sociais, mais especificamente por intermédio de “amigos e amigos dos amigos”.

O Centro Comunitário é um espaço privilegiado para o exercício da sociabilidade, ao lado dos bailes *funk* freqüentados pelos jovens, da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel e dos blocos carnavalescos, do *shopping* Iguatemi, entre outros.

A partir da sociabilidade é possível extrapolar para fora dos limites do Centro Comunitário, e adentrando no bairro de Vila Isabel, aponto para as relações entre os moradores de ambas as localidades.

Dentro disso, no primeiro capítulo faço uma reflexão sobre a construção da etnografia e dos processos de negociação pelos quais me inseri, participei e permaneci em campo.

No segundo capítulo, apresento as localidades onde realizei a etnografia, tomando como fio condutor eventos comemorativos dos quais emergiram tanto a história e memória oficiais como não oficiais que atuam na construção das identidades sociais dos moradores.

Ainda, mediante esses eventos é possível vislumbrar as redes de relações sociais. Trata-se de verificar como essas relações, a sociabilidade, os diálogos e também os conflitos

entre os moradores do morro e do bairro ganham diferentes significados, conforme o contexto e o enunciador, as categorias sociais “nativas”: “asfalto”, “favela”, “comunidade”, “morro” e “rua”.

Os capítulos 3 e 4 visam a dar conta do Centro Comunitário Maria Isabel, situado no Morro Parque Vila Isabel, e que é palco de inúmeros “projetos sociais” financiados pelos governos, principalmente, o municipal, mediante as agências fomentadoras, como o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). Estes “projetos”, vistos como práticas civilizadoras, são voltados a atender a crianças, jovens e idosos.

A partir do desenvolvimento dos “projetos sociais” diferentes redes sociais se encontram no âmbito da entidade, emergindo dessa interação, também, inúmeros conflitos. O sentido e o vínculo das interconexões dos indivíduos, nesse espaço, não se estabelecem apenas porque trabalham e freqüentam o mesmo local, mas, sim, por afinidades religiosas, políticas, amizade e parentesco.

Especificamente no terceiro capítulo, faço uma descrição física da entidade e discuto a constituição da liderança de sua presidente, Dona Anastácia, mediante notas de sua trajetória. ‘Negra’, evangélica batista, sua “vocação”, segundo sua narrativa, é na área educacional; uma ‘mulher política’, que já foi presidente da Associação de Moradores local e imprime características de sua biografia no Centro Comunitário.

Já no quarto capítulo, além de abordar mais detidamente os pertencimentos religiosos, principalmente evangélicos, e as relações políticas com os poderes públicos e os políticos, como vereadores, abordo o cotidiano e diferentes momentos festivos nos quais essas relações ocorrem.

Por fim, no último capítulo discuto um dos “projetos sociais” desenvolvidos no Centro Comunitário, voltado, especificamente, a jovens “em situação de risco social”. Diante disto, analiso a própria classificação e definição do “risco” pela “equipe” que atua no “projeto” e, por outro lado, os símbolos pelos quais os jovens constroem suas identidades e se inserem na sociedade de consumo: roupas de grife, freqüência aos bailes *funk*, idas ao *shopping* do bairro, a relação ambígua – medo e fascínio – com os traficantes locais. São esses símbolos, que são, muitas vezes, interpretados e definidos pela “equipe” como signos de um comportamento desviante, que os colocaria “em risco”. Dessa maneira, mediante as práticas civilizatórias, o “disciplinamento dos corpos” e uma “economia dos castigos”, o “projeto” visa a enquadrar e conformar os jovens à “sua realidade”, isto é, que permaneçam ocupando a posição em que se encontram na hierarquia social, enquanto, muitos desses jovens têm projetos de ascensão social.

Na relação entre polícia e traficantes, os jovens têm uma preferência relativa por estes últimos, visto que eles estão inseridos em suas redes de relações sociais e, algumas vezes, de parentesco, cresceram juntos; já os policiais não distinguiram entre os traficantes e as outras pessoas, “confundindo” e detendo indivíduos que não participam do tráfico.

Saliento que esta tese se insere, pela sua problemática, no quadro mais amplo das reflexões sobre as cidades, seus habitantes, os modos de vida e os conflitos produzidos, vista a grande heterogeneidade que constitui o meio urbano.

Cabe relembrar que os estudos sobre as grandes cidades e seus habitantes, isto é, o modo como os indivíduos vivem e se relacionam nas metrópoles, sob o enfoque das Ciências Sociais, desenvolve-se de forma mais sistemática com a Escola de Chicago, com Park (1979 [1916]) e Wirth (1979 [1938]). A partir dos textos de Simmel - por exemplo, “A metrópole e a vida mental” (1979 [1902]) -, fonte inspiradora da referida escola de Sociologia, começou a se formar um *corpus* teórico e metodológico sobre o estudo contextual da cidade. Anterior a este período havia diversas reflexões sobre a cidade, mas elas não formavam um *corpus* sistemático sobre o tema.

Simmel (1979) estava preocupado com a subjetividade do indivíduo frente ao desenvolvimento da sociedade industrial e da modificação dos relacionamentos entre os indivíduos. Ele percebe o surgimento de um novo estilo de vida, com novos valores, como um individualismo pautado na liberdade e na singularidade do sujeito (Simmel, 1971). As relações entre os indivíduos são marcadas pela racionalidade, pela objetividade, pela impessoalidade, pelo anonimato - ainda que relativo -, pelo grande valor atribuído ao dinheiro. Inclusive este, muitas vezes, pauta as relações entre os indivíduos. As interações tornam-se, progressivamente, mais efêmeras e fugazes, isso porque, com a crescente especialização e divisão do trabalho e das atividades sociais, o círculo de contato de um indivíduo se multiplica enormemente. Dessa forma, o sujeito participa de várias redes de relações sociais, com papéis sociais diferenciados, ainda que com graus variáveis, conforme a classe e a posição social, a idade, o gênero, a cor da pele, entre outros.

Dessa forma, Park (1979) e Wirth (1956, 1973 e 1979), seguindo Simmel em suas preocupações, mas em uma outra etapa, irão centrar-se na organização social destas metrópoles, no caso, as grandes cidades americanas como Nova York e Chicago, que são locais de contatos e evitação de pessoas vindas dos mais diversos lugares do mundo, socializadas em culturas diferentes, que interagem com aqueles nascidos e socializados nesses locais. Tudo isto contribui para a grande heterogeneidade em relação a modos e estilos de vida. Se há algo que é comum a todos esses indivíduos é o fato de viverem em um local que

apresenta as características descritas acima; no entanto, elas são elaboradas e vividas pelos sujeitos de maneira diferenciada.

Os autores acima apontam, por meio da socialização do indivíduo citadino, para o fato de que a cidade não é simplesmente uma unidade geográfica, territorial, mas, principalmente, ela é distinguida pelo modo de vida que seus habitantes desenvolvem. E, ainda, por ser marcada por um potencial de conflito entre essa população tão heterogênea, e, na maioria das vezes, contrastante (Velho, 1980a e 2000; Heilborn, 1986).

Um outro tema de atenção daqueles que têm como preocupação os estilos e modos de vida urbanos é a sociabilidade. Esta, que pode ser entendida como a forma lúdica da socialização, nas cidades deixou de estar restrita ao âmbito doméstico, entre a família e a vizinhança, e passou a ser realizada em outros locais, como os cafés e outros espaços públicos.⁶

Eles se preocupam, ainda, com o modo de estudar essas cidades. Nesse sentido, uma das grandes contribuições vem de Whyte (1993[1943]) que adotou a observação participante – influenciado por Malinowski, entre outros - mediante a qual pode ser possível desvendar o modo e o estilo de vida das populações tão próximas geograficamente, mas, ao mesmo tempo, tão distantes em termos cognitivos, como ele relata em sua chegada a Corneville. Podemos pensar que Benjamin (1991[1938]) quando atenta para um dos tipos sociais nascidos nas grandes cidades, o *flâneur*, já apontava para a observação como um modo de apreender essa cidade.

No Brasil, o marco inicial dos estudos mais sistemáticos de modos e estilos de vida na cidade é o estudo pioneiro realizado por Velho (1978 [1973]), num prédio residencial, no início da década de 70. O autor aponta, ainda, para impasses e conflitos decorrentes do encontro, no mesmo prédio, de diferentes visões de mundo e estilos de vida, isto é, da heterogeneidade. Extrapolando o espaço do prédio, o autor toma como *locus* de investigação o bairro em que ele está inserido – Copacabana -, que estava no auge de sua ocupação, na cidade do Rio de Janeiro. Velho tinha como questões o porquê de as pessoas terem querido ir morar em Copacabana, quem eram os moradores desse bairro, o que faziam, quais suas ocupações e vai, então, desvendar seus projetos de ascensão social.

Cabe salientar que a Antropologia Urbana de modo algum significa uma ramificação separada da Antropologia, mas, sim, identifica seu território e seu objeto focados na cidade e sobre a cidade, não tanto em sua materialidade, mas nos diversos modos, estilos de vida e

⁶ Diversos autores prenderam sua atenção na sociabilidade no meio urbano, entre eles, Simmel (1991); Ariès (1981); Santos e Vogel (1981); Heilborn (1984); Magnani (1984); Costa (2003).

visões de mundo, nas relações e interações sociais desenvolvidas nesse espaço entre os seus habitantes. O que marca sua peculiaridade dentro da Antropologia é que, aqui, o antropólogo, freqüentemente, está na cidade onde vive, não mais numa aldeia ou ilha distante. Dessa maneira, o pesquisador procurará relativizar aquilo que lhe parece tão familiar, por estar inserido no mesmo contexto em que realiza sua investigação. Para tal finalidade deve operar um processo de estranhamento, por meio da leitura de um *corpus* teórico e de treinamento, para finalmente tornar a se familiarizar, mas agora pela compreensão e apreensão da lógica que orienta as diversas ações, modos e estilos de vida dos sujeitos estudados. Outras vezes, mesmo morando na mesma cidade em que pesquisa, “descobre” fenômenos sociais que desconhecia, pois pertenciam a outros universos sócio-culturais.⁷

Os estudos nessa área são marcados, ainda, por uma dimensão interdisciplinar que busca contemplar esta complexidade e heterogeneidade que caracterizam mais tipicamente as grandes cidades e marcam com mais força e nitidez a vida e a subjetividade dos indivíduos que nelas habitam.

Neste quadro, procurei, na etnografia aqui apresentada, analisar alguns desses aspectos da complexidade da vida urbana brasileira contemporânea, focalizando uma temática polêmica, num momento de grande tensão e conflito na cidade do Rio de Janeiro no que se refere às relações entre os moradores das favelas e dos bairros circunvizinhos.

Tendo como foco de estudo as relações entre os moradores das favelas e os dos bairros em geral, diversas questões caras à Antropologia serão retomadas. Questões estas como identidade e pertencimento, classes sociais, religiosidade, política, conflitos, acusações, desvio social e sociabilidade, para as quais apontam as interações sociais dos moradores.

Dessa maneira, debruçando-me sobre as redes de relações sociais pretendo contribuir com novas perspectivas para a discussão do tema das relações entre distintas classes sociais, bem como das visões de mundo e estilo de vida das classes populares, mais especificamente dos moradores das favelas, e, até mesmo, para o tema da violência que, crescentemente, tem mobilizado diversos atores, inúmeros intelectuais, pesquisadores, formuladores de políticas públicas e a própria população, muitas vezes com posições e interesses contraditórios, tornando-se, portanto, uma questão bastante complexa.

⁷ Sobre as noções de espaço e distância social ver, entre outros, Sorokin (1977 [1927]). E sobre as implicações dessas na prática de pesquisa, ver, entre outros, Velho (1978b, 1980, 1997); Heilborn (1984, 1986); Vianna (1988, 2000).

Capítulo 1. “O que você sabe fazer?”: reflexão sobre as negociações na pesquisa de campo

Introdução*

Na introdução desta tese, apontei que meu universo de estudo é o Centro Comunitário do morro Parque Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro, e que meu objetivo principal é compreender como se estruturam as redes de relações sociais, as sociabilidades e as interações sociais que se estabelecem entre os freqüentadores e os trabalhadores do Centro Comunitário, e com moradores do bairro de Vila Isabel, com agentes de instâncias governamentais (assistentes sociais, funcionários da Prefeitura e detentores de cargos de confiança, entre outros) e de organizações não-governamentais, de instituições religiosas e com políticos.

Neste primeiro capítulo irei explorar o processo da pesquisa de campo isto porque um momento importante para a construção da etnografia é a reflexão sobre a pesquisa de campo, tanto sobre aquilo que foi possível realizar, de que maneira e em que circunstâncias, assim como aquilo que não foi possível efetivar. Os silêncios, os locais e as falas proibidas, que se tornam por vezes lacunas na etnografia, são ‘dados’ importantes por representarem o ‘objeto’ de pesquisa. É interessante expor a maneira como a pesquisa de campo foi elaborada, pois fala do universo pesquisado, das pessoas e das relações sociais estabelecidas nesse espaço.

A partir deste momento, discorrerei sobre o processo de negociação para a minha entrada e permanência em campo, apontando as questões expostas acima, tendo como cenário o morro Parque Vila Isabel.

Cabe salientar que quando iniciei os contatos para o desenvolvimento da pesquisa, o tema que havia proposto era o estudo do uso de drogas entre mulheres moradoras de uma favela, um tema “delicado” nesse contexto. Aos poucos fui mudando meu “objeto” de pesquisa por motivos diversos: pela dificuldade de acesso a uma favela para abordar tal tema; por ter sido desaconselhada pelos colegas e por meu orientador e, o mais relevante, após minha entrada em campo, descortinou-se para mim a riqueza das relações sociais que lá se entrelaçavam. Nesse momento, decidi pela mudança de meu objeto de pesquisa, tendo em

* Utilizo na tese ‘aspas simples’ para palavras que desejo destacar e “aspas duplas” para citações de autores e de falas do universo de pesquisa. Cabe ainda ressaltar que todos os nomes utilizados nesta tese, com exceção do nome do bairro, da favela e do Prefeito, são fictícios.

vista que aquilo que eu estava vendo me permitia abordar as relações sociais entre os moradores do morro e os do bairro e da cidade em geral - além de alguns aspectos da vida no morro.

Para a entrada em campo, estabeleci diversos contatos (por vias diversas, como telefonemas, Internet e conversas face-a-face) com possíveis interlocutores e que, de fato - ou não -, se tornaram mediadores entre eu, com o meu pretendido projeto, e o universo do Morro dos Macacos⁸. Meu projeto e o universo de pesquisa eram, naquele momento, ainda bastante abstratos, tanto que se dissiparam, nascendo um outro, que é objeto desta etnografia.

Abordo, neste capítulo, os primeiros momentos da pesquisa, quando iniciei os contatos para a entrada em campo. Nessa situação, revelei a apenas um de meus interlocutores o que eu desejava pesquisar naquele momento: o uso de drogas. Para o restante das pessoas com as quais conversei, disse que queria analisar como se dava a relação entre a vida na favela e no bairro de Vila Isabel – circunscrito pelo morro -, focalizando questões relacionadas ao lazer, tema este que, de certa maneira, possui estreita relação com o assunto que pretendia aprofundar naquele momento.

Essa ressalva é importante, pois a mudança de enfoque do tema de pesquisa, durante o seu processo, trouxe implicações para a construção dos dados. Uma delas é o fato de que nunca deixei claro às pessoas que a pesquisa era sobre o Centro Comunitário em si, até mesmo porque durante longos meses eu mesma não sabia. Dessa maneira, por um lado, não tive acesso a certas informações, como o estatuto da entidade, por exemplo; por outro, tive acesso a dados que se, desde o início, eu dissesse que queria pesquisar o Centro Comunitário, não obteria, como a inserção em um dos projetos que visava a atender jovens em “situação de risco social”, isto é, usuários de drogas e “envolvidos” com o tráfico local.⁹

Considerarei, aqui, que o processo da pesquisa, iniciado em agosto de 2002 e acabado em fevereiro de 2005, foi bastante dinâmico e passou por três diferentes fases, marcadas por ritmos distintos. A primeira fase vai do dia 28 de agosto de 2002 até o dia 8 de maio de 2003, quando iniciei a busca de dados e materiais bibliográficos mais gerais sobre o bairro de Vila Isabel e as favelas que o circundam, assim como foi quando travei negociações para a entrada em campo propriamente dita, isto é, a inserção no Morro dos Macacos. A segunda, do dia 8 de

⁸ O trabalho de campo foi realizado no Centro Comunitário da Favela Parque Vila Isabel, no entanto somente depois que iniciei minha pesquisa de campo no local é que soube o nome desta favela. Até então, para mim era Morro dos Macacos, pois assim as pessoas, de fora, se referem ao local. Por isso, nesses primeiros momentos continuo o utilizar Morro dos Macacos. O Morro dos Macacos é uma das favelas que compõem o que alguns moradores denominam de “Complexo dos Macacos”.

⁹ A análise deste projeto será realizada no capítulo 5. Cabe, neste momento, salientar, que os jovens participantes do projeto tinham entre 14 e 19 anos.

maio de 2003 a julho de 2004, é marcada por um ritmo mais acelerado do trabalho de campo. Nesse momento, foram intensas e constante as negociações visando à minha permanência no campo. Na terceira fase, que considero a de saída de campo (julho de 2004 a fevereiro de 2005), o ritmo do trabalho de campo diminuiu, tornando as idas a campo mais ocasionais.

Cabe ressaltar que a busca de literatura antropológica, para fundamentar as interpretações e análise do material construído em campo, perpassou todas as fases da pesquisa no local.

O *corpus* textual (Clifford, 1990; Sardan, 1995) utilizado para a construção da presente etnografia é formado por minhas anotações em meu diário de campo, fruto da observação participante, bem como entrevistas transcritas, realizadas com 29 idosos, sendo quatro efetuadas individualmente e o restante dividido em três grupos. O objetivo das entrevistas era ouvir a experiência desses sujeitos na constituição do morro, para que eu pudesse ter uma compreensão mais ampla do local no qual aquelas pessoas estão inseridas, bem como das relações sociais estabelecidas nesse espaço.

Eu pretendia realizar outras entrevistas, além destas com os idosos, com distintas pessoas que freqüentavam o Centro Comunitário, como jovens e trabalhadores, mas isto não foi possível. Um dos principais motivos que inviabilizou a efetivação das entrevistas foi - como já salientado - que na realização dos grupos focais, algumas pessoas diziam: “as paredes têm ouvidos”. Assim, colocar um gravador na frente delas, ou mesmo sem o gravador, e fazer uma série de perguntas sobre o local, as colocaria numa situação inquisitória, de constrangimento, frente à temeridade em relação aos “ouvidos das paredes”, os quais indicam que certas questões, como o tráfico de drogas e as ações de seus agentes, não devem ser ditas, principalmente a uma estranha.

O fato de não poder realizar entrevistas fez com que eu utilizasse bastante a observação participante.¹⁰ Isto traz distintas implicações para a construção dos dados. Por um lado, ficam algumas lacunas; por outro, há uma densidade nos dados obtidos, que não é alcançada, por exemplo, com as entrevistas. Para o texto, isto faz com que ele seja repleto de descrições, mas não creio que sejam simples descrições, e sim “descrições densas” porque

¹⁰ Desde Malinowski (1978), que salientava que a única maneira de realizar uma etnografia era “viver entre os nativos”, que se utiliza a observação participante. Dentre os diversos autores, Foote-Whyte (1993), em seu trabalho, sobre Corneville, que se tornou uma etnografia clássica em Antropologia Urbana, aponta que a observação participante é a única maneira pela qual podemos conhecer e compreender a vida cotidiana das pessoas de “carne e osso”, pois os indivíduos serão observados em seu contexto social. Foi assim que o autor foi viver em Corneville, participando das atividades dos jovens que observou, interagindo com eles cotidianamente, negociando um lugar para si nesse contexto. Ainda, sobre a observação participante, ver, entre outros, Becker (1997).

estão repletas de significados que formam “teias” nas quais as relações sociais estão inseridas e ganham seu próprio sentido (Geertz, 1989).

As anotações, ou seja, as minhas descrições, as minhas interpretações, as minhas reconstruções dos acontecimentos ocorridos no trabalho de campo são agora selecionados – porque pertinentes ao meu tema de pesquisa – e, em certa medida, reescritos, pois, como diz Clifford (1990:54) “escrever é sempre, em algum grau, reescrever”.¹¹ A reescrita visa à preparação para a edição da etnografia, na qual, muitas vezes, as notas de campo são “suavizadas” na apresentação finalizada de um texto (Clifford, 1990). Nesse sentido, as notas de campo, bem como as entrevistas, são editadas, ocorre uma ‘limpeza’ dos cacoetes e das redundâncias da linguagem falada que obstruem a fluência da leitura e da compreensão do texto etnográfico.

Outros materiais que compõem a etnografia são notícias e matérias publicadas pelos diversos meios de comunicação, buscas na Internet e consulta aos dois *sites* ativos (pelo menos durante o período da pesquisa) do Centro Comunitário e livros sobre o bairro de Vila Isabel. Segundo Sardan (1995), a combinação de maneiras e fontes de construção de dados é uma das peculiaridades da pesquisa de campo. A importância do uso de maneiras diferentes (ou fontes distintas) para construção dos dados é o caráter de contraponto que as informações obtidas ganham em situações diversas. Assim, por exemplo, os dados das entrevistas poderão ser contrapostos aos da observação, não para verificar qual situação é a verdadeira, pois isso está longe do olhar e dos objetivos da Antropologia, mas para apreender diferentes versões sobre os fatos, visto que estas são contextualmente apresentadas, bem como para atentar de que maneira idiossincrasias individuais e constrangimentos sociais se arranjam.

1. Telefonemas, e-mails, encontros e desencontros: as negociações para entrar em campo

Em certas situações de pesquisa de campo, como esta aqui descrita, o fazer antropológico se realiza de maneira diversa daquela apontada por Malinowski (1978: 20-21), para o qual o pesquisador deveria “viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos [...], acampando dentro das próprias aldeias”. No meu caso, embora eu não tenha morado entre os “nativos” do morro, vivi uma experiência de estranhamento causada pelas viagens (Simmel, 1983). O deslocamento, nesse caso, foi a minha mudança para o Rio de

¹¹ Versão que fiz da seguinte passagem do texto de Clifford (1990:54): “Writing is always to some degree rewriting”. Sobre a interpretação, reconstrução dos dados de campo, ver, entre outros, Geertz (1989).

Janeiro, uma cidade com características culturais e valores sociais (as maneiras de viver e de pensar) diferentes daqueles de Porto Alegre – cidade onde nasci e fui socializada.

Isto trouxe reflexos para a pesquisa desenvolvida, pois apesar de se dar no espaço urbano e na cidade na qual atualmente estou morando, é diferente de minha pesquisa de mestrado, também realizada na cidade, especificamente, em Porto Alegre (Piccolo, 2001 e 2003).

Cheguei ao Rio de Janeiro para cursar o doutorado, fazer minha pesquisa e morar aqui. No entanto, não possuía, incorporados, os códigos locais da maneira de viver: o mapa geográfico da cidade não estava em minha cabeça e não conhecia seus “problemas sociais”, isto é, determinados fatos que se tornam problemas para uma sociedade por estarem relacionados a uma moral estabelecida pelos setores que têm meios e poderes para a imposição de seus valores (Leclerc, 1979).

Eu tinha introjetado um determinado grau de “familiaridade”, do senso comum, com o Rio de Janeiro e os temas favelas e tráfico de drogas, recolhidos de algumas viagens anteriores feitas a passeio e pelos informes difundidos pela mídia. Esta, ao transmitir a notícia, veicula uma determinada visão da realidade que está mais relacionada com as suas finalidades de informar e de lucrar, criando e suprindo, ela mesma, uma demanda por determinado assunto (Jankowisk, 1991). Desse modo, a construção da realidade pelos meios de comunicação é diferente daquela utilizada pelas Ciências Sociais e do senso prático das pessoas - embora estas sejam consumidoras midiáticas (Champagne, 1997). A mídia é uma fonte de informação para a conformação daquilo que se pode denominar de senso comum, que são percepções sobre determinado assunto, construídas a partir das experiências subjetivas das pessoas.¹²

¹² Diversos autores apontam para as maneiras como os meios de comunicação constroem suas matérias. Foote-Whyte (1973) aponta que os jornais operam uma seleção entre os acontecimentos e mostram a crise, os eventos espetaculares. Estes eram os eventos pelos quais muitas pessoas “conheciam” Corneville. Champagne (1997) apresenta uma crítica sociológica sobre a maneira pela qual os jornalistas constroem suas reportagens e fabricam representações sociais que perduram mesmo depois de desmentidos e visões opostas, porque reforçam prejulgamentos. Ainda, a mídia contribui para a construção dos “problemas sociais”. Por outro lado, aquilo que é notícia, só ganha interesse enquanto a mídia trata como tal. Aponta ainda para o predomínio, na atualidade, da televisão sobre os outros meios de comunicação. Alvim (2001) ressalta que os jornais, muitas vezes, utilizam a lógica de classificação do senso comum, para nomear os temas que abordam. O caso por ela analisado diz respeito, mais especificamente, ao tema “meninos de rua”. Esses três autores apontam que, principalmente, quando o tema abordado envolve as classes populares, os pobres e outros grupos em situações periféricas, isto é, aqueles que têm menor poder de expressão, aquilo que a mídia constrói não expressa o que esses grupos pensam sobre aqueles acontecimentos, portanto, não controlam aquilo que é falado sobre eles. A questão maior é que embora muitas vezes os jornalistas não ajam de má-fé, suas reportagens tem efeitos (negativos) no plano simbólico que escapam ao seu controle, porque não previstos por eles, como contribuir para a estigmatização desses grupos.

Mais especificamente, nos temas tráfico de drogas e favelas, minha “familiaridade” também advinha de leituras de romances e de textos, teses e artigos de Ciências Sociais sobre os temas, bem como de minha experiência etnográfica em outro contexto, numa vila de Porto Alegre. No entanto, meu “conhecimento” sobre essas realidades era diverso daquele dos moradores, governantes e políticos locais que vivem, cotidianamente, essas questões. Portanto, faltava-me o senso prático, adquirido somente com a experiência, quando se está inserido no contexto. Essa “familiaridade” era distinta, ainda, do conhecimento adquirido por meio da pesquisa antropológica. Aos poucos, no primeiro ano de minha estada aqui, fui me “familiarizando” com tudo isso e com os códigos locais da cidade do Rio de Janeiro como um todo, e com o bairro e o morro estudado, em particular.¹³

Assim, nas duas pesquisas de campo – efetuadas em Porto Alegre e no Rio de Janeiro – os processos de negociação foram distintos: quando realizei a pesquisa em minha cidade natal, já conhecia as pessoas e os locais nos quais deveria ir, sabia de que maneira poderia iniciar o estudo, sem necessitar de inúmeros mediadores, embora tenha me valido de alguns no decorrer do trabalho de campo. Já quando quis iniciar a etnografia no Rio de Janeiro, não conhecia ninguém que pudesse me inserir no campo, nem sabia qual local escolher para fazer a pesquisa, nem como ir até lá.

Dessa maneira é que me senti e fui situada na condição de “estrangeira” no universo da pesquisa de campo. Uma estrangeira, pois eu estava próxima e distante ao mesmo tempo (Simmel, 1983). Encontrava-me próxima, por ser humana e estar interagindo com as pessoas que estavam e passavam nesse espaço, e distante socialmente, pela classe e pela minha cor. Além disso, muitas vezes, talvez por esses mesmos motivos, aliados ao meu sotaque, fui considerada não brasileira – questão que aprofundarei adiante.

“O estrangeiro está próximo na medida em que sentimos traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional, ou genericamente humana, entre ele e nós. Está distante na medida em que estes traços comuns se estendem para além dele ou para além de nós, e nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas”. (Simmel, 1983:186)

Encontrando-me nessa situação, e mantendo como princípio a minha inserção no contexto no qual os indivíduos (a serem) estudados estão inseridos, abriu-se espaço a um

¹³ A discussão entre distanciamento e proximidade e sua relação com aquilo que as pessoas consideram exótico ou familiar, tanto na situação de pesquisa como na sua vida cotidiana, é encontrada, entre outros, em DaMatta (1978) e Velho (1997[1978]).

processo de negociação com diferentes pessoas e de maneiras também diversas, para que eu me inserisse e a pesquisa se efetivasse.

Dessa maneira, a escolha do campo, de um território para realizar a minha pesquisa, teve início no próprio bairro onde eu estava morando, Vila Isabel. Nesse bairro carioca é conhecida a favela Morro dos Macacos, localizada em uma serra que divide este bairro do seu vizinho, o Engenho Novo.¹⁴ Além disso, a própria identidade conferida ao bairro me chamou a atenção, pois ele é conhecido na cidade, bem como sua identidade oficial é construída como sendo um bairro “boêmio”, colocando grande ênfase em um de seus antigos moradores, Noel Rosa, e suas músicas.¹⁵

No processo de estabelecimento de relações sociais com vistas à minha inserção em campo, algumas visões desse local, expectativas de trocas e papéis esperados para eu representar nesse lugar, bem como aqueles que eu esperava de meus interlocutores, foram se revelando por meio de rápidas ou longas, “frustradas” ou “frutíferas” conversas, com pessoas moradoras e não moradoras do morro. Ainda, nessas interações ressaltaram diferentes expectativas e distâncias sociais que estavam em jogo entre eu e meus interlocutores. Procurei iniciar essas relações tendo em vista um processo acadêmico-científico, contudo meus interagentes não tinham esse aspecto como interesse central, mas quando interagíamos levavam em consideração quem estava pedindo e o quê. No entanto, essa divergência de enfoque não inibiu que a minha subjetividade, como a deles, estivesse presente em todos os momentos (Velho, 1997).

O primeiro passo dado foi iniciar a coleta de informações gerais sobre Vila Isabel. Para isto, me dirigi à IX Região Administrativa do Município (IXRA), localizada na Rua Visconde de Santa Isabel (ao pé do Morro dos Macacos). Eu havia telefonado para lá alguns dias antes e conversado com a Sra. Zenaide, responsável pelo setor de documentação sobre os bairros abrangidos pela IX RA. Apresentei-me, dizendo que faria uma pesquisa sobre Vila Isabel para o curso de doutorado em Antropologia. Ela foi bastante solícita a prestar informações e materiais sobre Vila Isabel.

Na tarde anterior a minha visita, telefonei novamente para a Sra. Zenaide, confirmando nosso encontro. Ela perguntou-me novamente quem eu era, o que queria e o que iria fazer, lhe repassei todas as informações.

¹⁴ Depois de iniciada a pesquisa, comprehendi que o Morro dos Macacos, ou o “Complexo dos Macacos”, é o conjunto de três favelas que o compõem: Parque Vila Isabel, Pau da Bandeira e Morro dos Macacos. Elas estão localizadas na Serra do Engenho Novo (ver mapa Anexo A).

¹⁵ Este tema será aprofundado no próximo capítulo.

Numa quarta-feira, 28 de agosto de 2002, deu-se nosso primeiro encontro, numa instituição oficial do governo municipal: obtive diversos dados, informações e uma visão oficial daquele bairro, oficial no sentido de institucionalizada. A Sra. Zenaide, minha interlocutora nesse momento, é a responsável pela “coleta de todos os dados e informações sobre a RA”. Bastante atenciosa e falando de maneira professoral forneceu-me dados, um mapa do bairro e as visões oficiais, intercalando conversas não oficiais, quando, por exemplo, perguntou de onde eu era, onde eu morava e falou sobre sua vida pessoal. O material fornecido por ela dizia respeito a dados estatísticos sobre população da RA e do bairro de Vila Isabel; livros que contam a história do bairro; as “comunidades” e suas associações de moradores, com o nome dos presidentes, endereços e telefones, bem como outras associações do bairro; as instituições benfeitoras, sócio-culturais, religiosas e entidades filantrópicas; número de escolas públicas (municipais e estaduais), particulares e faculdades; a delegacia, com endereço, telefone e nome do delegado; o Corpo de Bombeiros, os serviços e comércios, prédios tombados e monumentos em homenagem a personalidades existentes no bairro; forneceu-me matérias jornalísticas de *O Globo*; e, por fim, falou da Região Administrativa e de sua função, que segundo ela, “é encaminhar, não resolver, porque isso fica sob a pendência dos serviços. Por exemplo, consertar buraco na rua, a gente encaminha, mas depende de quem faz o serviço para ir lá, ter tempo”.

Em alguns momentos, a Sra. Zenaide ficava atenta ao que eu estava fazendo, me ‘vigiando’ e me ‘orientando’ a tomar notas daquilo que ela achava interessante que eu soubesse e até me sugeriu um tema de pesquisa, quando eu disse que ainda não tinha um definido: o “patrimônio histórico”. Segundo ela, a atual preocupação com o “patrimônio histórico” advém do fato de que a nova administradora regional é também arquiteta. Nesse sentido, a Sra. Zenaide estava cumprindo o próprio papel da RA, quando tentava me “encaminhar” naquilo que eu deveria pesquisar, ver e anotar. Além disso, o objeto que ela me ofereceu para pesquisar dizia respeito à imagem e à identidade do bairro, que deve ser preservada e mantida, assim como ela preserva e mantém os dados e informações sobre a RA.

Talvez por essa razão, e por ser um setor da administração municipal, ela não tenha, praticamente, falado de favelas e questões correlatas, pois isso diverge da visão “boêmia” e dos “patrimônios históricos” que desejam construir e preservar.

O único momento em que a Sra. Zenaide falou sobre as favelas foi quando discorreu sobre o Parque Recanto do Trovador, local onde, antigamente, era o Jardim Zoológico da cidade, dizendo que “ali é lindo” e que eu deveria ir conhecer, mas não ir “muito longe do portão principal”, porque “o pessoal da comunidade desce” e fica ali, “às vezes, até armados”.

Mas, se eu fosse junto com outras pessoas e em certas horas, “pelo meio da manhã, não tem problema, pois muitas senhoras caminham por ali”.

Ainda, pelo mapa e pelos nomes das Associações de Moradores fornecidos pela Sra. Zenaide, fiquei sabendo que o Morro dos Macacos é apenas uma das favelas existentes nessa serra, as outras são Favela Parque Vila Isabel, Morro Pau da Bandeira e Alto Simão – posteriormente vim a saber que algumas das pessoas que moram nessas favelas chamam a tudo isso de “Complexo dos Macacos”.¹⁶

Durante nossa conversa, a Sra. Zenaide frisou bastante que cada bairro do Rio tem seu “encanto”, e em Vila Isabel é “a vida boêmia, de muitos barzinhos”.

Obtendo, dessa maneira, esses dados mais oficiais de Vila Isabel, procurei uma maneira de iniciar a pesquisa de campo no Morro dos Macacos. Eu havia ido lá por duas vezes antes de ter definido qual seria a minha pesquisa; fui a um aniversário e a uma visita à casa de Paulo, um colega de trabalho de meu companheiro. Quando da decisão do campo de pesquisa, entrei em contato com Dinorá, esposa de Paulo, e marquei de ir à sua casa para conversarmos sobre a pesquisa; em outras ocasiões eu já havia tentado fazer isso, mas ela sempre me convidava para sair, ir à praia, em algum bar.

No dia 11 de fevereiro de 2003 fui à sua casa, localizada na área chamada, por alguns dos moradores locais, de Parque Vila Isabel, por outros de Parque Jardim e por outros, ainda, de Jardins.

Ressalto, que o tema da minha pesquisa ainda era, naquele momento, mulheres e uso de drogas, mas eu não deveria, pela delicadeza do tema nesse contexto, dizer isso a Dinorá. Assim, sentadas na varanda de sua casa, de onde eu podia ver grande parte do morro, disse a ela que gostaria de fazer a pesquisa de doutorado ali naquele local, para saber como era a vida das mulheres, o que fazem para se divertir. Disse a Dinorá que o tema seria lazer e diversão, pois entendo que uso de drogas e atividades de lazer estão, em certa medida, relacionados, e, em algum momento, eu chegaria ao ponto que desejava abordar. Conversando com Dinorá, disse-lhe que tinha bastante tempo para fazer a pesquisa e gostaria que ela me apresentasse a algumas mulheres, que eu poderia ir à casa delas para conversar, e queria passar algum tempo ali. Após minhas explicações, Dinorá disse-me: “ah, pensei que você fosse fazer questionários” e “até pensei em fazer uma reuniãozinha aqui, chamar as mulheres, um refrigerante, umas coisinhas para comer e você fosse preencher o questionário e entregar lá no

¹⁶ Na Serra do Engenho Novo, onde essas favelas estão localizadas, há ainda, contígua a elas, a favela Alto Simão/Pantanl e, do outro lado da serra, está situada a favela Morro do São João. No capítulo seguinte abordo estas divisões, bem como faço uma digressão sobre os usos e significados dos termos “comunidade” e “favela”, assim como “morro” e “rua”.

seu trabalho”. Eu expliquei a ela que a minha pesquisa não era de “questionário”, mas eu queria conviver com as pessoas ali, conhecê-las, que eu teria dois anos para fazer isso e perguntei se ela poderia me ajudar. Dinorá se fechou um pouco, e embora ela tenha dito que “um dia” poderia me levar à casa de sua cunhada, que “mora lá em cima do morro”, para que eu conversasse com ela, percebi que isso não iria se realizar – e, de fato, essa visita não se concretizou. Continuamos a conversar sobre outras coisas de nossas vidas cotidianas, contou-me sobre a escola de suas filhas e assistimos ao “Programa da Márcia”¹⁷. Dinorá ainda me disse que “a comunidade é tranqüila”.

Dessa maneira, percebi que Dinorá não estava disposta a inserir-me em sua rede de relações pessoais para que eu realizasse a pesquisa, mas, sim, queria uma relação de amizade, por meio da qual ela também pudesse conhecer outros locais. Tínhamos expectativas e interesses recíprocos diferentes: eu estava tentando estabelecer uma relação social para iniciar minha pesquisa, ela estava tentado estabelecer uma relação social que lhe possibilitasse uma inserção em outra rede social. Decidi não tentar mais a entrada em campo por intermédio de Dinorá. No entanto, durante todo o processo de construção da etnografia, e além dele, mantivemos contato: por diversas outras vezes saímos juntas, conversamos e freqüentei sua casa. Aquilo que vi e ouvi na casa de Dinorá serve com substrato para minhas interpretações.

Fui à procura de outras pessoas-chaves para a minha inserção em sua rede de relações pessoais. No dia 1 de abril de 2003, conversando com Marcos, um colega de uma disciplina acadêmica, obtive o telefone de sua amiga, Jandira, assistente social que trabalhava no Morro dos Macacos. Marcos, nesse período, desenvolvia sua pesquisa de campo em uma favela no Rio de Janeiro, para a qual mudou-se com o intuito de aprofundar sua relação com o universo estudado. Comentando com ele sobre minhas dificuldades de entrar em campo, ele ficou impressionado, pois me dizia que havia sido “fácil” a sua inserção, feita primeiramente como advogado, mostrando sua carteira da OAB, para realizar um trabalho advocatício no local. Essa era uma grande diferença entre nós, pois advogado é um papel reconhecido nesse universo, as pessoas têm idéia, mesmo que de maneira genérica, do que faz um advogado e sabem, a princípio, que há um serviço que ele pode oferecer às pessoas. O reconhecimento

¹⁷ O “Programa da Márcia”, apresentado por Márcia Goldsmith, era um programa popular que ia ao ar diariamente no canal do SBT, por volta das 17 horas. Há algum tempo, mudou a apresentadora (Regina Volpato) e o programa passou a se chamar “Casos de Família”. No referido programa são discutidos temas familiares, como homens que traem suas esposas, conflitos entre mães e filhas, entre vários outros temas. Quatro duplas – marido e mulher, mãe e filha, entre outras – vão ao programa e expõem suas mazelas diante das câmeras, da platéia, de algum “especialista”, geralmente um psicólogo, e da apresentadora, que faz comentários e perguntas, convida a platéia a interagir, que participa emitindo seus juízos de valor sobre a situação exposta e, finalmente, o “especialista” apresenta seu parecer.

desta troca é mais visível. E eu, uma antropóloga (o que é isso?), o que teria para oferecer? Eu não sabia.

Telefonei para Jandira com o intuito de estabelecermos um contato que me possibilitasse a inserção no Morro dos Macacos. Nesse momento, ela me disse que iria viajar e conversaríamos no seu retorno. Em nossa curta conversa, Jandira disse-me que não estava mais trabalhando no Morro dos Macacos, mas, sim, em favelas no bairro da Tijuca. Por esse motivo não voltei a telefonar para ela no dia em que havíamos combinado.

Nessa época, fiz uma busca pela Internet, procurando informações sobre o Morro dos Macacos, sobre a existência de Associações, ONGs ou algo semelhante que ali atuassem. Encontrei uma página (um *site*), na qual havia um e-mail disponível para contato com Mara Cristina, artista plástica, desenvolvendo trabalho no Centro Comunitário Maria Isabel, no Morro dos Macacos. No mapa, e nas referências de muitos moradores, o Centro está situado no Morro Parque Vila Isabel; mas, em outras situações a referência dada pelas pessoas que lá moram, assim como pela Internet, é o Morro dos Macacos¹⁸. Enviei um e-mail a Mara Cristina pedindo-lhe ajuda para a pesquisa e, lançando mão de minhas pré-noções, ofereci-me, em troca, para fazer um ‘trabalho voluntário’ no Centro Comunitário. Conforme lhe escrevi:

“Mara Cristina,

Meu nome é Fernanda Piccolo, sou doutoranda em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ e gostaria de entrar em contato com você pessoalmente pois vi que você tem projetos no Morro dos Macacos em Vila Isabel. Eu gostaria de fazer a minha pesquisa de doutorado, para isso gostaria de fazer algum trabalho voluntário em algum lugar. Por isso gostaria de falar pessoalmente com você.

Atenciosamente,

Abraços,

Fernanda” (-- Original Message --; From: Fernanda Delvalhas Piccolo; To: Mara Cristina; Sent: Thursday, April 03, 2003 12:02 PM; Subject: Contato)

Mara Cristina solicitamente respondeu-me, fornecendo seu número de telefone celular; telefonei para ela e em nossa conversa algumas visões daquele local surgiram. Mara Cristina contou-me que saiu da “comunidade” no final do ano de 2002, por causa de “um problema sério entre a polícia e o tráfico”, quando ela decidiu “não se arriscar”. Disse-me que eu deveria ficar “presa” ao Centro Comunitário e “não ficar andando sozinha pela comunidade”. Falou que o Centro Comunitário fica “no último segmento da comunidade” e perguntou-me se eu sabia que “a favela é dividida em segmentos”. Respondi-lhe que eu ainda tinha que

¹⁸ Estas referências espaciais serão abordadas no próximo capítulo.

aprender sobre isso. Mara Cristina disse, então, que “a favela é dividida em quatro segmentos e o Centro fica no Pau da Bandeira, nos fundos do antigo Jardim Zoológico”.

Mara ofereceu-se para falar com a presidente da Associação de Moradores/Centro Comunitário, sobre a minha pesquisa. Até esse momento eu acreditava que a Associação de Moradores e o Centro Comunitário eram a mesma instituição; somente após a minha inserção em campo soube que eram entidades distintas – embora interdependentes.¹⁹

Mara Cristina perguntou-me qual o tema de minha pesquisa; respondi-lhe que era sobre lazer, ao que ela exclamou: “Ah, lazer nas comunidades carentes!”. Perguntou-me qual o ano da faculdade eu cursava, disse-lhe que era o segundo ano do doutorado. Seu desapontamento foi enfático: “ah, você já está formada！”, e perguntou-me em que curso. Respondi-lhe e acrescentei que esta seria minha pesquisa de doutorado e, devido ao fato de eu já estar no segundo ano, estava muito preocupada em começar a pesquisa logo. Mara Cristina lembrou-me de minha condição para aquele universo: “sei, mas a resposta muitas vezes pode ser não”, porque “sempre é um corpo estranho”. Disse-me, por fim, que se a resposta fosse afirmativa, ela me levaria ao Centro Comunitário, para eu fazer a minha proposta à Presidente da entidade, preferencialmente no sábado pela manhã, mas poderia ser qualquer dia às 8hs da manhã. Assim ficou acordado e desligamos o telefone.

Mara Cristina, ao final de nossa conversa, já me dava uma resposta negativa. Afinal de contas, não nos conhecíamos, eu era uma ‘voz estranha’, potencialmente mais perigosa, inconveniente e ameaçadora do que o “corpo estranho” que eu seria dentro da favela, e eu estava justamente pedindo que me inserisse onde ela havia “decidido não se arriscar”.²⁰ Durante toda nossa breve conversa, Mara Cristina salientou os perigos relacionados à existência do tráfico e da ação policial nesse contexto.

Alguns dias depois, comentei novamente com meu colega Marcos sobre minhas tentativas de iniciar a pesquisa de campo e o fato de Jandira não trabalhar mais no Morro dos Macacos. Ele me disse que Jandira trabalhou nesse Morro durante muito tempo e deveria conhecer muitas pessoas por lá.

No dia seguinte a essa conversa, voltei a telefonar para Jandira e conversamos sobre a pesquisa. Por intermédio de Marcos, Jandira já sabia qual era o tema que eu gostaria de pesquisar naquele momento: mulheres e uso de drogas.

¹⁹ Discutirei a distinção entre a Associação de Moradores e o Centro Comunitário, bem como as funções e a abrangência de cada uma dessas entidades, no terceiro capítulo.

²⁰ Sobre o perigo do estranho, ver, entre outros, Simmel (1983), Douglas (1966), Sahlins (1994).

Primeiramente, Jandira explicou-me que trabalhou durante seis anos numa das “subdivisões” do Morro dos Macacos, como Assistente Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, mas que há um ano e meio não trabalhava mais. Disse-me que conhecia muitas pessoas no local, devido ao tempo em que trabalhou lá e que, atualmente, estava atuando num “projeto social” que tem “contatos” com outros “projetos sociais”, inclusive com alguns desenvolvidos no Morro dos Macacos. Disse, ainda, que atuava nos Morros da Formiga, do Borel e da Asa Branca, que “são, inclusive, de uma facção [criminosa] diferente da dos Macacos”. Disse-me que a Formiga “é até mais tranqüila que os Macacos, nos Macacos eles têm requintes de crueldade, torturam as pessoas” e relatou-me o caso de uma menina de 16 anos que havia atendido, e que tinha sido assassinada, na semana anterior, no Morro dos Macacos: “eles” a torturaram e a queimaram numa fogueira de pneus. A mãe dessa menina e seus irmãos procuraram Jandira, que falou não saber o que dizer a eles, “porque não tinha nem o corpo para fazer o óbito, mas as pessoas viram ela morrer”. Jandira disse que não sabia se esse requinte de crueldade era praticado devido ao “comando”, ou partia dos traficantes do Morro.

Enquanto comentava essa história, ouvi a voz de alguma criança próxima a Jandira, a qual lhe pediu que saísse dali, uma vez que ela estava ao telefone. Perguntou-me onde eu estava e eu lhe respondi que estava em Santa Teresa; Jandira alertou-me: “tenho que ter cuidado para falar, pois você está protegida, mas eu estou no pé do morro e de um morro de um comando diferente ainda, e as pessoas da Formiga e do Borel não vão nos Macacos” e vice-versa.

Após esse prelúdio (que foi retomado no final de nossa conversa) Jandira me disse que tentaria me inserir em algum grupo e perguntou qual a minha experiência nesse sentido. Respondi-lhe que com UDs (usuários de drogas) e tinha experiência em dar aulas para policiais. Ela disse que veria alguma coisa, mas havia ainda, como ela fez referência, o “problema do teu tema”: “dependência química” e que este era “um tema muito delicado na comunidade”.

Disse-lhe que tinha como estratégia, e não era mentira – ao que Jandira anunciou, “ah é, porque não dá para mentir para a comunidade” -, entrar em campo abordando a história do morro, como as pessoas foram para aquele local, pois eu iria precisar dessas informações. Jandira enfatizou: “bem sociológico mesmo”; afirmei que sim, e lhe falei que o outro tema a ser abordado seria o lazer, pois, de certa maneira, há uma ligação com o uso de drogas. Ela achou “ótimo”, pois “o lazer é um tema bastante positivo na comunidade”. Jandira reafirmou que veria o que poderia fazer por mim e me daria uma posição, pois se o trabalho fosse no Morro da Formiga ela já poderia me dizer naquele momento.

Comentou, ainda, sobre a atuação policial: “A polícia invade com muita crueldade a comunidade, não respeita nem distingue ninguém: primeiro eles atiram, depois perguntam quem é”. E também por este motivo eu deveria “entrar num grupo com segurança”.

Comentei com ela sobre as dificuldades de me inserir em campo e pedi sua opinião. Explicou-me que minha dificuldade poderia estar relacionada “à violência, pois estamos num momento de conflito urbano, quando a polícia invade é com muita violência”. Mas o principal motivo era, segundo ela, por causa da “falta de retorno das pesquisas, pois o Macacos é muito pesquisado e não tem retorno”. Mostrei-me admirada, pois havia procurado estudos sobre o Morro dos Macacos e não encontrei nada. Jandira disse que como o morro está localizado perto da UERJ, “é um observatório natural”.

Além da falta de retorno das pesquisas, ela referiu-se a uma rediscussão “da questão das comunidades como objetos”, que isto “é um problema e por isso não gostam [as pessoas do morro] que façam pesquisas”. Disse a ela que, por levar isto em consideração, pensei em fazer um trabalho voluntário, como forma de interação e de troca. Nos despedimos.

Na conversa com Jandira afloraram os mesmos temas que eu havia debatido com Mara Cristina. A violência, a ação policial e do tráfico de drogas local gerariam situações de grande desconfiança dos moradores quanto a “estranhos” e, por outro lado, de ‘perigo’ para quem se “arrisca” a entrar nesse local. Por isso, eu não poderia mentir “para a comunidade” e deveria me garantir de ter “segurança” para realizar a pesquisa. Ainda, esses temas são vistos, como apontou Jandira, como negativos, tendo em vista que o lazer, em oposição a esses outros temas, é “positivo”.

No entanto, diferentemente de Mara Cristina, após algum tempo Jandira me passou o telefone de sua amiga Helen, moradora do Morro dos Macacos, mesmo eu querendo abordar aspectos considerados negativos na vida naquele local e mesmo sinalizando uma certa restrição a pesquisas, porque, segundo ela, inúmeras outras foram realizadas sem que trouxessem retorno.

Pensando nessas questões, o que contribuiu, então, para que Jandira fizesse a mediação para me colocar em contato com essa pessoa para a realização da minha pesquisa? Certamente não foi por eu ter me oferecido para fazer um trabalho voluntário, mas sim em virtude de um amigo comum ter-lhe feito o pedido.

Com o número do telefone em mãos, liguei para Helen e após uma breve conversa combinamos de nos encontrar no dia seguinte (29 de abril de 2003), na IX Região Administrativa, onde ela também trabalhava, para conversarmos pessoalmente. No dia combinado, no início da tarde, cheguei à IX RA e me dirigi ao segundo andar, no

Departamento de Assistência Social. Nesse espaço havia algumas salas e uma pequena mesa no corredor, na qual uma mulher, tentando fazer uma ligação, perguntou o que eu queria. Disse que desejava falar com Helen. Em alguns bancos, havia pessoas esperando para serem atendidas. A senhora pediu que eu aguardasse um momento, saiu e entrou no corredor atrás da mesa, pouco depois retornou e me disse: “essa é a Helen”. Quando esta me viu, expressou não estar entendendo o que estava acontecendo; eu rapidamente me identifiquei a ela: sou a Fernanda. Ela, então, imediatamente abriu um sorriso e me cumprimentou com dois beijinhos. Helen é ‘negra’²¹, aparenta ter uns 40 anos, usa trançinhas presas em um rabo-de-cavalo. Nesse dia, vestia uma bermuda *jeans*, blusa azul claro de uma alça só e um colar de corda com um objeto pendurado.

Helen foi até uma sala atrás da mesa e pegou uma chave dizendo “aqui é uma loucura!”. Dirigimos-nos à sala em frente, que estava com um grande cadeado. “Vamos usar a sala do colega um momento, porque aqui [no corredor] é muita loucura”, disse-me Helen, comentando ainda que eu havia tido sorte por encontrá-la ali, e que eu só a encontrei porque seu chefe pediu que ela fizesse um “trabalhinho”, senão “eu já estaria na rua” – o que ela havia mencionado ao telefone, quando combinamos esse dia e horário.

Sentadas frente a frente, na sala que parecia ser um consultório médico pediátrico, perguntei a Helen o que Jandira lhe havia dito sobre mim. Respondeu-me que Jandira havia lhe falado que “uma amiga queria fazer uma pesquisa na comunidade e fazer um trabalho também”.

Expliquei a Helen sobre o doutorado na Quinta da Boa Vista, e que gostaria de fazer uma pesquisa em Vila Isabel e na “comunidade”. “Pesquisa sobre o quê?”, ela perguntou. Respondi-lhe que seria sobre a história e o modo de as pessoas viverem, pegando o bairro e a “comunidade”. Também expliquei-lhe sobre minha intenção de realizar um ‘trabalho voluntário’, visando à minha inserção para o desenvolvimento do estudo.

Helen disse que seria melhor “você ficar ligada ao Centro Comunitário” e não a ela, porque trabalha em dois lugares, no Centro e, ali, na IX RA. Neste último, atua em uma operação conjunta com a polícia, para erradicação do trabalho infantil e violência doméstica, recolhendo as crianças e prendendo os infratores, tarefa essa que ela não considera “eficaz”, mas “são as novas ordens e eu devo cumprir, prender não vai resolver a questão”. Em seu outro local de trabalho, no Centro Comunitário, ocupa-se de um projeto para crianças vítimas de violência doméstica. Disse, ainda, que é “conselheira” [creio que seja Conselheira Tutelar].

²¹ Utilizo a terminologia ‘negro/negra’ como categorias politicamente corretas, por isso as coloco entre aspas simples.

Contou-me que no Centro Comunitário existem diversos projetos com equipes que visitam a casa das pessoas e eu, estando ligada a esses projetos, poderia visitar várias famílias. Assim, reiterou que eu não deveria ficar presa a ela. Disse-me: “Só posso aos sábados e olhe lá, porque trabalho todos os dias e domingo gosto de bater perna”, portanto não dispunha de tempo para me apresentar às pessoas, em suas casas, no morro. Falou sobre a existência de projetos no Centro Comunitário, com crianças de 3 a 8 anos, de 5º a 8º séries, com usuários de drogas, os quais incluem visitas às famílias, e que em um desses “você se encaixa, porque deve haver um trabalho voluntário, como você disse, pra você fazer”.

Disse, ainda, não saber se o Centro Comunitário abriria na sexta-feira, uma vez que o feriado de 1º de maio cairia na quinta-feira e poderiam “emendar” e, caso viesse a funcionar, esse seria o dia ideal para ela me levar lá e me apresentar a Dona Anastácia, “porque ela é a coordenadora e é a coordenação que decide, não eu” se eu poderia ou não realizar a pesquisa no local.

Retomei à questão do trabalho voluntário e justifiquei meu desejo de realizá-lo com o alerta feito por Jandira de que muitas pessoas não gostam de pesquisas porque não trazem retorno. Helen enfatizou, completando minha fala, “não tem retorno financeiro, não é?!”. Concordei com sua colocação.

Ao final de nosso encontro, quando eu disse que lhe entregaria um papel [uma carta do Museu Nacional pedindo a cooperação das “autoridades” para a pesquisa], notei a expressão do rosto de Helen, que apenas levantou os olhos, a cabeça permaneceu abaixada. Senti-me bastante constrangida, pois, pela sua reação, parecia que eu estava cometendo um erro. Então, rapidamente lhe disse que o papel era para ser entregue a Dona Anastácia, e estava escrito que eu era aluna do Museu e o nome da minha pesquisa. Deixei anotados, na parte de baixo do ofício, os números dos meus telefones e combinamos que eu ligaria no dia seguinte, para ver se já havia alguma resposta. E nos despedimos.

No dia seguinte, por volta das 19 horas, liguei para Helen, que me disse “ainda estou em operação, na serra de Jacarepaguá, com uma criança que a mãe havia perdido a guarda” e por isso não havia conseguido falar com Dona Anastácia. Combinei de ligar para ela novamente na sexta-feira. Nesse dia, após algumas tentativas, Helen atendeu ao telefone e me disse que estava no Centro Comunitário, em uma “reunião de emergência por causa da violência que aconteceu aqui [sem referir detalhes]”. Mencionou, ainda, que depois da reunião poderia falar com Dona Anastácia e me daria um retorno. Perguntei-lhe se eu poderia lhe telefonar novamente, no dia em que fosse ao Centro Comunitário, ao que Helen respondeu:

“não, primeiro eu vou pedir autorização para Dona Anastácia e depois ligo pra você”. Esperei o retorno de Helen.

Uma das razões – porque não é possível saber todas – pelas quais Helen me recebeu e me levou ao Centro Comunitário, foi porque Jandira, sua “amiga”, lhe disse que eu era sua “amiga”. Talvez este fosse o motivo de Helen ter feito uma expressão de estranheza quando lhe entreguei a carta do Museu Nacional, solicitando a cooperação das “autoridades” para a realização da minha pesquisa, porque, para ela, esta era uma interação de “amigas” e não de autoridades. Era a amizade que ligava as pessoas, e não as instituições das quais as autoridades são representantes.

Até esse momento, o Centro Comunitário e o morro me pareciam um grande segredo, quase impenetrável. Isso colocou luz também sobre o fato de que as pessoas desejavam que eu valorizasse o local onde eu realizaria a pesquisa, ao mesmo tempo em que demonstrava uma certa desconfiança e desprestígio da atividade de pesquisa. Talvez por essa razão Dona Anastácia não tenha esboçado reação nenhuma, como eu imaginava, quando lhe disse que era antropóloga e queria fazer uma pesquisa ali.

Cabe salientar, portanto, que minha inserção em campo ocorreu mediante do acionamento de redes sociais, quando um amigo me apresentou a uma amiga que me apresentou a outra amiga...e assim por diante²².

2. “Eu te espero em frente ao antigo jardim zoológico”: entradas e saídas, as fronteiras simbólicas

Minha primeira visita ao Centro Comunitário, depois da longa negociação descrita acima, ocorreu no dia 8 de maio de 2003.

No dia anterior, Helen me telefonou e combinamos que ela me esperaria, no dia seguinte, no ponto de ônibus em frente ao antigo jardim zoológico, atual Parque Recanto do Trovador, para que me apresentasse à “coordenadora do Centro”, Dona Anastácia, com quem eu deveria conversar a fim de dar início efetivamente ao meu trabalho.

O encontro entre o morador e o visitante no antigo jardim zoológico, no ponto de ônibus, ou na calçada que circunda o Parque, faz parte dos códigos locais. Encontrei-me com moradores para entrar no morro em situações diversas: na primeira visita; nas diversas vezes

²² Sobre o acionamento de redes sociais visando a atingir uma meta, ver, entre outros, Boissevain (1987).

em que fui à casa de uma senhora; nas duas vezes em que fui a bailes *funk*²³; quando fui conhecer outro Centro Comunitário, em outra parte do morro. Algumas vezes observei moradores esperando suas visitas na entrada do morro, como no sábado em que eu estava encostada no muro do Parque, esperando a Kombi que me levaria a um passeio com os trabalhadores do Centro, e uma moça saiu da rua principal do morro e ficou caminhando de um lado para outro em minha frente, com uma chave na mão; pouco depois, um rapaz, carregando uma mochila nas costas – que quando eu cheguei, estava parado ali e, pouco depois, saiu caminhando para a outra esquina do Parque –, aproximou-se da jovem, que gritou “onde você tava, garoto?!”. Ele respondeu que estava no outro lado, ao que ela retrucou: “você tá maluco, garoto?!”, e rindo ambos entraram na rua principal do morro.

Nesse mesmo dia do passeio, na volta, quando estávamos chegando ao morro na Kombi do Centro Comunitário (um veículo branco sem identificação da entidade), subimos por um lado que eu até então nunca havia subido – pelo “terreirinho”. Antes de iniciar a subida, o motorista da Kombi acendeu a luz interna e, pouco depois, quando estava no meio da ladeira, ele apagou. Imediatamente, Viti (trabalhador do Centro e morador do local), que estava no banco ao lado do motorista, ordenou-lhe que acendesse novamente a luz: “agora que tem que ficar acesa tu apaga!”. A luz foi acesa. Viti, ao longo do trajeto, foi cumprimentando as pessoas, tanto os jovens armados, quanto outros transeuntes.

O acompanhamento do visitante ocorre também na saída deste. Nos dias em que fiquei no Centro Comunitário até às 22, 23 horas, uma das filhas da Presidente, aquela que estivesse indo embora, me levava de carro a um ponto de ônibus. Em outra situação, no ensaio do bloco Balanço do Macaco, que ocorreu na quadra do CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), o irmão de um dos diretores perguntou se eu e meu companheiro queríamos que ele nos levasse até a saída, ou se iríamos sozinhos. Indaguei-lhe o que achava. Sua resposta foi imediata: “vocês estão com essa camiseta [a camiseta do bloco], não terão problema”. Então, ele perguntou ao seu irmão, que disse para ele nos levar. Um pouco depois de termos passado o “shopping”, ele disse que a partir daquele ponto nós poderíamos ir sozinhos, pois “os caras [do trânsito] estão ali mesmo, vendo”. Nos despedimos. Olhei rapidamente para o lado e vi dois homens, no breu total, encostados num poste. Fomos embora, passava da meia-noite, cruzamos por umas três pessoas que vinham entrando.

Esse acompanhamento permite o acesso do ‘estranho’ ao interior do morro, bem como a sua saída, isto é, possibilita que ele ultrapasse a fronteira simbólica - e, às vezes, até mesmo

²³ No quinto capítulo, abordarei mais profundamente o baile *funk*.

física, com a colocação de objetos obstruindo a entrada de carros -, sem que o percurso seja interrompido por integrantes do tráfico, por exemplo, em busca de explicações para o que se está fazendo lá.

O cortejo ocorre até o momento em que a pessoa passa a ser um rosto conhecido, isto é, a sua presença ali torna-se familiar. Fui acompanhada várias vezes, até que um dia, da segunda vez em que fui ao baile *funk*, a moça que me levaria até a saída disse que eu não precisaria mais ser acompanhada. Perguntou-me se eu tinha “medo”. Respondi-lhe firmemente “não” e ela assegurou-me que eu poderia ir sozinha. O mesmo ocorreu na casa de uma senhora que eu conhecia, moradora local. Depois de algumas visitas, nas quais ela me esperou na entrada do morro e, quando eu ia embora, me acompanhou até a saída, disse-me para eu ir embora sozinha, pois não precisava mais de sua companhia. Segundo a Presidente do Centro Comunitário, esse acompanhamento está relacionado à “violência” e, em decorrência disso, algumas pessoas não querem entrar no morro:

- “Muita gente tem medo de vir aqui, a gente tinha uma professora ótima de costura, ela era ótima, mas aí o filho dela não deixou mais ela vir, disse-me Dona Anastácia:

- Mas por quê?, perguntei

- Porque achava que era muita violência. E olha que a gente ia buscar de carro e levar, mas mesmo assim não podia mais vir. Então, é meio difícil a gente conseguir voluntários pra cá”, respondeu-me Dona Anastácia, 66 anos.

Ocorre, ainda, uma outra situação, como a de acender a luz do interior do carro para que o condutor seja reconhecido pelos membros do tráfico, mesmo quando “estou no meu contexto, sou cria dessa comunidade”, como falou Elena, filha da presidente do Centro Comunitário, numa dessas situações. Este acontecimento, semelhante àquele da volta do passeio, em que entramos no morro de Kombi e a luz deveria ser mantida acesa, aponta, ao lado da questão do acompanhamento do visitante, para a existência de códigos para a entrada no local.

Na saída de um outro ensaio do Bloco Balanço do Macaco, saí acompanhada de uma das filhas da presidente do Centro Comunitário. Fomos até seu carro, que estava estacionado próximo à entrada da quadra. Quando estávamos saindo, na primeira lombada, alguns “garotos” nos pararam; Elena acendeu a luz do carro, um dos jovens pediu a ela um cigarro aceso, para acender os fogos de artifício, por ocasião da festa na quadra. Eles olharam rapidamente dentro do carro e disseram: “a tia está com o Bob Marley do lado [seu namorado, que assim como ela, possui *dread* nos cabelos, ao estilo rastafari]”. Havia uns quatro

“garotos”, com idades entre 15 e 17 anos, um estava sentado em cima de um carro, os outros encostados, havia um fuzil em cima do capô do carro.

Outro dia, quando Elena e eu estávamos saindo do Centro Comunitário, por volta das 23 horas, no momento de passarmos pelo “terreirinho” ela acendeu a luz do carro, dizendo que era “para os garotos do tráfico ver quem era”. Comentou ainda que a polícia não vem no morro à noite, só de dia, porque tem medo e, por este motivo, “de noite é mais tranquilo ainda aqui, a polícia não vem”.²⁴

Retornando à minha primeira visita ao Centro Comunitário, no dia 8 de maio, desci no ponto de ônibus, às 10 horas, como havíamos combinado. Helen não estava no ponto, mas a vi, em seguida, dentro do Parque, acenando para mim. Ela estava com os cabelos arrumados em coque, camisa branca e calça jeans, com um celular vermelho preso ao cinto; empurrava algumas crianças no balanço e outras corriam em torno da área dos brinquedos, havia sete crianças sob seus cuidados. Todas são da turma com a qual trabalha no Centro Comunitário, num projeto sobre violência doméstica.

Cheguei até ela, nos cumprimentamos e conversamos enquanto ela continuava a empurrar as crianças nos balanços. “Isto aqui”, referindo-se ao morro, está “ruim”, porque a “violência está muito grande”; na última semana, pessoas haviam sido mortas todos os dias, “ontem mesmo mataram um aqui” onde estávamos. Perguntei quem estava brigando. “É a polícia com eles, entre eles [participantes do tráfico]”, está “realmente muito ruim”, concluiu. Frisou bastante essa última afirmação e disse estar ali com as crianças para que se “distraíssem” um pouco, porque todos estavam “muito tensos” devido a essa situação.

Logo após, nos dirigimos para o Centro Comunitário. No caminho, perguntei a Helen se morava ali; “desde que nasci”, respondeu-me, mas agora iria se mudar, porque não agüenta mais “o problema da violência”. Alguns meses após esse encontro, Helen mudou-se com a família para Madureira²⁵. Num encontro posterior, disse-me que estava “muito feliz” com o local da nova moradia. Além disso, seu trabalho foi transferido para fora do morro, para o Abrigo.

Saímos do Parque pelo portão que dá acesso à rua principal (Armando de Albuquerque), seguimos por esta rua até um conjunto de lojinhas, onde entramos e, na

²⁴ Essa presença e circulação de membros do tráfico armados e o controle exercido por eles nas entradas e saídas das favelas são temas abordados por Zaluar e Alvito (1998) e Alvito (2001), entre outros, ao que os autores denominam de “tráfico ostensivo”.

²⁵ Madureira é um bairro na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mais distante do Centro da Cidade do que o bairro de Vila Isabel. Madureira é um bairro conhecido tradicionalmente pelas Escolas de Samba Portela, Tradição, pelo baile charme do Viaduto de Madureira, nos sábados à noite, pelo Jongo da Serrinha e pelo Mercadão de Madureira - um mercado popular.

primeira loja, Helen comprou balas de R\$ 0,02 centavos para as crianças, deu uma para cada uma. Comentou que essas lojinhas são “o shopping da comunidade” e que vendem de tudo: roupas, doces; há música ao vivo à noite, as pessoas vão tomar cerveja, jogar sinuca, dançar. Antes, eram barracas atrás da quadra e a Prefeitura “arrumou”.

Continuamos. Passamos atrás da quadra de esportes, que ela disse ser a quadra do CIEP, mas que fizeram um muro para separar o CIEP da quadra, porque antes “dava muita confusão, todo mundo usando a quadra”, agora quando os professores e alunos da escola vão utilizá-la, avisam.

No trajeto, passamos por diversas pessoas, que conversavam em pé ou sentadas na calçada; outras caminhando na rua; crianças andando de bicicleta.

Subimos as escadas que saem da quadra e levam ao outro lado da Rua Armando de Albuquerque, visto que ela faz um semicírculo, e chegamos ao Centro Comunitário.

Esse caminho que fiz com Helen e as crianças passou a ser o que eu percorreria toda vez que ia ao Centro Comunitário. Muitos trabalhadores do Centro o evitam, “por medo”, devido ao fato de alguns jovens ficarem sentados perto do “shopping” com armas e *walkie-talkie* visíveis. Esses trabalhadores chegam ao Centro pela outra entrada da Rua Armando de Albuquerque.

Nesse caminho, sempre encontrei também pessoas sentadas nas calçadas conversando, crianças indo e vindo da escola, com pastas e mochilas, andando de bicicleta, comprando frutas e verduras ou fazendo um lanche nas barraquinhas no início da rua. Nos dias de muito calor, meninos tomavam banho de mangueira na calçada em frente ao “shopping”, ao lado dos jovens armados, que, por vezes, tomavam parte na brincadeira.

Quando chegamos ao Centro Comunitário, passamos por um portão de ferro e Helen me levou a uma sala, ao fundo do saguão, onde estava Dona Anastácia, “a Coordenadora” da entidade, que nada disse ao me ver, mas continuei entrando na sala. Helen, então, disse que iria levar as crianças lá em cima e, havendo “qualquer coisa”, era para eu gritar, que ela viria.

Dona Anastácia, segundo a classificação de cor do senso comum, é ‘parda’; seus cabelos têm um comprimento médio e estão sempre, como nesse dia, presos num coque. Usa óculos; vestia saia longa, uma blusa e camisa *jeans* por cima, roupas com as quais sempre está. Nesse primeiro momento, percebi que sua maneira de vestir está ligada a uma estética

característica dos evangélicos. Aparentava ter em torno de 60 anos; quando a entrevistei, alguns meses depois, ela disse estar com 66 anos de idade.²⁶

A sala é a secretaria, na qual havia uma mesa com um computador, armário de ferro fechado, algumas cadeiras e um banco, além de muitos papéis e algumas caixas de papelão. Algum tempo depois que iniciei a pesquisa, houve uma reforma na secretaria, que ganhou um balcão e perdeu a parede que separava a mesa do computador do restante do espaço.

Após a saída de Helen, Dona Anastácia puxou uma cadeira e disse para eu sentar. Ela sentou-se à minha frente, num banco comprido, preto, estofado. Atrás dela, um cartaz com fotos de algumas atividades que acontecem ali, conclamando as pessoas a serem voluntárias no local, porque “todo mundo tem alguma coisa a oferecer”.

Dona Anastácia, olhando em meus olhos disse: “sou toda ouvidos”. Eu me apresentei, dizendo que cursava doutorado em Antropologia Social, no Museu Nacional, na Quinta de Boa Vista. Por alguns segundos, esperei alguma manifestação de sua parte, mas não percebi nenhuma reação, nenhuma palavra. Continuou me olhando firmemente. Tocou o telefone e uma moça que estava sentada em frente à mesa atendeu, Dona Anastácia ficou em silêncio, prestando atenção ao que a moça falava ao telefone e perguntou se não era determinada senhora. A moça disse que sim; Dona Anastácia pediu-me licença e foi atender à ligação. Depois de terminada a conversa ao telefone, Dona Anastácia retornou e sentou na minha frente. Continuei minha apresentação, explicando-lhe os objetivos da minha pesquisa sobre a comunidade e o restante do bairro; que não era pesquisa de questionário; que um dos focos seria o lazer, que eu gostaria de saber sobre a vida das pessoas, como elas viam as coisas. E finalizando, disse-lhe que, para realizar esse trabalho, gostaria de fazer alguma atividade no Centro Comunitário. Então, Dona Anastácia seriamente perguntou-me: “o que você sabe fazer?”.

Assim, o inicial desinteresse de Dona Anastácia pela minha pesquisa tornou-se um interesse naquilo que eu poderia oferecer em troca, “o que você sabe fazer?”. Afinal, ela estava sentada diante de um cartaz que dizia “todo mundo tem alguma coisa a oferecer”. O que eu teria? Dessa maneira, tiveram início as negociações para minha inclusão naquele cenário.

²⁶ No terceiro capítulo apresento uma descrição do Centro Comunitário e abordo o papel desempenhado por Dona Anastácia no Centro Comunitário. No quarto capítulo, analiso os diferentes agentes sociais e as diversas relações existentes nesse local.

3.“O que você sabe fazer?”: as negociações no campo

Assim, para dar início às observações e coleta de dados, ou, nos termos de Copans (1999:13), para tornar o campo uma prática de pesquisa, que “é a criação artificial de uma situação social *a priori* temporária”, tive que “interpretar um papel ‘local’ ou ‘externo’ que faça passar o inconveniente de uma intrusão para uma vantagem e um contato imposto para a sociabilidade de uma relação ordinária”²⁷. Para a criação e representação de meus papéis sociais nesse local é que se estabeleceu outra fase do processo de negociação, aquela do meu lugar nesse contexto (Hughes, 1993; Whyte, 1993; Goffman, 1996).

Este processo já tinha sido esboçado quando Jandira me perguntou qual a minha experiência com grupos, mas ficou muito bem expresso na pergunta que Dona Anastácia me fez: “O que você sabe fazer?”. Respondi-lhe que eu já havia dado aulas e aprendia fácil; ela achou graça e disse que precisava de alguém “para ajudar uns meninos a ler porque eles estão com 16, 17 anos e não sabem ler”.²⁸ Então, levou-me até a um balcão, no saguão de entrada, onde havia uns livros, abriu um deles e disse: “você pode aplicar um desses testes [teste de QI] com eles, pra saber qual a idade mental deles, porque eles têm 16, 17 anos, mas têm mente de seis anos”. E completou, dizendo: “talvez eles não saibam ler porque eles não fizeram pré-escolar, nem nada”.

Perguntei a Dona Anastácia se ela queria que eu os testasse. Ela respondeu que não, que o teste seria “para começar”, porque se perguntasse a eles se não sabiam ler, eles não iriam dizer que não sabem. Nesse momento, lembrei-me do que Dona Anastácia havia me dito um pouco antes, na secretaria: que eu deveria mesmo passar um tempo ali, porque “se você chegar com um monte de perguntas, sem ninguém te conhecer, vão te falar um monte de mentiras” - e sorriu.

Dessa maneira, ela inventou um papel que eu deveria representar: ensinar alguns meninos a ler. Essa atividade era importante para ela, pois, conforme percebi posteriormente, em muitas das atividades que os jovens realizavam, no projeto, necessitavam de leitura e escrita e em virtude de muitos não saberem ler, os trabalhadores do projeto reclamavam

²⁷ A versão é minha, partindo da seguinte citação de Copans (1999:13): “C'est la création artificielle d'une situation sociale a priori temporaire [...]. L'éthnologue de terrain doit se créer un rôle ‘local’ ou ‘externe’ qui fasse passer l'inconvénient d'une intrusion pour un avantage et un contact imposé pour la sociabilité d'une relation ordinaire”.

²⁸ Estes jovens estavam inseridos no Projeto Esperança de Vida, destinado a jovens, preferencialmente entre 14 e 18 anos, “em situação de risco social”. Havia 20 vagas, no entanto, na maior parte do tempo 22 jovens estavam inscritos. Abordarei este projeto no quinto capítulo.

bastante, apontando que estariam “prejudicando o bom andamento do trabalho”.²⁹ Naquele momento aceitei a oferta de Dona Anastácia, embora não tivesse a menor idéia de como iria fazer para cumprir o papel que me fora atribuído. Nesta atividade, eu ficava durante uma hora e meia com três, quatro, no máximo com cinco jovens, o que possibilitou conversarmos sobre diferentes assuntos, tanto de sua participação no Centro Comunitário como sobre aspectos mais gerais de suas vidas.

Cabe salientar que, ao longo da pesquisa de campo, houve uma diversificação dos papéis que me foram atribuídos: fui jurada em alguns eventos, ajudei na preparação de outros, dentre muitos. Essas definições de papéis e trocas tiveram lugar porque, em uma pesquisa, assim como em outras formas de interação social, “uma das dimensões de qualquer tipo de trabalho onde exista interação entre doador e recebedor de mercadorias e serviços é um conjunto de definições da situação na qual a interação tem lugar, e o papel de cada um nisso” (Hughes, 1993:572)³⁰.

Ainda “definindo a situação”, nesse mesmo dia em que fui apresentada a Dona Anastácia, esta testou minha disponibilidade no momento em que foi servir o lanche³¹. Ela foi até a cozinha, pegou um pacote de biscoitos, ajeitou-se atrás do balcão que separa a cozinha do saguão de entrada, e me chamou para que eu entrasse na cozinha. Entrei e fui para trás do balcão, como Dona Anastácia. Então, ela começou a abrir os pacotes de biscoitos e a cortar pedaços de goiabada. Eu vi um jarro de plástico, com leite achocolatado e diversos copos plásticos descartáveis e perguntei se ela queria ajuda. Dona Anastácia respondeu afirmativamente. Comecei a servir alguns copos e entregar aos meninos - na faixa de 9 a 12 anos, usando roupas esportivas - que pouco antes tinham entrado no Centro e se dirigiam ao balcão. Dona Anastácia, rindo, disse a eles: “hoje é um lanche especial” porque é “servido por uma antropóloga, é um lanche antropológico”, porque “ela é uma antropóloga da UERJ” - e corrigiu o local, me perguntando - “e está nos ajudando a servir o lanche”. Percebi essa situação como um bom começo.

Nesse dia, além de testar minha disponibilidade, Dona Anastácia orientou-me a como ir vestida ao Centro, dizendo para não ir usando saia curta, nem “blusa de barriga de fora”, como estavam duas meninas, que serviram de modelo de reprovação do vestuário. As duas

²⁹ No quinto capítulo, abordarei o desejo que os trabalhadores tinham em “testar” os jovens, bem como os conflitos decorrentes da interação entre os jovens e os trabalhadores do Centro Comunitário.

³⁰ Minha versão do seguinte trecho do texto de Hughes (1993:572): “One of the dimensions of any kind of work where there is interaction between the giver and the taker of goods or services is a set of definitions of the situation in which the interaction takes place, and of the role of each in it”.

³¹ Cabe observar que raramente Dona Anastácia serve o lanche às crianças, como observei durante o trabalho de campo. O lanche é servido pelas cozinheiras e suas ajudantes, alguns professores também ajudam.

jovens em questão vestiam shorts de cotton-lycra e mini-blusa de lycra.³² Elas se aproximaram do professor de *silk screen* (um homem branco, por volta dos 35 anos), que, nesse momento, conversava com Dona Anastácia no saguão. Eu estava ao lado dela. As moças vieram mostrar ao professor um pano que elas haviam pintado, para ser entregue às mães em comemoração ao seu dia. Dona Anastácia, bastante séria, disse às meninas: “essa não é roupa de vir aqui” e perguntou à que vestia o short mais curto: “de quem é esse short, é de uma criança de um ano?!”. A moça respondeu que era dela mesma. Dona Anastácia falou: “aqui não tem porteiro pra ficar controlando a entrada e isso não é jeito de se vir a uma instituição!”. O professor, impelido pelas circunstâncias a se pronunciar, disse que já havia conversado com a jovem sobre sua roupa, mas ela não era sua aluna. Dona Anastácia perguntou de quem a jovem era aluna; o professor respondeu e imediatamente perguntou à jovem, pedindo sua confirmação, se ele já não havia dito isso a ela; a moça confirmou. O professor, então, reforçando a posição de Dona Anastácia, comentou que “os meninos ficam loucos com ela, com essa roupa” e, percebendo alguns garotos subindo a escada e olhando para a moça, chamou a atenção da senhora, comprovando o que acabara de dizer: “olha lá”. Voltaram-se para o trabalho que as meninas queriam mostrar e Dona Anastácia disse: “nem posso olhar esse trabalho tão bonito, de tanta raiva que estou dessa roupa”. O professor aprovou o trabalho e entregou-o à menina. Esta disse que iria guardá-lo lá em cima. Dona Anastácia, instantaneamente, disse: “não, ela não vai mais voltar lá em cima” e olhando para a jovem ordenou: “você vai embora e outro dia é pra vir com outra roupa”. O trabalho foi entregue ao professor e as jovens saíram do Centro.

Após a saída das moças, o professor afirmou a Dona Anastácia que naquele dia, mais cedo, havia chamado a moça num canto e conversado com ela sobre sua roupa. Dona Anastácia ressaltou: “não se pode vir aqui vestido assim”. Então, virou-se pra mim e disse: “se você vier de saia curta eu vou ficar braba e ralhar contigo também” - e começou a rir bastante.

Nesse dia eu estava vestindo uma saia, com o comprimento um pouco acima dos joelhos. Perguntei - também rindo - a Dona Anastácia, se ela não achava boa aquela saia. “É um pouco curta já”, foi sua resposta. Então, utilizei-me de minha condição de estrangeira e justifiquei o uso da saia: “como eu sou de Porto Alegre, sinto muito calor”. Dona Anastácia completou “e também não vem de blusa com a barriga de fora”; “não dá pra mostrar a minha

³² Este estilo de roupa está associado a uma estética do jovem negro urbano que mora no morro. Nos bailes *funk* as mulheres estavam vestindo roupas semelhantes. Retornarei a este ponto mais adiante, neste capítulo.

barriga”, respondi. As orientações de Dona Anastácia foram feitas em tom de jocosidade frente ao constrangimento.

Cabe salientar que nesse dia, antes de sair de casa, fiquei por algum tempo pensando que roupa seria adequada para eu me apresentar ao Centro Comunitário. Levei em consideração minhas pré-noções, como o fato de eu sempre ver, aqui, no Rio de Janeiro e, principalmente, em favelas, as pessoas trajando roupas muito curtas, dessa maneira supus que não haveria problemas em eu utilizar uma saia. Acontece que eu não sou daquele lugar e, portanto, deveria (e devo) me comportar diferentemente. Da mesma forma que Foote-Whyte (1993) foi avisado por seu Doc de que ele não era um “corner boy”, Dona Anastácia me alertou que eu não sou moradora dali; além disso, ali é uma “instituição” e deve-se ir vestida de determinada maneira, portanto, há certas regras que devem ser seguidas.

Após este episódio, Viti, o professor de silk screen, levou-me para conhecer sua sala e o trabalho que faz. Viti me apresentou como “pesquisadora” aos jovens que estavam pintando, num tecido branco, corações com dizeres para os dias das mães. Depois conversamos um pouco na porta de sua sala. Ele perguntou sobre o que se tratava minha pesquisa e eu lhe disse que seria sobre a história local, a relação da favela com o restante do bairro de Vila Isabel. Expliquei-lhe, ainda, que gostaria de realizar um trabalho no Centro Comunitário para ser conhecida e conquistar a confiança das pessoas. Viti comentou que um amigo seu estava fazendo uma pesquisa ali também, mas fazia algum tempo que não o encontrava. Comentou, ainda, que ele e esse seu amigo têm um projeto – que está parado no momento – sobre “as raízes do local” e que vale a pena fazer “uma exposição, um livro sobre o assunto, porque aqui já foi da Princesa Isabel, da Abolição da Escravatura, e isso é muito importante, mas a gente não tem dinheiro e o projeto está parado”. Pouco depois esse seu amigo veio procurá-lo, Viti nos apresentou e trocamos algumas informações.

Nesse dia, ainda, pouco antes de eu ir embora, Dona Anastácia perguntou-me o que era Antropologia. Respondi-lhe “ingênuo” e rapidamente que Antropologia é o estudo do homem, não individualmente, mas em grupo, em sociedade, como as pessoas vivem. E disse-lhe que queria pesquisar o bairro e a favela. “É difícil”, ela comentou. “Por quê?”, perguntei. Foi aí que recebi uma lição similar àquela que aprendi nas primeiras aulas desta disciplina: “Porque na favela cada um pensa de um jeito, tem os funkeiros, os puxadores, os crentes, é muita variedade, diversidade, não é tudo igual”, respondeu-me Dona Anastácia. Após ela me lembrar o ensinamento fundamental da minha disciplina, disse-lhe que queria pesquisar, justamente, essas diferenças que havia entre os grupos, e que queria pesquisar o lazer. Então, Dona Anastácia disse: “tem o grupo que se diverte com cerveja ou sem, como os crentes, que

é mais comida; antes tinha mais macumba, mas agora é mais crente, os crentes da Universal acabaram com os macumbeiros, os macumbeiros estão em baixa". A colocação de Dona Anastácia demonstra, ainda, sua visão sobre as distinções internas existentes no local.

Na semana seguinte voltei ao Centro Comunitário para iniciar a atividade que eu desenvolveria com os jovens: "ajudá-los a ler". Dona Anastácia separou quatro jovens do grupo maior, que faria outra atividade, e nos levou até uma sala de aula, no terceiro andar do prédio. Após todos estarem acomodados, Dona Anastácia apresentou-me a eles dizendo meu nome e que "ela é uma pessoa que esta começando, aqui, agora, que veio somar". Disse, ainda, que eu era pesquisadora e que tinha vindo fazer uma pesquisa e "ajudar vocês a ler". "Vocês vão aprender com ela e ela vai aprender com vocês o que é a comunidade, como é viver em comunidade, é pra abrir o livro, não todo! Mas vocês podem contar algumas coisas, não tudo, porque tudo não pode, vocês sabem, não é? Contar aquilo que dá para contar"; isto seria "uma troca", ao que um dos jovens disse: "uma troca!" - e sorriu.

Assim, Dona Anastácia estava me apresentando aos jovens e lembrando a eles que havia determinados assuntos que eles não poderiam me contar e me mostrando que há certos limites dentro dos quais eu deveria permanecer.

Nos dois primeiros meses, no Centro Comunitário, fiquei interagindo, principalmente, com os jovens e com o "consultor de dependência química", com quem eu dividia o grupo de jovens. Certo dia, perguntei a Dona Anastácia se existia alguma coisa escrita sobre a história da entidade, ou, se não tivesse, se eu poderia fazer uma entrevista com ela para conhecer um pouco dessa história. Dona Anastácia concordou em me conceder uma entrevista, e disse que na quarta-feira seguinte iriam fazer um trabalho de "levantar as memórias do local" junto ao grupo de idosos. Pedi sua permissão para participar e, dessa forma, passei a realizar entrevistas com os idosos. Na quarta-feira seguinte, cheguei ao Centro Comunitário munida com gravador, fitas, pilhas e um caderno para tomar notas das "memórias" sobre o local. Eu achava, pela maneira como Dona Anastácia me expôs o trabalho a ser realizado, que estava tudo encaminhado, eles iriam fazer as perguntas e eu somente iria gravar e tomar notas. Ledo engano.³³

Dona Anastácia apresentou-me a Soraia [coordenadora do grupo de idosos], que me perguntou quem eu era, o que eu estava fazendo ali, que perguntas eu teria para fazer. Eu comentei, então, que achava que as perguntas seriam feitas por eles. Ela disse que não. Rapidamente elaborei algo e fui para a sala onde estavam os idosos – no teatro, uma ampla

³³ Muitas atividades realizadas no Centro Comunitário, embora programadas há mais tempo, são organizadas no momento em que acontecerão, o que faz com que o horário no qual estão marcadas não seja seguido.

sala, com um pequeno palco ao fundo. Chegando lá, levei um susto maior ainda, havia não menos que 25 idosos. Pensei que seria difícil fazer alguma coisa, mas com o tempo de 2 horas, faríamos. Soraia iniciou o grupo, noticiando os avisos da semana. Enquanto ela falava, iam chegando mais idosos; ao final, havia 41 idosos, uma sala repleta de pessoas, todas falando ao mesmo tempo. Nesse momento, vi que seria tarefa praticamente impossível a minha, não sairia nada na gravação. Preparei o gravador e fiquei aguardando que Soraia iniciasse a entrevista. Alguns minutos depois ela apresentou-me ao grupo, disse que eu iria perguntar sobre “as memórias” que eles tinham da “comunidade”, que era para falar cada um de uma vez. Iniciei a entrevista coletiva perguntando a cada um o nome, idade e o tempo que moravam ali; passados uns 30 minutos, o último se apresentou. Então, Soraia me disse que eu deveria “parar porque o grupo tem que continuar e as mulheres [duas, que estavam sentadas num pequeno palco ao fundo da sala] têm uma atividade com eles e o prof. Laércio [que apontava na porta], de dança, tem uma atividade pra fazer com eles”. Tendo em vista que eu não tinha conseguido realizar a tarefa, combinamos que continuariamos na próxima semana e a entrevista seria feita com grupos pequenos, de quatro ou cinco idosos.

Desci e fui conversar com Dona Anastácia, que estava no saguão de entrada. Disse-lhe que não havia conseguido nada. Ela olhou para mim e disse: “Fernanda, você pra entrevista não serve, hein!!!!!!” - e riu. Eu tentei, de todas as formas, me desculpar, dizendo que, pela falta de tempo, eu só conseguira o nome dos idosos. Dona Anastácia argüiu: “mas e aí, vai colocar só o nome?!” . Respondi que não e que na próxima semana eu iria fazer as entrevistas com pequenos grupos.

Assim, frente à frustrada expectativa de Dona Anastácia por eu não ter conseguido entrevistar todos os idosos foi que ela me disse que “você não serve para entrevista”, ainda mais por eu ter dito que queria, em primeiro lugar, fazer uma entrevista com ela. Nesse momento, houve um descrédito em minha “representação” como entrevistadora (Goffman, 1996).

Posteriormente, nesse mesmo dia, voltei a conversar com Dona Anastácia, e pedi a Soraia para combinarmos como iríamos fazer na próxima semana. Soraia, antes de ir embora, rapidamente reafirmou a Dona Anastácia o que eu já havia dito antes, sobre os grupos pequenos. Dona Anastácia disse “acho melhor no grande, porque, assim, um vai ajudando o outro”. Expliquei-lhe que era muita gente e não ficaria bom, ao que Dona Anastácia insistiu: “tem que fazer logo, pois senão esse documentário não vai ficar pronto nunca”.

Só então tive a dimensão do que estava acontecendo e como, numa pesquisa em que eu estava observando e participando, portanto, interagindo com as pessoas de forma bastante

aprofundada, em muitos momentos eu não tinha o controle total sobre o processo da pesquisa. Ainda, nesse momento, foi ressaltada a coexistência de concepções e expectativas distintas (minha, de Dona Anastácia, de Soraia) quanto à realização das entrevistas e seus resultados, por isso, antes de iniciá-las, foi necessária uma certa negociação da maneira como eu deveria fazê-las.

Dona Anastácia tinha a expectativa de realizar um “documentário” que seria apresentado no mês seguinte, durante a comemoração de 20 anos do Centro Comunitário. Ainda, esse “documentário” deveria, de preferência, ser filmado, pois quando comentei que “seria bom fazer com uma câmera”, Élide, uma das filhas de Dona Anastácia, disse: “a idéia justamente é essa!” e ela própria se encarregou de conseguir uma câmera. Ao longo de um mês realizei entrevistas com três grupos de oito, nove e onze pessoas e quatro entrevistas individuais, uma delas com Dona Anastácia. Todas foram gravadas, mas não filmadas; tirei fotos de todos os idosos, exceto de Dona Anastácia, devido às atividades que ela tinha para realizar logo após a entrevista.

Ao final da entrevista com Dona Anastácia, surpreendi-me com a resposta dada a uma questão que lhe fiz: “Mais alguma coisa que eu não lhe perguntei, que a senhora gostaria de dizer?”. “Não, não sei pra que quê é isso aí que você está fazendo!”, respondeu-me. Surpresa lhe disse: “[É] pra eu incluir lá naquilo que a senhora me pediu, além do que, eu vou ficar pra mim, pra usar na minha tese”, e lhe garanti que na tese não iriam nomes. Dona Anastácia perguntou: “A tua tese é o quê?”. Eu havia lhe dito (como citado acima), quando nos encontramos pela primeira vez, que seria sobre as relações da “comunidade” com o restante do bairro, com foco sobre o lazer; expliquei-lhe, agora, que eu não sabia ainda ao certo sobre o que seria, mas que com certeza haveria um capítulo sobre o Centro Comunitário, “já que eu estou aqui, vai ter um capítulo sobre o Centro”. “Não, não sei, é?!”, perguntou-me, surpresa. E eu completei: “além disso, eu vou usar pra aquilo que a senhora quer pro dia 16 [data da festa de comemoração dos 20 anos do Centro Comunitário], que é contar a história, tem coisa que não vai entrar, que a senhora já falou, obviamente”. E Dona Anastácia reafirmou a necessidade de “sigilo” de certas questões, podendo conter somente o “mais doce”: “essas coisas assim, sigilosa não pode ir na história do Centro Comunitário. Na própria história da comunidade, só pode ir o mais doce”. E terminou dizendo que não tinha mais nada a falar, “só” que precisava de mais ajuda da Prefeitura.

Como apontado em situações distintas, eu, por estar na condição de “estrangeira”, necessitava demonstrar e reafirmar minha posição e meus objetivos naquele local, bem como ser lembrada, para não esquecer de que há certos temas que eu não posso saber e, se souber,

não devo falar sobre eles. Na entrevista, a incerteza de Dona Anastácia foi reforçada por alguns dos materiais que utilizei: a fita e o gravador, frente aos quais, no início da entrevista, ela me disse: “você parece uma jornalista”. Percepção que busquei desmontar, devido à grande desconfiança deste universo com os jornalistas. Como pairou uma dúvida sobre o que eu fazia de fato, resolvi presenteá-la com uma revista de Antropologia na qual há um artigo meu (Piccolo e Knauth, 2002), para desanuviar a dúvida. Nesse momento, Dona Anastácia novamente tentou definir a situação, encontrando uma atividade para mim ali no Centro relacionado ao tema do artigo, Aids e drogas. A proposta era eu fazer um trabalho de intervenção com os jovens do projeto Esperança de Vida – o mesmo em que eu ajudava os meninos a ler -, porque “muitos usaram drogas, outros ainda usam e, sobre Aids, eles sempre precisam, ainda mais Aids e drogas!”. Por outro lado, junto com o presente, introduzi o assunto que até o momento eu não tinha conseguido abordar naquele local – drogas -, apesar de já ter ouvido a respeito, quando as pessoas conversavam sobre o assunto, em distintas situações.

Depois desse dia, continuei fazendo as entrevistas com os idosos, visando à festa do dia 16 de julho, na qual comemorariam os 20 anos do Centro Comunitário, na Praça Barão de Drumond, em Vila Isabel.³⁴ Na manhã do dia da festa, no próprio Centro, ajudei a fazer cartazes e, durante o evento, vendi camisetas com o logotipo da entidade - após Muriel (secretária do Centro, na época) entregá-las em minhas mãos, juntamente com o dinheiro das vendas; digitei a poesia que um idoso iria declamar; tirei fotos; fui convidada, ao final da festa, a subir no palco com os outros trabalhadores da entidade para homenagear o Centro e sua presidente, Dona Anastácia; enfim, observei e participei.

Confeccionei o cartaz colando as fotos de todos os idosos que eu havia entrevistado. Quando eu o estava montando, Soraia solicitou que eu desse um título e uma explicação ao cartaz; disse-lhe que não sabia o que colocar. Depois de alguns instantes discutindo sobre o nome mais apropriado a dar ao cartaz, uma moça, que trabalha junto às crianças, disse para colocar: “Raízes da Comunidade”.

Interessante é que fiz aquilo que Viti, o professor de silk screen, havia me sugerido há dois meses, na primeira ida ao Centro, como exposto acima: eu deveria fazer um trabalho sobre as “raízes do local”.

No dia anterior à festa, entreguei a Dona Anastácia um material impresso, no qual organizei falas de diversos idosos e a entrevista que fiz com ela, conforme tínhamos

³⁴ Esta festa será abordada no segundo e no quarto capítulos.

combinado. Quando ela folheou disse: “está muito bom, isso é a verdade! E não o que o Lúcio está fazendo [professor de informática que está montando um livro com matérias de jornais e da Internet]”. Nesse dia, ela fez algumas “arrumações” em suas falas, retirou informações que considerava não adequadas de estarem ali, eu fiz as modificações e devolvi a ela o material.

Na festa do dia 16 de julho, de comemoração dos 20 anos do Centro Comunitário, Dona Anastácia, em seu discurso de agradecimento “aos parceiros” do Centro disse em relação a mim:

“Não sei se eu esqueci alguém, mas eu sei que está aqui a Fernanda, que é uma aluna da UFRJ [e olhou para mim confirmando a informação, confirmei com os olhos] que tem participado lá no Centro Comunitário e ajudou fazer a pesquisa pra gente fazer esse livro que nós queremos editar esse livro, a Fernanda tem trabalhado muito nesse livro e ela está aqui hoje, muito obrigado, Fernanda [olhou para mim e eu retribuí o agradecimento], pelo seu esforço e a gente está feliz com isso”. (Transcrição da fita gravada no dia 16/7/2003)

Com esse acontecimento, minha “representação” como entrevistadora e pesquisadora tornou-se “convincente” (Goffman, 1996).

Com a satisfação da expectativa de Dona Anastácia de realizar “um documentário” sobre o local, acabei assumindo um papel que não previ e nem esperei, e que teve uma função importante, principalmente para Dona Anastácia. Por intermédio das falas que gravei, contribuí para a fixação de uma memória construída, por ela, como sendo a “verdade” sobre a fundação da “comunidade” e do Centro Comunitário e da importância de seu papel nesse contexto.

Buscando evitar conflitos com as pessoas que trabalham no local, entreguei o material também a Lúcio, que disse querer, posteriormente, adicioná-lo ao livro que ele iria publicar, organizado com o material que coletou (Internet e jornais) e que foi lançado durante a festa.

Tendo em vista os objetivos e expectativas de Lúcio e de Dona Anastácia, fiquei, nesse momento, no meio de um fogo cruzado. Dona Anastácia quer estabelecer, como a memória do local, a história contada sob seu ponto de vista, que seria “a verdade”; já Lúcio quer publicar o livro que ele e seus alunos organizaram, constituído de um material diverso do que a fala de Dona Anastácia. Minha posição, nessa situação, deve-se ao fato de eu estar me inserindo em uma rede de relações sociais constituída por pessoas que, em suas interações, desempenham determinados papéis sociais reconhecidos por elas, bem como existem expectativas e conflitos entre elas.

Portanto, para realizar a pesquisa, negociei com a presidente do Centro Maria Isabel alguma atividade que eu pudesse desenvolver nos momentos em que me encontrasse ali. As atividades foram diversas - ainda que com o predomínio das “aulas” para os jovens que participam de um projeto para “jovens em situação de risco social”³⁵ -, mas sempre algo que precisava ser feito, como arrumar mesas e cadeiras, arrumar mural, brincar com as crianças, ajudar na preparação de eventos, ser jurada em eventos, entre outras. Essas atividades e a minha interação com os jovens e as outras pessoas nesse local fazem parte dos dados, pois “em uma ciência em que o observador é da mesma natureza que o seu objeto, o observador é, ele mesmo, parte de sua observação” (Lévi-Strauss, 1974:16).

E eu, fazendo parte daquilo que observava, me sentia e era colocada no papel de “estrangeira” (Simmel, 1983), pois embora tivéssemos uma proximidade, pois fazemos parte do mesmo país, falamos a mesma língua, embora com gírias e termos regionais diferentes, tínhamos uma distância social: para eles eu sou “branca” e “rica” e eles são, em sua maioria, ‘negros’ e ‘pobres’. Nesse sentido, não compartilho de suas condições objetivas de existências (Bourdieu, 1997a).

4. “E você, minha querida, fala sobre você!”: relação recíproca de entrevistas e de observações

Eu cheguei a esse local propondo uma relação social (com meus objetivos, expectativas, pré-noções), na qual formas particulares de interação com as pessoas seriam (e foram) estabelecidas – a relação de pesquisa –, bem como outras formas de interação, muitas das quais já foram descritas aqui. Eu era, de certa maneira, “um corpo estranho”, conforme me disse Mara Cristina, e estava querendo compreender as pessoas com as quais interagi face-a-face. Essas pessoas, por sua vez, também sentiram necessidade de compreender quem eu era e o que eu estava fazendo ali, e foi aí que tiveram lugar relações recíprocas de entrevistas e observações, as quais ilustro a seguir.

Certa vez, após eu ter feito uma entrevista gravada com um grupo de oito idosos, da qual Dona Inácia e Dona Raimunda participaram, ambas entrevistaram-me.

- “- E você, minha querida, fala sobre você!, solicitou Dona Inácia.
- O que a senhora quer saber?, perguntei.
- Você mora aonde?, perguntou Dona Inácia.
- Eu moro em Santa Teresa.
- Santa Teresa! Um lugar lindo, maravilhoso!, exclamou Dona Inácia.

³⁵Abordei este projeto no quinto capítulo.

- Mora lá perto do meu sobrinho, interviu Dona Raimunda.
- É carioquinha da gema? perguntou Dona Inácia.
- Não, eu sou de Porto Alegre, respondi.
- Ai, que lindo, gauchinha! Gaúcha dos pampas?!, comentou Dona Inácia.
- É, confirmei.
- Parabéns minha filha, que Deus te abençoe, te ilumine, tá, minha filha!, saudou-me Dona Inácia.
- Tá, a senhora também, disse.
- E a mãezinha?, perguntou Dona Inácia.
- Ficou lá, respondi.
- Mora lá também?, perguntou Dona Inácia.
- Só vim eu pra cá, respondi.
- Ééé!! Ahh, legal!, exclamou Dona Inácia.
- ...e mais tu?, perguntou Dona Raimunda.
- Não, respondeu Dona Inácia.
- Não, mora lá em Porto Alegre, respondi.
- Porto Alegre, confirmou Dona Inácia.
- Moro só eu aqui, esclareci.
- Ahh! Muitos irmãos?, perguntou Dona Inácia.
- Não, tenho um irmão e uma irmã que são da minha mãe e do meu pai; e agora meu pai tem dois nenêzinhos, respondi.
- Ah, são cinco irmãos, contou Dona Inácia.
- [...]
- É de outra mãe, teve de outra mãe?, perguntou Dona Raimunda.
- Isso, aí têm dois que são de outra mãe, respondi.
- Ah, que lindo! Você é a mais velha da família?, perguntou Dona Inácia.
- Sou, respondi.
- Ai, que lindo! Você é muito mocinha, quantos anos você tem?, indagou Dona Inácia.
- Vinte e nove, respondi.
- Olha, é uma criança, é mais nova que a minha filha; minha filha está com 43!, exclamou Dona Inácia.
- É verdade, confirmei.
- É sim, ela é tão clarinha quanto você, ela é bem branquinha, só não é ruiva igual você, você já é ruiva, ela não, ela é bem branquinha com cabelos castanho escuro - comparou Dona Inácia - e o meu menino, ele é meio alourado, o garoto [...]" .

Nessa entrevista, que também ficou gravada em meu gravador, elas, principalmente Dona Inácia, queriam saber quem eu era; estavam me mapeando para me tornar familiar a elas, por isso Dona Inácia, uma senhora ‘negra’, comparou-me com sua filha de criação em relação à cor da pele. Assim, querendo também me conhecer é que elas perguntaram de onde eu vim, onde moro, enfim, quem é essa pessoa que, minutos antes, fez inúmeras perguntas a elas sobre suas vidas.

Os jovens que eu “ajudei a aprender a ler”, também tiveram curiosidade em saber quem eu sou, o que faço.

- “- Quantos anos você tem?, perguntou Adoniran.
- Vinte e oito, respondi.
 - Quase a minha idade! Mentira, eu tenho 13, disse Aloan abaixando a cabeça sobre a mesa.
 - Você está na faculdade?, perguntou Adoniran.
 - Sim, respondi.
 - O que você vai ser?, perguntou Adoniran.
 - Antropóloga, respondi.
 - O que é isso?, indagou.
 - Vocês se lembram que eu disse a vocês que estou aqui não apenas para ajudá-los a ler, mas também para fazer uma pesquisa?, perguntei a eles.
 - Sim, confirmaram.
 - Estou aqui para saber como vocês vivem, o que é viver na comunidade, respondi.
 - Eu não poderia fazer faculdade, porque tem que ler muito, afirmou Adoniran.
 - Vou terminar o supletivo e ver o que vou fazer, disse André.
 - Você tem filhos?, perguntou um dos jovens.
 - Tenho uma filha, respondi.
 - Quantos anos ela tem?, um deles perguntou
 - Doze, respondi.
 - Por que você não trouxe ela aqui?, perguntaram.
 - Porque ela mora em Porto Alegre, expliquei.
 - Com sua mãe?, perguntou Adoniran.
 - Sim, afirmei.
- Perguntaram ainda se eu morava perto do Celso [o “consultor em dependência química” do projeto que os garotos participam].
- Não, moro aqui, em Santa Teresa, disse.
 - Aqui?!, arregalou os olhos Adoniran.
 - Em Santa Teresa, respondi.
 - A gente foi lá esses dias, num passeio, contou Valério.”

Os jovens, assim como as idosas, estavam me avaliando e me identificando, para me colocar no seu mapa social (Strauss, 1999). Dessa maneira é que buscavam dar sentido às informações que eu lhes dava, comparando com as suas experiências. No entanto, não era apenas uma entrevista, esta é minha percepção da situação, visto que essa é a relação que eu propunha. Assim, as questões que eles me fizeram são aquelas feitas às pessoas que acabamos de conhecer, quando entabulamos uma conversa, iniciando uma interação social, visto que, como definiu Goffman (1996:23), “a interação (isto é, interação face-a-face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata”.

Ainda nesse sentido, tentando compreender qual papel social eu desempenhava nesse local é que teve lugar a seguinte situação, no passeio dos educadores, em agosto de 2003, a um sítio na Avenida Brasil. Eu observava as pessoas tomarem banho de piscina; Brenda

aproximou-se e falou “nem te cumprimentei ainda, Fernanda” e me deu dois beijinhos. Fiquei bastante espantada por ela se lembrar do meu nome e ser tão simpática, visto que nunca havíamos conversado no Centro Comunitário, apenas nos cruzávamos e trocávamos um “oi”. Ela, então, perguntou-me se eu conhecia Aretuza, que estava ao meu lado. Respondi-lhe que não. Brenda nos apresentou e Aretuza perguntou se eu também trabalhava no Centro. Brenda disse que não, no mesmo instante em que eu ia dizer que sim. Então, respondi “mais ou menos” e disse-lhe que eu fazia uma pesquisa e, ao mesmo tempo, ajudava alguns garotos do projeto Esperança de Vida naquilo que eles precisavam, como ajudar alguns a ler, ou, como na última quarta-feira, quando alguns teriam prova de Geografia, e eu fiquei ajudando. Brenda disse a Aretuza, solicitando minha confirmação: “você faz o livro, né?!”. Eu, constrangida, confirmei e expliquei que fiz entrevistas com os idosos e entreguei alguns trechos para Dona Anastácia. Brenda disse que achava ter visto eu fazer, eu confirmei sua percepção – certa vez, ela entrou na sala na qual eu estava fazendo a entrevista com um grupo e ficou procurando algo em seu material guardado nessa sala. Ela disse que eu tinha muita “paciência de estar escutando” os idosos e que, às vezes, quando eu não estava entendendo, ficava tentando organizar e repetiu algumas frases que eu falei naquele dia (mais de um mês antes).

Em outra situação, eu estava chegando ao Centro Comunitário e passei ao lado de uma senhora que, há mais de um ano, eu havia entrevistado. A senhora me parou e começou a me agradecer imensamente pela obra que estavam fazendo ali na frente, no Parque – a Vila Olímpica de Vila Isabel. Eu disse que não fui eu, mas ela insistiu e disse que foi a graças àquelas pesquisas que eu fiz com eles que a obra saiu.

Outras situações me mostravam, ainda, que não apenas eu estava no Centro Comunitário observando; também minhas ações eram observadas, questionadas e controladas, de certa maneira.

Cabe salientar que Dona Anastácia mantém-se vigilante quanto ao que acontece no Centro Comunitário, um controle tanto espacial quanto das atividades ali realizadas. Eu não escapei a tal controle; ao contrário, o controle era constante, não apenas no início do trabalho de campo, como no acontecimento no segundo mês que eu freqüentava o Centro (ficou combinado com Dona Anastácia que eu iria todas as quartas-feiras ao Centro Comunitário). Quando fui realizar as entrevistas com os idosos, passei a freqüentar em outros dias da semana. Na primeira vez em que fui numa segunda-feira, logo que Dona Anastácia me viu, disse: “hoje aqui?!”; “é”, respondi, com a certeza de que ela sabia o porquê de minha estada ali – realizar as entrevistas. Ela ficou bastante desconfiada da minha ida ‘fora de hora’, me olhava de um modo diferente das outras vezes e, por fim, perguntou “o que você veio fazer

aqui?”. Respondi-lhe que vim fazer a entrevista com a “terceira idade”. Dona Anastácia arregalou os olhos, surpresa, e disse “hoje não é dia delas”. Expliquei-lhe que eu havia combinado com Soraia, “dinamizadora” do grupo da terceira idade. Ainda bastante desconfiada, mas surpresa, olhou para Muriel, secretária do Centro Comunitário, que confirmou o que eu estava fazendo ali. Após a confirmação, Dona Anastácia virou-se para mim e disse “que bom!”. Na quarta-feira seguinte, Dona Anastácia perguntou-me “você está conseguindo fazer seu trabalho?”, respondi-lhe que sim, embora tivesse pouco tempo.

Durante o processo de pesquisa buscava me apresentar como uma pessoa sempre disponível e prestativa, pois estava interessada nos diversos assuntos e atividades que ocorriam no Centro Comunitário; isto me propiciou conhecer diferentes aspectos da entidade. Mas, em função disto, por vezes eu virava objeto de disputa, com quem eu faria o trabalho, quem eu ajudaria, haja vista que inúmeras atividades acontecem no Centro Comunitário ao mesmo tempo. Certo dia em que eu estava realizando uma entrevista com os idosos, antes de iniciar o grupo, Celso, “consultor de dependência química” do projeto com os jovens, viu-me arrumando a sala para a entrevista e me disse: “isso é sacanagem, você me abandonou!”. Isto porque, nas quartas-feiras, ou eu dividia as atividades dos jovens com ele ou ficava assistindo a sua atividade. Perguntou-me, então: “você não gostou de trabalhar comigo?”. Expliquei-lhe que não era esse o motivo pelo qual eu não estava participando de suas tarefas; depois que terminei a entrevista, fui conversar com Soraia e Elide. Celso, que também estava na sala, disse a Soraia que eu o havia “trocado” e ela havia me “pego”.

5. “Você tem cara de rica!”: cores e estrangeiros

Uma outra questão que surgiu durante o trabalho de campo foi a influência da cor das pessoas em suas interações sociais. Este tema não se impôs porque havia, no Centro Comunitário, uma reivindicação de identidade étnica, enquanto emersão da etnicidade na luta por demandas políticas³⁶ - o que não significa que não haja identidades sociais negras naquele

³⁶ Autores como Banton (1979) e Barth (1998) apontam que as identidades étnicas, as construções e reconstruções destas se dão em relação à e na interação das pessoas e grupos; afirmam que é nas fronteiras que os sujeitos sociais marcam, definem e redefinem, afirmam e reafirmam sua identidade, sua pertença a grupos étnicos. Para Weber (1996), os grupos étnicos, não existem em si mesmo, é um momento construído socialmente para demandas políticas. É a partir do político, isto é, na interação de grupos e pessoas com ações interessadas, que as comunidades étnicas constituem-se, emergindo a “eticidade”. Esta, mais do que um sentimento, é a palavra de ordem que “condiciona”, direciona a ação das pessoas pertencentes - que se percebem e são percebidas enquanto tal - a grupos étnicos para determinados fins.

local,³⁷ mas, sim, porque o assunto ganhou sentido na interação face-a-face com o ‘outro’, principalmente, com pessoas ‘de fora’ – como com a polícia, comigo e com outros “estrangeiros” - quando a cor é vivenciada e a diferença, percebida.

Assim, por meio da observação dessas relações é que pude perceber as diferenças sociais dadas pela cor e pela aparência, que contribuem, em muitos momentos, para marcar distinções e hierarquias de *status* e de poder aquisitivo. Portanto, as atribuições e referências à cor do ‘outro’ são dinâmicas, situacionais e sempre relativas às qualidades e características das interações (Hasenbalg, 1992 e 1996; Sansone, 1996; Maggie, 1996).

Nesse contexto, como Dona Inácia já havia observado (acima), eu era a “branquinha”, como diversas vezes foram feitas referências a mim. Certo dia, na entrada do Centro Comunitário, Cleiton, professor de percussão na entidade e membro da bateria da agremiação carnavalesca Unidos de Vila Isabel, veio me dizer que conversou lá na Escola de Samba e “está tudo certo [para eu desfilar no carnaval], é só tirar a medida”. Justifiquei-me por não estar mais comparecendo aos ensaios, aos sábados, na quadra porque tinha que pagar a entrada. Então ele mencionou que falaria na portaria que “uma branquinha vai lá com o marido³⁸ e é minha amiga”, assim eu entraria gratuitamente.

Num outro momento, eu, Rogério e Alisson, motorista da Kombi, fizemos um passeio à praia do Recreio dos Bandeirantes, num sábado, com um grupo de oito jovens, sete meninos e uma menina. Depois de algum tempo que estávamos na praia, alguns garotos vieram se sentar ao meu lado e começaram a passar bronzeador. Pedi à jovem que passasse em minhas costas; logo depois, Nozimar me pediu: “com todo respeito, passa nas minhas costas”, seguido por Amando: “passa nas minhas costas, com todo respeito”. Passado algum tempo, Vicente pediu que eu passasse bronzeador em seu rosto. Toda vez que eles entravam no mar, quando voltavam passavam bronzeador uns nos outros, e isso aconteceu umas quatro vezes, de modo que o bronzeador novo, que eu havia levado, terminou. Alguns diziam que o produto “pinicava”, dava “coceira”, mas continuavam a passar. Eles comentavam que queriam ficar “bem bronzeados”, principalmente Félix, que fez referência a sua cor em relação à minha:

³⁷ Segundo Sansone, no Brasil há inúmeras maneiras de as identidades negras serem manifestadas. Nesse sentido, aponta: “O contexto brasileiro prova que pode haver uma (forte) cultura negra sem que esteja associada a uma (forte) comunidade negra [...] pode existir, até, cultura negra sem identidade negra; assim como há racismo sem identidade étnica e, em bastantes casos, racismos sem racistas (assumidos)” (Sansone, 1998:233).

³⁸ Meu companheiro teve um pequeno, mas importante papel no desenvolvimento desta etnografia, pois me acompanhou em diversos momentos de sociabilidade, como ensaios de carnaval, do Bloco Balanço do Macaco, num dos bailes *funk*, momentos nos quais nos encontrávamos com outros casais, isto é, os funcionários do Centro e seus respectivos cônjuges, e nós éramos mais um casal interagindo nesses espaços. Além disso, como será visto, sua presença possibilitou que assuntos até então não ditos viessem à tona, como a questão da cor das pessoas e a negritude.

“você é branca como eu”. Assim, após usarem o bronzeador, ficavam ao sol, atirando-se na areia. Eles me perguntavam se aquele bronzeador “queimava mais”, se ajudava a “queimar bastante”.

Em outra situação, fui à secretaria do Centro, onde estavam Aretuza e Brenda. Esta me indagou: “era você no Balanço do Macaco?”. Respondi que sim e perguntei se ela também estava no ensaio do bloco. Brenda respondeu-me que não, mas que Leonizinho, neto de Dona Anastácia e filho do presidente do Bloco, disse-lhe que “você estava no bloco！”, ao que ela respondeu negativamente; então, ele lhe disse que era “uma branquinha, vestiu a camiseta e tudo”. Brenda disse que pensou que fosse a professora de inglês, e ficou “zoando” ela. Após eu lhe confirmar que era eu quem estava lá, Brenda disse rindo: “você está mal falada!”.

Certo dia eu estava bastante queimada do sol. Logo que entrei no Centro Comunitário, Jovelina, uma jovem do Projeto Esperança de Vida, gritou “professora! Você está muito queimada, você foi à praia?”; “sim”, respondi-lhe. Os outros jovens, que estavam próximos, tomando café da manhã, riram. Depois, fui à secretaria, e Andréia e Delma comentaram sobre meu bronzeado. Dona Anastácia disse: “mais um pouco e você ficava da cor deles [dos jovens, que são ‘negros’³⁹]”.

Diversas pessoas no Centro Comunitário, inúmeras vezes, me perguntaram se eu era “brasileira”, questionamento este que creio estar associado à minha aparência, à cor da minha pele, dos meus olhos e dos meus cabelos (ainda que pintados).

“Aloan e Adoniran [no primeiro dia em que ficaram na sala comigo, sendo a quarta dos outros garotos] perguntaram de onde eu era.

- Ela é do Rio Grande do Sul, disse Amadeu.
- Você é do Ceará?, perguntou Adoniran.
- Sou gaúcha, respondi.
- Você é de Florianópolis?, perguntou Aloan.
- Não.

Perguntaram, ainda, se eu era de Minas Gerais.

- Ela é do Rio Grande do Sul, respondeu Amadeu.
- Tu sabia porque ela falou da primeira vez, disse André.
- Você é brasileira?, perguntou Adoniran, como os outros jovens também me perguntaram.
- Sou, sou de Porto Alegre, respondi.”

³⁹ Devido ao fato de eu não ter problematizado, junto ao universo pesquisado, a questão da cor, não tenho dados sobre sua autopercepção racial. Nesse sentido, utilizarei os termos ‘branco’, ‘pardo’ e ‘negro’/‘negra’ conforme o senso comum e minha avaliação, portanto sujeito a outras interpretações conforme outros interlocutores e outras percepções, por isso sinalizarei com o uso de aspas simples, em situações nas quais elas próprias não tenham utilizado alguma categoria. Quando as próprias pessoas fizerem referência a sua cor ou a cor de outros, como no caso descrito em que Dona Anastácia fala “da cor deles”, utilizarei aspas duplas.

No dia da festa das crianças, Felisberto, um dos jovens do Projeto Esperança de Vida, toda vez que me via, sorria para mim. Em certo momento, quando ele estava sentado com outros jovens em cima de uma mesa, próxima à cozinha, perguntou-me: “do you speak English?”, “não, não entendo nada de inglês”, respondi-lhe. Felisberto começou a rir e um menino que estava ao lado dele me perguntou “você também é...”, referindo-se “ao alemão”⁴⁰ e seus amigos que estavam visitando o Centro Comunitário. Respondi-lhe que não.

Num sábado de março de 2004, na saída para aquele passeio à praia, na porta da Kombi, Cláudia, uma das jovens do projeto, perguntou a Rogério, responsável pelos jovens, se eu era “brasileira”. Ele respondeu-lhe que sim. Eu estava me aproximando e escutei a conversa, então perguntei porque ela achava que eu não era brasileira; Cláudia respondeu: “por causa do sotaque”.

Cabe salientar que o Centro Comunitário é um local visitado por diversos estrangeiros: como o “alemão” que estava lá para escrever um livro, e as “italianas”, de uma missão benficiante da Itália, que foram ensinar os jovens a fazer pizza. Entre inúmeros outros, todos são brancos e muitos com a mesma cor de olhos que os meus.

Aqueles que não perguntavam se eu era brasileira atribuíam o meu fenótipo à região de onde vim (Sul), a qual, algumas vezes, é percebida como “parecendo ser outro país”, devido à quantidade de “brancos” que moram lá.

Certa vez, conversando com Paulinho, que no senso comum seria classificado como ‘pardo’⁴¹, e Soraia, ‘negra’, ambos elogiaram a cor dos meus olhos e dos meus cabelos. Soraia perguntou-me se a cor destes últimos era natural e eu respondi-lhe que não. Ela comentou que poderia ser “porque no sul tem muita mulher assim, e muito bonita”. Então me contou sobre uma amiga sua, da época do colégio, que era “ruiva”, concluindo que ela “era linda, de todos pararem e ficarem olhando para ela”. Paulinho, professor de violão, empolgado, disse: “tenho que ir pro sul, ficar uns seis meses pra ver se acho uma mulher pra mim”. Ele considera “ruiva lindo”, e disse que teve “uma [namorada] em Minas, mas ela era muito ruim, me fez muito mal, fiquei traumatizado!”. Soraia falou, ainda, sobre uma amiga “negra que está no sul” e lhe mandou uma foto; comentando a fotografia disse: “parece que ela está em outro país [...] a minha amiga poderia dizer que estava em outro país, porque ela negra, rodeada de amigos brancos”.

⁴⁰ Cabe observar a ambigüidade do termo “alemão”, que nesse caso foi utilizado para fazer referência a uma pessoa originária da Alemanha, mas que, em muitas outras situações, nesse contexto, designa o “inimigo”.

⁴¹ Faço referência a categoria “pardo(a)” tal como utilizada no senso comum, visto que a distinção entre “negros” e “pardos” existe na vida das pessoas e diferencia tons de pele. Os “pardos” são aquelas pessoas que têm uma pele mais clara que os “negros” e, muitas vezes, possuem traços fenotípicos considerados “negros”, como cabelos, nariz e boca.

Tendo em vista essa imagem da região Sul é que Élide disse ter se surpreendido quando foi a Porto Alegre, por ocasião do Fórum Mundial de Educação. Contou-me que passou uma semana na cidade e no último dia de sua estada, foram ao Mercado Público, onde, segundo mencionou, “eu achei um monte de criolo, fiquei impressionada como tem criolo em Porto Alegre e criolo preto mesmo!”.

Em outras situações, o fato de meu companheiro ser ‘negro’ e eu branca suscitou comentários indiretos e diretos. Certa vez, alguns dias após eu ter ido ao baile *funk* com meu companheiro, eu e três jovens estávamos na biblioteca do Centro Comunitário e, depois da atividade, ficamos conversando. Em determinado momento, os jovens, ‘negros’, comentaram sobre uma menina que “é preta e não gosta de preto”, disseram ainda que “tem branco que não gosta de negro e que tem preto que não gosta de branco”. Então, Adoniran exclamou: “ah, é! Tem branco que não gosta de branco, tem mulher que só gosta de preto”, e passaram a comentar sobre uma mulher que conhecem, moradora local, que “só casa com negros”. Felisberto afirmou que o marido dela “é mais preto que eu”, ao que Adoniran concluiu: “preto é cor, negro é raça”.

Certa noite, na secretaria do Centro Comunitário, eu, Muriel, Dona Anastácia e suas filhas Elide e Elena estávamos conversando. Um dos assuntos foi sobre “encontros”. Elena comentou com as outras que me encontrou em frente à Escola de Samba e que gostou muito do meu namorado, “ele é muito bonito”. Então Dona Anastácia me perguntou: “ele é preto?”; “sim”, respondi, ao que as outras três exclamaram: “só podia ser, porque a Elena é racista, só gosta de preto, só preto é bonito para ela”. Cabe salientar que Elena se identifica com o movimento negro e acredita que os jovens do Centro deveriam ser engajados nessa discussão.

Outra distinção feita a partir da minha cor e aparência foi em relação à minha classe social. No mês de outubro de 2003 foram realizadas uma série de atividades com as crianças, em comemoração ao seu dia. Numa dessas ocasiões, fui “brincar” com as crianças, a convite de suas “educadoras”. Logo que cheguei ao Centro Comunitário, aproximei-me das “educadoras”, que arrumavam os jogos da velha e de dama, com os quais eu brincaria com as crianças a seguir; Andréia, uma das “educadoras”, preenchia as folhas de pontuação dos alunos. Dona Anastácia aproximou-se, sorrindo, e disse-me: “você está muito branquinha! Eu vou pra Saquarema um dia de semana e aí você vai comigo e pega uma corzinha para ficar mais moreninha, eu vou marcar e aí você vai comigo, eu vou lá ver as modas”; “está bom”, respondi. Nora, outra “educadora”, disse que eu estava “vermelha” em função do forte calor que fazia naquele dia.

Mais tarde, nesse mesmo dia, durante as brincadeiras, eu estava jogando dama com uma menina, com idade em torno dos 12 anos, branca. Nora sentou-se ao nosso lado, enquanto jogávamos. Em algum momento, a menina perguntou:

- “- Você é professora de inglês?
- Não, respondi, eu fico com os garotos maiores, às vezes.
- É que você tem cara de rica!, exclamou a menina.
- É, mas não sou e você sabe que isso me atrapalha!?, respondi.
- É?!!!, exclamou Nora, surpresa”.

Assim, opondo-se ao “branco” e “rico” está o “preto” e “pobre”, como salientado numa conversa com Lúcio, 22 anos, professor de informática no Centro Comunitário, sobre um livro com poesias que deseja organizar junto aos poetas do morro. O que o motiva é o fato de que “estou cansado de ver só matérias na mídia sobre violência e droga”; quer, então, em contraposição, “mostrar que aqui tem muita coisa boa, tem gente muita boa em outras coisas”, e completou seu comentário, afirmando: “a minha sorte é que não sou preto, porque já sou pobre e moro na favela, se fosse preto eu estava ferrado!”.

A percepção do ser “pobre”, morar na “favela”, e do ser “preto/negro” como uma dificuldade a mais em sua trajetória de vida, também foi salientado por Elide, 45 anos, uma das filhas de Dona Anastácia. Em certa ocasião, ela comentou que, por duas vezes, se inscreveu e não foi aceita num curso de mestrado da Fundação Getúlio Vargas, que financiaria mestrados para mulheres negras e pobres em qualquer lugar, dentro ou fora do Brasil. Mencionei o programa da Fundação Ford, ela ressaltou que “é esse mesmo, em associação com a FGV” que quer cursar e uma amiga sua passou. Comentei que talvez não tenha sido aceita porque é funcionária pública; ela contou que conversou com sua orientadora de pós-graduação em Educação, que acha que o fato de ela não ter sido selecionada está relacionado ao que aconteceu em sua monografia, quando “não consegui definir o que quero, falo, falo e não defino”. Perguntei-lhe, então, o que queria pesquisar no mestrado; ela respondeu “escrevi minha experiência de mulher negra, pobre, que morei na favela e quero fazer para trazer outras experiências para minha comunidade”. Élide, ao narrar sua experiência de “mulher negra e pobre” positiva, ao mesmo tempo em que reafirma, o estigma de “preto e pobre”, pois quem é “preto e pobre”, como apontou Lúcio, está “ferrado”.

Segundo Goffman (1988) o estigma, isto é, os “atributos” de um indivíduo vistos como “altamente depreciativos” num determinado grupo - no caso aqui analisado, os denominados pelo autor de estigmas “tribais de raça, nação e religião” - são percebidos e

definidos nas relações entre os indivíduos e aquele que possui um atributo visto como “anormal” passa a não ser aceito plenamente nas interações sociais. Esse indivíduo, então, passa a ser percebido e tratado como um estereótipo daquilo que os considerados “normais” consideram depreciativo, e sua identidade social é reduzida a este estereótipo, a partir do qual todas as suas ações reais ou imputáveis serão lidas. É nesse sentido que Lúcio afirma que “se fosse preto eu estava ferrado”, porque os indivíduos “pretos” são, nas interações sociais, reduzidos ao estereótipo que se tem do que é ser “preto” e de suas ações em nossa sociedade - são pessoas consideradas de menor valor social, potencialmente perigosas e criminosas.

Dessa maneira, Lúcio e Élide têm ações contra a estigmatização e o preconceito não só da cor, mas do seu local de moradia; no entanto, as estratégias são distintas, e podem estar associadas a uma distinção geracional: Élide age por meio da narrativa de sua experiência pessoal e da conquista de um mestrado e Lúcio por intermédio da visibilidade do que há de “bom” no morro como um todo, com a feitura de um livro.

Desse modo, como apontam Cunha (2001) e Sheriff (2001), em determinadas situações as categorias utilizadas pelas pessoas para referirem-se ao outro pela cor não são “raciais”, mas “referenciais”, pois fazem referência ao *status*, à aparência, ao local de moradia e ao poder aquisitivo.

Assim, a força imperativa deste tema deu-se pelo meu próprio “mergulho no familiar desconhecido na sempre difícil aproximação quando cruzamos a linha das classes sociais” (Cunha, 1991:7). Nesse sentido, havia uma diferença visível, embora nem sempre falada, de classe, expressa em minha maneira de andar, de me vestir, mas, principalmente, era percebida pela diferença de minha cor – sou muito branca, “ruiva” – inserida num universo predominantemente não-branco.

Embora não haja uma reivindicação de etnicidade fundada em um passado, um ancestral e uma língua comum (Barth, 1998), há, no morro Parque Vila Isabel, modos diferentes de construir e vivenciar as identidades associadas à cor. As principais distinções relacionam-se à geração e ao ser “nordestino”, ou ser “negro”. Dentre uma das formas pelas quais os primeiros vivenciam suas identidades é pela associação à região de onde vieram, pelas idas ao forró e à feira nordestina de São Cristóvão; entre os segundos, há uma forte marca geracional na construção e vivência de suas identidades. Ainda, por exemplo, entre os jovens, há uma multiplicidade de maneiras de expressar sua negritude, principalmente, entre aqueles com os quais interagi durante a pesquisa: há experiências compartilhadas no presente

e expressas simbolicamente pelo uso de determinadas roupas, o gosto pelo *funk*⁴², pelo pagode, pelo uso do corpo, que apontam para uma identificação do ser negro, pobre, urbano e habitante do morro.

O estilo das roupas é o daquela menina, que mencionei no início, que Dona Anastácia repreendeu, que está associado a uma estética *funk*. Essa estética é expressa pelas mulheres mediante roupas justas, apertadas, que salientam determinadas partes do corpo, como os glúteos, as coxas e os seios, bem como o uso de sapatos de salto alto; a dos homens é expressa pelo uso de roupas de “marca” – camisetas, bermudas, chinelo e bonés.⁴³

Há, ainda, uma técnica corporal, no sentido das “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (Mauss, 1974:211), maneiras estas aprendidas por meio do processo de socialização e que possibilita que se posicionem no mundo pelo corpo, pelo modo de andar, de parar, de falar e do gestual que os caracteriza enquanto negros urbanos moradores do morro. Assim, ao falar, o corpo se remexe junto.

Naquele dia em que fui brincar com as crianças, fiquei observando suas interações. Na maioria das brincadeiras, meninos e meninas ficavam separados. “Fiquei observando e vi que têm um jeito de corpo para falar”, escrevi em meu diário naquele dia.

Uma menina em particular chamou a minha atenção, pois a maneira como ela gesticulava era igual à das mulheres. Laila, com aproximadamente nove anos, baixinha, magrinha e ‘negra’, indignou-se quando um menino tentou pular no elástico em torno do qual estavam as meninas: “com licença!”, “com licença!”, dizia, com um tom de voz imperativo, alto e firme, colocando as mãos nos quadris, levando o peso do corpo para a perna posta mais para trás e balançando o corpo e a cabeça. Em certo momento, ela olhou para mim e disse: “tia, olha ele, ele é menino e quer pular, menino não pula elástico”. Perguntei-lhe o por quê, “não, porque ele é menino, menino não pula elástico, só meninas”, respondeu-me. E continuou a falar para o menino: “com licença!”.

Saliento que aqui apenas apontei algumas questões, visto que há lacunas em meu material (não perguntei às pessoas qual a sua cor, nem estava, infelizmente, entre meus objetivos a problematização da cor/raça) que não me permitem problematizar este tema com a profundidade que ele demanda.⁴⁴

⁴² No quinto capítulo descreverei o baile *funk* que participei. Sobre o *funk* ver, entre outros, Vianna (1997a [1988] e 1997b), Cecchetto (1997 e 1998) e Cunha (2001).

⁴³ Aprofundarei este assunto no quinto capítulo.

⁴⁴ Abordarei novamente estas questões no quinto capítulo, quando discutirei os jovens e o projeto no qual eles estão inseridos.

6. “X-novando”: silêncios e inquietações

Como mencionei anteriormente, quando um visitante vai ao morro, o morador que o espera, o encontra na “rua”, na calçada que circunda o antigo jardim zoológico (Parque Recanto do Trovador) ou no ponto de ônibus. Ao sair, o visitante também é acompanhado até a “rua”. Estas ações são menos motivadas pelo senso de hospitalidade do que pela prudência de garantir que o visitante entre, circule e saia do morro em segurança, isto é, que não seja importunado pelos jovens armados do tráfico.

Este controle local do tráfico reflete-se nas ações dos outros moradores, tanto num autocontrole, como no controle mútuo do que vêm, ouvem e dizem.

Assim, por diversas vezes, durante as entrevistas em grupo com os idosos, uns diziam aos outros: “fica falando, fica pra ver, as paredes têm ouvidos”. Em outros momentos, quando alguém ia falar algo sobre “os bandidos”, “os vagabundos”, ou sobre a polícia, diminuía tanto o volume da voz, que, às vezes, eu não conseguia escutar o que a pessoa estava dizendo.⁴⁵

Certo dia, no final da tarde, eu e Soraia saímos juntas do Centro Comunitário para irmos embora. Na porta do Centro, ela me mostrou um garoto negro e alto, que estava na fila do lanche, vindo do futebol, e me disse: “está vendo aquele garoto, eu tinha certeza que tinha sido ele que tinha morrido, eu procurei ele no enterro e não o vi”. Ela se referia a um acontecimento ocorrido há uns poucos dias, quando um jovem havia sido morto ali no morro. Segundo os comentários no Centro Comunitário, a polícia atirou no jovem, pensando que ele fosse do tráfico de drogas.

Eu e Soraia saímos do Centro e quando estávamos em frente à escada que dá acesso à quadra do CIEP, eu disse que iria por ali. Soraia repreendeu-me, dizendo: “tá maluca! Não ouviu os garotos dizerem que os caras do movimento [do tráfico] estão todos lá, armados?!”; eu respondi que não tinha escutado e que eles deveriam estar na curva, por onde não passaríamos. Ela disse que sim, mas que não queria passar em frente “ao sofá”, de onde

⁴⁵ Diversos autores, em distintos contextos, apontaram para o impacto, na vida cotidiana, e no desenvolvimento de pesquisas, do medo advindo de situações nas quais há extremo controle sobre os comportamentos. Entre eles O’Donnell (1988), que, refletindo sobre os anos de ditadura na Argentina, diz que fez “algo assim como uma etnografia das consequências, não poucas vezes inconscientes para os próprios atores, de viver sob um regime excepcionalmente repressivo”, repressão essa que calava vozes e ocultava documentos importantes para a pesquisa. Silva (2000) faz uma reflexão sobre o medo cotidiano dos moradores do Rio de Janeiro, frente à “violência urbana”. Em Piccolo (2003), fiz algumas ponderações sobre o medo, tanto das pessoas em relação a mim, quanto o meu diante de certas situações, no contexto da etnografia que realizei junto a usuários de substâncias psicoativas.

alguns jovens ficam controlando a entrada e saída do morro. Fomos embora pela outra saída. No caminho, ela continuou comentando sobre o jovem que foi morto; perguntei se ela foi ao enterro, ela disse que sim e que muitas pessoas do Centro foram, “foi muito emocionante e triste”, comentou Soraia. Então, lembrou-se que havia esquecido de avisar a Dona Anastácia que a mãe do garoto havia telefonado naquele dia, dizendo que iria lá, pois ela “quer ver seus direitos”; Soraia analisou, “ela não deveria falar isso por telefone”, pois para ela “todos os telefones da comunidade são grampeados”. Mencionou, ainda, que “a mulher deve estar com medo, ela disse que estava esperando o menino [seu outro filho] chegar e vinha aqui, e não veio”. Pouco depois, enquanto caminhávamos até o ponto de ônibus, Soraia disse que faz 10 anos que trabalha em “comunidades”, já trabalhou na Formiga, em outra na Ilha do Governador, e outra em outro local da cidade. Disse que esta é a quarta e “é a mais violenta”, motivo pelo qual “sempre peço a Deus que me dê um trabalho melhor, mas enquanto não consigo, fico aqui”. Soraia mora em São Gonçalo e é “professora terceirizada” da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

Em outro dia, Muriel estava ao computador, na secretaria, e me chamou, perguntando se havia alguma maneira de diminuir o tamanho do texto que estava copiando, porque faltou espaço para acrescentar um nome no final da página. Disse a ela que eu poderia tentar arrumar e sentei-me em frente ao computador para tal tarefa. O texto era um ofício, remetido de um Setor da Polícia Militar para outro, intitulado “termo de inquirição”. O conteúdo, que rapidamente li, era sobre um “auto de averiguação”, informando que um sujeito com uma arma tentava matar outro e que não quiseram realizar determinado procedimento, só o “R.O.”. Ao final, trazia a assinatura de dois Policiais Militares - do averiguador e de outro. Depois que terminei as arrumações necessárias, perguntei a Muriel se ela gostaria que eu salvasse o arquivo, ao que ela respondeu “não, isso não é bom ficar no computador aqui”. Algum tempo depois soube que o “averiguador” era o marido de Muriel.

Em outra situação, Rogério, “reprodutor cultural” do projeto Esperança de Vida, levou sete jovens a um passeio. Eu os acompanhei. Pegamos um ônibus em frente ao antigo jardim zoológico e nos dirigimos ao Palácio Tiradentes, no Centro da Cidade. Antes, porém, Rogério parecia meio perdido com relação a que ônibus tomar; depois que vários passaram, ele se decidiu por um. Eu estava entrando e os meninos queriam pegar o ônibus que estava logo atrás, então o cobrador disse que o outro iria mais rápido – que nada, levamos quase uma hora para chegarmos à Praça XV. Comentei com Rogério que o cobrador não queria que fôssemos naquele ônibus, ao que ele observou: “é, eu não aprendo, ainda caio no conto do cobrador”. Tomamos o ônibus que vinha atrás, Rogério se sentou ao meu lado e os garotos ficaram

espalhados, sentados próximos às janelas. Os jovens foram fazendo algazarra, mexiam com as “novinhas” (garotas jovens), falavam coisas para as mulheres, tais como “vem aqui”, se fossem “novinhas”, e gritavam “dragão” para as outras; cantavam músicas de baile *funk*; conversavam gritando; colocavam a cabeça para fora. Em certo momento, um dos jovens, Adolfo, estava cantando um *funk* e João Rivaldo, que estava sentado atrás dele, disse: “tu disse o nome aí”, batendo nas costas de Adolfo, que perguntou “que nome?”. “Tu disse o nome dele [de um homem], não pode falar... é, não pode falar, aí”, repreendeu-o João Rivaldo.

Numa outra situação, eu e três jovens estávamos na biblioteca do Centro Comunitário, realizando uma atividade de leitura e compreensão de texto e um dos jovens, André, falou: “coisa chata, vamos conversar, Fernanda”. Depois de diversas tentativas de terminar a atividade, sempre interrompida por eles ficarem o tempo todo batendo, jogando coisas uns nos outros, mexendo no celular de um deles, ficamos conversando. Entre diversos assuntos que abordamos, eles comentaram sobre o que pretendiam fazer depois que saíssem do projeto. Um deles, Adoniran, disse que iria “voltar pro trânsito, não tenho emprego e não vou ficar acordando cedo para ir procurar emprego”; André disse, “vou ficar por aqui, vou ficar jogando futebol no Lote⁴⁶, eu também não vou ficar acordando cedo”. Por sua vez, Felisberto disse: “vou trabalhar no morro”, e, imediatamente, Adoniran censurou-o, dizendo: “ele é o nosso pastor [realiza cultos evangélicos voltado aos outros jovens, no saguão do Centro Comunitário] duas vezes por semana e vai trabalhar no morro! Não fala besteira, Felisberto”. Felisberto insistia “vou, lá no Lote!”, e Adoniran repetia que era “besteira”.

Perguntei a Felisberto onde ele morava, Adoniran respondeu que Felisberto morava “no São João⁴⁷”. “Quê isso!”, exclamou Felisberto, ao que Adoniran corrigiu: “ele mora lá para o lado do Lote”. Perguntei, então, a eles, se “ninguém pode ir ao São João?”. “Não！”, respondeu Adoniran, e Felisberto disse: “eu vou, nunca me envolvi em nada, não tenho nada a ver com isso”. Adoniran, por sua vez, comentou: “eu já fui envolvido, mas lá eles não sabem”. No entanto, “o problema” seria se, quando ele, hipoteticamente, estivesse no São João, perguntassem onde ele morava e ele dissesse: “eu moro nos Macacos, daí vou levar tiro”. Felisberto explicou-se porque vai “lá”: “mas tem uma coisa, desde pequeno que eu vou lá, sempre fui e vou lá”.

⁴⁶ O “Lote” é uma das divisões internas do morro Parque Vila Isabel. Abordarei estas divisões no próximo capítulo.

⁴⁷ O morro São João fica do outro lado da mesma serra em que se encontra o Morro dos Macacos, a Favela Parque Isabel e o Pau da Bandeira, e é a favela “inimiga”, com freqüentes “guerras” e “invasões” de ambos os lados.

E ainda durante nossa conversa, quando Adoniran, André ou Felisberto mencionavam algo sobre o tráfico eles se repreendiam mutuamente. Em determinado momento, começaram a dizer: “olha o que vocês tão falando! Não pode falar isso”. Então, Felisberto tentou encerrar a conversa: “até vou sair daqui, vocês falam muita besteira”, referindo-se ao comentário de André e Adoniran sobre um traficante que está morando no Lote.

Nas situações acima, o que motiva o autocontrole e o controle mútuo é o medo, temor de que “alguém ouvisse” o que estava sendo dito, de que “alguém lesse” o que estava no computador. Este receio estava fundamentado em relatos como aquele que Jandira me fez ao telefone, sobre uma jovem que foi morta queimada entre pneus; portanto, não é um medo imaginário ou distante, ele é materializado pelas armas presentes no cotidiano, pelos tiros aleatórios e pelos tiroteios, pela invasão da polícia e pelo sobrevôo de helicópteros com fuzis apontados para baixo. Ainda, como em diversas falas expostas acima, raramente as menções ao tráfico são personalizadas; as referências são, na maioria das vezes, anônimas, abstratas, como “eles”, “isso”, “dele”.

Tal apreensão eu também senti em alguns momentos, como certa vez em que eu estava saindo do morro e olhei para trás, vi três policiais correndo em minha direção, também saindo do morro, segurando fuzis e olhando para os lados, imediatamente pensei numa troca de tiros, na qual eu estaria no meio. Ou em outra situação, numa gincana na quadra do CIEP, quando diversos policiais entraram correndo no morro, e um helicóptero sobrevoava, bastante baixo, a quadra e os locais próximos de onde estávamos com cerca de cem crianças, entre seis e dezenove anos. Ou, ainda, quando eu estava na concentração do Bloco Balanço do Macaco e alguns jovens, uns com suas pistolas no cós da calça, outros com fuzis pendurados, brincavam, correndo entre as pessoas que iriam participar do desfile, com um *spray* de espuma de carnaval, jogando uns nos outros.

Assim, essas situações, além de terem repercussões em certos momentos do cotidiano dos moradores, também influenciaram minha maneira de agir em campo. Receosa, por vezes deixava de perguntar algo e até mesmo evitava ficar perguntando eternos “porquês”, próprios à pesquisa antropológica; não levava comigo determinados materiais, como o caderno com minhas anotações, nem tomava notas em campo; não carregava o gravador ou a máquina fotográfica com a freqüência que levaria, talvez, em outra situação de pesquisa. Assim, as fotos que fiz foram somente dentro do Centro Comunitário.

Em algumas situações, sentia um forte constrangimento, como na quarta-feira subsequente ao primeiro baile *funk* a que fui, na quadra do CIEP. Nesse dia, logo após eu chegar ao Centro Comunitário, Celso me perguntou se eu havia ido ao baile; respondi-lhe

afirmativamente e ele quis saber: “anotou tudo?!” . “Tudo não”, respondi-lhe constrangida, pois estávamos no meio do saguão, e os jovens estavam próximos. Ele disse “você ficou só à paisana?!” . Olhei ao redor, sentindo um frio na barriga e lhe perguntei “quê isso, quer me matar?! Olha o que você falou!”. Celso se aproximou e eu perguntei se ele queria me ver morta, pois “à paisana”, neste contexto, remete à polícia infiltrada, para obter informações.

Celso ‘brincando’, comentou “é, depois está você lá no cruzeiro, queimada entre os pneus”. Salientou, ainda, que “foi bom você me alertar, eu não tinha me dado conta disso”, e, se retirando, completou: “uma semana depois [de eu ser morta] eu estou morto”.

Logo em seguida, Bianco, jovem do Projeto Esperança de Vida, passou perto de mim e disse: “aí Fernanda, veio no baile!”. Imediatamente, João Rivaldo, outro jovem, me fez a mesma pergunta, respondi que sim. Muriel, secretária do Centro Comunitário, ouvindo o que eu conversava com João Rivaldo, virou-se para mim e perguntou: “você veio no baile em Vila Isabel?!” , respondi-lhe “sim, vim ao baile aqui”; “no Brizolão!?” , inquiriu admirada. “É”, confirmei. Então, Muriel virou-se para Dona Anastácia e disse “essa Fernanda é louca mesmo!”. A reprovação de Muriel denotava que, de certa forma, eu havia ultrapassado uma fronteira que separa os espaços aceitos daqueles não-aceitos pelos trabalhadores do Centro Comunitário. Com a minha ida ao baile, eu havia adentrado um espaço conflituoso.

João Rivaldo perguntou-me: “tinha muita arma?”; respondi-lhe “não muita, eu acho”. Ele, sorrindo, disse que não tinha vindo ao baile porque “fiquei dormindo, tava cheio de sono”, e falou que “sábado que vem tem novamente”.

Pouco depois, fui à secretaria, Muriel estava escrevendo algo e Dona Anastácia disse a ela: “põe a Fernanda aí, menos um ponto para ela, porque ela veio no baile que perturba a comunidade”. Leonel, outro jovem do Projeto Esperança de Vida, que estava sentado ao lado de Dona Anastácia, riu. O ponto perdido não foi somente para a pontuação que estava sendo realizada para a festa das crianças⁴⁸, que aconteceria no mês seguinte, mas, também, em relação à confiança que Dona Anastácia estava construindo em relação a mim. Nesse momento, Soraia entrou na secretaria e Dona Anastácia disse que era para tirar pontos dela também. Soraia, então, argumentou que, entre os professores, a contagem teria que ser por pontos perdidos.

Pouco depois, Gurgel entrou na secretaria. Ele é coordenador da CRSMDS 2.2 (Coordenadoria Regional da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que fica na IX Região Administrativa de Vila Isabel) e estava no Centro Comunitário para a realização do

⁴⁸ Abordarei a festa das crianças e a distribuição dos “CEACAS” no capítulo 4.

“Festival de Gastronomia” da “terceira idade”, do qual participei como jurada. Gurgel, a quem fui apresentada pouco antes no saguão, perguntou-me qual era o meu trabalho na entidade. Disse-lhe que ajudava no que precisavam, ao que ele comentou “veio fazer a pesquisa e ficou”. Expliquei-lhe que ainda estava realizando a pesquisa, pois esta é demorada.

Ele me perguntou sobre “o trabalho das idosas” – Silvana, assistente social da C.R.2.2, que trabalha com Soraia no grupo de idosos, havia comentado com ele sobre as entrevistas que realizei, as quais, para eles, se transformaram em “um trabalho”. Disse-lhe que realizei entrevistas em grupo e algumas individuais, tirei fotografias de cada um, mostrando as fotos a Dona Anastácia e, posteriormente, entregando a cada idoso uma cópia de sua foto. Dona Anastácia, nesse momento, me olhava com olhos bem atentos. Gurgel indagou sobre o que mais chamou a minha atenção nas declarações. Encurralada pela sua pergunta, e por estar frente a Dona Anastácia, respondi-lhe: “tudo, porque eu não conhecia nada”; “o quê?”, ele insistiu. Respondi-lhe, então, que foi a história da água, que eles, principalmente as mulheres, tinham que ir muito longe buscar e retornar, carregando na cabeça, as latas d’água. Ele comentou que é diferente do Andaraí, “não é, Dona Anastácia? Lá, como fica próximo à floresta da Tijuca, tem fontes de água”; “é, mas aqui tinha dois poços lá em cima, elas não te falaram?”, indagou Dona Anastácia. “Falarão”, respondi. Dona Anastácia comentou: “não era fonte como lá, mas quebrava o maior galho das pessoas; ainda tem lá, não tem [os poços d’água]?", perguntou a Leonel, que respondeu: “estão vazios”. Gurgel, então, comentou “é uma história de muita luta, não é?”; “é”, respondi. Gurgel ainda falou que as pessoas “são criativas, às vezes são obrigadas a usar a criatividade, não é, Dona Anastácia?”. Dona Anastácia respondeu “essas senhoras já passaram um bocado e são criativas, pegam uma cesta [básica] e ainda dividem com filha, filho, netos”.

Dona Anastácia, pouco depois, disse a Gurgel que iria acontecer uma festa no final do mês seguinte e os professores irão participar também, ganhando ou perdendo pontos durante o mês; que, na festa, estes pontos serão trocados por lanches na cantina, ou por presentes, enfim, “pelo que quiserem”. Após a breve explicação, enfatizou: “eu que vou avaliar eles e quem fizer o que eu não gostar perde ponto, e essa daqui [apontando para mim] já perdeu” - e riu; eu perguntei, então, espichando o olho para os itens da folha de pontuação, “por mau comportamento [que era o primeiro item]?”; “é”, disse Dona Anastácia, rindo, e completou: “ela perdeu ponto porque ela veio no baile [funk] que perturba a comunidade, que todos reclamam por causa da altura do som que não deixa ninguém dormir, mas os meninos gostaram [de eu ter vindo]” e Leonel confirmou. Eu, também rindo, disse a Leonel “vocês me dão pontos, não é?!”; “é”, respondeu o jovem, sorrindo. Assim, por meio da jocosidade, as

regras de comportamento estavam sendo expostas e reforçadas, visto que eu estava sendo repreendida publicamente.

Gurgel, tentando amenizar minha situação, disse: “ela veio por causa da pesquisa, pra ver como era, como as pessoas se divertiam e o baile é um desses lugares, não é?”, perguntou-me; rapidamente respondi que sim. Dona Anastácia, sorrindo, disse-me: “para você não perder ponto tem que passar uma noite na casa das pessoas que não vão ao baile para ver o que elas falam. Eu morava bem de frente para a quadra quando eu morava aqui ainda”; eu comentei “e ninguém dormia”, ao que Dona Anastácia disse: “eu durmo de qualquer forma, mas as pessoas reclamavam muito, [alguns] acham que, porque estão se divertindo, todo mundo tem que estar e colocam o som daquela altura a noite inteira”.

Um mês e meio após esse episódio, fui pela segunda vez ao baile *funk*. O baile começa por volta da meia-noite, mas as pessoas começam a chegar na quadra do CIEP por volta das duas horas da madrugada, horário em que, nas duas vezes em que fui, a jovem que me esperou combinou de me encontrar. Nas duas ocasiões, saí do baile por volta das cinco e meia da manhã. Os jovens me disseram que o baile termina às seis, sete horas. O som, para mim, é extremamente alto, visto que há ‘paredes’ de caixas de som; depois que eu saí do baile, continuei ouvindo as ‘batidas’ da música por algumas horas.

Na quarta-feira seguinte, no Centro Comunitário, os jovens do projeto Esperança de Vida comentaram sobre o baile, dizendo que eu tinha ido, que tinham me visto e que eu “gosto”. Pouco depois, comentei com Dona Anastácia que fui ao baile novamente. Ofereci-me, então, como ela propôs anteriormente: “se a senhora quiser, eu posso dormir na casa de alguém” para saber o que eles pensam sobre o baile, como é o barulho do som. Dona Anastácia, bastante séria, respondeu: “ninguém vai falar contigo, não que aconteça algo, mas como você trabalha aqui, pode comentar com outras pessoas, não por mal”, mas que eu falaria, porque as pessoas comentam o seu cotidiano e “isso poderia dar problema”, pois “você vai estar x-novando”. Imediatamente lhe disse: “quê isso, Dona Anastácia, a senhora quer que me levem pro Cruzeiro?!”. “Você vai estar x-novando!”, repetiu, rindo, Dona Anastácia. Fiona, cozinheira do Centro, estava ao lado e também riu.

“X-novando” vem do termo “X-9”, que significa aquele que é informante da polícia, um alcagüete que “cagüeta” ações e agentes do tráfico. O “X-9”, quando descoberto pelo tráfico, é morto, geralmente, de forma bastante tortuosa; como Celso havia me dito, “queimado nos pneus”. Em outra situação um dos jovens explicou-me o que é “X-9”:

“X-9 é aquele que negocia com a polícia e aí a polícia compra o cara e vende pro dono do morro. Então, um dá mais dinheiro que o outro e a própria polícia entrega o X-9, que vai ser morto queimado, torturado de todo tipo, menos tiro, porque é rápido.”

Como visto, o controle do comportamento ocorre por meio de ameaças veladas, quando se menciona o que pode acontecer a uma pessoa se ela infringir as regras de conduta desse contexto. Um meio, talvez, mais brando de punição acontece com aquele que quebra alguma regra e é repreendido diante de uma platéia, servindo como um exemplo, visando a ‘dar um recado’ ao público assistente.

Além disso, creio que, se por um lado, Dona Anastácia estava bastante vigilante quanto ao que eu fazia e falava, visando à segurança do Centro Comunitário, por outro, suas repreensões visavam também à minha proteção.

Entendo que havia um cuidado com a entidade, pois Dona Anastácia sempre fazia questão de salientar, publicamente, que ninguém faz pesquisa ali, as pessoas “trabalham”. Sua posição foi ressaltada quando, certo dia, chegando ao Centro por volta das onze horas da manhã, Sirlândia, Raquel - respectivamente coordenadora e psicóloga do projeto Esperança de Vida- e Dona Anastácia, estavam em frente à porta da sala de reuniões, no saguão, conversando com um homem que segurava uma bíblia, acompanhado de uma mulher. Aproximei-me e comecei a participar da conversa; o homem era um pastor e a moça, Mariana, sua assistente, eles haviam feito um trabalho com os jovens do projeto Esperança de Vida naquela manhã. Após a saída de Sirlândia e de Raquel, Dona Anastácia convidou-os para almoçar.

Conversei rapidamente com o pastor antes do almoço, sua assistente perguntou o que eu fazia no Centro Comunitário, eu lhe disse que realizava uma pesquisa e ajudava alguns jovens a ler. Durante o almoço, no qual estavam Dona Anastácia, o pastor, sua assistente, Celso e eu, Mariana perguntou-me como eu fazia a pesquisa. Respondi-lhe: “fico observando, olhando, fico por aqui”. Dona Anastácia rápida e rispidamente disse: “aqui ninguém fica observando nada, aqui todo mundo trabalha!”. Então, mencionei que também ajudava no projeto Esperança de Vida e Celso comentou: “observa trabalhando, não é?!” , “é”, respondi. Dona Anastácia então completou: “a Fernanda trabalha muito aqui, faz tudo”, reiterando que ali todos “trabalham”.

7. “Você já é mesmo da comunidade”

No processo da pesquisa, embora permanentemente eu tenha negociado minha presença e minha posição no Centro Comunitário tendo em vista minha condição de “estrangeira”, tanto por eu não ser do local, quanto pela minha cor e classe social, chegou um momento em que eu havia conquistado um lugar naquele contexto, embora eu desse estar sempre vigilante para mantê-lo.

Isto foi apontado, pela primeira vez, no dia anterior ao da festa das crianças, em 2003. Nesse dia, quando eu estava indo embora, no final da tarde, Dona Anastácia disse que ainda havia muitas coisas por fazer para a festa; ofereci-me, então, para ajudar, e fiquei cortando as “notas dos CEACAS” – notas que valeriam como dinheiro na festa e que seriam distribuídas às crianças de acordo com a pontuação acumulada no decorrer do mês. Lá pelas tantas, depois que Fiona trouxe café e pão para Muriel e para Dona Anastácia, esta pediu que fosse feito um pão com queijo para mim também.

Enquanto eu cortava as notas, Dona Anastácia e Muriel falavam sobre o Paulo de Berlim – visitante alemão⁴⁹ -, comentando que Elide “até fez uma pasta para o Paulo de Berlim”. Dona Anastácia virou-se para mim e disse: “tu, que está há anos aqui, não tem pasta, né?!” - e riu.

Pouco depois, Lineu, um dos jovens do Projeto Esperança de Vida, entrou na secretaria e me disse “estou gostando de ver, gosto mais de te ver trabalhando assim do que dando aula!”, perguntei o porquê, ele não respondeu.

Muriel e Dona Anastácia ainda me perguntaram se eu não queria trabalhar no Centro Comunitário, dando aulas para a FAETEC, que será implantada no Centro.

No Natal deste mesmo ano, uma semana antes desta data, Dona Anastácia distribuiu cestas natalinas e um calendário da entidade para o próximo ano, aos trabalhadores. Quando eu estava indo embora, ela me chamou, juntamente com Celso e Rogério, para irmos à creche

⁴⁹ Segundo Rogério, “reprodutor cultural”, que trabalha com os jovens, o “alemão” está ali no Centro Comunitário porque quer escrever um livro, voltado para o público alemão, sobre passeios turísticos alternativos, dentre os quais estão as favelas. Disse, também, que o “alemão” escreve, freqüentemente, para alguém na Alemanha, contando coisas sobre o morro e sobre o Centro Comunitário, e que ele montou um *site* na Internet, no qual escreve sobre o Rio de Janeiro e coloca fotos. Rogério comentou, ainda, que o “alemão” vai ficar freqüentando o Centro Comunitário até terminar seu livro.

que ela também gerencia, buscarmos as nossas cestas. Ganhei também um calendário. Ainda, nesse dia, participei do amigo secreto⁵⁰ dos jovens.

No ano seguinte fui convidada e participei do amigo secreto da Páscoa, e do aniversário de Dona Anastácia no Abrigo, só para os funcionários.

No final de janeiro de 2004, conversando com Lúcio, professor de informática, disse-lhe que iria desfilar na Escola de Samba Unidos de Vila Isabel. Ele disse: “você já está praticamente morando em Vila Isabel, ali atrás tem uma casa para vender por 4 ou 5 mil reais”.

No dia seguinte, no “ensaio técnico” da Escola de Samba – um ensaio no Boulevard Vinte e Oito de Setembro, como se fosse no dia do desfile na Marquês de Sapucaí -, encontrei Muriel; quando ela me viu ensaiando na “ala da comunidade”, disse: “você já é mesmo da comunidade, Fernanda!”. As “alas da comunidade” são formadas pelos membros com a carteira da Escola, os associados, e por convidados de diretores da escola, principalmente, pelos diretores das “alas da comunidade”. Nos anos em que participei, as pessoas que desfilaram nessas alas moravam tanto no Morro dos Macacos, em ruas de Vila Isabel como em outros bairros da Cidade⁵¹. Para desfilar nessa ala, freqüentar todos os ensaios técnicos da escola é pré-requisito e, sempre que possível, também os ensaios do samba, aos sábados, na quadra da Escola, situada no Boulevard Vinte e Oito de Setembro, a principal rua do bairro de Vila Isabel.

Dessa maneira, mais do que ter um lugar naquele espaço, passei a ser vista como “já sendo mesmo da comunidade” por minha adesão a atividades valorizadas pelas pessoas com as quais interagia e que, para uma parte delas, marca suas identidades, como a participação na Escola de Samba. E, mais ainda, eu estava adentrando seus espaços de sociabilidade, distinto do universo do trabalho.

A maneira pela qual eu consegui desfilar na Escola de Samba também foi fruto de minha inserção numa rede de relações sociais. Cleiton, um dos filhos do mestre de bateria da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, é professor de percussão no Centro Comunitário e

⁵⁰ Amigo secreto, ou amigo oculto, é uma brincadeira que visa à troca de presentes entre um grupo de pessoas, em datas festivas como Natal, Páscoa, entre outras. A brincadeira, geralmente, é organizada da seguinte maneira: os nomes de todas as pessoas que irão participar são escritos em pequenos pedaços de papel, que são dobrados e postos dentro de um recipiente (saco, sacola, lata); então, cada um dos participantes retira um nome; este será seu amigo secreto e para o qual deverá dar um presente (com valores pré-estipulados), numa data posterior preestabelecida. No dia da revelação do amigo secreto, na maioria das vezes, entre comes e bebes, uma pessoa inicia, geralmente, revelando características de seu amigo oculto; quanto maior a intimidade, mais detalhes são dados, até ser descoberta quem é a pessoa esta recebe o presente. Aí, esta faz o mesmo procedimento, e assim sucessivamente, até todos os amigos serem revelados.

⁵¹ Discutirei o significado da “ala da comunidade” no próximo capítulo.

tem posição de destaque na bateria da Escola. Certa dia, no Centro Comunitário perguntei a ele como eu poderia fazer para desfilar na Escola, posto que eu não tinha idéia de como era o processo de ingresso. Cleiton quis saber quantas pessoas iriam desfilar comigo e, após lhe dizer que era somente eu, ele afirmou que iria “conseguir” uma fantasia para mim.

Alguns dias depois dessa conversa, fiz uma viagem e, ao retornar não me encontrei mais com ele no Centro Comunitário. Decorrido algum tempo, vi Cleiton novamente na entidade e perguntei sobre o desfile, ele disse que estava em cima do final do prazo para as inscrições e combinamos que eu iria ao ensaio no sábado à noite, na quadra, para que ele me apresentasse a Daiane, secretária da Escola. Pediu, ainda, que eu levasse uma foto 3x4, número da roupa e do sapato, telefone, endereço e CPF. No sábado, logo que entrei na quadra, fui falar com Cleiton e passamos a procurar Daiane. Quando a encontramos, no bar, ele me apresentou a ela como “uma colega de trabalho” do Centro Comunitário e que eu gostaria de desfilar. Ela fez minha inscrição.

Nesse carnaval, de 2004, a Escola ganhou o campeonato do Grupo de Acesso, obtendo uma vaga no Grupo Especial para o desfile de 2005. No dia em que saiu o resultado, fui para a comemoração na quadra. Muitos trabalhadores e freqüentadores do Centro Comunitário também estavam lá, nem todos desfilaram, mas foram para a festa. Alguns com os quais conversei disseram que eu fui “pé quente”. Cleiton - com quem eu mantive bastante contato durante o carnaval de 2004, visto que ele era também o mestre de bateria do Bloco Balanço do Macaco, pelo qual eu também desfilei no Boulevard Vinte e Oito de Setembro - disse que no ano seguinte era para eu ir mais cedo, logo que abrissem as inscrições, pois como a Escola estará no Grupo Especial, ele não ia poder fazer nada, porque a diretoria fica mais rígida quanto à participação das pessoas.

As inscrições abrem em setembro. Por diversas razões, dentre as quais o fato de que eu estava indo a campo muito raramente, não fiz minha inscrição na Ala da Comunidade no período estipulado para tal.

Em janeiro de 2005, escrevi um e-mail para Rogério, perguntando como estavam as coisas no Centro Comunitário. Nesse período eu estava começando a organizar o material para a escrita da tese e, a cada diário de campo que eu lia, me dava uma grande saudade daquele espaço e das pessoas com as quais interagi. Depois desse e-mail, eu e Rogério nos falamos por telefone e, entre outros assuntos, ele me contou que tinham aberto algumas vagas para sair na “Ala do Mar”, na Escola de Samba, e que se eu quisesse desfilar, era para ir logo. Disse ainda que estavam organizando um grupo lá do Centro Comunitário para participar e que foi Magra, uma das cozinheiras, quem espalhou a notícia no Centro. Então entrei no *site*

da Escola de Samba e anotei o telefone. Quando liguei, me apresentei à atendente dizendo meu nome e que soubera da existência de vagas para sair na “Ala do Mar” e gostaria de me inscrever. Então, ela me perguntou: “mas você conhece quem?”. Fiquei um pouco sem graça e lhe expliquei que ‘trabalhara’ no Centro Comunitário, no Morro dos Macacos, e que, no ano passado, o Cleiton e a Daiane conseguiram uma fantasia para eu desfilar numa das “alas da comunidade”. A moça perguntou o nome da pessoa que coordenava a ala em que eu participei; rapidamente me lembrei – eu tive pouco contato com essa pessoa no ano anterior, minha ligação era com Cleiton e com a Daiane – “Laurinda”, disse-lhe, ao que a moça respondeu: “então, procura ela no ensaio na quinta-feira”. Neste dia, fui para a Vinte e Oito de Setembro, ao ensaio técnico, procurar Laurinda. Enquanto eu a buscava, vi outras mulheres fazendo inscrições para a Ala da Comunidade; tentei fazer a minha com uma delas, que me disse não ter mais vaga, mas que era para eu falar com a Laurinda, já que eu a conhecia. Quando esta chegou, muitas mulheres estavam à sua volta, pedindo para serem inscritas na ala que ela coordena, que, como soube naquele momento, não era a “Ala do Mar”. Apresentei-me a ela, chamando-a pelo nome, ela me cumprimentou como se me reconhecesse e lhe expliquei toda a situação. Ela pegou a minha foto e os dados necessários e disse para eu ficar em contato, porque ninguém sabia ainda muita coisa sobre a tal Ala. Aos poucos, fui descobrindo que essa seria uma “ala surpresa”, isto é, que não estava prevista desde o início, pelo menos, para todos os integrantes. Desfilei, então, como o mar que envovia os carros alegóricos, especificamente, no carro abre-alas.

Capítulo 2. Da Fazenda do Macaco ao “Morro dos Macacos”

*À minha direita, raia um sol vermelho e branco
À minha esquerda, um verde-e-rosa vem dormir
À minha frente, ecoa um grito de gol
Atrás de mim, dorme a Floresta do Andaraí
Entre o Engenho Velho e o Novo ouço cantar
Um tangará nas ramas dos ôitis do Boulevard
Aqui foi que os Drummond, os Rudge e os Maxwell
Vieram semear Vila Isabel, vieram semear Vila Isabel
Vila, lá vou eu
Camisa aberta, ventre livre, chinelo nos pés
Da Barão de São Francisco, tomo um chope no Petisco
Faço uma fé no Cem Réis
Vila, Vila, eu vou
Por entre as notas das calçadas musicais
Vou seguindo as partituras
De tão sábias criaturas
Que fizeram sambas imortais
Nossos laços são tecidos
Pela flor dos tempos idos
Nos antigos carnavais*

Música “Flor dos Tempos” de Ruy Quaresma e Nei Lopes
In: Martinho da Vila Isabel 2003 (1984)

Introdução

No capítulo anterior abordei o processo de negociação para minha inserção em campo, visando à realização da pesquisa, e uma reflexão sobre a construção da etnografia. Neste capítulo, apresento o Bairro de Vila Isabel e o Morro Parque Vila Isabel a partir da exploração de alguns eventos que ora reforçam a história e a memória oficiais desses locais, ora ressaltam outras versões e memórias existentes e, por vezes, divergentes e até concorrentes.

Esses eventos interessam como expressões simbólicas dos indivíduos e grupos, ao darem visibilidade às redes de relações sociais, por reforçarem pertencimentos e criarem laços sociais entre as pessoas. Importam, ainda, por contribuírem para a criação de histórias e memórias – oficiais e não-oficiais –, que atuam na construção de identidades sociais.

Durante a exploração dos eventos, analiso alguns aspectos dessas identidades sociais ligadas ao bairro e à favela.

Nesse contexto, parto de observações e falas, colhidas em diferentes situações sociais, para discutir os diversos significados das categorias sociais “nativas”, pelas quais as relações sociais são expressas: “asfalto”, “favela”, “comunidade”, “morro” e “rua”. Assim, esses termos, mais do que se referirem aos espaços nos quais as interações sociais são, ou não, estabelecidas, percebi, ao longo do trabalho de campo, que seu uso alterna-se no cotidiano dos moradores, conforme o momento e o enunciador. Foi possível, então, ir construindo uma tessitura, pela qual as relações sociais, os conflitos, os diálogos, a sociabilidade entre os moradores do morro e do bairro foram se descontinando.

1. “130 anos de cantos e encantos da Vila Isabel”: eventos, histórias, memórias e identidades sociais

Em meados de setembro de 2003, quando me dirigia para o Centro Comunitário do Morro Parque Vila Isabel, vi, em alguns pontos da Avenida Vinte e Oito de Setembro, duas faixas cumprimentando os moradores pelo aniversário de Vila Isabel, comemorado oficialmente em 28 de setembro. Uma das faixas, assinada pelo Prefeito César Maia e pelo Vereador Pedro Cardoso, que tem sua base eleitoral no bairro, mostrava: “César Maia e Pedro Cardoso cumprimentam as famílias de Vila Isabel pelos seus 130 anos”; a outra era firmada pelo Prefeito e pelo Subprefeito da Tijuca e Vila Isabel, Lúcio Herbert.

Ainda, tive acesso a dois *folders*, com o cronograma de atividades que ocorreriam durante o mês de setembro para celebrar os 130 anos de fundação do bairro, completados em 2003, conforme a data reconhecida como oficial. Essas atividades, concentradas, principalmente, nos dias 26 a 28 de setembro, ocorreram em lugares diversos do bairro. Uma das programações foi organizada pela Subprefeitura da Tijuca e Vila Isabel e, a outra, pela “Prefeitura do Rio de Janeiro, Mandato do Vereador Pedro Cardoso”. Nem todas as atividades das duas programações coincidiam. No informativo semanal da Prefeitura também foi anunciada tal comemoração, citando algumas “personalidades” que receberiam uma “condecoração”.

Já nos *folders* foram destacados alguns símbolos da identidade oficial do bairro, como o “samba” e a “boêmia”, que dão as cores também ao cotidiano dos moradores do bairro⁵². Assim, por exemplo, é que seu Aramias, 80 anos, há 70 morando em Vila Isabel, classifica o local: “é um bairro boêmio”.

“Vila Isabel 130 anos! As famílias do bairro celebram com alegria e orgulho. Aqui toda a cidade se encontra e vamos construindo um ambiente favorável à convivência e à paz em Vila Isabel. Cada um a sua maneira, com sua sensibilidade e sua história. Para nós é valioso que as famílias, os vizinhos e amigos reforcem seus laços mais fortes, que se preservem intactas a cultura e a simbologia das nossas ruas e que se mantenha a mística que o nome do bairro sempre teve. Vila Isabel é responsabilidade nossa. Com vida e alma”. (parte do folheto do vereador que tem como base eleitoral o bairro, Ver Anexo C).

“Rio Prefeitura – Subprefeitura Tijuca e Vila Isabel
130 anos de cantos e encantos da Vila

Reduto da boa música e da boemia carioca, o bairro de Vila Isabel chega aos 130 anos e se mantém inspirador e vanguardista. Cenário de ricas histórias, o bairro de Noel, Martinho da Vila e de tantos outros mestres... ainda Canta e Encanta seus moradores e freqüentadores”. (parte do folheto de programação da Prefeitura e Subprefeitura, Ver Anexo C)

No primeiro *folder* é ressaltado que o bairro é constituído por pessoas, “famílias, vizinhos e amigos”, que, por meio do estabelecimento e reforço dos “laços sociais” entre elas, constituem uma totalidade, isso é, o próprio bairro. Esses “laços”, que marcam pertencimentos, são possíveis de serem entendidos como uma rede de relações sociais, visto que a “cidade se encontra” no bairro, mas não qualquer pessoa da cidade, somente aquela que se torna “família, vizinho e amigo”, pois somente assim, entre conhecidos, é possível construir “um ambiente favorável à convivência e à paz” no local. Além disso, e talvez o mais importante, é que os “laços” entre as pessoas, no bairro, são tecidos numa “cultura” e numa “simbologia” que os indivíduos e instituições que constroem e oficializam esses elementos não pretendem modificá-los, mas, sim, desejam que eles sejam “preservados intactos”. Por

⁵² Cabe ressaltar que a música, particularmente, o samba como elemento constitutivo da identidade do bairro e de seus moradores, tem sido explorada, neste ano de 2005, na novela “América”, escrita por Glória Perez, transmitida às 21 horas (horário nobre) pela Rede Globo de Televisão. Nesta novela existe um núcleo denominado “Vila Isabel”, que embora eu não reconheça qual lugar exato do bairro o cenário queira representar, ele é marcado e reverenciado pelo samba, tanto nas falas como nas rodas de samba realizadas na “venda” local, tendo a presença de membros da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel – como a secretária da Escola que, como relatado no primeiro capítulo desta tese, conseguiu uma vaga para eu desfilar em 2004 – e da Velha Guarda Musical de Vila Isabel. Ainda, são feitas inúmeras referências a Martinho da Vila, como a figura mandante do bairro. As cores da Escola, azul e branco e, às vezes, azul, amarelo e branco, colorem o cenário. Na novela o bairro é mostrado como sendo habitado por pessoas pertencentes às classes populares.

isso, é de fundamental importância comemorar o aniversário do bairro e recordar, reafirmando qual história, qual “cultura” e quais “símbolos” oficialmente se pretende manter com “vida e alma”.

No segundo, é ressaltada a musicalidade, trazendo à memória músicos com projeção nacional e que seriam originários do bairro. A música e seus compositores e intérpretes, como símbolos e produtores da identidade local, foram cristalizados, ainda, em monumentos. Por exemplo, estátuas de Noel Rosa⁵³, situadas, entre outros locais, na entrada no bairro⁵⁴ (via Centro da Cidade), na Praça Barão de Drummond, e as “calçadas musicais”⁵⁵, no Boulevard 28 de Setembro.



Foto 1 - "Homenagem a Noel Rosa, Vila Isabel - Rio de Janeiro"
Vendida em banca de jornal do bairro, como cartão-postal. Fonte: Rodolpho Machado

⁵³ Sobre Noel Rosa, músico e compositor nascido em Vila Isabel, ver, entre outros, Máximo e Didier (1990).

⁵⁴ Este monumento, situado no início do Boulevard 28 de Setembro, foi inaugurado em 22 de março de 1996. A partir de então esta obra está em cartões postais e num ímã de geladeira presenteado por ocasião dos 130 anos do bairro, mandado confeccionar por um conhecido vereador do local, o que pode ser entendido como um esforço para tornar a obra um símbolo do bairro. Nesse sentido, como aponta Pollack (1989:10), este monumento concorre para o “trabalho de enquadramento” da memória, pois é nos monumentos, nos museus, nas bibliotecas que “a memória é assim guardada e solidificada nas pedras”.

⁵⁵ Nas calçadas do Boulevard 28 de Setembro, desde 1964, estão as “calçadas musicais”, que são um mosaico de pedras brancas e pretas, com partituras de vinte músicas de Noel Rosa e outros compositores.



Foto 2 - Imã de geladeira em comemoração aos 130 anos de Vila Isabel
Fonte: entregue no pátio do estacionamento do Supermercado Extra Boulevard.

Dessa maneira, nascimento, vida e morte de Noel Rosa, aos 26 anos (em 1937), marcam a identidade do bairro. Na fala de seus moradores, na utilização de títulos de músicas desse compositor nos nomes dos bares e lojas comerciais (Palpite Feliz, Feitiço da Vila), no nome de um túnel e de um edifício no bairro (Noel Rosa), o samba e a boêmia são evocados. Para os moradores isto seria um sinal diacrítico do bairro, o que o diferencia de outros, como evidencia a fala de Dona Antônia, 56 anos, moradora do Morro há 33 anos, que, anteriormente, trabalhou em casa de família e, depois, morou de aluguel numa casa do bairro. Em sua narrativa, Dona Antônia personifica Noel Rosa na “estátua” do compositor, que, para ela, virou “um ponto de turismo”.

“- Ah, aqui é muito bom, Vila Isabel é muito bom, é um lugar muito bom pra se morar, em Vila Isabel, todo mundo quer morar em Vila Isabel, na terra de Noel!, exclamou Dona Antônia

- Por quê? perguntei

- Porque eu sei lá. Todo mundo acha que é uma coisa boa, todo mundo quer morar. Por que um imóvel em Vila Isabel é mais caro de que na Tijuca e de que em Copacabana? Por que o aluguel de um apartamento, uma casa em Vila Isabel você aluga por 1.400 reais? Indagou-me Dona Antônia.

- E por quê?, retornei a pergunta.

- Porque é um bairro, Vila Isabel, terra do Noel. Agora por que, vai em Copacabana, você aluga por 500, 400, e aqui por que o condomínio é mais caro do que lá nos outros lugares ?!, questionou-me.

- Por quê?, perguntei.

- Porque é Vila Isabel, terra do Noel!, exclamou, sorrindo.

- Mas vocês escutam Noel Rosa aqui?, indaguei.

- Ohhhh! Noel Rosa, a gente sempre escuta as músicas do Noel Rosa quando ele faz anos, vou na praça, faz aquela festa.

- Ah, tem festa. Quando é?

- Tem festa quando o Noel faz anos.

- E onde que é essa festa?, perguntei.

- Sabe onde é que tem o busto de Noel Rosa? Lá depois do [hospital] Pedro Ernesto tem um busto do Noel Rosa, quando você veio de lá pra cá, não tem o busto do Noel Rosa assim: “seu garçom faça o favor de me trazer depressa” [trecho da música de Noel Rosa e Vadico, “Conversa de Botequim”]?!, ele está sentado e o garçom servindo ele, ele é o Noel Rosa.

- E lá tem festa?

- Tem, ali é um ponto [de] turismo, muita gente freqüenta ali aquele pedaço ali.”

A música tem papel importante na manutenção da memória do grupo, pois, sendo gravada e registrada, torna-se um documento que permanecerá mesmo após a morte daqueles que a compuseram. Isto porque, segundo Pollack (1989: 3) a memória de certo grupo é:

“[...] uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”.

Em diversas músicas de Noel Rosa os temas da musicalidade, do bairro e da rivalidade com outros bairros e morros, principalmente aqueles que inspiram os compositores, são trazidos à tona como um dos aspectos da identidade construída, tais como nos seguintes versos: “[...]/ Fazer poema lá na Vila é um brinquedo / Ao som do samba dança até o arvoredo / [...] / A Vila é uma cidade independente / Que tira samba, mas não quer tirar patente / Pra que ligar a quem não sabe / Aonde mete o nariz? / Quem é você que não sabe o que diz?” (música “Palpite Infeliz” de Noel Rosa, 1936). Em outra música, além dos temas já citados, está presente um outro, da história oficial, o fato de a “Princesa Isabel” ter dado nome ao bairro: “[...] Lá em Vila Isabel quem é bacharel não tem medo de bamba / São Paulo dá café, Minas dá leite e a Vila Isabel dá samba / A Vila tem um feitiço sem farofa / Sem vela e sem vintém que nos faz bem / Tendo o nome de princesa transformou o samba / num feitiço decente que prende a gente / [...]” (música “Feitiço da Vila” de Noel Rosa e Vadico).

Esses elementos, que contribuem para a construção dessa identidade oficial, são os mesmos cantados na letra da música-epígrafe deste capítulo. Tal composição - escrita por Ruy Quaresma e Nei Lopes, gravada por Martinho da Vila, em 1984, no disco “Martinho da Vila

Isabel”⁵⁶, em homenagem à Escola de Samba - ao mesmo tempo em que atua na construção da identidade, legitima o intérprete e compositor Martinho da Vila, que “apesar de não ser daqui”, como frisou seu Aramias (morador do bairro há 70 anos), em nossa conversa, “adotou” o bairro e tornou-se, segundo Seu Mariano (68 anos, morador do bairro e presidente da Banda de Vila Isabel⁵⁷):

“- [...] um ícone, vamos dizer assim, de Vila Isabel. A figura mais representativa que nós temos hoje, em Vila Isabel, é o Martinho da Vila.
 - E por que ele seria representativo?, indaguei.
 - Porque ele é o Martinho da Vila! O Martinho da Vila é uma unanimidade nacional, está entendendo? [...].”

“Flor dos Tempos” é a expressão da identidade construída para o bairro, tomando, ainda, a Escola de Samba como um dos pilares dessa identidade. É neste sentido que “cantar o espaço não significa meramente reproduzi-lo, mas, sobretudo, criá-lo. A música é, pois, submetida a uma identidade” (Sulpino, 2002:111). Ela é um símbolo pelo qual a sociedade se traduz (no sentido de comunicar) e reforça tal identidade.

“[...] a música como código capaz de marcar posições de alteridade e identidade para os sujeitos sociais que se expressam por/através dela”. (Lucas, 1994:139)

Na música-epígrafe, o bairro e a Escola de Samba são localizados entre Mangueira, Salgueiro e Maracanã, Andaraí e Engenhos Novo e de Dentro⁵⁸. Encontram-se, ainda, referências a ruas e ao próprio bairro, que teria “nascido” sob o ideal abolicionista; a monumentos, como as “calçadas musicais”; a locais como o bar/restaurante Petisco da Vila; tudo isto construiria os “laços” entre os moradores do local, isto é, o sentimento de pertencimento, que estava exposto naquele primeiro *folder* em comemoração ao aniversário de Vila Isabel.

⁵⁶ Neste disco diversas músicas cantam o bairro, tendo como símbolo a Escola de Samba. Numa delas, o cantor expõem sua posição de ser de fora do bairro, colocando-se a disposição do bairro, como visto no seguinte trecho: “Boa noite, Vila Isabel / Quero brincar o carnaval / Na terra de Noel / Boa noite, diretor de bateria / Quero contar com a sua marcação / Boa noite, sambistas e compositores / Presidente e diretores / Pra Vila eu trago toda a minha inspiração / Quero acertar com o diretor de harmonia / E as pastorais o tom da minha melodia....” (música “Boa Noite” de Martinho da Vila).

⁵⁷ A Banda de Vila Isabel é uma entidade carnavalesca. Esse tipo de banda existe também fora de Vila Isabel, como a Banda de Ipanema, a Banda de Botafogo e outras.

⁵⁸ Mangueira e Salgueiro são dois morros da zona norte, próximos a Vila Isabel, que têm, cada um, uma Escola de Samba com o mesmo nome; Maracanã é o entorno do estádio de futebol; e Andaraí, Engenho Novo e Engenho de Dentro são bairros próximos.

Os “laços” são “tecidos” e reforçados em locais como o Petisco da Vila, que está situado na esquina do Boulevard 28 de Setembro com a rua Visconde de Abaeté. O local é um dos principais pontos de encontro de um grupo expressivo no bairro, constituído, em sua maioria, pelas camadas médias, que aí se reúnem nos finais de semana, nos fins de tarde e numa série de eventos realizados nesse espaço, tais como o “Dia do 171”⁵⁹, na votação para presidente da Banda de Vila Isabel, na apresentação da Velha Guarda Musical de Vila Isabel, entre outros. O bar/ restaurante coloca mesas e cadeiras na calçada, e a maioria dos eventos são realizados nessa parte de fora, quando o meio da rua e a lanchonete na outra calçada, que também tem mesas e cadeiras na calçada, permanecem lotados. Nessa esquina é realizada a concentração e o ponto de partida para o ensaio técnico, no Boulevard 28 de Setembro, da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel. O ponto de chegada e a “dispersão” do ensaio acontecem dentro da quadra da Escola de Samba, distante cerca de 150 metros dessa esquina. A Escola de Samba tem coordenadores de alas com fantasias pagas, isto é, pessoas que organizam, providenciam as fantasias para toda uma ala, mediante pagamento do interessado e que, antes e durante os ensaios, exibem e vendem um protótipo das fantasias ao público, tendo como ponto as mesas no bar/ restaurante.

Retomando os eventos realizados por ocasião das comemorações dos 130 anos do bairro, descreverei, a seguir, a “cerimônia de abertura”, promovida pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e pela Subprefeitura da Tijuca e Vila Isabel. Para além da comemoração da data, o evento ganha significado por sua colaboração na construção e reforço das identidades locais, mediante a teatralização de sua história oficial. A importância deste evento, aqui, não está apenas na forma escolhida para apresentar o bairro, mas sim nas comemorações que têm papel um importante na construção e manutenção da memória coletiva⁶⁰. Como aponta Silva (2002), as comemorações – no caso analisado pela autora, das datas nacionais, mas que

⁵⁹ Assisti ao evento realizado dia 17 de janeiro de 2005, organizado pela Banda de Vila Isabel, no qual há a eleição do “171”, isto é, a pessoa mais “malandra” do Bairro, que conta mais “estórias”, o mais “pilantra”, em referência ao artigo do Código Penal que define o crime de estelionato. Ver, em Anexo E, *A Folha do Perna – Jornal do 171*, uma espécie de jornal.

⁶⁰ Sobre as comemorações e sua relação com a história, com a memória e com as identidades sociais, ver entre outros, Portelli (1998) e Silva (2002). O primeiro autor analisa os relatos sobre um massacre de italianos, na Toscana, pelos alemães, em 1944. Aponta para uma “memória dividida”: por um lado, a memória “oficial”, composta pelos relatos oficiais, do movimento da Resistência, que comemoravam o episódio e alcavam as vítimas à condição de mártires da liberdade, e de outro, a memória “comunitária”, com os relatos colhidos das viúvas dos mortos no massacre, que diferiam da memória oficial, focalizando o luto, as perdas pessoais e coletivas, colocando a culpa do acontecido na própria Resistência. Silva (2002) analisa, a partir de Paul Ricouer, a construção de identidades nacionais durante as comemorações nacionais, tomando como exemplo as comemorações de “500 anos” do “descobrimento” do Brasil e comparando com as comemorações de outros países latino-americanos, colonizados pelos espanhóis. Aponta, ainda, para a noção de “rememoração” como “parte de um processo de elaboração individual” e a noção de comemoração, como “trabalho de construção de uma memória coletiva” (Silva, 2002:428). Jones (1982) faz uma crítica à maneira como, muitas vezes, cientistas sociais se apropriam de histórias oficiais sem considerações críticas.

servem, aqui, para pensar a comemoração de aniversário do Bairro de Vila Isabel e, como será visto adiante, do aniversário de 20 anos do Centro Comunitário Maria Isabel – relembram a história que foi oficializada, como aquelas contadas, tanto por ocasião dos 130 anos do bairro, como dos 20 anos do Centro Comunitário Maria Isabel. Cabe lembrar que: “A história oficial [...] é uma memória coletiva oficializada, ou seja, uma memória ideológica, em vez de ser uma memória criticada” (Silva, 2002:437). É dessa maneira que tais comemorações assumem o sentido, ainda, de manutenção da memória coletiva e oficial, necessária à preservação (e construção) das identidades sociais.

Assim, é possível perceber um outro elemento fundamental nessa construção dos eventos: a memória. Esta é relacional e seletiva, pois recordar é ressignificar, é reinterpretar no hoje os acontecimentos do passado; a ressignificação vai depender do desenrolar que os fatos tiveram, bem como de outros que aconteceram posteriormente. A pessoa (ou o grupo), ao relatar um acontecimento no hoje, recorda não somente aquele evento isoladamente, mas sim o faz relacionando com sua própria trajetória (Halbwachs, 1990).

Nesse sentido, abordar o tema da história – e das comemorações dessa história – tem a ver com a forma como a memória é construída e conservada, e, mais, está relacionada com qual memória está sendo preservada e de que maneira. Assim, a história oficial, relembrada nas comemorações, preserva uma memória oficial, das instituições e celebrações dos grandes feitos e dos grandes homens, tal como cristalizadas em livros, numa vasta literatura publicada sobre o bairro⁶¹ e expoentes gabaritados (no caso aqui, o subprefeito da Tijuca e Vila Isabel; o bisneto do Barão de Drummond, que inclusive entregou aos participantes do evento uma cópia da lei do Ventre Livre; um dos poetas reconhecidos no bairro; o comerciante bem-sucedido, entre outros), isto é, alguns moradores, do passado e do presente, vistos como representantes dessas instituições. Dessa maneira, a história tornada oficial fixa uma versão dos acontecimentos.

Cabe salientar que a história oficial é aquela contada e escrita por grupos que detêm meios e poder de fixar sua visão de mundo, que é veiculada por meio de obras bibliográficas

⁶¹ Os livros a que me refiro são: Borges e Borges (1987); Anuário de Vila Isabel 95 (1995); Blanc (1996); Aragão (1997); e no site www.vilaisabel.com.br. O texto de Gaspar (2003) expressa o imbricado de sua experiência nativa com a produção acadêmica. Ainda sobre a história de Vila Isabel ver, entre outros, DaMatta e Soárez (1999) especialmente no que se refere à origem do jogo do bicho. Ainda, há uma produção musical construindo essa história, como as músicas de Noel Rosa e Aldir Blanc, entre outros. Sobre Noel Rosa, ver, entre outros, Máximo e Didier (1990). Outros autores que abordaram a história do bairro, contribuindo para a construção e oficialização dessa memória, são Cruls (1965); Maurício (s/d); Lions Clube RJ Vila Isabel (1979). Essa produção de livros, assim como aponta Leroi-Gourhan (1983), faz parte de uma memória material que fornece um recurso ao homem, isto é, por meio de fichários, bibliotecas, a memória coletiva fica “guardada” para ser utilizada pelo homem quando este necessitar.

que oficializam, tornando hegemônica, essa história que, no entanto, é construída por homens de determinado período, fixando a sua visão, de seu grupo, sobre os fatos acontecidos, sem problematizar ou levar em consideração a coexistência de outras versões tão “verdadeiras” e significativas quanto esta que se tornou institucionalizada. Essa história é construída por intermédio de documentos, que registram as ações e interações dos “grandes homens”, dos vencedores.

No entanto, como meu objetivo aqui não é histórico, mas, sim, antropológico, por isso não tomo a distinção entre memória oficial e não oficial como falsa e verdadeira, mas como informando diferentes representações dos acontecimentos. Essas histórias e memórias – oficiais e não oficiais - aqui narradas, ora reinventadas, ora reforçadas, interessam pelas representações que carregam e pululam no cotidiano dos moradores.

Dessa maneira, como aponta Costa (1998)⁶², uma das facetas da questão é a seleção das memórias, que atua no processo de construção da história e das identidades sociais.

“Importância relativa de certas memórias partilhadas socialmente na construção de formas de identidade cultural de tais coletivos e, correlativamente, na construção das relações sociais que lhe estão ligadas” (Costa, 1998: 41).

Por fim, este evento interessa, ainda, para visualizar as redes sociais, isto é, diversas pessoas que participaram dele estavam presentes em outros momentos da pesquisa. A importância é flagrante, porque essa história é repassada nas redes de relações sociais, redes essas que partem, chegam e atravessam o Centro Comunitário, foco da presente tese (Pollack, 1989). Um exemplo disso foi o patrocínio do Bloco Balanço do Macaco pelo Subprefeito da Tijuca e Vila Isabel, na condição de candidato na campanha política de 2004; outro exemplo é a Presidente do Centro Comunitário, que foi homenageada no evento.

Passo, agora, à descrição da “cerimônia de abertura dos eventos”, entremeando com outros acontecimentos e dados construídos de outros materiais.

No dia 26 de setembro de 2003, no final da tarde, fui assistir ao evento de comemoração dos 130 anos de existência do bairro de Vila Isabel, realizado no auditório do Instituto Pão de Açúcar, situado no pátio do Supermercado Extra Boulevard⁶³.

⁶² Este autor aponta para a importância da memória na construção da identidade do bairro da Alfama em Lisboa, referenciados patrimonial e historicamente.

⁶³ O Instituto Pão de Açúcar de Desenvolvimento Humano, segundo o site da empresa, foi fundado em 1998, e é “o agente de investimento social do Grupo Pão de Açúcar”, que é uma rede varejista (disponível em <<http://>

Quando cheguei ao auditório, este estava fechado, fiquei aguardando em frente. Na casa em frente do auditório, sede do Instituto Pão de Açúcar, onde acontecem as atividades – oficinas e aulas diversas, como informática, música e pintura -, havia uma pequena movimentação de pessoas entrando e saindo.

Aos poucos, outras pessoas que iriam assistir ao evento foram chegando e uma pequena fila formou-se próxima à porta do auditório. Iniciei uma conversa com um casal de idosos acompanhados por uma senhora. Elas eram irmãs e o senhor, esposo de uma delas. O casal me disse: “foi aqui onde tudo começou, no Jardim Zoológico e na Fábrica Confiança, que aqui é da Fábrica Confiança”. O Supermercado e o Instituto Pão de Açúcar ocupam as instalações que pertenceram à Fábrica de Tecidos Confiança, inaugurada em 1885 e mantida em funcionamento até 1964 (Borges e Borges, 1987). No quarteirão em frente e naquele ao lado do pátio do supermercado está a Vila Operária, um conjunto de casas construídas, na época, para abrigar os trabalhadores da fábrica.

Quanto a sua participação no evento, o casal e a senhora disseram: “nós viemos prestigiar, a gente mora no bairro”. As irmãs moram em Vila Isabel desde 1953; comentaram que ouviram o anúncio da comemoração do aniversário do bairro, nesse dia, no “carro de som” que circulava pelas ruas e num canal de televisão. Próximo de onde estávamos, uma senhora dizia para outras que o Barão de Drummond⁶⁴ ficou conhecido pelo zoológico e pelo jogo do bicho, e afirmava a necessidade de o evento ser “prestigiado”.

Depois de alguns minutos de espera, a porta do pequeno auditório foi aberta. Entramos e nos sentamos. No desenrolar do evento percebi que a platéia era composta, principalmente, pelos familiares e amigos dos jovens membros da Orquestra Pão de Açúcar⁶⁵, por aqueles que seriam homenageados e seus familiares, por funcionários da Subprefeitura. Outras pessoas, como aqueles idosos com quem conversei antes de entrar no auditório, vieram “prestigar” o evento.

⁶⁴ www. Institutopadeacucar .com.br /interno .asp? canal = conheca &id =oqueue>. A fundação deste Instituto está dentro das políticas de “responsabilidade social”, motivadas pela internacionalização da economia e surgidas “num contexto no qual há uma crise mundial de confiança nas empresas” (Rico, 2004: 74). Muitos dos conceitos e propostas da “responsabilidade social” empresarial advêm da Organização das Nações Unidas (ONU). A Casa de Vila, inaugurada em 2001, é a sede do Instituto Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, que possui outras sedes em São Paulo (quatro), Distrito Federal (uma) e Ceará (uma). (disponível em <http://www.institutopadeacucar.com.br/interno.asp?canal=casas&id=vila_isabel>).

⁶⁵ Encontrei o nome do Barão escrito de duas maneiras “Drumond” e “Drummond”, assumo a segunda, pois seu bisneto tem o sobrenome escrito dessa forma.

⁶⁶ Esta Orquestra está inserida no programa de “responsabilidade social” do Grupo Pão de Açúcar, como visto acima e faz parte, no Rio de Janeiro, do “Acordes da Vila”, que, segundo informações do site da empresa “o Acordes da Vila é um programa de ensino musical com duração de dois anos que tem como objetivo a formação da Orquestra Pão de Açúcar de MPB do Rio de Janeiro.” (disponível em <http://www.institutopadeacucar.org.br/interno.asp?canal=programas&id=acordes_vila>).

Os jovens que participam da orquestra, meninas e meninos, ‘brancos’ e ‘negros’, estavam sentados em seus lugares no palco, todos vestiam camiseta preta com o símbolo do Instituto, em branco.

Conforme as pessoas entravam no auditório, os organizadores pediam aos mais jovens que fossem se sentar na parte superior e os adultos eram encaminhados para se sentarem na parte de baixo. Nas cadeiras das duas primeiras fileiras havia uma folha com o escrito “reservado”; cada pessoa que chegava para sentar nelas, principalmente homens, cumprimentava todas as outras que já estavam ali, não apenas um cumprimento formal por estarem compartilhando a mesma situação, mas parecia que se conheciam previamente. Havia, nessa parte, dois oficiais fardados do Corpo de Bombeiros e um da Polícia Militar.

Passados alguns minutos, um homem de meia idade chegou e saudou todas as pessoas das duas primeiras filas e depois passou em todas as outras, cumprimentando as pessoas. Àqueles que estavam na ponta de cada fila, ele estendia a mão e dizia, extendendo aos outros: “boa noite, obrigado pela presença”. Mais tarde, durante seu discurso, soube que ele era o Subprefeito da Tijuca e Vila Isabel. Alguns meses mais tarde, eu o encontrei, acompanhado da mestre de cerimônias deste evento, em dois ensaios do Bloco Balanço do Macaco, na quadra do CIEP, no morro. Nesse momento, ele estava não na posição de Subprefeito, mas na de patrocinador do bloco. Em muitas camisetas do bloco tinha, na parte posterior, a seguinte frase: “Apoio Lúcio Herbert. De galho em galho, balançando nos 10 anos do Balanço do Macaco” – tema do bloco no ano de 2004. Além das camisetas, o patrocínio incluiu, segundo o presidente do bloco, o churrasco que acontecia junto ao ensaio e do qual participavam, principalmente, os integrantes da bateria do bloco e seus dirigentes. Nas últimas eleições municipais, em 2004, ele foi eleito vereador, tendo Vila Isabel como uma de suas bases eleitorais.

Voltando ao auditório, pouco depois, uma mulher, vestindo calça social e blazer preto por cima da camiseta do Instituto, foi até a frente da platéia e perguntou se algumas pessoas estavam ali, entre elas a Presidente do Centro Comunitário do Morro Parque Vila Isabel. Ela não estava. A mulher, posteriormente foi a mestre de cerimônias.

Depois disto, a anfitriã, diretora do Instituto Pão de Açúcar, subiu ao palco e deu abertura ao evento: “é uma honra estar participando dessa festa”. Referiu-se ao bairro de Vila Isabel como um “bairro histórico”, que tem “tradições, mitos, lendas, orgulho”. Disse que o Instituto Pão de Açúcar restaurou a casa onde está instalado, pois ela “é referência histórica”. Segundo, ainda, a diretora do Instituto, o trabalho desenvolvido por eles é na “área social, de educação para crianças e jovens” e seus objetivos são “a transformação da sua vida, da sua

família e esperamos também da sua comunidade”. Sua fala remete às ações civilizatórias que são empreendidas por empresas dentro daquilo que eles chamam “responsabilidade social”. Essas ações podem ser consideradas civilizatórias porque pretendem “transformar” a vida das pessoas, por meio da “educação”. Além disso, seu discurso, nesse momento, reportava a uma publicização da atuação da empresa no campo social⁶⁶. Cabe referir que essas ações e sua publicidade estão dentro de uma lógica da reciprocidade, pois quando os empresários “aderem” a uma “causa social” a marca de sua empresa recebe o rótulo de “empresa-cidadã”, de empresa “preocupada e consciente”. Esta qualificação, atrelada à marca da empresa, tem reflexos numa parcela considerável dos consumidores, aqueles também preocupados com essas “causas sociais”, como parte da classe média engajada ou simpática às ONGs que, atualmente, buscam consumir produtos dessas empresas, os quais seriam mais “confiáveis” (Garcia, 1997). A anfitriã, terminando sua fala disse: “[essa] é uma noite de festa, de celebração. Muito obrigada”.

Depois ocorreu a apresentação teatral da dupla “As Velhas da Vila”, que contaram e encenaram a história oficial do bairro. Os atores, dois homens representando duas “velhas”, com 130 anos, usando vestido comprido, perucas brancas, óculos e maquiagem, encarnavam a idade e traziam à memória a história de Vila Isabel, numa linguagem cômica, às vezes contando piadas, como recurso de fixação dessa memória. Embora o evento não tenha sido visto e ouvido por todos os moradores do bairro, os *folders* e os eventos que tiveram lugar nesse período também contribuíram para a circulação e o reforço dessa história. Dessa maneira, a peça teatral participou do trabalho de construção de uma memória coletiva, tendo como base a história oficializada. A narrativa foi iniciada ressaltando a musicalidade e a “beleza” local, da seguinte maneira:

“Em 3 de janeiro de 1872, a Vila Isabel quando nasceu, não nasceu chorando, já nasceu cantando. Era a Fazenda do Macaco, lugar tão belo e tão

⁶⁶ Segundo Garcia (1997:66-69) o ideário da “responsabilidade social” inclui a noção de que “empresários atentos às questões sociais são empresários conscientes e modernos”. Embora esta “idéia não seja original”, ganha novos contornos a partir da década de 80 e, particularmente, da década de 90 por incluir um “apelo retórico” que transformaria os considerados “pobres, carentes, desvalidos, deficientes, inaptos, marginais” em “cidadãos” e, por sua, vez a própria empresa se tornaria uma “empresa-cidadã”. Ainda, embora as ações voltadas para a “promoção e resgate da cidadania” tenham “uma conotação disfarçada que pode repor a lógica de controle e disciplinamento” também “indica uma maior assimilação das conquistas políticas e sociais que os setores populares alcançaram”. Por fim, “a estratégia de publicização das suas atividades sociais, através do sistema de premiações” faz parte do ideário da “filantropia empresarial”. Segundo Costa (2003:148), as empresas implementam ações sociais e uma “gestão participativa” e com isso almejam “aumentar a produtividade de seus empregados e torná-los mais comprometidos com o trabalho” e ainda “obter o reconhecimento da sociedade em relação aos projetos sociais das empresas”, que estariam “preocupadas com a questão ambiental, a saúde, a educação, a cultura, etc., que assumem, assim, parcelas da dívida social”.

exuberante que Dom Pedro deu de presente para a princesa Amélia, sua segunda esposa. Antes de ser vila foi uma princesa. Aí fizeram um levantamento cartográfico da fazenda e indicaram a principal rua: a do Macaco [o Caminho do Macaco], que hoje é a Boulevard”.

O Boulevard 28 de setembro, segundo Borges e Borges (1987:24), recebeu o nome Boulevard devido à imagem que o arquiteto queria lhe imprimir, a “semelhança com as avenidas francesas”; a data que completa a denominação da avenida é uma menção ao dia em que foi sancionada a Lei do Ventre Livre, 28 de setembro de 1871. O Boulevard 28 de setembro, como visto anteriormente, é a principal via de acesso ao bairro e de passagem para outros diversos locais, o que é visto por alguns moradores como um problema, devido aos grandes congestionamentos nos horários de maior circulação de carros. É nesta avenida que estão localizados os principais pontos do comércio, como lojas de móveis, roupas, automóveis, farmácias, salões de beleza, galerias, padarias, bares, restaurantes, lanchonetes, hospital, escolas, bancos, a Escola de Samba, um Clube, Igrejas, entre outros. Há, ainda, em cima da maioria das lojas comerciais, apartamentos residenciais, bem como prédios apenas reservados a habitações particulares. Como já referido, nessa avenida aconteceram os ensaios técnicos, em 2004 e 2005, e a comemoração da conquista do primeiro lugar no grupo de acesso, em 2004, da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, bem como os desfiles da Banda de Vila Isabel, do Bloco Balanço do Macaco e dos blocos carnavalescos locais, como pude assistir durante os dias do Carnaval de 2004 e 2005.

“A 28 de Setembro, se você pegar ela do início até o final você vai encontrar 12 farmácias e é uma avenida pequena! Não é uma avenida grande. Bares, em todas as esquinas tem um bar; bancos, todos eles estão também sediados aqui na 28 de Setembro [...]. Pelo fato de ser uma via que liga a, vamos dizer assim, Jacarepaguá⁶⁷, então o trânsito na 28 de Setembro é muito intenso, acho que o único problema seria o trânsito de Vila Isabel”. (Seu Mariano, 68 anos, há 30 mora no bairro).

Seguindo a história contada no evento de aniversário do bairro, os atores disseram: “A Fazenda virou Bairro quando João Batista [o Barão de Drummond] projetou um bairro – um bairro com avenidas modernas, iguais às de Paris e construiu uma estrada de ferro até o Centro da Cidade.[...] Se chama Vila Isabel em homenagem à Princesa Isabel.”

⁶⁷ Jacarepaguá é um bairro na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Um dos acessos a esse bairro pode ser feito pela Estrada Grajaú-Jacarepaguá, que se inicia próximo ao Morro dos Macacos.

Segundo Maurício (s/d) e Borges e Borges (1987), a “homenagem” estaria relacionada ao fato de a Princesa Isabel ter sancionado a Lei do Ventre Livre. Ainda, as primeiras ruas do bairro ganharam seus nomes devido à honraria que teria sido prestada ao movimento abolicionista, entre elas, as ruas: Conselheiro Nabuco, Torres Homem, Visconde de Abaeté, Souza Franco, entre outros. Durante o evento, o bisneto do Barão de Drummond (fundador do bairro) distribuiu um folheto com a cópia da Lei do Ventre Livre, no qual há uma menção a essa deferência: “O Barão de Drummond, deliberadamente, ao criar em sua fazenda, o novo bairro (1873) consagrou a Lei do Ventre Livre em seus nomes, no Boulevard, nas ruas, transformando Vila Isabel em monumento do ideal abolicionista, fato histórico que se comemora em 2003” (ver Anexo D).

Segundo Gerson (1959), João Batista Viana Drummond, tornou-se o Barão de Drummond por ter libertado seus escravos antes da Lei Áurea. Como visto, a data da assinatura da Lei do Ventre Livre, 28 de setembro, que é tomada como a data oficial de aniversário do bairro, foi a escolhida dentre outras possíveis, como: 3 de janeiro de 1872, a data do projeto; 6 de março de 1873, quando a planta urbanística foi aprovada; fevereiro de 1874, época em que os primeiros lotes foram vendidos. Essas datas dão origem a outras versões sobre a criação do bairro, pois, segundo Borges e Borges (1987), a data do projeto seria a “data verdadeira da criação do bairro”.

Nesse sentido, versões concorrentes também apareceram quando, nesse mesmo período, alguns dias antes das comemorações, fui conversar com seu Aramias, um senhor ‘branco’, baixo e magro, com 80 anos, morador de Vila Isabel há 70 anos. Eu o havia conhecido alguns meses antes, quando passava em frente ao bar/restaurante Petisco da Vila e vi uma grande movimentação em torno de uma mesa, sobre a qual havia uma urna. Aproximei-me e perguntei à senhora que estava em torno da mesa o quê estava acontecendo e ela me disse que estava sendo realizada a eleição para a diretoria da Banda de Vila Isabel⁶⁸. Eu lhe expliquei que estava fazendo uma pesquisa sobre Vila Isabel e por isso estava interessada; ela, então, me apresentou a um senhor que estava sentado atrás da mesa, que por sua vez me apresentou ao seu Aramias, dizendo que seria ótimo se eu conversasse com ele, pois ele “sabe tudo” sobre Vila Isabel. Assim, os dois escreveram num guardanapo os seus telefones.

Quando telefonei para seu Aramias, o fiz com o intuito de entrevistá-lo. Ele aceitou conversar e marcamos de nos encontrar, de acordo com sua escolha, no bar/restaurante

⁶⁸ Nessa eleição Seu Mariano foi eleito presidente da Banda de Vila Isabel.

Petisco da Vila. Minha entrevista com seu Aramias não foi gravada, porque quando cheguei, nos sentamos em uma mesa dentro do bar, ele pediu chopes para nós e disse-me que falaria sobre o que eu quisesse saber, mas “informalmente”. Dentre os diversos assuntos que abordamos e pessoas que ele me apresentou – como o gerente do restaurante, um músico-compositor local, um empresário –, ele me disse que a data de comemoração do aniversário do bairro, 28 de setembro, “não tem a ver com o dia de fundação da rua e do bairro”, que, segundo ele, seria “4 de abril”. No entanto, “resolveram” deixar como a data de aniversário o dia em que foi assinada a Lei segundo a qual todos os filhos nascidos de escravos seriam “livres”, “embora haja controvérsias”, como assinalou Seu Aramias. Essas “controvérsias” colocam em jogo a memória e a história oficial construída para o bairro.

Outro aspecto da história oficial do bairro, que contribui para a distinção feita nas músicas e pelos próprios moradores frente a outros bairros da cidade, é que Vila Isabel seria o primeiro bairro residencial “planejado”, “projeto” da cidade, como apontam DaMatta e Soárez (1999). O projeto foi feito pelo engenheiro Bittencourt da Silva para a “Companhia Arquitetônica”, cujo proprietário era o próprio Barão de Drummond e seus diretores Temístocles Petrococchino, Barão de São Francisco, e Bezerra de Menezes, os quais, atualmente, emprestam seus nomes às ruas do Bairro. Hoje, Barão de Drummond é o nome oficial da principal praça do lugar, conhecida e ainda chamada por muitos moradores de Praça Sete, em alusão ao antigo nome oficial, que era Praça Sete de Março.

“Se a Tijuca e o Engenho Velho surgiram, por assim dizer, naturalmente ou ao acaso, assim já não foi a Vila, porque esta, à maneira do Grajaú depois, apareceu nos mapas do Rio como aparecem as casas nas ruas, previamente projetados pelos arquitetos”. (Gerson, 1959:340)

Já a “estrada de ferro”, a que se referiram as “Velhas da Vila”, é aquela pela qual os bondes da “Companhia Ferro-Carril de Vila Isabel”, também pertencente ao Barão de Drummond, começaram a circular, ligando Vila Isabel ao Centro da Cidade, em finais de 1873. Dessa maneira, como apontou Abreu (1997), é destacada a associação bonde-loteamento, isso é, com o desenvolvimento da malha ferroviária, outros locais começam a ser habitados e a cidade expandida. O bonde foi recordado por moradores idosos do Morro dos Macacos, que, nas entrevistas que eu havia realizado com eles antes desse evento, disseram que utilizavam esse meio de transporte quando vieram morar no Morro.

“- Quando eu cheguei aqui tinha bonde, os bondes passavam assim em frente a pracinha, tinha um ponto do bonde em frente a pracinha. Depois chegaram

esse muro do parque, ele foi afastado, chegaram ele pra traz e ficou a rua; essa rua, ela vem de lá e faz assim, contou-me Dona Guilhermina.

- E o bonde ia pra onde?, perguntei.

- O bonde ia lá pro Lins, tinha um bonde que ia pro Méier, tinha o bonde Lins, ele fazia rodo no Lins [voltar, circular]; no Méier fazia rodo no Méier, fazia rodo lá e voltava; e tinha o bonde Uruguai, ele ia e fazia rodo ali em frente à estação do Engenho Novo, ele entrava na rua, lá fazia o rodo, saía aqui na Barão do Bom Retiro aí entrava aqui no Petrococchino e ia embora lá pra Tijuca. E tinha o Aldeia Campista, também, que vinha de lá e passava aqui [...] e descia, vinha da Tijuca e fazia o rodo aqui na pracinha, explicou-me Dona Guilhermina

- E para o Centro da cidade, tinha algum?, indaguei.

- O Lins ia até a Praça XV, de lá voltava, respondeu-me Dona Guilhermina”. (Dona Guilhermina, 74 anos, há 51 mora no morro)

“- Como é que o senhor fazia para ir nesses bailes na cidade?, perguntei.

- [...] Na época [você] estava muito novinha para ter alcançado o bonde!, exclamou Seu João Lucas.

- É, não é da minha época, comentei.

- Não é mesmo. Eu ía de bonde, afirmou.

- O senhor ia de bonde?, perguntei.

- Ia de bonde. E o carnaval, a maioria do carnaval era tudo no bonde, recordou Seu João Lucas.

- O carnaval era no bonde?, perguntei.

- No bonde, é! Aquela cantoria. Era tudo no bonde!, contou-me Seu João Lucas [...]. (Seu João Lucas, 89 anos, há mais de 50 mora na favela)

“- Irene, você vinha do Lins, vinha pelo Cabo sul lembra?, perguntou Floriana.

- Claro, eu trazia água boa pra minha mãe, eu andava muito de bonde, peguei até no Cine Cardoso, lembra do cine Cardoso?, falou Irene.

- Isso tinha uns 40 anos, recordou Floriana.

- Era bom, não é?!, exclamou Irene.

- A senhora conheceu o carinhoso?, indagou Floriana.

- Conheci, era muito velho, disse Irene.

- Conheceu o quê?, perguntei.

- Era um bonde que só carregava assim, trouxa e roupa, mala, pessoal com embrulho ele era o mais barato. Ah, eu adorava, eu ia pra escola nele, explicou-me Irene.

- Ele carregava muita gente, disse Floriana.

- A maioria não pagava, comentou outra senhora”. (Conversa entre idosas moradoras do Morro, em entrevista em grupo)

Retornando ao evento, com o desenvolvimento da narrativa histórica oficializada eu me lembrava, especialmente, de dois livros sobre Vila Isabel. Parecia que eu estava vendo diante de mim a encenação dos livros, pois a história narrada é a mesma escrita, o que reforça a manutenção da preservação da memória e da história institucionalizada e o esforço de

“manter intactas a cultura e a simbologia” do bairro, tal como visto naquele primeiro *folder*. Os livros são: *A Vila de Isabel e Drummond a Noel* (Borges e Borges, 1987) e *Vila Isabel, terra de poetas e compositores* (Aragão, 1997). O primeiro livro busca uma legitimação acadêmica quando a apresentação é feita por um historiador, Marcelo de Ipanema, e, segundo as intenções dos autores, pai e filha, moradores do bairro vizinho – Grajaú - o livro foi escrito para “recuperar e divulgar a história de Vila Isabel”. Já o segundo é praticamente uma síntese do primeiro, acrescidos os interesses de divulgação de “personalidades” que são vistas pela escritora Nilde Hersen Aragão - proprietária da Editora Conquista e ex-presidente da União dos Comerciantes de Vila Isabel (UCOVI), falecida em 2002 - como merecedoras de destaque por sua atuação no Bairro. São “personalidades” que marcadas hoje, entram para a história oficial e serão recordadas, tanto no evento de aniversário do bairro, quanto posteriormente, quando o livro for lido e, talvez, na memória dos indivíduos estes nomes tenham sido esquecidos. Nesse sentido, a publicação é também um esforço contra o esquecimento.⁶⁹ Os dois livros, dentre outros publicados, registram, marcam e cristalizam uma memória e uma história, assim como as músicas analisadas acima, pois tornam-se documentos, são institucionalizados (Pollack, 1989).

Outros elementos constituintes da história oficial do bairro são o Jardim Zoológico e o Jogo do Bicho. Na narração da dupla de atores, durante o evento, foi frisado que Vila Isabel abrigou o primeiro Jardim Zoológico da cidade. Segundo Borges e Borges (1987) e Cruls (1965), o zoológico foi fundado pelo Barão de Drummond em 1888, funcionou aí até 1940, quando foi vendido ao governo e fechou. Da sua inauguração até 1889, o Jardim Zoológico funcionou com subvenção do governo, sendo esta suspensa com a Proclamação da República. Conforme Maurício (s/d), Cruls (1965) e DaMatta e Soárez (1999), com o intuito de arrecadar fundos para manutenção do zoológico o Barão cria, em 1892, um sorteio envolvendo os animais - chamado o “sorteio do bicho” - numa adaptação do “jogo das flores” existente no Centro da Cidade. O visitante comprava o ingresso de entrada no zoológico, no qual vinha impresso um bicho com o qual ele concorria, no final do dia, a um prêmio. Decorrido algum tempo, o visitante passou a escolher o animal que queria, o que permitiu ao governo caracterizá-lo como um “jogo de azar”. Posteriormente, extrapolando os muros do Jardim Zoológico, o jogo se espalhou pela cidade e foi proibido oficialmente em 1895.

No dia do evento, conversando com Vida Luzia, 65 anos, há 50 morando no bairro, ela me disse que sua avó lhe contava muitas histórias sobre o bairro e sobre o Barão de

⁶⁹ Douglas (1998) faz uma reflexão de como as instituições sociais atuam na preservação da memória “pública”, definindo quem será “definido para a posteridade”, quem “desaparecerá e depois de quantas gerações”.

Drummond, que ela teria conhecido. Segundo uma dessas histórias contadas por sua avó, o Barão ficava na janela/varanda de seu sobrado e dizia aos transeuntes: “peguem a pá e vão trabalhar” e as pessoas tinham que adivinhar que bicho ia dar, “esse era o pavão”, revelou-me a charada Vida Luzia.

No local onde era o Jardim Zoológico, desde 1967 é o Parque Recanto do Trovador, nome este pouco conhecido pelos moradores do Morro Parque Vila Isabel, situado atrás dele. Os moradores o denominam apenas “parque”. Dona Anastácia, presidente do Centro Comunitário Maria Isabel, e Dona Guilhermina, moradora do Morro, recordam, nas entrevistas que me concederam alguns meses antes do evento de aniversário do bairro, que:

“Quando acabou o antigo Jardim Zoológico, aqui ficou sendo um Parque Viveiro, aqui tinha mudas de planta que saía pra vários lugares, era da Prefeitura. Então, tinha uns guardas que tomavam conta desse parque, tinha as pessoas que trabalhavam na jardinagem. Ali era um núcleo da Prefeitura, que saía os jardineiros pra podar árvores.[...] Isso tudo aqui era Jardim Zoológico, onde nós estamos hoje era Jardim Zoológico”. (Dona Anastácia, 66 anos)

“- Ah, o Parque sempre foi assim igual ele é ali, mas só que ele não era assim um ermo igual ele tá agora, porque a gente ia pra lá, levava criança pra brincar [...] e as crianças brincavam, estudavam no parque, tinha luz, fechava sete horas da noite. Até sete horas ele ficava aberto, aí era seis e meia, sete horas, fechava, que tinha luz, brinquedo; depois tirou brinquedo, aquele lago ali não cuidaram mais, ele tinha peixinho, tudo ali. Aí o lago ficou assim seco, secaram ele, não puseram mais nada, não cuidaram dele, agora o parque anda aí, meio deixado aí, não dá pra brincar, as crianças [...] Só tem, em frente ali, aqueles brinquedinho, isso porque é ali na frente da rua, mas pra cá não tem mais nada [está] vazio, ninguém vai ali mais com medo de ficar ali, naquelas parte ali [...], contou-me Dona Guilhermina.

- E quem é que cuidava antes?, perguntei.

- Era a Prefeitura, esse pessoal que trabalhava para Prefeitura, eles capinavam, limpavam aí dentro, via o negócio da água, a saúde pública, vinha botar remédio na água, tinha uns guarda vigilante aí dentro, dormiam aí dentro, trabalhando. Agora não tem mais nada, fechou o parque, acabou, está entregue aí”. (Dona Guilhermina, 74 anos)

Durante o evento, o Subprefeito anunciou a edificação da Vila Olímpica de Vila Isabel no antigo Jardim Zoológico, para “dar uma vida para aquela área que hoje está ali meio abandonada e a gente precisa revitalizar”. Em 2004, tiveram início as obras para a construção da citada Vila Olímpica, ocorrendo uma transformação de grande parte do Parque, que é uma

área de proteção ambiental de 7,7 hectares⁷⁰. Como visto no primeiro capítulo, ele está localizado na frente do Morro.

Voltando à dupla de atores, depois de narrar a história institucionalizada de Vila Isabel, passaram à “cerimônia de entrega das comendas” para as “personalidades” do bairro. Para condecorarem as *personas* Barão de Drummond, Bittencourt Silva e a Princesa Isabel, a dupla escolheu aleatoriamente pessoas na platéia e lhes entregavam uma insígnia; essas pessoas, então, momentaneamente passavam a ser a representação daquelas (Mauss, 1999 [1929]). Após a “cerimônia” continuaram a falar do lugar: “Vila Isabel sempre foi um bairro muito agradável. Esse bairro está cada vez mais bonito”.

Além de buscarem fixar as “personalidades”, a dupla citou instituições, atuais e do passado, consideradas importantes para a construção da história local, entre elas a Associação Beneficiadora de Vila Isabel; o Hospital Municipal Jesus, que é pediátrico, para o qual a platéia bateu palmas; a Fábrica Confiança; a Associação Atlética; o Corpo de Bombeiros; e o Lions Club.

E saudaram o bairro, trazendo à memória Noel Rosa e os sinais diacríticos da identidade local, como vistos acima: “A Vila da boêmia, a Vila do samba nunca vai acabar, está cada vez mais bamba”. Enquanto falavam, fizeram uma apresentação de dança, samba, com marionetes. Os bonecos dançarinos eram ‘negros’.

Remetendo, ainda, ao viés identitário boêmio do bairro, fizeram uma homenagem ao sambista Martinho da Vila, disseram “eu [o] vi na barriga da mãe, sempre foi um garoto sapeca, levado, mas uma ótima pessoa”. Os atores pediram que o maestro subisse ao palco e anunciaram: “Uma pessoa que veio homenagear o Martinho, da Mangueira, e eu disse que não podia homenagear o Martinho porque você não é da Comunidade de Vila Isabel, a comunidade de Vila Isabel é azul e branco: Jeremias Pagodão para homenagear Vila Isabel [e apresentaram uma marionete ‘negra’, que dançava ao som de algumas músicas do cantor]. Tivemos que aceitar essa homenagem, não é azul e branco, mas é uma homenagem”. Martinho da Vila, atualmente, é o presidente de honra da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel.

Encerrada a performance das “Velhas da Vila”, o maestro tomou seu lugar à frente da Orquestra Pão de Açúcar de MPB e fizeram sua apresentação. Em frente ao palco, dois pares dançavam.

⁷⁰ Sobre o Parque Recanto do Trovado, ver, Notas técnicas nº 8 e 9: Tijuca/Vila Isabel e Leopoldina, publicado em Rio Estudos nº 98, abril 2003.

Após o espetáculo, o Subprefeito da Tijuca e Vila Isabel, subiu ao palco. Do teto do auditório, desceu uma tela escura e ele proferiu seu discurso, exaltando os símbolos da identidade oficial do bairro: “Boa noite, obrigado pela presença. A casa está cheia. São muitos os cantos e encantos da Vila; o berço da boemia carioca; do chope, samba e batucada”. Citou, ainda, os elementos que teriam feito parte da história do bairro: “índios, escravos, jesuítas, nobreza Imperial; Barão de Drummond e Noel Rosa”. Recordou a cristalização da “memória e identidade cultural [com] as calçadas musicais em pedras portuguesas, o Recanto do Trovador, o antigo Colégio João Alfredo, em estilo neoclássico, a Escola Argentina, em *art déco*; bens valiosos; 11 prédios tombados”. Disse que Vila Isabel é “um dos bairros tradicionais, mas que também sofre os efeitos da vida urbana, sem dúvida a violência, a insegurança tirou um pouco o brilho da boêmia”. Comentou, mostrando, através do telão, numa espécie de prestação de contas, as ações e projetos realizados pela Prefeitura e Subprefeitura na região. O evento, dessa maneira, além de contribuir para a manutenção e preservação da história e da memória oficiais, estava inserido na arena política, com a promoção das ações do poder público municipal.

Na projeção, o Subprefeito mostrou, ainda, dados estatísticos sobre o bairro. Conforme as cifras, há, em Vila Isabel, 81.831 habitantes; cem ruas, três avenidas, seis travessas; algumas praças; quatro comunidades; doze escolas públicas; 27 escolas particulares; 21 igrejas; onze agências bancárias; três clubes; sete cinemas (no *Shopping Iguatemi*), numa área territorial de 3,07 km². Quanto aos dados populacionais, segundo Borges e Borges (1987), havia no bairro, em 1906, 20 mil habitantes; de acordo com o Anuário Estatístico 95/97, havia, em 1991, 84.209 habitantes e em 1996, uma população de 80.838 pessoas. No senso do IBGE de 2000, o bairro aparece com 81.858 habitantes; destes, 70.012 moram em ruas do bairro e 11.846 nas favelas locais, que segundo o IBGE são três – às quais me deterei mais adiante. Relembrou que o bairro pertence à IX Região Administrativa - Vila Isabel -, juntamente com os bairros Maracanã, Grajaú e Andaraí (Anuário Estatístico 95-97), situados na zona norte carioca.

Após a apresentação dos dados, das ações e dos projetos da Prefeitura e da Subprefeitura, o Subprefeito disse que tinha uma “missão muito especial”, que era “fazer homenagem a um time de primeira, pessoas que enriqueceram a vida cultural do bairro” e passou à entrega do troféu e do diploma de “cidadão vila-isabelense” àquelas pessoas consideradas “merecedoras” deste título. Os premiados, com exceção da presidente do Centro Comunitário Maria Isabel, constam no livro de Aragão (1997). O merecimento está atrelado ao papel desempenhado por essas pessoas na construção e manutenção da história e da

memória tidas como “verdadeiras” pela Prefeitura. Além disso, elas constituem pontos nodais de redes sociais que perpassam as relações com a Prefeitura, com a empresa anfitriã e entre os próprios condecorados, que não são, necessariamente, aqueles que nasceram no local.

O primeiro a receber o prêmio foi o bisneto do Barão de Drummond. Advogado, disse que “estão comemorando a própria lei que deu origem ao bairro, a Lei do Ventre Livre”; durante o coquetel, após esta cerimônia, ele entregou aos presentes uma cópia da Lei (ver Anexo D). O Subprefeito, em sua referência, disse que ele contribui para a “preservação da memória, [pois] tem documentos valiosíssimos: a cópia da lei e do documento de compra da Fazenda [do Macaco]”. A ação do bisneto do Barão e a fala do Subprefeito reforçam qual memória deve ser preservada: aquela instituída e consagrada pela própria Prefeitura.

O segundo homenageado foi o poeta Aramias, aquele senhor com quem conversei alguns dias antes desse evento. Conforme a apresentação feita pelo Subprefeito, ele “é uma referência para o bairro, contribuiu para o fortalecimento da história do bairro”. Ao receber o prêmio, seu Aramias disse “estou profundamente sensibilizado com isso. Ser cidadão de Vila Isabel é tudo o que ultrapassa os outros bairros do Rio de Janeiro, pelo menos para mim”, e declamou uma poesia de sua autoria, também encontrada no livro de Aragão (1997):

“Meu bairro tem
tudo que a mim convém
Ele é meu mundo,
É o meu amor profundo
Eu não invejo o de ninguém,
Pois o que eu quero
meu bairro tem:
Garotas lindas a passear
Pelas calçadas sem esnobar,
Mostrando a todos
Que aqui vêm
Que tudo isto meu bairro tem.
Tem tradições de invejar,
muitas canções para se cantar,
samba no chão que ninguém tem,
Mas tudo isso meu bairro tem.
E quem quiser vir comprovar,
Basta andar no Boulevard.
Meu bairro é a capital
Deste país tão musical,
Meu bairro é pra mim um céu,
Seu nome é Vila Isabel”.

Na poesia é marcada uma posição ufanista diante do bairro, é expressa a distinção e a rivalidade com outros lugares, por “ter tudo o que a mim convém”, isto é, as “canções” e a musicalidade, que faz de Vila Isabel um ‘mundo fechado em si’ e que causa “inveja” a outros locais. Em virtude desses sinais diacríticos é que também Seu Mariano considera o Bairro “diferente” de outros da cidade, conforme me relatou numa entrevista alguns meses após este evento. A identidade e as fronteiras construídas assentam-se na “boêmia”, no “samba” e nos “encantos” locais. Símbolos que são os mesmos assinalados nos *folders* vistos acima.⁷¹

Ainda, a “diferença” está sinalizada no fato de que todos moradores se “conheceriam” e agiriam unidos, seriam solidários em prol das “causas sociais” locais. Por isto o Bairro teria “vida própria”, seria “completo”.

“- E o que o senhor acha do bairro?, perguntei a Seu Mariano.

- Ah, é o melhor bairro que tem. Eu não saio de Vila Isabel a troco de nada, de nada. É um bairro, vamos dizer assim, é um bairro que ainda tem umas características diferente, Vila Isabel é diferente. É diferente de todos os bairros, zona sul, zona norte, zona oeste, é totalmente diferente, todo mundo conhece todo mundo. Aqui se você fizer uma programação pra arrecadar fundos pro Hospital Menino Jesus, que tem lá em cima, pra criança pobre, pra comunidade, todos os moradores aqui se cotizam, participam. Vila Isabel é um bairro que você nunca vai ser uma eterna desconhecida. Você sempre vai ser conhecida em Vila Isabel, disse Seu Mariano.

- E o bairro seria diferente por quê, o bairro?, indaguei.

- Ele é o bairro que tem vida própria, tem vida própria. Nós temos um shopping belíssimo aqui que é o Iguatemi, nós temos aqui na Tijuca também um shopping. [...] Vila Isabel é um bairro gostoso, eu não saio de Vila Isabel, se me convidarem, eventualmente, eu vou numa Escola de Samba, quando eles convidam pra eleição de uma rainha de bateria, algum desfile, alguma coisa, a gente sai de Vila Isabel, mas final de semana pra mim, minha alegria é Vila Isabel”. (Seu Mariano, 68 anos)

⁷¹ Dessa forma, devo atentar ao conceito de identidade. Este conceito é importante nesse estudo em relação às diversas áreas da vida dos sujeitos observados, pois eles atuam num campo de possibilidades fazendo suas escolhas nos diversos âmbitos de suas vidas, como lazer, trabalho, moradia, religião, entre outras. Portanto, a identidade social de um indivíduo não é estática nem única, mas, sim, está relacionada à situação, ao contexto em que ele se encontra e com as suas múltiplas escolhas. Por isto a identidade tem como características a flexibilidade e a polissemia. Essas identidades são também elos sociais entre indivíduos que compartilham modos e estilos de vida. Nesse sentido, abordar a questão da identidade é atentar para a relação entre indivíduo e sociedade, da relação entre indivíduos e, ainda, da classificação do mundo por estes, uma vez que a identidade é construída através das relações e processos sociais, a partir dos quais, numa relação dialética com outros, se afirma, se diferencia e se reconhece enquanto sujeito em um mundo social (Bourdieu, 1989; Rouanet, 1994; Niethammer, 1997; Berger e Luckmann, 1999). Os símbolos da identidade e pertencimento implicam “maneiras” e “aparências”, isto é, comportamentos, usos de roupas e acessórios, gestos e expressões faciais (“ethos” e “habitus”). Ver, entre outros, Goffman (1996 [1959]); Geertz (1989); Bourdieu (1988 e 1989).

Retornando à premiação, a terceira condecorada foi, *in memoriam*, a ex-presidente da União Comercial de Vila Isabel, escritora e proprietária de uma editora no bairro, representada no evento por sua filha.

O quarto troféu e diploma seria entregue à presidente do Centro Comunitário Maria Isabel, do Morro Parque Vila Isabel, que representaria as favelas locais. Favelas estas, assim como sua representante, que não fazem parte da história e da memória oficializada nos livros e documentos produzidos em torno do bairro. Segundo o Subprefeito, esta senhora “faz um trabalho muito bonito na comunidade dos Macacos, ela é muito querida no bairro”. Ela foi a única pessoa que não compareceu, nem enviou representante. Alguns dias depois, no Centro Comunitário, comentei com ela sobre o evento e sobre sua ausência. Ela, então, disse-me que não foi porque “tinha uma reunião do Comitê Contra a Fome” na Igreja Batista que freqüenta.

O quinto condecorado foi o presidente da Escola de Samba; o sexto, “o Prata da Casa, o sambista Martinho da Vila, representado pelo neto”. O jovem disse que o “avô agradece a homenagem da comunidade que ele tanto ama, que ele carrega no nome, como ele diz: sou da Vila não tem jeito”.

O sétimo agraciado foi Nei Lopes, apresentado, pelo Subprefeito, como “pesquisador da cultura afro-brasileira e escritor, que ajudou a enriquecer a identidade do bairro”. Ele também não compareceu, mas enviou um representante que disse: “ele adotou esse bairro com muita honra e muito carinho”.

Pelas falas desses dois últimos representantes, é possível perceber que a pertença à “comunidade” de Vila Isabel não está atrelada àqueles que nasceram no bairro, mas à “adoção” do bairro, ou melhor, dos valores e práticas pelos quais o bairro é representado, tanto internamente como para além de suas fronteiras.

Por fim, recebeu a homenagem um empresário, que segundo o Subprefeito é “uma pessoa bem popular aqui em Vila Isabel, ele dá empregos no bairro [...] gera em torno de 400 empregos diretos”, é o proprietário do bar/ restaurante Petisco da Vila e de outros negócios. Também enviou uma pessoa para representá-lo, visto que “ele não está no Brasil”, na ocasião.

Por intermédio dos “homenageados”, a história e a memória oficial foram atualizadas; sua origem reafirmada por meio da condecoração do bisneto do Barão, a quem é atribuída a fundação do bairro; sua identidade reforçada pela honraria dada ao poeta, ao sambista e àqueles que a reproduzem - o pesquisador e a editora; a dinâmica econômica ressaltada pela homenagem ao empresário e pelo próprio local onde estava acontecendo o evento; ao mesmo tempo em que trouxeram para a rede de relações a presidente de uma das entidades do morro.

Terminando o evento no auditório, o Subprefeito agradeceu aos “parceiros”, citando supermercados, universidade, curso de inglês e de dança, entidades benéficas, ONGs, um jornal local, a Escola de Samba, creches, comércio, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. “Parceiros” estes da arena política, que marcaram e distinguiram redes de relações sociais que ora se atravessam, ora se encontram. Por fim, avisou que na casa em frente aconteceria um show de música popular e um coquetel.

Nos dirigimos para o outro espaço. Lá, fiquei conversando um pouco com Vida Luzia, seu esposo, sua irmã e um casal de amigos deles, todos moradores do bairro. Ela me disse que “muita coisa que falaram ali sobre a história de Vila Isabel estava errada, você tem que pesquisar mais”. Sua ressalva aponta para a coexistência de memórias e histórias não oficiais que divergem e podem mesmo concorrer com a oficial.

Numa das salas da casa, no primeiro andar, acontecia o show de música. O público caminhava por ali, alguns paravam para assistir, formando uma meia lua em frente ao conjunto. Numa sala menor, ao lado, havia uma mesa oferecendo frios, pães, pastas, biscoitos para as pessoas se servirem; numa mesa menor, ao lado desta, um grande bolo, feito no Supermercado, que mais tarde foi partido e distribuído aos presentes; garçons circulavam oferecendo bebidas: refrigerantes, cerveja e água.

No hall de entrada da casa, grupos de pessoas também conversavam. Numa outra grande sala, em frente àquela onde acontecia o show, estavam expostos alguns trabalhos sobre o bairro, confeccionados pelas crianças participantes das atividades do Instituto Pão de Açúcar. Quando fui embora já passava das onze horas da noite, e poucas pessoas ainda estavam no local.

No dia seguinte, sábado 27 de setembro, as comemorações de aniversário do bairro continuaram na Praça Barão de Drummond. Paralelamente, ocorria a festa de São Cosme e Damião.

2. Festa de São Cosme e Damião

No dia 27 de setembro de 2003, foi realizada a festa de São Cosme e São Damião, organizada pela rede de relações sociais formada pelos integrantes da Banda de Vila Isabel, para as crianças da “comunidade”, como me disse o presidente da Banda, Seu Mariano, 68 anos, quando me concedeu uma entrevista, alguns meses depois desse dia.

“- Por que vocês fazem a festa de São Cosme e Damião?, perguntei.

- Isso foi uma idéia minha, foi uma promessa que eu fiz, que Vila Isabel, a comunidade do Morro dos Macacos, do Pau da Bandeira, essa região aqui que circunda o bairro de Vila Isabel tem muita gente pobre, sabe? Então, eu fiz uma promessa, que o meu neto ele foi operado do cérebro e eu fiz uma promessa que todo dia festivo de São Cosme e Damião eu daria 50 ou 100 saquinhos de doce para as crianças e passei essa idéia para o pessoal da Banda, eles assimilaram bem, disseram: ‘olha, Mariano nós estamos com você, vamos organizar a festa aqui no Bar do Costa; isso, no Bar do Costa, vamos organizar aqui’, foi um sucesso, a primeira. Agora todo mundo já está cobrando, têm pessoas até que tão ligando: ‘Seu Mariano vai ter a festa de São Cosme e Damião?! Vou mandar uns doces, vou mandar entregar, até quando posso entregar?’, então a idéia foi essa daí [...].”

Assisti à edição da festa do ano de 2003, realizada no dia 27 de setembro. Nesse dia, fui, primeiramente, ao morro. Encontrei pouquíssimas crianças e soube, por uma senhora, que elas estavam na “rua”, pegando doces de São Cosme e São Damião.

Isso também me foi dito por Seu Mariano, que também mora no bairro:

“A criançada sabe que no dia de São Cosme e Damião, aqui em Vila Isabel, eles começam a correr uma semana antes pegando senha, porque tem residências nas imediações que dão uma senha para as crianças ir lá buscar. Eles dão senha, tem outros que enchem o carro de saquinhos de doce, ficam percorrendo as ruas distribuindo doce, quando viu uma criança param o carro. Então eles sabem que tem aquela festa ali, concentrada ali no Bar do Costa, então o que eles fazem: primeiro eles pegam o doce ali no Bar do Costa, da Banda de Vila Isabel, e saem em disparado pelas ruas aqui de Vila Isabel, pegando nas residências [...].”

Saí do morro e dirigi-me até as esquinas das ruas Visconde de Abaeté e Torres Homem, área de grande movimentação comercial do bairro, onde estava acontecendo a festa organizada pela Banda de Vila Isabel. Nessa esquina, além do Bar do Costa, há dois restaurantes e uma padaria, sendo um local de bastante concentração de pessoas à noite e nos finais de semana.

Os membros da banda são majoritariamente ‘brancos’, de classe média e moram no bairro, conforme me disse Seu Mariano:

“[...] nós temos até general da reserva que desfila na banda; militar, temos médicos, engenheiros [...] tem muito mais gente, comerciantes, tem até político no meio, como sócio da banda. Nós temos assim, eu diria para você, que nós temos hoje, sócio-fundadores nós temos 210 e sócios mesmo nós temos agora 600, 500 a 600 [...].”

Os participantes da festa eram, na maioria, moradores das favelas. Encontrei jovens, que freqüentam outro Centro Comunitário do morro, com seus filhos.

A rua estava enfeitada com balões brancos, azuis e amarelos – as mesmas cores da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel. Havia um pequeno palco sobre o qual estavam dois animadores, uma mulher e um homem. Ao lado deles estava o estandarte da Banda, em fundo branco, com o logotipo escrito “Banda de Vila Isabel” em azul claro e amarelo, com o desenho de uma tulipa de chope ou de cerveja. Em frente ao palco, muitas crianças dançavam e brincavam ao comando dos animadores. Durante as atividades, era escolhida uma criança que teria tido o melhor desempenho, por exemplo, dançando; ela ganhava um brinquedo. Dessa maneira, foram distribuídos bonecas, bolas, bumbolês, pipas e outros brinquedos.

Na festa, algumas mulheres, integrantes da Banda, preparavam cachorros-quentes e os homens serviam refrigerantes em copos plásticos, distribuídos aos participantes da festa que, em fila, esperavam sua vez de receber. No meio da rua havia uma “carrocinha” de pipocas e um casal fazia a distribuição em saquinhos aos que, em fila, aguardavam. Próximos da “carrocinha” foram montados três grandes brinquedos: um escorregador de plástico, um touro mecânico e um pula-pula.

Entendo que é neste contexto que falas como a de Dalila, moradora do bairro, ganham sentido: “Vila Isabel é um bairro muito comunitário, muito familiar”.

Eventos como a festa e o carnaval são situações sociais que possibilitam a ocupação de um mesmo espaço por classes sociais e grupos diferentes, o que não significa entrosamento de fato. Isto porque Vila Isabel é formada por indivíduos bastante diferenciados e com experiências diversas e que, em certa medida, interagem, tanto no cotidiano como em momentos festivos, recreativos (penso, por exemplo, nas Escolas de Samba, bares, festas, *funk*) e rituais, como aqueles relacionados à religiosidade (igrejas católicas, evangélicas, terreiros de umbanda, casas espíritas), à política e às celebrações.⁷² Nesse movimento, as pessoas orientadas por gostos e interesses pessoais e coletivos, interagem e se evitam, abrindo possibilidade tanto de comunhão quanto de conflitos (Velho, 1994 e 1997a).

Dessa maneira, na festividade descrita acima, em que conviviam os moradores do morro e aqueles da classe média do bairro, as pessoas ficavam entre os seus pares, o contato face-a-face com pessoas do outro grupo social ocorria nos momentos em que as mulheres e os homens, integrantes da Banda, entregavam doces e comidas às crianças. Nesse cenário, os

⁷² Sobre essa questão ver, entre outros, Velho e Machado (1977); Velho (1986, 1994, 1997a, 2001); Maggie (2001); Santos, Leite e Franca (2003).

pertencimentos e as distinções foram marcadas, evitando o (con)fundir-se; por isso os membros da Banda levaram seu estandarte e vestiam sua camiseta, demarcando uma identidade, como a de anfitrião. Ser anfitrião, nesse contexto, pode ser entendido dentro de um intrincado sistema de trocas: dar, receber, retribuir (Mauss, 1988). Por uma via, o sistema de obrigações é estabelecido com os santos – São Cosme e São Damião –, visto que essa festa é ligada à umbanda:

“[...] até porque quem é umbandista, espiritismo, espíritista, vamos dizer assim, no dia da festa de Cosme e Damião, a maioria dos centros espíritas tem a festa das crianças” (Seu Mariano)

Por outra, o circuito da reciprocidade envolve os seus “outros”, os moradores das favelas – as do “Complexo dos Macacos”. Isto porque a dádiva tanto estabelece quanto mantém as relações sociais pessoais, por intermédio do circuito da reciprocidade.⁷³ Dessa maneira, as oferendas distribuídas - brinquedos, comidas, doces – são as moedas de troca das dádivas alcançadas, como a cura de um ente ou o “sucesso” na carreira profissional, mas também, a obtenção e manutenção do prestígio, como é possível perceber na fala de Seu Mariano:

“Naquele ano, na primeira festa de São Cosme e Damião, colocamos à disposição das crianças 1.500, uma coisa assim, 1.500 saquinhos de doce, distribuição de brinquedos. Aí nos associamos com um dos diretores da Banda [...] que ele é um comerciante muito bem-sucedido aqui em Vila Isabel e ficou empolgado com a coisa e ele é que vem patrocinando, vamos dizer assim, a Banda, a confecção de camisas. Esse último carnaval, ele patrocinou com duas mil camisetas a Banda. Então, na festa de Cosme e Damião, na última festa de Cosme e Damião, ele colocou várias atrações para as crianças, brinquedos, escorregas, enfim, vários e ele bancou sozinho. E os doces foi a comunidade de Vila Isabel quem bancou isso daí, colocamos mais de 2.500 crianças na rua.”

Soube posteriormente, no Centro Comunitário, que nesse mesmo dia, à tarde, ocorreu uma festa de São Cosme e Damião na quadra do CIEP do Morro Parque Vila Isabel.

⁷³ Ainda sobre a dádiva, ver entre outros, Godbout (1999). Este autor aponta que a relação social, estabelecida por meio do sistema de dádivas, pode ser vista nos mais variados momentos da nossa vida social, já que é vista no âmbito das relações sociais: na linguagem, nas festas e rituais, nos atos cotidianos. Nesse contexto, o mercado e as relações mercantis rompem o circuito, ou sistema, da dádiva, pois permite devolver, reclamar do bem ou serviço adquirido e o mesmo não procede no circuito de dádiva das relações sociais pessoais. Já o Estado, que atua no sistema de dádiva com mediadores, foi, muitas vezes, visto como um substituto para a dádiva nas relações pessoais, pois reparte, organiza, distribui os bens. Para este autor, a dádiva moderna é uma dádiva entre estranhos, feitas por meio de associações voluntárias, sindicatos, igrejas, entidades benéficas.

Conversando com alguns jovens moradores do local, um deles, Félix, me disse que no dia de São Cosme e Damião, no morro, “é muito bom”, porque há distribuição de comidas e brinquedos, como o sorteio de “30 bicicletas”, no qual ele já ganhou uma. Segundo esse jovem, são “os bandidos” que patrocinam a festa e “o dono do morro” dá dinheiro para as crianças, dá cinco reais na mão de cada uma e para os “maiorzinhos” ele pegaria um “bolo de dinheiro e joga para cima e eles pegam”. Contou-me, ainda, que certa vez pegou “oitenta e poucos reais e gastei tudo na rua, com cachorro-quente e guaraná”. Essas benesses seriam realizadas, sob o ponto de vista desses jovens, porque “os bandidos são devotos das crianças, aquelas crianças são tudo para eles, eles fazem tudo por aquelas crianças”. É possível perceber que para os líderes do tráfico local essas festas colaboraram para a manutenção de seu *status* e prestígio, mas, por outro lado, entram no circuito da reciprocidade, eles distribuem dádivas e as pessoas, crianças e adultos, nada vêm, escutam ou falam sobre suas ações, como apontei no primeiro capítulo.

3. O “Complexo dos Macacos”

Neste momento aprofundo a reflexão sobre as favelas do que é denominado por moradores e não moradores como “Complexo dos Macacos”⁷⁴ e sobre seus moradores, visto que o objeto central da presente tese são as redes de relações sociais constituídas a partir do Centro Comunitário Maria Isabel e das quais participam a Presidente do Centro, homenageada na festa de 130 anos de Vila Isabel, e as crianças, para quem os membros da Banda de Vila Isabel realizaram a festa de São Cosme e Damião.

Como já apontei no primeiro capítulo, as três favelas que compõem o “Complexo” são: Parque Vila Isabel, Pau da Bandeira e Morro dos Macacos. Nessa serra há, ainda, contiguamente a essas três favelas, a favela Alto Simão/Pantanal e, do outro lado da serra, está situada a favela Morro do São João. Esta última é associada, pelos moradores do morro que estudo, à facção criminosa Comando Vermelho, rival da facção criminosa Terceiro Comando, da qual fazem parte os traficantes de drogas das favelas designadas genericamente de “Complexo dos Macacos” ou “Morro dos Macacos”. Tanto no baile *funk* do qual participei, em algumas músicas cantadas, como nas conversas com moradores do morro, é

⁷⁴ Embora a categoria “complexo” deva ser problematizada, já que lembra “complexo penitenciário”, assim como “complexo cultural”, “complexo hospitalar”, eu a utilizarei aqui tal como as pessoas, moradoras e não moradoras utilizam quando se referem ao conjunto formado pelas três favelas vistas em seu conjunto.

mencionada a rivalidade com o Morro do São João, as mútuas “invasões” e os decorrentes tiroteios.⁷⁵

Para aprofundar a história desses locais, que não constam em nenhum livro oficial, que não fazem parte da história e da memória institucionalizadas, tal como acontece com o bairro, recorro às memórias dos idosos, que narraram, durante as entrevistas, a história local.

Um dos motivos pelos quais as favelas não são vistas como fazendo parte da memória e da história oficial do bairro é porque as favelas, na maioria das vezes, são entendidas como localizadas para além dos limites topográficos dos bairros em que estão situadas geograficamente, principalmente, quando o tema é a violência – visto que esses limites são socialmente construídos. Essas classificações e distinções são estabelecidas num jogo de poder entre os moradores do bairro e do morro.⁷⁶ Nesse sentido é que Vida Luzia, comentando sobre o bairro em nossa conversa no evento de comemoração de aniversário de Vila Isabel, falou: “aqui é muito tranquilo, não tem violência, a gente ouve uns tiros, à noite, no Morro dos Macacos e no Salgueiro, mas é lá, a gente não tem nada a ver com isso”. Sua fala remete à não inclusão do Morro dos Macacos nos limites do bairro, pelo menos quando a referência é a “violência” e “uns tiros”.

Nas próprias Ciências Sociais, como Valladares, Chinelli e Medeiros (2003) apontam, a dicotomia favela-asfalto aparece como matriz de análise em grande parte dos estudos sobre violência nas favelas. Isso implica que a violência - como foco principal de análise – seria o único fator que colocaria os moradores dessas duas localidades em interação face-a-face - criminosos e vítimas. Essa visão contribui para (e produz) uma representação da cidade “[bi]partida”.⁷⁷ Tal representação - existente desde, pelo menos, meados do séc. XX - opõe favela e “asfalto”. Este, símbolo de ordem e de medo; aquele, sinônimo de carência, desordem e violência.

Isto ocorre porque as favelas e o bairro como “lugares reais e imaginados”, abrem possibilidades para movimentos de inclusão e exclusão de parcelas da população, dependendo

⁷⁵ Na imprensa, diversas vezes foram noticiadas as “invasões”, a “guerra” entre esses dois locais, como a que ocorreu em maio de 2002 (ver Anexo F, com lista de matérias). Além do que aparece nos jornais, outras vezes ocorreram conflitos.

⁷⁶ Cabe ressaltar que, no Rio de Janeiro, a relação entre as favelas e os bairros circunvizinhos passa a ser entendida e vivida como envolta em conflitos e acusações por parte dos moradores dos bairros e pela mídia, advindos, principalmente, por considerarem isoladamente as atividades do tráfico e uso de drogas. Essas ações seriam as responsáveis por grande parte das cenas de violência ocorridas na cidade, tanto no interior das favelas - pela briga entre traficantes rivais e atuação da polícia -, quanto fora delas - pelos tiros, balas perdidas e assassinatos (Zaluar, 1985, 1994; Abreu, 1997; Zaluar e Alvito, 1998; Valladares, 2000 e 2001; Alvito, 2001; Ribeiro e Lago, 2001).

⁷⁷ Embora essa imagem existisse desde meados do século XX, foi com o livro do jornalista Zuenir Ventura (1994) – especialmente, após apropriação, pela mídia e por determinados setores da sociedade, dessa visão do Rio de Janeiro como uma “cidade partida” - que ela se tornou uma imagem de senso comum.

do que estiver em jogo⁷⁸. Nesse caso é a história e a própria identidade do bairro que corre o ‘risco de se contaminar’ com o estigma que recai sobre a favela e sobre cada indivíduo ali inserido. Esse processo de estigmatização da favela, vista como *locus* de “problemas”, emerge simultaneamente ao surgimento das primeiras favelas no final do séc. XX. As primeiras favelas fixaram-se no Centro da Cidade, possibilitando a aproximação geográfica de distintas classes sociais, e, segundo Medina (1969), é a proximidade com o outro – com a favela - que exige a distinção e a delimitação social. Dessa maneira, não incluir nas obras bibliográficas sobre Vila Isabel os morros e a população que os habita revela o que se quer preservar.

Contudo, se a história e a memória do Morro não estão nas obras legitimadas como as “verdadeiras” depositárias e transmissoras daquilo que foi oficializado sobre o bairro, ela está na memória dos idosos, que me narraram momentos de suas experiências nesse local. Cabe ressaltar que nas histórias contadas em entrevistas individuais e em grupos é possível captar tanto as experiências e traços individuais quantos elementos estruturais, adentrando no social e no cultural, dando conta das relações sociais, de crenças, de valores e de comportamentos (Bertaux, 1980; Kominsky, 1986; Brioschi e Trigo, 1987; Queiroz, 1987; Halbwachs, 1990; Bourdieu, 1998).

Ainda, e principalmente, em situações como esta, em que há ausência de material bibliográfico, os idosos são os guardiões das memórias sociais, tanto da própria família, como de acontecimentos gerais da sociedade, passando pela história dos locais onde viveram, pois a memória é contextualmente ressignificada e moldada, ligando o indivíduo à realidade social construída por seu grupo (Halbwachs, 1990; Bosi, 1979; Barros 1989,1999). Os idosos não apenas guardam, mas transmitem seus conhecimentos, suas experiências de vida, as tradições culturais familiares e locais, que, dessa maneira, serão mantidas e reproduzidas posteriormente.

Por meio de suas narrativas evocadas por minhas perguntas e por minha escuta, os idosos rememoram e reconstroem não apenas a história e o espaço onde vivem, mas suas próprias experiências inseridas nesse local, visto que “o espaço no qual estão emolduradas as memórias é fundamentalmente um espaço de interação” (Ferreira, 2003: 221). Nesse espaço, os idosos ressemantizam objetos e ações, que mesmo não existindo mais hoje, como o ferro a carvão ou o fogão a querosene, como será visto adiante, permeiam a vida desses idosos no hoje.

⁷⁸ Sobre a discussão antropológica de “bairros”, da construção e reconstrução de suas fronteiras e história, ver, entre outros, os textos de Velho (1978); Santos e Vogel (1981); Cordeiro e Costa (1999); Leite (2001); Santos, Leite e Franca (2003); Brito (1999, 2003).

Na história narrada pelos idosos, bem como nas falas de jovens, há divisões espaciais no interior das três favelas daquilo que os moradores denominam “Complexo dos Macacos”. Essas localidades recebem denominações de acordo com algo que marcou a memória local.⁷⁹

“Tem esse nome até hoje: Associação de Moradores do Parque Vila Isabel. Esse nome ficou na Associação de Moradores porque a gente chamava isso aqui de um Parque Vila Isabel. Por causa de um parque, aí botamos esse nome de Parque Vila Isabel, mas a Associação compreendia o Jardim, o Bananal e o Pau da bandeira, a Associação abarcava isso tudo e ainda continua até hoje. À associação ainda pertence o Jardim, o Bananal, que não é mais Bananal, e o Pau da Bandeira, que hoje em dia não se fala mais Bananal, as bananeiras acabaram. Aí, o Lote, que aí tem mais nome de Lote, aquela parte lá de cima ficou chamando Lote, relatou Dona Anastácia.

- Porque?, perguntei.

- Porque tinha uma, aqui tinha a folia de reis, antigamente. Tinha o seu Lote, que tinha uma folia de reis lá em cima, ele morava lá em cima, ele fazia as festas de folia de reis, era o seu Lote. Aí, todo mundo, ele era muito popular o seu Lote, aí todo mundo ia no Lote, “ah, eu vou lá no Lote”, que tinha os ensaios de folia de reis, tinha festa de folia de reis, então era o seu Lote, que era muito famoso ali. Aí, por causa tanto seu Lote, seu Lote, “eu vou lá no Lote”, “eu vou lá no Lote” a área toda ficou com o nome de lote. Então, essa área lá em cima é o lote, todo mundo fala que mora no lote. Mora no lote, quem mora no lote, mora lá em cima. Quem mora ali é o jardim, fala que mora, agora tem outros nomes, tem linha amarela, tem eles botaram outros nomes, mas antigamente era só o jardim”. (Dona Anastácia, 66 anos)

“Agora é que veio o favela-bairro é que asfaltou assim, melhorou; abriu ali aquela rua ali, o terrorinho, mas não era assim, era paralelepípedo, ressaltou Dona Guilhermina

- O que é terrorinho?, perguntei.

- É um liguinho que tem ali em cima, você nunca passou por aqui não?

- Não, respondi.

- Ah, sobe aquela ladeira que tem lá pra cima aqui, lá em cima tem um liguinho, desde quando a gente mudamos pra aqui, eu conheci aquilo ali como terreirinho, que tem uma pracinha [...] quando eu vim pra aqui tinha, as pessoas sobe pra lá, sobe pra cá, desce pra ali, aí ficou tipo um terrorinho mesmo. Aí ficou chamado terrorinho e é terrorinho até hoje, todo mundo conhece como terrorinho”. (Dona Guilhermina)

Além do Lote, e do Terreirinho, há o Berut (ou Beirut), a parte mais acima, onde acontecem, muitas vezes, os primeiros conflitos com os traficantes do Morro São João; e o

⁷⁹ Souza (2004), em sua pesquisa realizada junto a idosos moradores desses locais, aborda as divisões internas dessas favelas, bem como diferentes versões do surgimento delas. Tal pesquisa aborda, contextual e situacionalmente, a construção, a reorganização e a transmissão da memória pelo grupo estudado por ele, no Morro dos Macacos.

Cruzeiro, parte mais alta do Morro, onde não há casas, mas uma grande cruz e, segundo os jovens, uma quadra de futebol, de onde “dá para ver toda cidade do Rio de Janeiro”.

“Todo morro tem um cruzeiro, todo morro que você vai tem um cruzeiro, disse-me Dona Antônia.

- Por quê?, indaguei.

- Ah, eu não sei, todo morro tem. Todo morro que você vai, desde aqui, Vila Isabel até não sei pra onde tem, você pode olhar lá em cima tem um cruzeiro”. (Dona Antônia)

Segundo Gaspar (2003)⁸⁰, a primeira favela teria surgido em 1921, o Morro dos Macacos, não sendo “projetada” como o bairro. Segundo Seu Mariano, morador do bairro, esta favela teria se formado quando ocorreu a desativação da Fazenda do Macaco. Esta versão remete ao título deste capítulo: Da Fazenda do Macaco ao Morro dos Macacos.

“- O senhor viu o crescimento do Morro dos Macacos ali, o senhor mora aqui há 30 anos?, perguntei-lhe

- Ah, não! O Morro dos Macacos é antigo, porque Vila Isabel, antes de ser Vila Isabel, o nome era Fazenda dos Macacos. E na época do Império, a Princesa Isabel recebeu como presente do pai essa Fazenda dos Macacos e os antigos moradores da Fazenda dos Macacos, principalmente aqueles mais pobres, foram subindo o morro e aí começou a crescer o Morro dos Macacos. O Morro dos Macacos e o Pau da Bandeira, que é uma extensão do Morro dos Macacos, explicou-me Seu Mariano”.

Segundo alguns moradores, o nome Morro dos Macacos, assim como o da Fazenda, deve-se ao fato de ali terem existido muitos macacos. Outros habitantes disseram não saber a origem do nome.

O nome Morro dos Macacos, por vezes causa certo incômodo, por remeter ao preconceito frente aos negros, visto que, em nossa sociedade, “macaco” é usado muitas vezes como termo pejorativo e acusatório contra os negros.⁸¹ Assim, numa reunião organizada pela Prefeitura e pela ONG Cieds (Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável), realizada numa das salas do CIEP, as pessoas que estavam ali, logo no início,

⁸⁰ O texto de Gaspar (2003) é uma das primeiras tentativas de oficializar a história das favelas. Seu texto encontra-se no livro produzido pela Agenda Social Rio/Ibase que tem como objetivo “reconstruir a história desses bairros e favelas [da Grande Tijuca], resgatando a memória coletiva de sua população e examinando diferentes momentos e modos de relação entre moradores e moradoras dos dois tipos de espaços urbanos” (Santos, Leite e Franca, 2003: 4).

⁸¹ Estudos como os de Gould (2003), apontam para a colaboração dos estudos antropométricos de corpos e crânios empreendidos, nos séculos XVIII e XIX, por anatomistas, médicos e antropólogos físicos na percepção social de que os negros estariam mais próximos dos primatas, teriam uma maior afinidade com os gorilas e outros símios do que os brancos, considerados mais “evoluídos”, mais “inteligentes” e, portanto, superiores aos negros.

tanto trabalhadores do Centro Comunitário, como outros moradores que tinham algum empreendimento no morro, reclamaram que “aqui ninguém é macaco”, referindo-se ao convite da reunião que dizia: “II Fórum Econômico de Macacos”. O coordenador do encontro redimiu-se e disse que ali era o Parque Vila Isabel, Complexo dos Macacos.

Ao incômodo do nome do local, também Seu João Lucas, 89 anos, fez referência em sua entrevista, quando lhe perguntei qual era o nome do local onde estávamos.

“- O Centro mesmo é Morro dos Macacos. Mas antigamente tinha preconceito, o povo tinha preconceito. Tinha uma cerca lá, sabe aonde é o terrerinho?, perguntou-me.

- Não sei. Onde é?

- Lá no fim dessa rua, lá em cima tem um tal de terrerinho. De lá para cá tinha uma cerca de arame, que fazia volta no alto do morro, descia ali naquele prédio grande. Descia cercando aqui a comunidade para dizer que era Morro do Parque do Jardim. Tinha preconceito. Então colocaram essa cerca, explicou-me.

- Quem tinha preconceito?, perguntou-lhe.

- Alguém aqui, eu até nem me lembro. Alguém não queria que chamassem aqui de Morro do Macaco.

- Ah! E daí era Morro Parque e Jardim!, exclamei.

- É.

- Hoje não é mais?, indaguei-lhe.

- Ainda é, mas quando alguém fala no rádio ou na televisão, tudo é Morro do Macaco, comentou.

- E porque era Parque e Jardim?

- Era Parque e Jardim por causa que ali era Morro dos Bichos.

- E porque tinha preconceito de chamar de Macacos?, questionei.

- Alguém, os antigos daqui, cercaram para não ser Morro do Macaco. É, então, quando vem na televisão, ou no rádio, eles xingam tudo é de Morro dos Macacos mesmo.

- Mas porque xinga de Morro dos Macacos?, perguntei-lhe.

- Fala que é Morro de Macacos, porque aqui é ligado no Morro dos Macacos mesmo. É ligado no Morro dos Macacos mesmo, explicou-me Seu João Lucas”.

Segundo Gaspar (2003), em 1960 surge o Parque Vila Isabel, após o fechamento do antigo Jardim Zoológico, hoje Parque Recanto do Trovador, que fica na frente do morro, como visto no capítulo anterior.

Segundo Dona Anastácia, 66 anos, Presidente do Centro Comunitário, o surgimento e o crescimento do Morro Parque Vila Isabel ocorreu por meio do loteamento do local pelos guardas e funcionários do Parque, responsáveis por “não deixarem ocupar o morro mesmo”, mas teriam sido “eles mesmos [que] ajudaram a encher o morro”.

Outras pessoas se referiram aos guardas do Parque. A presidente, ao me narrar com bastante desenvoltura o desenvolvimento do morro, tinha também como intuito tornar sua versão oficial. A mesma história foi narrada a outro pesquisador, que encontrou ainda outras versões para a ocupação local (Souza, 2004).

A forma como a própria Dona Anastácia conseguiu seu barraco no morro aponta para uma rede constituída por guardas florestais e trabalhadores da Prefeitura, que traziam para morar no morro seus familiares, amigos e conhecidos, como ela. A partir dessa rede, segundo a memória de Dona Anastácia, o morro foi sendo “ocupado” e as favelas formadas.⁸²

“- A senhora sabe quando é que começaram as primeiras pessoas, a vir morar aqui? Foi muito antes da senhora vir, foi depois?, perguntei-lhe.

- Eu acho que bem antes de eu vir eles já estavam aí, porque quando tinha o Jardim Zoológico não tinha moradores, só tinha moradores mais no Morro dos Macacos, mais bem lá em cima do Morro dos Macacos, poucos moradores; que nem o Pau da Bandeira, também, poucos moradores. Porque o Pau da Bandeira era uma área que tinha donos, que se diziam donos, donos dos terrenos ali do Pau da Bandeira, contou-me.

- Quem morava?, perguntei-lhe.

- Quem morava se dizia dono do terreno, eles alugavam, tinham aqueles moradores antigos que se diziam os donos das terras, mas que não eram verdadeiros donos, eles ocuparam a terra e se diziam donos. Depois eles foram perdendo essa autonomia, ou foi enchendo de gente, ou quem pagava aluguel, passava a não pagar mais, relatou-me.

- Mas era uma pessoa que dizia?, indaguei-lhe.

- Não, tinha vários donos ali. Mas não eram tantos donos, eram poucos as pessoas que chegaram aqui no Pau da Bandeira, na parte de lá, se dizendo donos de áreas dali. Aí eles alugavam. Eles tinham casas alugadas aí no Pau da Bandeira, nessa parte que tá ali, explicou-me.

- E como era aqui quando a senhora chegou?, perguntei.

- Olha, quando eu cheguei aqui tinha algumas pessoas que moravam, a maioria eram funcionários do Parque. Aqui nessa parte aqui, funcionários eram os guardas, que eram guardas florestais, que alguns moravam aqui e eles tomavam conta do morro, eles eram guardas pra não deixarem ocupar o morro mesmo. [...] No Pau da Bandeira, tinha o Heleno, que era um funcionário do Parque, aí ele, era um pessoal do norte, era cheio de gente do norte, da Paraíba, os familiares deles, ele tomava conta daquela área; tinha o seu Jofre, tudo parente. Então, cada um desses guardas eles tinham que dividir, eu acho, o terreno era dividido, como se fosse uma herança assim, e eles tomavam conta, as pessoas que vinham de fora, como eu que cheguei, comprei do seu Hilton, que era funcionário que tinha um barraquinho aqui, conseguiu fazer um barraco. Aí ele vendeu uma parte dele pra mim. Eles que faziam isso, vendiam, pra quem eles queriam, ou quando eles tinham

⁸² Souza (2004) em sua pesquisa sobre memória, tempo e espaço no Morro dos Macacos, aponta outras versões, além dessa, para a ocupação do local e formação das favelas nele existente. Sua pesquisa parte de uma rede acionada tanto a partir desse Centro Comunitário como de outro, localizado em outra favela desse mesmo morro.

necessidade; esse seu Hilton, que arranjou uma briga aí, precisou fugir, aí ele vendeu uma parte da casa dele pra ele poder fugir. Aí ele vendeu pra gente. E, os outros eram guardas, moravam aqui, pra eles trabalhavam dentro do viveiro, que ali era viveiro de plantas, tinha esse serviço de que fazia podagem, na rua. Então, eles trabalhavam no parque e moravam aqui próximo mesmo, arrumavam suas casinhas por aqui, pra quem, como quem tomasse conta, mas eles mesmos ajudaram a encher o morro”.

Ainda, através de sua narrativa é possível perceber que o morro foi sempre visto como tendo pessoas que “se diziam os donos da terra”, “de uma área” e que não deixavam qualquer pessoa fazer barraco ali, apenas seus familiares e amigos, isto é, aqueles que faziam parte de sua rede de relações pessoais. Se na época em que chegou eram os guardas florestais, os funcionários do Parque e seus familiares que dividiram “o terreno, como se fosse uma herança”, pois era “tudo parente” e eles tomavam conta”, hoje é o principal traficante do local que é chamado pelos jovens e por alguns idosos de “dono do morro”. Isso aponta para relações de poder nesse local, das quais dependem a entrada e a permanência da pessoa nesse espaço, pois tanto naquele tempo quanto hoje algumas pessoas “arranjavam uma briga” e “precisavam fugir”.

Por ocasião das comemorações dos 20 anos do Centro Comunitário, pude realizar entrevistas com 29 idosos, moradores dessas favelas, como citei no capítulo anterior. Nas conversas, os idosos relembravam, a partir de suas experiências, a construção da favela e suas transformações. As pessoas oriundas de diversos locais chegavam e se instalavam. Os “guardas”, ora guardas municipais, ora florestais, se vissem, não deixavam as pessoas construírem seus barracos.

“- A gente fazia de noite os barracos [porque] ficava guarda cuidando do Jardim; era tudo cercado de arame; o morro tinha divisão. Todo mundo procurava mais o alto para os guardas não verem. Quando eles viam já tinha gente lá dentro, tinha criança dormindo [...].” (Morgana, 61 anos)

É essa a “história de muita luta” e as “dificuldades”, na qual os idosos “são criativos”, que Gurgel (coordenador da CRSMS 2.2.) e Dona Anastácia se referiram quando de nossa conversa na secretaria – como exposto no primeiro capítulo.

3.1.O local

Segundo as narrativas dos idosos, que em sua maioria estão no local há 50 ou mais anos, eles foram desbravadores, visto que em sua memória o local era “só mato”. Por terem passado por experiências diversas nesse local, e conseguido chegar à velhice é que há espaço para certa nostalgia do passado, que é reconstruído no presente: “era sossegado, a gente se virava muito bem, agora tem tudo e a gente não tem sossego” (Morgana).⁸³

“Eu só me lembro que quando eu vim aqui pra comunidade, esse morro era tudo mato, tinha três barraco só nesse morro; água, nós íamos buscar lá no Grajaú, nem água existia aqui, nem uma bica d’água não tinha aqui no morro. [Buscavam] lá no Grajaú, lá na borda do mato [...] até tão poucos anos não tinha nada, nem água, nem luz”. (Seu João Lucas, 89 anos, morador há mais de 50 anos)

“Era só mato aqui, cobra, aquelas cobra bonita! Os guardas dormiam dentro do mato, a polícia dormia dentro do mato, cada um com sua carabina”. (Dona Nalva, 89 anos, moradora há 76 anos)

“Tinha mato, isso aqui tudo era mato, era cheio de mato, bananeira tinha umas [...] ainda tem umas árvores grandes, hoje, aí, que ainda era daquele tempo, quem conheceu isso, inclusive, lá em casa, ali onde eu moro, tem uma árvore ali, que ela é antiga, cortaram ela, agora está brotando tudo de novo, ficou mais bonita ainda”. (Dona Guilhermina, 74 anos, há 51 anos mora no morro)

3.2.Os barracos

As suas primeiras habitações não eram consideradas, pelos idosos, casas, mas, sim, “barracos”, visto que eram feitos de materiais como “estuque”, que segundo Seu João Lucas é “barraco de barro, prega-se as ripas assim e amassa o barro e faz as paredes de barro”; outros materiais citados foram lata, pano. Os barracos, ainda, como visto acima, deveriam ser construídos à noite.

“Aquele tempo não tinha nem um barraco de tijolo, era tudo de estuque. E feliz aquele que podia fazer ao menos de estuque, feliz daquele!”. (João Lucas, 89 anos)

⁸³ Sobre o saudosismo do passado quanto à condição de vida dos grupos populares e a percepção da pobreza ver, entre outros, Silva (2003). Esta autora aponta que as mulheres de grupos populares que entrevistou “consideram que ‘antigamente’ havia uma existência mais positiva, se comparada com a situação de classe de hoje em dia” (Silva, 2003:168).

“Aonde eu moro, há 20 anos atrás que eu comprei a casa ali, pra cima não tinha casa, só era barraco, madeira velha, quando era época de chuva descia aquelas barrera [de barro] assim, acho que entrou umas três vezes dentro da minha casa, arrancou parede com porta, que tem uma escada dentro da minha casa que sai no rio, era barrera desse tamanho que ia lá pra casa. [...] Há poucos anos atrás que começou uma barragem, tem uma barragem grande, aí começaram a fazer as casas de tijolo [...] aí depois as casas de tijolo, não desce mais [...].” (Otacília, 75 anos, mora há 21 anos no morro)

“- Como é que eram assim as casas aqui, quando a senhora chegou, era pouca casa, muita casa?, perguntei.

- Tinha bastante casa, mas não era tanto como agora, agora tem mais, tinha muita casa, mas a Prefeitura desmanchava muita casa nos morro também [...] dizia que não podia fazer casa, chegava, às vezes, saía quebrando as casas toda. Então, naquele Morro ali dos Macacos, ihh! Quebraram um bocado de casa ali; uma vez eu vim aqui, eu ainda não morava aqui não, mas meu irmão morava, aí a gente veio passear, aí a dona da casa saiu pra trabalhar, quando ela chegou a casa dela estava no chão [...], as coisas dela ficaram todas espalhadas, os vizinhos começaram a catar, porque não podia fazer casa naquele local, não sei o que, desmanchava [...] desmanchava a casa em cima de tudo, as coisas ficavam lá, senão tivesse um vizinho pra tirar, ou a dona da casa, mesmo, não estivessem, eles desmanchavam [...] quebravam tudo [...]. Barraco, quando a gente acordava, já tinha um barraquinho, a gente não sabe nem de onde veio, mas eles faziam; igual que aqui, aqui era uma [...] aí eles invadiram tudo e começaram, ‘ah, a Prefeitura deixou, está deixando fazer barraco’, aí de um dia pro outro ficou cheio de casinha, agora estão essas casas bonitas que a gente vê aí [...] ninguém paga aluguel, por causa que quase todas casas é própria mesmo”. (Dona Guilhermina, 74 anos)

“As casas eram de estuque, tábua, pano, folha de lata; porque aí depois as pessoas foram fazendo de tijolo. [...] Eu fiz dois barraco de estuque, estuque era mais fácil. Já ripei, barriei muita parede. O pessoal que vinha do norte para cá, aí meu pai alugava aqueles barraco pronto, casa de estuque e alugava baratinho pra eles. [...] O delegado disse vai procurando um emprego melhor e um lugar para mudar, estou procurando ainda até hoje. Fiz porque tinha necessidade mesmo, eu ganhava pouco, ganhava mixaria”. (Seu Marcílio, 77 anos, mora aqui, mais ou menos, desde 56)

3.3.Água, luz, fogão

Os idosos contaram que não havia água, luz elétrica ou fogão a gás. Para obterem água tinham que encher as “latas” e as trazerem na “cabeça”. Os locais recordados pelos idosos onde iam buscar água era a “Borda do Mato”, a “fábrica de água sanitária” e o “Corpo de Bombeiros, lá no Grajaú”.

“Na fábrica de água sanitária dava água, e o corpo de bombeiros também dava, a gente vinha com as latas na cabeça, então, isso aqui era um desfile,

essa rua era um desfile de gente com lata d'água na cabeça". (Dona Anastácia)

"Em lugar nenhum tinha água, aí não existia água mesmo em lugar nenhum, nem nascente d'água não tinha mesmo por aqui. As senhoras íam lavar roupa lá na Borda do Mato. Lá no canto do Grajaú, ou senão ali no Corpo de Bombeiro, no Grajaú. [...] Borda do Mato é lá no canto do Grajaú, longe mesmo. As pobrezinhas das senhoras íam lavar roupa lá naquela distância, saía daqui. [...]Tinha uma meia dúzia de barraco só". (João Lucas)

Recordaram, ainda que, nesse período inicial, não havia eletricidade. A luz era obtida com lampiões e lamparinas. Posteriormente, alguns moradores passaram a ter luz elétrica e "cediam", "alugavam" àqueles que não tinham.

"- Lamparina, tinha lampião, que não tinha luz, depois colocaram luz, todas pessoas tinham luz em casa, nós não tinha no Morro, tudo no Morro era no escuro. Depois, meu irmão puxou uma luz lá do vizinho, que ele já tinha luz, botou na nossa casa, aí já não usava mais lamparina, nem lampião, já era luz mesmo, fomos melhorando, disse Dona Guilhermina.

- Mas os lampiões eram só dentro de casa ou na rua também tinha lampiões?, perguntei.

- Não, só dentro de casa, na rua toda tinha luz, só nos morro que não tinha luz, os morro era tudo escuro [...], respondeu Dona Guilhermina.

- E esse vizinho, como é que ele teve luz?, indaguei.

- Porque ele morava, a gente morava nessa parte de cá, mas era mais baixo, e o seu Juvêncio tinha luz em casa, aí ele cedeu.[...] Aí também a gente pagava a conta, a gente alugou essa luz, a instalação, a gente dava um dinheiro a ele, que ele pagava a *Light*, dava o dinheiro a ele [...] explicou Dona Guilhermina.

- A senhora sabe como é que eles tinham, porque que uns tinha outros não?, questionei.

- Ah, quem podia pagar, botava luz em casa, quem não podia arrumava [...]alguma pessoa tinha luz em casa, mas nem todos, a maioria do morro tudo era sem luz". (Dona Guilhermina, 74 anos)

Já o fogão era movido a querosene:

"- Tinha fogão que nem tem hoje, com gás?, perguntei.

- Não. Não existia, nem se falava. Era tudo a, fogão de querosene. Fogão de querosene ou a lenha, disse Seu João Lucas.

- E o fogão de querosene, não tinha perigo de explodir?, indaguei.

- Explodia não. Fogão de querosene não explodia não. Era uma lata redonda. Então, em volta da lata tinha aqueles pavios de pano e botava querosene ali. Mas isso também existia pouco. Porque a verdadeira mesmo era o fogão a lenha, explicou Se João Lucas.

- E como é que fazia para ter lenha?, questionei.

- Ah, aí no meio desses matos aí. E como existia tanta madeira jogada fora, o povo aproveitava a madeira". (Seu João Lucas, 89 anos)

Fazendo comparações com o passado, quando chegaram à favela, os idosos consideram que hoje está “muito melhor”. Fizeram referências a melhorias ocorridas nos governos de Carlos Lacerda (década de 60) e de Brizola (década de 80).⁸⁴ E, nos últimos tempos, o Favela-Bairro II, que é o Programa de Urbanização de Assentamentos Populares (PROAP) da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e tem como proposta “integrar a favela à cidade, dotando-a de toda infra-estrutura, serviços e equipamentos públicos e políticas sociais”.⁸⁵ Nesse local, o Programa construiu uma praça, um conjunto de casas, um “shopping”, asfaltou ruas e financia “projetos sociais”, como o “Esperança de Vida”, o qual abordarei em outro capítulo.

Segundo a Presidente do Centro Comunitário, foi de fundamental importância, para obtenção das melhorias, a existência da Associação de Moradores.

“- [...] porque quando tinha essa dificuldade de água, tinha os poços que quebravam um galho das pessoas; quem morava lá pra cima, apanhava água no poço. Depois que a Associação de Moradores conseguiu do governo colocar a cisterna aqui embaixo e colocar algumas bicas no alto do morro, que a bomba jogava água pro alto do morro. Aí as pessoas passaram a ter bicas d’água no alto do morro. Tanto no Pau da Bandeira como no Jardim, como no Bananal. [...]. Quando o governo veio pra resolver o problema da água, fez a cisterna e fez uma caixa d’água no Jardim, lá em cima, que, hoje, essa caixa está desativada, e fez uma caixa no Pau da Bandeira. Então, a água jogava com a bomba lá no Jardim e jogava com a bomba lá no Pau da Bandeira. Aqui, no Bananal, não jogava, porque tinha menos pessoas. [...]. Obra assim, dentro de favela, teve no governo Carlos Lacerda, depois no governo Brizola [...]. Não tinha rede de esgoto, o esgoto caía na casa um do outro, o esgoto caía na casa, aquelas valas imensas a céu aberto. Então, a gente comprava, a Associação comprava cano pra gente encanalar o esgoto, o morador fazia, a gente comprava cano, pra melhorar a água; a Associação que tomava conta da água, não tinha igual agora, do Brizola pra cá que teve é a Cedae, que fez convênio com as Associações de Moradores e começou a pagar as pessoas pra tomar conta da água, mas até então a Associação [é] que tomava conta; do Brizola pra cá que teve é a Cedae, que fez convênio com as Associações de Moradores e começou a pagar as pessoas pra tomar conta da água, mas até então a Associação que tomava conta”. (Anastácia, 66 anos)

⁸⁴ Abordarei a relação entre os moradores do morro e os políticos no quarto capítulo.

⁸⁵ Dados disponíveis no site da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, <www.rio.rj.gov.br/habitação/favelabairro>, acessado em <20/04/2002>. Ver, também, Prefeitura do Rio de Janeiro (2003).

“Esgoto tinha, mas a vala era negra. [...] Continuava as fezes a sair pelo meio da rua. Agora melhorou muito. Agora não tem mais isso. [...] Melhorou muito, a água, a rede de esgoto, o passeio, a rua, as calçadas para a gente passar, que era tudo cheio de barraquinha”. (Dona Antônia, 56 anos, moradora há 33 anos do morro)

Devido a estas melhorias e ao aumento do número de moradores é que alguns idosos consideram o morro “uma cidade”.

“Pra mim, aqui virou cidade, virou cidade pra mim, por causa da modificação, não tinha essa moradia, essas casas bacanas [...] eu não considero mais favela, pra mim é uma cidade”. (Seu Marcílio, 77 anos)

“Hoje em dia a nossa comunidade é uma cidade. Até no alto do morro existe casa de tipo, de dois, três andar, isso é uma beleza”. (Seu João Lucas, 89 anos, morador do morro há mais de 50 anos)

O número de moradores do morro varia conforme a fonte de dados e, entendo, que altera também segundo as intenções de quem fornece os números. Segundo Ruzany e Asmus (2001), as três favelas (Parque Vila Isabel, Morro dos Macacos e Pau da Bandeira) somariam 15 mil habitantes. Já, conforme a Presidente do Centro Comunitário Maria Isabel residem, nas três “comunidades”, 30 mil pessoas. De acordo com o Anuário Estatístico 95/97, a favela Parque Vila Isabel teria 3.487 habitantes (em 854 domicílios); o Morro dos Macacos, 4.451 habitantes (em 1187 domicílios); e o Pau da Bandeira, 3.137 habitantes (em 796 domicílios), totalizando 11.075 habitantes no que hoje é chamado por muitos dos moradores de “Complexo dos Macacos”. Segundo o senso do IBGE de 2000, existem nas três favelas 11.846 moradores, sendo que 3.435 no Morro dos Macacos, 5.195 no Parque Vila Isabel e 3.216 no Pau da Bandeira.

Boa parte desses moradores têm como principal acesso às suas casas no Morro Parque Vila Isabel, como fiz referência no primeiro capítulo, a Rua Armando de Albuquerque. Esta rua circunda, de um lado ao outro, o Parque Recanto do Trovador, por dentro da favela, formando um semicírculo; numa ponta está a Avenida Visconde de Santa Isabel e, na outra, a Avenida Barão do Bom Retiro, onde há um prédio de apartamentos residenciais e a Escola Municipal Noel Rosa.

Nesta rua principal, entrando pelo lado que se inicia na Avenida Visconde de Santa Isabel, de um lado está a Escola Municipal Assis Chateaubriand - atrás dela, na Avenida Visconde de Santa Isabel, está a 20^a Delegacia de Polícia -, depois, na outra quadra, está a Escola Municipal Mário de Andrade, e seguindo por este mesmo lado da calçada, encontram-

se: salão de cabeleireiro, padaria, botequins, casas, Igreja Evangélica, a subida para o terreirinho, o Centro Comunitário, a Associação de Moradores, loja de materiais de construção, outros comércios e, por fim, na outra ponta da rua, o prédio residencial.

Do outro lado da rua, vindo da Avenida Visconde de Santa Isabel, há o muro do Parque Recanto do Trovador. Nesse muro há inúmeras inscrições com pedidos de “paz e não às drogas”, menções à facção criminosa local e pichações diversas; na calçada, várias barraquinhas nas quais são vendidas roupas, bolsas, salgados variados, pastel e caldo de cana, frutas e legumes, cigarros. Há bastante movimento nessas barraquinhas, as pessoas param para conversar, fazem lanches, compras, esperam alguma visita. Quando as barraquinhas não estão funcionando, durante o dia, é um dos sinais de que está acontecendo algo no morro, por exemplo, conflito com a polícia ou incursão policial.

Alguns metros após essas barracas, nessa calçada, há o “depósito de lixo”, para onde os garis comunitários trazem o lixo recolhido no morro; há uns cinco carrinhos de lixo laranjas, mas a maioria do material fica no chão da calçada.

Os carrinhos do lixo, ou objetos grandes jogados ali, são utilizados, muitas vezes, como barreira à entrada de carros, principalmente, da polícia, ficando dispostos um pouco antes da lombada, na altura do lixo.

No muro, acima do lixo na calçada, há um dizer “comunidade limpa é aquela que menos se suja” e o desenho do Cascão (aquele da Turma da Mônica, criado por Maurício de Sousa) com um porco numa coleira. Seguidamente, vejo pessoas e cachorros revirando o lixo, poucas vezes vi o caminhão de lixo o recolher. Logo após o lixo, passo pelo portão do Parque, continuo a seguir o muro e chego ao “*shopping*”, um conjunto de pequenas lojas e quiosques construídos pelo Favela-Bairro II, visando retirar o comércio que ficava nas calçadas dessa rua e na “curva” mais adiante.

Atrás do “*shopping*”, como visto no capítulo anterior, fica a quadra do CIEP, local utilizado não apenas pela escola, mas por quem desejar. Aí são realizados bailes *funk*, shows promovidos pela Associação de Moradores, torneios de futebol, atividades do Centro Comunitário e onde aconteceram os ensaios do Bloco Balanço do Macaco, em janeiro e fevereiro de 2004.

Ao lado do “*shopping*” está o CIEP Salvador Allende, chamado em geral, não só pelos moradores locais, de Brizolão, visto que foi construído na década de 80, durante o governo de Leonel Brizola. Após o CIEP vem a “curva”, onde hoje há uma pracinha e de onde partiu o desfile do Bloco Balanço do Macaco durante o carnaval 2004. Após, estão pequenas construções, nas quais funcionam oficina mecânica, botecos com sinuca, uma escada que

também dá na quadra do CIEP, mais comércios até chegar na outra ponta da rua, onde está localizada a Escola Municipal Noel Rosa.

4. Comunidade, comunidades

Antes mesmo de iniciar a pesquisa de campo, quando comentei com alguns colegas sobre minha vontade de pesquisar alguma favela, fui advertida de que esse termo não era adequado, eu deveria chamá-la de “comunidade”, pois favela era pejorativo, os moradores poderiam se sentir agredidos.

Buscando compreender o que significa esse termo - “comunidade” -, aponto para diferentes usos de tal palavra. Polissêmica, tem seus múltiplos significados associados ao contexto no qual é evocada. Compreender as variadas acepções dessa categoria, assim como “morro” e “favela”, é perceber de que maneira os sujeitos se movimentam, organizando, expressando e controlando a realidade em que vivem, pois a “construção social da realidade [que] é basicamente, portanto, um processo de classificação com criação de categorias e estabelecimento de fronteiras” (Velho, 1997b:9).⁸⁶

Um dos sentidos seria como sinônimo de “lugar”:

- E sempre chamaram aqui de comunidade?, perguntei.
- É comunidade, qualquer lugar é comunidade, disse-me Seu João Lucas.
- Por quê?, indaguei-lhe
- É porque o povo mora ali, é comunidade. Em vez de dizer: o lugar. Em vez de dizer o lugar, diga comunidade”. (Seu José Lucas, 89 anos, morador do morro há mais de 50 anos)

Quando, acima, Seu Mariano se referiu à “comunidade de Vila Isabel” patrocinando os doces da festa de São Cosme e Damião, ou o neto do Martinho da Vila agradecendo a homenagem recebida pelo avô da “comunidade que ele tanto ama”, eles se remeteram ao bairro como o conjunto de seus moradores, ligados por sentimentos de pertencerem ao local. Aqui, a história e a memória do bairro, construída e compartilhada socialmente, atuam para a construção do sentimento de pertencimento. Nessa situação, como também no âmbito da Escola de Samba, o termo é utilizado com referência ao conjunto de pessoas que pertencem e

⁸⁶ Sobre sistemas de classificação do mundo pelos homens, ver o texto clássico de Durkheim e Mauss (1981).

se identificam com um grupo, seja o bairro ou a escola de samba, situacionalmente.⁸⁷ Isto é, essa identidade não é totalizante do sujeito, mas o agrupa num determinado momento. Por exemplo, no caso da Escola de Samba, durante o Carnaval, a pessoa integra uma “torcida” (Toledo, 1996), como aponta Dona Antônia, 58 anos, moradora do morro:

“- Aqui sempre foi chamado de comunidade?, perguntei.

- Foi, sempre foi a comunidade de Vila Isabel, entendeu? [...] Se tem que torcer pela sua comunidade, se você mora na Mangueira você vai torcer pra Mangueira; se você mora na lá não sei pra onde, você vai torcer pra lá; e eu moro aqui em Vila Isabel, eu vou torcer pela Vila Isabel, sempre torci pela Vila Isabel, explicou-me Dona Antônia”.

Na própria Escola de Samba tem algumas alas denominadas “alas da comunidade”. Antes de eu participar dos ensaios para o Carnaval de 2004, pensava que essas alas eram para os moradores do morro. Durante os ensaios, conversei com algumas pessoas para saber onde moravam, algumas disseram que em ruas do bairro; outras, como eu, em outros bairros da cidade e até em Niterói, São Gonçalo; algumas moravam nas favelas locais. A maioria das pessoas, para desfilarem nessas alas, tinham a “carteirinha” da ala, isto é, são associadas à Escola, pagam uma quantia por mês, devem participar de todos os ensaios e têm suas fantasias a um custo muito baixo. Algumas poucas pessoas, como no meu caso, conheciam alguém que era da “comunidade”, da diretoria preferencialmente, ou associado, que ofertou a fantasia para esse Carnaval específico, o que não garante a participação na ala nos carnavais seguintes, como apontei no capítulo anterior.

“A comunidade de Vila Isabel é azul e branco” (Dupla “As Velhas da Vila”, em referência às cores da Escola de Samba)

“[...]a Escola de Samba de Vila Isabel, assim como a Banda de Vila Isabel ela está aberta pra qualquer pessoa da comunidade, não há uma discriminação” (Seu Mariano, 68 anos)

Aqui, o sentido aproxima-se da concepção expressa por Castro (2001: 28), na qual “‘comunidade’ não está necessariamente relacionada a delimitações espaciais, mas a códigos sociais que sejam compartilhados no cotidiano, no processo de interação dos indivíduos”.

⁸⁷ Gaspar (2003:60) também aponta para a definição de “comunidade” relacionada à Escola de Samba ser definida pelo “pertencimento ao samba e não pela favela como local de moradia”.

Em outros momentos, “comunidade” é utilizada como sinônimo de favela, como local de moradia dos pobres do bairro: “que Vila Isabel, a comunidade do Morro dos Macacos, do Pau da Bandeira, essa região aqui que circunda o bairro de Vila Isabel tem muita gente pobre, muita gente pobre” (Seu Mariano, morador do bairro, 68 anos).

“Comunidade é comunidade, porque [é] pessoa pobre, sem renda, porque a gente mora aqui porque não tem outra opção [...] a gente não paga aluguel”.
(Dona Morgana)

Nesse sentido, muito escuto sobre isso nos meios de comunicação de massa e em conversas cotidianas fora da favela, as “comunidades carentes”, as “comunidades pobres”. Esse termo é mais recente que a própria favela, como indica Dona Anastácia, que foi a quarta presidente da Associação de Moradores e seu marido, já falecido, o primeiro; hoje ela é presidente do Centro Comunitário do morro, uma dissidência da Associação de Moradores:

“- E esse termo comunidade, sempre chamaram de comunidade?, perguntei.
- Não, esse termo comunidade é novidade, todo mundo só chamava isso de favela, depois começaram a achar que o nome favela era muito feio. Aí trocou, aí eles acostumaram chamar de comunidade. Chegava todo mundo, não se falava nada de comunidade, agora o pessoal acha palavra ruim falar favela, [...] está depreciando. Aí, não se fala mais favela, se fala comunidade, mas antigamente ninguém falava comunidade, falava favela, mudou esse nome, ficou mais bonitinho, explicou.
- Mas, isso de mudar o nome, começou de dentro ou de fora?, indaguei.
- De dentro, alguns líderes de favela acharam que sei lá, não queriam morar em favela, eles queriam morar em numa comunidade, disse Dona Anastácia”.

Segundo a presidente do Centro Comunitário, “comunidade” é um termo politicamente correto. Podemos pensar que sua adoção pelos líderes locais advém da interação destes com outras lideranças, como as do Governo Estadual.⁸⁸

“- Ah, em 60 [anos 60] mais ou menos, assim que eu cheguei pra cá, aí nós fomos conseguir, nessa ocasião tava sendo começado, dando um incentivo pra se fundar associações de moradores, com o movimento de fundação das associações de moradores. Aí, lá no Palácio Guanabara eles informaram pra gente que se organizasse em grupos de associação de moradores. Tava sendo criada já, porque tava se proliferando muitas favelas aqui no Rio. E tava

⁸⁸ Não posso deixar de apontar para o papel preponderante que a Igreja Católica teve na organização das Associações de Moradores das favelas, como demonstraram Santos (1981) e Santos e Vogel (1981). Também saliento a contribuição desta instituição na adoção do termo “comunidade”, a partir da atuação das Comunidades Eclesiais de Base, como apontou Segala (1991).

tendo vários problemas, problemas de construção ilegal, as moradias estavam crescendo muito; então, eles queriam que as pessoas da comunidade se interessassem pra não deixarem aumentar o número de favelados, então, eles queriam isso e trazer algum benefício pra comunidade. Então, foi na época do Carlos Lacerda [Governador do extinto Estado da Guanabara – hoje RJ -, nos anos 60]. Aí, nós começamos [...], fundamos, então, a associação de moradores, que foi em 62". (Dona Anastácia)

Não é a simples troca do termo; com o uso da palavra “comunidade” é inaugurado um processo de positivação desse espaço e de seus moradores, visto que foi a “favela” (e não a “comunidade”) que “se proliferou” como chaga, trazendo “muitos problemas”, dentre eles a “ilegalidade”. Esta visão da favela, que vai ao encontro de sua definição feita por órgãos do Estado, aborda um ato ilícito: “a invasão de terras alheias” (IBGE, 2000).

Atualmente, o vocábulo “favela” é utilizado também, tanto na sociedade em geral, como no interior da favela, com sentido pejorativo, adjetivando o que é considerado esteticamente feio, desordeiro, negativo: “vai ficar favelinha”, ouvi certa vez, da presidente do Centro Comunitário e de uma das cozinheiras, sobre a arrumação de uma estante, tal como eu propus, amarrando-a na janela com barbante. Nessa ocasião, a dirigente comentou, ainda, que a empregada de um dos seus filhos “adora fazer favelinha”, por estender as roupas para secar na frente da casa, na rua onde moram (fora do morro), o que poderia ocasionar “problemas”.

Essa representação é muitas vezes utilizada pelos próprios moradores em momentos de tensão. Certa tarde, no saguão do Centro Comunitário, eu estava ajudando Dona Anastácia e alguns jovens a retirar a espiral de inúmeras encadernações a fim de separar os papéis do plástico, pois os materiais seriam vendidos com o intuito de arrecadar fundos para um passeio dos jovens. Então, um homem entrou na entidade, aproximou-se de Dona Anastácia e disse: “eu sei que aqui é favela, que tem som, samba”, no momento eu achei engraçado e todos estavam sorrindo e não percebi que ele estava bravo; somente com a continuação de sua fala é que entendi que se tratava de uma reclamação: “mas esse barulho”, continuou o homem - e levantou o braço em direção de onde vinha o barulho, que era a aula de percussão realizada no Centro – “bem do lado da minha casa, a minha filha nem quer mais dormir no berço dela, por causa dessa bateção bem na minha porta”. Então, Dona Anastácia, sentada, mexendo nos papéis, disse a ele: “engraçado, toda noite tem tiros aí e ninguém vai reclamar pra eles do barulho, pra eles pararem! Vão pedir pra eles pararem pra ver!”. O homem, com cara de bravo, disse: “eu não tenho razão, então?!” . Dona Anastácia respondeu: “tem, mas não posso fazer nada, uma vez por semana vai ter aquela aula ali, porque não pode ser no CIEP” (muitas aulas de percussão, antes e depois desse episódio, foram realizadas na quadra do CIEP). O

homem saiu olhando lá para cima de onde vinha o som. Depois de sua saída, um dos jovens, conversando com Dona Anastácia, comentou, em certo tom de ironia, que era para o homem “pedir pros cara para pararem de dar tiro”, e riu.

Relembro que, outrora, essa representação da favela apareceu, na década de 20, em um documento oficial do município: na elaboração do Plano Agache, que via as favelas como um “problema social e estético”, apontando como solução para tal questão sua erradicação (Abreu, 1997:86-90).

A favela pensada negativamente vai ser ressignificada como “comunidade”. No contexto da relação “favela” / “asfalto”, a “comunidade” vai ser (re)inventada para dar entrada aos “projetos sociais” – de cunho, marcadamente, civilizador -, à busca pela ordem, às “práticas civilizatórias” (Elias, 1992 e 1994). Nessa perseguição, ela deve-se organizar para reivindicar “benefícios”. Esse substantivo passa a ser uma estratégia discursiva no contexto de disputas de bens políticos (projetos sociais), econômicos (financiamentos), sociais (o público que dá estofo aos projetos) e por prestígio. Foi no contexto de um evento ritual: os 20 anos do Centro Comunitário, que essas relações foram evidenciadas.⁸⁹ A fala de Elena, mestre de cerimônias do evento e filha de Dona Anastácia, demonstra essa estratégia discursiva:

“[viemos para a] rua dar uma visibilidade ao trabalho que a gente faz aqui na comunidade. Nossa comunidade não é só tiro não! Não é violência não! A gente tem cidadãos [...] A gente está aqui hoje na praça Barão de Drummond comemorando 20 anos de Centro Comunitário, 20 anos de muito trabalho, com muitas parcerias, graças a Deus! E a gente está aqui pra mostrar a nossa cara. [...] Nós somos parte dessa nação, dessa comunidade, desse bairro. E hoje a gente está aqui feliz da vida, feliz da Vila! Porque a gente é Vila Isabel. A gente está fazendo aniversário e a gente quer comemorar com todo mundo aqui do bairro, certo?! [...] Tem muita coisa pra ver, pra conhecer, e a gente quer também mais parceiros nesse trabalho, a gente quer mais é amizade, a gente quer mais colaboração, a gente quer mais integração nesse trabalho; e é hoje, a partir de hoje a gente está fazendo nosso contato mesmo aqui na Praça Sete. A gente vai tomar essa Praça sempre, hein? A gente vai tomar de assalto e vamos dividir ela, também, com todo mundo!”.

Esta fala ritual (Gluckman, s/d; Turner, 1974), dita e repetida do início ao final do evento, realizado na Praça Barão de Drummond, área central do bairro de Vila Isabel, assume ainda o sentido de um dispositivo para dirimir a acusação de “poluição”, de “contaminação” (Douglas, 1976)⁹⁰, que expressa o conflito existente entre os moradores da favela e os do “asfalto”. Conflito este que ganha significado no contexto da cidade do Rio de Janeiro,

⁸⁹ Abordarei mais detidamente esse evento no próximo capítulo.

⁹⁰ Utilizo os textos de Gluckman (s/d) e Turner (1974) para pensar essa ação ritual com o sentido de resolução de conflito; e, o texto de Douglas (1966) para pensar a noção de poluição.

condizente com uma das representações sociais da cidade: a “cidade [bi]partida”, como apontei acima.

Nessa (di)visão, que toma a “violência” como ponto de interseção da cidade, as favelas são vistas como homogêneas, simbolizando a ilegalidade, fonte de muitos problemas e de insegurança; e o “asfalto” também é visto homogeneousmente, como símbolo da legalidade, da ordem, da solução e do medo. Medo esse que inclui ser “tomado de assalto” pelos moradores das favelas. O contraste passa, também, por uma disputa de classe, de visões de mundo e estilos de vida. Dessa maneira, recai sobre as favelas um estigma, que torna seus moradores “desacreditados” (Goffman, 1988), dado que elas são tomadas como o local do crime, da violência e do habitat das “classes perigosas”.⁹¹

A tentativa de resolução desses conflitos apresenta-se mediante a execução de atividades civilizatórias (as oficinas e os projetos), realizadas cotidianamente no Centro Comunitário, apoiadas por diversas instituições e personalidades do “asfalto”.⁹²

No evento de comemoração de 20 anos do Centro, a demonstração pública dessas atividades - as apresentações de dança, canto, percussão, capoeira, entre outras -, ao mesmo tempo em que cria novos laços sociais, pela conquista de novos patrocinadores - novos “parceiros” -, identifica aqueles que estão engajados nessas práticas, como as crianças, os jovens, os idosos, opostos à (representação de) incivilidade perpetrada pelo tráfico armado no morro e temido no “asfalto”, talvez mais do que na favela.

A sustentação de práticas civilizadoras por entidades do “asfalto”, em vez de colaborarem para a transformação da estrutura social de desigualdades, a mantém sob um controle desejado - pelos moradores do “asfalto” e mesmo do governo - e não-alcançado de

⁹¹ Outra perspectiva que essa divisão, que toma a “violência” como ponto de interseção da cidade, recorda uma configuração de poder estabelecidos-*outsiders*, tal como propõem Elias e Scotson (2000). Os *outsiders*: as favelas, vistas como homogêneas, simbolizando a ilegalidade, fonte de muitos problemas e de insegurança. Os estabelecidos: o “asfalto”, também visto homogeneousmente, símbolo da legalidade, da ordem, da solução e do medo. Medo esse que inclui ser “tomado de assalto” pelos moradores das favelas. O contraste passa também por uma disputa de classe, de visões de mundo e estilos de vida. O estigma que os estabelecidos imputam aos *outsiders* - as favelas e seus moradores – é o de local do crime, da violência e do habitat das “classes perigosas”. A contribuição da obra de Elias e Sctoson (2000) para pensar a relação “favela/asfalto” é a atenção dispensada à existência de diferencial de poder entre os indivíduos. A configuração de poder analisada pelos autores, numa comunidade inglesa, é entre dois grupos, muito semelhantes em termos de renda e classe social, mas que, entre os quais, existia um diferencial de poder, fundamentado no tempo de moradia no local. Os estabelecidos eram os moradores mais antigos, mais coesos; os *outsiders*, os moradores mais recentes, aos quais faltava a coesão interna como grupo.

⁹² Em situações de intercâmbio social, com grande potencial para o conflito, diversos mecanismos são utilizados de modo a evitar o conflito aberto e possibilitar relações sociais entre grupos distintos. Um exemplo clássico é o dado por Mitchell (1968) quando estuda a “Kalela dance”. Ele demonstra como essa dança possui algumas características de relações jocosas (“joking relationships”) e como, por meio desse tipo de interação, numa situação de grande tensão social, distâncias e proximidades sociais são produzidas - e marcadas - e o conflito exposto sem culminar em uma guerra.

outras formas, devido à onipresença das armas. Não me refiro apenas a uma representação, mas ao que observo em campo: garotos armados com fuzis e pistolas, parados ou circulando cotidianamente no morro.

A fala de Elena, durante o evento, deixa antever que essas injunções são assimiladas tanto na favela quanto fora:

“- Muita gente aqui de Vila Isabel, que mora aqui, no asfalto, não conhece muito bem a nossa comunidade e, às vezes, tem até uma falsa impressão do que acontece ali! Pensa que é só tiro, violência e droga, mas não, ali no morro, a gente tem sonhos e a gente está sabendo realizar esses sonhos; e a gente quer parcerias, a gente quer amizade, a gente quer cumplicidade para que todos tenham as mesmas oportunidades. Porque o que acontece com a gente é que alguns têm oportunidades e outros não têm. [...] Nós somos crianças, somos jovens, somos adultos, somos idosos e queremos ter os mesmos direitos; nós queremos que o pessoal do asfalto e do morro tenham uma verdadeira integração; a gente não quer que, aqui embaixo, as pessoas fiquem atrás das grades com medo da gente; só de olhar a gente, as pessoas seguram a bolsa; só de olhar a gente, elas choram de medo; só de olhar a gente, eles riem da gente, da nossa pele, ri do nosso cabelo, ri do nosso sorriso e a gente não quer não. A gente quer ser normal, a gente quer igualdade de direito, a gente também quer comer, a gente quer beber, a gente quer ter cultura, a gente quer ter educação e cidadania! [...] A gente quer que o morro e o asfalto cheguem a um denominador comum, ou seja, a gente quer os direitos iguais, a gente quer andar com o direito de ir-e-vir, a gente não quer ser olhado discriminadamente. [...] A gente quer respeito e é isso que a gente quer com essa comemoração aqui: mostrar que nós somos iguais a, como qualquer outro cidadão brasileiro e a gente está muito feliz [...].”.

Nessa reivindicação por “igualdade”, mais do que clamar pela consecução de alcançar uma igualdade de direitos, está implícita uma disputa: de recursos políticos, sociais, econômicos e de prestígio – a busca de um lugar ao sol, isto é, na cidade do Rio de Janeiro. Essa concorrência acontece numa configuração de poder em que os recursos são escassos e por isso é necessário “merecê-los” (Borges, 2003).

Essa disputa também foi revelada, no evento, quando do lançamento “simbólico” do livro: “O resgate da memória de Vila Isabel”, uma compilação de textos publicados na Internet e dados retirados de outros livros sobre a história do bairro e do Morro.

Nesse evento, o idealizador do livro, o professor de informática (morador do Morro e ex-aluno do Centro), tinha como objetivo apresentá-lo à imprensa e ao público local, visando, sobretudo, aos comerciantes, para ter sua edição financiada.

Esse livro, como me disse seu idealizador, é um movimento para mostrar o Morro em diversas nuances, seus empreendimentos, “as coisas boas que tem aí”, como os poetas, a

escola de informática, entre outros; buscava, desse modo, romper com o conhecimento produzido pela mídia, baseado em episódios isolados, que colaboraram para a visão do senso comum de que ali só existe violência.

Com o empenho em publicar esse livro percebi também a existência, entre os moradores do morro e do bairro, de uma luta, principalmente simbólica, pela produção, pela imposição e pela legitimação da visão e di-visão de mundo desses moradores, expressa aqui em qual história e qual memória será institucionalizada (Bourdieu, 1989). Essa disputa busca, assim, legitimar também os representantes desses grupos, quem pode representar quem e quando, quem está autorizado a narrar as histórias e fixar as memórias que serão as oficiais. Isto porque, como aponta Bourdieu (1989:153):

“[...] o espaço social é um espaço multidimensional. [...] No interior de cada um dos espaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas (sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas)”.

O livro compilado compete com uma produção de livros, como visto acima, apoiados pela classe média local, como por exemplo, os membros da Banda de Vila Isabel. Esses livros (muitos dos quais foram utilizados pelo professor para compor o seu) refletem o esforço deste setor, pelo menos, de construir e manter uma identidade do bairro, como apontei acima, manifestada na própria construção da história oficial do local e de áreas desse local (Novaes, 2000; Leite, 2001).

Em nenhum dos livros é mencionada a expressão favela, ou a sua existência. A invisibilidade relativa delas - onde moram cerca de 11.846 pessoas (IBGE, 2000) -, simbólica e geográfica, visto que estão situadas atrás de uma cortina de prédios, é outro fragmento desse caleidoscópio que contribui para tensionar as relações sociais entre os moradores dessas duas localidades – já tão tensionadas.

A invisibilidade relativa dessas favelas na história oficial do bairro também apareceu quando fui conversar com a funcionários da prefeitura, responsável pelos dados da IX RA (Região Administrativa), e ela somente se referiu às “comunidades” para citar o nome das associações de moradores. Nesse momento, como apontei no capítulo anterior, ela me advertiu para eu não adentrar “muito longe do portão principal”, no Parque Recanto do Trovador, “porque o pessoal da comunidade desce e fica ali, às vezes, até armados”.

Se a possibilidade de encontro com os moradores da “favela”, por quem não mora nesse espaço, causa certa tensão, como na fala da funcionária da IX RA, em outras situações, a relação entre os moradores das duas localidades ganha outras tonalidades, como na realização da festa de São Cosme e São Damião, organizada pela Banda de Vila Isabel, para as crianças da “comunidade” – como me disse, acima, um de seus membros.

Retomando a discussão sobre os significados da palavra “comunidade”, “favela” e “morro”, Dona Guilhermina, 74 anos, moradora do morro há 50 anos, em sua narrativa, compara dois locais em que já viveu: a “roça” recordada, onde todos se conheciam, um “lugar pequeno”; e a “favela” vivida hoje, onde não conhece mais pessoalmente todas as pessoas.

“- A senhora gosta daqui, acha bom, o que a senhora acha de morar aqui?”, perguntei

- Bom, estou aqui. Gosto porque estou morando aqui, mas eu estranho muito, porque eu não fui criada, assim, num lugar grande, era um lugar pequeno. Aí eu gosto muito mais de viver, assim, pelas roças; num lugar mais sossegado, um lugar mais calmo. Como eu gosto quando eu saio, assim, que eu fui criada numa roça, eu acho que, pra mim, morar na roça é melhor do que morar aqui. Aqui é muito embolado, muita gente e onde a gente morava tinha pouca gente. [...] Era um vizinho lá, um vizinho cá, a gente se dava com todo mundo, todo mundo era conhecido um do outro, aqui tem muita gente, a gente não conhece ninguém! Por isso eu falo, é muita gente, mas não eu não conheço ninguém, a não ser essas senhoras que tá aqui, mas eu conheço elas daqui, agora manda eu ir na casa delas, eu não sei onde moram. Agora, aonde eu morava a gente se conhecia e sabia onde, a distância era longe, mas a gente sabia onde [...] ‘fulano mora lá em tal lugar’, aí sabia a casa, aqui você encontra aí, na rua aí, mas não sabe aonde mora, eu não sei [...], disse Dona Guilhermina”.

O morro cresceu, “é uma cidade”, como disseram Seu João Lucas e Seu Marcílio, e, com esse crescimento, ocorreu uma complexificação da organização social do local, ocasionando mudanças nas relações sociais e na condição do habitante, que, se antes era conhecido por todos, hoje é possível manter um “anonimato relativo” (Velho e Machado, 1977). Pois, não é mais possível interagir face-a-face com todos os moradores da favela, a inserção social passou a ser melhor definida pela participação em diferentes redes sociais, isto é, a rede social de um indivíduo se expandiu (Epstein, 1969). Se num momento passado, essa rede era constituída, especialmente, na vizinhança e pelo parentesco, agora passaram a integrar essa rede pessoas que se conheceram e construíram seus vínculos em alguns espaços, como o Centro Comunitário. Durante o trabalho de campo, observei as pessoas conversando em pequenos grupos nas portas das casas, nas escadas, nos bares; jogando cartas nas calçadas;

formando o “bonde” no baile *funk*; participando do grupo dos idosos no Centro. Nesse contexto, então, a favela não pode ser entendida - segundo alguns pesquisadores defendem - como uma “comunidade” no sentido de um conjunto homogêneo e unívoco, como categoria importada dos estudos de comunidade dos anos 1950-60.

No entanto, em situações sociais de demarcação de pertencimento, como frente a outras favelas; em estados de catástrofes materiais; nos momentos em que “houver pedido” para ajudar, alguns moradores do morro se unem, formando os “mutirões”, atuando como “comunidade”, isto é, recriando-a com o sentido de um conjunto integrado, como apontam alguns moradores do morro.⁹³

“[...] Não gosto de mudar daqui não, disse Seu João Lucas.

- Por quê?, perguntei.

- Acho que é bobagem. Porque o que eu plantei, tenho que colher. Plantiei o respeito. Sou respeitado, vou sair para quê? A violência, no caso, está no mundo. Eu vou sair daqui por causa de alguma violência, vou para um lugar pior, pelo menos aqui tem alguma violência, mas sou conhecido. Só enxergo o meu caminho, não enxergo o mau caminho de ninguém. Sigo esse caminho, então sou respeitado, graças a Deus”. (Seu João Lucas, 89 anos)

“Quero sair daqui, é muito agitado, mas para ir para outro morro não, porque aqui já conheço todo mundo e todo mundo me conhece, moro aqui há 24 anos”. (Andréia, 27 anos, trabalhadora do Centro Comunitário)

“- E o senhor, participou, as pessoas se juntavam aqui para fazer coisas?, perguntei.

- [...] Não! Só se houvesse pedido, disse Seu João Lucas.

- Pedido de quem?, indaguei.

- Só se houvesse pedido: “Me ajuda a fazer isso, assim, assim, tal e tal”. Como eu disse, que se fazia muito mutirão, muito ajuntamento para fazer, ajudar a fazer um barraco, que, às vezes, a pessoa não podia fazer sozinho, pedia aos amigos. Os amigos iam, juntava 10, 15, ajudava a fazer, explicou Seu João Lucas”.

“- O incêndio no morro, eu não sei não, provocaram ele, foi muita dor nos barracos aí, contou Dona Anastácia.

- Queimou muito barraco?, perguntei.

- Queimou bastante barraco, disse.

- E as pessoas, foram pra onde?, indaguei.

- Elas ficaram por aqui mesmo, [...] as comunidades têm essas coisas, em geral, um acolhe o outro, isso aqui é uma grande família, se você procurar direitinho todo mundo é parente, explicou.

- Ah, é parente, como assim?, perguntei.

⁹³ Frúgoli (2003), a partir de pesquisa realizada na cidade de Beuningen, Holanda, aponta os momentos em que ocorreram mudanças na noção de comunidade, bem como os momentos em que ela é reconstruída, associada a determinadas práticas concretas.

- Ah, e lá algum é parente mesmo, é cunhado de fulano. É primo de fulano não sei o que lá. Acaba no fim tem bastante parentesco e recorre à família, um fica na casa do outro, esse negócios de comunidade é assim mesmo: um acolhe o outro. Ninguém fica na rua, pra você ver: aqui no morro, não tem negócio de criança de rua, menino de rua, porque se tiver dormindo lá fora, dorme na casa de qualquer um. Não tem essa história de não ter casa, todo mundo tem, acolhe o outro, expôs Dona Anastácia.”

No sentimento e na ação de “conhecer todo mundo”, do “ajuntamento para fazer um barraco”, do “acolher o outro”, as pessoas aproximariam - ainda que idealizada, imaginada ou numa lembrança ao passado - o local onde moram da acepção de comunidade proposta por Weber (1998:33), definida como “uma relação social quando e na medida em que a atitude na ação social [...] se inspira no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos participantes de construir um todo”.⁹⁴

Com o crescimento do morro, sua manutenção é auxiliada por alguns serviços. A Associação de Moradores assume o papel de administradora de diversos serviços prestados no local, como limpeza pública – com o “gari comunitário” -, entrega de correspondências e mediadora de compras de supermercado ou de lojas, onde são entregues as mercadorias e depois redistribuídas. A comunicação entre a Associação e os moradores é realizada mediante o uso de um alto-falante, pelo qual são feitos anúncios gerais, como ofertas de emprego, a chegada das mercadorias e correspondências, entre outros. O serviço de alto-falante, que atende ao Morro Parque Vila Isabel e ao Pau da Bandeira, ganhou uma música de Leci Brandão⁹⁵. Reporto-me à música, pois como aponta DaMatta (1994: 61), em nossa sociedade: “a música popular tem uma importância capital como instrumento de dramatização da vida política, dos valores sociais, dos papéis sexuais, do poder, dos infortúnios, da morte e da doença, do amor, do ciúme, da vingança e da indiferença, do trabalho, do trabalhador, da boemia e da malandragem, da cidade, do campo...”.

“No serviço de alto-falante
Do Morro do Pau da Bandeira
Quem avisa é o Zé do Caroço
Que amanhã vai fazer alvoroço
Alertando a favela inteira

⁹⁴ Assim como Weber, diversos autores esforçaram-se para definir “comunidade” como um conceito primordial das Ciências Sociais, no âmbito da discussão sobre a organização social da humanidade. A reflexão de vários autores encontra-se na coletânea organizada por Florestan Fernandes (1973), entre eles, Park e Burgess (1973 [1925]), Tönnies (1973 [1944]) e Wirth (1973b [1956]).

⁹⁵ Leci Brandão é intérprete e compositora carioca de música popular brasileira, principalmente samba, com reconhecimento nacional. Faz parte da ala de compositores da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Segundo Lucas Ribeiro, Leci Brandão nasceu em 12 de setembro de 1944 em Madureira, Rio de Janeiro, e foi criada em Vila Isabel http://www.terra.com.br/chatshow/leci/biografia_leci.htm.

Como eu queria que fosse em Mangueira
 Que existisse outro Zé do Caroço
 Pra dizer de uma vez pra esse moço
 Carnaval não é esse colosso
 Nossa história é raiz, é madeira
 Mas é o Morro do Pau da Bandeira
 De uma Vila Isabel verdadeira
 O Zé do Caroço trabalha
 O Zé do Caroço batalha
 E que malha o preço da feira
 E na hora que a televisão brasileira
 Distrai toda gente com a sua novela
 É que o Zé põe a boca no mundo
 E faz um discurso profundo
 Ele quer ver o bem da favela
 Está nascendo um novo líder
 No Morro do Pau da Bandeira”
 (Música “Zé do Caroço” de Leci Brandão. In: Leci Brandão e convidados, 2001 [meados da década de 80])

A Associação assume o papel de administradora local, é a prestadora dos serviços. A Associação detém, ainda, o controle da distribuição da água encanada. O morador, para ter acesso à água, paga mensalmente uma taxa à entidade, como associado. Pelo que me foi relatado por alguns jovens, nem todos os moradores pagam a taxa e muitos dos que não pagam, que seriam a maioria, continuam usufruindo os serviços.⁹⁶

“- O que é o Gari Comunitário?, perguntei.

- O Gari Comunitário era toda vez que chovia tinha que mandar um ofício para lá, para aqueles garis de lá vir para cá. Aí ficava esperando, esperando, esperando ... Então houve aí um, como é que fala? Um voto, as votações, o que achava para ter um Gari Comunitário. Todo mundo: “Ah, faz bem”. Um gari comunitário dentro da comunidade, que já conhece o morro, aqui, tudo. Então, cuidaram do Gari Comunitário. O gari só faz limpeza dentro da favela, não faz fora não. Não sei se faz fora, mas eu só vejo eles aqui dentro. Quer dizer, recolhe lixo, vê as encostas, desentope os esgotos, é essas coisas todas, explicou Dona Antônia”.

“Tem o alto-falante pra chamar quando tem carta, mas lá em cima não dá para escutar, explicou Dona Ernani”. (69 anos, moradora do morro há quase 50 anos)

⁹⁶ Para as quatro favelas há quatro ou cinco Associações de Moradores e dois Centros Comunitários. Valladares (1977) discute a importância e o papel desempenhado pelas associações voluntárias nas favelas cariocas. Esta autora, quando analisa o Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro (1978), aponta ainda para as negociações dos poderes públicos, por meio da CHISAM, com as associações de moradores para que estas atuassem como intermediários entre a CHISAM e os moradores, mobilizando estes a ‘concordarem’ com a remoção de suas casas para outros locais, no âmbito da política de remoções nas décadas de 60-70, do séc. XX.

“Eles [a Associação de Moradores] usam, às vezes, aqui o nosso computador; a gente usa, lá, o alto-falante, porque divulgar é importante. E o serviço de alto-falante é na associação e a gente usa muito, disse Dona Anastácia.

- E como é esse serviço de alto-falante?, perguntei.

É um alto-falante, que tem em vários postes, que tem um amplificador na associação que fala lá pro morro, chama, faz avisos [...]. Aí, a gente usa muito o alto-falante da associação”. (Dona Anastácia, 66 anos)

“- E a Associação o que ela faz assim ?, perguntei.

– A Associação trata da comunidade, a gente paga água, qualquer coisa que a gente pede na [...]tem que falar na Associação, disse Dona Guilhermina.

- Como assim qualquer coisa?, indaguei.

- Ah, se a gente fizer, pedir qualquer coisa que a gente quer fazer tem que falar na Associação, respondeu Dona Guilhermina.

- Mas que tipo assim de coisa quer fazer, fazer aonde?, insisti.

- Que agora a gente fez casa, água, que a gente paga água, se for puxar um cano d’água, se a gente for buscar uma água lá pra nossa casa tem que vir aqui falar ‘eu quero um cano d’água lá [pra] botar em tal lugar’; aí tem bombeiro aqui na Associação, aí eles vão lá e encanam a água pra gente, a gente não pode chegar lá, na água do vizinho lá, abrir e botar, explicou Dona Guilhermina.

- Não pode?, questionei.

– Não, abrir o cano lá, botar a água na nossa casa a gente tem que vir aqui falar, ‘ah eu queria botar um cano d’água mais lá pra casa, queria bota água lá em casa’, a gente tem que vir aqui falar, aí vai lá vê, aí o bombeiro que vai lá e que faz a ligação toda pra casa da gente, disse Dona Guilhermina.

- Aí vocês pagam pra?, perguntei.

- Aí a gente paga, respondeu Dona Guilhermina.

- E vocês recebem carta em casa?, perguntei.

- De que?, indagou Dona Guilhermina.

- Cartas, por exemplo, a senhora na sua casa, quando alguém manda uma carta pra senhora, a senhora recebe na sua casa?, expliquei.

- Não, vem aqui pra associação, a gente vem apanhar aqui, conta de luz, telefone, tudo vem aqui pra associação, o correio traz, põem aqui e a gente vem apanhar, contou.

- Por que não entregam em casa?, indaguei.

– Ah, se for entregar em casa é muita casa! Então eles vêm e entregam tudo aqui, aí eles [na Associação] chamam, às vezes, pra apanhar correspondência, mais assim de emergência, aí eles chamam. Mas aí as cartas aqui que venha procurar aqui, já vai vê se tem carta, vê se a conta de luz já chegou, aí a gente vem aqui, explicou Dona Guilhermina.

- Mas eles conhecem todo mundo que mora aqui?, questionei.

- Conhece! Conhece, eles chamam: ‘fulano de tal’ [...] aí a pessoa vem, contou Dona Guilhermina”.

“- E cartas pegam aonde?, perguntei.

- Aqui na associação, disse Dona Antônia.

- Como faz pra pegar?, indaguei.

- Ah, eles chamam pelo alto-falante, nome por nome, nome por nome, explicou.
- Mas aí eles têm que ficar horas lendo!, comentei.
- É, eles dizem horas e horas, pode vir um milhão de cartas e eles falam. Todo escuta e vai buscar suas cartas, disse.
- E o dia inteiro tem coisas nesses alto-falantes?, indaguei.
- É, a Virgínia fala a manhã toda, é a Virgínia que chama as cartas, a manhã toda, de oito horas até meio dia, falou.
- E vocês ficam ouvindo?, perguntei.
- Ouvindo, respondeu.
- E além de anunciar a carta, o que mais se fala?, questionei.
- Ah, anuncia as pessoas que falecem, as pessoas que querem ir ao enterro, o ônibus que vai levar as pessoas pro enterro, contou.
- Como assim a pessoa, que quer o enterro?, perguntei.
- Não a pessoa, por exemplo, vai lá dizer que meu parente morreu, aí eu anuncio no alto-falante, quem quiser, familiar: ‘dona fulana de tal convida os parentes e os amigos pra enterro de dona fulana e tal, e é tantas horas...’, ‘o ônibus vai sair tantas horas’ entendeu? É isso, explicou.
- Mas como consegue esse ônibus?, indaguei.
- Ah, eles vão ali o ônibus ali do da Praça 7. A [empresa] Estrela Azul está sempre cedendo ônibus pras pessoas que não podem pagar o enterro, que não pode ir ao enterro porque não tem dinheiro, o ônibus leva e traz, expôs.
- Eles emprestam o ônibus?, perguntei.
- É, emprestam o ônibus e o motorista, explicou Dona Antônia”.

5. O Morro & a Rua

Até o momento, abordei acepções diferenciadas das palavras “favela” e “comunidade”, principalmente, mas outros termos merecem reflexão. Uma das primeiras situações em campo que suscitaram a minha atenção foi o uso da palavra “rua”. Em uma entrevista, minha audição foi aguçada, quando o idoso contou-me onde residia antes de vir morar no morro: “na rua”. Só fui compreender o sentido atribuído a essa palavra mais tarde, quando outras idosas me falaram sobre sua situação habitacional anterior a sua residência no morro: moravam em casas alugadas “na rua”. Os jovens também se referem à “rua” quando vão ao *shopping* Iguatemi, por exemplo. Ou acima, quando no dia de São Cosme e Damião fui ao morro procurar as crianças e estas estavam na “rua”, pegando doces, como explicou-me uma senhora. Ou quando Dona Guilhermina contou-me que quando veio morar no morro não havia luz: “na rua toda tinha luz, só nos morro que não tinha luz, os morro era tudo escuro [...]”.

Aos poucos, fui compreendendo que a referência à “rua” não é no sentido de via pública apenas, mas assume o significado de uma oposição complementar ao “morro”. É uma relação entre a casa e a rua, esta considerada o local do desconhecido, do perigo, das aventuras; aquela – aqui, o morro – o espaço da proteção, das relações pessoais, das hierarquias reconhecidas (Freyre, 2002; DaMatta, 1985).⁹⁷

Com o sentido de casa é que “morar no morro é a melhor coisa do mundo”, porque “morar na rua deve ser muito ruim, não tem ninguém para conversar. Tu tem, Ricardo, com quem conversar?”, perguntaram dois jovens ao seu professor, num passeio à Praia do Recreio.⁹⁸ O professor respondeu: “Tenho meus amigos, a gente se encontra para conversar”. Os jovens, nascidos na favela, ainda se contrapuseram à “rua”, salientando: “No morro, só na minha rua, eu tenho umas dez casas para conversar. Não pago água, luz, nada, é muito bom”, disse Félix, “sabe quanto eu pago de luz? 1 real”, continuou. Em uma outra situação, uma senhora também expressou esse sentimento:

“Eu mudei pra aqui, olha! Não é por me gabar, não, foi o melhor lugar que eu vim morar, aqui é muito bom, melhor do que morar na rua minha filha, fale o quiser, o morro é muito bom, pra pobre não tem lugar melhor! Está!?! [...] euuuuuu não tenho vontade de sair do morro, gosto...[risos] é muito bom mesmo, pra quem sabe viver, me amarro em morar aqui, Graças a Deus, fico muito feliz, viu?”. (Dona Inácia, 67 anos, “freqüenta” o morro desde 1958, mas mora nele há 23 anos)

A “rua” é um local perigoso onde estariam longe da sensação de proteção obtida no morro, por isso dizem: “Tá, na rua não tem polícia invadindo, mas também não tem a quem recorrer, se você é assaltado, não tem a quem recorrer”; “aqui [no morro] ninguém rouba nada, porque ninguém é louco; se roubar é morto, até tem uns loucos, mas são mortos”. Em suas falas, esses jovens salientavam a (di)visão do espaço entre o morro e a rua.

No dia anterior ao passeio que fizemos, o motorista da Kombi (morador de outro bairro da cidade) comentou comigo que os meninos não iriam querer ficar muito tempo na praia, porque “eles não estão acostumados a sair do morro, não agüentam ficar muito tempo fora do morro”.

⁹⁷ Gilberto Freyre (2002 [1936]) já salientou essa relação em “Sobrados e Mucambos” e, posteriormente, DaMatta, em “A casa e a rua” (1985).

⁹⁸ Esse passeio estava inserido nas denominadas “atividades culturais” (passeios a museus, centros culturais, exposições e locais como praias e outros bairros da cidade) do “projeto social Esperança de Vida”. O projeto é destinado a jovens, entre 14 e 18 anos, em situação de “risco social”, pelo suposto uso de drogas ou envolvimento com o tráfico de drogas local. Nessa ocasião, acompanhei um grupo de sete garotos e uma garota, mais seu professor e o motorista da Kombi pertencente ao Centro Comunitário.

Esses jovens passam grande parte do seu dia no “morro”. Eles estão envolvidos, das oito da manhã às cinco da tarde, com as atividades do projeto social em que estão inscritos. Alguns freqüentam a escola – uma das cinco existentes no morro - num dos turnos do dia, outros à noite. Aos finais de semana, vão ao baile *funk* realizado na quadra do CIEP, no “morro”. Não quero, com essas colocações, fazer parecer que esse caso é singular, mas, sim, apontar para um modo de habitar um espaço mais totalizante. Esse modo de vida, muitas vezes, é visto como conflitante com outro, aquele da “rua”.

Nesse sentido, a fala de Olavo, professor de capoeira de um projeto social de outro Centro Comunitário e morador do morro, ilustra essa visão. Certo dia, na quadra da Escola de Samba de Vila Isabel, ele me contou que costuma dizer a seus alunos para estudarem, cursarem inglês e não ficarem só na “comunidade”. Para Olavo, os “projetos sociais são para prender as pessoas no morro”, “para elas não irem para a rua”, e deu como exemplo o piscinão de Ramos, que teria sido construído, segundo ele, para que as pessoas que moram próximas ao local não fossem mais à praia na zona sul. Pois após a obra as pessoas não saem mais, ficam só na “comunidade”. Para ele, os políticos querem que as pessoas fiquem apenas na “comunidade”, para não “se misturarem na rua”. Orienta seus aprendizes, ainda, para que “aproveitem o projeto, mas procurem conquistar seu lugar na rua”. Concluiu, orgulhoso, que seus pupilos “nem parecem morar na comunidade, parecem morar na rua, [pois] nem falam como garotos de comunidade”.

Sua fala reflete, ainda, a incorporação do preconceito pelos *outsiders*, pelo menos por aqueles que parecem estar mais próximos do Estado e das ONGs. A crença na inferioridade dos seus iguais transforma alguns moradores do morro em agentes civilizadores, pela adesão aos projetos sociais. Esses projetos obtêm o status de práticas civilizatórias, pois os jovens, pela sua inserção nessas atividades, “nem falam como garotos de comunidade”. A ação civilizadora tem como objetivo, segundo trabalhadores dos projetos, prepará-los para o “mercado de trabalho”, “para a realidade” – tema que aprofundarei no quinto capítulo.

O estigma, percebido nas maneiras de falar e de agir dos jovens moradores do morro que participam de projetos sociais, é utilizado para controlá-los. Naquele passeio à praia do Recreio, durante o trajeto, o motorista da Kombi ordenava aos jovens que colocassem as cabeças para dentro do veículo; não “mexessem” com as pessoas na rua. Para ver seus pedidos cumpridos, os ameaçava: a polícia iria parar a Kombi e nós iríamos nos incomodar, ainda mais estando um dos garotos com “aquele cabelo” (descolorido).

Por meio dessa relação de constrangimentos entre o motorista e os jovens, a tensão provocada pelo deslocamento de sua área e o encontro com o “outro” foi paulatinamente

aumentando. Quando chegamos ao local previsto e descemos da Kombi, um dos garotos disse: “tá cheio de play[boy]”, “só tem rico, surfista”; outros comentaram o desejo de que “ninguém mexesse com eles”.

Nesse contexto, ganha sentido a satisfação expressa nos rostos desses jovens, quando, no retorno do passeio, avistaram seu local de moradia e, sorrindo, falaram: “olha o nosso morro lá!”.

6. A “invasão”: os policiais e os traficantes

Outro assunto recorrente em campo, associado à (di)visão do espaço, é o da “invasão”. Certo dia, cheguei ao Centro Comunitário e fui cumprimentar a sua Presidente, perguntei se tudo estava bem. Ela, sentada em uma cadeira, no meio do saguão, disse-me que o Centro estava em “estado de sítio”, porque “teve invasão da polícia, invasão de bandido, falta de luz, a chuva, não sei onde isso vai parar”. Olhando para fora, disse: “esses garotos estão tudo agitado, ficam de um lado pro outro, por causa da guerra”. Soube, pouco depois, conversando com os jovens do projeto social, que “bandidos” do morro “rival”, na noite anterior, “invadiram” a favela à procura de seus arquiinimigos. A rivalidade advém do engajamento dos traficantes desses morros a facções criminosas opostas. Pela manhã, a polícia “invadiu” o morro à procura dos “bandidos”. Aqueles que iam trabalhar tinham que passar pela “revista” policial.

No contexto atual de conflitos armados, os jovens escolhem um lado: “Eu prefiro os bandidos, eu também não gosto de bandido, mas se tiver que fechar com um deles, eu fecho com os bandidos, porque bandido é bandido, todo mundo sabe, ele tem uma cara só - sempre - de bandido, ele mostra que é bandido; polícia não, é falso, é pior que bandido, tem duas caras” (Félix, 18 anos).⁹⁹

Nesses jovens, participantes do projeto social, a “preferência” é expressa pela utilização de roupas, cortes e pinturas nos cabelos atribuídos às insígnias da facção criminosa que os traficantes do morro estão afiliados. A adesão dos jovens, ainda que eles não façam parte do tráfico local, revelou-se, também, quando lhes entreguei minha máquina fotográfica e eles foram tirar retratos ao lado da sigla da facção.

⁹⁹ Zaluar (1985 e 1994) e Alvito (2001), por exemplo, abordam a relação entre moradores das favelas, policiais e traficantes.

Essa “preferência” - relativa - pelos bandidos está atrelada às benesses que eles oferecem aos moradores do morro, como festas, dinheiro, proteção; ao fato de serem moradores do local, estarem inseridos em redes de relações sociais, como filhos, amigos de alguém; e essas relações serem inexistentes entre os jovens participantes do projeto e os policiais.

Os traficantes realizariam essas ofertas, sob o ponto de vista desses garotos, porque “os bandidos são devotos das crianças, aquelas crianças são tudo para eles, eles fazem tudo por aquelas crianças”.

Para os jovens, é pela mesma razão que “a polícia vem no morro no horário da saída da escola, porque a polícia vai atrás das crianças, porque sabem que os bandidos não vão atirar, porque eles são devotos das crianças, as crianças são tudo para eles e por isso sempre acontece de uma criança ficar ferida, levar um tiro, porque a polícia atira”. E lembraram a morte recente de um amigo “que nem saía de casa, gostava de futebol, nem ia ao baile e foi morto pela polícia”.

Nessa distinção entre “bandidos” e policiais, os jovens contaram que, certa vez, alguns policiais usaram a mesma estratégia dos “bandidos”: distribuição de presentes para as crianças no morro. Os policiais davam os presentes para que as crianças dissessem onde estavam os “bandidos”. Comentei: “Ah, as crianças diziam e ganhavam os brinquedos”, ao que eles responderam: “diziam nada, toda criança sabe a lei do morro: ninguém viu, ninguém escutou, ninguém diz nada; e, mesmo que dissessem, dizem que acham que eles estão lá na casa tal, mas eles não estão, ninguém sabe onde eles estão”, disse Félix.¹⁰⁰

As disputas nesse e por esse espaço, tornam o morro proibitivo para moradia a determinadas categorias profissionais, como a polícia. Uma vez, perguntei a dois jovens se existem policiais morando no morro; um dos jovens riu e contou ao outro o que eu havia perguntado. Ambos, então, disseram que “não podem, senão morrem”. Aos policiais somente é possível habitar esse espaço quando “a gente é cria do morro, ninguém mexe com a gente”, como me disse, em outra ocasião, o irmão de dois policiais que moram nessa favela.

100 Esta situação é encontrada por Chaves (1999), na etnografia que realizou no bairro do Casal Ventoso, em Lisboa. Este bairro poderia se aproximar de uma favela carioca em termos de representações sociais e da posição na estrutura de Lisboa. O autor aponta que, nesse local, quando a polícia vai prender algum vendedor de drogas ou usuário, os moradores da “comunidade” operam a prática do “dar à fuga”, isto é, alguns moradores ficam ao redor ou o mais próximo possível daquele que está detido e conseguem liberá-lo, ou pela pressão sobre o policial ou por saírem correndo junto com o detido e o escondê-lo em algum lugar. Nesse momento, outra prática é açãoada, a do “secretismo”, isso é, nenhum dos moradores fala para onde ele foi.

A relação entre os moradores e a polícia não é conflituosa apenas depois do fenômeno no tráfico. Na fala de um idoso, essa relação parece ter sido conflituosa desde o início do morro. A polícia embora não seja percebida como agente do Estado, cumpre esse papel.

“- E aonde foi aqui [a construção do seu primeiro barraco]?, perguntei a Seu João Lucas.

- Foi lá em cima, bem alto mesmo. Lá em cima mesmo, alto mesmo, respondeu.

- E porque lá no alto?, indaguei.

- Aqui embaixo, na época, a polícia não saía aqui do morro, não deixava ninguém fazer casa não. A polícia não deixava não, é correndo atrás. Se desse um dinheirinho a eles, eles deixavam fazer. Mas eles não saíam daqui. Alguém fazia, mas de noite, quando eles viam já estava pronto, não vai desmanchar, explicou Seu João Lucas.

- E lá em cima não tinha a polícia?, questionei.

- Ia! Eles andavam o morro todinho. A polícia antigamente, não é falar mal não, mas a verdade é essa, era pior do que bandido. Sacrificava muito os pobres. Sacrificava muito os pobres, disse Seu João Lucas.

- Como assim?, perguntei.

- É, não deixava fazer barraco. Vai morar aonde?!. Se a terra não é deles. É do estado, não é?! Mas os governos não proibiam e eles queriam proibir. E como proibiam mesmo [...], comentou Seu João Lucas.

- E que polícia era essa?, indaguei.

- PM que mandava aí. Mandava não, era enxerida, a PM. A PM era pior do que, não é falar mal, mas a verdade é essa, eu tenho idade, eu posso dizer que sou pai do morro, e não enxergo o mau caminho de ninguém, mas a verdade era essa, a PM era pior do que malandro, comentou Seu João Lucas

- Mas eles moravam aqui?, questionei.

- Morava lá pelos quartéis. No morro só tinha um polícia que morava aqui, mas só um. Mas ele não andava fardado. Mas também não mandava no morro. Não proibia nada no morro, contou Seu João Lucas, 89 anos”.

7. Imagens da mídia impressa

Entendendo que a mídia colabora na imagem que as pessoas constroem sobre o mundo, razão pela qual, nesta seção, discorrerei sobre algumas imagens do bairro e dos morros de Vila Isabel, tal como apresentadas nos jornais impressos. Para tal, selecionei como base o Jornal O Globo, no período de 2002 ao início de 2005. A escolha desse jornal é devido, principalmente, a dois aspectos: por ser um dos jornais de maior circulação do Estado do Rio

de Janeiro e por ser um jornal voltado, especialmente, para o público pertencente às camadas médias e altas.¹⁰¹ Nesse periódico encontrei 214 matérias que se referiam à Vila Isabel e, principalmente, ao Morro dos Macacos. Separei as matérias em quatro blocos – vide Anexo F - conforme os temas em comuns de que tratavam, da seguinte maneira:

- A) “Troca de tiros”; “tiroteios”; “episódios de violência”; ações dos “bandidos” e dos “traficantes”, com 104 matérias;
- B) “Operação” policial, “ocupação” policial, “força-tarefa”, “incursão” da polícia à “favela”, com 45 matérias;
- C) “Projetos sociais”, “intervenções”, “doações”, “cidadania”, com 37 matérias;
- D) Assuntos diversos, com 28 notícias.

No bloco “A” abordo notícias sobre tiroteios entre traficantes de morros rivais, entre policiais e traficantes, assaltos, assassinatos, balas perdidas e alguns acontecimentos considerados como consequências dos atos denominados “violência”, ocorridos em Vila Isabel e, principalmente, no Morro dos Macacos: pessoas mudando de casas e de bairro, os preços dos imóveis caindo, escolas sem aulas, entre outras. Conforme as matérias, essas ações colocam em oposição de um lado os “traficantes”, os “bandidos armados” e de outro, os moradores “assustados” e “alarmados”. Há notícias que apontam os policiais como autores de ações consideradas violentas, mesmo quando destacados para protegerem os moradores “assustados”.

Essas situações, denominadas de “episódios de violência”, deixariam “rastros de violência”, um clima de “guerra” na cidade e “marcas” não apenas nas paredes de prédios e casas, mas na vida das pessoas.

“EXPULSOS DA ESCOLA PELO TRÁFICO. Semana passada após intenso confronto de traficantes no Morro dos Macacos. Na Escola Assis Chateaubriand e no Ciep Salvador Allende [dentro do morro], a evasão em 2001 foi de 8,02% e 8,74%, respectivamente. Este ano, com milhares de

¹⁰¹ No site do Infoglobo (empresa das Organizações Globo que comanda as ações dos jornais O Globo e Extra, no Rio de Janeiro, e Diário de São Paulo, na capital paulista, e a Agência Globo) é apresentada os dados de uma pesquisa de mercado do perfil dos leitores do Jornal O Globo. No perfil relacionado à classe social, 23% de seus leitores enquadrariam-se na classe A, 47% na B, somando as duas classes (A e B) 70% do total daqueles que leem esse jornal. No Estado do Rio de Janeiro, 79% dos exemplares deste jornal circulam divididos da seguinte maneira: na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro (17%), na Zona Sul da Cidade (54%) e em Niterói (8%). (disponível em <http://www.infoglobo.com.br/mercado_perfiletores.asp> e em <http://www.infoglobo.com.br/mercado_distribuicao.asp>)

famílias obrigadas a deixar o morro às pressas, tirando seus filhos da escola, o fim do ano poderá trazer números ainda piores. [...]" (Jornal O Globo, 02/06/2002)

“VIOLÊNCIA DEIXA MARCAS NA VILA. Intimidados por tiroteios e assaltos, moradores pedem BPM para o bairro Tiroteios freqüentes à noite no Morro dos Macacos, um posto de saúde assaltado por bandidos armados e um shopping center crivado por sete balas. O rastro da violência em Vila Isabel está alarmando moradores e ressuscitou uma velha reivindicação, a de um batalhão de polícia para o bairro [...]" (Jornal O Globo, 12/06/2003)

“POLICIAIS ACUSADOS DE MATAR JOVEM EM FAZELA. Morador foi baleado na cabeça ao deixar casa no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Delegado nega operação Parentes e amigos de Antônio Cláudio Carvalho Rocha, de 22 anos, acusaram policiais civis pela morte do rapaz, ocorrida na tarde de anteontem no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Desempregado há três meses, Antônio fazia serviços de bombeiro hidráulico numa casa em construção [...]" (Jornal O Globo, 13/02/2004)

“BALAS PERDIDAS VIRAM ARTIGO COMUM NA GRANDE TIJUCA. Balas perdidas também viraram rotina na vizinhança onde Edson Linhares morou durante 22 anos, na Rua Visconde de Santa Isabel. Segundo ele, os tiroteios entre policiais e traficantes do Morro dos Macacos já deixaram marcas em paredes de diversas casas. Para fugir dos tiros, ele preferiu se afastar dos amigos e se mudou para uma rua mais calma, no Grajaú. - Está impossível viver ... lamenta". (Jornal O Globo, 03/06/2004)

“MORADORES DE FAZELA PROTESTAM CONTRA VIOLÊNCIA. Manifestação pela paz reúne cem pessoas do Morro dos Macacos Gritando palavras de ordem contra a violência, cerca de cem moradores do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, desceram para o asfalto ontem pela manhã para pedir paz. Vestidos de branco, eles se reuniram no antigo Jardim Zoológico do bairro e, de mãos dadas, deram um abraço simbólico, na esperança de trazer tranqüilidade para [...]" (Jornal O Globo, 29/08/2004)

“TRAGÉDIA À VISTA. [...] antes pacatos como Vila Isabel agora têm seus imóveis sendo vendidos (quando conseguem) desvalorizados e os bondes vêm aterrorizando toda a vizinhança. Não se vê polícia nas ruas mais próximas do Morro dos Macacos, tais como Torres Homem, Luís Barbosa, Silva Pinto, Senador Nabuco, Conselheiro Otaviano, Petrópolis e tantas outras, onde bocas-de-fumo funcionam 24 horas por dia sem serem [...]" (Jornal O Globo, 31/10/2004)

Como visto, na maioria das notícias sobre o Morro dos Macacos - visto como algo único sem a distinção dos três morros - é grande a ênfase dada à “violência”, como pode ser

observado no Anexo F. Talvez por isso, quando alguém me pergunta onde faço meu trabalho de campo e a pessoa mora na cidade do Rio de Janeiro, ela diga que eu “sou corajosa”, “destemida”, pois muitas vezes sua única fonte de informação é o jornal, que passa a imagem do lugar como sendo única e exclusivamente ligado à “violência”.

No bloco “B” apontei notícias que anunciam medidas da polícia para conter a ação dos “traficantes”. As ações policiais são denominadas de “operação”, “ocupação”, “incursão”, “força-tarefa”.

“CONFRONTO ENTRE POLÍCIA E TRÁFICO ASSUSTA VILA ISABEL. Operação no Morro dos Macacos era para buscar corpo de rapaz Moradores das proximidades do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, ficaram assustados com mais de meia hora de tiroteio intenso entre policiais e traficantes, por volta das 17h de ontem. Policiais da 20ª DP (Vila Isabel) foram surpreendidos por disparos de bandidos quando retiravam para perícia o corpo de um rapaz de 17 anos [...]. (Jornal O Globo, 22/07/2002)

“COMANDANTE SOBE O MORRO. Coronel diz que não haverá invasão em favela de Vila Isabel. O comandante-geral da Polícia Militar, coronel Hudson de Aguiar, subiu ontem o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, para acompanhar a ocupação policial que vem sendo feita desde a tentativa de invasão da área por uma quadrilha rival de traficantes, na quinta-feira passada, quando três pessoas foram feridas. Ontem de manhã [...]. (Jornal O Globo, 24/08/2004)

“UMA RUA QUE FICA NA LINHA DE TIRO DO TRÁFICO. Pelo menos 70 balas atingem prédios em Vila Isabel, durante operação da PM no Morro dos Macacos Uma operação policial no Morro dos Macacos para prender traficantes deixou ontem um saldo de pelo menos 70 perfurações de tiros em prédios residenciais e estabelecimentos comerciais da Rua Visconde de Santa Isabel, em Vila Isabel. Para tentar impedir que policiais do 6º BPM (Tijuca) subissem [...]. (Jornal O Globo, 30/10/2004)

“A GUERRA DO RIO. Batalha em Vila Isabel Violência extrapola os limites do morro e traficantes enfrentam policiais no asfalto. A guerra entre traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, já ultrapassou os limites da favela e chegou ao asfalto. Na manhã de ontem, durante uma operação conjunta das polícias Civil e Militar, a troca de tiros aconteceu na Rua Petrocochino, onde havia pessoas passando [...]. (Jornal O Globo, 27/11/2004)

“AÇÃO MOBILIZA 500 PMS EM VILA ISABEL. Incursão no Morro dos Macacos termina com apreensão de 1 carro e 3 motos Um carro e três motocicletas foram apreendidos ontem numa megaoperação montada pela PM no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Apesar dos 500 policiais mobilizados para a incursão, ninguém foi preso e não foram apreendidas drogas ou armas. A operação começou ainda de madrugada, por volta das 2 horas [...]. (Jornal O Globo, 08/01/2005)

No bloco “C” focalizei matérias que anunciam ações que contribuiriam para amenizar os “confrontos no Morro dos Macacos”: os “projetos sociais”, as “doações”, as “intervenções”. Estas ações, ao mesmo tempo em que ajudariam a “solucionar” os “problemas” relacionados à violência, tornariam as pessoas que moram no Morro dos Macacos, “cidadãs”. Ainda, seriam medidas que melhorariam sua “qualidade de vida”. Algumas notícias fazem referências ao trabalho desenvolvido no âmbito do Centro Comunitário Maria Isabel.

“AULA DE CIDADANIA COM PROJETO DE INFORMÁTICA. [...] de um núcleo de informática em sua comunidade em Duque de Caxias. Outro formado pelo CDI foi Lúcio, do Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Um dos primeiros alunos do curso oferecido pelo empresário em 1996, ele hoje é responsável pelas turmas [...]. (Jornal O Globo, 22/06/2002)

“CAMPANHA PARA REVITALIZAR O BOULEVARD. [...] herança cultural do bairro: - Todo mundo já ouviu falar de Vila Isabel por causa do Noel ou do Martinho. Quero levantar o astral dos moradores e mostrar que a Vila não se resume aos confrontos no Morro dos Macacos. Além dos serviços já oferecidos pela R.A., será criado o Serviço de Apoio ao Cidadão (SAC). Os moradores poderão participar depositando críticas e sugestões em urnas [...]. (Jornal O Globo, 04/07/2002)

“NATAL RECHEADO DE BRINQUEDOS. 'Seja Noel!' fará doações a instituto de reabilitação e à Santa Cabrini Mãe da pequena Diana, de 2 anos, a dona de casa Ana Lúcia de Lima, moradora do Morro dos Macacos, encarava a triste perspectiva de não ter condições de presentear a menina e seus outros três filhos neste Natal. O desalento deu lugar à alegria ao saber que será uma das beneficiadas pela campanha "Seja Noel!", de doações". (Jornal O Globo, 12/12/2002)

“RECANTO DO ESPORTE: NETO DO BARÃO DE DRUMMOND APROVA A INICIATIVA, MAS FAZ RESSALVAS.[...] que três mil pessoas passem diariamente pela vila olímpica. - O trânsito, que já é tumultuado, tende a piorar. O projeto é importante, mas qualidade de vida é fundamental. A proximidade com o Morro dos Macacos é outra questão levantada pela professora Magali Magalhães da Silva: - É preciso investir em segurança para garantir o bem-estar dos freqüentadores [...]. (Jornal O Globo, 20/02/2003)

“JOVENS LANÇAM LIVRO SOBRE VILA ISABEL. Adolescentes do Morro dos Macacos recuperaram a memória e os personagens do bairro A história, os personagens e a boemia notória da terra de Noel estão no livro "O resgate da história de Vila Isabel", escrito por 28 jovens da comunidade do Morro dos Macacos. A publicação é o resultado prático de um projeto

desenvolvido durante as aulas da Escola de Informática e Cidadania (EIC) [...]. (Jornal O Globo, 11/09/2003)

“SAMBISTAS PARTICIPAM DO SEJA NOEL! [...] sambista de primeira linha que tem como hábito ajudar quem precisa é Martinho da Vila. - Moro em um condomínio em Vila Isabel e sempre recolhemos doações e mandamos para a comunidade do Morro dos Macacos, por meio da associação de moradores. É muito importante ajudar. Se todos colaborarem, podemos melhorar a vida das pessoas menos favorecidas pela sorte. Por isso, eu vou doar – [...]. (Jornal O Globo, 04/12/2003)

“PROJETO PATROCINADO PELA DEVON DO BRASIL PREVINE PROBLEMAS DE SOCIALIZAÇÃO E VIOLENCIA INFANTIL. [...] como o fracasso escolar e a violência infantil. P exploradora de petróleo americana Devon Energy plantou uma árvore no Brasil. Mais especificamente no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, no Rio. É lá que, desde outubro de 2001, seu patrocínio ajuda a fazer dar frutos a primeira Casa da Árvore, um projeto de extensão do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro [...]. (Jornal O Globo, 05/04/2004)

No bloco “D” os temas abordados são diversos, vão desde a falta de luz no morro, até a visão do bairro e de sua identidade.

“VENTOS DE ATÉ 90KM/H DERRUBAM ÁRVORES, TUMULTUAM TRÂNSITO E FECHAM ESTRADA. [...] uma árvore derrubou parte da grade de uma clínica. Poste cai sobre muro e deixa moradores de morro sem luz Em Vila Isabel, um poste caiu sobre um muro na Rua Conselheiro Otaviano. Parte do Morro dos Macacos ficou sem luz. No Maracanã, uma árvore caiu na Rua São Francisco Xavier, atrapalhando o trâfego. No interior, durante mais de 40 minutos um temporal castigou o Sul do estado [...]. (Jornal O Globo, 07/08/2002)

“HÁ ENCOSTAS COM RISCO DE DESLIZAMENTO NO SEU BAIRRO? [...] e de Vila Isabel têm muitas encostas. Não é preciso ir a essas comunidades para observar que há casas em lugares perigosos. Da rua mesmo elas podem ser vistas. No ano passado, houve deslizamentos no Morro dos Macacos e várias famílias ficaram desabrigadas. Espero que este ano a história não se repita. Deveria haver uma ação preventiva para organizar as moradias nos morros [...]. (Jornal O Globo, 23/01/2003)

Tomei, ainda, algumas notícias anteriores a 2002 do próprio Jornal o Globo e de outros periódicos cariocas, as quais dividi em dois grandes blocos, por temas semelhantes aos expostos acima no caso do Jornal O Globo:

- A) “Tiroteio”, “episódios de violência”, “força-tarefa”, “incursões policiais”, com 46 matérias;
- B) Temas diversos: “projetos sociais”, “identidade do bairro”, “problemas”.

Nas notícias do primeiro bloco, os temas e o conteúdo das matérias assemelham-se àquelas expostas acima também no primeiro bloco do Jornal O Globo. Aqui, numa das notícias, de 1975, os “episódios de violência” levariam o “Recanto do Trovador”, outrora Jardim Zoológico da Cidade, da glória à delinqüência, visto que nos fundos estariam “os delinqüentes que descem dos morros”.

“Polícia aconselha: não vá ao Morro dos Macacos. [...] Criado em 1888, o atual Parque de Vila Isabel, o “Recanto do Trovador”, teve os seus dias de glória como o primeiro zôo carioca, e foi o berço do jogo-do-bicho – uma homenagem do Barão de Drummond, fundador do bairro, aos seus animais. Hoje o parque não tem mais bichos nem jogo nem bicheiros, mas é lá que se reúnem os delinqüentes, que descem dos morros dos Macacos, do Pau-da-Bandeira, do Bananal, nos fundos do bairro, e que são responsáveis pela maioria dos delitos ali cometidos, desde a punga até o assalto a mão armada”. (O Globo, 07/10/1975)

[Outro trecho dessa mesma]: “Na Rua Armando de Albuquerque, 272, o pastor Sebastião Vieira da Silva, 58 anos, aguarda a chegada do alto-falante que mandou consertar, para anunciar aos cerca de oito mil habitantes dos morros dos Macacos, do Bananal e do Pau-da-Bandeira, que a diretoria da Associação dos Moradores do Parque Vila Isabel decidira renunciar ao mandato “por forças das circunstâncias”. “Por forças das circunstâncias” conta o pastor da Igreja Batista do Parque de Vila Isabel, significa, em primeiro lugar, falta de segurança”: o presidente Sebastião Vieira encaminhou à 20º DP um pedido de abertura de inquérito policial para apurar o arrombamento na sede da associação no dia 9”. (O Globo, 07/10/1975)

“Tiroteio assusta moradores de Vila Isabel.”

RIO - A disputa pelo domínio dos pontos de vendas de drogas, no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, na Zona Norte da cidade, rachou o Terceiro Comando e desencadeou uma guerra com seguidos confrontos nos últimos dois dias”. (Jornal O Dia, 29/08/01)

“Traficantes causam pânico na zona norte do Rio”

Foi a terceira noite consecutiva de tiroteios no Morro dos Macacos, em Vila Isabel”. (Estadão, 30/11/02)

“Moradores sitiados”

Guerra do tráfico chega ao quinto dia no Macacos
Pelo menos uma mulher e dois menores são vítimas de balas perdidas
Martinho faz crítica às autoridades
Comandante nega tentativa de invasão”. (Extra, 20/08/04)

No bloco “B” dessas outras matérias encontramos notícias ressaltando a imagem do bairro: da “boêmia” e do “samba”, citados, entre outros, como símbolos da identidade do local.

“Vila Isabel tem sabido manter sua alma encantadora, como se cantores e poetas populares que ali habitaram ou que, até hoje, exploraram seus temas, transmitissem ao bairro um encanto bem peculiar. Sob este aspecto, Vila Isabel – que nos versos de seu ilustre filho Noel Rosa “dá samba” – é um exemplo para grande maioria dos bairros cariocas. Soube preservar-se. Cuidou de sua tradição[...]”. (Jornal O Globo, 29/09/73)

“Carioquice além-túnel. Jornal americano recomenda a turistas atrações de bairros da Zona Norte. Não é de hoje que o povo da Zona Sul atravessa o Rebouças para curtir um samba em Vila Isabel ou comer queijo coalho e dançar forró na feira de São Cristóvão [...].” (Jornal do Brasil, 17/03/02)

“Na cadência dos sambas. Região tem fome de cultura e será incluída no roteiro turístico da cidade graças ao ritmo que sai dos bares e até das pedras das calçadas”. (O Dia Online, 16/09/02)

Capítulo 3. Organização e vida social local: o Centro Comunitário Maria Isabel e sua dirigente

Introdução

No capítulo anterior apresentei o bairro de Vila Isabel e os morros que o circundam. Neste momento, com olhar mais acurado, focalizo o Centro Comunitário do Morro Parque Vila Isabel a partir de situações e fontes diversas. À medida que eu o freqüentava e interagia com o seu público, fui, paulatinamente, conhecendo o local e seus atores sociais.

O Centro Comunitário do Morro Parque Vila Isabel, como elemento da organização social local, é uma instituição a partir da qual diferentes redes sociais são articuladas e códigos de comportamento são definidos. Na entidade se entrecruzam diferentes aspectos da vida social, como política e religião.

Além disso, é uma das instituições centralizadoras dos “projetos sociais”, que, por sua vez, explicitam a relação entre favela e bairro, entre favela e cidade. Na dinâmica dos projetos sociais tem-se, de um lado, o agente financiador, o Estado (Prefeitura e governos estadual e federal) e as instituições que o fomentam (Banco Interamericano de Desenvolvimento, Banco Mundial, entre outros); de outro, o público-alvo, as “comunidades carentes”. Para que esses projetos sejam efetivados é necessário que haja alguma instituição que os coordene, que leve a cabo o pretendido, e uma dessas entidades é o Centro Comunitário.

Segundo Valéria, gerenciadora de projetos do Centro Comunitário, a instituição atende a mais de 300 crianças; possui cinco creches; 16 projetos sociais, entre eles o t@í.com (Todos Acessando a Internet na Comunidade), que é uma sala para uso de informática e Internet, além de cursos de computação, PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e Jornada Ampliada (ações complementares à escola), MEL (Programa Germinal MEL - Movimento de Esporte e Lazer); três projetos sociais de intervenção ao extremo risco social: usuários de drogas, violência doméstica, Abrigo para crianças em situação de rua; curso de *silk-screen* (serigrafia); abriga o projeto “Passadeiras Comunitárias” – senhoras que passam roupas; cursos da Faetec (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro), entre eles: manicure e pedicure, cabeleireiro, padeiro e confeiteiro. Abriga também a

DinamoCoop (Cooperativa Prestadora de Serviços em Informática, Artes Gráficas e Consultoria), da qual diversos trabalhadores e funcionários do Centro participam.

Primeiramente, farei uma descrição física do Centro Comunitário; como ocorreu seu surgimento; o porquê do seu nome; sua inserção no rol de entidades denominadas de “assistência social”.

Depois, tomando como fio condutor algumas notas biográficas da presidente da entidade, analiso a relação – a divisão e a distinção – entre o Centro Comunitário e a Associação de Moradores, a partir da qual o Centro Comunitário se formou como uma dissidência. Discuto a construção da liderança da presidente do Centro Comunitário, Dona Anastácia, que, em certos momentos, assume um caráter carismático. Dona Anastácia também atuou na fundação da Associação de Moradores, tendo sido presidente por duas vezes. Abordo, ainda: a “vocação” desta liderança na área educacional; o sentido da palavra educação utilizada por ela e pelos outros trabalhadores do Centro; sua atuação na entidade como “polícia feminina”; os funcionários e educadores da instituição; de que maneira ocorre a captação de recursos financeiros.

1. O Centro Comunitário: da “casinha baixinha” ao “tudo isso que a gente está vendendo aí”

O Centro Comunitário do Morro Parque Vila Isabel está situado na rua principal do local, num prédio de alvenaria, de três pisos. Conforme disseram os idosos e a própria dirigente em suas entrevistas, tudo começou com “uma casinha baixinha”, que passou por diversas modificações. Segundo Dona Guilhermina, 74 anos,

“eles venderam [a “casinha”] e Dona Anastácia comprou junto com, deve ser, que eu não sei, que eu não andava aí, mas deve ser junto com os vereadores, os deputados, que ela conhece muito e ela sempre cuidou de criança, e eles deram uma força e ela deve ter comprado isso daqui, e está fazendo esse casarão, mas não é ela sozinha, deve ser com a ajuda também, ela não tem dinheiro pra fazer isso tudo que a gente está vendendo aí, deve ser [com] a ajuda de alguém”.

Outra senhora disse: “Aqui era, como eu já tinha falado, uma casa grande, velha, aí a Dona Anastácia acho que comprou, reformou isso tudo aqui, começou a obra”.

De acordo com Dona Anastácia, presidente da entidade: “aqui onde é, hoje, o Centro Comunitário, tinha um homem que morava aqui, que era o seu Dorival, ele ia se mudar, aí ele vendeu a casa pra gente; a gente [foi] pagando aos pouquinhos, ele conhecia a gente da Associação, aí ele quis vender pra gente, fez questão”.

Acompanhei, no desenrolar do meu trabalho de campo, uma reforma no prédio da entidade, quando ocorreu a implantação do “Amigos da Comunidade” (Subprograma de Integração Profissional) da Faetec no Centro Comunitário. A reforma foi abrangente e a Fundação ocupou vários locais, tanto que certa vez, numa reunião com a equipe de um dos projetos sociais, Dona Anastácia disse: “A Faetec chegou lá e alguns lugares deles [dos jovens do tal projeto] foram tomados, eles não têm mais acesso às chaves que a Faetec pegou. Alguém já perguntou se eu vendi o Centro Comunitário para a Faetec”.

A partir dessas falas e de minha observação é possível depreender que a entidade é vista, pelo menos por seus freqüentadores, como pertencendo a Dona Anastácia, que ela não é considerada apenas a dirigente, mas a proprietária do local. Por outro lado, sua figura também é vista como alguém que não poderia ter construído “tudo isso que a gente está vendo aí sozinha”, mas com “ajuda de estrangeiro, gringo”, como disse uma idosa. Na percepção de Seu João Lucas, “ela sempre dependeu assim dos governos, ela é entendida”. Ouvi, ainda, nas entrevistas com as idosas, que “ela tem é conhecimento”, “conhece muito os vereadores e os deputados”.¹⁰²

É possível compreender a acepção dada por esses moradores para a palavra “conhecimento” como recursos sociais, o capital social que uma pessoa dispõe e pode lançar mão para o estabelecimento de alianças e trocas.¹⁰³ Esse sentido implica o círculo de relações

¹⁰² Essa situação lembra a descrita por Kuschnir sobre a relação dos eleitores com os candidatos e seus assessores, especificamente, a questão dos “acessos”, embora Dona Anastácia não tenha ocupado nenhum cargo público, nem seja assessora de algum político. Nessa relação, os políticos, mediante seus assessores, facilitam o “acesso” de seus eleitores aos recursos públicos. Tais recursos, muitas vezes, são vistos como sendo prerrogativa dos políticos, que os distribuem. Nesse sentido, afirma a autora: “A contratação de assessores está relacionada à sua posição de mediadores entre Marta e a comunidade. O grupo é formado justamente por pessoas que têm a capacidade de colocar um bom número de moradores em contato com a vereadora, levando e trazendo problemas para serem resolvidos. Essas pessoas têm, por si só, uma ‘liderança’ sobre seu próprio grupo. Fica evidente a importância do papel que poderíamos chamar inter-mediador, tão flagrantes em contextos políticos” (Kuschnir, 2000:80).

¹⁰³ É possível pensar a categoria “conhecimento” associada a esses recursos sociais como um capital simbólico, nos termos de Bourdieu (1989) e que está no âmbito do capital político atrelado ao “capital pessoal de ‘notoriedade’ e de ‘popularidade’ – firmado no fato de ser *conhecido e reconhecido* na sua pessoa (de ter um ‘nome’, ‘uma reputação’, etc) e também no facto de possuir um certo número de qualificações específicas que são a condição da aquisição e da conservação de uma ‘boa reputação’ [...]” (1989:190-191, grifos do autor).

de amizade e de afinidade com pessoas de reconhecido *status* e prestígio social, como “os vereadores e os deputados”.¹⁰⁴



Foto 3 e Foto 4 - Fachada do Centro Comunitário

Fonte: www.ceaca.org.br



Foto 5 e Foto 6- Fachada do Centro Comunitário

Fonte: www.ceaca.org.br

¹⁰⁴ Entre outros diversos autores, Borges (2003:71 *et seq.*), quando aborda o caso de uma “liderança local” do Recanto das Emas, aponta de que maneira Olga “não escapou de seu papel de ‘liderança comunitária’, dado o ‘conhecimento’ prévio que dispunha. “Conhecimento” este que se refere ao “círculo de boas relações” que uma pessoa estabelece e, no caso analisado pela autora, foi a partir deste círculo que a “liderança comunitária” alcançou um status intermediário entre os “políticos” e as “pessoas”. Dessa maneira, “ao tomar contato com o mundo da administração e muitos políticos”, o seu conhecimento foi aumentando e assim ela pode começar a “ajudar as pessoas que não têm essas influências”. Mas aqui, Dona Anastácia, diferentemente de Olga do Recanto das Emas, não foi ocupar um cargo público no governo, mas ficou no Centro Comunitário capitalizando seus “conhecimentos” para a própria instituição, como apontarei adiante.

Descrever as dependências do Centro Comunitário não é tarefa fácil, devido às várias reformas sofridas que foram ampliando espaços para abrigar diversas atividades. No andar térreo, logo após o portão de ferro de entrada se está num grande saguão. À direita fica a sala do “Centro de Oportunidade de Trabalho – COT”, onde os moradores locais preenchem fichas para vagas de empregos e estágios – muitas dessas vagas são anunciadas no alto-falante da Associação de Moradores; após, encontra-se uma sala de reuniões; depois, o portão da escada que leva aos outros andares; em seguida, uma bancada de três degraus, aberta atrás e que permite ver um pedaço da encosta do morro e casas construídas acima. Ao fundo do saguão está a secretaria e, ao lado, uma pequena sala onde são guardados materiais diversos; na outra parede tem uma pequena pia, em frente o banheiro feminino (antes era para ambos os sexos); do outro lado, um banheiro masculino (antes também era para ambos os sexos); há, ainda deste lado, uma outra escada que leva ao segundo piso, diretamente ao “teatro” – sala com um pequeno palco ao fundo, onde foram realizadas reuniões com os idosos, a troca de presentes do amigo oculto na Páscoa e a festa de aniversário de Dona Anastácia, ambos no ano de 2004, entre outras atividades. Ao lado dessa escada tem-se a porta de entrada para a sala de aula de formação de operários para trabalhar em padarias (antes era cozinha do Centro). Ainda no andar térreo, mas por uma entrada separada, pela rua, há o bazar em que são vendidos roupas, sapatos, acessórios e outros utensílios usados e novos, doados por empresas, como a Fundação C&A (loja de departamentos). Nesse saguão, há um bebedouro, quadros de avisos nas paredes, bancos, uma mesa grande.

Antes da reforma promovida pela Faetec, havia um balcão da cozinha, as estantes de livros e outros pequenos armários; com a reforma, estes últimos foram transferidos para um dos corredores do segundo andar e a cozinha foi transferida para o terceiro andar. Algum tempo depois foi colocada no saguão uma mesa de sinuca. Muitos móveis que estão nesse espaço, ou que já passaram por ele, foram doações que o Centro Comunitário recebeu.

Esse saguão é um espaço de sociabilidade no qual acontecem diversos eventos, reuniões, os jovens jogam sinuca, conversam, paqueram, as pessoas aguardam o horário de início de suas atividades ou o atendimento de alguma reivindicação. Por diversas vezes, a reunião do grupo dos idosos ocorreu nesse espaço, em meio a essa constante movimentação. À noite, serve de garagem para a Kombi do Centro.



Foto 7 - Kombi no saguão do Centro Comunitário

Fonte: www.ceaca.org.br

No segundo piso, há uma bifurcação: subindo a escada pela direita, há salas de aulas de *silk-screen*, de computação e, depois da reforma da Faetec, as salas de aula para as crianças que ali havia transformaram-se em salas de aula de cabeleireiro, manicure e pedicure; há ainda o t@í.com (sala para uso da Internet), o “teatro”, a coordenação da Faetec (antes era a sala de coordenação de projetos sociais do Centro) e, ainda, outras duas pequenas salas que são usadas como depósito. Subindo a escada para a esquerda, há a sala de aula do “serviço social”, ligada, por uma porta interna, à sala onde fica a coordenação da Faetec.

Para o terceiro piso há também duas escadas: uma é a continuação desse lado esquerdo e a outra por aquela do lado direito. Pela esquerda, há, de um lado, uma outra pequena escada que dá na biblioteca; do outro, há a sala das passadeiras comunitárias (antes era uma sala de aula) e a cozinha; ao lado desta há uma pequena sala e uma área, onde está a “Casa da Árvore” (Projeto de educação ambiental). Nesse espaço, após a reforma, colocaram duas mesas, onde os trabalhadores¹⁰⁵ do Centro, os jovens, e os garis comunitários almoçam – antes da reforma isto acontecia no saguão lá embaixo. Chegando ao terceiro andar pelo lado direito, há, num primeiro lance de escada, um banheiro, e num segundo, em sentido oposto, está a sala da Psicologia; três salas de aulas com mesas, cadeiras, quadro-negro, mais vídeo e televisão - houve dias que fiquei com alguns jovens numa dessas salas fazendo a atividade do dia; há, ainda, mais duas salas pequenas, usadas por professores de músicas, e dois banheiros que foram construídos com a reforma da Faetec. Alguns jovens, durante períodos livres ou quando estavam faltando à atividade, iam até o final desse andar, colocavam uma escada de madeira e subiam para a “laje”, onde ficavam soltando pipa. Certa vez, alguns dos jovens que

¹⁰⁵ No Anexo G elaborei anotações sobre alguns trabalhadores da entidade, aqueles com os quais tive maior contato e pude obter algumas informações.

deveriam participar da minha atividade não estavam na sala, perguntei aos outros se sabiam onde eles estavam e me disseram que eles estavam na “laje”. Fui, então, até a escada no final do corredor, subi alguns degraus e olhei ao redor: assim como eles, por todo o morro, havia vários jovens soltando pipa em cima das “lajes”.

1.1. Maria Isabel: “esse nome a gente deu em homenagem a uma parteira”

O Centro Comunitário, criado na década de 80, possui denominações diferentes, conforme a situação. O nome que está na placa em sua fachada é o de uma parteira, Maria Isabel. O fato de a pessoa escolhida ser uma “parteira” representa, de certa maneira, a criação de relações de parentesco por afinidade daqueles que passam a freqüentar o Centro Comunitário, inserindo-os nessa rede de relações sociais.

Segundo a presidente do Centro, Dona Anastácia:

“Esse nome a gente deu em homenagem a uma parteira, que quando a gente estava escolhendo o nome pra colocar, que não ia ficar Jardim Margarida, a gente ficou fazendo pesquisa, quem, que nome ia colocar. Alguém deu uma idéia, não sei quem foi, que deveria se escolher uma parteira, tinha duas: uma dona Marta Roriz, que era muito famosa aqui também. Porque antigamente esse negócio de parteira aqui no morro era muito, como que eu digo, era uma pessoa que ajudava muito a comunidade. Porque tinha muita gente do Norte, muita gente da roça que ainda gostava desse negócio de parteira. E os hospitais eram mais difíceis, então, essas que eram parteiras na comunidade entravam nas casas, elas cuidavam das mulheres, mesmo que não fizessem o parto, elas ensinavam a dar banho; dava banho de erva. Dona Marta, Dona Maria dava banho de erva, eu mesma tomei vários banhos de bacia, dieta que elas ensinavam pra ajudar botar criança no lugar, sei o que lá, então elas eram pessoas que qualquer coisinha que a mãe estava, chamava a Dona Marta, chamava a Dona Maria. Elas estavam sempre indo às casas, elas ficavam iguais a umas enfermeiras comunitárias [...]. Essa Dona Maria Isabel era uma pessoa assim mais..., que ela era crente, ela fazia oração com as mulheres, dava aquela força, ela ensinava dá o banho de ervas, ela conhecia. Aí falaram pra gente dá o nome dela no Centro Comunitário, ela já tinha falecido, aí colocou o nome dela, Maria Isabel.”

Dona Guilhermina, 74 anos, idosa que participa do grupo de terceira idade do Centro, falou também sobre Dona Maria Isabel:

“- Maria Isabel, é porque a Dona Maria Isabel era parteira e cuidou de muitas crianças aqui dentro, que nem a Dona Anastácia falou, que hoje em dia tem muitas senhoras aqui que nasceram aqui, são criadas aqui e os filhos delas já estão estudando aqui, nesse Centro Comunitário Maria Isabel, aí ela achou por bem de homenagear ela, explicou Dona Guilhermina.

- A senhora a conheceu?, perguntei.

- Dona Maria Isabel? Foi a primeira vizinha que nós tivemos; que tinha intimidade foi ela, que ela era crente também, era da Igreja, ela é sogra do meu primo [...]. Ela era uma senhora meio baixinha, fortezinha, gorda, alegrezinha, gostava de andar bem arrumadinha e ela era uma senhora até muito alegre, todo mundo aqui gostava dela, depois ela teve um infarto e morreu, contou Dona Guilhermina.

- Faz tempo isso?, indaguei.

- Ah! Tem bastante tempo que ela faleceu, ela era muito boa aqui dentro, tudo muito conhecia ela, todo mundo! Tanto mais velho como mais novo, acho que todo mundo conheceu ela [...] ela era escura, disse Dona Guilhermina.

[...]

- Ela que ia à casa ou as pessoas iam lá pra ganhar filho?, questionei.

- Ah, chamava ela, ela ia. A minha irmã mesmo chamou ela, cuidou dela, ela cuidou dessa irmã minha que está aqui, ela andou dando banho nela, a Nelma; na filha dela, ela não, estou fazendo confusão, a filha dela quando nasceu a dona Maria cuidou, disse Dona Guilhermina.”

Dona Maria Isabel, pelas suas habilidades e saberes como “parteira”, trouxe à luz inúmeros moradores do morro, ajudando-os a crescer. Ela é um elo de ligação entre inúmeras pessoas que constituíram famílias, tornaram-se vizinhas e parentes, representando a fundadora de uma linha de descendência matrilinear. No sentido dessa conexão é que Dona Anastácia avalia que a participação das pessoas na instituição é maior do que na Associação de Moradores porque “aqui a gente ainda tem esse contato com as famílias, com as mães, faz reunião e na Associação eu acho que não tem”.

Dessa maneira, trazendo essa ‘linhagem’ para o âmbito do Centro Comunitário, Dona Anastácia é chamada de “vó” por muitas crianças e principalmente pelos jovens do Projeto Esperança de Vida, que a incluem num sistema de parentesco. É a qualidade das relações sociais estabelecidas nesse espaço que permite essa classificação e essa denominação, pois é uma maneira de organizar essas relações.¹⁰⁶ A isto se refere Silva (2003:202), quando aborda

¹⁰⁶ Um estudo clássico na Antropologia sobre os sistemas de parentesco é o de Radcliffe-Brown (1973), para quem o sistema de parentesco é, acima de tudo, um sistema de relações diádicas entre pessoas numa comunidade, sendo que o comportamento, em qualquer dessas relações, é regulado de algum modo pelo uso social. Nesse sentido, o sistema de parentesco é uma rede de relações sociais que formam uma parte da rede total, que ele chama de estrutura social. Os direitos e obrigações dos parentes entre si e o uso social que observam em seus contatos sociais fazem parte desse sistema.

a participação das mulheres em atividades comunitárias, remetendo a uma transposição do privado ao público: “na experiência singular dos grupos populares as práticas associativas têm referência numa forte estrutura doméstica evidenciando uma expressiva ligação entre família, organização e comunidade”. É nesse sentido, ainda, que há a possibilidade de seus filhos de sangue, netos e bisneta ocuparem lugares nesse espaço, seja como trabalhadores, seja como “usuários” – termo utilizado por Dona Anastácia, em sua entrevista, quando comentou que a entidade “de qualquer maneira fica uma coisa restrita mesmo só pra esses usuários aqui, não é uma coisa aberta, só entra aqui quem é aluno, quem vem procurar curso [...]”.

Como apontam ainda as falas acima, a escolha de Dona Maria Isabel para emprestar seu nome à entidade está relacionada a sua crença religiosa, porque, como salientou Dona Anastácia, ela era “uma pessoa mais assim, que ela era crente, ela fazia oração com as mulheres”. Não foi, portanto, uma escolha ao acaso, mas pelo estabelecimento de um vínculo que criou uma identidade com a religião professada por Dona Anastácia, a presidente da entidade, que é evangélica de denominação Batista. Muitos trabalhadores e freqüentadores do Centro Comunitário também pertencem a Igrejas Evangélicas, de diferentes denominações, como Batista, Assembléia de Deus – fato ao qual me deterei adiante.

Em algumas situações, principalmente, quando falavam com alguém da Prefeitura, ouvia as pessoas se referirem ao Centro Comunitário como Ceaca Vila (Centro Educacional de Ação Comunitária da Criança e do Adolescente). O logotipo da entidade, impresso em algumas placas de projetos da Prefeitura, bem como em faixas anunciando determinadas atividades, contêm a inscrição Ceaca Vila, com o desenho de casas coloridas, remetendo ao morro, e notas musicais fazendo referência à identidade boêmia do bairro de Vila Isabel, como apontei no capítulo anterior. Embaixo do desenho está escrito: “Centro Educacional da Criança e do Adolescente – Maria Isabel”.



Ilustração 1 - Logotipo Ceaca-Vila

Fonte: www.rj.cdi.com.br

“- E Ceaca Vila, por que, às vezes, chamam também de Ceaca Vila, o que é isso?, perguntei a Dona Anastácia.

- Ceaca é porque quando esse núcleo, antigamente, como eu te falei, era creche, era o apoio escolar e era escola. Depois, com a organização dos adolescentes, nesse tempo que o BIRD dava mais força pros adolescente, nessas oficinas de iniciação para o trabalho, a gente criou o Ceaca, que era mais voltado pro adolescente, porque é Centro Educacional da Criança e do Adolescente, de Ação Comunitária da Criança e do Adolescente. Esse Centro de Educacional, que era o Ceaca, era uma assistente social que tinha aqui que sugeriu esse nome, pra não botar Centro, achou que deveria ter um nome fantasia, que nunca as instituições usavam o seu nome assim. Áí a gente aceitou colocar esse Ceaca Vila. É o Centro Educacional de Ação Comunitária da Criança e do Adolescente, mais voltado para o adolescente. Esse trabalho, que era mais ligado ao NESA, que a gente tinha, antigamente, trabalhava bastante com o NESA, [que] é um grupo de estudo dos adolescentes, que tem na UERJ, explicou.

[...]

- Então é um nome de fantasia esse?, indaguei.

- É um nome fantasia, porque o nome certo é Centro Comunitário Maria Isabel, o Ceaca ficou mais tratando da parte do núcleo dos adolescentes. Quando a gente fala em adolescente, a gente fala Ceaca; quando fala no centro comunitário, a gente fala na creche e nesse apoio escolar, contou Dona Anastácia.”

O nome dado à instituição pelos moradores, ao menos por aqueles que participaram da “pesquisa” para a escolha do nome, foi o de alguém ligado ao ‘nascimento’ do morro, por isso é visto, por sua presidente, como “o nome certo” para a entidade; já o nome para ser usado frente aos poderes públicos na busca de recursos, é um nome “fantasia”, que foi escolhido por uma “assistente social”. Tal denominação expressa a formalização de relações sociais que passaram a se estabelecer a partir da escolha do nome. Esta última denominação aponta para a necessidade da instituição de ter uma nomenclatura que integre numa categoria de instituições semelhantes: as de “assistência social”, como demonstram ainda os registros contidos no *site* da entidade, tais como o registro de instituição de “utilidade pública federal”; de “entidade beneficiante” (CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social); CGC (atual CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica); registro no CMAS (Conselho Municipal de Assistência Social), no CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente) e processo no MAS (Ministério de Ação Social).

Segundo Dona Anastácia, esses registros seriam para obtenção de recursos, não para acumulação, mas para financiar as atividades do Centro Comunitário, visto que as entidades de “assistência social” não têm ‘fins lucrativos’.

“- De vez em quando tem alguém que chega pra ajudar. Atualmente, a gente está com documentos, a Eliana [sua filha] é mais ativa nessa história de documento, a gente tem todas as certidões, porque pra fazer convênio com a Prefeitura tem que ter as certidões em dia. A gente tem [corte na fita] Certificado de Utilidade Pública Federal; agora a gente está tentando ter um Certificado de Filantropia, que é dado pelo Governo Federal, a gente já deu entrada mais nessa filantropia, contou Dona Anastácia.

- E porque vocês querem essa de filantropia?, perguntei.

- Porque a filantropia ela isenta a gente de pagar INSS dos próprios funcionários, aí a gente ia poder assinar a carteira de mais pessoas. Porque os encargos do INSS são muito grandes, então muita gente que trabalha aqui não tem carteira assinada. Porque um funcionário com salário mínimo corresponde a quase dois salários mínimos que a gente tem que pagar. Se a gente tiver filantropia esse monte de gente que trabalha sem carteira assinada, a gente vai poder assinar a carteira, disse Dona Anastácia.”

O Centro Comunitário, buscando legitimar suas ações e sua posição de entidade capaz de desenvolver o trabalho ‘assistencial’ e ainda captar novos “convênios” com órgãos estatais e “parcerias” com empresas privadas e ONGs, deve operar dentro da lógica burocrática, tendo “documentos” e “certidões em dia”.¹⁰⁷ “Documentos” esses entendidos conforme Peirano (2002:34 *et seq*) como “esses papéis legais que infernizam, atormentam ou facilitam a vida do indivíduo [e de instituições] na sociedade moderna” e visam a “identificar o indivíduo [e as coletividades, como o Centro Comunitário] para fins de conceder direitos e exigir deveres”. Os “certificados” e os “documentos” não apenas possibilitam alcançar recursos, mas também maximizá-los, como o almejado “certificado de filantropia”, que permite que a entidade assine a carteira de trabalho “desse monte de gente que trabalha sem carteira assinada”, bem como diminuir os encargos sociais com os funcionários porque “isenta a gente de pagar INSS dos próprios funcionários”.

É possível pensar o intento de Dona Anastácia para assinar a carteira de trabalho dos funcionários dentro do contexto das classes populares, no qual a posse deste “documento” é

¹⁰⁷ Sobre “documentos” e certidões” para obtenção de recursos e benefícios ver, entre outros, Borges (2003) que analisa de que maneira aqueles que buscavam um “lote” no Distrito Federal deveriam comprovar, junto ao governo local, seu “tempo de Brasília” mediante a apresentação de inúmeros documentos. Ainda, segundo Peirano (2002:36) analisando os “documentos” pessoais e “papéis legais” na perspectiva do Estado, aponta que eles são “um ponto nodal entre, de um lado, o controle, a regulamentação e a instituição do Estado e, de outro, a construção da nação em ato”. Embora esta autora se refira particularmente aos documentos pessoais como “carteira de trabalho”, “CPF”, “carteira de identidade”, “título de eleitor” entre outros, sua análise aqui é pertinente, pois no caso do Centro Comunitário os “documentos” também possuem características “mágicas” que permitem identificar seu portador, através do número e do órgão expedidor, e relacioná-lo a determinada finalidade, como a obtenção de recursos, os contratos de “convênios” e de “parcerias”.

um “valor partilhado socialmente”, que “concede cidadania formal” aos indivíduos que o possuem. Cabe lembrar o poder simbólico da “carteira de trabalho” frente a uma intervenção policial: normalmente, quando o indivíduo apresentada a carteira, é liberado da averiguação, já que o documento atesta sua condição de “trabalhador” (Peirano, 2002: 39 *et seq.*).¹⁰⁸

O Centro Comunitário possui uma organização interna com uma presidente, uma diretoria, um tesoureiro, uma “gerenciadora de projetos” e algumas dezenas de outros funcionários (eu fiz pequenas fichas de 38 deles, ver Anexo G, mas há muitos outros). Dentre esses, alguns possuem a carteira assinada pela instituição, outros não, e são pagos por meio de recursos provenientes dos “convênios”, “projetos” e alguns, ainda, por “prestação de serviços”, via Prefeitura Municipal.

Devido ao crescimento das ações realizadas pelo Centro Comunitário, foi montado, na avenida que passa em frente ao morro – portanto, fora do perímetro deste, mas próximo -, junto ao Abrigo para crianças de “rua”, o “escritório” da entidade. Sua instalação fora do morro visa a atender aos “parceiros” externos, que, conforme Dona Anastácia, “não são da comunidade, são os parceiros que participam, os parceiros que ajudam”.

“- Nós temos um Abrigo pra 10 meninos, é um projeto que a gente está desenvolvendo, 10 meninos de rua. E achamos que dentro da comunidade não seria bom ter esse abrigo. E também a nossa parte de escritório está lá, porque a gente agora tem um trabalho com o MEL, a gente tem uma gestão de MEL e vem muita gente de fora no escritório. [...] E a gente está organizando o MEL lá, então lá é o nosso escritório, que as pessoas não vêm aqui no morro, mas eles vão lá. Tem uma sala que é o nosso escritório lá. E todo escritório vai, nós estamos tentando passar todo o escritório, da creche, tudo pra ali pra aquele espaço, contou Dona Anastácia.

- Mas aqui vai continuar?, perguntei.

- O trabalho aqui é outra coisa, lá vai ser o escritório e o Abrigo, de repente a gente vai poder conseguir fazer alguma coisa lá também, alguma sala de aula, porque, às vezes, a gente quer fazer algum curso aqui, que as pessoas não vêm, eu acho que lá vai ser mais fácil as pessoas irem [...]. Todo visitador, quem passar na rua e quiser fazer o curso lá, vai fazer, disse Dona Anastácia.”

¹⁰⁸ Sobre o valor “trabalho” compartilhado nas classes populares, principalmente entre os mais velhos, e a sua desvalorização por parte da juventude, ver, entre outros, Zaluar (1985 e 1994). Silva (1969: 164) em seu célebre artigo sobre o “significado do botequim” na vida cotidiana das favelas, apontava que “a polícia costuma fazer visitas de surpresa aos botequins – denominadas “batidas” –, ocasião em que exige a exibição da carteira profissional, como prova de trabalho. Em certas ocasiões, quem não a possui, é “preso para averiguações”, podendo ser processado “por vadiagem””. Hoje, a preocupação de muitas pessoas, principalmente homens, não é com o processo “por vadiagem”, mas sim ser “confundido” com integrantes do tráfico e serem ou presos ou mortos nessas “batidas” policiais no morro. Sobre isto ver, ainda, entre outros, Cunha (2002).

Nesse escritório fica uma psicóloga com experiência em recursos humanos e sua equipe, responsável pelo “gerenciamento” geral dos projetos. Não tive muito contato com o escritório e seus funcionários, pois certa vez, quando fui comentar com Dona Anastácia que a psicóloga responsável pelos “projetos” queria transferir minhas atividades com os jovens para o escritório, ela me disse: “Você não tem nada que fazer lá embaixo, seu lugar é aqui, na comunidade”. Nesse espaço, participei de algumas reuniões, da festa de aniversário de Dona Anastácia, de um “bazar” organizado com a finalidade de arrecadar dinheiro para os jovens realizarem um passeio, no qual foram vendidos, entre outras coisas, sapatos e roupas novos e usados, outros acessórios, comidas e bebidas.

Com isso é possível perceber a distinção dos locais e das pessoas que freqüentam cada um deles: no interior do morro, o Centro Comunitário “só pra esses usuários aqui”, e o Abrigo e o escritório “na rua”, para “todo visitador, quem passar na rua” poder conhecer e fazer “cursos” lá. Discorrerei a respeito desta distinção mais adiante, quando me deterei em duas festas de aniversário de Dona Anastácia, ocorridas em 2004, ambas no mesmo dia: uma no “teatro” do Centro Comunitário”, e a outra comemorada no “Abrigo”, como é feita a referência a este local fora do morro.

Com a instalação de parte da entidade na “rua”, aumenta sua área de abrangência e sua visibilidade, pois na própria fachada da casa onde funciona o Abrigo e o escritório do Centro Comunitário há uma placa identificando a entidade. Cabe salientar que essa avenida tem grande movimentação de veículos e é onde estão situados a IX Região Administrativa, a Defesa Civil, um posto de saúde, um hospital e a 20º Delegacia de Polícia.

Esta visibilidade interessa quando se está num contexto como o da Cidade do Rio de Janeiro, onde há inúmeras ONGs e outras instituições concorrendo por recursos e “parceiros” que não são tão numerosos quanto o florescimento dessas entidades.

Cabe ressaltar que para a instituição alcançar a estrutura física e social descrita acima, segundo Dona Anastácia, ela passou por diversas fases, desde que surgiu, fruto de uma dissidência da Associação de Moradores, no início da década de 80.

“- O Centro Comunitário surgiu como eu te falei, a gente dividiu lá na Associação, anteriormente, e a parte de educação ficou comigo. Então, eu larguei bastante a Associação e fiquei na parte de educação, cuidando da creche. Que o Centro Comunitário começou com a creche, e depois, quando as crianças saíram da creche que foi notando que saía da creche e não tinha pra onde ir, as mães continuavam trabalhando, eles faltando a escola. Aí a gente criou aqui mesmo nesse local, a gente comprou uma casinha. Aqui onde é hoje o Centro Comunitário, tinha um homem que morava aqui, que

era o seu Dorival, ele ia se mudar, aí ele vendeu a casa pra gente [...] e a gente botou aqui uma escolinha que era pras crianças, saiam da creche e iam pra escola, aí elas voltavam pra fazer o trabalho de casa, que ficou, aqui. Aí a Prefeitura um dia..., a minha filha trabalhava na Prefeitura...! Ih! Isso tem muita história!, exclamou Dona Anastácia”

Para o desdobramento e a compreensão dessa “muita história”, remontarei a própria biografia da presidente do Centro Comunitário, que em muito se confunde com a criação e ampliação daquele espaço.

2. Dona Anastácia: “é uma doença esse negócio de Associação”

Para a analisar a estrutura e a organização social do Centro Comunitário, apresento algumas notas sobre a biografia de sua presidente, personagem que imprime características de sua identidade na instituição que coordena.

Quando o pesquisador tem o intuito de reconstruir a trajetória de vida de uma pessoa, realiza uma série de entrevistas com a mesma, tendo como foco seu relato de vida, suas relações sociais e os contextos dos acontecimentos, a fim de obter o máximo de dados possíveis para operar essa reconstrução, além da própria reconstituição que o entrevistado faz.¹⁰⁹ Ciente desses pressupostos, apresento, no entanto, notas biográficas e parte da trajetória de vida da presidente da entidade, pois realizei uma entrevista oral gravada com ela, devido à impossibilidade de levar a cabo uma série de entrevistas, bem como pelo fato de eu também ter operado uma seleção em sua narrativa. A seleção das notas biográficas traduz um contexto mais amplo, fruto do trabalho etnográfico, isto é, das minhas observações, conversas e interações posteriores com Dona Anastácia. No desenrolar do texto, passado e presente se mesclam, pois a leitura de um está relacionada com a interpretação do outro.

“O que o entrevistador ouve é um discurso no qual o sujeito fala da representação que tem dos fatos de sua vida, ele, em suma, “se conta”, segundo suas categorias de valores e seus códigos temporais.[...] O narrador conta a sua vida, hierarquizando, valorizando ou desvalorizando determinados aspectos, reforçando outros, imprimindo à narrativa a sua visão pessoal e subjetiva.” (Brioschi e Trigo, 1987)

¹⁰⁹ Ainda sobre relatos de vidas, histórias de vida, ver, entre outros, Bertaux (1980); Kosminsky (1986); Velho (1986), Coninck e Godard (1989) e Bourdieu (1998).

A entrevista principal foi realizada poucos meses após minha entrada em campo nesse local e ocorreu por uma confluência de interesses, no contexto da comemoração do 20º aniversário do Centro Comunitário. Meu interesse era conhecer o local, as pessoas que ali trabalham e aquelas que o freqüentam. Para a dirigente da instituição, a seleção de acontecimentos significativos para a reconstrução de sua memória tinha como motivação a fixação da história da instituição e a legitimação de seu papel como liderança frente à entidade e à “comunidade”.¹¹⁰ Sua posição de dominação e sua liderança lhe permitem considerar-se, em muitos momentos, representante dos interesses daqueles a quem ela atende. Nesse sentido, a vontade de sentir-se pertencente à “comunidade” e consolidar seu papel como líder advém também do fato de ela não ter nascido no local e, principalmente, por fazer cinco anos (em 2003) que ela não mora mais no morro, mas em uma casa, numa rua do bairro de Vila Isabel, onde quatro dos seus seis filhos também moram.¹¹¹ Segundo sua narrativa, o que motivou sua mudança para outro local foram os “tiroteios danados” e os “bailes [funk] que fazia aqui e não deixava ninguém dormir”.

“- Porque a senhora não mora aqui?, indaguei.

- Ah, eu morei muitos anos aqui. Ainda tenho a minha casa ali, que mora meu filho, respondeu Dona Anastácia.

- Seu filho mora aqui?, perguntei.

- Meu filho mora aí. Depois ficou por causa da gente não dormir de noite porque aqui é um tiroteio danado e baile que fazia aqui e não deixavam ninguém dormir. Aí a minha filha comprou uma casa lá na rua, eu fui morar lá com ela. A minha filha mora lá, eu moro lá, acaba que os meus filhos também mudaram pra mesma rua, o Velasco, Élide, quase todo mundo mora lá nessa mesma rua, só quem mora aqui é o meu filho, explicou Dona Anastácia”.

Devido à mudança para outro local, outros argumentos são necessários para a dirigente legitimar sua posição, visto que aqueles aos quais atende continuam morando no local que ela deixou.

“- Ah, eu acho que eu amo essa comunidade. Infelizmente agora está assim bastante violência, muito, é uma pena ver tantos garotinhos pequenos envolvidos no tráfico, isso é uma pena! Não existe mais aquele respeito que tinha antigamente. Antigamente a gente, eu, por exemplo, quando trabalhava na associação de moradores eu fazia baile, porque não tinha, agora tem mais, antigamente não tinha esse parque e lazer, quem fazia tudo era a associação.

¹¹⁰ Sobre a reconstrução da memória, ver, entre outros, o clássico trabalho de Halbwachs (1990).

¹¹¹ Dominação é entendida aqui nos termos de Weber (1998:43), para o qual significa “a probabilidade de encontrar obediência dentro de um grupo determinado para mandatos específicos” e para que haja a dominação é necessário a “crença na legitimidade” de que quem está no poder deve estar. Ainda sobre dominação e poder simbólico, ver, entre outros, Bourdieu (1989). No capítulo anterior discuti a luta por representação e pela (di)visão do mundo entre os moradores do morro e do bairro de Vila Isabel.

A gente fazia baile, eu não deixava as crianças entrar, esse pequeno baile de noite, eu ficava na porta, eu que cobrava a entrada; hoje em dia se alguém ficar numa porta de baile, só se for armado, só se forte. Eu era educada, tudo mundo me obedecia, e tinha bandido! Tinha gente armada, eu falava: ‘não entra com a arma’, eles guardavam a arma, entrava tudo sem arma e existia esse respeito. Hoje em dia se eu falar pra alguém guardar a arma, não tenho nem coragem. Porque tem que andar armado todo mundo?!, expôs Dona Anastácia”.

E para reafirmar seu pertencimento ao morro, diz que mesmo morando longe passa “o dia inteiro” ali, onde sua rede de sociabilidade se dá, deixando a casa fora do morro como o local “só” para “dormir”.

“- [Passo] o dia inteiro aqui, o sábado também, só vou lá dormir. A maioria das vezes eu vou lá, durmo e volto, não conheço ninguém naquela rua, não conheço vizinho nenhum, não tenho vida social com ninguém lá. Meu lugar de visita, de amizade é aqui. Eu lá vou dormir, porque aí lá eu durmo, vou pra lá durmo em paz e volto no outro dia de manhã, disse Dona Anastácia.

- E fim de semana, sábado, domingo?, perguntei.

- Não, porque sábado em geral a gente está aqui também. E domingo eu vou à igreja. Domingo é o meu dia que eu deixo pra igreja, respondeu Dona Anastácia”.

Quando lhe propus a entrevista, ela disse que seria “ótimo” eu entrevistar outros idosos, pois eles contariam a “história da comunidade” e do Centro. Antes de iniciar as entrevistas com os idosos, perguntei a uma das filhas de Dona Anastácia o que elas queriam, de fato, que eu perguntasse a eles: “A história da comunidade”, respondeu-me. Intrigada com sua resposta, perguntei se ela gostaria que eu centrasse as questões na história do morro, e não do Centro, ao que ela me respondeu: “Sim, porque fazendo a história da comunidade vai certamente chegar ao Centro”. Isso evidencia o desejo e o esforço de oficializar a versão de Dona Anastácia sobre a história do Centro Comunitário e, mais, ligar a sua história de vida à história e à memória desse morro, marcando-a enquanto personagem fundamental.¹¹² Essa vontade de entrelaçar “comunidade” e Dona Anastácia a coloca como uma “grande testemunha” (Voldman, 1998), que apresenta um discurso espontâneo, controlado, como se narrando uma história previamente elaborada, que encontra ouvidos e tintas para contar e fixar a “sua” história, a sua versão sobre os fatos, passados e presentes.

¹¹² No capítulo anterior fiz a discussão sobre a história e a memória oficiais, aquelas cristalizadas em livros, monumentos e relembradas nas comemorações, e outras versão da história apoiada nas memórias daqueles que vivenciaram essas situações, mas não constam na versão oficial.

Dona Anastácia, carioca, nasceu no morro do Andaraí¹¹³, em 1937. Quando se casou, mudou-se para a Tijuca, e depois para o Engenho Novo, onde ficou “quase um ano fora, pagando aluguel”. Depois, em 1960, veio morar no Morro Parque Jardim Vila Isabel por “necessidade” e por ser “melhor” comprar um barraco no morro “do que pagar aluguel”.¹¹⁴ Como visto no capítulo anterior, Dona Anastácia e sua família chegaram a esse morro por meio de uma rede de relações sociais, incluindo os guardas florestais e outros trabalhadores da Prefeitura ligados ao Parque situado em frente ao morro.

“- Por que a senhora veio pra cá?, perguntei.

- Ah, eu vim pro morro por causa da minha necessidade, eu tinha necessidade, morava numa casa que o dono pediu, o quarto que eu morava era alugado, e aí a gente ficou procurando onde morar, e ele mesmo, que era o locatário [no caso seria o locador], ele era guarda florestal aqui do Jardim. Aí ele falou: ‘olha, vocês podem comprar um barraco no morro, que é melhor do que pagar aluguel’. Ele mesmo, porque ele conhecia alguns guardas que moravam aqui no Jardim, nesse tempo, e ele então indicou a gente a um trabalhador de dentro do parque, que ali era o Parque Viveiro. Aí ele vendeu um pedaço do barraco dele pra gente, contou-me Dona Anastácia.

- E o que era esse Parque Viveiro?, indaguei.

- Quando acabou o antigo Jardim Zoológico aqui ficou sendo um Parque Viveiro, tinha mudas de plantas que saíam pra vários lugares, era da Prefeitura. Então, tinha uns guardas que tomavam conta desse Parque, que tinha as pessoas que trabalhavam na jardinagem. Ali era um núcleo da Prefeitura, que saíam os jardineiros pra podar árvores [...]. Aí tinha esses trabalhadores e aqui dentro, quando saiu essa área aqui, que é hoje essa favela, ela era desocupada, grande maioria desocupada e esses guardas passaram, alguns, a morar aqui. Alguns trabalhadores também do parque de jardins construíram casinhas por aqui, e eles foram os primeiros a ocupar essa área. Os guardas florestais e os trabalhadores. Esse que me vendeu, arrumou um pedaço da casa dele pra mim, ele não era guarda, ele era um trabalhador, fazia poda de árvores, cuidava dessa parte da Prefeitura, fazia esse serviço, aqui no município, disse-me Dona Anastácia.

[...]

- E como era aqui quando a senhora chegou?, indaguei.

- Olha, quando eu cheguei aqui tinha algumas pessoas que moravam, a maioria eram funcionários do parque. Aqui nessa parte aqui, os funcionários eram os guardas, que eram guardas florestais que alguns moravam aqui e eles tomavam conta do morro, eles eram guardas pra não deixarem ocupar o morro mesmo. Então, tinha o guarda Virgulino, que morava ali naquela área, lá onde tem hoje a Igreja Batista. Ali tinha a casa do guarda Virgulino, que tomava conta desse jardim todo, até lá em cima, não deixava ninguém fazer

¹¹³Andaraí é um bairro da Zona Norte da Cidade, próximo de Vila Isabel, pertencente à mesma Região Administrativa.

¹¹⁴ Borges (2003), em sua etnografia, aponta para o “martírio” do pagamento do aluguel para pessoas de baixa renda, desempregadas. Isto, em muitos casos, é que as move em busca de um “lote”, sendo a sua aquisição vista como uma “redenção”.

barraco, então era o dono dali. Só quem ele que botasse, a família dele, ele cresceu ali com os familiares dele, com os amigos dele. Aqui, onde é hoje o Centro Comunitário, tinha o guarda Claudionor. Esse guarda Claudionor, também, era ele e a família dele que tomavam conta dessa área toda, ele tomava conta até lá em cima, só ele e a família dele, ele era guarda florestal. Lá, mais na ponta lá, tinha um guarda Silvério, era um outro guarda que tomava conta daquela parte, daquela ponta ali, da Noel Rosa, ele tomava conta ali. Lá em cima, no alto, tinha um funcionário público, que era o seu Ícaro, ele também tomava conta de uma área ali. E, mais lá pra cima, também tinha um outro, que trabalhava no parque, que era o seu Sebastião. Ele também se dizia dono de uma área, que ele capinava, ele plantava bananeiras. Esses guardas, eles tomavam conta da área. [...] Como eu que cheguei, comprei do seu Hilton, que era funcionário que tinha um barraquinho aqui, conseguiu fazer um barraco. Ele vendeu uma parte dele pra mim. Eles que faziam isso, vendiam pra quem eles queriam, ou quando eles tinham necessidade; esse seu Hilton, que arranjou uma briga, precisou fugir, aí ele vendeu uma parte da casa dele pra ele poder fugir. E, os outros eram moradores, eles eram guardas, moravam aqui pra eles trabalharem dentro do viveiro, que ali era viveiro de plantas, tinha esse serviço que fazia podagem na rua. Então, eles trabalhavam no parque e moravam aqui próximo mesmo, arrumavam suas casinhas por aqui, pra quem, como quem tomasse conta, mas eles mesmos ajudaram a encher o morro, narrou Dona Anastácia.”

Nesse trecho de sua narrativa destaco alguns pontos. Primeiramente, sua relação com os trabalhadores da Prefeitura e com as autoridades responsáveis pela vigilância e proteção do local – “os guardas do parque”. Relação ambivalente, marcada pela cooperação em conseguir o barraco e pela crítica ao fato de eles serem os responsáveis pela não ocupação do morro; no entanto, “eles mesmos ajudaram a encher o morro”. Essa relação permanece nos dias atuais, uma vez que as autoridades vigilantes, atualmente as policiais e a Prefeitura, estão sob críticas pela sua atuação no morro: a primeira, pelo modo violento com que entra no local e trata os moradores; a segunda, por sua ação não vir ao encontro das expectativas de atendimento, como a não renovação dos projetos, entre outras.

Outro ponto a ser destacado é a divisão do morro por esses guardas e funcionários, tal como lembrada por Dona Anastácia. Essa divisão é aquela que marca os locais que têm ligação com sua própria biografia: “O guarda Virgulino, que morava ali naquela área lá onde tem hoje a Igreja Batista”, religião que Dona Anastácia professa - a qual abordarei mais adiante. “Aqui, onde é hoje o Centro Comunitário, tinha o guarda Claudionor. Esse guarda Claudionor, também, era ele e a família dele, que tomavam conta dessa área toda, ele tomava conta até lá em cima, só ele e a família dele, ele era guarda florestal”.

Continuando sua narrativa, Dona Anastácia contou-me momentos de sua trajetória, que foram significativos para que ela se tornasse uma liderança comunitária.

“- Quando eu vim pra cá existia essa dificuldade, só tinha luz dentro do Parque Viveiro e todos os barraquinhas que tinham aqui, que eram desses funcionários, eles puxavam bico de luz do Parque Viveiro. A luz era muito fraca, porque era um bico de luz pra dividir pro morro todo, tanto pro Pau da Bandeira, como pro Jardim, pra esses funcionários deles. Pra eles daria talvez. Mas como foi enchendo demais de gente, a luz foi ficando horrível, quando era noite a luz era tão fraca, que a gente não conseguia ligar a geladeira, a geladeira caía. Aí, eu me lembro, que uma vez nós saímos, eu tinha uma porção de crianças, nós saímos pra fazer um passeio, esqueci de desligar a geladeira, aí quando eu voltei, à noite, com o meu marido, com as crianças tudo dormindo, chegamos em casa eles tinham cortado a nossa luz, o nosso bico de luz. A gente ficou no escuro, eu nervosa com minhas crianças, no escuro, porque eu não esperava que fossem chegar e não achar a luz: ‘ah, porque todo mundo tem que desligar a geladeira de noite, vocês não desligaram, aí agora cortamos a luz de vocês’. Esse seu Hilton, que era esse meu vizinho, que vendeu a casa pra gente, eu arranjei uma confusão com ele porque eu achei que ele não podia ter cortado nosso bico de luz, porque quando eu comprei o barraco, eu comprei com aquele bico de luz. Ele falou que não ia mais dar, foi uma confusão, uma briga danada e dali pra cá, a gente, eu achei que a gente tinha que lutar, aqueles moradores que estavam tinham que lutar pra gente conseguir uma luz pros moradores, que não era mais poucos, tinha um bom número de moradores e aquele bico de luz já não estava sendo suficiente, estava dando até confusão. Dali, a gente começou a se organizar, a chamar os moradores que moravam por aqui, fizemos uma reunião lá na minha casa, pra gente ir perante o município, pra ver se a gente conseguia. Quem administrava era o governo, que naquele tempo aqui era a capital ainda, contou Dona Anastácia.

- Em que época era mais um menos isso?, indaguei.

- Ah, em 1960 mais ou menos, foi assim que eu cheguei pra cá. Aí, nós fomos conseguir, nessa ocasião estava sendo começado, dando um incentivo pra se fundar Associações de Moradores, com o movimento de fundação das Associações de Moradores. Lá no Palácio Guanabara eles informaram pra gente, que se organizasse em grupos de Associação de Moradores, [que] está sendo criada já, porque já tava se proliferando muitas favelas aqui no Rio e tava tendo vários problemas, era problemas de construção ilegal, as moradias estavam crescendo muito, então eles queriam que as pessoas da comunidade se interessassem pra não deixar aumentar o número de favelados, então eles queriam isso. E trazer algum benefício pra comunidade. Então, foi na época do Carlos Lacerda¹¹⁵, nós fundamos a Associação de Moradores, que foi em 1962, disse Dona Anastácia.

- Quem fundou?, indaguei.

- Era um grupo de moradores aqui da comunidade, respondeu.

- A senhora estava?, perguntei.

- Estava, o meu marido foi o primeiro presidente. E nós criamos a Associação de Moradores, que é a principal coisa era a água, que a gente não tinha, e a luz. A água era a coisa mais difícil, ninguém tinha água, era uma tristeza, e tinha de apanhar água lá no Grajaú, ou então a gente tinha de

¹¹⁵ Em 1962, Carlos Lacerda era governador do Estado da Guanabara, hoje extinto. No capítulo seguinte, abordarei a relação entre o Centro Comunitário e os políticos.

apanhar água do Parque aqui, porque não tinha esse muro, era uma cerca, aí os guardas que ficavam, à noite, a gente tinha que dar uma cachaça, botar eles bêbado pra fazer eles dormir e a gente poder apanhar água. A gente ligava a borracha, apanhava a água, e a gente enchia os nossos latões d'água, todo mundo carregava água de noite. Depois um político aí, que era o Gama Filho¹¹⁶, botou uma biquinha ali na curva, aí tinha essa biquinha d'água, mas essa biquinha d'água era uma briga que não acabava mais. Porque era uma biquinha fininha de água, que devia ser roubado de dentro do Parque também. Aquele pinguinho de água e todo mundo ia apanhar água, o pessoal do Macaco, nós aqui já tinha, estava crescendo muito o número de moradores, e era uma confusão pra gente pegar uma lata d'água, saía brigas e mais brigas, depois, então, a gente tinha que carregar água lá do Grajaú, contou Dona Anastácia.”

Durante toda a sua narrativa, ela oscila entre diferentes pronomes pessoais como sujeitos das ações, ora utilizando os verbos na primeira pessoa do singular (eu), ora na primeira do plural (nós, a gente); parte do individual, de seus problemas e sua iniciativa, e vai para o coletivo. Essa maneira de construir a narrativa evidencia sua percepção de que desempenhou um papel catalisador nesse processo de constituição, de organização e das conquistas de melhorias das condições de vida no local.¹¹⁷

Ainda, como aponta a versão de Dona Anastácia, os guardas e os trabalhadores do parque não eram “donos” somente dos terrenos, mas da água e da luz. Para terem “direitos”, os moradores tinham que pagar a eles ou “a gente tinha que dar uma cachaça, botar eles bêbado, pra fazer eles dormir” e os moradores irem pegar a água. Sua fala remete novamente à relação ambígua, amistosa e conflituosa, com os “guardas”.

Da aliança inicial com um guarda florestal, Dona Anastácia remete ao conflito com o mesmo por causa da “luz” que ele cortou de seu barraco, visto que ele seria o dono do pedaço do morro que ela comprou, incluindo a luz. A questão da falta da luz elétrica ilumina sua condição e funciona como o estopim do processo que a torna líder comunitária: “Eu arranjei uma confusão com eles, uma briga danada, dali pra cá, a gente, eu achei que a gente tinha que lutar [...] pra conseguir luz pros moradores”. Cabe salientar, como aponta Blay (1980), que as mulheres inseridas em grupos populares, que se engajam em lutas sociais, passam a reivindicar publicamente melhorias nas condições de vida a partir de problemas domésticos.

¹¹⁶ Gama Filho foi vereador e depois Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal.

¹¹⁷ Sobre os pronomes pessoais e as posições ocupadas pelas pessoas que estão interligadas ver, entre outros, Elias (1970:135), o qual aponta que seu uso: “tem que incluir a idéia de outras pessoas que ocupam outras posições na trama de relações a que o conjunto de pronomes pessoais se refere”. Isto porque “os pronomes pessoais são no seu conjunto uma expressão elementar do fato de que cada um se relaciona fundamentalmente com os outros e de que cada ser humano individual é essencialmente um ser social”.

Dona Anastácia foi se tornando uma importante liderança local, buscando mobilizar os outros moradores, e desempenhou um papel de mediadora, no âmbito da Associação, entre os moradores e os poderes públicos para buscar melhorias para o morro¹¹⁸: “A gente começou a se organizar, a chamar os moradores que moravam por aqui, fizemos uma reunião lá na minha casa, pra gente ir perante o município, pra ver se a gente conseguia”.

Dona Anastácia torna-se uma “mulher política”, na acepção de Bourdieu (1989:188) para o qual “o homem político retira sua força política da confiança que um grupo põe nele”. Confiança e reconhecimento reverenciados por diversos moradores que freqüentam o Centro Comunitário¹¹⁹. Nas entrevistas realizadas no âmbito do Centro, que contaram com a própria coerção do local onde estávamos, os idosos faziam deferências a Dona Anastácia, dizendo: “Ela é que se interessa”; “Ela é boa representante”; “É a número um pras crianças, na época, muito boa criatura, ela é incansável, ela é de uma paciência da Virgem Maria”. Ainda, o que caracteriza Dona Anastácia como sendo “boa representante” é o fato de ela ser “muito conhecida da gente” e participar “da nossa religião [Batista]”.

“Dona Anastácia é uma pessoa muito conhecida da gente, sempre trata bem; ela já foi presidente da Associação, então a gente conhece há muitos anos, disse Dona Morgana, 61 anos.”

“Começou lá na frente, era uma casa pequeninha, mas a Associação começou com a Dona Anastácia e o marido dela, na casa dois, disse Seu Marcílio, 77 anos”.

“Os Prefeitos vinham aqui [ela] pedia, pedia, porque a Dona Anastácia sempre foi uma batalhadora, falou Dona Antônia, 56 anos.”

“O que nós fizemos, quem fez aqui essa comunidade foi Dona Anastácia. Ela está aí, e está aí para nós dizer, nós somos pai e mãe da comunidade. E graças a Deus estamos aí, e estamos bem, disse Seu João Lucas, 89 anos”.

¹¹⁸ Diversos autores apontam para o papel desempenhado pelos líderes comunitários, de mediadores entre os poderes públicos e os moradores, entre eles Valladares (1977; 1978); Santos e Vogel (1981); Velho (2001); Kuschnir (2000 e 2001); Velho e Kuschnir (2001). A fundação da Associação de Moradores da qual Dona Anastácia participou insere-se numa proposta do governo, em 1961, conforme Valladares (1978: 27): “as Associações de Moradores, criadas pela Administração Estadual, e destinadas a estabelecer a ponte entre os “interesses” dos moradores e os órgãos estaduais competentes (SERPHA, Coordenação de Serviços Sociais, Regiões Administrativas)”.

¹¹⁹ Saliento que esta visão sobre Dona Anastácia sobressaiu porque somente entrevistei freqüentadores do Centro Comunitário, mas sei que pode haver percepções divergentes sobre a liderança de Dona Anastácia entre outros moradores. Conflitos e fofocas de que são alvos as lideranças comunitárias são apontadas por Fonseca (2004), devido a sua “ascensão social” e diferenciação frente aos outros moradores que as lideranças representam. Em diversos momentos, um ex-morador que realizava um trabalho no morro, disse-me, em tom de reprovação, que com Dona Anastácia é tudo “negociação”, “política”, “capitalista” e ela é “negociante, que sempre quer algo em troca”.

“- Aqui era, como eu já tinha falado, uma casa grande, velha, aí a Dona Anastácia acho que comprou, reformou isso tudo aqui, começou a obra, disse uma senhora num dos grupos focais.

– Quem é que começou a obra?, perguntei.

– Eles falam que foi Dona Anastácia; quando eu cheguei aqui já encontrei a Dona Anastácia. Dona Anastácia é uma pessoa que, até hoje eu já tenho esse pensamento, é a única que está aqui ainda, desde o início que eu cheguei aqui, que ela é uma pessoa [que] está sempre de boa vontade e merece uma qualquer coisa boa pra ela. Isso eu já disse lá em casa sozinha pra ela, contou a senhora.”

“Dona Anastácia é uma boa representante, ela é da nossa religião [...] sem ela nada feito, disse-me Dona Geórgia, 69 anos.”

O reconhecimento da liderança de Dona Anastácia pelas pessoas que a rodeiam é também expresso quando dizem que algo ou alguma coisa era “do tempo da Dona Anastácia” na Associação de Moradores. Certa vez, Lúcio, 23 anos, professor de informática e morador local, referindo-se ao atual presidente da Associação de Moradores disse: “O Mércio não é ligado ao tráfico, é bem político, ele é do tempo da Dona Anastácia”. Em outra situação, no ensaio na quadra da Escola de Samba, Mauro, “coordenador” do Projeto MEL, e morador do morro, apresentou-me a Adalberto, seu amigo. Mauro disse a ele que eu trabalhava no Centro Comunitário e Adalberto, apresentando-me suas referências disse: “Eu já fui conselheiro tutelar com o Velasco [filho de Dona Anastácia]. [...] Tudo que aprendi foi com Dona Anastácia, que eu sou do tempo da Dona Anastácia”. Ser do “tempo de Dona Anastácia” remete a determinado modo de atuar neste local, atestando o seguimento de certos princípios como o não comprometimento com o tráfico, a representatividade dos moradores, ‘entregar-se’ ao trabalho ‘comunitário’, isto é, “ir atrás”, “lutar”, “estar à frente” das iniciativas que visam à melhoria das condições da vida.

Este reconhecimento foi salientado por uma jovem moradora do Morro dos Macacos com quem conversei numa visita que fiz a um outro Centro Comunitário, situado mais especificamente no Morro dos Macacos. Nessa ocasião, a jovem, que participava de um grupo, disse que “aqui não tem nada”, ao que outra jovem concordou: “tudo é lá do outro lado, lá na Dona Anastácia” e por isso elas “sempre ficam sabendo das coisas depois, e quando a gente vai lá, não tem mais; para cursos, por exemplo, vagas, ou já passou há uma semana”. Por isso elas estavam empenhadas em organizar este Centro Comunitário, mas “o problema é recursos, que não tem, aqui nunca foi tomada a iniciativa”. Contaram ainda que houve, em certo período, uma senhora que “fazia”, mas ela faleceu “e então tudo ficou

parado, agora é que a gente está recomeçando”. Querem “fazer aqui para não ter que ir até lá [no Centro Comunitário administrado por Dona Anastácia]”. Um senhor que estava participando da conversa as incentivou “porque não é uma comunidade diferente, é tudo a mesma comunidade e as coisas têm que ser divididas”. A jovem, com ar de indignação, disse: “A gente acha que não é a mesma, aqui é outra comunidade, porque lá tem tudo, aqui não tem nada, é a terra do nada, a terra do nunca”. Perguntei a ela por que achava isso, por que ela achava que “lá tem” e “aqui não”; ela respondeu-me: “Porque lá tem gente que vai atrás, que luta, que corre, e aqui não, quem tinha morreu”.

No caso de Dona Anastácia, a força de sua liderança advém da própria capacidade de estabelecer contato com autoridades do governo, com vereadores e deputados, com ONGs, em travar convênios e “parcerias”, enfim, em alargar sua redes de relações sociais e por intermédio delas obter recursos, naquela época, para a Associação de Moradores, e hoje para o Centro Comunitário, como salientam as falas dos idosos expostas acima, especialmente quando dizem: “Ela tem é conhecimento”, “conhece muito os vereadores e os deputados”.

Por meio destas interações sociais Dona Anastácia desempenha o papel de mediadora, transitando por diferentes redes sociais e lidando com códigos sociais distintos que, por sua vez, lhe trazem prestígio e honra social (Velho, 2001: 25).

Nesse sentido, como aponta Kuschnir (2000: 135):

“O *status* social de alguém é dado pelo julgamento dos outros indivíduos. Estes avaliam segundo seus próprios valores e com base em seu conhecimento das qualidades da pessoa. Quando a avaliação é positiva, o *status* torna-se *prestígio*”.

Ainda, a confiança, o reconhecimento e a crença na legitimidade da liderança exercida por Dona Anastácia me remetem, em alguns momentos, a características carismáticas.¹²⁰ O caráter carismático de sua liderança vem à tona também quando ela mesma diz que “é uma doença esse negócio de associação”.¹²¹

¹²⁰ Segundo Weber (1998: 193), o carisma relaciona-se “[...] à qualidade, que passa por extraordinária (condicionada magicamente em sua origem, o mesmo se se de trata profetas que de feiticeiros, árbitros, chefes de caçada ou caudilhos militares), de uma personalidade, por cuja virtude é considerada possuidora de forças sobrenaturais ou sobre-humanas – ou pelo menos especificamente extraordinárias e não acessíveis a qualquer outro -, ou como enviados de Deus, ou como exemplar e, em consequência, como chefe, caudilho, guia ou líder”. Embora Dona Anastácia tenha dito que foi eleita tanto para a Associação de Moradores como para o Centro Comunitário, sua dominação tem características carismáticas, principalmente, por ela estar há tanto tempo nessa posição, bem como o reconhecimento de que ela tem acessos a recursos que pouquíssimas pessoas têm nesse local.

¹²¹ Da mesma maneira que Silva (2003) aponta a inserção de mulheres, moradoras em “comunidades” da Grande Tijuca, em trabalhos sociais, é possível pensar na atuação de Dona Anastácia no Centro Comunitário como

“- [...] A Associação passou várias fases, que alguns presidentes não tinham mais dinamismo; é uma doença esse negócio de associação, disse Dona Anastácia.

- Como assim é uma doença?, perguntei.

- Ah, porque depois que entra, mesmo com tanta dificuldade, não sai, fica ali, eu ficava a vida toda na Associação de Moradores, sofrendo pra caramba, mas não quis nunca sair da diretoria, ficava sempre ali. Esses meus filhos, todos eles, eu tenho meu filho Udson, que ele quase nasceu no bonde; eu tinha que sair pra procurar as licenças pros moradores fazerem obra, porque a polícia, tinha um posto de polícia aqui dentro, que eles quando viam alguém fazer obra eles iam lá, pediam a licença, se não tivesse, eles não deixavam fazer a obra. Aí a Associação tinha que providenciar a obra, a licença lá no Serviço de Favelas, que era proibido fazer, explicou Dona Anastácia.

[...]

- A senhora sempre esteve então envolvida nessas coisas aqui na comunidade, por exemplo?, indaguei.

- Ah, sempre, desde que vim pra cá que eu estou envolvida nisso. Eu não estou dizendo que isso é uma doença!? Não consegue sair, sempre tem uma coisa pra fazer, quando acaba de fazer uma coisa quer fazer outra, eu não posso ver uma coisa..., por exemplo, domingo, sábado teve um evento lá no Parque, a Prefeitura mandou um carro pra contar história pras crianças com livrinho, aquela caixa de livros de histórias pra gente, olha, mas eu achei aquele Parque tão abandonado, que eu vou ter que me meter ali naquele Parque!, argumentou Dona Anastácia.

[...]

- Por que a senhora faz essas coisas?, questionei.

- Porque eu gosto mesmo. Eu gosto. Estou sempre inventando uma coisa pra fazer, disse Dona Anastácia.”

A alusão à “doença” remete à idéia de uma obrigação pela qual se deve passar, da qual “não consegue sair”, porque “sempre tem uma coisa para fazer”; por isso, para ocupar esse cargo, além de gostar tem que ter “dinamismo”. Essa idéia faz lembrar da dádiva e do dom e pode ser descrito como o *mana* a que se refere Mauss (2000), uma força, um poder atribuído aos objetos, aos seres, às coisas e àqueles que detêm uma autoridade particular, como o caso aqui de Dona Anastácia.

Outro elemento que remete à idéia de obrigação, de vocação e de carisma, é o fato, conforme a narrativa de Dona Anastácia, de ela não receber dinheiro por ser da diretoria, pois “o estatuto¹²² diz que a diretoria não pode ganhar”. O mais significativo aqui é a sua retórica,

estando vinculada a uma vocação religiosa, em torno do ideário de “ajudar o próximo”. Esta relação torna-se pertinente quando pensamos na sua inserção atuante na Igreja Batista.

¹²² Devido às pressões sociais existentes nesse espaço sobre a coleta de dados, como discuti no primeiro capítulo, não tive acesso aos estatutos nem do Centro Comunitário, nem da Associação de Moradores.

que reforça, por um lado, que “não precisa” de dinheiro, “dinheiro pra quê?”, e, por outro, diminui o fato de ela perceber uma pensão e uma aposentadoria. Assim, a idéia de obrigação associada à noção de vocação fica evidente quando ela diz que “eu não preciso de dinheiro”, o que contribui para a crença na legitimidade de sua posição. O fato de necessitar de dinheiro seria, segundo ela, um motivo para que os jovens não se interessem por ocupar esse espaço.

Na própria organização da entidade existem outras funções e a maioria dos cargos que têm atuações visíveis são ocupados por seus filhos. Dentre esses, há aqueles que “precisam de dinheiro” porque “não têm emprego” e então trabalham em projetos “pagos”, e os que ajudam “voluntariamente” na diretoria do Centro Comunitário, são aqueles que “podem trabalhar sem ganhar” porque “têm seu emprego fora” da entidade.

“- Agora eu não sei nesse novo mandato se nós ainda vamos ficar, eu já estou ficando meio cansada, mas vou ficar, não posso mais ficar na presidência, mas eu vou ficar, comentou Dona Anastácia.¹²³

- Quais são os outros cargos que tem?, perguntei.

- Ah, tem secretário, tem tesoureiro, isso eu nunca vou ser, eu não gosto de ficar escrevendo nada. Mas tem secretário e o secretário não tem nada pra escrever quem sabe trabalhar; tem tesoureiro, tem patrimônio, tem alguns cargos, mas acaba no fim é tudo, quase ninguém quer ser da diretoria, porque diretoria não ganha, o estatuto diz que a diretoria não pode ganhar, então esse pessoal jovem não pode, porque eles têm que ganhar. Aí eles têm que trabalhar em projetos que eles têm que ganhar, por exemplo, o Velasco [filho] ele ajuda muito o Centro Comunitário, mas ele tem que ganhar, ele tem família, então ele só pode trabalhar em projeto com dinheiro que ele ganhe, ele não pode ser da diretoria. A Eliana [filha], que ela é da diretoria, porque ela tem o trabalho dela, ela fica voluntária aqui na diretoria. Aí ela fica na diretoria, mas ele não tem trabalho, não tem emprego, ele tem que ganhar, então não pode ser da diretoria. Então só pode ser da diretoria quem pode trabalhar sem ganhar, só eu assim que eu não preciso de ganhar dinheiro, eu vou ganhar dinheiro pra quê?! Aí eu posso ficar na diretoria à vontade, explicou Dona Anastácia.

- Mas a senhora não tem nenhuma fonte de renda?, perguntei.

- Ah, tenho, eu tenho pensão do meu marido, tenho aposentadoria, não preciso nem de dinheiro, eu não preciso nem de dinheiro!!!!!! (risos de ambas), disse Dona Anastácia.

- Por quê?, questionei.

- Pra que eu quero dinheiro?! Só se for pra mim dar pra eles ficar me pedindo (risos de ambas), falou Dona Anastácia.

- Eles quem, seus filhos?, perguntei.

- É, só se for pra isso. Cada um tem que ter seu dinheiro, argumentou Dona Anastácia.”

¹²³ Cabe salientar, como apontei acima, que as pessoas reconhecem Dona Anastácia como proprietária do local e nunca ouvi, a não ser em sua entrevista, sobre outra pessoa que teria sido presidente da entidade; e, pelo menos, durante o período da pesquisa de campo, pelo menos, não houve eleição.

Quanto à sua participação na Associação de Moradores, sua narrativa remete sempre a uma relação estabelecida com o governo e os políticos, o que legitima seu poder simbólico (Bourdieu, 1989), como apontado nas falas dos idosos, acima. Em alguns momentos, a Associação atua em cooperação com o governo e os políticos na busca e consolidação de melhorias, noutras é vista como mais eficiente, pois a sua luta é que vale.

Dona Anastácia se percebe investida de autoridade legítima, pois considera que a forma como “até” perdeu uma eleição para presidente da Associação de Moradores foi porque o outro candidato conseguiu “cadastrar um montão de sócios lá no Pau da Bandeira” e chegaram “aqueles sócios tudo de surpresa [pra votar], aí ganharam a eleição”. “Surpresa” esta que refletiu a vitória do concorrente e sua perplexidade frente à derrota.

“- [sobre quem construiu a caixa d’água] Eles não, o governo não, porque a maior população era no Jardim e era no Pau da Bandeira, esse morro aqui era menos gente morando. Então, eles não fizeram a nossa caixa [d’água] do lado de cá, nós moradores aqui que construímos a nossa caixa. Aí a gente puxou um ramal de água lá do Jardim e botamos aqui, que aqui o governo não fez, foi a própria Associação que fez a cisterna nossa, disse Dona Anastácia.

- E quem era o governo nessa época, que fez isso, quem estava no governo?, perguntei.

- Da Associação ou do Estado?, perguntou Dona Anastácia

- Do Estado, respondi.

- Era o governo Carlos Lacerda, que botou essa água aqui, falou Dona Anastácia.

- E na Associação?, questionei.

- Quando nós fizemos a caixa, o meu marido ainda tava na Associação, respondeu Dona Anastácia.

- Ele ficou bastante tempo?, indaguei.

- Ah, o mandato era três anos. Aí depois de três anos entrou seu Leoni Florêncio, que era até um funcionário do Parque que morava aqui, ele ficou presidente da Associação quando meu marido saiu. Depois veio seu Manolo Silva, depois veio seu Sandoval, depois eu fui presidente, contou-me Dona Anastácia.

- A senhora foi também?, perguntei.

- Fui presidente um período, depois foi o Arnaldo Teixeira, aí depois eu fui da junta governativa, aí depois teve o Patrício Ferreira, foi o presidente, depois eu fui presidente de novo. Eu fui duas vezes presidente aí, relatou-me Dona Anastácia.

- E o que era essa junta governativa?, indaguei.

- É, teve um período que o presidente esse Sandoval Brício que saiu, porque ele não agüentou, aí ele saiu, aí foi criada uma junta, de vez em quando tinha uma junta, a junta era assim: três elementos que ficavam tomando conta até fazer a eleição de novo, porque naquele tempo tinha eleição, explicou-me Dona Anastácia.

- E agora não tem mais?, indaguei.
- Agora não tem mais, mas naquele tempo..., disse-me Dona Anastácia.
- Como é agora?, perguntei.
- Agora os presidentes são colocados assim no poder [risos], não tem mais eleição. Até quando eu fui presidente tinha eleição, era assim disputado, as chapas disputavam, tinha eleição que tinha três chapas; tinha eleição que tinha chapa azul e branca; chapa branca, chapa rosa; tinha eleição que tinha chapa azul, chapa branca, chapa rosa, aí disputava as eleições, os presidentes, os candidatos disputavam. Teve uma época que eu até perdi a eleição uma vez pra chapa, uma vez que eu tinha uma chapa eu perdi pra esse presidente Arnaldo Teixeira que ganhou, que ele era lá do Pau da Bandeira e conseguiu cadastrar um montão de sócios lá no Pau da Bandeira, aí chegou aqueles sócios tudo de surpresa, aí ganharam a eleição, o presidente Arnaldo Teixeira. Mas eu fazia parte sempre da diretoria, mesmo perdendo. Eu tava sempre dentro da diretoria, ajudando, eu sempre gostei de fazer parte da Associação. [Risos], narrou-me Dona Anastácia.
- Como eram as campanhas?, perguntei.
- Da Associação?, retornou-me a pergunta Dona Anastácia.
- É, respondi.
- Ah, era igual a eleição de rua mesmo; a gente fazia a campanha, tinha o dia da eleição, todo mundo pra vir votar, depositar o seu voto na urna. Era bacana, tinha participação dos moradores mesmo pra colocar fulano, sicrano e formava uma diretoria e disputava, explicou-me Dona Anastácia.”

Na passagem acima, Dona Anastácia enfatiza a legitimidade de um “governo” da Associação de Moradores, que é equiparada a um Estado, no sentido de um gerenciador da população, em termos de poder. Dessa maneira, na percepção de Dona Anastácia, os dirigentes da Associação, e do próprio Centro Comunitário, são como governantes, e os termos utilizados para denominar os cargos, os mesmos que os dos poderes públicos. A escolha das pessoas para ocuparem os cargos é “igual a eleição de rua mesmo”. Havia “campanhas” e “eleição”, na qual os moradores vinham “votar, depositar o seu voto na urna”, para elegerem um “presidente” e um “vice-presidente” da Associação de Moradores, um “mandato era de três anos”. Quando ficava sem presidente, era formada uma “junta governativa”, composta por “três elementos que ficavam tomando conta até fazer a eleição de novo”.

“O estatuto prevê isso, que a associação tem estatuto que determinava que de três em três anos mudasse a diretoria, fizesse eleição, mesmo que fosse reeleito, mas tinha que ter eleição. No geral, a gente saía, depois passava um tempo, igual a gente faz no Centro Comunitário, fica, sai, entra outra diretoria e aí está sempre mudando alguma coisa”. (Dona Anastácia)

Segundo Dona Anastácia, o “último presidente eleito aqui foi o Odair, Odair Ricardez, ele tinha um vice-presidente que era o Ivaldo, aí ele andou não agradando, nessa época, já tava umas coisas mais difíceis, ele começou a não agradar muito, aí ele saiu e entrou o vice, que era o Ivaldo. Aí do Ivaldo pra cá [não teve mais eleições].”

Com a mudança na configuração de poder, com “umas coisas mais difíceis”, para manter a presidência deve-se “agradar” os participantes do jogo, aqui, no caso, os moradores e os traficantes, buscando tê-los como aliados. Quando isso não ocorria, as pessoas deveriam sair de sua posição.¹²⁴

As eleições para os cargos eletivos da associação, e seu fim, também são relembrados por seu João Lucas, 89 anos:

- “- O que o senhor fazia na Associação, quando o senhor ia?, perguntei.
- Se precisasse de mim, mas nunca precisou, eu fazia, eu só votava. Na época, para ser presidente era tudo no voto. Hoje não, tem um, chama o outro: fica aqui [bate o punho fechado na mesa]. Tem outro: fica aqui [bate o punho fechado na mesa]. Mas na época era tudo voto. Era só de voto, relatou-me.
- E quem é que votava?, indaguei.
- Eu mesmo votei várias vezes para Dona Anastácia. Votei para Dona Anastácia. Votei para um tal de Mariposa que tinha aí, Leônio Mariposa, votei para ele. Votar para todos. Depois é que acabou o negócio de voto. Como na Associação agora tem o Mércio Leão, é um que posso dizer que vi nascer, ele que é presidente aí agora. Está ali, mas ele foi posto ali, não foi no voto. Acabou o negócio de voto para isso, contou-me.
- Como era assim essa coisa do voto?, questionei.
- Quem gostasse da pessoa que ia assumir o compromisso, votava, explicou-me.
- E como é que vocês sabiam quem é que estava participando para ser votado? Por exemplo, a Dona Anastácia concorria para ser presidente, como é que o senhor sabia que ela e outras pessoas estavam concorrendo?, perguntei.
- Ah, mas tinha comunicação, respondeu-me.
- Como era a comunicação?, indaguei.
- Como esse presidente, como, não tem chamada? Tem a chamada. Esqueço o nome do conjunto, disse.
- A campanha?!, exclamei.
- É, aí pedia voto: eu sou candidato. Os candidatos: fulano é candidato. Fulano, Beltrano, Sicrano é candidato. Então, os eleitores escolhem aquele que quer e vota para ele; aquele que ganhar mais voto é que é dono, explicou.”

Essa época, segundo Dona Anastácia, em que ela estava “sempre dentro da diretoria”, porque “sempre gostei de fazer parte da Associação”, difere dos dias atuais da organização da

¹²⁴ Sobre o conceito de configuração de poder, ver, Elias (1970).

entidade. Hoje, segundo ela e outros idosos e jovens, os presidentes são “colocados no poder”, são “tudo indicado, alguém, não sei como que eles se colocam no poder e a Associação fica governada assim, aí daqui a pouco ele vacila, tiram”. Segundo seu João Lucas, o atual presidente, Mércio Leão, “está ali, mas ele foi posto ali, não foi no voto. Acabou o negócio de voto para isso”.

É pelo aspecto da “política” que Dona Anastácia faz a distinção entre a Associação de Moradores e o Centro Comunitário, por este ter eleições:

“- O Centro Comunitário se reúne pra fazer eleição, já não é como as Associações de Moradores. É convocado uma assembléia e da assembléia é pra ter uma comissão eleitoral e essa comissão eleitoral escolhe, sonda, a gente faz uma sondagem quem pode, quem quer, quem quer assumir isso, aí leva à assembléia de novo pra ser eleito, não é assim pro morro inteiro participar não, é restrito pro pessoal do Centro Comunitário, disse Dona Anastácia.

- Mas não é todo mundo que participa do Centro Comunitário?, perguntei.

- Do Centro Comunitário, na eleição, não. Porque não tem como, porque a Associação de Moradores tem associados pra fazer a eleição; o Centro Comunitário não tem associados, tem as mães da creche, que são as parceiras mais ativas, e os parceiros que não são da comunidade, são os parceiros que participam desse momento, é o pessoal, os parceiros que ajudam. A gente tinha muita parceria com a escola aqui, que era a Anabela, que foi até da diretoria. A escola era aqui, então tinha as professoras que faziam um trabalho muito ligado, o Centro Comunitário com a escola. Mas aí a escola agora saiu daqui, a gente ficou, não sei como vai ser essa próxima eleição, que a gente fazia mais uma. Na eleição participava mais as professoras da escola. A direção, a gente chama mais os parceiros e as mães, pra formar essa assembléia. Agora a gente tem outros parceiros, relatou-me Dona Anastácia”.

Dona Anastácia diz que há eleições no Centro Comunitário para escolha do presidente e da diretoria. Mas não encontrei vestígios de que houve outros dirigentes. Ela se reconhece como a representante do Centro Comunitário, e, em certos momentos, esquece o nome dos dirigentes anteriores.

“- Qual o seu cargo aqui?, perguntei.

- Aqui, da diretoria do Centro Comunitário, eu sou presidente, a atual presidente, disse-me Dona Anastácia.

- Teve outros já?, questionei.

- Já teve outros presidentes aqui no Centro Comunitário, aqui teve a Anabela, que era a diretora da escola, a gente mudava assim de vez em quando pra ver se..., teve o seu Siqueira que era do Rotary Club, tentou, foi secretário, um secretário assim bem executivo aqui, contou-me.

[...]

- E o primeiro presidente do Centro, quem foi?, indaguei.
- O primeiro presidente do Centro Comunitário, eu acho que foi a Rosane, não sei se foi a Rosane. Foi a Rosane, era uma garota que trabalhava aqui no apoio escolar, respondeu-me Dona Anastácia.”

A sua relativa falta de memória quanto a quem foi a primeira presidente do Centro aponta para o fato de ela se reconhecer como a legítima representante da entidade e dos seus participantes (Bourdieu, 1989). Segundo a gerente dos projetos, Valéria, “a idéia dela [Dona Anastácia] é que todos são filhos dela no morro. Ela é dona de tudo, do espaço físico”.

Esse reconhecimento existe também por parte dos moradores, que a vêem como “a dona” do local, como foi abordado no início deste capítulo. Assim, quando perguntei a Dona Guilhermina se a Associação é diferente do Centro, ela remeteu a diferença aos dirigentes:

“Aqui é Dona Anastácia que manda, lá já é outra pessoa, ali é coisa de Associação e aqui é Dona Anastácia que manda [no] Centro Comunitário, e ela tava, agora eu não sei se ainda está, ela tava aqui e tem aquela escolinha lá, a creche Patinho Feliz também ela era de lá, agora acho que tem gente lá tomando conta, eu não sei quem está na frente lá, ela fica mais aqui, mas ela também andava lá, disse Dona Guilhermina”.

A distinção entre as entidades se daria, ainda, pelo fato de a Associação ser o “órgão representativo da comunidade” e o Centro não, o que faz com que este não seja aberto a todo o morro, mas de acesso “restrito”, “uma instituição um pouco fechada, é verdade”, como foi salientado por Dona Anastácia. Por outro viés, ela aponta que considera pouca a participação das pessoas em ações no local, mesmo hoje, visto que “antigamente também não tinha, mas agora você já tem bastante gente aí cursando faculdade, trabalhando”. Ela associa essa não-atuação, por um lado, às pessoas que “não têm alguma iniciativa” ou “têm algum acanhamento”. Por outro lado, reconhece: “a gente mesmo que não dá muita abertura”, devido ao “afã de fazer as coisas”.

“- A senhora acha que as pessoas da comunidade participam pouco, bastante, muito?, perguntei.

- Acho que participam pouco. Mas acho que isso é defeito nosso mesmo, você sabe?, respondeu Dona Anastácia.

- Como assim?, indaguei.

- Eu me sinto muito assim, às vezes eu me sinto até culpada porque a gente trabalha muito e não dá muita chance, às vezes, das pessoas trabalhar. De repente a gente descobre tantas pessoas boas assim dentro da comunidade

que poderiam fazer mais. Mas às vezes não faz porque a gente faz, eu acho que é isso. Que a gente nesse afã de fazer as coisas, que eu vejo assim, tem muita gente que pode ser, a grande maioria. Antigamente também não tinha, mas agora você já tem bastante gente aí cursando faculdade, trabalhando. Às vezes, elas não têm chance de trabalhar, não têm alguma iniciativa e, às vezes, têm algum acanhamento, sei lá, que eu acho que poderia ter mais participação da comunidade. Mas eu acho que a gente mesmo que não dá muita abertura, desabafou Dona Anastácia.

- É? Como assim, não dá muita abertura?, questionei.

- Não, eu não sei porque fica assim, é uma instituição um pouco fechada é verdade, comentou Dona Anastácia.

- Como assim, um pouco fechada?, insisti.

- Ah, eu acho que é um pouco fechada, porque já tem uma diretoria, tem uma organização, às vezes a pessoa não tem assim uma coragem de dar idéias. Será?! Às vezes é isso, faltam reuniões, porque fica um pouco difícil por causa da Associação de Moradores, a gente não, quem faz essa mobilização comunitária é a Associação, eu tenho preocupação de entrar na área da Associação. Eu faço reunião com as mães aqui, com os pais aqui, procuro despertar neles a vontade de participar, nesses daqui, não a comunidade toda. Por isso que eu digo que aí fica fechado. Só mãe de creche, mãe de aluno, a comunidade mesmo não participa legal. Só quando tem cursos, toda vez que tem cursos, a gente, primeiro, antes de qualquer curso, a gente faz o que é o Centro Comunitário, sempre a gente faz isso. Tem a parte das preliminares, tudo quanto é curso tem essa parte preliminar pra fazer a pessoa entender o que é um Centro Comunitário, pro pessoal pra ver do que eles podem participar. Mas quem faz esse trabalho de mobilização comunitária mesmo é a Associação de Moradores; eu me meto às vezes, mas com receio, assim preocupada, quero fazer uma limpeza no parque, é um trabalho da Associação de Moradores, mas às vezes eu até me meto, que em geral eles me chamam pra reunião quando é uma coisa assim de dar um palpite, dar opinião assim. [...] Mas eu acho que, às vezes, as pessoas da comunidade, elas podem querer participar do Centro Comunitário, mas não sabe como, relatou-me Dona Anastácia”.

Sendo de “acesso restrito” é preciso identificar aqueles que podem participar, aqueles que se tornarão “usuários” do Centro Comunitário: os alunos, as pessoas que vêm “procurar curso”.

“E aqui de qualquer maneira fica uma coisa restrita mesmo só pra esses usuários aqui, não é uma coisa aberta, só entra aqui quem é aluno, quem vem procurar curso, é não é um negócio que eu chego e aqui dou palpite, como é que pode dar palpite?! Apesar que é o nome de Centro Comunitário, mas tem uma diretoria, tem um pessoal que fica tomando conta. Isso eu acho que, é, se fosse só o Centro Comunitário na comunidade, não tivesse Associação, aí haveria mais troca entre moradores, mas a gente não quer nunca entrar na área da Associação, tem que deixar a Associação se mandar, disse Dona Anastácia”.

Nesse sentido, o “apesar que”, na fala de Dona Anastácia, referindo-se ao nome da entidade - Centro Comunitário -, aponta que ele não é aberto a toda a “comunidade” como deveria, mas é constituído pela sua própria “comunidade”: aqueles que participam das atividades locais.

Nessa (di)visão de espaços e áreas de atuações é que Dona Anastácia afirma que a Associação de Moradores é ligada aos “políticos” e o Centro é “independente”.

“Eu imagino assim a Associação [é] mais política, o pessoal, o presidente lá atual é um cara do gabinete do Pedro Cardoso [vereador], ele vem através do político; o Centro Comunitário não deixa assim, não tem o compromisso com o político, o Centro Comunitário é independente [riso irônico]. Não tem ninguém, não é botado por político nenhum, disse-me Dona Anastácia
 - Mas ele é morador daqui também?, perguntei.
 - Ele nem é morador, atualmente. Ele já foi, nasceu aqui ele. Atualmente, ele nem mora aqui, mas ele participa aí, tem família dele que mora.”

Na fala acima, Dona Anastácia, ao apontar um vereador como uma das possibilidades de quem indicaria o presidente para a Associação de Moradores, detona uma acusação que, entre outras coisas, visa a distingui-la das práticas impetradas pela Associação, que não está mais sob seu “governo”.¹²⁵ Cabe salientar que este vereador, com quem Dona Anastácia tem divergências, é do mesmo partido do Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro e tem nesse morro sua grande arena de atuação. Segundo alguns moradores, ele é apoiado pela Associação de Moradores. Nas eleições municipais de 2004 eram muitos os galhardetes e faixas de sua candidatura espalhados em casas e nos postes de luz do morro, refletindo a adesão dos moradores a sua candidatura; ainda, em diversos eventos realizados no morro, assim como no bairro, seu nome aparece em “apoio” ao evento.

¹²⁵ Os sistemas de acusação são objeto de atenção na Antropologia, pois, como analisou Evans-Pritchard (1978), as acusações se estabelecem em um contexto mais amplo das relações sociais dos agentes envolvidos, atuando como uma forma de controle social. Entre os diversos autores que analisaram esses sistemas, Velho (1997a:58) discute as categorias de acusação “drogados” e “subversivos”, apontando que esses sistemas acusatórios têm como funções “delimitar fronteiras e exorcizar dificuldades”. Alvito (2001) aponta para esta relação de mediação entre as lideranças comunitárias – os quais se tornam “presidentes” das Associações de Moradores, dos blocos carnavalescos e times de futebol e os políticos, as polícias, o tráfico, a imprensa, as ONG’s. Quanto às suas relações com os políticos, os líderes comunitários são a principal ponte entre os moradores e aqueles, tornando-se os intermediários entre os moradores e as “autoridades”. Nessa relação, o líder, tornar-se subordinado de um político importante lhe confere prestígio, trazendo um capital simbólico que o põe à frente dos seus concorrentes locais. Isto se torna importante haja vista que a disputa pela reputação entre os líderes comunitários está pautada na lógica da “consideração” e do “respeito” na qual as acusações também têm lugar. Fonseca (2004) discute as fofocas e as acusações aos líderes comunitários, que, ascendendo socialmente, mudaram seu estilo de vida, diferenciando-se daqueles que representam.

As situações expostas acima apontam para a existência de diferentes configurações de poder. Este deve ser entendido como um elemento constituinte de todas as relações sociais entre os indivíduos, que são interdependentes e interpenetrados, pois não vivem, não agem isoladamente, mas em relação uns com os outros. Desse modo é que se devem compreender as interdependências dos dirigentes da Associação de Moradores com o restante da população em suas relações sociais, que, sendo processuais, desenvolvem-se através do tempo e da força relativa dos indivíduos participantes (Elias, 1970). Assim, num momento, quem determinava quem seria o presidente eram os associados, os moradores do morro; mudando a configuração de poder, outras pessoas passam a indicá-los, sejam os políticos, sejam os traficantes.

Segundo Dona Anastácia, o que marca o fim das eleições para presidente da Associação de Moradores é uma “invasão” do morro e o assassinato do Presidente da entidade na época. Portanto, essas mudanças na configuração de poder local, refletidas em modificações na forma como são escolhidos os dirigentes da Associação de Moradores, estão relacionadas a transformações ocorridas na própria organização social do morro. Passando a ter “invasões”, as “coisas ficaram mais difíceis”, os traficantes passando a ocupar lugares de destaque e de mando.

“- Em que época foi, mais ou menos, isso [que acabaram as eleições], Dona Anastácia?, perguntei.

- Esse vice assumiu o lugar do, agora eu não me lembro não, eu sei que esse vice era o Ivaldo; aí do Ivaldo pra cá, que ficou vice e assumiu a presidência, aí esse Ivaldo morreu, teve uma invasão e mataram ele, um pessoal de fora, daí pra cá os presidentes nunca mais teve eleição, era indicado. Entrou o Murialdo, entrou o Gui, entrou Leônio Mariposa, hoje tem o Mércio Leão, tudo indicado, alguém, não sei como que eles se colocam no poder e a Associação fica governada assim, aí daqui a pouco ele vacila, tiram, contou-me Dona Anastácia”.

Ainda, devido ao fato de ter se mudado por causa do baile *funk* e dos tiroteios, como visto acima, entre outras motivações, a distinção feita por Dona Anastácia entre a Associação e o Centro Comunitário, em certo momento, ganha um tom de voz mais sério, visando, entre outras coisas, a afastar o fantasma da ligação com o tráfico.

“- Na sua época, que tinha tantos moradores, todos se associavam, poucos, muitos?, perguntei.

- Não, tinha um bom número, agora deve ter mais, porque agora eles têm mais medo da Associação. Antigamente eles vinham por amor, agora eles vêm pelo medo, respondeu Dona Anastácia.

- Como assim, medo?, indaguei.

- Ah, mais porque agora a Associação é governada pela força maior desses meninos, aí o pessoal tem mais medo, comentou.
- Mas medo de acontecer tipo o quê, ficar sem água, sem luz, medo disso?, insisti.
- Ah, porque, por exemplo, eles botam morador, botam umas pessoas pra ir nas portas cobrar. Aí o pessoal tem receio, disse Dona Anastácia.
- E a senhora acha que as pessoas sabem a distinção entre a Associação, quem mora aqui, e o Centro?, questionei.
- Eles sabem, eles conhecem muito bem. Eles sabem muito bem o que é a Associação e o que é o Centro Comunitário. Eles sabem muito bem quem governa a Associação e quem governa o Centro Comunitário, eles têm clareza muita mesma. Eles conhecem bonitinho, todo mundo. Que eles sabem muito bem a distância que o Centro Comunitário tem da participação de algumas coisas aí, que a Associação tem que participar e a gente não [com o tom de voz mais sério]. A Associação é o órgão representativo, se um vai preso a Associação aí bate lá, vai lá tira fulano da cadeia, vai fazer isso, fazer aquilo, e o Centro Comunitário não se envolve com isso, explicou Dona Anastácia”.

O não-envolvimento do Centro Comunitário com a prisão das pessoas, com o tráfico, mas a possibilidade de ele funcionar sem que houvesse “interferência” na entidade, pode estar relacionada com o fato apontado por Celso, consultor de dependência química da instituição: o “dono do morro foi criado no pátio de Dona Anastácia”. Dessa maneira é que a morte do “dono do morro”, em dezembro de 2003, após ter ficado uns três ou quatro anos preso, segundo uma das filhas de Dona Anastácia, foi motivo de preocupação para Celso, pois para ele: “Dona Anastácia perdeu seu aliado do tráfico, que tinha muito respeito por ela porque foi criado dentro da casa dela, desde pequeno”, ao que Delma completou, “pois é, rei morto, rei posto, como se diz”. E o “problema”, conforme Celso, é que “o cara não foi morto pela polícia, numa troca de tiros, mas sim pelos próprios caras dali”.

Alguns meses antes da conversa entre Celso e Delma, uma das filhas de Dona Anastácia me disse que o traficante, “o dono do morro”, havia sido solto da prisão e que ele era praticamente seu “irmão de leite”, pois sua mãe o havia amamentado, visto que eram vizinhos. Contou que durante anos se chamavam de “primos”, mas “agora eu não chamo mais ele de primo, mas as irmãs dele a gente se chama de prima”. Comentou ainda que a mãe dele “agora nem mora mais aqui” e que “nunca imaginei que ele fosse virar um bandidão assim”. E terminou dizendo que pensou que ele nem fosse voltar para o morro, e nem deveria, “do jeito que está esse morro, com tanta invasão da polícia e do São João [morro identificado com a facção rival do morro dos Macacos] e os meninos estão agora aí”.

2.1. A fundação do Centro Comunitário

O momento de fundação do Centro Comunitário é marcado pelo desmembramento das áreas de atuação no âmbito da Associação de Moradores. Cabe salientar que as áreas foram separadas segundo a lógica da divisão sexual do trabalho e dos papéis de gênero: obras e esportes ficaram sob responsabilidade masculina, e a parte de educação básica – creche e reforço escolar – foi conferida a uma mulher. Em nossa sociedade, a educação básica é uma esfera delegada tradicionalmente às mulheres.¹²⁶

“Mas lá na Associação, agora eu não sei com é que ficou, [mas] houve um período na Associação, quando ainda tinha eleição, a gente tentou dividir, estava crescendo muito os trabalhos, aí nós tentamos desmembrar os trabalhos da Associação, ficou assim: parte de obras ficou o Vadico Lages; parte de esportes ficou o Murialdo, parte de educação ficou comigo, contou-me Dona Anastácia”.

Esse período coincidiu com a época em que “já tava umas coisas mais difíceis”, referindo-se ao incremento da “violência”, como aponta Dona Anastácia:

“Já existia, porque negócio de drogas, violência sempre existiu no morro. Sempre existia, não era tanto como agora, porque agora aparece, mas porque tem mais gente, porque era menos também e não aparecia tanto, mas tinha”.

Violência também lembrada por Seu João Lucas, quando compara o passado e o presente:

¹²⁶ Cabe ressaltar que, segundo Héritier (1996), para além da diferença biológica do sexo, existe uma construção social que atribui diferentes valorações aos sexos. Assim, as categorias biológicas estão na base das categorias cognitivas, visto que estão nas estruturas do pensamento, sendo, por sua vez, extremamente duráveis, pois são inculcadas desde cedo e “reproduzidas” por todos. Por conseguinte, homens e mulheres são “criados”, “moldados” e “reproduzidos” diferentemente em nossa sociedade, mas dentro de uma mesma lógica englobante, a lógica da “dominação masculina”. Esta é uma violência simbólica, invisível, construída histórica, social e culturalmente. É estruturada no mundo social, consequentemente socializada nos e através dos indivíduos, e por isto se apresenta como “natural”, pois está incorporada no *habitus* dos sujeitos (Bourdieu, 1995 e 1999). Assim é que homens e mulheres possuem modos de agir e pensar relacionais e, pode-se dizer, em oposição-complementar, perpassando todos os âmbitos da vida social (Balandier, 1976). Ainda, principalmente nas classes populares, os homens estão voltados para o lado público da vida social, inseridos nas relações extra-familiares, nas relações de trabalho, detêm o poder, a autoridade, exercitam sua sexualidade e participam de atividades de lazer entre eles. As mulheres, por sua vez, estão voltadas para o lado privado, doméstico da vida social, para as relações intra-familiares, para a reprodução, detêm o conhecimento das curas e magias (Mead, 1971; Duarte, 1987 e 1988; Bourdieu, 1995; Rosaldo, 1995; Leal e Boff, 1996; Scott, 1995).

“- Antigamente o povo era tudo educado. Não existia essa desavença que a gente escuta hoje não. Essa violência não existia não, disse Seu João Lucas.

- Não tinha nada disso?, perguntei.

- Essa violência que a gente escuta hoje. E às vezes, tem vezes que a gente vê mesmo, não existia não. Era povo, tudo amigo. Hoje é que é um perigo até de sair de casa, comentou Seu João Lucas.”

Algumas idosas relembram a separação entre a Associação de Moradores e o Centro Comunitário.

“- E o Centro sempre foi aqui ou ele era em algum outro lugar antes?, perguntei.

– Não, que aí era uma escolinha, depois que botou esse nome de Centro Comunitário, antes não tinha esse nome aí, era uma escolinha [...], contou-me Dona Guilhermina.

- Mas era nesse mesmo lugar aqui?, indaguei.

- Nesse mesmo lugar, depois que mudou pra Centro Comunitário, foi aumentando, foi fazendo [...], aí botaram nome de Centro Comunitário, aí ficou Centro Comunitário, que passou a creche, que era na Associação, tirou a creche de criancinha pequena, que vieram para cá, e ficaram os maiorzinhos ali, estudando [...], explicou-me Dona Guilhermina.

- Ali onde?, perguntei

- Aqui na Associação, respondeu-me Dona Guilhermina.”

Segundo Dona Antônia, 56 anos, o início do Centro Comunitário se deu com a fundação de uma creche fora da Associação de Moradores, a partir da iniciativa de Dona Anastácia, que estava “cansada” de ser a presidente da entidade.

“[...] Fui com as mães, como tinha minhas filhas, meus filhos na creche, aí a Dona Anastácia pediu para todas as mães que tinham filhos na creche, para fazer uma creche fora da Associação. Porque era junto. Então para ficar livre da Associação, qualquer confusão que tinha era tudo junto, então separaram: associação - creche. Aí ela viu um terreno, esse pedaço aqui de creche que está ali, aquela casa de creche ali. Aí nós fomos lá na administração, eu e mais nove mães. Dez mães, posso dizer que nessa hora convida, quase não vai ninguém, mas as dez mães foram, contando comigo. Fomos na administração. A Prefeitura aceitou o nosso contrato, o papel. Fizemos a trancos e barrancos, saímos do coisa [da Associação]. Tanto é que a creche ficou para minha filha, depois meus netos. Minha filha foi professora da creche [...]. Tinha a crechezinha dela ali e tinha a parte das crianças que estudava pública. Então ela comunicou à mãe que era pra separar, ficar bem, criança, creche, e o espaço era pequeno pra botar mais criança, e ela não assumia muito mais criança. Aí ela viu o local que tinha, um terreno vazio, que é dessa nova creche agora, é um terreno bom. Aí acho que foi a Prefeitura, os Prefeitos vinham aqui pedia, ela pedia, porque a Dona Anastácia sempre foi uma batalhadora. [...] como meu filho também fez parte

da creche, nós também fizemos parte da creche, eu dei todo apoio, relatou-me Dona Antônia.

- E a Dona Anastácia hoje é o quê? Ela é da Associação?, indaguei.

- Não, ela não é mais não [...]. Ela não quis mais saber de ser presidente da Associação, que estava cansada, respondeu-me Dona Antônia”.

Segundo Dona Anastácia, este esgotamento deve-se ao fato que “ficou muito cansativo ser um presidente de Associação, nunca satisfazia a comunidade e pra comunidade participar também era difícil, como ainda continua, a participação é difícil. O pessoal quer muito ver as coisas prontas, agora ajudar a construir é mais difícil”.

Esta sua fala da “difícil participação” dos moradores, contradiz, em certa medida, outra fala sua que faz referência aos “mutirões”, visto que o governo “não entrava aqui para fazer obra”. Essas eram realizadas pelo “mutirão dos moradores”, como salientado no capítulo anterior.

“- A gente ia, eu ia num restaurante lá na Manchete, pegava o resto de carne, trazia aqueles sacos de carne, eles faziam um churrasco, fritava aquela carne, aquela gordura, botava farinha e os moradores, domingo, comiam aquela carne frita e faziam obra. Juntava, fazia vaquinha, eu comprava talhado pra fazer escadaria: a gente fez escadaria no Pau da Bandeira, fez escadaria no Morro do Jardim, porque os caminhos eram horríveis, muito ruim [...]. Depois agora do Favela-Bairro [que] melhorou, porque fez bastante caminhos, [se] bem que o mutirão já tinha feito bastante coisa. E agora acabou de completar, porque o Favela-Bairro fez várias praças. Fez quadras, fez pracinhas, fez o que lá, melhorou bastante, a parte urbanística e até os projetos sociais também, que a gente antigamente não tinha nada disso que tem hoje, o governo apoiando o projeto da gente, nunca teve, contou-me Dona Anastácia.”

Como visto nas falas de Dona Antônia e de Dona Guilhermina, acima, o Centro Comunitário surgiu a partir de uma creche, o Jardim Margarida. Segundo Dona Anastácia, a fundação dessa creche foi em 1983, quando desmembraram as áreas de atuação da Associação de Moradores, e Dona Anastácia, que era responsável por um pré-escolar na sede da Associação, fundou o Jardim Margarida que, posteriormente, deu origem ao Centro Comunitário.

“- Teve uma fundação [o Centro Comunitário], tem um estatuto, como é?, perguntei.

- Tem estatuto, ué! Foi organizado, porque nem era Centro Comunitário esse nome, foi organizado no Jardim Margarida, respondeu-me Dona Anastácia.

- O que era o Jardim Margarida?, indaguei.

- Era um pré-escolar. Porque como eu te falei, voltando, eu era da parte da educação, aí foi criado o Jardim Margarida, que era só pra Associação, tinha o Jardim Margarida. Depois desse Jardim Margarida teve a escola. Um pré-escolar na Associação; e do Jardim Margarida foi transformado na creche, o Jardim virou a creche. Então o Jardim Margarida, que foi fundado em 83, já teve ata, já teve a diretoria do Jardim Margarida, que eram as mães apoiando esse Jardim Margarida. Esse Jardim Margarida, quando foi criado o Centro Comunitário, ele trocou o nome, [ao] invés de ficar Jardim Margarida, ele passou a ser Centro Comunitário, disse-me Dona Anastácia.

- É o nome trocou quando?, perguntei.

- Esse nome eu não sei, porque na ata tem quando foi trocado, aí já tava grande, não era mais só o Jardim Margarida, já tinha o pré-escolar, tinha já o trabalho com adolescente, tinha uma creche. O pré-escolar já não era mais o pré-escolar, era uma creche mesmo. E da creche tinha esse apoio escolar e já tinha um trabalho com adolescente, aí foi criado o Centro Comunitário, que tomou conta de tudo, tanto da creche como do apoio escolar, como da escola. No início, era assim: era a creche, era essa escola Antônio Fernandes da Silveira, e era um núcleo de adolescentes. Depois, quando a gente desmembrou isso, que virou só o Centro Comunitário, a escola passou a ficar com a Associação. E a gente ficou só com a creche, que a escola era do Município já, então era no prédio da Associação, ficou lá com a Associação. O convênio, em vez de ser com a gente, ficou com a Associação de Moradores, com a gente ficou só o Jardim e o núcleo dos adolescentes, que era aqui, explicou-me Dona Anastácia”.

A partir da cisão entre Dona Anastácia e a Associação, e da fundação do Centro Comunitário, as áreas de atuação de uma e outro necessitam ser delimitadas. A Associação fica responsável pela organização do morro, torna-se a prestadora de serviços locais, respondendo pelas obras na estrutura do morro, como visto no capítulo anterior. O Centro Comunitário, por sua vez, assume a responsabilidade por parte da área de educação – parte, porque há cinco escolas no morro.¹²⁷

“- Desde que nós desmembramos, criamos o Centro Comunitário, a Associação ficou lá e o Centro Comunitário ficou cá, a gente tem amizade com o pessoal da Associação, mas eu não interfiro nada lá, e nem eles interferem nada cá. A gente procura fazer alguma coisa junto, mas até é raro, disse Dona Anastácia.

- Por quê?, indaguei.

- Porque a gente não dá conta nem do nosso trabalho, eles também não devem dar conta do deles. Aí a gente faz o que pode cá e deixa eles fazerem o que podem lá. Eles usam, às vezes, aqui o nosso computador, a gente usa muito o alto-falante lá, porque a divulgação é importante, e o serviço de alto-falante é na Associação, então a gente usa muito.

[...]

¹²⁷ As escolas são: Escola Municipal Assis Chateaubriand, Escola Municipal Mário de Andrade, Escola Municipal Noel Rosa, E.M.C.C. Antônio Fernandes da Silveira e o CIEP Salvador Allende (o Brizolão).

- A Associação é o órgão representativo da comunidade; o Centro Comunitário é a parte educacional; se bem que a Associação também faz. Só que a gente faz com mais profundidade, porque a nossa vocação é só essa, então a gente tem que fazer melhor do que eles. Porque eles têm outras coisas mais pra fazer. Aí a gente tenta, mas a Associação, mas o Centro Comunitário, se não tivesse Associação, não teria Centro Comunitário também. Porque a gente começou na Associação de Moradores, começamos a trabalhar, a conhecer a comunidade dentro da Associação, depois a gente se desmembrou pra essa parte mais específica de educação, mas as pessoas que ajudaram, antigas aí, que ajudaram a Associação, muitos moradores antigos que ajudaram a Associação, as diretorias que passaram eles que deixaram, ajudaram a gente mesmo, porque cada um deu a sua contribuição. Na Associação foi assim, um fez uma coisa, outro fez outra, cada um, cada presidente que chega tem o seu lado que faz. Agora a Associação está mais política, comentou Dona Anastácia”.

Segundo Dona Anastácia, a Associação e o Centro Comunitário têm “vocações” diferentes: a da primeira é “política”, tendo que cumprir “compromissos”, tanto com traficantes como com políticos que a apóiam; a do segundo é “educacional”. Cabe salientar, como aponta Weber (1982 e 1998), que a “vocação” é vista como uma “missão” ou “tarefa íntima” e pode estar relacionada, em alguns contextos, à dominação carismática, tal qual aquela que, em alguns momentos, parece legitimar Dona Anastácia em sua posição.

2.2. “Eu sempre me dediquei à educação”

Segundo a narrativa de Dona Anastácia, ela fica responsável pelo setor de educação porque “eu sempre me dediquei à educação, desde que eu vim morar aqui”. Como salentou uma de suas filhas durante o evento de comemoração de 20 anos do Centro Comunitário, Dona Anastácia “começou com uma escolinha aqui na comunidade, na sala da casa dela e o trabalho foi crescendo, foi construindo uma creche [...]”.

Depois desse trabalho em sua casa, Dona Anastácia cria uma primeira “escolinha”, considerada por ela como “um embrião” para a criação de outra. Sua construção ocorreu com o apoio do então candidato à presidência da República, em 1960, Marechal Henrique Teixeira Lott, que perdeu a eleição para Jânio Quadros. Esta primeira escola, nas palavras de Dona Anastácia, era “escolinha de campanha, mas que funcionava”.

“A gente tentou desmembrar pra ajudar o trabalho. Então, eu fiquei com a parte de educação, que eu sempre me dediquei à educação, desde que eu vim

morar aqui, já desde muitos anos, eu nem sei quando é que gente criou, eu criei uma escolinha aqui, não tinha nem Associação, foi antes da Associação, nós criamos uma escolinha e na escolinha eu dava aula pra algumas crianças, que hoje são homens e estão por aí. O Vadico mesmo foi meu aluno. Então, a gente, eu criei essa escolinha, que era na eleição do Marechal Lott. O Lott queria, não tinha nenhuma escola aqui no morro, então criou essa escolinha com o desejo de se criar uma escola aqui dentro, que era embrião pra chamar a atenção do governo que aqui precisava de uma escola. Aí eles fizeram um negócio de um telhado de sapê, botaram umas cadeiras, uns bancos, umas mesas, aí abriu essa escolinha do Lott, que era uma escolinha de campanha, mas que funcionava. Aí eu já tinha essa vontade, já gostava de dar aula, de tratar desse assunto de educação.”

Dona Anastácia fica à “frente” das “investidas de educação”, organizando creches fora e dentro da Associação, contando com o apoio dos governos e de candidatos a cargos públicos federais, estaduais e municipais, por meio de “projetos”, “convênios” e “cooperação”.

“Depois disso, fomos criando, ao longo da Associação de Moradores, fomos tentando organizar a creche, que a gente organizou a creche Noel Rosa, que está funcionando ali ainda. A gente fez algumas iniciativas assim de educação. Foi criado o Jardim Margarida, foi criado algumas coisas que a gente fazia. Aí, a gente pensou em desmembrar, eu ficaria com a parte da educação, eu ficava organizando a creche, tentando..., a gente tentou colocar uma escola na Associação, que funcionou, esse ano que ela foi desativada. Essa escola funcionou 15 anos na Associação de Moradores. A gente conseguiu fazer uma classe de cooperação com o município, aí foi criado esse pré-escolar dentro da Associação de Moradores. Mas isso antes, já teve muita coisa. A Associação de Moradores não era esse prédio, ele era uma casinha de sapê, de estuque, depois quando foi a diretoria do seu Jeremias Metodista, teve um projeto do Governo do Estado, que construiu esse prédio ali. Funcionou ali uma creche, dentro do prédio da Associação, sendo que a creche tinha três anos de duração, de convênio com o Estado, quando acabou o convênio eles foram embora e a Associação não teve como dar continuidade à creche, que funcionou esse período. Muito bom, nessa época que o Governo de Estado dava essa cobertura, fazia convênio; a creche funcionou muito bem, depois ela parou; eu, depois, consegui reativar a creche de novo, ela virou uma creche-casulo. Então, essas investidas de educação eu fiquei na frente disso. O Vadico, que era da parte de obras, ele até fez bastante coisa de obras ali no Pau da Bandeira, que nesse tempo o governo não entrava aqui pra fazer obra, era os próprios moradores que faziam escadarias, que faziam obras sozinhos, faziam mutirão, os moradores, relatou-me Dona Anastácia.”

Dona Anastácia, que hoje mantém o Centro Comunitário por meio de “projetos sociais”, considera “muito bom” o período em que a Associação de Moradores teve esses

“convênios” com o Governo do Estado para ações em educação. Por meio de sua narrativa, é possível perceber o caráter efêmero dessas atuações, pois sendo “projetos”, findo o tempo de sua execução, acabam os recursos para sua manutenção, cessando, muitas vezes, o serviço. Isso não apenas naquela época, mas hoje também, como os projetos sociais no âmbito do Favela-Bairro e os diversos projetos do atual Governo do Estado, como o restaurante popular, hotel popular, farmácia popular. Isto porque esses projetos estão sujeitos às intempéries dos governos e governantes, porque são seus grandes trunfos políticos.

“- [...] o Favela-Bairro [...] melhorou bastante, a parte urbanística e até os projetos sociais também, que a gente antigamente não tinha nada disso que tem hoje, o governo apoiando o projeto da gente, nunca teve, contou-me Dona Anastácia.

- Mas aí vocês faziam ou não faziam?, perguntei.

- Fazia, mas sozinhos mesmo, sem apoio nenhum. Por exemplo, a gente fazia creche, fez a creche Noel Rosa, nós trabalhamos lá na creche Noel Rosa até que chegou um ponto que tive que entregar a creche pro Rotary Club lá do Grajaú, porque a gente não tinha ajuda de ninguém pra sustentar a creche. A gente ficou trabalhando mais de um ano, todo mundo trabalhando de graça, não tinha comida pras crianças, a gente tinha que levar comida de casa, cada mãe levava pra poder fazer a comida das crianças. Então não tinha apoio. A Associação tentava, tinha a LBA, que fazia alguns cursos na Associação pras mulheres; um clube das mães, que era muito forte aqui na comunidade, a gente tinha um grupo de mãe fortíssimo, relatou-me Dona Anastácia.

- Não tem mais?, indaguei.

- Não, acabou. Nosso clube tinha umas mulheres animadas, elas corriam atrás de benefício pro clube, fazia curso pra mães e daí surgiu até creche, enquanto a mãe fazia curso, ficava um grupinho de criança. Tinha vários cursos bons que a LBA fazia. Teve também o Departamento da Criança, era uma coisa federal que tratava de aleitamento materno, ajudava, esclarecia as mães. Quando a gente conseguia uma ou outra investida de alguma instituição, vinha um período, depois iam embora, e a gente ficava no nada de novo. Então não tinha um apoio sistemático dentro da comunidade, a Associação de Moradores tinha que ter um esforço muito grande pra sobreviver; a Associação, pra sobreviver, era uma tristeza, pra manter a água, reclamação de moradores, que vai crescendo a comunidade. Os moradores vão fazendo obra, um tapa a janela do outro, um joga esgoto na casa do outro, aí a Associação tinha que ser juiz, tem que administrar esses litígio entre os moradores, tinha que promover festa, tinha que promover os melhoramentos, narrou-me Dona Anastácia.”

Dona Anastácia aponta para um constante diálogo que manteve com os poderes públicos e outras instituições, como o Rotary Club e a LBA (Fundação Legião Brasileira de Assistência), mobilizando seu capital social, com vistas à obtenção de apoio e recursos para manter a creche, e oferecer cursos à população.

Reconstrói sua trajetória profissional a partir da afirmativa de que “eu trabalhei muito dentro da comunidade”, revelando, ainda, o quanto se considera uma personagem importante nesse local. Seu trabalho, como visto anteriormente, não foi apenas no âmbito educacional, mas é nessa área que ela centra sua atuação. Atuou como professora do Mobral¹²⁸, na Associação de Moradores, onde “não ganhava nada, só um pouquinho”, o que considerava um “desaforo”, visto que ela era “professor[a] de verdade”, por ter cursado o “Normal”.

A organização operacional do Mobral, segundo Haddad e Di Pierro (2000:115), era descentralizada em Comissões Municipais “que se encarregaram de executar a campanha nas comunidades, promovendo-as, recrutando os analfabetos, providenciando salas de aula, professores e monitores. Eram formadas pelos chamados “representantes” das comunidades, os setores sociais da municipalidade mais identificados com a estrutura do governo autoritário: as associações voluntárias de serviços, empresários e parte dos membros do clero”.

Dona Anastácia também trabalhou como professora concursada do Município; nesse ínterim, trabalhou no Hospital Infantil Jesus, pertencente ao Município.

“- A senhora trabalhava de quê? No quê?, perguntei.

- Primeiro eu trabalhei muito dentro da comunidade. Na Associação eu dei aula no Mobral; a primeira escola que teve foi essa que eu te falei, do Lott, a escolinha do Lott, depois teve o Mobral, que eu dei aula no Mobral; depois eu trabalhei no Hospital Jesus, fiz concurso, trabalhei no Hospital Jesus; depois eu fiz o curso Normal, aí eu passei pro Município e fui dar aula na escola do Município.

- A senhora era funcionária do município?, questionei.

- É, eu tive um tempo que eu fui funcionária, que eu dei aula, fiz concurso, eu fiz o curso Normal, eu dava aula no Mobral. Aí eu dava aula, o Mobral pagava pouquinho, era um desaforo: ‘eu sou uma professora do Mobral eu não ganho nada, um pouquinho’; professor que é professor de verdade..., eu fiz um Normal. Fiz o curso Normal [magistério] e fiz concurso pro município; passei, aí fiquei dando aula, mas eu dava aula longe, lá em Bangu. Houve tempo que eu saía de casa de madrugada e só voltava tardinha já, ainda estudava à noite, chegava em casa tarde da noite, e as minhas crianças ficavam muito assim com o meu marido, que ajudava, [com os] vizinhos. Eu tive muita sorte de criar os meus seis filhos aqui no morro, mas também naquele tempo era bem melhor do que agora, tinha menos violência.”

¹²⁸ A Fundação Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) foi criada pela Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, em pleno regime militar e visava à educação de jovens e adultos de classes populares, principalmente ensinar-lhes a ler e escrever. Segundo Haddad e Di Pierro (2000:114), o Mobral “passou a se configurar como um programa que, por um lado, atendesse aos objetivos de dar uma resposta aos marginalizados do sistema escolar e, por outro, atendesse aos objetivos políticos dos governos militares”.

Dona Anastácia, em seu discurso, percebe ter se devotado muito a sua atuação profissional, feito sacrifícios, como “sair de casa de madrugada” e “chegar em casa tarde da noite”, tendo deixado seus filhos aos cuidados de seu marido e de seus vizinhos. É possível pensar que essa narrativa de Dona Anastácia – como salientado em outros momentos – é culturalmente construída, pois como outras mulheres entrevistadas por Silva (2003:150 *et seq*), em seu estudo sobre mulheres de grupos populares da grande Tijuca que desempenhavam atividades comunitárias, sua fala “tende a exaltar os percalços e esforços de uma trajetória de vida meio ‘heróica’, marcada por sentimentos, justeza e bravura”.

Nas entrelinhas ela deixa transparecer a concepção de que, naquele período de sacrifícios, ela não estava cumprindo sua tarefa de mãe, responsável pelos cuidados dos filhos. Isto é, percebe que não estava desempenhando esse papel valorizado como atribuição das mulheres, principalmente entre as gerações mais antigas inseridas nos grupos populares (Salem, 1981; Duarte, 1987 e 1988; Leal e Boff, 1996)¹²⁹. No sentido do não cumprimento de seu papel é que considera ter tido “sorte”, porque “eu tenho seis filhos, todos eles criados aqui nesse morro e eu não tenho nenhum que é bandido, mas muitos não tiveram essa sorte, tinham que sair pro trabalho, deixavam as crianças à toa no morro, aprendendo tudo o que não presta, não tendo uma orientação pra dar e que transformou numa porção de, hoje, uma geração de crianças, de adultos que não foram encaminhados na vida”.¹³⁰

“Se tivesse tido mais educação não ia chegar a esse ponto, porque as famílias abandonaram seus filhos, não deram educação, porque tem que trabalhar, largar as crianças; eu tiro por mim, eu mesmo tive que trabalhar e tinha que largar meus filhos com vizinhos, tive uma sorte porque tive uma vizinha ótima que não trabalhava, e que ficava com os dela e com os meus, que ela tinha oito, eu tinha seis. Então essa minha vizinha ajudou muito ali a criar meus filhos porque eu tenho seis filhos, todos eles criados aqui nesse morro, disse Dona Anastácia”.

¹²⁹ Aponto que este papel era valorizado, principalmente, entre as gerações mais velhas dos grupos populares devido às modificações ocorridas nos valores de gênero nas últimas duas décadas, especialmente, com a expansão do individualismo para as camadas populares e a reivindicação e ocupação do espaço do trabalho e da escolaridade pelas mulheres. Sobre isto ver, entre outros, Vaitsman (1997).

¹³⁰ Blay (1980) aponta para a “luta por creches” da população pobre, ao longo da década de 70, devido às modificações nas condições de vida desta população, que, entre outras coisas, contribuiu para que as mulheres dos grupos populares tivessem que sair para trabalhar, para colaborar na renda familiar, não tendo onde e com quem deixar seus filhos. Nesse sentido, a autora aponta que: “A institucionalização de creches passou a ser uma reivindicação, pois as soluções individuais se mostraram satisfatórias, mas insuficientes. Baseadas na experiência de que uma mulher da vizinhança pode cuidar dos filhos de várias trabalhadoras, estas reivindicam que este serviço seja ampliado e tenha o apoio financeiro do Estado. [...] Mais uma vez, neste período tão sombrio de manifestações populares, são as mulheres que têm conseguido abrir espaços reivindicatórios por vias antes não correntes na vida política brasileira. Suas reivindicações são acatadas, pois é seu próprio papel de mãe que os legitima”. Foi nesse contexto em que se deu a atuação de Dona Anastácia na área educacional, no Morro Parque de Vila Isabel.

Nesse trecho de sua fala ela aponta para a percepção que tem do porquê da existência de tantas pessoas que “não foram encaminhadas na vida”: pela própria condição do ser pobre, que tendo que ir trabalhar, sem uma assistência e tendo que contar a com “sorte”, “deixavam” seus filhos “à toa”, “sem orientação” e sem “educação”. Em sua visão, esses elementos são como uma ‘mistura explosiva’, no sentido de que o desfecho da situação não poderia ser outro: “o tráfico foi crescendo até que ficou essa bagunça que ninguém dá mais jeito”. A falta de assistência, daquela época, é atribuída às Prefeituras que não estavam presentes como nos dias de hoje, quando “a Prefeitura tem feito coisa atualmente que a gente nem imaginava, da Prefeitura estar presente assim como está agora”, fazendo “convênios”, pagando “uma boa parte dos professores” e oferecendo “a maioria da alimentação”. Ressalta que se este empenho da Prefeitura tivesse ocorrido antes “talvez não chegasse nesse ponto que a gente chegou aí, de tanta violência”.

“[...] A Associação ficava nesse trabalho pra proteger o morador e a Associação não tinha apoio, não tinha um trabalho com adolescente, não tinha um trabalho bom. A creche era uma coisa muito elementar que ficava tomando conta das crianças pra mãe ir trabalhar, não era como hoje, que tem um trabalho pedagógico. [Hoje] tem professoras, tem uma organização, porque hoje tem um convênio com a Prefeitura que paga os professores, dá a merenda. Então, o trabalho agora tem; o tempo que a gente ficava procurando comida pra dar às crianças, a gente não tinha tempo de organizar o trabalho. Era mais a gente na expectativa de manter aquilo; hoje não; hoje com os convênios com a Prefeitura, as creches eles têm mesmo, nas comunidades como a nossa, a gente faz convênio com a Prefeitura, a Prefeitura paga uma boa parte, nem paga todos, mas paga uma boa parte dos professores e dá a maioria da alimentação. Então, o que a gente fica pra gente, pra comunidade fazer é pouco. Que a gente faz uma festa, faz um pedido, faz uma campanha, pra acabar de completar aquilo que a Prefeitura não faz. Mas de um modo geral a Prefeitura agora está mais presente dentro da comunidade. A Prefeitura tem feito coisa atualmente que a gente nem imaginava, da Prefeitura estar presente assim com está agora. Se as Prefeituras tivessem feito isso há tempos atrás, talvez não chegasse nesse ponto que a gente chegou aí de tanta violência, porque muita gente desocupada, muita gente desempregada. Aí o tráfico foi crescendo até que ficou essa bagunça que ninguém dá mais jeito [...], aí vira essa guerra que está aí, atualmente, que acho que se tivesse tido mais educação não ia chegar a esse ponto. Porque as famílias abandonaram seus filhos, não deram educação, porque tem que trabalhar, largar as crianças, eu tiro por mim, eu mesmo tive que trabalhar e tinha que largar meus filhos com vizinhos, tive uma sorte porque tive uma vizinha ótima que não trabalhava, e que ficava com os dela e com os meus, que ela tinha oito, eu tinha seis. Então essa minha vizinha ajudou muito ali a criar meus filhos porque eu tenho seis filhos, todos eles criados aqui nesse morro.”

Assim, o trecho acima aponta que a mudança de orientação no trabalho desenvolvido junto às crianças e aos adolescentes é em decorrência mesmo de um “convênio com a Prefeitura, que paga os professores, paga, dá a merenda”. Este trabalho é o que difere as atividades na área de educação da Associação de Moradores e do Centro Comunitário. Ainda, esta última entidade é, de acordo com sua presidente, de “acesso restrito” aos “usuários” do local, que são aqueles que desejam participar da entidade, aceitando suas regras e seu “trabalho pedagógico”.

Talvez por essa interação com a Prefeitura é que Dona Anastácia perceba esse “trabalho pedagógico” se não como uma solução para a “violência”, como uma prevenção, pois “se tivesse tido mais educação não ia chegar a esse ponto”. Percepção semelhante é veiculada em debates nos meios de comunicação.

Nesse contexto, por entender que a educação teria sido uma prevenção para a situação atual, que é agravada com a existência, hoje, de “muita gente desocupada”, “muita gente desempregada”, é que no Centro Comunitário é desenvolvido um “trabalho pedagógico”, que tem como o objetivo a “educação tanto para o trabalho como pra vida”.

“- O objetivo é esse, é educacional, iniciação ao trabalho. É isso, de educação, tanto para o trabalho como pra vida. O objetivo principal do Centro é a educação, tanto de criança, como de adulto, como de jovens; é a educação de várias maneiras, tanto a educação mesmo, até formal também. Atualmente já tem até supletivos aqui, 1º e 2º graus temos aqui, disse Dona Anastácia”.

Para Dona Anastácia a educação é entendida tanto num sentido restrito de escolarização, como num sentido amplo. Como sinônimo de escolaridade ela considera importante as pessoas saberem ler. Cabe lembrar que uma das atividades de que ela me incumbiu foi ensinar alguns jovens a ler e ajudar outros a estudar para as provas de História e Geografia do supletivo realizado no Centro Comunitário. Com esse sentido é que Dona Anastácia, certa vez, discutindo com um rapaz sobre a sua concepção do projeto pós-escola para as crianças, lhe disse que “a leitura é fundamental, até para ler no computador é necessário ler, senão como vão saber o que está na televisão ou no livro?!”. O rapaz comentou que “os livros já eram, a leitura ficou para trás, agora é só no computador que as pessoas querem ler, até mesmo porque o que tem em livro, tem agora no computador, então é mais fácil. Para quê você vai ler um livro se pode ler a síntese dele no computador?! Atualmente é assim, infelizmente”. Então ele perguntou a Dona Anastácia: “mas como pode entrar no Centro se não sabe ler?”; Dona Anastácia, rapidamente, disse a ele: “esses são poucos, são as

crianças menores e estão no reforço escolar”, e então ressaltou o lado positivo das “oficinas”, às quais ela havia desmerecido antes quando disse: elas “não ajudam em nada na educação da escolaridade, pode até ajudar numa educação mais geral e as crianças vêm pra aqui e entram nesse samba/dança de atividades e depois, quando vão para casa, cinco horas da tarde, não vão querer fazer o dever de casa, vão olhar televisão ou brincar na rua”. Quando, frente à indagação do rapaz, necessitou justificar suas ações, enfatizou o “lado positivo” das oficinas: “pelo menos eles [as crianças] não estão soltos na rua”.

Na segunda concepção, educação é entendida como o “encaminhar” na vida, “preparar” para o “mundo do trabalho”, para a “realidade”, no sentido de ensinar maneiras de viver, para as quais, as “oficinas”, antes desdenhadas, agora ganham destaque. Pois, é através delas que as crianças e os jovens serão preparados para o “mundo do trabalho”, para a “realidade”. Por isso é possível pensar em práticas civilizatórias¹³¹ no sentido de um processo levado a cabo no âmbito do Centro Comunitário, visando a inculcar não apenas novos valores em seus participantes, mas apurar as maneiras de ser, andar, falar, vestir e, mesmo, os gostos.

Dessa maneira, tomando como referência os “projetos sociais” vemos que a palavra “educação” utilizada por Dona Anastácia refere-se não apenas ao aprendizado escolar, mas à aquisição de modos educados, de “civilidade”. Como visto no capítulo anterior, esses “projetos sociais” não visam à superação da estrutura de desigualdades sociais, mas a controlá-la. Este controle acontece num contexto em que “os contrastes em conduta entre os grupos superior e inferior são reduzidos com a disseminação da civilização, e aumentam as variedades, ou nuances, da conduta civilizada”, como apontou Elias (1993:213) quanto ao processo civilizador. É no sentido de “difusão de civilização”, isto é, de “disseminação de instituições e padrões de conduta”, aqui no caso, aqueles das camadas socioeconômicas mais altas na pirâmide social, que os “projetos sociais” operam sobre os sujeitos que participam desses projetos.

Dona Anastácia, após passar pelo trabalho na creche, visto por ela como “muito elementar, que ficava tomando conta das crianças pra mãe ir trabalhar”, assume o papel da agente civilizadora, dando ordens, disciplinando os corpos e, mesmo, os pensamentos das pessoas que ali freqüentam. Visando a esse disciplinamento é que Dona Anastácia percebe

¹³¹ A noção de processo civilizador de Elias (1994: 215 et seq) refere-se à existência de “mudanças a longo prazo nas emoções e estruturas de controle das pessoas em sociedades particulares [no caso estudo por ele, na Europa, principalmente, França e Alemanha, da Idade Média aos Tempos Modernos]”. Estas mudanças estruturais ocorreram “em pessoas na direção de maior consolidação e diferenciação de seus controles emocionais e, por conseguinte, de sua experiência (como, por exemplo, na forma de um avançado patamar de vergonha e nojo) e de sua conduta (por exemplo, na diferenciação de utensílios usados à mesa)”.

sua atuação como de uma “polícia feminina”, que deve fazer com que as pessoas “mantenham uma moral dentro do Centro Comunitário [pelo menos]”.

“- Qual é o papel da presidente do Centro, o que ela faz? Eu vejo que a senhora está sempre aqui, mas o que a senhora tem que fazer aqui?, perguntei.

- Ah, eu acho que o presidente tem que organizar o trabalho do Centro Comunitário. É responsável pelas pessoas que chegam, algumas instituições que chegam pra fazer parcerias; divulgar o Centro Comunitário e zelar pelo trabalho, porque é a creche e aqui agora tem mais esse outro espaço lá, é o nome do Centro Comunitário. Então eu fico muito naquilo de fazer isso funcionar certo. Eu tenho uma preocupação de tomar conta do Centro Comunitário, de fazer a manutenção, de fazer as coisas acontecerem, eu tenho essa preocupação. Então eu fico aqui até à noite, porque enquanto não fecha, eu não vou me embora; porque eu não tenho coragem de deixar ficar à vontade pra eles fumar aí, eu não deixo fazer bagunça aqui dentro. Quem quiser fazer bagunça faz lá fora. Aí eu fico igual a uma polícia feminina, respondeu Dona Anastácia.

- Como assim, polícia feminina?, indaguei.

- [risos], não, eu é que eu digo, eu digo que estou mantendo uma ordem. Eu fico mantendo uma ordem, todo mundo tem que respeitar o Centro Comunitário: não deixo entrar sem camisa, não deixo fazer bagunça, senão vira festa. Vão andar de bicicleta aqui dentro, vão andar sem camisa, vão fazer pagode?! Tem que ter cada um na sua hora. Dia de festa é festa, hora de escola é cada uma nas suas salas, então tem [que] manter uma moral dentro do Centro Comunitário.”

O papel de “polícia feminina” é desempenhado por Dona Anastácia todos os dias, se não por meio de repreensões, mas pelo seu olhar atento a tudo o que acontece no Centro Comunitário. Em diversas situações vi sua atuação como “polícia feminina”, controlando os comportamentos das pessoas que trabalham e freqüentam o Centro Comunitário. Por exemplo, quando vai soltar os jovens participantes de um dos projetos da detenção policial, quando chama a atenção sobre o uso adequado de roupas, quando faz reunião com um grupo de garotos para falar sobre o comportamento que ela “não gostou”, e no seu modo sério de olhar para as pessoas quando estão fazendo algo que ela desaprova, como naquela primeira visita, descrita no Capítulo 1, em que ela reprova as roupas “curtas” das jovens, as manda embora e me adverte para eu não ir “daquele jeito” a uma instituição.

Em outra ocasião, quando eu estava lhe mostrando as fotografias que fiz de algumas idosas, Dona Anastácia disse que as saias que elas estavam vestindo “são muito curtas”. “Olha os gambitinhos de fora!”, exclamava, e chamou uma das cozinheiras para mostrar-lhe que “essas senhoras são muito mal comportadas, muito avançadas, por isso eu não posso fazer

parte desse grupo, olha o comprimento da minha saia [na altura das canelas] e elas com essas saias curtas [acima do joelho]”, e riu. Nesse mesmo dia, uma senhora passou por nós e Dona Anastácia disse: “olha lá a saia curta, eu não posso”.

Por entender que a “vocação” da entidade é educacional, não apenas no sentido escolar, mas de civilização é que os trabalhadores que atuam junto ao público são denominados por ela de “educadores”. Esta denominação implica que essas pessoas devem ter atitudes diferentes dos professores. Numa véspera de feriado, que seria numa quinta-feira, eu avisei a Dona Anastácia que eu não viria na sexta, pois o Centro deveria estar fechado; ela ficou séria e depois riu dizendo: “aqui não tem feriado prolongado, enforcar a sexta-feira é com o César Maia e não aqui, aqui não pode fazer feriado”. Depois, quando eu e Celso, consultor de dependência química de um dos projetos, estávamos indo embora, ele pediu a Dona Anastácia para não vir na sexta; ela virou-se para mim e disse: “O Celso quer ficar em casa na sexta, porque a mulher dele é professora e não vai trabalhar, vai enforcar” e, então, olhou para nós dois e complementou, “ela [a mulher de Celso] é professora, professora pode, você é educador, educador é diferente, pense na sua responsabilidade e veja se educador pode”. Pois os educadores não apenas ensinam, mas disciplinam os corpos, num trabalho contínuo, visando a “fabricar assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” por meio de “uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos” (Foucault, 1987:127).

Este disciplinamento ficava bastante evidente quando, muitas vezes, as crianças ficavam em fila no saguão, aguardando que as “educadoras” as mandassem subir para a sala.¹³² Num desses dias, eu estava no saguão, pouco depois do almoço; Andréia e Brenda, duas “educadoras” estavam com um grupo de mais ou menos 30 crianças, que estavam “formadas”, como disse Brenda, em três fileiras, de frente para a escada que dá acesso aos outros andares. Enquanto Brenda estava à frente das crianças, Andréia caminhava de um lado a outro atrás das que não ficavam “formadas”. Pouco depois, as crianças e Brenda começaram a cantar o hino nacional, mas algumas crianças não cantaram. Durante o canto, Brenda caminhava entre as filas, arrumava as crianças, descruzava os braços das que estavam com eles cruzados na frente do corpo, e as colocava em fila, uma bem atrás da outra. Depois que terminaram de cantar o hino, Brenda gritou o nome de uns quatro meninos que “ficaram na bagunça” e disse a eles que iriam ficar duas semanas sem informática, e que se reclamassem

¹³² Segundo Foucault (1987:133), “A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”.

ficariam mais porque “eu não sou palhaça”. Andréia, então, entregou-lhe uma chave e ajudou-a a dizer quais crianças – todos meninos – ficariam sem informática. Um dos meninos disse que ele estava bem quieto e ficou olhando para o relógio enquanto Brenda falava; ela foi até onde ele estava e esperou que ele se “arrumasse”. Em seguida, Brenda mandou a fila da direita subir, dizendo para qual sala eles iriam e avisando-os: “quando eu chegar lá, quero encontrar vocês formados, sem bagunça”; depois mandou subir a fila da esquerda e subiu à frente da fila do meio.

Brenda tem em torno de 25 anos, é “educadora infantil” no Centro Comunitário, é evangélica e mora em um morro no Andaraí, que pertence à “fação rival”, como me disse, baixinho, certa vez. Andréia tem 28 anos, é moradora local, também atua como “educadora infantil” e é casada com Viti, o professor de *silk-screen*. Ambas são evangélicas.

Além de seu papel como “polícia feminina”, Dona Anastácia diz que sua função é “eu faço isso aqui mesmo. Organizo esses projetos, fico perturbando a Prefeitura pra conseguir melhoria pra cá, tentando organizar essa comunidade, fazer reuniões.”

A sobrevivência da entidade se dá por meio de recursos obtidos com o desenvolvimento dos “projetos sociais”, que são financiados pelo governo e instituições como o BIRD e o BID.

Os funcionários da entidade são pagos com recursos dos “projetos” ou do governo municipal, que muitas vezes também é o órgão que faz a licitação para instituições como o Centro Comunitário concorrerem aos projetos. Assim, alguns funcionários estão atrelados a um projeto específico; outros, como as cozinheiras e a secretária, são independentes dos projetos. Além disso, algumas pessoas, como Delma e Mauro, coordenadores do MEL¹³³, segundo eles, ocupam “cargos políticos”, isto é, por indicação partidária. No final de 2003, no âmbito do projeto da Prefeitura em conjunto com uma ONG, diversos trabalhadores do Centro Comunitário uniram-se e formaram uma cooperativa de trabalho – a Dinamocoop. Os primeiros trabalhos eram na área de informática.

Alguns trabalhadores da entidade estão atuando junto com Dona Anastácia desde o tempo em que havia a creche na Associação de Moradores, quando muitos desses funcionários passaram a ser “funcionários públicos”, como duas de suas filhas, uma das cozinheiras e a secretária do Centro Comunitário. Há funcionários como Viti, Mauro, Fiona,

¹³³ Certa vez conversando com Delma, coordenadora do MEL, no Centro Comunitário, ela estava bastante preocupada com a possibilidade de não reeleição do Prefeito. Porque, segundo ela, se ele não fosse reeleito, “o MEL com certeza vai acabar, porque é um projeto político, é uma verba federal que o filho dele conseguiu em Brasília e manda para o Rio e financia o projeto, mas se o pai dele não ganhar a eleição, ele vai investir essa grana em ganho que seja politicamente importante para ele”, desabafou Delma. Com a não continuidade do projeto, Delma ficaria sem emprego, visto que a função que ela ocupa é um “cargo político”.

entre outros, que moram no morro; outros, como Delma, Meire, Brenda, Valéria, Celso entre outros, moram em outros morros, bairros e até outros municípios, como São Gonçalo. Alguns vieram trabalhar no Centro Comunitário por ter amizade com Dona Anastácia, ou com seus familiares; outros por indicação de conhecidos e amigos, isto é, através das redes sociais – sobre as quais me deterei adiante (ver, ainda, Anexo H).

“- Porque a gente, quando tinha a nossa primeira creche, que funcionava na Associação de Moradores, foi no tempo do Saturnino Braga, que era Prefeito. Esse Saturnino resolveu efetivar [os funcionários], contratou e começou a pagar o pessoal com RPA, disse Dona Anastácia

- O que é RPA?, perguntei.

- RPA é a prestação de serviço. Aí elas recebiam como prestadora de serviço, eles criaram isso, todas as creches comunitárias pagavam a prestação de serviços. Depois o Saturnino Braga resolveu contratar essas pessoas todas, porque viram que isso não era legal, essa prestação de serviço por aí, criada na Prefeitura, e resolveu contratar todo mundo. E nessa creche trabalhavam minhas filhas, trabalhava a Eliana, trabalhava a Élide e a Fiona [não é sua filha, é cozinheira da entidade] que trabalha hoje aqui. A Meire [cozinheira e depois secretária da entidade] trabalhou um período também, depois saiu; a Celina, uma porção de gente daqui do morro que trabalhava nessa creche aqui da Associação. Como foi contratado, aí quiseram efetivar esse pessoal todo, resolveram não ser mais contratado, efetivar elas. Aí, nessa de efetivar, elas passaram a ser funcionárias públicas. Como elas passaram a ser funcionárias públicas, o que fizeram?! Tiraram elas todas da nossa creche, pra botar nas creches que eram da Prefeitura, porque aqui não era da Prefeitura. Essa creche era só comunitária, era só da Associação de Moradores. E o pessoal todo que já era funcionário teve que sair, minhas filhas, a Celina, foram pra outras creches, foram pra trabalhar na Prefeitura e tiraram eles da creche. Mas a gente conseguiu sobreviver, porque eles iam fazer outros convênios, iguais aos que se mantêm até hoje, mas até fazer esse convênio, a gente sofreu à beça, ficou trabalhando de graça, tentando fazer convênio. A gente teve ajuda da LBA, mas aí, esse pessoal todo que saiu, que foi hoje, por exemplo, a Eliana que foi pra Prefeitura, e a gente já continuava com a creche. Aí criamos esse trabalho, que era o apoio escolar. Aí ela [Eliana] trouxe uma visita lá da Prefeitura, que visitou nosso apoio escolar e resolveu dar a merenda pro apoio escolar, porque não podia contratar as pessoas, mas podia dar ao menos a merenda. Nisso, que deu a merenda, já aumentou mais, que onde tem merenda as crianças têm mais prazer de vir. Aí até foi aparecendo crianças maiores, adolescentes, as mães já traziam, os adolescentes ficavam na porta: ‘pô, pode merendar? Me dá um biscoito aí’, não sei o que lá. Aí acabaram os adolescentes entrando, uma invasão pacífica, querendo participar também. Porque a gente procurava sair com as crianças pra passear, fazia essas coisas e os adolescentes vieram também. Nisso que vieram os adolescentes, a gente não tinha o que fazer com os adolescentes, porque com as crianças já era difícil, não tinha apoio nenhum, era a mãe que pagava dois reais que a gente pagava a Analuzia, a

Rosane, que ficavam com as crianças. Com os adolescentes, que a mãe não ia pagar pra adolescente ficar aqui, então, eles ficavam aqui num jeito de metidos. Eles sentavam, organizávamos uma atividade com eles, mas o máximo que fazia com eles era, conseguia da UERJ, fazer umas palestras com eles; o NESA, de vez em quando, que não era sempre, fazia umas palestras com eles pra orientar os adolescentes, mas eles ficavam aqui no Centro Comunitário, a gente foi tentando criar. Uma vez nós conseguimos uma oficina de marcenaria, aí tinha um lá que o Comitê Contra a Fome me deu um cheque-card, [compramos] material pra fazer uma marcenaria, a gente catava madeira velha, caixote vazio pra fazer alguns trabalhos de marcenaria que era até aqui, era aqui embaixo, nessa sala, que era grande. A gente foi tentando fazer essas coisas assim, aí foi crescendo, que uma hora era marcenaria, outra hora era alguém que dava uma aula de desenho, aí nós conseguimos dois computadores, que a gente chamava até de dinossauro, porque eram muito antigos. Fizemos uma salinha pros computadores, aí as coisas foram aumentando, até que nós conseguimos mandar um projeto pra Prefeitura e foi o BIRD que estava fazendo, a Matilde Hermínia do NESA, eu soube que eles iam fazer uns convênios com comunidades, que até então só faziam convênio com a UERJ, só com entidades grandes. Aí falaram que iam fazer o convênio com comunidades que tivessem organização, aí a gente tinha documentação e nós fizemos um projeto, que foi o primeiro projeto que teve aqui que tinha dinheiro, que era o projeto Construindo a Cidadania, que tinha informática, tinha desenho, tinha *silk-screen*, tinha tapeçaria, aí nós montamos a sala da tapeçaria, montamos a sala do *silk-creen*. Teve um recurso do BIRD pra montar essas oficinas. Esse projeto durou uns quatro, cinco anos, depois acabou esse projeto. Então, a gente no Centro Comunitário fica assim, vive de mandar projetos. Enquanto tem apoio pros projetos, a gente fica com recurso pra contratar professores; quando acabam esses projetos, a gente tem que buscar outras fontes, a gente não se sustenta, a gente não tem uma fonte de renda. A única fonte, um pouco de renda que a gente tem é o bazar, mas que não dá pra manter o Centro Comunitário. E a gente vive de prestação de serviços através de convênios que a gente consegue. Atualmente [2003], a gente tem dois projetos que têm verba, tem três agora no Centro Comunitário: tem Abrigo, tem Esperança de Vida, tem Ação de Esperança, que são três projetos que têm dinheiro do BIRD de novo. Mas já teve um período que a gente tinha um convênio com a União Européia, que teve uns projetos sobre meio ambiente, a gente tinha oficinas de meio ambiente aqui. Então, quando a gente consegue patrocínio de alguma instituição, aí a gente tem projeto; quando acaba a gente fica na maior dificuldade. Porque, atualmente, por exemplo, as nossas oficinas estão todas sem patrocínio. Por exemplo, o desenho, está até sem funcionar porque está sem patrocínio, é uma oficina que os garotos gostam à beça, mas não tem patrocínio. O *silk-screen* funciona porque o Viti mora aqui dentro e ele tem um trabalho em outra instituição e dá dois dias aqui, a gente dá um pro labore pra ele, que tira de um projeto daqui pra ele ter essa oficina de *silk-screen*. A informática a gente também tenta sobreviver, porque tem o CDI que treina os professores, dá um apoio, dá, conserta computador, dá curso, aí os próprios garotos já estão consertando as máquinas, então a informática funciona atualmente bem, que tem banda larga, a gente está com um projeto lá junto com CDI, que tem essa internet. Então a informática se equilibra,

mas alguns, por exemplo, a tapeçaria não está funcionando, o desenho não está funcionando, a marcenaria muito menos, porque a gente não tem recurso pra manter isso. A gente tem umas investidas na parte de meio ambiente porque é uma coisa muito gritante, então a gente faz esse limite através das próprias oficinas, explicou Dona Anastácia.

[...]

- E tem alguém que seja, que trabalhe, que seja funcionário da prefeitura?, perguntei.

- Não, respondeu Dona Anastácia.

- Não tem ninguém?, indaguei.

- Tem funcionário da Prefeitura que trabalha aqui, por exemplo, a Eliana, minha filha, ela é funcionária da Prefeitura, ela procura ajudar, mas ela trabalha no trabalho dela e ela quase não tem tempo, [quando] ela tem tempo, ela se dedica mais à creche. Ela ajuda mais na creche, organiza mais a creche, ela é funcionária da Prefeitura, mas ajuda na creche, respondeu Dona Anastácia.

- Mas a ajuda, a Prefeitura mandou ela aqui?, questionei.

- Não, a Prefeitura nem quer que ela venha, mas ela vem. O pessoal da Prefeitura até implica, porque eles dizem que elas ficam trabalhando mais aqui do que no trabalho delas. A Élide, por exemplo, é uma funcionária da Prefeitura, mas ela dá ajuda à beça aqui no Centro Comunitário, contou Dona Anastácia”.

Segundo Dona Anastácia, para efetivarem os “projetos sociais” e obterem seus recursos, participam de “editais”, enviando propostas de projetos. Quanto a isto, disse faltar uma “equipe de captação de recursos”, pois toda a “equipe” da entidade “fica ocupada com trabalho o tempo todo”. No trecho seguinte, ainda, ela tentar deslegitimar outras instituições que “conseguem captar recurso porque eles não trabalham muito”. A captação de recursos dessas entidades seria, conforme a percepção de Dona Anastácia, mediante “retratos” e “boletins” feitos por ocasião de algum eventual trabalho, isto é, fazem propaganda de seu trabalho. Cabe lembrar, como apontado acima, que a fala de Dona Anastácia se insere num contexto de disputas por recursos escassos entre inúmeras instituições e ONGs, no qual ela deve, se não provar, pelo menos convencer que o Centro Comunitário merece esses recursos em detrimento de outras entidades. Nesse sentido, ainda, é que o escritório na rua, como ressaltei antes, torna-se um cartão de visitas.

“- E quem é que faz essa parte de ir buscar os projetos?, perguntei.

- Não tem, a gente não tem uma equipe pra isso. A gente teria que ter uma equipe de captação de recursos. O Centro Comunitário não tem essa equipe. Diz que quem trabalha muito não tem tempo de ganhar dinheiro, aí tem algumas instituições que não trabalham, quando fazem alguma coisa tiram retrato, fazem boletim, faz não sei que lá, aí eles conseguem captar recurso porque eles não trabalham muito. E a gente que trabalha demais não tem

tempo. A gente não tem tempo, a nossa equipe fica ocupada com trabalho o tempo todo. A gente não tem essa equipe de buscar recurso, e aí fica difícil. A gente precisava ter uma equipe aqui, sei lá, mudar um pouco, ter alguém que pudesse ajudar a gente na captação de recursos, mostrar projetos, mostrar os trabalhos, por isso que eu gostei de a gente ter aquele nome lá na rua, com endereço eletrônico, quem sabe se algum vier aqui, descobre que a gente precisa de ajuda, disse Dona Anastácia.

- E esses que vocês têm aqui, foi a Prefeitura que ofereceu? Ou vocês que...?, indaguei.

- É, a gente lê edital, responde; eles mandam, ‘vai abrir pra isso e pra aquilo’. No Favela-Bairro eles botaram edital, aí a gente concorreu, contou Dona Anastácia”.

Poucos meses após essa entrevista, numa reunião no “Abrigo”, Valéria, em sua apresentação, disse que seu trabalho tem como objetivo “trazer vários projetos para o Centro Comunitário e fazer reuniões de conscientização” da importância dos projetos sociais com o público freqüentador. Valéria, psicóloga com especialização em recursos humanos, solicitou à coordenadora de cada projeto, no início de 2004, a realização de uma avaliação, qualitativa e quantitativa, com a elaboração de um quadro com porcentagens, para poderem verificar se os projetos estavam sendo eficientes ou não. A mensuração da eficiência visava, entre outras coisas, demonstrar, frente aos poderes públicos e outros financiadores, que a entidade estava cumprindo seu papel e mereceria ter continuidade no financiamento de suas atividades, bem como possibilitava a barganha de outros “projetos”.

2.3. As comemorações de aniversário de Dona Anastácia

Para finalizar a reflexão sobre as notas biográficas de Dona Anastácia, que, como visto acima, refletem no modo como o Centro Comunitário é organizado e na maneira como as relações sociais são estabelecidas nesse espaço, descrevo as duas festas de comemoração de seu aniversário, ocorridas no mesmo dia, no final de abril de 2004: a primeira, no “teatro” do Centro Comunitário; a segunda, no “Abrigo”.

No dia da comemoração do aniversário de Dona Anastácia, em 2004, foi realizado um grande evento no “teatro” do Centro Comunitário. Quando cheguei, pela manhã, ao Centro, fui à secretaria, e lá estavam Dona Anastácia, Meire (secretária), Delma (coordenadora do MEL) e Brenda (“educadora infantil”). Feliz, eu brinquei: “eu soube que vai ter festa hoje!”.

Dona Anastácia, Delma e Meire disseram: “Tem?! Não sei, acho que não”. Meire me fulminou com o olhar e me disse baixinho que Dona Anastácia não sabia de nada. Brenda riu. Diante de minha gafe disse qualquer coisa e perguntei por Rogério - “reprodutor cultural” do Projeto Esperança de Vida¹³⁴, que havia me telefonado um dia antes para me avisar da comemoração. Disseram que ele estava na entidade.

Fui procurá-lo. Ele estava no “teatro”, junto com doze jovens do Projeto Esperança de Vida, juntamente com Fabíola (voluntária do mesmo projeto), Ariana (filha de Fabíola) e Eduarda (amiga de Ariana). Segundo me disse Fabíola, alguns meses após esse dia, Eduarda é “irmã” dos filhos de Élide – filha de Dona Anastácia -, pois o pai dos filhos de Élide, casou-se com a mãe de Eduarda, quando esta era pequena, então ele “a criou”. Fabíola, quando me narrou essa história disse que “ficou tudo em família, vira, vira e tudo é vizinho, família”. Nesse sentido, cabe ressaltar que Fabíola é “prima de criação” de Rogério e que o indicou para trabalhar no Centro Comunitário, pois ela conhece os filhos de Dona Anastácia desde a “adolescência”. Ainda, sua mãe, Geruza, é a treinadora de atletismo dos jovens desse projeto. Ambas pertencem à Igreja Batista.

No “teatro”, com a porta fechada, eles estavam ensaiando e montando o cenário para a peça que apresentariam durante a comemoração do aniversário de Dona Anastácia. Fiquei assistindo ao ensaio, Rogério tocando violão e os jovens, Fabíola, Ariana e Eduarda cantando a música “Sal da Terra”. Além dos jovens, Velasco, filho de Dona Anastácia, participou do ensaio, e, depois, da apresentação. Sirlândia, a coordenadora do Projeto Esperança de Vida, entrou na sala, estava arrumada para a festa; cumprimentou a todos e tentou dar algumas ordens, que não foram seguidas. Pouco depois, fui à sala da computação tentar escrever um cartão para Dona Anastácia, mas a sala estava fechada. Voltei ao teatro, os jovens estavam terminando o ensaio de uma música da Igreja Batista, intitulada “Soberano¹³⁵”.

Nesse mesmo dia, Fabíola contou-me que também freqüenta a Igreja Batista, mas agora não vai mais na mesma igreja que Dona Anastácia. Está freqüentando uma Igreja Batista no Méier. Num momento anterior, Fabíola comentou com Dona Anastácia sobre essa igreja, dizendo que “mais de 200 jovens” a freqüentam e que “seria legal levar os garotos

¹³⁴ Cabe lembrar que abordarei este Projeto, seus trabalhadores e os jovens participantes no quinto capítulo.

¹³⁵ Letra da Música da “Comunidade Carisma”: “Diante do Teu trono/ Venho me prostrar/ Aos Teus pés render minha vida / E tudo o que sou/ Pois Tu és o Rei dos Reis / Soberano Deus / Só a Ti pertence o louvor / E a adoração / Como fez o rei Davi / A Ti me prostrarei / Entrarei em Tua presença / Com sacrifícios de louvor/ Ministrar em Tua casa é o meu prazer / Pois um dia nos Teus átrios / Vale ma...ais que mil // Quero sempre estar na Tua presença / Para contemplar / Tua glória e majestade / Quero sempre estar / Buscando Tua face / Declarando Senhor/ Que Tu és o meu maior desejo / És o meu maior desejo Senhor”.

[deste projeto] lá nesse culto”, que poderia ser de manhã, às 8h ou às 10h30, ou à noite, às 19h30.

Fomos almoçar. Os jovens comentaram que alguém teria dito a eles que “hoje seria um almoço especial com os meninos”, mas quando chegamos na cozinha e no espaço ao lado, onde se almoça, Dona Anastácia já estava almoçando com os garis comunitários. Em fila, os jovens entregavam a fichinha para a cozinheira, que pediu também a de Sirlândia, coordenadora do projeto, que não havia pegado lá na secretaria e, então, esbravejando disse que iria pegar. Perguntei à cozinheira se para comprar a ficha do almoço também era lá embaixo, a cozinheira respondeu que sim. Então, desci atrás de Sirlândia para comprar a ficha. Delma, Meire e Celso estavam na secretaria. Perguntei se era com elas que comprava o almoço, elas disseram que sim, dei dois reais a elas, que me deram a ficha. Subi. Fabíola, Ariana e Eduarda estavam próximas à cozinha e queriam almoçar. Comentei com elas que paguei dois reais, ao que Fabíola exclamou “ah, é, tem isso!”, e comentou que achava ser gratuita a comida. Comentei ainda com Fabíola que, segundo Dona Anastácia, só tem comida para o projeto dos garotos, para eles e para os profissionais; ela falou que achava que teria para todos os projetos, respondi que não. Com a ficha, fui até à cozinha, entreguei-a para a cozinheira e recebi o prato com a comida: arroz, feijão, carne assada, salada de batata. Fui me sentar na sala ao lado, junto com os jovens.

No final da tarde, quando estávamos indo para o Abrigo, onde aconteceria “a festa” de “comes e bebes” do aniversário de Dona Anastácia, Fabíola comentou que não havia pago o almoço, que havia pedido. Eu lhe falei que havia pago, mas recebi meu dinheiro de volta depois, pois Celso, logo após o almoço, me parou na descida da escada e disse “pega seu dinheiro de volta, naquela hora, na secretaria, não falei nada porque não sabia se as coisas tinham mudado, depois que você saiu, eu disse para Delma e Meire que você trabalha com a gente e que não poderia pagar o almoço”. Eu disse a ele que fiquei sem graça de não pagar, pois não estou vindo ao Centro com a freqüência de antes; ao que Celso respondeu: “não tem nada a ver, você está com a gente aí”. No final da tarde, antes de ir para o Abrigo, passei na secretaria e Delma disse para eu pegar o dinheiro que estava atrás do som – lá estavam a mesma nota e as mesmas moedas com as quais havia pago o almoço -, peguei; Dona Anastácia estava lá e não falou nada. Abordarei o almoço mais adiante.

Depois do almoço, voltamos para o “teatro”. Logo que cheguei, entraram em torno de 25 crianças, acompanhadas de uma “educadora”, e foram se sentar nas primeiras cadeiras, em frente ao palco. Depois chegou a coordenadora da Faetec - trazendo um presente na mão, um tecido para Dona Anastácia fazer alguma peça de roupa, o tecido era cinza “riscado” de preto,

brilhoso. Depois entraram Nora (“educadora infantil”) e Aretuza (alfabetizadora de adultos), Lúcio (professor de informática com o crachá “fessor Lu, o ‘cara’”). Alguns jovens que haviam saído do projeto Esperança de Vida no final de 2003 e início de 2004 também estavam no “teatro”, além de outros funcionários do Centro e da Faetec. O “teatro” ficou lotado, havia umas cinqüenta pessoas.

Começaram então as apresentações: primeiro, a leitura do “diploma” que fizeram para Dona Anastácia; em seguida, a apresentação da peça e canto da música “Sal da Terra”, com Rogério ao violão.

“Anda, quero te dizer nenhum segredo
 Falo nesse chão da nossa casa
 Vem que tá na hora de arrumar
 Tempo, quero viver mais duzentos anos
 Quero não ferir meu semelhante
 Nem por isso quero me ferir
 Vamos precisar de todo mundo
 Pra banir do mundo a opressão
 Para construir a vida nova
 Vamos precisar de muito amor
 A felicidade mora ao lado
 E quem não é tolo pode ver
 A paz na Terra, amor
 O pé na Terra
 A paz na Terra, amor
 O sal da terra
 És o mais bonito dos planetas
 Tão te maltratando por dinheiro
 Tu que és a nave nossa irmã
 Canta, leva tua vida em harmonia
 E nos alimenta com teus frutos
 Tu és do homem a maçã
 Vamos precisar de todo mundo
 Um mais um é sempre mais que dois
 Pra melhor juntar as nossas forças
 É só repartir melhor o pão
 Recriar o paraíso agora
 Para merecer quem vem depois
 Deixa nascer o amor, deixa fluir o amor
 Deixa crescer o amor, deixa viver o amor
 (O Sal da Terra)” (Música O Sal da Terra de Beto Guedes e Ronaldo Bastos)

A música e a peça teatral apresentada por doze jovens do projeto Esperança de Vida, foram escolhidas por Fabíola “porque essa é a história da vida da Dona Anastácia”, segundo ela me disse. A história dramatizada era mais ou menos a seguinte: Passa-se em

Saquarema¹³⁶, num passeio com os “promotores”, como muitas vezes são denominados os jovens do Projeto Esperança de Vida. Numa manhã, os “promotores” viram Dona Anastácia jogando uma por uma de volta, as estrelas do mar, no oceano. Então, os “promotores” ficaram falando: “O que será que ela está fazendo? Está maluca?”. Um deles foi até Dona Anastácia e perguntou o que era aquilo, o que ela estava fazendo, já que ela nunca conseguiria jogar de volta no mar todas as estrelas, porque são muitas. Aquilo que ela estava fazendo não mudaria nada, não adiantaria nada. Dona Anastácia, representada por uma jovem do Projeto, jogando mais uma estrela de volta ao mar, disse: “Olha! Para aquela estrela ali, faz diferença”. O promotor saiu, contou aos outros e foram dormir. No outro dia de manhã, vendo Dona Anastácia atirar estrelas no mar, os promotores foram ajudá-la (Fim).

Ao final da peça, num clima de grande emoção, Dona Anastácia e a menina que a representou se abraçaram e choraram.

Por intermédio da peça representada é possível perceber que Fabíola, Rogério e mesmo os jovens buscaram exaltar Dona Anastácia como uma ‘salvadora’, se não de todos, de alguns jovens (representados pelas estrelas do mar), para os quais participar do Projeto vem contribuindo para mudar seu ‘destino’. Ainda, mediante seu exemplo outras pessoas se juntam nesse trabalho, como a própria Fabíola, Rogério e demais trabalhadores do Centro Comunitário que estavam ali. Na música, esta mensagem fica evidente nas seguintes frases: “Pra banir do mundo a opressão / Para construir a vida nova [...] Vamos precisar de todo mundo / Um mais um é sempre mais que dois / Pra melhor juntar as nossas forças”. Pode-se compreender que esta é a percepção de muitos trabalhadores que estão inseridos nesse trabalho: que se cada um fizer um pouquinho, ser solidário com o outro, as coisas irão melhorar – lema bastante comum entre os voluntários.

Depois, ainda com Rogério ao violão, cantaram a música Soberano, da Igreja Batista. Quando Fabíola anunciou a música, ela disse que era uma canção que Dona Anastácia “gosta muito”. Depois, ocorreu uma apresentação da dança de quatro alunas do professor Roger. Em seguida, Fabíola levantou-se e disse que os meninos pediram para cantar a música “Celebrai” e todos os garotos, juntamente com as crianças que estavam assistindo, cantaram a música evangélica. Ao final, trouxeram bolo e refrigerantes, que foram servidos a todos que estavam ali.

¹³⁶ Saquarema é um município litorâneo do Estado do Rio de Janeiro. Dona Anastácia manteve uma casa alugada por mais de um ano nesse local, para onde levava muitas vezes esses jovens.

Depois da festa, arrumamos todo o “teatro”, varremos o chão, colocamos as cadeiras no lugar e, em seguida, teve início a oficina de dramatização dos jovens, com um professor de teatro, da qual participam apenas os jovens que “desejam”.

Então, Fabíola veio comentar comigo que no final da tarde haveria uma festa no “Abrigo”, em comemoração ao aniversário de Dona Anastácia, “com vários comes e bebes” e que os jovens do Projeto não foram convidados e estavam reclamando para o Velasco. Contou-me, ainda, Fabíola, que este foi falar com Delma, que por sua vez, esbravejou que não queria que os meninos fossem, porque “eles não deram dinheiro” para a festa. Velasco deu a ela uma quantia em dinheiro e disse para os jovens irem à festa porque “eles são tudo para Dona Anastácia, ela gosta é de estar no meio deles”. Combinamos de ir à festa também, mesmo sem sermos convidadas. Segundo Celso, embora não tivesse um convite formal nem informal, “todos foram convidados” para a festa no “Abrigo”.

Em torno das 17 horas, Rogério desceu para o saguão e disse que iria para a festa no Abrigo. Fabíola, Eduarda e eu dissemos que iríamos, a pé, junto com ele. Chamamos Celso para ir conosco, ele disse que não, pois iria de carro com Dona Anastácia, Delma e outras pessoas. Velasco também estava indo, levando com ele alguns jovens do Projeto Esperança de Vida. Eduarda queria ir com eles, segui-los, pois estava com medo de passar por alguns lugares no morro, mas eles não a esperaram. Eu falei para irmos pela “quadra” do CIEP, pois era o caminho mais curto. Fabíola e Eduarda ficaram com muito medo e queriam dar a volta por todo o Parque, pelo lado de fora do morro. Insisti para irmos pela quadra, por onde eu rotineiramente entrava e saía do local. Fabíola disse que queria ir com os jovens e que “não é por medo, a Eduarda sim, mas é que os meninos são a nossa carta branca para entrar na festa”, por isso deveríamos chegar junto com eles. Disse a ela, então, que o Rogério era “nossa carta branca”, porque ele era “professor” e “foi convidado”.

Fomos pela quadra. Chegamos ao “Abrigo” e lá estavam alguns jovens do Projeto, o pessoal que trabalha lá, como duas netas e um neto de Dona Anastácia, Valéria e outras pessoas, a maioria mulheres. Entramos no “Abrigo” e fomos para uma sala grande, que serve de sala de aula e, às vezes, de sala de reunião, bem no centro da casa. Esta sala estava toda enfeitada com bolas coloridas, as cadeiras estavam enfileiradas beirando as paredes. Havia duas mesas, uma próxima à janela e outra próxima à porta que dá para a cozinha; nessas mesas foram dispostos salgadinhos diversos e um grande bolo de aniversário, escrito em fios de ovos “Dona Anastácia”; havia, ainda, copos, pratos e guardanapos. Este bolo foi trazido por Velasco, pouco depois que chegamos. Ele e os jovens – que trocaram as camisetas por camisas pólo, colocaram perfume - trouxeram ainda uma grande torta fria salgada (feita pela

professora da Faetec, do curso de padaria) e dois pastelões de frango, que depois foram cortados e servidos aos presentes. Os salgadinhos foram feitos pela cozinheira do “Abrigo” e os canapés por Viti, que tem curso de garçom.

Trouxeram, ainda, a faixa em homenagem a Dona Anastácia, que estava no fundo do palco mais cedo, durante a apresentação dos jovens, no Centro Comunitário. A faixa branca tinha escrito na parte de cima, em letras azuis contornadas de vermelho, “Feliz Aniversário!”; no meio, em grandes letras pretas, “Dona Anastácia”; e, abaixo, em azul, “Homenagem e o carinho dos filhos, funcionários do Ceaca e amigos”; ainda, ao lado da mensagem, havia a pintura de cinco corações vermelhos. No “Abrigo”, eu e Rogério colocamos a faixa na parede, presa entre duas janelas. Trouxeram também um pequeno aparelho de som, do qual os jovens tomaram conta; havia também uma câmera, com a qual a festa foi filmada.

Muriel disse que trouxe para o “Abrigo” o teclado de Paulinho, depois, em certo momento, ela disse que estava muito braba por ele não ter vindo.

Muriel se encarregou de organizar a festa. Foi ela quem comprou os presentes oferecidos a Dona Anastácia e um cartão, com o dinheiro arrecadado entre os funcionários do Centro, que contribuíram com três reais cada um. Depois da festa, eu lhe entreguei três reais.

Enquanto Dona Anastácia não chegava, as pessoas ficaram conversando em seus grupos, como: os funcionários do Centro; as funcionárias do “Abrigo”; as cozinheiras; os trabalhadores da Faetec; os jovens, juntamente com Rogério, Fabíola e Eduarda, ficaram sentados próximos das janelas e os meninos ficaram em volta delas, tentando chamar a atenção de Eduarda. Sirlândia, coordenadora do Projeto Esperança de Vida, aproximou-se e disse que um dos jovens “está com ódio de mim”, “quer me matar”, e por isso não havia participado da festa. Em certo momento, ela virou-se para Rogério e perguntou: “O que o Celso está fazendo aqui hoje? Hoje não é o dia dele! De manhã ele diz que não pode por causa da faculdade, eu até tenho que levar os meninos no NA porque ele não pode! [...] E hoje, o que ele está fazendo aqui?”. Rogério levantou os ombros com certo desdém e falou: “Não sei”. Sirlândia, então, levantou-se e disse: “Eu vou falar com ele, vou perguntar”, e saiu. Não acompanhei o desenrolar do desentendimento.

De vez em quando alguém perguntava se Dona Anastácia iria vir. Outro dizia que Élide tinha ido buscá-la. Pouco depois, quando já estava escurecendo e praticamente todos que iriam participar da festa estavam presentes, alguém veio e anunciou a chegada de Dona Anastácia. Imediatamente, as luzes foram apagadas, fecharam a porta que dá acesso a esta sala pela frente da casa e pediram para fazer silêncio. Quando a porta foi aberta, Dona Anastácia vinha de braço dado com um dos jovens do Projeto e, atrás, vinha Delma, Celso, Élide e

outras pessoas. As que estavam na sala começaram a cantar a música “Parabéns a você”, acenderam as velas do bolo, que soltavam faíscas. Todos pareciam estar muito felizes, Dona Anastácia ficou bastante emocionada. O jovem a levou até a frente do bolo, ficando praticamente de costas para todas as pessoas que estavam ali – nesse momento sua imagem me lembra uma velhinha sendo carregada e não aquela mulher que joga de volta as estrelas no mar, como na encenação realizada horas antes. Após os parabéns, as luzes foram acesas e Dona Anastácia sentou-se em uma cadeira. As pessoas começaram a comer. Tudo o que aparecia terminava rapidamente. Em certo momento, fui até uma das mesas, peguei um canapé e quando voltava para a cadeira em que eu estava sentada disse para Fiona, Magra e a outra cozinheira do Centro que fossem lá pegar algo para comer em cima da mesa. Fiona então me disse: “Hoje a gente também é celebridade, vai chegar aqui também, segunda até a gente pode voltar a não ser, mas hoje a gente é celebridade”. Sentei-me ao seu lado. Pouco depois, percebendo talvez que não iria chegar ali, ela se levantou e foi até à mesa buscar canapés para ela e para as outras. Passado algum tempo, elas foram se sentar à uma mesa, no pátio, próxima à cozinha do Abrigo.

Após os salgados, Valéria partiu o bolo e este foi servido. Logo depois, Valéria e outras funcionárias do “Abrigo” foram embora, mas as outras pessoas continuaram.

Havia em torno de 50 pessoas presentes na festa do “Abrigo”, como diversos “educadores” e outros funcionários do Centro Comunitário e do “Abrigo”, alguns professores da Faetec, os jovens do Projeto Esperança de Vida. Participaram, ainda, diversos netos e netas de Dona Anastácia e suas noras, seus filhos, com exceção do mais velho, e suas filhas Élide e Eliana. Elena não foi porque tinha que trabalhar naquele horário, mas no dia seguinte, segundo Delma, haveria uma feijoada em sua casa, em comemoração ao aniversário de Dona Anastácia.

Depois, quando estava mais vazio, fui para o pátio, perto da mesa em que estavam as funcionárias da cozinha, conversando, e uma das noras de Dona Anastácia com seu filho. Celso conversava com a esposa de Velasco, e terminada a conversa passou a abraçar duas moças que estavam trabalhando na cozinha. Diversos comentários surgiram, que iriam tirar uma foto dele abraçando as moças e enviar para sua esposa. Celso comentou que uma das moças, filha da cozinheira, também fazia aniversário naquele dia. Muriel disse que poderiam ter cantado parabéns para ela também, mas que “não ficou chato” porque à tarde, quando Muriel estava arrumando os preparativos para a festa, e Viti, os canapés, eles compraram um bolinho e cantaram parabéns para ela.

Restou uma grande quantidade de bolo e diversos salgadinhos - que foram fritos e guardados pela responsável pelas refeições no “Abrigo” para servi-los no café da manhã que aconteceria no dia seguinte, com o grupo “do rearmamento moral”. Ainda, diversas pessoas levaram pedaços de bolo salgado e de bolo doce para casa. Élide, filha de Dona Anastácia, separou uma porção para seu filho, que havia ficado em casa e deveria estar com fome, assim “ele vai ficar muito feliz com isso”, disse Élide. Perguntei a ela porque ele não veio, Élide respondeu-me: “ele foi malhar, é um palito de seco, agora quer botar corpo e disse que vai tomar bomba”. Quando ela foi embora, pediu à esposa do Velasco para levar e entregar os bolos ao seu filho.

Depois, algumas pessoas que estavam ali fora, como Delma, Fiona, Magra, Muriel, Celso, entre outros, comentaram que os jovens do Projeto Esperança de Vida “nunca devem ter visto tanta comida na vida, liberada”, e que escutou um deles dizer que a festa estava “regada”. Comentaram, ainda, que ficaram “surpresos deles terem ido embora sem o bolo terminado, porque geralmente eles ficam até o fim”. Outra pessoa disse que eles foram embora antes “porque eles comeram muito, nunca tinham visto tanta coisa na vida, e liberada, para eles comerem”.

Dona Anastácia foi levada embora por Velasco. Quando ela estava se despedindo, nos disse que gostaria de ficar mais tempo, mas “estão me mandando embora”. Convidou, então, a todos que estavam ali para o café da manhã, no dia seguinte com “o pessoal do rearmamento moral”, ligado à Igreja Batista.¹³⁷

Nesse momento chegou Reinaldo, professor de futebol do Projeto MEL. Muriel serviu um pedaço de bolo para ele, que se sentou onde estávamos e justificou-se por não ter podido vir antes porque sua esposa havia chegado em casa somente naquele momento, pois ela esqueceu o pedido que ele havia lhe feito de chegar mais cedo em casa (ela trabalha no Hospital do Andaraí), para ficar tomando conta de seu filho e ele poder ir à festa. Disse, ainda, que, antes de sair, serviu a janta a seu filho e o pôs para dormir porque “o garoto estava cansado”. Aqui, ele e Delma comentaram sobre um almoço que iria acontecer na semana seguinte, com um candidato a vereador, que iria apresentar sua plataforma de atuação política, visto que o pessoal do MEL queria que eles votassem nesse candidato. Este almoço, então, seria para eles começarem a “negociar” o voto neste vereador, porque “não vamos apoiar sem

¹³⁷ No site do Centro Comunitário encontra-se, entre os seus “parceiros”, a Associação Brasileira para o Rearmamento Moral, com sede em Petrópolis. Durante meu trabalho de campo, os jovens do projeto Esperança de Vida participaram de diversos passeios a um sítio, em Petrópolis, pertencente ao grupo do “rearmamento moral”, uma “ONG internacional”, como comentou certa vez Dona Anastácia. A este grupo pertence um casal idoso, Seu João e a Dona Joana, que ministram aulas de inglês para os jovens do projeto – ambos são americanos.

levar nada em troca”. Disseram que iriam propor ao candidato a vereador que ele consiga “reformar a quadra e o banheiro da quadra para que possa ser usado, e coloque um vigia pago para tomar conta”.

Decorrido algum tempo, fomos embora. Eu, Delma e Celso fomos caminhando pela Avenida Visconde de Santa Isabel. Iríamos até em frente ao *shopping* Iguatemi, a alguns quarteirões dali, pegar nosso ônibus. No caminho, Delma comentou sobre o almoço com o vereador, que isso “vai dar a maior confusão, porque ele não é o vereador ali. Que que o MEL tinha que inventar isso!, exclamou”. Disse ainda: “porque meu cargo é político, vou fazer campanha para ele se disserem que tem que fazer, mas não vou votar nele, esse cara é da zona oeste, ele não tinha nada que fazer aqui”, desabafou. Celso, então, comentou: “imagina o que ele não aprontou lá na zona oeste!?” . Delma disse que os candidatos locais são o Pedro Cardoso, que tem a Associação apóia, e o Lúcio Herbert; dessa maneira “quero ver como o fulano vai entrar no morro, se a Associação é comandada pelo tráfico”, disse Delma. Comentou, ainda, que Dona Anastácia “não tem esse poder, ela não pode fazer nada, porque o tráfico não mexe com ela, porque ela não mexe com eles. Agora, quando começar a atrapalhar... Ela já foi presidente da Associação, ela sabe como as coisas são, ela foi esperta, pela experiência, pela vivência dela. Quando começou a apertar o tráfico ali, ela montou a creche para ela e foi crescendo. Se o tráfico não deixar [o candidato] entrar, ela não vai se indispor com eles, não vai apoiar o fulano e isso que eu quero ver como vai acontecer”.

Quando passamos em frente a um bar, quase na esquina da Praça Barão de Drummond, Muriel e Élide tomavam cerveja, sentadas em uma mesa na calçada. Nos juntamos a elas e ficamos conversando sobre diversos assuntos, como a festa, política, sobre o projeto dos jovens, contas a pagar e empregos. Fui embora já eram mais de 23 horas.

Por intermédio das comemorações do aniversário de Dona Anastácia é possível perceber como há uma distinção entre as pessoas que devem ocupar o Centro Comunitário e o “Abrigo”, e aquelas que não devem. Essas diferenças correspondem às (di)visões dos espaços ocupados pela entidade: o morro para a “comunidade”, ou parte dela, e o “Abrigo”, na “rua”, para os “visitantes” e “todos aqueles que estiverem passando e quiserem participar”, mas que “não vão ao morro” devido, entre outros motivos, aos tiroteios.

Além disso, foram ressaltadas tensões cotidianas que, às vezes, ficam subsumidas na rotina devido à própria necessidade de continuidade das atividades.

Nesses espaços se entrecruzam pertencimentos religiosos e negociações políticas. Estas últimas têm espaço pelas características dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da entidade: “os projetos sociais”. Nesse sentido, as negociações visam à entrada num circuito de

trocas, no qual abrem possibilidades de captação de recursos tanto para a instituição, por intermédio do alargamento de sua rede de relações sociais que permitem vislumbrar recursos financeiros e apoio às suas atividades, e para os políticos, como adesão à sua candidatura. No sentido de adesão à candidatura de algum político é que muitos trabalhadores do Centro Comunitário passaram a utilizar camisetas com os nomes de candidatos no período eleitoral, em 2004, numa “declaração pública antecipada do voto”.

Cabe salientar que o ano de 2004 foi um ano eleitoral. Nesse sentido, estas negociações específicas, como receber candidatos na entidade, inscrevem-se no “tempo da política”, no qual está em jogo “a tentativa de acesso a certos cargos de mando, quanto o peso relativo de diferentes partes da sociedade, o que é decisivo para a ordenação das relações sociais durante um certo período de tempo” (Palmeira, 1992:27). Retomarei, no próximo capítulo, as relações entre os trabalhadores e freqüentadores do Centro Comunitário e os políticos.

Capítulo 4. Centro Comunitário e sociabilidade: projetos sociais, religião, política, amizade e rituais

Introdução

No capítulo anterior apresentei a estrutura física do Centro Comunitário Maria Isabel, bem como a sua inserção no rol de entidades denominadas de “assistência social”. Ainda, mediante parte da trajetória da presidente do Centro Comunitário, Dona Anastácia, procurei compreender a construção e manutenção de sua liderança e a distinção entre o Centro e a Associações de Moradores.

Neste capítulo, buscando dar continuidade à análise da entidade como parte da organização social local, indico algumas relações sociais estabelecidas no Centro Comunitário e apresento alguns de seus trabalhadores e funcionários.¹³⁸ Para tal, utilizo como recurso imagético a descrição de um dia, que condensa muitos fatos recorrentes em outros.

O almoço cotidiano é outro fato revelador das relações sociais existentes nesse espaço. Visto como uma demonstração de poder e de prestígio, para o qual a presidente da entidade seleciona e autoriza quem almoça, ou não, no Centro, a partir daí surgem tensões decorrentes de quem paga o almoço e de quem não paga; quem são as pessoas convidadas para o almoço, entre outras.

Um aspecto importante para a discussão é a relação entre o Centro Comunitário e a religião. Segundo a dirigente, o Centro não tem afiliação religiosa, mas os freqüentadores e os visitantes são na grande maioria evangélicos e há cultos dentro do Centro Comunitário. Abordo o pertencimento de muitos dos trabalhadores a religiões evangélicas, de distintas denominações, assim como o pertencimento da presidente da entidade à Igreja Batista.

Os políticos fazem parte da rede de relações sociais tomadas a partir do Centro Comunitário. Quando os moradores fazem referências do tipo “no tempo do...”, é possível perceber as relações estabelecidas entre os trabalhadores e os “usuários” do Centro Comunitário e os poderes públicos, seus representantes e os políticos que são os seus

¹³⁸ Utilizo os dois termos, pois considero os funcionários como aquelas pessoas que possuem sua carteira de trabalho assinada pelo Centro ou recebem pela entidade e os trabalhadores são aqueles que atuam no Centro Comunitário, mas recebem por outras instituições.

mandatários. A percepção do tempo, assim como de fatos e das melhorias ocorridas no local, é, muitas vezes, feita através de menções aos políticos, principalmente a Carlos Lacerda, Brizola e César Maia - este último associado ao Programa Favela-Bairro.

Por fim, realizo a descrição e a análise de algumas festas realizadas no espaço do Centro Comunitário.

Por intermédio desses aspectos quero apresentar as redes de relações sociais criadas a partir do Centro Comunitário, bem como analisar as dinâmicas internas e externas que compõem a sua organização.

1. Um dia no centro: as redes e os dias

Como recurso imagético para ajudar a visualizar e compreender como se orquestra o que eu venho apontando até o momento sobre a organização do Centro Comunitário e as relações sociais estabelecidas nesse espaço, descrevo, neste momento, um dia na entidade, escolhido entre inúmeros outros semelhantes. No decorrer da descrição do dia, apresentarei alguns trabalhadores do Centro Comunitário.

No dia 15 de dezembro de 2003, cheguei ao morro por volta das nove horas da manhã. Quando me dirigia ao Centro Comunitário, havia um jovem segurando uma pistola, sentado em uma cadeira, na calçada do “shopping”. Havia pouco movimento na rua, as barraquinhas que ficam na entrada estavam sendo montadas. Na calçada, próximo ao portão do Parque, havia muito lixo empilhado.

Cheguei ao Centro, os jovens do projeto Esperança de Vida estavam tomando café e, quase todos, vestiam camisetas azuis com a inscrição do projeto.¹³⁹ Celso estava sentado na bancada, esperando para iniciar sua atividade com os jovens. Celso é ‘negro’, tem 39 anos, mora em São Gonçalo. Casado, tem uma filha. Ex-usuário de drogas é “consultor de dependência química” no projeto social Esperança de Vida, no âmbito do Favela-Bairro. Em certa ocasião, disse que começou a atuar no Centro Comunitário como estagiário no projeto de violência doméstica e, nessa época, o Esperança de Vida também estava iniciando e “eu me prontifiquei a ajudar, já que era a minha área”, mas lhe disseram que a equipe estava fechada; algum tempo depois, a pessoa que seria o coordenador “não se identificou” e o

¹³⁹ Abordarei o Projeto Esperança de Vida no próximo capítulo.

chamaram para o Projeto Esperança de Vida, quando escolheu atuar nele, saindo do outro projeto. Celso está há dois anos no Centro Comunitário.

No saguão do Centro, conversei com dois jovens, André e Adorinan, sobre o que iríamos estudar nesse dia. Adoniran estava sem mover o braço direito, reclamando de dor no ombro.

Depois fui até à secretaria. Estavam lá Andréia, Delma e Dona Anastácia. Disse a Dona Anastácia que tinha vindo para dar aula de História para os meninos, ela respondeu “que bom”, e pedi a ela uma sala.

Andréia, 28 anos, é educadora infantil no Centro Comunitário, tem duas filhas, casada com Viti, em torno dos 35 anos, professor de *silk-screen* para adolescentes no Centro e Coordenador do Centro Comunitário Liberdade, em outro lado do morro. Ambos são ‘brancos’, moram no morro, ele desde que nasceu, ela veio quando pequena. Ela é evangélica.

Delma, ‘parda’, segundo o senso comum, tem em torno dos 45 anos, mora na Tijuca. Ocupa um “cargo político” no Centro Comunitário, coordenando o MEL (Movimento Esporte e Lazer) – projeto social da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, que atende a crianças e adolescentes.

Enquanto eu esperava por uma sala, para dar início às atividades com os jovens, fiquei no saguão, próximo a eles. Celso, que também estava ali, contou-me que iria realizar com eles um trabalho chamado “a caixa de oportunidades”, aproveitando o final de ano e o fato de que alguns jovens sairiam do projeto. Comentou ainda que, numa atividade anterior, havia “trabalhado” o tema das festas de final de ano e das férias, salientando que os jovens devem programar, planejar o que farão nas férias.

Pouco depois, outros dois jovens, Bianco e Jean, vieram me pedir suas fotografias, que eu havia tirando dias antes. Disse-lhes que eu havia trazido num outro dia, mas não os encontrei e, naquela ocasião, quando fui guardar as fotos para entregar-lhes posteriormente, não as encontrei mais e não sabia o que tinha acontecido. Pensava, inclusive, que eles já haviam recebido as fotografias, mas como não isto ocorreu, eu iria fazê-las novamente e lhes entregaria.

Ainda no saguão, percebi um garoto que eu nunca tinha visto antes. Perguntei a ele seu nome; Valério, respondeu-me, completando que “faz um mês que eu estou no projeto”.

Então, Celso disse aos jovens que Dona Anastácia queria conversar com todos eles. Subiram para a biblioteca – abordarei mais detalhadamente esta conversa no capítulo seguinte. Depois da conversa em torno da reprovação pela ausência dos jovens em um evento no Banco do Brasil, eles foram para suas atividades. A maioria ficou com Celso na biblioteca

e três deles foram para a minha atividade: aula de História. Enquanto descíamos a escada, um disse que não iria fazer a prova do supletivo, mas que era “ruim em História”, por isso iria junto. Fomos para a sala de reuniões, no primeiro piso.

Quando chegamos à sala, Dona Anastácia estava conversando com uma mulher, que lhe disse ter vindo fazer as inscrições para os cursos gratuitos da Faetec, que teriam início em breve, mas o responsável não havia chegado ainda.

Realizamos a atividade e depois que terminamos eu disse para eles irem para a atividade do Celso, na biblioteca, e fui até à secretaria devolver o material; um dos jovens também foi. Delma e Andréia estavam lá. Delma perguntou como foi a atividade, pois ela já havia realizado exercícios para essa prova com eles. Respondi que correu tudo bem. Ela me pediu para ver as perguntas que eu havia feito a eles, para ver se eram diferentes daquelas que ela já havia feito. Eu afirmei a ela que eram diferentes e que dessa maneira eles iriam gravar a matéria, pois respondendo a mesma coisa para questões diferentes eles passariam a entender. “Difícil!”, exclamou Delma.

Pedi a ela o restante do material das aulas de História. Delma, com o rosto fechado, sério, como sempre, como quem não está gostando, disse-me: “nem sei aonde está e nem vou procurar”. Depois foi se acalmando e me explicou: “o pessoal da Faetec pegou a minha sala, tiraram tudo do lugar, nem sei onde estão as apostilas, depois vou lá ver”.

Muriel, que nesse período era secretária do Centro Comunitário e, posteriormente secretária da Faetec, chegou por volta das onze horas da manhã, vestindo calça jeans e camisa preta, com uma expressão de tristeza. Sentou-se em sua mesa, levantou-se novamente e disse-me:

“- Fernanda, sabe que a Dona Argélia [participante do grupo de idosos] faleceu?
 - Como?, perguntei. Ela parecia tão bem!, exclamei.
 - Pois é! Ela era minha vizinha, respondeu Muriel.
 - É mesmo?!, exclamei, surpresa.
 - É, vó assim de cuidar de mim, cresci junto com ela, respondeu Muriel”.

Muriel sentou-se mais uma vez, pegou o telefone e ligou para Silvana - assistente social da Prefeitura, que desenvolve trabalho junto aos idosos, distribuindo-lhes o tíquete alimentação no Centro Comunitário - e lhe contou o acontecido, comentando que sua mãe lhe disse que Dona Argélia estava com câncer. Muriel disse, ainda, que estava “chocada”, pois somente nesse momento ficou sabendo da doença de Dona Argélia, e contou a Silvana que:

“fui ao hospital visitá-la, depois ela foi para casa, mas não reagiu, não queria comer e domingo passou mal, foi levada para o hospital, mas não resistiu, ficou”. Avisou-lhe, também, sobre o enterro, que seria à tarde, no Cemitério do Caju, ao qual gostaria de estar presente, acompanhando sua mãe. E, por fim, comentou que não estava conseguindo encontrar Soraia, para avisá-la. Soraia, é ‘negra’, tem em torno dos 35 anos, mora em São Gonçalo, trabalha no Centro Comunitário como “dinamizadora do grupo de idosas”, e ainda trabalha na Prefeitura, na Delegacia do Idoso. Há dez anos trabalha em “comunidades”. Seu trabalho no Centro era, em 2003, como “professora terceirizada da Prefeitura”; em 2004, passou a receber também pela Faetec, desenvolvendo um trabalho de alfabetização de adultos, principalmente, da terceira idade. Na época da pesquisa estava namorando um policial militar.

Depois que Muriel desligou o telefone, eu disse que Soraia estava por ali, Muriel foi procurá-la.

Muriel, ‘negra’, tem em torno de 35 anos, tem dois filhos gêmeos, é casada com um policial militar, que é irmão de um agente do Desipe, que, por sua vez, namora Élide, filha de Dona Anastácia. Todos, exceto Élide, moram no morro, próximos ao Túnel Noel Rosa. Quando eu iniciei a etnografia no Centro Comunitário, Muriel era secretária da entidade; no ano seguinte, 2004, passou a ser secretária da Faetec e, posteriormente, ocupou a função de coordenadora do Programa Agente Jovem¹⁴⁰. Numa outra ocasião, conversando com ela na secretaria, perguntei de que maneira veio trabalhar na entidade. Muriel contou-me que conhece Élide e Velasco - ambos filhos de Dona Anastácia - “da época do colégio, conheço a família há muito tempo”.

Narrou-me que, antes de trabalhar no Centro Comunitário, trabalhou quatro anos na Casa de Crianças Surdas e Mudas - localizada próxima à entrada do morro -, mas “a Prefeitura começou a não pagar o salário, ficava até três meses sem receber e decidi sair; primeiro pedi uma licença e depois saí definitivamente. Depois que eu saí é que as coisas começaram a melhorar lá, começaram a pagar bem e em dia, eu tentei voltar, mas não

¹⁴⁰ O Programa Agente Jovem é um programa do Governo Federal com “convênio” com as Prefeituras Municipais. Segundo o site da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: “O programa é voltado para jovens com idades entre 15 e 17 anos visando desenvolver e estimular o protagonismo juvenil nas comunidades carentes onde residem. Por meio de ações e intervenções comunitárias, objetiva ampliar as expectativas dos beneficiários quanto ao seu futuro, bem como garantir o ingresso e/ou reingresso deles no sistema de ensino. Em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro desde 1996, o programa beneficia 3.300 jovens que atuam no combate à exclusão social em todo o município. Eles são selecionados e treinados para que sejam agentes multiplicadores de informação e para que passem seus conhecimentos sobre saúde, meio ambiente, educação e cultura aos vizinhos, amigos e familiares. Durante os 12 meses que ficam vinculados ao programa, os jovens recebem uma bolsa-auxílio mensal. Os que não estiverem estudando são matriculados na rede de ensino. Para continuar atuando como Agente o jovem deverá comprovar freqüência e bom aproveitamento escolar”. (<http://www.rio.rj.gov.br/smias/>).

consegui, aí já havia pedido demissão”. Após ter passado quatro anos sem trabalhar, pois não conseguia nada, Élide a convidou para trabalhar no Centro Comunitário, alertando-a: “mas é trabalhar com a minha mãe”. Muriel, então, disse-me que Dona Anastácia “não é má pessoa”, mas “tem que saber lidar com ela, que quando ela está quieta, nem falo com ela, aprendi a ver”. Muriel ainda falou-me que há dias em que diz a Dona Anastácia: “tenho vontade de sair correndo daqui”, ao que Dona Anastácia lhe responde: “então sai, pode sair correndo”. Dona Anastácia é “uma pessoa difícil”, comentou.

Élide tem torno dos 40 anos, tem três filhos, é separada. Ela é uma das filhas do meio de Dona Anastácia, mora na mesma rua e na mesma vila que a mãe, no bairro de Vila Isabel. Namora Leal, 47 anos, cunhado de Muriel, agente do Desipe. É funcionária da Prefeitura; em 2003, era coordenadora do Projeto Esperança de Vida, no Centro Comunitário, tendo se afastado no final do ano devido ao cargo comissionado que assumiu em 2004, como coordenadora de um Cemasi¹⁴¹.

Velasco, 36 anos, é casado, tem um casal de filhos, controla os gastos do Centro Comunitário. Ele e sua esposa são os únicos, segundo Dona Anastácia, que freqüentam a Igreja Batista, como ela. Segundo um rapaz que conheci, Velasco foi Conselheiro Tutelar e também mora na mesma rua que Dona Anastácia.

Na secretaria, em algum momento, Andréia estava mexendo em três sacolas plásticas, postadas ao lado do computador. Depois, um trabalhador do Centro, perguntou o que era aquilo, Andréia respondeu que eram chaveiros – de metal, com o logotipo da entidade, em formas variadas – e que ela já havia “mexido” para ver como eram.

Pouco depois, chegou uma mulher, jovem, com os filhos gêmeos de Muriel. Soube, depois, que era sua concunhada, casada com um irmão do marido de Muriel. Este cunhado de Muriel é professor de capoeira no outro Centro Comunitário do morro. A concunhada de Muriel, Geíza, tem em torno dos 30 anos. Nesse dia, ela veio ao Centro para fazer sua inscrição em um dos cursos da Faetec. Andréia disse que o pessoal da Faetec avisou que não estariam fazendo as inscrições ainda, estas seriam feitas “a partir de amanhã lá na [avenida] Visconde, no Abrigo, porque é pro pessoal da rua se inscrever também”.

“- Como assim?!, indagou, rapidamente, Dona Anastácia.
 - Eles vieram avisar agora, respondeu Andréia.

¹⁴¹ O Cemasi (Centro Municipal de Assistência Social Integrada), conforme Gurgel – coordenador da 2.2. CRSMDS (Coordenadoria Regional da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social) – é um núcleo onde acontecem todas as atividades vinculadas à Prefeitura, para que não fiquem dispersas. É administrado pela Prefeitura, num prédio da Prefeitura. No morro dos Macacos não há Cemasi, pois o Centro Comunitário desenvolve as atividades que são realizadas naqueles.

- Já estou de saco cheio desse pessoal da Faetec, resmungou Delma.
- Daqui a pouco não vai ter mais curso, mais inscrição, nem nada!, exclamou, braba, Dona Anastácia.
- Nem pro pessoal da rua, nem daqui, completou Andréia”.

Depois dessas falas, eu, Andréia e Delma dissemos para Geíza ir até à sala da Faetec ver qual seria o horário das inscrições no dia seguinte.

Os gêmeos de Muriel ficaram ali, quietos, disputando o colo de sua mãe, dando beijos e abraços nela.

Delma também foi até à sala da Faetec (sua ex-sala), para procurar o material para as aulas de História e voltou dizendo: “nem deu para entrar naquela sala e ainda olharam de cara feia para mim”, esbravejou.

Muriel comentou que ontem, ela, Élide e Geíza foram arrumar a casa desta última e enquanto Geíza e Élide pintavam a casa, ela preparou comida para doze pessoas. Contou, ainda, que Geíza já havia morado anteriormente ali, mas “teve que sair” e agora voltaram. Para o almoço, arrumou a mesa com enfeites de Natal, na sua “nova varanda”, com a qual estava “muito feliz”. “Vou comprar luzinhas de natal pra enfeitar a varanda [...]. Adoro essa época do ano, enfeito toda a casa, tenho uma grande árvore de Natal e os meninos adoram, ficam olhando”, exclamou Muriel.

Andréia comentou: “não ligo muito para essas datas [...]. Não vou passar o Natal e o Ano Novo aqui, por isso não ponho nada” em casa para enfeitar. Dias depois do Natal encontrei-a no Centro Comunitário e ela me disse que havia passado as festas de final de ano na casa da sua cunhada, em Paciência¹⁴².

Depois da conversa sobre o Natal, eu, Andréia e Delma falamos sobre viagens; Andréia disse que queria saber o preço da passagem de avião para ir a São Paulo visitar uma tia que não vê há 26 anos. Comentou, ainda, que tem medo de transportes de qualquer tipo e, provavelmente, iria de ônibus.

Depois que mudamos de assunto, Andréia disse: “estou fazendo um outro filho, estou planejando e tentando há muito tempo, mas não vem”. Delma disse-lhe: “esquece isso, você já tem duas filhas, tem é que estudar, pensar em você”. Andréia, rindo, falou: “a gente faz, faz muito filho, só faz”. Alguns meses depois, Andréia comentou comigo sobre a gravidez de sua cunhada, que estava esperando um menino e ressaltou novamente seu desejo de ter um filho homem: “sou louca para ter um, mas não vem”.

¹⁴² Paciência é um bairro na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

Na secretaria, ainda, pouco depois, Mauro chegou e pediu para lhe passarem as sacolas com os chaveiros; ele separou alguns e saiu. Havia três tipos de chaveiros com o logotipo Ceaca-Vila: um no formato de uma roda, com couro atrás; outro, redondo prateado; e o outro era retangular, pequeno e prateado. Perguntei para quê eram aqueles chaveiros, me disseram que eram para os funcionários e para os participantes do MEL. Nessa mesma época, foi feito um calendário do ano seguinte, com fotografias da entidade e de seus trabalhadores – eu recebi um calendário.

Mauro, ‘negro’, tem em torno de 40 anos, é casado, mora na avenida principal do morro. Num dos ensaios da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, ele me disse que tem um “cargo político”, é um dos coordenadores do MEL, explicando: “sou tipo um assessor do Rodrigo Maia” (deputado federal, filho do Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro). Ele trabalha no Centro Comunitário com Delma, com quem tem algumas disputas. Certa vez, na secretaria da entidade, Dona Anastácia disse a Mauro: “essa briga entre você e Delma está prejudicando o Centro Comunitário, daqui a pouco vocês dois terão que sair daqui”. Mauro é, ainda, um dos diretores do Bloco Balanço do Macaco e, durante os ensaios, era ele quem recebia os políticos e outros convidados.

Muriel e Dona Anastácia comentaram que a festa de final de ano das crianças seria dia 18 [de dezembro] e no dia 19 iriam “fazer uma avaliação do Centro com todos os funcionários e depois, só depois da avaliação, uma confraternização”. Eu lhes disse que não poderia participar porque estaria viajando; ao que Dona Anastácia disse: “bom então que a festa das crianças ficou para o dia 18, assim você pode vim ver”.

Momentos depois, Viti chegou; ele estava gripado. Comentaram que ele está sem celular, o que dificulta encontrá-lo. Andréia avisou-o que uma mulher havia telefonado para ele: “ela está há dias atrás de você” e lhe entregou um bilhetinho.

Pouco depois, a concunhada da Muriel, Geíza, voltou e disse: “tinha uma fila enorme, mas consegui fazer a inscrição para o curso de manicure, das 13h10 às 17hs”, mas “terei que sair mais cedo do trabalho para conseguir fazer” o curso. Comentou ainda: “só pode fazer inscrição em um curso” da Faetec e, devido a esta restrição, “a mulher me deu o endereço e uma carta para eu fazer inscrição para o curso de enfermeira lá em Quintino¹⁴³”. “Que bom!”, exclamou Muriel. Geíza explicou-nos que “estão fazendo a inscrição sim, a partir de amanhã é que irão fazer lá na rua, para pegar o pessoal da rua”. Geíza despediu-se, justificando que a mãe de Muriel lhe recomendou levar os gêmeos para o almoço em sua casa e ela também

¹⁴³ Quintino Bocaiúva é um bairro na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro.

ficou com vontade de almoçar lá. Para isso, ficaria com as crianças, passearia na Avenida 28 de Setembro e depois iria almoçar, mas tinha que cuidar da hora porque a mãe de Muriel disse que tinha horário. Muriel, então, disse a ela “lá em sua casa tem comida, só tem que fazer mais arroz”; Geíza disse que tinha macarrão e carré na sua casa. Pouco depois, foi embora, levando os filhos de Muriel.

Em algum momento, chegou um rapaz vestindo a camiseta do Gari Comunitário, da Associação de Moradores e pediu a Muriel o nome das crianças e dos professores que iriam se apresentar no SESC-Tijuca, pois “a mulher ligou pra Associação e pediu”. Muriel foi procurar Dona Anastácia para lhe avisar. O rapaz, que tinha ido embora, voltou e pediu novamente. Dona Anastácia, que agora estava na secretaria, perguntou a ele:

“- Cadê a Alice [secretária da Associação de Moradores]?!
 - Ela está em casa, porque caiu de moto, respondeu o rapaz.
 - Quero falar com o Mércio [presidente da Associação de Moradores]. Porque a mulher não ligou aqui para o Centro?, perguntou Dona Anastácia.
 - Não sei, respondeu o rapaz”.

Dona Anastácia pediu a Muriel para telefonar para a Associação e perguntou o número ao rapaz, que respondeu “não sei de cabeça”. Muriel, com a agenda na mão, disse que tinha ali o número do “orelhão” (telefone público), mas que este havia mudado. Dona Anastácia tentou telefonar, mas o telefone estava ocupado; o rapaz disse que deveria ser a mulher ligando para a Associação em busca de uma resposta de quantas crianças iriam participar da apresentação. Dona Anastácia levantou-se, disse que iria falar com o Mércio na Associação e foi até lá.

Decorridos alguns minutos, Dona Anastácia voltou e a mulher retornou a ligação para o Centro Comunitário. Dona Anastácia disse o número de crianças que iriam se apresentar no SESC, no sábado seguinte; iriam crianças das oficinas de percussão, capoeira e teatro. Alice, a secretária da Associação de Moradores, havia entregado a lista à mulher e Dona Anastácia repassou-lhe a quantidade de crianças.

Nessa tarde, ainda, entrou na secretaria um senhor, carregando uma sacola com quadros de fotografias de crianças, dizendo: “eu quero fazer a carteirinha”. “Não é aqui, é na Associação”, respondeu imediatamente Delma; “Ah é?!” exclamou o homem; “É”, confirmou Delma. O senhor, então, saiu devagar, dizendo que trabalha ali no morro como fotógrafo, tirando fotos de crianças e a “rapaziada” disse a ele que para fazer esse trabalho e andar pelo morro tem que ter a “carteirinha”. Depois que ele saiu, perguntei a Delma quem

era a “rapaziada”; ela, indignada, disse que era o pessoal do tráfico, que eles pedem uma carteirinha para trabalhar ali.

No final da tarde, Alice – a secretária da Associação de Moradores – chegou no Centro Comunitário, mancando. Na porta, conversou algo com Mércio, que caminhava em direção ao Terreirinho. Depois que Alice entrou na secretaria, Dona Anastácia perguntou-lhe: “o que aconteceu”. Alice respondeu: “caí de moto” – ela estava com os dois joelhos com grandes escoriações, o pé esquerdo inchado, o braço direito bastante esfolado – e que estava sentindo muita dor no pé. Dona Anastácia perguntou a ela: “é pomada o que você está passando?”; “sim”, respondeu Alice. “Não é bom, tem só que limpar”, disse-lhe Dona Anastácia, que começou a procurar um remédio para passar nas escoriações de Alice. Dona Anastácia pediu a um jovem para ir chamar Magra, dizendo que ela é “auxiliar de enfermeira e trabalha no hospital do Andaraí”.

Magra é ‘negra’, mora no morro, tem em torno de 45 anos e trabalha como cozinheira no Centro Comunitário. Seu horário de trabalho na entidade é até o meio da tarde, quando vai para o hospital do Andaraí.

Dona Anastácia achou, no balcão, um vidro enorme de remédio, que, segundo ela, “serve para limpeza” e continuou a procurar outro que “serve pra secar”. Dona Anastácia deu o remédio para Alice; Magra, que já se encontrava na secretaria, vendo aquilo, disse que depois traria mais daquele remédio para o Centro Comunitário. Magra olhou as escoriações de Alice e as limpou.

Dona Anastácia perguntou a Alice como ela caiu. Esta lhe contou: “era a primeira vez que eu dirigia moto; estava em Maracaí com uns amigos, churrasco e bebida, tinha bebido e saí com a moto, a estrada era de terra...”; “Tava chapada e caiu”, exclamou Dona Anastácia. “É”, respondeu, rindo, Alice. Dona Anastácia advertiu-a: “você tem que parar com essas loucuras”. Depois disso, fui embora do Centro Comunitário.

Na descrição desse dia é possível perceber o desempenho das redes de relações sociais no âmbito do Centro Comunitário. Muitos trabalhadores e funcionários vêm atuar na entidade mediante sua inserção em uma das diversas redes que aí se entrecruzam. Sobressai das ligações entre os membros dessas redes, que permitem aos indivíduos virem a desenvolver suas atividades na entidade, quatro aspectos: pertencimentos religiosos, adesão política, amizade e parentesco, que se combinam de diferentes maneiras. Nesse espaço, essas pessoas passam a integrar uma outra rede: aquela constituída pelos trabalhadores, funcionários e freqüentadores da instituição.

Nessa nova rede há espaço para tensões e conflitos resultantes tanto do convívio cotidiano como decorrentes dos pertencimentos, adesões e visões de mundo distintas, isto é, decorrentes, principalmente, daqueles quatro elementos citados acima.

No cotidiano da entidade, um outro aspecto importante, é o almoço.

1.1. Almoçando no Centro

Um dos momentos importantes, revelador tanto do poder de Dona Anastácia como das tensões e conflitos nesse espaço é o almoço – como apontado acima, quando da descrição da comemoração de aniversário de Dona Anastácia.

Abordar uma refeição, como o almoço, interessa porque como aponta Simmel (2004: 160) “esse elemento fisiológico primitivo torna-se, exatamente por isso, o conteúdo de ações compartilhadas, permitindo assim o surgimento desse ente sociológico – a refeição [...]. O incomensurável significado sociológico da refeição está contido na possibilidade de pessoas que não partilham interesses específicos se encontrarem para uma refeição em comum”. Mas entendo que esse encontro não apenas exprime harmonia, como pode ser revelador de tensões, visto que há uma “hierarquia da refeição”.

No caso do Centro Comunitário essa hierarquia refere-se não apenas a quem é servido primeiro, mas à própria seleção de quem vai almoçar no Centro ou não, demonstrando, dessa maneira, as relações sociais entre aquelas pessoas.

O almoço é o momento, ainda, em que os trabalhadores do Centro e os “usuários”, nesse caso os jovens, conversam sobre suas vidas, interagem. Quando algumas pessoas vão visitar o Centro Comunitário, Dona Anastácia lhes oferece a refeição que tiver no dia. Para outras, solicita, com antecedência, um cardápio melhorado. Compartilham, diariamente, a refeição no Centro Comunitário os jovens do Projeto Esperança de Vida e aqueles que trabalham com eles, alguns funcionários e os garis comunitários da Associação de Moradores, sem pagar nada. Depois de certo tempo, Dona Anastácia começou a cobrar a refeição de quem não trabalha propriamente no Centro, ela disse que foi por causa de um visitante originário da Alemanha, o “alemão”. Em certa ocasião eu estava na secretaria juntamente com Muriel e Dona Anastácia. Elas comentaram sobre o “alemão”, Paulo de Berlim: “esse não é o nome dele, ele inventou esse nome pra gente entender”. Com certa indignação, falaram que ele fica dizendo que iria “dar tal e tal coisa e não dá nada” e “almoçava aqui todo dia e sempre prometendo coisas”, mas “como não deu nada”, Dona Anastácia passou a cobrar dois reais o

almoço dele - e de quem mais quisesse almoçar no Centro Comunitário e “não tivesse direito”, isto é, que não fosse as crianças, os jovens e os funcionários.

A cobrança, como apontei acima, de dois reais pela refeição é simbólica, pois não paga os gastos com a alimentação, mas distingue as pessoas. É servido, na maioria das vezes, arroz, feijão, salada e uma “mistura” [uma carne]. Esta refeição é, conforme Maciel (2004: 31), a “comida básica do brasileiro”, para além das “diferenciações regionais, de classe social ou de origem étnica, [esta é] uma combinação alimentar que marca o cotidiano”.¹⁴⁴

Além disso, com a passagem da cozinha para o último andar, devido à instalação da Faetec, foram instituídas fichas coloridas para cada “tipo” de pessoa que ali almoça: laranja, verde, roxa.

Certo dia, uma equipe de arquitetos estava medindo o Centro Comunitário e comentando onde poderiam fazer tal e tal coisa. As medições eram para a obra que visava à instalação da Faetec na entidade. No horário do almoço, Muriel arrumou a sala de reuniões para eles almoçarem. Levou pratos, talheres e copos e a comida em travessas, para que eles mesmos se servissem. Numa mesa no saguão, almoçavam Delma, Soraia, Viti e os jovens do Projeto Esperança de Vida. Dessa maneira, os visitantes foram separados dos freqüentadores e trabalhadores da entidade, marcando a posição de que eles eram ‘de fora’.

A seleção e o controle de quem pode almoçar ou não é revelada, ainda, quando certa vez, Dona Anastácia pôs uma amiga de Patrícia (auxiliar de cozinha e limpeza geral em 2003, em 2004 passou a trabalhar na secretaria na Faetec) para tomar conta do bazar. Conversando com Meire, na secretaria, Dona Anastácia disse que “a mulher [Talita] é louca e não sabe fazer nada, namora o Torrão, um garotinho”, e ria. Meire foi até o bazar e voltou dizendo: “Tem umas amigas de Talita lá e ela não estava”. Ao que Dona Anastácia comentou: “ela deve ter ido levar o almoço para os filhos, ela tinha dito que não tinha nada em casa”. Em seguida, chamou Patrícia e perguntou a ela: “Quem estava no bazar na hora do almoço, porque eu não vou ficar alimentando as amigas de Talita; no bazar não é sala de visitas, é trabalho”. Patrícia respondeu que apenas Talita havia almoçado. Após a saída de Patrícia, Dona Anastácia disse a Meire: “a Patrícia ainda vai se incomodar por causa dessa mulher”.

Outro exemplo é o almoço “especial” em comemoração ao Dia da Mulher. Este se encaixa aqui porque é a transformação da refeição cotidiana num almoço “especial”.

¹⁴⁴ Cabe salientar, como apontam Fry (1982 e 2001) e DaMatta (1986), que os ingredientes do prato cotidiano do brasileiro, arroz, feijão e carne transformam-se em um prato especial: a feijoada. Este prato é visto por estes autores como manifestando a identidade nacional, acobertando os conflitos raciais de nossa sociedade, e é servido em momentos rituais e frente a estrangeiros.

No início da semana de comemoração do Dia da Mulher, Meire, agora secretária da entidade, pediu para Viti confeccionar uma faixa para sexta-feira, quando teria um almoço em homenagem às mulheres. Comentou que esta era a primeira vez que Dona Anastácia fazia isso no Centro Comunitário. Viti pegou um pedaço de papel e começou a escrever o que colocaria na faixa: “1º Encontro de Mulheres”, mas “mulheres o quê?”, se perguntaram. Falei que deveria ter um complemento.

- “- No Ceaca, disse Meire;
- Do Ceaca, argumentou Viti;
- Isso não!, exclamou Meire;
- 1º Encontro de Mulheres Cidadãs, enfatizou Viti;
- Isso aí!, exclamou Meire, sorrindo”.

Após terem acertado o nome do evento, combinaram que o almoço seria entre 13-14hs. Ainda iriam colocar na faixa “Dia 12/03/2004, no Ceaca. Porque você merece o melhor!”. Ambos sorriram e ele saiu.

No dia marcado para o almoço, cheguei pela manhã no Centro. Não vi a faixa encomendada por Meire. No horário do almoço, os jovens do projeto Esperança de Vida, os funcionários da Faetec e os garis comunitários passavam na secretaria e pegaram um pedaço de papel esponja laranja com um número e uma rubrica, que estavam dentro de uma lata de bombom, junto com pedaços de papel esponja nas cores verde e roxo. Perguntei a Delma o que era aquilo, ela respondeu “a senha para almoçar, sem isso não almoçam”. Subi até a área da cozinha e os vi almoçando.

Pouco depois, desci e encontrei Muriel na escada, indo para o almoço. Perguntei a ela como estava o serviço, se ela estava gostando da Faetec. Ela respondeu “não [porque] tive uma desilusão, acho que fiz uma escolha errada, pela empolgação do momento, da oferta”, mas “é pior, não estou gostando”, comentou com uma expressão triste, franzindo os olhos. Mencionou ainda que “disseram uma coisa e está acontecendo outra. Estou há três meses sem receber, nunca recebi pela Faetec [...]. As pessoas dizem que é assim para trabalhar com o governo, que demora, mas vem, mas quem pode viver sem salário? Estou desesperada”. Desabafando completou: “se eu tivesse ficado na secretaria do Centro talvez tivesse sido mandada embora”, devido ao fato de na secretaria ser muita “correria, muita coisa ao mesmo tempo e eu acabava me atrapalhando”. Após o desabafo, Muriel subiu em direção à cozinha e

eu fui à secretaria novamente. Lá, Lindomar e outros jovens foram pegar a senha e ele disse, bastante entusiasmado: “hoje tem feijoada! Tá bom! Feijoada!”.

Em seguida, Muriel entrou na secretaria. Contou-nos que foi até à cozinha, estava se servindo quando Magra perguntou a ela se não participaria do almoço. Muriel, então, rindo, nos disse: “coloquei o arroz tudo de volta na panela e descii”. Delma disse que eu também estava esperando o almoço e ficamos nos perguntando se realmente este aconteceria, visto que Dona Anastácia não estava na entidade. Muriel perguntou por Dona Anastácia, Delma respondeu: “Ela foi na creche. Ela não tinha que ir na creche!”. “E Meire?”, perguntou Muriel. “Foi atrás de Dona Anastácia, não era para ela fazer isso, mas ela está meio assim [com problemas, pois Meire há pouco tempo havia descoberto que estava com um nódulo no seio, o qual teria que operar]”, respondeu Delma. Muriel mencionou, então, que “as meninas [Nora, Brenda e Lionda] vieram porque teriam uma reunião e não teve”, ao que Delma comentou: “A reunião é na terça-feira, e foi ela mesma [Meire] que anotou, ela deve ter alguma coisa, não pode ser normal!”. Muriel falou que “as meninas” estavam “fulas [muito brabas, indignadas]”.

Pouco depois, Dona Anastácia e Meire chegaram. Nos dirigimos, então, para a cozinha. Na subida, Dona Anastácia perguntou quem estava faltando, lembraram de Patrícia, Brenda, Nora e Lionda. Eu disse que iria chamá-las. Encontrei Patrícia na sala da Faetec, ela estava trabalhando ali agora, com digitação, entre outras coisas, e lhe disse para subir para o almoço. Patrícia, um pouco espantada, exclamou: “Dona Anastácia disse para eu ir?!”. Respondi “sim, foi ela quem mandou eu vir te chamar”. Ela disse que já iria.

Subi até a sala de aula, no andar acima, e chamei Brenda, Nora e Lionda, “educadoras infantis”.

Fomos para a refeição. Sentamo-nos numa mesa retangular, arrumada por Magra, com toalha – o que geralmente não acontece –, na Casa da Árvore, ao lado da cozinha. Patrícia chegou depois e começou a varrer o lugar, enquanto arrumavam uma outra mesa, ao lado, com uma toalha de renda.

Dona Anastácia sentou-se junto à mesa maior, com toalha de plástico. Nesta mesma mesa, sentaram-se, em sentido horário, a partir de Dona Anastácia: Delma, Brenda, Lionda, eu, Muriel, Meire, e, por fim, ao lado de Dona Anastácia, Nora. Patrícia, que chegou mais tarde, sentou-se sozinha na mesa menor, ao lado.

Muriel e Meire sentaram-se somente após terem ajudado Magra e Fiona – cozinheiras da entidade – a colocarem os pratos, talheres e a comida na mesa, em tigelas, para que nos servíssemos. O cardápio era arroz, feijão branco com mocotó, lingüiça, bacon, cenoura, couve

e farofa; refrigerante e, depois, como sobremesa, pudim de leite em pó, servido em copos plásticos.

Depois que a comida estava na mesa, Dona Anastácia disse que diria “umas palavrinhas”. Então explicou: “esse almoço, eu fiz porque sempre quis fazer e nunca tínhamos tempo, estava sempre trabalhando; então, aproveitei para fazer pra gente comemorar e se descontrair, relaxar um pouco, pra gente ficar juntas, já que tem tanto trabalho”. E fez uma oração em agradecimento “ao Senhor”, agradeceu a quem preparou a refeição, pela comida de todo dia e por aquela ali. Terminada sua fala, nos servimos. Seguindo a hierarquia, todas nós esperamos Dona Anastácia servir-se primeiro, para somente depois fazermos as tigelas circularem entre nós.

Durante o almoço conversaram sobre o seu trabalho na entidade, comentando quem teria que sair dali e que “a escolhida, como no BBB [Big Brother Brasil] foi Brenda, mas todas estão no paredão! A Soraia também vai sair”. Esta preocupação advém do fato ocorrido quase um mês antes, quando o “secretário municipal demitiu todo mundo”, como comentavam no saguão Dona Anastácia, Nora, Lionda, Élide e Andréia. Dona Anastácia mencionou, ainda, que o secretário “fechou os núcleos, só dois ficaram: aqui e outro, então me fizeram a proposta de eu ficar com três dos cinco trabalhadores [do PETI] e esses três irão trabalhar 30 horas ao invés das 20 atuais, com aumento de salário”. Élide comentou que acreditava que não haveria aumento de salário; ao que Dona Anastácia reagiu “tem que ter aumento!”. Nora disse que quer ficar trabalhando ali, mas “não vou poder ficar com o outro emprego porque não quero trancar nem largar a Faculdade [de Pedagogia]”. Élide a apoiou e disse: “depois você consegue um emprego melhor, quando estiver formada”. Dona Anastácia mencionou, então, que “vou abrir mão da Brenda, que mora lá no Andaraí e do Roger, que mora lá [não entendi, mas é em outro bairro da cidade]”. Pouco depois, Andréia comentou com Élide que Dona Anastácia havia dito que “vai mandar a Soraia [mas] se a Soraia ficar vai ter que dar aula”. Por fim, ressaltaram que “o PETI acabou, praticamente”. Saliento que até o final da pesquisa, em 2005, todos esses trabalhadores ainda estavam atuando no Centro Comunitário.

Ainda no almoço em comemoração ao Dia da Mulher, as “educadoras infantis” comentaram que Meire, que nesse momento não estava presente, havia telefonado para elas, às oito horas da manhã, avisando que teria a reunião, mas que a reunião está marcada somente para terça-feira e exclamaram: “sorte que a gente mora aqui [com exceção de Brenda], senão não daria pra chegar na hora, seria a maior correria!”.

Logo após comermos a sobremesa, Brenda desceu porque as crianças estavam esperando por ela – antes de subirmos para o almoço, Dona Anastácia pediu a Roger [professor de dança] que ficasse com as crianças, porque nós iríamos almoçar “um almoço só para mulheres”. Recomendou que ele levasse todas as crianças para o teatro e, mais tarde, as dividiriam entre as educadoras.

Pouco depois, Meire desceu para a secretaria. Dona Anastácia pediu a Lindomar, um dos jovens do Projeto Esperança de Vida que ficasse “tomando conta de secretaria”.

Durante o almoço conversamos sobre assuntos diversos. Disseram que neste momento estava acontecendo um almoço de despedida de Neide, que trabalha no “balcão de empregos”, na Parmê (pizzaria na Praça Barão de Drummond). Muriel comentou que não foi ao almoço de Neide por causa deste almoço no Centro. Dona Anastácia disse que poderia tê-la chamado para almoçar ali. Logo em seguida, disseram que isso “não seria bom”, porque haveria homens junto, e um deles elas não queriam “ver”.

Pouco depois, Muriel saiu e retornou trazendo um papel, que mostrou a Dona Anastácia. Muriel explicou a ela que aquele papel lhe havia sido entregue por Ivaldo, um dos coordenadores da Faetec, e deveria ser assinado para somente depois as pessoas que estão trabalhando na Faetec começarem a receber seus salários. Em virtude disso, o pagamento não sairia naquele dia, como haviam cogitado, “porque nem esse papel foi assinado”. Conforme Muriel me disse anteriormente, eles não recebem há três meses. Então, Muriel desabafou: “cooperado é triste, isso foi horrível!”. As pessoas que estão trabalhando na Faetec, que anteriormente desenvolviam outras atividades no Centro Comunitário, foram contratadas mediante a cooperativa que fizeram a partir da entidade, a DinamoCoop. Começaram a discutir sobre a atuação da Faetec no Centro:

“- Ah se arrependimento matasse! [e olhou para cima]. Eu não pensei bem, fiquei empolgada com a idéia, com a panificação, porque eu sempre quis fazer pão aqui e não pensei direito. A minha vontade é que eles vão embora, eles deviam ter um lugar só para eles, e essas máquinas aí da panificação, isso aí eu posso comprar, vou na rua e compro. Porque eles são muito desorganizados, comentou Dona Anastácia.

- E não é porque falta gente, é porque não sabem trabalhar! Eles têm nove funcionários aí, fora os professores!, exclamou Delma.

- O curso de cabeleireiro ficou uma sujeira só, até na sala dos computadores está cheio de cabelo e pode estragar os computadores, disse outra.

- Nunca vi isso, as pessoas, num salão, cortam o cabelo e juntam, mas ontem juntava a pilha de cabelos e ninguém tirava dali, reclamou Delma.

- Eles têm que ter um lugar só para eles, aí eles vão ver como é, porque aqui eu ajudo, distribuo senhas, mando descer, quando as pessoas não têm que

estarem lá em cima; e eu não tenho que fazer isso. Nem um rolo de papel higiênico eles dão, avaliou Dona Anastácia.

- O Wanderlei e o Arcanjo [dois jovens que saíram do Projeto Esperança de Vida] trabalham de vigia, disse outra.

- Aqui nem precisa, porque ninguém vai roubar nada, ponderou Dona Anastácia.

- Quando roubam, no outro dia aparece, comentou Lionda.

- Eles deveriam colocar os dois sentados numa mesinha lá embaixo, distribuindo senha, organizando as coisas, sugeriu Delma.

- Lugar para eles ocuparem na comunidade não falta, eles poderiam ir lá para o prédio do asilo abandonado na Pedreira, em frente ao D. P. [em frente ao Centro Atitude, coordenado por Viti], aventou Dona Anastácia.

- Eu não conheço lá, disse Delma.

- O prédio lá é muito grande, tem muito espaço. Quero ver eles se virarem!, falou Lionda”.

Comentaram, ainda, sobre o pagamento, que em breve, Lúcio, professor e coordenador da informática, 23 anos, morador do morro, “não vai mais querer trabalhar, porque ele não recebe”.

“- O que eu vou fazer se ele resolver não trabalhar mais aqui, num espaço que ele conquistou, conseguiu tudo aquilo? Agora, ele e o Velasco estão no CDI fazendo um curso, mas se eles saem, vão [a Faetec] querer colocar alguém de fora daqui para tomar conta, mas foram eles [Lúcio, Velasco] que conquistaram tudo. Eu não vou querer que coloquem pessoas de fora daqui para trabalhar, porque não vai ter graça! Eles se empolgaram, o Lúcio, quando começou aqui ganhava 100 [reais], depois 200 [reais], 300 [reais] e com a Faetec ele iria ganhar 800 [reais], o dobro do que ele ganhava, mas não ganhou nada! Eu achei que seria bom [ter a Faetec ali], porque eu não precisaria pagar os funcionários e ainda a gente teria os cursos aqui, comentou Dona Anastácia, [complementando dizendo que está “seriamente” pensando em mandar a Faetec embora].

- Mas isso não vai ter algum problema? A senhora não assinou contrato com eles?, perguntei.

- Eu não assinei nada!, disse Dona Anastácia.

- É mesmo Dona Anastácia!, surpreendeu-se Delma.

- É. Eles viviam atrás de mim, para eu assinar o contrato, mas eu sempre fugindo, porque pensei, eu não vou assinar, depois isso não dá certo, eles sempre vinham com o contrato para eu assinar, mas não assinei para ver o que acontecia. Eles prometeram um monte de coisas e não cumpriram, proferiu Dona Anastácia.

- Eu nunca vi isso, geralmente os projetos começam com dinheiro e lá pelo meio é que vai acabando e aí fica sem dinheiro, e é aquela demora para pagar. Mas esse aí já começou sem dinheiro, sem material! Nunca vi, no curso de manicure nem material tem, mencionou Delma”.

Comentaram, ainda, sobre as professoras do curso de cabeleireiro, que a do turno da manhã “é muito boa”, muitas pessoas, inclusive, mudaram para a manhã; mas a do turno da tarde “deixa aqueles garotos [jovens do Projeto Esperança de Vida] fazerem o que quiserem”.

“- Eles [os jovens do Projeto Esperança de Vida] já não deixam dominá-los e ela não impõe nada, eles fazem o que querem. Eles gastam muito material. O Jerônimo [um dos jovens] fez o cabelo de uma mulher e encheu de óleo, depois quero ver quando acabar, o que eles vão fazer?!, exclamou Dona Anastácia.

- Eu já cheguei lá e vi a professora bem sentada, olhando para o alto. A professora deveria estar ali olhando um e outro, vendo o que estão fazendo, ensinando. A Celina é a orientadora pedagógica [da Faetec] e ela deveria dizer para a professora para ela limpar, para organizar a sala [do cabeleireiro]. O problema é que eles não sabem trabalhar. Ainda bem que eles não inventaram lanche!, reclamou Delma.

- Mas eles estão pleiteando, estão querendo, anunciou Dona Anastácia.

- Aí sim!, exclamou Delma.

- Eles não limpam nada, se eu soubesse que seria assim nunca teria deixado eles ficarem aqui, mas não refleti bem quando fizeram a proposta, refletiu Dona Anastácia.”

Depois viram que estava na hora de as atividades recomeçarem e cada uma foi para a sua sala.

As tensões em torno da instalação da Faetec no Centro Comunitário foram inúmeras. Num dos ensaios técnicos da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, na Boulevard 28 de Setembro, Mauro, coordenador do MEL, disse-me que não concorda com “o jeito que a Faetec está entrando no Centro”, acha que a Dona Anastácia “não deveria fazer isso, [porque] a Prefeitura está com eles há 20 anos, pode ser o Conde, o César Maia, mas sempre esteve ali e o Governo do Estado só agora, que é ano eleitoral. [...] Quero ver quanto tempo eles vão ficar, as arrumações são legais, a maquiagem, mas no final do ano já estão saindo fora. E a Prefeitura pode começar a cortar dinheiro dos projetos”, advertiu Mauro.

Numa outra ocasião, cheguei ao Centro por volta das 11 horas da manhã. Sirlândia, Raquel e Dona Anastácia estavam em frente à porta da sala de reuniões, no saguão, conversando com um homem, que segurava uma bíblia, e uma mulher. Aproximei-me e comecei a participar da conversa - o homem é um pastor e a moça sua assistente e eles haviam feito um trabalho com os jovens do Projeto Esperança de Vida naquela manhã. Expliquei a Raquel, psicóloga do projeto Esperança de Vida, que cheguei tarde e nem pude ficar com os garotos; ela disse que tudo bem, porque eles ficaram com o Pastor a manhã toda, “nem pude fazer atendimento”. Depois que Sirlândia e Raquel saíram, Dona Anastácia convidou-os para

almoçar, o pastor então perguntou: “Ah, vocês almoçam aqui?!”; “sim”, respondeu Dona Anastácia. Eles ficaram para almoçar.

Pouco depois, os três subiram. Eu fui à secretaria. Delma estava falando ao telefone, desligou; Wanderlei chegou e pediu “senha” para o almoço, Delma entregou-lhe uma. Ia me dar uma senha, eu lhe disse que iria pagar porque eu não iria fazer nada ali hoje, ela não queria aceitar. Eu fiz questão e lhe disse que quando viesse fazer um trabalho eu não pagaria. Ela disse que falaria para Dona Anastácia; “Tá”, respondi.

Com a ficha na mão, fui à cozinha, peguei o almoço e sentei-me junto à mesa onde estavam Wanderlei, Sirlândia, Raquel – trabalhadores do Centro –, e Rômulo – jovem do Projeto Esperança de Vida. Este logo se levantou, pediu licença e saiu. Antes de ele sair, Sirlândia lhe disse que iria ao seu colégio ver a avaliação, e nos disse: “Eles perderam a avaliação dele, é a segunda vez, ontem fui lá e pedi. Eu estava de mal com a vida e alguém tinha que ser o pato da vez e foi o colégio”. Contou-nos que foi ao colégio e falou ao pessoal da secretaria: “Eu sou cobrada e vocês têm que ter mais responsabilidade com as coisas do projeto”, ao que os funcionários da secretaria responderam que está mudando a diretoria e por isso estava difícil, ao que Sirlândia falou: “Que bom que está mudando, agora tem que ficar melhor, porque a diretora é péssima”.

Wanderlei, Sirlândia e Raquel falaram sobre os Estados Unidos e Europa. Wanderlei disse que perdeu a oportunidade de acompanhar dez garotos à Alemanha. Ele perguntou a Raquel quando ela foi, ela respondeu “nunca, eu estava brincando, só conheço os Estados Unidos e um pouco”. “Que legal!”, exclamou Wanderlei. Sirlândia comentou que sua avó veio da Alemanha no último navio antes da 2ª Guerra Mundial.

Em seguida, Raquel disse: “vou um pouco lá fora, porque hoje está pesado, difícil pra mim”. Ela disse isso pedindo confirmação e a cumplicidade de Sirlândia, que falou “pra mim também”, e as duas desceram.

Raquel e Sirlândia trabalham no projeto Esperança de Vida, a primeira como psicóloga e a segunda é a coordenadora do Projeto – sobre o qual me deterei no próximo capítulo.

Wanderlei é ‘branco’, mora no morro e trabalha no Centro Comunitário no “balcão de empregos”.

Nesse dia, depois que Sirlândia e Raquel saíram, Celso chegou e sentou-se. Logo após, os garis entraram e foram sentar-se à mesa pequena, ao lado. Pouco depois, o pastor entrou na sala, foi apresentado ao Celso e sentou-se ao seu lado. Dona Anastácia lavou as mãos e Mariana ficou parada na porta com o prato na mão; apontei um lugar para ela se sentar.

Em seguida, Fiona, Magra e Patrícia trouxeram um grande jarro plástico com suco de laranja. Celso e o pastor conversaram sobre o trabalho de cada um, sobre futebol, sobre a derrota do Flamengo e a atitude das torcidas, salientando seus medos do que possa acontecer no confronto entre torcidas.

Depois, Dona Anastácia perguntou ao pastor como seria o trabalho que ele desenvolveria no Centro Comunitário. “Tem que ser tudo no calendário, senão me perco, porque tenho muita coisa para fazer”, respondeu o pastor. Dona Anastácia pediu-me para lhe passar sua bolsa, e eu o fiz; ela pegou sua agenda para marcarem as datas. O pastor comentou que gostaria de realizar um trabalho ali, mas não apenas com os garotos do projeto, queria abranger outros jovens e as meninas também e, depois, se pudesse, iria convidá-los para irem à Igreja no domingo, só se quiserem e, mais adiante, nos meses seguintes. Comentou, ainda, sobre os “acampamentos” que realiza com jovens de sua Igreja e que gostaria que os jovens do Centro Comunitário participassem.

Dona Anastácia lhe disse que tiveram garotas no Projeto Esperança de Vida, mas que tem “muito medo dessa convivência, as garotas são todas namoradas dos traficantes. No Agente Jovem tem várias e os garotos ficam amigos delas, começam a conviver; como uma garota que participa no Agente Jovem e está grávida e um dos garotos do projeto está sempre pegando as coisas para ela, pergunta se ela quer água, vai buscar. Perguntou, até, por que tem que ser ele, e o jovem me disse que ele é amigo do traficante, que não tem problema. Mas eu não gosto porque, ainda no Agente Jovem é só pela manhã, mas no Projeto Esperança de Vida é o dia inteiro, então os garotos se tornam protetores delas e aí começa a fofoca, que os traficantes até gostam que elas participem dos projetos porque ocupam o tempo, mas começam as fofocas até entre elas, porque elas disputam os traficantes, os traficantes são os melhores, os mais queridos, então podem falar coisas e aí não sei o que pode acontecer. E ainda tem os passeios, que ficam, dormem fora [como os que aconteceram para Saquarema]”.

O pastor ouvindo, com os braços cruzados, disse: “É, não dá pra misturar, complica”. E voltaram a olhar a agenda para marcar os encontros. Depois disso eu desci para assistir a atividade de Celso com os jovens. Nunca mais encontrei esse pastor no Centro Comunitário.

Como visto acima, o almoço é um “sistema simbólico”, mediante o qual são expressas posições e distinções sociais no Centro Comunitário. É um momento no qual as pessoas conversam sobre o seu cotidiano, sendo, dessa maneira, uma situação propícia ao surgimento de ‘fofocas’.

As fofocas não aparecem somente no almoço, mas em diversos momentos, porque a fofoca é um fato social presente nas relações entre os funcionários do Centro Comunitário.¹⁴⁵

Nesse sentido, como salienta Fonseca (2004:41-42), as fofocas adquirem diversos sentidos num determinado grupo social, como “reforçar uma identidade comunitária”, “definir os limites do grupo” e “informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública”, pois “ser objeto, sujeito de fofoca representa a integração no grupo”.

Para dar continuidade à apresentação destes temas, foco minha atenção, no item seguinte, na religiosidade que perpassa o cotidiano do Centro Comunitário.

2. Centro Comunitário e Religião

À medida que eu interagia com os freqüentadores, funcionários e trabalhadores do Centro Comunitário fui percebendo que muitas pessoas comungavam crenças religiosas semelhantes, pelo pertencimento a alguma religião evangélica. Como assinalei acima, esta afinidade religiosa está relacionada com a dirigente da entidade, que diz: “eu sou evangélica, eu sou batista”.¹⁴⁶ Seu pertencimento religioso é valorizado pelos freqüentadores da entidade, como enfatizou Dona Geórgia, participante do grupo dos idosos: “ela é boa representante, ela é da nossa religião, batista, pentecostal” (Dona Geórgia, 69 anos).

Cabe assinalar que, dentre as diversas denominações evangélicas atuantes atualmente na cidade do Rio de Janeiro, a Batista é a segunda maior em número de adeptos, com 19%, segundo Mafra (2001). Nos dados estatísticos fornecidos pela Prefeitura, no total de 49 diferentes designações religiosas, a Batista está em terceiro lugar, representando 3,5% da população carioca – antecedida pelos católicos (61,1%) e evangélicos da Assembléia de Deus (5,2%).¹⁴⁷

A religião Batista é classificada como evangélica de missão, isto é, os missionários “levam a palavra” e o seu projeto teológico em busca de novos convertidos (Mendonça,

¹⁴⁵ Segundo Epstein (1969), as fofocas – “gossips” - operam na manutenção e reforço das normas sociais estabelecidas por um determinado grupo social para o comportamento dos indivíduos. Ainda, entre outros autores, Castro (1998) aponta para as fofocas como meio de controle social entre os moradores de uma favela carioca.

¹⁴⁶ De acordo com Novaes (2002), atualmente, é significativa a atuação de pastores e fiéis evangélicos como líderes em associações de moradores e centro comunitários.

¹⁴⁷ Os dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, que tem como fonte o Censo do IBGE de 2000, está disponível em <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>.

1989). Isto porque “o pentecostalismo faz de cada “crente” um evangelizador, um militante que deve propagar sua fé: este é, sem dúvida, o denominador comum a diferentes denominações” (Novaes, 2002:75). A primeira missão vinda ao Brasil ocorreu em 1881, e a fundação da primeira Igreja, em 1882 (Mendonça, 1989; Mafra, 2001).

De acordo com Mendonça (1989) e Mafra (2001) a Igreja Batista tem forte penetração no meio urbano, principalmente entre as camadas médias da população, mas abrange setores populares. Nestes setores é crescente a expansão do protestantismo, nas suas mais variadas denominações e, segundo Bombart (1969), que estudou os cultos protestantes na favela do Jacarezinho, este crescimento não ocorre apenas no Brasil, mas em toda a América Latina.¹⁴⁸

Dona Anastácia é bastante atuante dentro da Igreja, sua identidade e seu pertencimento religiosos são expressos nas suas próprias vestes, de sua “fachada pessoal”: saia longa e blusas de mangas 3/4, cabelos presos na parte detrás da cabeça, sem uso de maquiagens.¹⁴⁹

Conforme me relatou: “Domingo eu vou à Igreja. Domingo é o meu dia que eu deixo pra Igreja”, e freqüenta, nesse dia, pela manhã e à noite, “quando eu não almoço lá, que quase todo domingo tem almoço lá”. Ainda, “depois do culto [...] tem um ensaio, dum coral lá que eu canto”. “Às vezes, tem reuniões que eu participo, dia de domingo, eu faço parte do rearmamento moral [...]; o rearmamento moral se reúne, às vezes, no domingo à tarde, aí eu vou à reunião, porque tem a reunião”. Conforme Dona Anastácia, o “rearmamento moral [é] uma filosofia de vida que tem quatro princípios: honestidade, pureza, altruísmo e amor”¹⁵⁰.

Conforme a narrativa de Dona Anastácia: “Eu não gosto de misturar igreja com trabalho. Eu até falo, quando eu posso citar alguma coisa da bíblia pra alguém, até cito, todo mundo sabe que eu sou da igreja, mas não misturo”. Em seu discurso, pessoas pertencentes a todas religiões teriam espaço na entidade “porque o Centro Comunitário não pode ter uma vocação nem de igreja, nem de política. Eu acho que o Centro Comunitário, pra poder receber todo mundo, não pode dizer assim. Tanto ajuda católico, como ajuda macumbeiro, como

¹⁴⁸ Segundo Bombart (1969), aponta que na década de 60, na favela do Jacarezinho, a maior igreja protestante era Batista e seus fiéis, assim como de outras igrejas históricas, em geral, eram mais ricos que a maioria dos habitantes do local.

¹⁴⁹ Goffman (1996:29) analisando a construção do *self* nas interações sociais da vida cotidiana, define a “fachada [como] o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

¹⁵⁰ A noção de amor é bastante importante entre os batistas. Nesse sentido, Jabor (2005) aborda, em seu estudo, as concepções de “amor” entre uma família batista de classe média, da Zona Sul do Rio de Janeiro. Analisa ainda as distinções entre batistas tradicionais, como se autoreferenciava a família estudada pela autora, e os renovados. Segundo a autora: “Os tradicionais são evangélicos de confissão batista que recusam, em seus cultos, práticas associadas ao pentecostalismo e ao neo-pentecostalismo, principalmente a manifestação pública dos dons carismáticos do Espírito Santo, como por exemplo, a glossolalia (“falar em línguas”)” (p. 28). Ainda, segundo Jabor, a distinção entre os batistas tradicionais e renovados se daria pela linha seguida, os primeiros seguiriam uma linha “histórica”, seriam “mais bíblicos” e os segundos seguiriam uma linha “pentecostal”.

ajuda espírita, como ajuda evangélico, qualquer um que quiser vir fazer um culto, faz; se quiser fazer uma missa, faz também. Então não pode ficar com vínculo assim de igreja, eu acho que não dá certo”.

No entanto, se entendo, como aponta Duarte (1983)¹⁵¹, que as ideologias religiosas podem ser, pelo menos no indivíduo, “totalizantes” de sua visão de mundo, é admissível pensar que com a inserção de Dona Anastácia no “rearmamento moral”, que é uma “filosofia de vida”, não seja possível para ela operar uma ruptura total entre essa filosofia e sua prática cotidiana na entidade. Assim, na interação social, seu discurso diverge de sua “fachada pessoal” empregada na construção de seu *self*, um “eu” evangélico (Goffman, 1996).

É na interseção entre sua identidade religiosa e atuação no Centro Comunitário que ganham espaço, no âmbito da entidade, as manifestações evangélicas, mediante os visitantes, freqüentadores, funcionários e trabalhadores filiados a diferentes religiões evangélicas, bem como a possibilidade e a efetivação de cultos na entidade e a realização de passeios a sítios de Igrejas Batistas. Ressalto que dos 38 trabalhadores e funcionários do Centro Comunitário com os quais eu conversei, doze mencionaram pertencer a religiões evangélicas, o que representa 31% (muitos destes 38 não fizeram menção se professam alguma religião).

A força da atuação de Dona Anastácia advém também desse encontro entre sua ‘vocação’ para a educação e a religião que professa, visto que, em linhas gerais, de acordo com Mafra (2001), os batistas buscam uma intervenção no mundo do “outro” com o intento de “modificar” suas práticas, visando à “construção do caráter”, mediante o “exemplo”. Para esta modificação há “uma forte apostila na educação formal e no incentivo à participação cívica” (Mafra, 2001:63-64). Como visto, estes fundamentos relacionam-se com uma preocupação com a questão moral – expressa na própria filosofia do “rearmamento moral”.

Nesse contexto é que ganha sentido a fala, exposta acima, de que seu papel no Centro Comunitário é de “polícia feminina”, disciplinando os corpos e pensamentos, por meio não apenas de repreensões, mas de punições. No entanto, em seu discurso, quando objetiva suas ações Dona Anastácia evoca a necessidade de uma divisão clara entre a sua “religião pessoal”

¹⁵¹ Duarte (1983) discute, no citado artigo, a experiência religiosa nos grupos populares apontando que esta “não representa para eles uma totalização a priori, no sentido tradicional”, tendo em vista a enorme segmentariedade na qual estes grupos estão inseridos, o que possibilita que “não só a qualidade social dos participantes de cada culto ou adeptos de cada crença [seja] múltipla e cambiante, como as histórias de vida de cada pessoas e o espaço social de cada família testemunham das mais diversas combinações sucessivas ou alternativas de agências religiosas”. Diante dessa ressalva, arrisco dizer que no caso de Dona Anastácia, como de outras pessoas que freqüentam e atuam na entidade, a ideologia religiosa age totalizando sua visão de mundo. Mas, enquanto grupo, não é “totalizante”, visto que como aponto adiante, apenas um dos filhos de Dona Anastácia professa a mesma religião que ela. Ainda sobre a relação entre religião e visão de mundo, ver, entre outros, Geertz (1989). A isto se refere Durkheim (1996:474) quando aponta que a religião “não é somente um sistema de práticas, é também um sistema de idéias com a finalidade de exprimir o mundo”.

e o trabalho desenvolvido na entidade. Essa indispensável distinção discursiva – porque, como visto, não é na prática – está relacionada com a sua representação da imagem que “todo mundo” tem dos “crentes”: que são pessoas “boazinhas”, que “têm que amar muito”. Mas como ela relembra, justificando suas ações punitivas, “Jesus também andou dando umas chicotadas em gente”.

“- É a minha religião pessoal, não tem nada a ver com o trabalho, eu não gosto de misturar de trabalho com a religião. Eu, aqui, eu trabalho; lá, na minha igreja, eu vou pra ouvir a palavra de Deus, me reabastecer, e aqui é outra coisa, aqui eu já venho pro trabalho. Eu até acho que se eu ficar dando uma de boazinha, de igreja aqui, eles não vão nem me respeitar: ‘sabe a Dona Anastácia está na igreja, pode fazer’, eu imagino assim, explicou Dona Anastácia.

- Porque que a senhora imagina assim?, perguntei.

- Porque às vezes eu tenho que dar castigo neles, [e eles] vão achar ‘mas crente não pode fazer isso’. Ah, aí não! Eu sou crente, mas na hora que eu tenho que punir, eu puno mesmo!

- Mas porque acha que crente não pode punir?

- Ah, porque todo mundo tem essa idéia de que crente é bonzinho. Tem gente que acha isso, que crente, porque é crente, tem que amar muito, gosta dos alunos, então não pode [punir], mas Jesus também andou dando umas chicotadas em gente - risos.”

Ainda, de acordo com a narrativa de Dona Anastácia, com o intuito de “não misturar” o trabalho desenvolvido no Centro Comunitário com sua atuação na Igreja é que ela freqüenta a igreja em outro morro, no “inimigo” Morro São João.

“- A senhora vai nessa igreja aqui?, perguntei.

- Aqui dentro?! Não, eu já freqüentei essa igreja aqui, mas atualmente eu faço parte da igreja lá no pé do morro do São João, na área do inimigo, disse rindo Dona Anastácia.

- Mas não tem problema?, indaguei.

- Ah, eu vou. Muita gente não vai, mas eu vou, já estou lá esse tempo todo, respondeu Dona Anastácia.

- Faz tempo que a senhora vai lá?, questionei.

- É, eu vou lá todo domingo. Tem gente que tem medo, não vai não, concluiu Dona Anastácia.

- A senhora vai?, insisti.

- Eu já acostumei lá, com lá, eu vou lá, respondeu Dona Anastácia.

- E porque a senhora não vai aqui?, inquiri.

- Não sei, porque eu já acostumei lá, naquela igreja lá. É uma igreja, essas igrejas pequenas elas dão mais trabalho, eu já vivo trabalhando pro Centro Comunitário, ainda vou me envolver com a igreja pra mim trabalhar também. Assim, lá, eu já fico mais ouvinte. Eu participo também, que eu faço parte da parte social lá, sou ministra de ação social lá, retrucou Dona Anastácia.

- O que faz?

- A ação social eu faço algumas coisas, tento fazer alguma coisa no social lá da comunidade, promover algum evento lá. Lá tem projetos também, tem um apoio escolar lá de crianças de 7 a 14 anos. Uma turma à tarde de crianças, tem 30 crianças; agora tem um projeto, um PROAP, lá que é [para] crianças de 4 e 5 anos. Então, a gente tenta fazer os projetos, lá, de ação social também. Naquela área de lá, mas o pessoal de lá é de lá, as pessoas de lá não vêm aqui e daqui não vão lá. Aí têm alguns trabalhos lá, mas se eu fosse dessa igreja aqui eu ia trabalhar muito, porque aí ia misturar o Centro Comunitário com Igreja. Não ia dar certo, porque o Centro Comunitário não pode ter uma vocação nem de Igreja, nem de política.”

Participar da Igreja em outra “comunidade” alarga seu espaço de atuação. Cabe ressaltar que não é qualquer outra “comunidade”, mas o São João, o “morro rival”, na qual a relação entre os traficantes é de freqüente invasão e morte de ambos os lados. Essa “comunidade” fica no mesmo espaço geográfico que o Morro dos Macacos, mas do outro lado do mesmo. Por isso, ela diz que as pessoas não vão, mas ela vai. Quando os jovens me falavam de invasões ao morro, com tiroteios, à noite, eram pessoas vindas do São João, que é pertencente à facção criminosa oposta à que os traficantes do Morro Macacos se identificam. No baile que eu fui, muitas músicas falavam que eles iriam “invadir e dominar o São João”. O baile não é mais realizado na parte alta do morro, devido aos freqüentes conflitos, pois na maioria das vezes esses ataques eram feitos por ali. Foi se referindo ao São João que os jovens, assistindo a um filme sobre a guerra de Canudos, disseram: “olha a gente dando no São João”, numa das cenas de conflito.

Para salientar a situação de que não é qualquer outra “comunidade”, mas “a inimiga”, remeto àquela conversa descrita acima, entre Dona Anastácia, Celso e um pastor que veio visitar o Centro Comunitário e propor um trabalho. Quando o pastor e Celso conversaram sobre as torcidas de futebol e a derrota do Flamengo, Dona Anastácia disse que no jogo ficou com medo e que, como ontem, não sabe o que pode acontecer. Perguntei o que houve, ela disse que “eles aqui [os traficantes do Morro dos Macacos] invadiram o São João e ontem estavam comemorando, era tiro e fogos para todos os lados. As professoras da noite estavam no Noel Rosa e foram correndo até a entrada do Assis, quando lá chegaram eles também estavam lá e elas não puderam entrar para vir dar aulas”. Disse ainda, que “eles fizeram até uma musiquinha e cantavam: ‘no São João já mandamos dois pro inferno’, cantavam e davam tiro pra lá, pra cá, fogos”. Comentou também que quando foi embora, “eles” estavam num círculo no meio da rua e os jovens, que freqüentam e participam de atividades no Centro, estavam “ali, no meio deles”, que gritavam: “ô, ô, ô, o Pernalonga vem aí, ô, ô, ô, o Pernalonga. vem aí” - e explicou-nos que o Pernalonga é “o dono do morro”, que está preso.

Para ela poder passar com o carro, teve que esperar “eles abrirem uma clareira no meio”, e quando estava passando um jovem bateu no vidro do carro e disse: “ô tia Anastácia, o Pernalonga vem aí”; ao que ela respondeu: “ah”. Então nos disse: “vê se eu posso com isso!”, complementando que estava com vontade de alugar uma casa em outro lugar fora do morro.

Disse que seu filho, o único que ainda morava no morro, saiu dali e a casa está vazia, e não consegue vender, porque “ninguém compra, é uma casa boa, meu marido construiu com muito sacrifício, com muito custo”, mas ninguém quer comprar por causa desses conflitos e tiroteios. O pastor perguntou onde fica a casa, ela respondeu: “nessa rua mesmo”. Dona Anastácia ainda comentou que “só falta daqui a pouco eles pegarem as cabeças dos caras que mataram, colocarem num pau e sair desfilando, como troféu, é bem possível disso acontecer!”. A assistente do pastor disse que “infelizmente as coisas estão chegando nesse ponto”.

Comentei que agora o São João iria revidar, Dona Anastácia disse: “sim, e o Macaco está sozinho, porque o Encontro é inimigo; não se dá com a Mangueira; se davam com o morro do Cruz, mas agora estão de mal; tinha o São Carlos, mas também brigaram; agora só tem uma parte da Rocinha, que é amigo, e da Rocinha até chegar aqui demora muito”, e ainda disse “o Macaco está cercado de inimigos”.

Assim a inserção de Dona Anastácia na igreja situada no “morro inimigo” aponta que ela se coloca acima desses conflitos, tendo ‘livre acesso’ a ambos os locais. E mais, o desempenho de seu papel de “ministra da ação social”, mediante o desenvolvimento de “projetos sociais” no local em que freqüenta a Igreja expande seu poder e suas redes de relações sociais.

Ainda, Dona Anastácia participa do “Comitê Contra a Fome” em sua igreja, motivo pelo qual ela justificou sua ausência no evento de comemoração dos 130 anos do bairro de Vila Isabel, como apontei no segundo capítulo. É possível pensar, como aponta Mafra (2001:74 *et seq*), que este comitê esteja inserido na “Campanha Contra a Fome, conclamada por Betinho em 1993 e coordenada pelo Ibase”, que contou com a “formação de comitês” como proposta de “metodologia social”. Na busca de adesão à campanha, contou com a interlocução de um líder evangélico que teve maior penetração entre os “históricos, históricos renovados e batistas”.

É possível pensar, ainda, que o livre trânsito de Dona Anastácia entre morros “inimigos” esteja relacionado ao fato, apontado por inúmeros pesquisadores, como Cunha (2002:33), do “respeito partilhado por traficantes em relação às igrejas evangélicas”, visto que

são a elas que muitos recorrem para “deixar o mundo do crime, evitando retaliações” (Novaes, 2002:80).

Quanto à participação de sua família na Igreja Batista, Dona Anastácia disse que “só o Velasco [seu filho caçula] freqüenta a igreja também lá. É o único, porque os outros não, a minha filha Eliana é da Igreja católica, ela até freqüenta a Igreja católica. E a Elena não freqüenta nada e a Élide também nada freqüenta, o Leoni muito menos. Ninguém, só eu e o Velasco que vamos à igreja. Ele também tem bastante atividade na igreja, ele e a mulher dele”.

Embora Elena, segundo Dona Anastácia, “nada freqüenta”, em certa ocasião, olhando as fotografias dos idosos, disse-me, referindo-se à cunhada do pastor evangélico: “olha minha tia!”. Perguntei se era sua tia, ela respondeu “é, não tia de sangue, mas é minha tia por causa da Igreja Batista, fui criada dentro da Igreja”.

Como venho apontando ao longo do capítulo anterior e deste, alguns trabalhadores e funcionários do Centro Comunitário são evangélicos, como Fabíola e sua mãe, Geruza. Certa vez, conversando com Rogério, 30 anos, morador de Jacarepaguá, “reprodutor cultural” do Projeto Esperança de Vida, ele contou-me que veio trabalhar no Centro Comunitário por intermédio de Fabíola, sua “prima”, visto que a mãe dela, Geruza, é “irmã de criação da minha mãe”. Disse que, após ter passado um ano em Olinda, trabalhando num “projeto social”, voltou ao Rio sem emprego, então Fabíola, que trabalhou como “idealizadora de um projeto social” no Morro São João, conhecia Dona Anastácia e soube de uma vaga no Centro Comunitário e o indicou.

Num dia de novembro de 2003, cheguei à entidade e me disseram que “agora” tem um pastor trabalhando com os jovens do Projeto Esperança de Vida sobre sexualidade, religião e ética. Depois de sua atividade, conversei um pouco com ele, que me contou ser morador de Quintino, um bairro na Zona Norte da Cidade. Disse-me, ainda, que é pastor da Igreja Batista: “Sou Batista, como Dona Anastácia”, mas “não vou na mesma igreja que ela, vou em outra”. Veio ao Centro porque conhecia Dona Anastácia e combinaram de ele realizar esse trabalho com os jovens. Comentou, ainda, que está escrevendo um livro sobre sua história, foi usuário de drogas, ficou sete anos preso por seqüestro, em 1990 – quando, segundo ele, pela primeira vez, seqüestro foi considerado crime hediondo no Brasil. Não o encontrei outras vezes na entidade. Sublinho que este não é o mesmo pastor da conversa sobre futebol e torcidas que expus acima.

Noutra ocasião, no final de uma tarde, em março de 2004, Brenda e Nora, “educadoras infantis”, encontraram Soraia no saguão e perguntaram a ela: “Você vai?”. Ao que Soraia

respondeu: “Sim, mas recém-quebrei o salto do sapato [o qual procuramos, mas não encontramos]”. Brenda então me convidou para ir junto com elas; “Aonde?”, perguntei. “No Asa Branca [casa noturna na Lapa], eu tenho um convite”, respondeu. Agradeci o convite e disse-lhe que não poderia ir porque tinha outro compromisso.

Em seguida, subimos até a cozinha, que já estava fechada, mas elas haviam pegado a chave com a cozinheira. Enquanto fazíamos um lanche, a seguinte conversa surgiu.

“- Você vai ao Asa Branca? Você não pode furar!”, perguntou, exclamando, Brenda a Aretuza, que é professora do supletivo no Centro Comunitário.

- Estou muito cansada e ainda vou dar aulas à noite [ali no Centro], respondeu-lhe Aretuza.

- Sou sua amiga, mas você não, porque sempre que você me chama para ir a algum lugar, eu vou e quando eu chamo você, você nunca vai, lembrou Brenda a Aretuza.

- Joga tudo, tudo o que ela faz, na cara. Não vou mais convidar você para sair, só para não ter que ouvir, retrucou Aretuza.

- Se você fosse minha amiga, não precisava jogar na cara! [e contou-nos] Por causa da Aretuza, e pela única vez que fui [na Lapa], me pegaram. A Aretuza vai sempre e nunca a pegaram, ela vai na Lapa!, objetou Brenda.

- É mesmo?! Ai, não!, exclamou Nora.

- Vou mesmo, eu gosto, sou solteira, você [Brenda] que é casada é que não deveria ir, mulher casada ficar andando por aí sozinha, replicou Aretuza

- É mesmo, concordou Nora.

- Fui até chamada na disciplina na Igreja [por causa dessa saída com Aretuza], quando fui pega, contou-nos Brenda.

- E o que acontece quando ocorre isso?, perguntei.

- Perde todos cargos que tem na Igreja e fica falada, o que é pior, explicou-me Brenda.”

Enquanto contavam suas proezas, riram bastante. Perguntei, ainda: “Qual Igreja?”; “É na Igreja Batista”, respondeu-me Brenda, dizendo que Aretuza freqüenta a mesma igreja. Nora comentou que freqüenta a Assembléia de Deus e “lá também os jovens não gostam que os casados saiam com eles, que quando vão ficam falando e fazendo cara feia”. Nora, em torno dos 25 anos, mora ali no morro, cursa Faculdade de Pedagogia tem um filho, é “educadora infantil” no Centro Comunitário. Aretuza mora próximo à casa de Brenda, num morro no Andaraí, e cursa Faculdade de Biologia.

No âmbito do Centro Comunitário são realizados cultos evangélicos, dos quais assisti a alguns. Um deles foi ao final da tarde, numa quarta-feira. Eu estava na secretaria da entidade e vi uma movimentação no saguão. Dois jovens, entre eles Felisberto – que havia participado do Projeto Esperança de Vida – e um homem organizavam, em filas, algumas cadeiras no saguão, viradas para a secretaria. Logo depois de arrumar as cadeiras, o homem começou a

tocar violão, de pé, em frente a um microfone. Rogério, “reprodutor cultural” do Projeto Esperança de Vida, disse: “Vai ter show!”, e foi assistir; pouco depois, subiu para a sala de internet. Eu fui até à porta da secretaria e fiquei observando a movimentação.

Felisberto, sentado em uma cadeira encostada na parede, ao lado do outro jovem, tocava panderola - um pequeno instrumento de percussão constituído de um arco em meia lua, com aberturas no arco, onde são presas soalhas.

Aproximei-me de Felisberto e lhe disse que eu também sabia tocar aquele instrumento. A música que ele estava tocando havia terminado, então peguei a panderola na mão e comecei a tocá-la. Felisberto olhou para o jovem ao seu lado e riu. Nesse momento, vi que cada um deles estava com uma bíblia no colo. Imediatamente, devolvi-lhe a panderola e virei-me para voltar à secretaria. O homem, um pastor, estava cantando ao microfone, tocando violão e virando a página da bíblia. Ele me olhou e percebi que eu estava interferindo num culto evangélico, que pensei ser um ensaio.

Retornei à secretaria. Delma, Soraia e Muriel estavam lá, procurando algo em uns papéis.

“- O que está acontecendo no saguão?, perguntei a Delma.
 - Culto, respondeu-me Delma.
 - É uma ensaio?, indaguei.
 - Não, isso é o culto, disse Delma.
 Comentei o que eu havia feito.
 - Eles não vão se importar, já que você não sabia, tranquilizaram-me.
 - Não vem ninguém?, perguntei. Eu pensei ser um ensaio porque as cadeiras, organizadas em filas, estavam todas vazias.
 - Às vezes vem, outras não, disse Delma, com o rosto fechado.
 - É uma vez por semana?, questionei.
 - Essa semana já teve aqui, na segunda. [Brava, aumentou o volume da voz] Eu não concordo com isso, está na Constituição que uma instituição não pode ter filiação religiosa, não tá?! Tá lá! Então é errado ter isso aqui, mas Dona Anastácia deixa. No início era só o Felisberto, depois arrumaram um microfone para ele e agora uma banda, um pastor e aí virou culto, desabafou Delma”.

Muriel e Soraia pareciam não se incomodar com o culto. Eu os ouvi cantarem músicas e não vi outras pessoas, além deles, prestarem atenção ao culto.

Nesse momento, comprehendi uma conversa que tive com Adoniran, André e Felisberto – todos jovens do Projeto Esperança de Vida, no início daquele mês. Perguntei a eles o que fariam depois que saíssem do projeto, no final do mês. Adoniran cantou um trecho de uma música funk: “[...] vou alimentar os cão”, e referiu-se à parte de cima do morro. Indaguei: “Você vai dar comida pra cachorro?”, eles riram e zombaram do que eu havia dito. Adoniran

explicou-me: “Cão é a polícia [...] Vou voltar pro trâfico, porque não tenho emprego e não vou ficar acordando cedo para ir procurar emprego”. André disse que ficará por ali, “vou jogar futebol no lote”, porque também “não vou ficar acordando cedo”. Por fim, Felisberto pronunciou: “Vou trabalhar no morro”, ao que Adoniran riu e me disse: “O Felisberto é o nosso pastor duas vezes por semana e vai trabalhar no morro”, e ficando sério alertou seu companheiro: “Não fala besteira, Felisberto!”; “Vou” afirmava Felisberto, “lá no Lote”, ao que Adoniran repetia “você está falando besteira”. Então Felisberto anunciou: “Vou trabalhar de ajudante de pedreiro”.

Outro culto que observei no Centro Comunitário foi realizado, também numa quarta-feira, na Semana Santa de 2004, em meio a uma série de celebrações que estavam acontecendo no saguão da entidade. Nesse dia, na parte da manhã ocorreu o amigo oculto de Páscoa dos trabalhadores do Centro e da Faetec. Antes do início da troca de presentes, Dona Anastácia proferiu algumas palavras: “O sentido atual da Páscoa é comercial, mas eu quero refletir, fazer uma reflexão sobre esse momento. Conseguí ter vários projetos sociais reunidos aqui dentro e vários voluntários, todas as pessoas que ajudam a melhorar a comunidade e eu agradeço”. E um trabalhador complementou: “É um momento importante para a reflexão, ainda por cima nesse clima de violência que afeta o Rio de Janeiro”. Depois da troca de bombons, foram servidos suco de uva e uma pizza com sardinha e tomate. Em seguida, algumas pessoas almoçaram.

Nesse dia, foram distribuídos, para as crianças, tanto àquelas que vieram pela manhã quanto à tarde, após as suas atividades, um saco plástico com dois chocolates Bis e uma mensagem sobre a Páscoa. Algumas crianças ganharam ovinhos de chocolate feitos por Soraia, que contou ter feito em torno de 250 ovinhos. Delma entregou a alguns professores, a sua escolha, um saquinho com os chocolates.

À tarde, depois de participar da reunião do Projeto Esperança de Vida, desci para o saguão. Estava acontecendo uma “confraternização” com os idosos. Numa mesa ao centro do saguão havia pães, refrigerantes e vinho “para celebrar a Páscoa e refletir”. Os idosos estavam sentados em cadeiras dispostas em círculos. Alguns levantavam e pronunciavam algumas palavras, tais como: “É importante esse momento para pensar”; “Nós devemos ser amigos, não só aqui dentro do Centro, mas nas nossas casas também”. Uma senhora pediu a Silvana, assistente social da Prefeitura responsável pela organização do grupo, para ler a bíblia. Silvana leu o trecho pedido, enquanto os outros escutavam.

Delma caminhava de um lado a outro e me dizia: “isso não poderia estar acontecendo aqui, nesse momento, tem a confraternização das crianças às 17hs”.

Após as falas, os idosos compartilharam o pão e as bebidas. Findo o encontro, alguns foram embora, outros ficaram pelo saguão. Então, preparamos uma mesa grande ao centro do saguão e dispomos as cadeiras em volta, para a “confraternização” das crianças. Ainda, improvisamos um telão, confeccionado com papel grande branco, para projetarem o filme “A Paixão de Cristo”, logo após a “confraternização”. Mais tarde, trouxeram cestas de pães diversos, feitos no curso da padaria da Faetec, e suco de uva, que seriam servidos às crianças.

Aos poucos, as crianças iam chegando e se sentando. Em seguida, teve início um culto evangélico com rezas, falas e cantos. Delma, sentada ao meu lado, na bancada no saguão, dizia: “as crianças vão embora, não podia estar acontecendo isso aqui [...]. Não pode ter religião preferida aqui, porque pode ter gente de todas as religiões”.

Após o culto, Dona Anastácia falou sobre a Páscoa para as crianças, leu o jogral que os jovens do Projeto Esperança de Vida iriam apresentar, mas “não puderam, porque está no horário da escola deles”. Justificou a ausência da música preparada para a ocasião porque o “educador” Paulinho não havia chegado a tempo, visto que ele estava em outra “confraternização” no Abrigo, mas quando chegasse, cantaria. Depois, passaram os pães para as crianças, que comeram. Logo em seguida, começamos a arrumar as cadeiras para o filme, as crianças ficaram por ali para assistir. Estavam esperando Lilico, outro professor da informática, retornar ao Centro, pois ele tinha ido buscar o projetor no CDI (Comitê para Democratização da Informática), no Centro da Cidade. Fui embora antes de ele voltar.

Como visto, há nas práticas cotidianas levadas a cabo no Centro Comunitário um entrecruzamento com a religião professada pela presidente da entidade, embora em seu discurso ela afirme que “não mistura” sua “religião pessoal” com seu trabalho na entidade.

Atento, dessa maneira, para que a “não mistura” entre religião e atuação no Centro Comunitário pode ser compreendida pelo fato de que a entidade aceita como trabalhadores, funcionários e freqüentadores pessoas não batistas, nem evangélicas em geral.

Em decorrência disto, como visto nos cultos acima, emergem conflitos derivados de distintas visões de mundo e do lugar da religiosidade na instituição.

Um desses conflitos ficou expresso no dia de São Cosme e Damião, em 2004. Fui ao Centro Comunitário e levei alguns doces para distribuir às crianças. Havia poucas crianças na entidade, a maioria não foi devido à festa na quadra, que aconteceria nesta tarde, organizada pelo tráfico local. Pode-se pensar também que a não presença das crianças está relacionada ao fato de que pelo Centro Comunitário não há festa para as crianças nesse dia. Isto porque, entre outras coisas, São Cosme e Damião são ligados à Umbanda, religião vista como ‘demoníaca’

pelas denominações evangélicas. Ainda, para estas, a devoção aos Santos é considerada “idolatria” e deve ser rejeitada (Mafra, 2001).

As crianças que foram ao Centro, com idades entre sete e onze anos, estavam com Soraia e Paulinho em uma das salas de aula. Fui até lá, distribuí os doces e fiquei conversando com as crianças. Uma menina disse que pela manhã foi à escola, situada no bairro vizinho, o Grajaú, “a pé, só para ir pegando doces [...] a minha mochila ficou muito pesada”. Ela e outras meninas ficavam trocando, umas com as outras, os doces recebidos. As fontes de distribuição de doces são diversas como nas casas que passaram e outras pessoas que foram ao morro distribuir, como os “cabos eleitorais” do candidato à reeleição a Prefeito, César Maia; nos saquinhos de doces distribuídos por eles havia grampeado um panfleto do candidato.

Das oito crianças que estavam ali, apenas uma ainda estava fazendo a atividade proposta por Paulinho. Perguntei se ela não queria doce. Uma outra menina, Lisbela, que estava com a mochila repleta de doces, respondeu: “ela não quer, porque ela é crente e não pode pegar”. Flor, a menina “crente”, retrucou: “não, não pego doce. As que pegam ficam, depois, cheias de verme, com muito verme e eu não quero ficar com verme, é horrível, eu não como doce”.

Ao que Lisbela comentou: “um dia meu primo colocou um verme enorme pela boca, que nojo!”. Então ela e outras meninas que estavam com os doces disseram que “não estou nem aí, vou comer os doces sim”. Um dessas meninas, Samira, é bisneta de Dona Anastácia, filha de Fabrícia, que trabalha na secretaria da Faetec. Samira, trocando doces com outra menina, exclamou: “Que bom que eu não sou crente! Graças a Deus que não sou crente! Se eu fosse não ia poder pegar doce!”. Flor replicou: “Que horror! Elas vão até o Grajaú pegar doce”. Ao que Samira novamente afirmou: “Que bom que eu não sou crente”. Então Lisbela lembrou a Samira: “sua avó é evangélica e você não pode pegar doce, pode me dar seus doces”. Samira rapidamente respondeu: “Não! A minha avó é crente, mas eu não, e a minha avó não vai fazer nada, nem vai me bater e eu vou comer doce sim”. Lisbela ainda comentou: “vai ter muito doce, chocolate, muito!”. Perguntei a ela: “Onde?”. “Na festa do CIEP”, respondeu. Uma outra menina comentou: “Tem brinquedo!”. E Lisbela lhe disse: “Não quero saber de brinquedo, só de doce”. Indaguei-lhe: “Que festa é essa?”; Lisbela respondeu: “A festa do CIEP, a festa dos bandidos”. Paulinho perguntou se elas não iriam à festa, porque haviam lhe dito que seria às três horas, mas já passava desse horário e elas ainda estavam ali. Elas responderam afirmativamente. Pouco depois fui embora da entidade.

3. “No tempo do...”: O Centro Comunitário e os políticos

Como venho apontando, é recorrente na narrativa da dirigente do Centro Comunitário, dos freqüentadores e trabalhadores da instituição a referência a políticos, principalmente a vereadores, mas também a prefeitos e governadores. A alusão a esses atores sociais está relacionada a diferentes redes de relações sociais que entrecortam a entidade, estabelecendo ligações entre os participantes e seus representantes perante o poder público e os próprios governantes. Alguns trabalhadores do Centro Comunitário ocupam “cargos políticos”, acessados mediante suas redes de relações sociais. Dona Anastácia refere-se a eles para buscar “apoio” às suas iniciativas e contratar “convênios” e “projetos sociais”. Por sua vez, os políticos e candidatos a cargos públicos procuram-na visando a obter sua adesão às suas candidaturas e empreendimentos. Já os freqüentadores da instituição, principalmente os idosos, mencionam estes atores sociais associando-os às melhorias que trouxeram para a entidade, para o local onde vivem e aos benefícios que recebem dos poderes públicos.

Referindo às melhorias no morro, alguns idosos disseram que elas ocorrem “sempre depois das eleições”. Ainda relembram que na “época de eleição”, os candidatos, “o governo, esses vereador, deputado sempre que vem aqui dentro, quando chega época de eleição eles vem, fazem qualquer coisa, dá uma ajuda aí, ajuda, pra gente poder votar neles, sempre mostra qualquer coisa, aí fazem alguma coisa”, como salientou Dona Guilhermina.

A isto também faz referência Dona Antônia:

“- Antes vinha [candidatos], mas vinha, quando tinha eleição vinha um ajeitava um pedaço, aí passava, aí vinha outra eleição, vinha outro. É como se diz: é igual obra de igreja, cada um faz um pedaço. As eleições não eram de quatro em quatro anos? Aí um fazia, completa com aquela de quatro anos, vem de novo. Agora vem outra eleição de novo, eles vêm de novo aqui, aí vêm dizer o que eles vão fazer mais. É assim. Aqui não é assim tudo de uma vez não, é pedaço por pedaço, tábua por tábua, entendeu? Que eles iam, eles falaram que iam fazer uma praça. Queria tirar as valas negras do meio da rua, entendeu?”

Isto remete ao jogo próprio do “tempo da política”, como denomina Palmeira (1992), no qual os candidatos, em busca de adesão às suas candidaturas, vão ao encontro dos eleitores em potencial travar negociações.

Assim, a conquista de benefícios, ao longo do tempo, é atribuída aos diversos governos: a água, a Carlos Lacerda, em 1960-1965 – de quem encontrei uma fotografia, em minhas buscas na Internet, visitando o local, quando era vereador, como pode ser visto

abaixo; as obras e escolas com Brizola, na década de 80; e, por fim, o Favela-Bairro, com César Maia, no final dos anos 90, início dos anos 2000.

Cabe salientar que os governos citados possuem diferentes visões sobre as “favelas”, correspondendo a distintas ações políticas frente a elas, tais como analisadas por Valladares (1978 e 2001) e Burgos (1998).¹⁵²

Carlos Lacerda (1960-1965) foi eleito o primeiro governador do recém-criado Estado da Guanabara, em 1960, pela UDN. Em seu governo, as favelas eram vistas como um “problema político”, sobre o qual incidiram duas vertentes de ações: por um lado, a remoção; por outro lado, a urbanização de algumas delas. Nesse período, foi incentivada a criação de Associações de Moradores – a própria Associação de Moradores do Morro Parque Vila Isabel, conforme Dona Anastácia, foi criada neste contexto, em 1962, como expus acima. De acordo com Burgos (1998), naquela época, as novas Associações de Moradores foram “obrigadas” a assinar um “acordo” com a SERPHA (Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-higiênicas), pelo qual “a moeda de troca da promessa de urbanização é o controle político das associações pelo Estado”.

Cabe salientar que Carlos Lacerda, vereador do Rio de Janeiro em 1948, lançou uma campanha popular na imprensa local intitulada “A Batalha do Rio de Janeiro”, composta de 13 artigos sobre o “problema das favelas” – talvez, não por acaso, o mesmo ano em que aparece na foto junto a moradores do Morro dos Macacos. Nesta campanha propunha uma “solução”, que ainda não era a remoção, para as favelas buscando a adesão do Prefeito para resolver a questão.

¹⁵² O trabalho de Valladares (1978) é uma análise do período de remoções das favelas para os conjuntos habitacionais criados, na época, para as famílias removidas. A política de remoção operou profundas marcas na estrutura social e nas redes de relações dos moradores das favelas, visto que interviro cortando tais redes, além dos conjuntos habitacionais terem sido construídos em locais afastados do centro da cidade e dos empregos. A resposta de muitos moradores frente a esta ação foi a venda das casas nos conjuntos habitacionais, aí o título da obra “Passa-se uma casa”, e o retorno às favelas. Em seu outro estudo, Valladares (2001), a autora não apenas aponta para os diferentes períodos das políticas públicas para as favelas, mas também para o próprio olhar da sociedade e, principalmente, das disciplinas universitárias que tomam a favela mais como um campo de estudo sobre temas diversos, do que o estudo da própria estrutura desse local e de seus habitantes. Nesse sentido, argumenta, é que as favelas passaram de locais de moradia a categorias e objeto de estudos de diferentes áreas acadêmicas, que contribuíram para “A Invenção da Favela” – título que dá nome à obra. O trabalho de Burgos (1998) é bastante esclarecedor em termos das diferentes políticas públicas frente às favelas, mas não creio que elas sejam, como o autor se refere, o “mundo dos excluídos”, pois isto se refere a um mundo à parte. E as favelas, como venho argumentando, estão inseridas no contexto da cidade e mesmo nas políticas públicas, que o próprio autor toma como referência, embora de maneira diferenciada de outras classes sociais e agrupamentos habitacionais. Mesmo levando em consideração as dificuldades de acesso a bens e serviços públicos e privados e à sociedade de consumo, as favelas e seus moradores estão, desta maneira, incluídos, não constituindo, portanto, um “mundo dos excluídos”.

“Eis, em seus exatos termos, a proposta que fazemos ao governo. Por tudo quanto sabemos, das conversações até agora mantidas, acreditamos que ele se dispõe a ajudar o povo a agir por si mesmo, nessa batalha contra o egoísmo e a inércia. [...]. Apenas acho que o problema das favelas pode ser devidamente encarado pelo povo, se este quiser e se o governo deixar e ajudar”. (Carlos Lacerda, Correio da Manhã, 19 de maio de 1948, *apud* Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005:10-11)

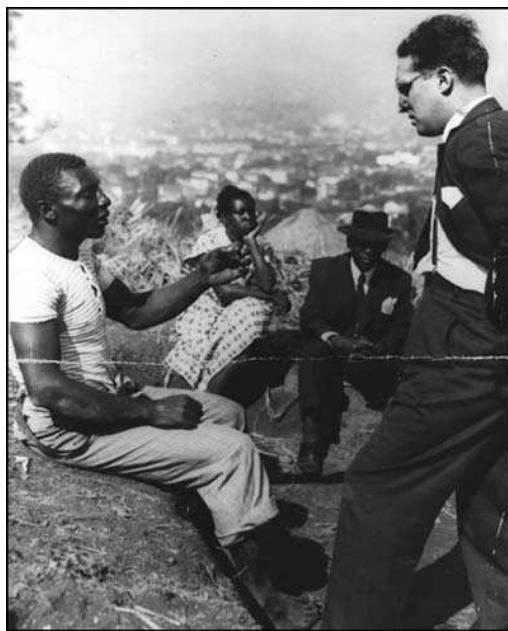


Foto 8 - "O jornalista e então vereador carioca Carlos Lacerda conversa com moradores do morro dos Macacos em 1948"

Fonte: Arquivo Nacional – Arq. Correio da Manhã.
<http://www.alerj.rj.gov.br/memoria/exposicao/visita/27.html>

Os freqüentadores do Centro Comunitário e sua presidente apontam Carlos Lacerda como tendo sido “quem colocou água aqui na comunidade” – quando era governador.

O período de 1968 a 1975 ficou conhecido como o período das remoções (Valladares, 1978), não havendo intervenções urbanísticas nas favelas. Talvez por isso esse período não seja, praticamente, lembrado pelos freqüentadores do Centro Comunitário.

Outro político bastante citado foi Brizola. Este foi eleito governador do Rio de Janeiro em 1982, e posteriormente em 1990, pelo PDT, partido do qual foi fundador. Era considerado inimigo político de Carlos Lacerda (Sento-Sé, 2000). Conforme Burgos (1998:42), “o governo Brizola desenvolveria uma agenda social especialmente voltada para as favelas do Rio de Janeiro”, incluindo uma política de direitos humanos, pela qual “esperava definir uma nova conduta para as polícias civil e militar perante os excluídos, baseado no respeito a seus direitos civis”. Mediante esta política, o governo Brizola recebeu diversas críticas por

determinados setores da sociedade, que consideram que ele contribuiu para o incremento da violência e para a instalação do tráfico nas favelas, sendo acusado de “defensor de bandido”.

Entre os freqüentadores do Centro Comunitário, Brizola é lembrado, principalmente, pela construção do CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), chamado inclusive, em todo o Estado do Rio de Janeiro, de Brizolão, pois como diz Dona Guilhermina: “Foi no tempo do Brizola, tem o nome de Brizolão, foi o Brizola que fez”.

Um outro período lembrado pelos freqüentadores da entidade é o governo do César Maia, Prefeito da Cidade do Rio Janeiro, eleito em 1992-1996, pelo PMDB, e posteriormente, em 2000 e reeleito, pelo PFL, em 2004. A sua referência está associada ao Programa Favela-Bairro, que como visto no segundo capítulo, tanto atuou na urbanização de certos trechos do morro, como na implementação de “projetos sociais” para a população local, que foram desenvolvidos, principalmente, por intermédio e no espaço do Centro Comunitário.

Abaixo, apresento algumas falas dos idosos sobre os políticos e as lembranças de suas contribuições ao morro, conforme salientei.

a) Água e Luz

“Carlos Lacerda é que colocou água aqui, antes pegava lá no Grajaú”, disse uma idosa durante um dos grupos.

“– [...] Em lugar nenhum tinha água, quem colocou água aqui na comunidade foi o Carlos Lacerda. O governo Carlos Lacerda, foi ele que botou água na comunidade. Aí não existia água mesmo em lugar nenhum, nem nascente d’água não tinha mesmo por aqui. Não tinha mesmo, nada, lembrou Seu João Lucas.

[...]

- E quando é que começou a colocarem água, luz? O senhor se lembra disso, quando é que começaram a colocar?, perguntei.

- A água e luz? Foi depois desse dilúvio mesmo é que voltaram. Voltaram a olhar as comunidades e prestigiar com qualquer coisa, respondeu.

- Quem é que voltou a olhar?, indaguei.

- Na época foi Carlos Lacerda. É, o governador foi Carlos Lacerda é que botou água no morro. Por ele é que nós temos água, graças a Deus, na comunidade. Num lugar desse jeito de gruta, que as águas nascem sempre nas grutas, mas aqui não tinha nascente de água nenhuma. Esquisito, não é?!, contou Seu João Lucas”.

“- [A bomba d’água] Queimava o tempo todo, os moradores ficavam um mês sem água, a gente fazendo vaquinha pra juntar o dinheiro pra consertar a bomba. Era um sofrimento, depois do Carlos Lacerda, do Brizola, a Cedae tomou conta. A Cedae até agora ainda permanece assim, a Cedae conserta as bombas quando queima, os moradores agora não faz mais vaquinha pra consertar as bombas, contou Dona Anastácia”.

“Desde o Castelo Branco, aquele que morreu em um desastre, a chuva do dia 12 de janeiro, ele botou os canos de plástico de água, disse Dona Eulália, 68 anos”.

b)Obras

“- A associação tinha que providenciar a obra, a licença lá no serviço de favelas, que era proibido fazer, disse Dona Anastácia.

- Serviço de favela, tinha isso?, indaguei.

- É, tinha, o governo tinha o SERPHA, serviço não sei o que lá de favela. Aí o SERPHA que dava as autorizações pras pessoas fazerem um melhoramento na casa. Mas não podiam aumentar, não podia nem fazer um banheiro. Porque não podia aumentar a favela. Aí então eu tinha que ir pra lá, conseguir uma licença pros moradores que tava precisando fazer um aumento, aí a polícia vinha e pegava dinheiro deles porque eles não podiam fazer e fazia. Só depois, com o Brizola, também foi que melhorou isso, que aí deixava fazer casa de tijolo, todo mundo não tinha mais que tirar licença, até hoje todo mundo faz o que quer. Ninguém tira mais licença pra fazer obra, todo mundo faz obra, faz prédio, o que quiser, mas houve um tempo que não podia não, nem fazer um banheiro podia, explicou Dona Anastácia.

- E a casa não tinha um banheiro?, questionei.

- As casas que conseguiam fazer um quartinho, rápido e correndo com medo da polícia derrubar. Depois que ia legalizar aquilo, depois queria fazer um aumento, queria, aí não podia, aí já tava é com aquilo ali tinha que fazer, ou, às vezes, morador que vendia uma parte pro outro, contou Dona Anastácia”.

“- [...] O Vadico, que era da parte de obras, ele até fez bastante coisa de obras ali no Pau da Bandeira, que nesse tempo o governo não entrava aqui pra fazer obra, era os próprios moradores que faziam escadarias, que fazia obras, assim sozinhos, faziam mutirão os moradores, contou Dona Anastácia.

- Por que não entrava o governo?, perguntei.

- Ah, não era, o governo não entrava em comunidade assim e regulava, fazia obra, ele não fazia isso, a gente fazia isso. Essa história de obra assim, dentro de favela, teve no governo Carlos Lacerda depois no governo Brizola. Não sei quais outros que passaram nesse intermeio aí, no entremeio aí eu não sei, sei que no Carlos Lacerda teve essa obra de água aqui, depois quando entrou o governo Brizola aí, disse Dona Anastácia”.

c) Escolas

“As escolas depois que veio pedido, acho que foi coisa do Brizola, disse uma idosa durante um dos grupos”.

“- E o CIEP?, perguntei.

- O CIEP, deixa eu ver quantos anos tem o CIEP, também não é velho não, é novo. Então bota assim uns 10 anos, por aí. Foi logo que Brizola foi, não sei se é, vereador não, era, como é que fala?! Ih, agora esqueci. Não é vereador não, é, como esse menino está agora. Foi logo assim que o Brizola, que fez

esse Brizolão. Ele fez o Brizolão o seguinte: para as mães que trabalhavam fora, isso foi bem explicado na reunião que eles vieram aí: para as mães que trabalham fora pro aluno ficar o dia todo dentro do CIEP, pras mães trabalharem sossegadas. Mas não foi nada disso, não aconteceu nada disso! Quer dizer, o aluno entra, sai meio expediente. Como é que uma mãe pode trabalhar com um aluno fora de casa?!, explicou Dona Antônia.

- Quem é que disse que iria ser o dia todo?, indaguei.

- O Brizola, afirmou Dona Antônia.

- Ele veio aqui?, questionei.

- Veio! Brizola cansava de vir aqui. Brizola, ele vinha de manga de camisa e de chinelo de dedo no pé. Ele não era político de terno e gravata não. Ele arregaçava a manga assim e vamos embora. E quando ele fez esse CIEP, ele falou para a gente: que era o CIEP, que era pras mães que trabalhassem fora, os filhos dessas mães tinham café da manhã, almoço, janta, e o lanche à tarde e a janta. Saía na base de 5 horas. Logo no começo aconteceu, mas depois que foi mudando a política virou tudo de perna para cima, entendeu? Quer dizer que a maioria dessas crianças viviam tudo dentro dos CIEPs, no tempo dos meus filhos que eram pequenos, entendeu? Agora não, agora que eu não sei, porque os meus filhos nunca estudaram no CIEP [...]. O meu filho, quando saiu de lá, estudou na Assis, que quando ele saiu da Dona Anastácia, ele já saiu na idade de seis, sete anos. Minha filha saiu com sete anos, seis para sete anos. E o meu filho também seis para sete anos. Aí eu fiz a inscrição deles lá na Assis, entendeu, todos dois. Então, que aqueles dois, minha filha se formou, que foi até à oitava série lá na Assis, e o meu filho também, esse caçula, contou Dona Antônia”.

“- E essas escolas que têm aqui, quando o senhor chegou tinha escola aqui?, perguntei.

- Ah, essas escolas, isso veio depois, disse Seu João Lucas.

- O senhor se lembra a época?, indaguei.

- Depois disso, não me lembro não, falou.

- Ou quem fez as escolas?, insisti.

- Essas escolas foram criadas no governo de, foi um governo depois do Carlos Lacerda, contou Seu João Lucas”.

d)Favela-Bairro

Em uma das minhas primeiras idas ao morro, observei que havia uma faixa pendurada nos postes, na entrada do morro, com o seguinte escrito: “Obrigada Pref. César Maia, Obrigada Solange Amaral, Obrigada Sub-prefeito Lúcio Herbert pelo Favela-Bairro, Comunidade Parque Jardim Vila Isabel, Pau Bandeira”.

“- Agora eu vejo muito que os caminhos são de concreto, não é?, perguntei.

- Agora mudou, que agora o Favela-Bairro consertou, agora os caminho são tudo assim que tu vê, mas antigamente não era, era de barro mesmo, a gente descia escorregando, subia escorregando, às vezes, alguém fazia escadinha de pedra, quando chovia muito as pedras desciam, um pisava: ‘ah, cuidado

pra não cair!’. Era assim, agora melhorou depois do Favela-Bairro pra cá, foi uma grande melhora, explicou Dona Guilhermina.

[...]

- E essa rua aqui, ela já era asfaltada?, indaguei.

- Essa rua aqui?, perguntou Dona Guilhermina.

- É, confirmei.

– Não, ela era de barro antes do Favela-Bairro. Eles botaram aquele paralelepípedo nela toda, agora é que veio o Favela-Bairro é que asfaltou assim, melhorou, abriu ali aquela rua ali, o Terrerinho, aí botaram, mas não era assim, era paralelepípedo, contou Dona Guilhermina”.

“- Depois agora do Favela-Bairro melhorou, porque fez bastante caminhos, se bem que o mutirão já tinha feito bastante coisa, e agora acabou de completar, porque o Favela-Bairro fez várias praças, fez quadras, fez pracinhas, melhorou bastante a parte urbanista e até os projetos sociais também. Que, a gente, antigamente, não tinha nada disso que tem hoje, o governo apoiando o projeto da gente, nunca teve, contou Dona Anastácia”.

“- Quem faz mesmo aqui é o César Maia, disse uma idosa durante um dos grupos”.

“- Agora melhorou muito!, disse Dona Antônia.

- E quem é que melhorou muito?, perguntei.

- Quem fez agora esse projeto? Que teve esse projeto!? Não foi o, como é o nome mesmo? Não foi Garotinho não. Esse, como é, o que está agora?, tentou lembrar.

- Que está onde?, indaguei.

- Esse que está agora na prefeitura!, exclamou Dona Antônia.

- O César Maia?!, confirmei.

- César Maia. [...] O projeto Favela-Bairro. César Maia, ele nunca vinha aqui não, o César Maia, vinha o pessoal dele. Quem teve uma vez aqui foi Benedita. Foi o, o Garotinho nunca teve aqui. Foi aquele, como é o nome dele, esse que saiu, esqueço, também esteve aqui, eu tirei até retrato com ele e tudo. Eu esqueço os nomes dos candidatos, só na hora que eu me lembro. Agora o César Maia ele mandava os pessoal dele, que ele nunca teve tempo, contou Dona Antônia.

- Deputado, vereador, eles também vêm?, perguntei.

- Vem. Vinha. Vem muito aqui, Cidinha Campos, mas não vem aqui, passa, vem lá perto do túnel Noel Rosa. Roberto Dinamite deu muita força aqui. O Roberto Dinamite fez um projeto muito bom para a gente aqui, no tempo dos tanques, foi ele que fez os tanques, foi ele que juntou a cobertura, entendeu?, disse Dona Antônia.

[...]

- E essas escadinhas que têm, sempre tiveram?, indaguei.

- Não, eles que fizeram. O Conde também ajudou, logo que o Conde entrou, ele que fez, que disse que ia fazer isso, entendeu? Só que ele não foi eleito, quem foi eleito foi o César Maia. Pela nossa comunidade aqui ele podia até ser eleito, mas voto é secreto, a gente não sabe quem vai votar em quem, explicou-me Dona Antônia.

- Essas escadas eram como?, questionei.

- Não eram escadas não, falou Dona Antônia.
- Eram o quê?
- Era caminho que o pessoal fez e subiam assim mesmo. Agora não, agora tem escada para a pessoa subir, tem escada, corrimão. Cada vez eles vão melhorando mais. Eles fizeram a barragem. Fazem as encostas, pra não cair. Porque antigamente caía muita barreira de terra. Aí eles fizeram as encostas de cimento. Fizeram um aumento muito bom aqui menina, agora ficou bom. Ficou muito bom mesmo!, contou Dona Antônia”.

Nessa relação o que mais chama a atenção é a contagem do tempo, ou melhor, dos acontecimentos, que são marcados pelo “tempo” do político. Assim, foram freqüentes expressões como: “No tempo do Brizola”, “No tempo do Carlos Lacerda”, entre outros.

Lembro o que aponta Evans-Pritchard (1993) sobre os Nuer e a maneira como contam o tempo, que é, para eles:

“[...] uma ordem de acontecimentos de significação importante para um grupo, cada grupo possui seus próprios pontos de referência, e o tempo é, em consequência, relativo ao espaço estrutural, considerado em termos de localidade”. (Evans-Pritchard, 1993: 118)

De maneira similar aos Nuer, a contagem do tempo pelos freqüentadores e pela dirigente do Centro Comunitário relaciona-se “aos acontecimentos de significação importante” para eles, como as melhorias na localidade onde moram, possuindo desta maneira “seus próprios pontos de referência”, que aqui são os políticos. Ainda, este “tempo histórico” é um tempo oral, é uma história oral, rememorada enquanto a memória das pessoas que viveram determinado acontecimento lembrar do fato, isto porque está relacionado com ter alguma significação para o grupo, pois se retém, se lembra e se guarda aquilo que é, e enquanto for, significativo para o grupo.

Nesse sentido, escreve Palmeira (2002:175): “só é ‘temporalizado’ (isto é, transformado em tempo, como o tempo da política, o tempo das festas, etc.) o que é considerado socialmente relevante pela coletividade em determinado momento”.

Dona Maura, freqüentadora do grupo de idosos, nos dois encontros que tivemos para realizar as entrevistas, em sua apresentação, associou a um político a época em que veio morar no morro.

“[No primeiro encontro]:

- Eu moro aqui desde que Lacerda foi presidente, disse Dona Maura.
- Desde que o Lacerda foi presidente!?, indaguei.
- Não, presidente, não, foi governador, lembrou-lhe Dona Inácia.
- Quando eles entraram, Juscelino e Lacerda, afirmou Dona Maura.

[No segundo encontro]:

Não sei há quanto tempo moro aqui, desde Juscelino e Lacerda para presidente [...]. Nasci numa fazenda, meus pais trabalhavam na fazenda do Getúlio. [...] Eu vim com a família que eu fui criada, meus padrinhos, meu pai deu eu pra essa família, deu eu pros fazendeiros; acabou tudo, agora já foi”, lembrou Dona Maura, 76 anos.

Alguns acontecimentos que marcaram a história local também foram relembrados associando-os ao “tempo do...”, como um incêndio, construção de escola, obras.

“- Me falaram, no grupo que a gente fez, que teve um incêndio aqui e teve uns desabamentos, a senhora se lembra disso?, perguntei.

- Ah, teve uma vez no dia, no primeiro de janeiro, num primeiro de janeiro, o primeiro dia de governo do Saturnino Braga a terra rachou aí, um monte de barracos caíram, muita gente ficou desabrigada, disse Dona Anastácia.

- E foram pra aonde essas pessoas?, indaguei.

- Ah, eles ficaram um pouco na Associação, um pouco na casa dos outros, até que se conseguiram construir aquelas casas ali pra eles, contou Dona Anastácia.

- Quais casas?, questionei.

- Umas casas que tem aqui, muitas foram construídas pela Secretaria de Habitação no tempo do Maurício Azevedo, que era Secretário de Desenvolvimento Social. Aí conseguiram colocar eles ali, várias casas, explicou Dona Anastácia.”

“- E quem é que pegou esse pedaço para fazer o Brizolão [o CIEP]?, perguntei.

- Ué! Foi o governo, porque isso tudo aqui é dele, não é?! Foi do tempo do Brizola, tem o nome de Brizolão, foi o Brizola que fez, explicou Dona Guilhermina”.

“- Depois passou a ter um mutirão remunerado, que a Prefeitura pagava os próprios moradores, dava o material pra fazer os caminhos, aí fez muita obra de mutirão remunerado que [foi] no tempo do Pedro Porfírio na Secretaria de Desenvolvimento Social. Agora já está mais avançado, porque agora já vem firma, agora no Favela-Bairro, uma firma que fez tudo, pagando, carteira assinada de todo mundo. Mas nisso, o próprio morador assinando carteira pra fazer obra dentro da comunidade, mas no nosso tempo não era assim, disse Dona Anastácia.”

Nas rememorações de eventos significativos relacionados ao “tempo da política”, Seu João Lucas, 89 anos, lembra seu primeiro voto para Getúlio Vargas; ele relembra as conquistas trabalhistas advindas com a política do presidente Getúlio Vargas.

“- Eu participava muito e eu dei muito voto, eu votei muito. Eu sou, eu fui eleitor desde Getúlio Vargas. Desde Getúlio Vargas, eu era garoto ainda.

Primeiro voto que eu dei foi para o Getúlio Vargas. Na época eu era garotão de 17 anos, já votava. Já votava. O primeiro voto que eu dei foi para o Getúlio Vargas. E foi certo, que o Getúlio Vargas, não desfazendo dos demais, Getúlio Vargas foi pai do Brasil. Getúlio Vargas acabou com o resto da escravidão; ele é que acabou com o resto da escravidão. Esses direitos que a gente tem hoje, foi ele quem deixou. Até o governo dele ainda era meia escravidão, contou-me Seu João Lucas.

- Como assim meia escravidão?, indaguei.

- A escravidão foi uma coisa que ninguém mandava em si: escravo, escravo. Patrão: patrão impunha, impunha o empregado. Ainda era meia escravidão, era assim: se eu era o seu empregado, no caso, se eu te devesse cinco mil réis

- na época era mil réis? Era mil réis sim. Se eu te devesse cinco mil réis: ‘Não vai sair daqui nem por nada. Nem pensar!’. E de fato não deixava sair mesmo não, só se fugisse. Aí, quando no governo de Getúlio Vargas ele cortou isso tudo. Tirou isso tudo: ‘Paga se puder. Quem deve, quer mudar, paga se quiser. Não pode pagar: não paga’. Ele é que acabou com isso. Até o governo dele ainda era meia escravidão. Deve cinco mil réis, não vai embora. Não sai. E não saía mesmo, explicou-me.

- O senhor conheceu algum escravo?, questionei.

- Ah, quase, ainda alcancei um restinho de escravidão. Essas impunidades tudo era escravidão. Era patrão: ‘não faz, não quero que faz’. Era meia escravidão ainda.”

Dona Antônia lembra uma carta obtida com Anthony Garotinho para sua mãe poder realizar uma cirurgia e depois ela indo assistir à posse do Garotinho como Governador do Estado.

“- [...] eleição foi a melhor que eu tive: ‘você vai fazer tudo que você tá prometendo?! Vê lá hein?! Olha eu vou cobrar em, eu vou lá na prefeitura cobrar’; e ele: ‘não, pode deixar Dona Antônia’, eu digo o presente aqui pra minha mãe. Eu quando minha mãe foi logo operar, o Garotinho [Anthony Garotinho, ex-governador do Estado], eu fui na rádio Tupi, ele me deu uma carta, ele não se lembra, mas a Rosinha [atual governadora] mandou a secretaria dele fazer uma carta pra eu levar a minha mãe lá no hospital em São Paulo, no hospital do coração, pra minha mãe operar. E não foi preciso, porque naquele tempo, aí no [Hospital do] Andaraí era uma política danada. [...] Eu não joguei fora, está até hoje recomendando, tudo isso direitinho, mais foi a secretaria foi quem me deu, agora você vê como que o bicho é batalhador. Ah, quando chega na posse eu estou lá, ele também que não me conhece mais, porque isso já faz muito tempo, minha mãe operou vai entrar pra oito, tem sete anos já. Já tem muito tempo, foi logo assim quando ele se candidatou, entendeu, não é agora não, logo no começo, disse Dona Antônia”.

Nessa relação entre os freqüentadores e trabalhadores do Centro Comunitário e os políticos, verifica-se um empenho dos candidatos em obter a adesão dessas pessoas à sua

candidatura. Assim foi naquele almoço que ocorreria no Abrigo, que citei acima, e nos ensaios do Bloco de Carnaval Balanço do Macaco, como expus no segundo capítulo.

Durante os ensaios, a adesão estava estampada tanto nas camisetas que traziam seu nome como patrocinador, quanto numa faixa presa à trave de futebol, na quadra do CIEP – local dos ensaios –, que dizia: “O Bloco Balanço do Macaco agradece ao Lúcio Herbert por apoiar mais um grande evento”.

No primeiro ensaio que fui, em janeiro de 2004, Cleiton¹⁵³ “esquentava” sua bateria, quando vi Lúcio Herbert chegar, passando pelo meio do “shopping”. Vestia uma roupa descontraída e estava acompanhado de um homem, que, pelo seu porte físico, parecia ser um segurança.

Um homem que estava na quadra e vestia a camiseta do Bloco, apressou-se em recebê-los. No caminho até a quadra, Lúcio Herbert ia cumprimentando as pessoas, estendendo-lhes a mão. O homem que os recebeu, levou-os até o presidente do Bloco, filho de Dona Anastácia, e cumprimentaram-se. Depois Lúcio Herbert foi levado até à frente da bateria, o anfitrião chamou Cleiton, que comandava o “esquenta” da bateria, estando de costas para eles. Então, Cleiton virou-se e foi ao encontro de Lúcio Herbert, para cumprimentá-lo. Nesse momento, Cleiton fez um gesto para a bateria parar de tocar. O anfitrião apresentou Lúcio Herbert à bateria, composta majoritariamente por jovens. O patrocinador do bloco, então, proferiu algumas palavras aos membros da bateria, que eu, como estava observando a certa distância, não consegui escutar. Em seguida, os jovens o saudaram batendo nos seus instrumentos, ao que ele agradeceu. Então, Lúcio Herbert virou-se e foi novamente até o outro lado da quadra, onde estava o presidente do Bloco, que lhe entregou uma camiseta. Lúcio Herbert, sorrindo, examinou-a e depois a largou em cima de uma cadeira, reservada aos jurados – pois haveria escolha do samba-enredo do Bloco neste dia – e saiu. Como o ensaio do bloco ainda não havia começado, pois estavam terminando de organizar os preparativos para aquela noite, pensei que ele retornaria posteriormente, mas não o vi mais naquele dia.

Num ensaio posterior, no dia da premiação do samba-enredo escolhido, estavam presentes o Presidente da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, algumas baianas, o casal de mestre-sala e porta-bandeira, a secretária da escola, o mestre de bateria e outros membros. Todos foram anunciados e saudados ao som da bateria.

¹⁵³ Cleiton tem 28 anos, mora no morro, é casado. É filho do mestre de bateria da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, da qual é diretor de bateria e é professor de percussão do Centro Comunitário. Foi mediante sua intervenção que desfilei na escola em 2004 e 2005.

Lúcio Herbert foi acompanhado de uma mulher, que tinha sido a mestre de cerimônias do evento de comemoração dos 130 anos do bairro de Vila Isabel, e do homem que estava em sua companhia na outra ocasião, que parece ser um segurança.

Na quadra, dirigiram-se para perto do local onde estava sendo assado um churrasco. Sua chegada foi anunciada e, em seguida, saudada pela bateria. Seus acompanhantes vestiram a camiseta do Bloco e ele amarrou na cabeça um lencinho igual ao que eu havia recebido há dois sábados, na entrada da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel. O lenço, azul, tinha a propaganda de uma confecção de roupas.

Nesse dia também estava presente ao ensaio, Elena, filha de Dona Anastácia. Ela ganhou de seu irmão uma camiseta do Bloco e mostrou a seu namorado. Os dois ficaram analisando a camiseta e quando viram o nome do Lúcio Herbert na parte posterior, como apoio do Bloco, disseram: “ele deve ser candidato a vereador, agora está aqui, mas depois, se não ganhar, some”. Elena comentou rindo: “Quebrou a banca! Não vou usar uma camiseta com o nome do cara nas costas!”. Pouco depois, seu irmão, presidente do Bloco, veio falar com ela. Elena, então, pediu-lhe outra camiseta, uma que não tivesse o nome do Lúcio Herbert atrás. Ele comentou algo em seu ouvido e saiu. Elena voltou-se para nós e comentou: “É, não tem jeito, vou ficar com a camiseta, porque o Lúcio Herbert é que está bancando a cerveja e o churrasco”, e levantou-se, sorrindo, dizendo que iria buscar mais cerveja, visto que ele “está bancando!”.

Vez por outra passava pelo meio da quadra algum jovem carregando alguma arma. Em certo momento, um membro do Bloco, carregando um saco repleto de latas de cerveja foi até a trave, do lado oposto onde tocava a bateria, e entregou a um grupo de homens, alguns armados, outros usando ao pescoço enormes correntes douradas e alguns, ainda, segurando um *walkie-talkie*.

Depois que cada um dos concorrentes ao samba cantou sua composição, foram cantar as músicas da Escola de Samba. A porta-bandeira e o mestre-sala foram dançar no meio da quadra, acompanhados da Comissão de Frente da Escola, sendo rodeados pelas baianas e outros integrantes da Escola, em fila. Em torno, ainda, muitas pessoas que estavam assistindo foram dançar.

Em meio aos dançantes, um homem segurava um *walkie-talkie*, enrolado em uma toalha de mão. Trazia ainda, uma granada de um lado da cintura e uma pistola do outro, vestia camiseta da Escola de Samba. Ele falava ao *walkie-talkie* e cumprimentava algumas pessoas, como os integrantes do Bloco e da Escola de Samba; outras pessoas vinham até ele, falar-lhe

algo. Elena, que estava ao nosso lado, olhou e disse: “acho que eles não precisavam andar armados aqui no meio, não ?! Eles estão muito armados”.

Posteriormente, um homem chamou, pelo microfone, o presidente do bloco, que tomou o microfone e proferiu algumas palavras, anunciando que fariam a “entrega dos troféus e do prêmio em dinheiro para o samba vencedor, no valor de 500 reais”.

Após terem anunciado o ganhador, o presidente agradeceu aos participantes e entregou-lhe o prêmio. Elena disse que o Ceva, que ganhou um “maço” de dinheiro, distribuiria rapidinho o dinheiro, pois “tem uma penca de filhos aqui no morro”. Mais tarde, ele passou por nós, carregando o dinheiro e uma fila de crianças atrás lhe pedindo dinheiro, mas só algumas receberam. Elena dizia: “deve ser tudo filho dele, porque ele tem muitos filhos na comunidade, mais de 20”. Ficamos até o final, quando então fomos embora com Elena.

Não é possível saber se as pessoas que integravam o Bloco votaram em Lúcio Herbert, mas ele foi eleito vereador.

No dia do desfile do Bloco, apareceram algumas camisetas com o “apoio” de Ediberto Gil, que, ainda, distribuiu lanche (copo de guaravita, maçã, pacote de biscoito Clube Social) aos integrantes do bloco. Candidato do PCdoB, não foi eleito.

As considerações acima apontam para um caminho distinto da visão de senso comum que percebe as favelas como “currais eleitorais” de políticos “clientelistas”, que “cooptam” os moradores desses locais, tidos como “massas de manobras” ou como “alienados”. O que expus acima, como a lembrança do primeiro voto e da percepção do contexto em que ele ocorreu, a contagem do tempo através dos políticos, remete à maneira como os freqüentadores do Centro Comunitário aderem a determinado candidato, levando em consideração sua atuação: se ele, sob seus olhares, efetivamente contribuiu para a melhoria das condições de vida naquele local, se ele vai ao morro e, também, no cumprimento de compromissos assumidos na sua rede de relações sociais (Zaluar, 1985; Palmeira, 1996; Magalhães, 1998; Kuschnir, 2000).

Por outro lado, como visto no apoio de Lúcio Herbert ao Bloco Balanço do Macaco e na reunião no “Abrigo” com um outro candidato a vereador, o morro é uma importante arena de disputas e conflitos políticos, enquanto conjunto de seus moradores, que concentram a possibilidade de grande apoio, devido às suas intrincadas redes de relações sociais (Leeds e Leeds, 1978). Assim, o esforço de muitos candidatos em incorporar apoios, mesmo mediante patrocínios, acena apenas como uma “possibilidade” de adesão, que será ou não revertida em voto. Portanto, o voto não é garantido. Como salienta Palmeira (1996:45 *et seq*), o voto é

“adesão”, que é gerada mediante um “processo que vai comprometendo o indivíduo, ou a família, ou alguma outra unidade social significativa, ao longo do tempo, para além do tempo da política”. Daí é possível entender por que, mesmo diante da mesma ação no “tempo da política”, como o patrocínio de lanches e camisetas ao Bloco Balanço do Macaco, um candidato foi eleito e outro não, porque a adesão não é pontual, mas construída ao longo do tempo, e reforçada fora do “tempo da política”, como no caso contado por Dona Antônia em relação a Anthony Garotinho.

4. Eventos: parceiros, projetos e oficinas

Um último ponto a ser abordado sobre a gramática das relações sociais estabelecidas e que perpassam a vida no Centro Comunitário, são os diversos eventos, realizados pelas lideranças da entidade, a que assisti durante meu trabalho de campo. No contexto descrito acima é que procuro compreender etnograficamente a importância e os significados desses eventos.

Tais situações sociais, ora eram relacionadas ao calendário festivo estabelecido em nossa sociedade, ora a um calendário local próprio. Percebi, nesses eventos, a dimensão ritual, manifestada de diversas maneiras, mediante: os discursos, a construção de uma história, as dádivas ofertadas, como comidas e, muitas vezes, presentes; um aspecto espetacular, com as apresentações das “oficinas” realizadas cotidianamente no âmbito do Centro Comunitário; e, um aspecto festivo, com o divertimento, a alegria.¹⁵⁴ Eles foram realizados em dois locais, conforme o alvo da homenagem: na Praça Barão de Drummond, ou no próprio morro - no espaço do Centro ou na quadra do CIEP.

Dentre os eventos festivos observados, vou me deter especialmente em três, por sintetizarem elementos presentes nos outros. O primeiro, um evento único e especial, com referência a uma data específica, o Aniversário de 20 anos do Centro Comunitário, sobre o qual já fiz referência nos capítulos anteriores, mas aqui abordarei alguns pontos ainda não expostos; o segundo, um evento em alusão ao calendário ritual de nossa sociedade, a festa do

¹⁵⁴Para pensar tais eventos, apontando para essas três dimensões, foram de fundamental importância os seguintes textos: Trajano Filho (1995); Peirano (2001 e 2003); Cavalcanti (2001 a e b) e de Segalen (2002). Para a utilização do termo “evento”, tomo como referência os textos de Gluckman (1987) e de Peirano (2001 e 2003). A partir desses autores, entendo essa noção como as “situações sociais” que dão a cor e o sabor à minha análise, isto é, meus dados etnográficos.

Dia das Crianças; o último, organizado pela Coordenadoria de Desenvolvimento Social, no âmbito da entidade, é o Concurso de Gastronomia dos idosos.¹⁵⁵

O Centro Comunitário, como já dito, é palco de diversos projetos sociais.¹⁵⁶ Estes atendem a crianças, jovens e idosos com práticas que incluem esportes, reforço escolar e atividades culturais - apresentando um caráter marcadamente civilizatório¹⁵⁷. Entre suas finalidades estão: sanar problemas sociais tais como uso de drogas (jovens), trabalho infantil e violência doméstica. Para a implementação desses projetos contam com recursos de fontes diversas, como da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, do Governo Estadual, do BID, BIRD e algumas ONGs.

4.1. O Aniversário de 20 anos do Centro Comunitário

No dia 16 de julho de 2003, cheguei ao Centro Comunitário por volta das dez e meia da manhã. Eu havia saído dali, no dia anterior, depois das 22 horas, após o término das correções exigidas por Dona Anastácia numa das partes de sua entrevista, realizada vinte dias antes, na qual havia me contado sua história de liderança no local, tal como analisei acima. Nessas “correções”, por exemplo, ela trocou a palavra tráfico por violência, alterou fatos que considerou impróprios para os interessados lerem, como a destituição de um dos presidentes da Associação de Moradores. Ela desejava que esta história fosse narrada na festa e, também, ficasse disponível à leitura, juntamente com trechos das entrevistas que efetuei com 29 idosos freqüentadores do Centro Comunitário. Como salientei, a tentativa de construir uma narrativa que ligasse a história do morro à história de liderança da presidente do Centro Comunitário é, também, um esforço de legitimação de sua posição e de seu poder, como liderança política local. Nesse sentido, como uma “mulher política”, Dona Anastácia está permanentemente lançando mão de estratégias de sobrevivência, adaptando-se às mudanças sociais e negociando sua posição.

¹⁵⁵ Além destes, participei dos seguintes: duas festas de aniversário de Dona Anastácia; Confraternização dos Educadores; Sarau Poético; Natal; Gincana da Colônia de Férias; Ensaios do Bloco Carnavalesco; Almoço do Dia da Mulher.

¹⁵⁶ A existência de projetos sociais não é exclusividade dessa favela; ao contrário, estão presentes em grande parte das favelas cariocas.

¹⁵⁷ Entendo aqui as atividades civilizatórias nos termos propostos por Elias (1992 e 1994). O autor se refere a um processo de incorporação de um autocontrole das emoções relacionadas ao uso da força física contra outrem, passando, nas sociedades modernas, o monopólio do uso da força física para o Estado. Nesse processo, os indivíduos adquiriram modos e costumes cada vez mais refinados, racionais – controlados e calculados – e retraíram, pelo autocontrole, as emoções e os instintos.

Nesse dia 16, logo que cheguei ao Centro, fui me inteirar sobre os preparativos para a festa, marcada para as 14 horas, na Praça Barão de Drummond, área central de Vila Isabel. Brenda, Nora e Andréia, as “educadoras infantis”, e Soraia, a “dinamizadora” do grupo de idosos confeccionavam cartazes apresentando os “projetos sociais” nos quais trabalham. Nesse momento é que fiz o cartaz com as fotos dos idosos, nomeado por elas de “Raízes da Comunidade”.

Um pouco depois das 14 horas, fui, na Kombi do Centro, entre cartazes e maquetes do morro e do bairro, junto com mais alguns trabalhadores da entidade, para a Praça. Neste local, Élide, uma das filhas de Dona Anastácia, coordenava a arrumação dos *stands* – doados pela PUC –, onde ficaram expostos os cartazes dos “projetos sociais” – aqueles confeccionados pouco antes. Ela fazia também a arrumação das barracas, onde trabalhadores de certos projetos atenderam ao público, como a Escola de Informática e a Central de Oportunidades (empregos). Os *stands* e as barracas formaram um semicírculo fechado pelo grande palco, montado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, na parte mais alta da Praça. Atrás dos *stands*, estavam os quiosques (que fazem parte da paisagem local), onde alguns funcionários, companheiros e amigos destes ficaram bebendo cerveja, conversando, entre uma atividade e outra. Essa dimensão festiva, de comemoração, seguiu-se durante o evento, concomitantemente com as dimensões ritual e espetacular.

Trabalhadores e freqüentadores do Centro chegavam a cada viagem das Kombis – uma do próprio Centro, outra cedida pela Prefeitura. Estavam todos arrumados para o ritual, as mulheres maquiadas e penteadas, com exceção de Dona Anastácia, que estava vestida como de costume, com uma blusa larga de mangas 3/4 por cima da saia comprida – cinza –, sobre meias elásticas, também cinzas; sem maquiagem, o cabelo preso atrás.

A aparência de Dona Anastácia, contrastando com a dos funcionários, trabalhadores e freqüentadores da entidade, para além de indicar seu pertencimento religioso, simboliza a imagem da mulher “guerreira, batalhadora”, como uma de suas filhas a descreveu no evento. Mulher esta que atrelou a sua própria história de ascensão social à expansão do Centro. E, apesar do crescimento dos recursos materiais e financeiros e da importância política da entidade, ela não demonstra, pela simplicidade de suas roupas, de sua aparência, ter se apropriado desses recursos. Pelo contrário, como veremos a seguir, compartilha e retribui, através dos próprios “projetos sociais”, as dádivas alcançadas com seu séquito, o que a legitima e a sustenta em sua posição de liderança.

“[...] A presidente do Centro Comunitário, Dona Anastácia é uma mulher guerreira, batalhadora. E eu sou, assim, admiradora mesmo. É um exemplo, pra mim, de mulher, de vida, de trabalho. É, é uma pessoa que eu gostaria de ser como ela. É uma pessoa que fundou o Centro Comunitário, começou com uma escolinha aqui na comunidade, na sala da casa dela e o trabalho foi crescendo. Foi construindo uma creche. Começamos o Centro Comunitário e foi passando os anos e quando a gente começou era como se a gente fosse uma criança engatinhando e passamos pela juventude, adolescência e hoje nós estamos com 20 anos e 20 anos já é uma idade adulta; jovem, mas já adulta, já madura [...]. A gente queria falar um pouquinho do Centro Comunitário. O Centro Comunitário Maria Isabel, ele tem esse nome Maria Isabel em homenagem a uma parceira, uma parteira da comunidade, a vó Maria. Ela ajudou muita, muita gente a nascer aqui na nossa comunidade e essa é a homenagem que a gente fez, dando o nome de Maria Isabel ao Centro Comunitário. Ela é uma pessoa muito antiga, já falecida, mas é uma pessoa importante pra gente na nossa comunidade, que ajudou a muita gente a nascer [...]” (Elena, filha de Dona Anastácia, mestre-de-cerimônias)

Essa fala, como uma ação social, proferida e repetida, inúmeras vezes, por Elena, uma de suas filhas, no contexto desta autocelebração, junto a outras narrativas, agradecimentos e apresentações, evidencia elementos da dimensão ritual deste evento. As expressões usadas por Elena serviam, ao mesmo tempo, como: uma consagração à posição alcançada por Dona Anastácia; um incitamento à emoção coletiva; reforço do sentimento de pertença e dos elos sociais daqueles que trabalham e participam de alguma atividade no Centro - pelo menos destes.

Pouco depois de nossa chegada à Praça, um pequeno público começou a circular entre os *stands*, formado, em sua maioria, por moradores do morro, ligados à entidade - esse foi o público que em maior número e durante mais tempo participou do evento. Alguns moradores do bairro e outros transeuntes cruzavam a praça, seguindo seu trajeto. Muitos idosos compareceram, andavam em grupos, assistiam às apresentações das “oficinas”; olhavam os cartazes, procuravam suas fotos no cartaz “Raízes da comunidade”.

Em determinado momento, Silvana – assistente social da Prefeitura, coordenadora do grupo da terceira idade – agrupou todos os idosos para bater uma foto. Em seus rostos via-se o contentamento com os *flashes* das várias máquinas fotográficas, que ficaram por alguns minutos em torno deles.

Pouco depois, um homem e duas mulheres – uma delas segurando um buquê de flores amarelas – vestindo camisetas da Casa das Artes (entidade que também atende aos moradores do morro em atividades artísticas, e que fica situada na rua em frente, contígua à favela), perguntaram por Dona Anastácia à secretária do Centro, Muriel. Esta lhes disse que ela não

tardaria a chegar. O homem, então, advertiu às mulheres que entregassem pessoalmente as flores a Dona Anastácia. Enquanto aguardavam sua chegada, pediram à secretaria que guardasse as flores em um local na sombra e foram circular entre os *stands*. Muriel deixou as flores em um canto, em cima do palco, e lá ficaram durante quase todo evento. Dona Anastácia, posteriormente, em seu discurso de agradecimento, lembrou: “[a]o pessoal da Casa das Artes, que já esteve presente aqui e vai voltar e tem um grupo aqui da Casa das Artes, nós agradecemos a vocês a presença!”

A presença e a ação dessas pessoas – como levarem flores –, e de outras, evidenciam a inclusão e o pertencimento de Dona Anastácia e do Centro Comunitário num circuito, em que recursos sociais (o público que dá estofo aos projetos), políticos (os projetos sociais) e econômicos (os escassos financiamentos) estão em disputa. Junto a esses recursos, e próprios aos circuitos de trocas, se disputa (se ganha ou se perde) prestígio e *status*, tão caros à manutenção da autoridade. Essas pessoas trazem o reconhecimento a esta líder, legitimando e reforçando seu poder.

Neste contexto é que ganha sentido, numa quarta-feira, no centro de um movimentado bairro carioca, circundado por carros, vans, ônibus em seus trajetos cotidianos, pelo vaivém de trabalhadores e moradores em seus afazeres diários, o movimento rotineiro das lojas e escritórios ao redor, o evento suspender - e subverter - a ordem do dia-a-dia. O Centro Comunitário postou-se em festa, no meio do ritmo do trabalho, para autocelebrar-se, para rememorar e exaltar uma história (re)construída. O propósito da autocelebração era também conquistar novos adeptos (novos “parceiros” e financiadores), bem como construir e reforçar identidades, posições e prestígio sociais.

Elena, filha de Dona Anastácia, vestindo a camiseta feita especialmente para esta comemoração de 20 anos do Centro, ficou de mestre-de-cerimônias durante o evento. Anunciava as atrações, que eram as oficinas realizadas cotidianamente no Centro. E, entre uma apresentação e outra, fazia um pequeno discurso; narrava o surgimento do Centro Comunitário e de sua idealizadora-presidente (sua mãe); anunciava a venda de camisetas e toalhas de rosto feitas para a ocasião da festividade, que, expostas em um varal, lembravam uma feira-livre.

Seu discurso evidenciava, como já apontei anteriormente:

“[v]iemos para a] rua dar uma visibilidade ao trabalho que a gente faz aqui na comunidade. Nossa comunidade não é só tiro não! [...] Nós temos crianças que precisam de educação, de escola, de alimentação, de aula de cidadania e direito! [...] Nossos vizinhos!, é hora da gente fazer uma integração entre o

morro e o asfalto e mostrar que nós temos sonhos e nós queremos realizá-los, também! Nós somos parte dessa nação, dessa comunidade, desse bairro. [...] Daqui a pouco a gente vai ter, daqui a pouquinho vai começar as apresentações das oficinas. Quem tiver passando aí: está tendo estande de todas as oficinas aí. É a oficina do PETI, é as oficinas de artes, de trabalhos manuais, de Jornada Ampliada, a Casa da árvore, a oficina de informática. Tem muita coisa pra ver, pra conhecer, e a gente quer também mais parceiros nesse trabalho, a gente quer mais é amizade, a gente quer mais colaboração, a gente quer mais integração nesse trabalho[...]. A gente vai tomar essa Praça sempre, hein, a gente vai tomar de assalto e vamos dividir ela, também, com todo mundo! Certo?!”.

Sua fala ritual, repetida do início ao final do evento, marca a subversão simbólica do espaço: a Praça - no centro do bairro, destinada primeiramente, aos seus moradores do “asfalto” - é “tomada de assalto” e “dividida com todo mundo” pelos moradores da “favela”. Essa súbita investida assume o sentido de buscar desarranjar as representações que os moradores do “asfalto” alimentam em relação aos da “favela”, das quais surgem as acusações de “poluição” e de “contaminação” (Douglas, 1976), que fariam do Rio de Janeiro uma “cidade partida” – como abordei no segundo capítulo.

É a partir dessa percepção e das interações sociais produzidas, que a “rua” (categoria que muitos freqüentadores do Centro utilizam) é transformada em “asfalto”, categoria vinda de fora.

É nesse contexto que a demonstração pública das atividades desenvolvidas no Centro Comunitário (as oficinas e os projetos) para moradores, instituições e personalidades que representam o “asfalto”, e as apóiam, expressam seu cunho civilizatório. Por meio desta empresa civilizatória, estas atividades acenam como uma possibilidade de resolução dos conflitos entre os moradores de ambas as localidades, que podem ser vistas como “localidades morais”.

Esta expressão, cunhada, por um lado, a partir da expressão de Park (1979 [1916]) de “regiões morais”, referem-se a segregações voluntárias de indivíduos que compartilham gostos, mas também interesses, não sendo necessariamente um local de moradia, mas que “pode ser apenas um ponto de encontro, um local de reunião”. Nesse sentido, a distinção entre “favela” e “asfalto” não constitui duas regiões morais homogêneas, pois nesses espaços pode haver diversas “regiões morais”, mas há determinados estilos e interesses distintos. Por outro lado, a partir do termo “localidade” tal como proposto por Leeds (1978 [1964]:31-33), refere-se:

“aos *loci* de organização visivelmente distintos, caracterizados por coisas tais como um agregado de pessoas mais ou menos permanente ou um agregado de casas, geralmente incluindo e cercadas por espaços relativamente vazios, embora não necessariamente sem utilização [...] as localidades constituem pontos nodais de interação, os pontos de maior densidade e mais ampla variedade de categorias de comportamento na área, mas não possuem necessariamente um conjunto exaustivo de tais categorias de comportamento [...].”.

Leeds aponta, ainda, outras características para as “localidades”, tais como: estarem as populações ligadas a um território, com graus variados de limitações, “de terra, material, pessoal e de finanças”; se relacionarem com formas diversas de poderes e instituições locais e “supra-locais”; haver a predominância de relações sociais primárias, mas também existem relações “impessoais e secundárias”.¹⁵⁸

Proponho a utilização da terminologia “localidades morais” por compreender que a simples e reducionista dicotomia “asfalto” X “favela” não dá conta da complexidade da realidade em que estão inseridos os moradores dessas localidades, ao mesmo tempo em que existem, sobre essas duas localidades, representações e valorações morais, que, neste sentido, as opõem.

Voltando às apresentações, a primeira foi a do coral. Após, Dona Anastácia discursou, agradecendo aos “parceiros” do Centro (entidades que financiam os projetos e pessoas que desenvolvem algum trabalho) e às pessoas que, por sua posição e prestígio social (como vereadores, administrador regional) realçam e reforçam o *status* social dela. Por outro lado, como visto acima, por serem políticos é interessante que mantenham estreita relação com uma liderança política do morro, que pode arregimentar, ou, pelo menos, influir nos votos. E o reconhecimento manifestado pela presidente da entidade colabora para o fortalecimento desse elo social.

“Gente! Está aqui o representante do vereador Pedro Cardoso, ele estava aqui presente, nós queremos agradecer a presença do vereador; estamos vendo aqui é pessoas do gabinete, nós queremos agradecer o prestígio que está dando a esse evento[...]. (Dona Anastácia)

¹⁵⁸ Alvito (2000:148), utilizando a expressão de Leeds (1978), refere-se à favela de Acari como “localidade”, no sentido de: “um agregado de casas e pessoas que mantém entre si uma rede complexa de relações e vínculos de caráter pessoal, face a face, como laços de parentesco, amizade, “parentela ritual” (“compadrio”, por exemplo), vizinhança, grupos informais e pequenas organizações”. A partir daí, Alvito aponta para a existência de um sistema de valores que regem a vida social, tanto as relações sociais internas quanto com os poderes supralocais, e que se fundamentam em três noções: honra, hierarquia e reciprocidade.

Algumas dessas personalidades também falaram brevemente ao microfone, parabenizando Dona Anastácia pelo trabalho realizado no Centro Comunitário, como a administradora regional de Vila Isabel e um cantor, originário do Morro dos Macacos, que, conforme o apresentaram, vem construindo sua carreira na Europa.

Os agradecimentos feitos por Dona Anastácia são também uma forma de retribuir as dádivas recebidas (os financiamentos dos projetos) a quem dá suporte aos projetos – os freqüentadores do Centro Comunitário.

“Nós queremos agradecer a todos e parabéns pra todos! Nós temos aqui recebido parabéns, mas não é um parabéns pra mim, é o parabéns pra esse grupo de pessoas que fazem o Centro Comunitário funcionar. Parabéns pra todos coordenadores dos projetos, as coordenadoras que estão aqui: a Eva, a Valéria, a Silvana, o Lúcio - o nosso grande coordenador da EIC! Esses coordenadores é que fazem acontecer esse trabalho e nós queremos agradecer a todos! Vocês são aqueles que fazem essa festa hoje. E as crianças, né, as crianças, os adolescentes, esses são a coisa principal do nosso trabalho. Nós queremos que as crianças e os adolescentes, os jovens, adultos, a terceira idade, que eles tenham os seus direitos garantidos, que eles sejam pessoas felizes, que tenham fé, que saibam que tem um futuro melhor, um futuro começando de agora pra cada um de nós! Muito obrigada a todos” (Dona Anastácia)

O evento apresenta, também, uma dimensão espetacular, com a presença da mídia e as apresentações das oficinas e projetos desenvolvidos no Centro Comunitário.

Após seu discurso, Dona Anastácia concedeu uma pequena entrevista a um jornalista, de um canal de TV internacional, que, em seguida, pediu a ela para ficar rodeada de crianças para as filmagens.

Seguiram-se as apresentações das oficinas, intercaladas pela fala da mestre-de-cerimônia, na seguinte ordem: no palco, Paulinho tocou teclado, e seus alunos, flauta; no chão, em frente ao palco, dançaram os alunos do professor Roger, que assistia, junto ao público circundante, aos dançarinos. Ao anoitecer, as luzes coloridas do palco e, ao fundo, as do morro, foram acendendo. Décio subiu ao palco e acompanhou ao violão o canto de seus alunos.

Pouco depois, o velho poeta João Lucas, ao declamar sua poesia, cobriu os olhos, que não sabem ler, com óculos de lentes plásticas amarelas com círculos verdes – aludindo à bandeira nacional – e, ao centro de cada uma, havia um pequeno furo. Ele havia pedido que alguém lesse a poesia feita por ele especialmente para esta data e escrita pela professora em seu caderno, mas na hora, o colocaram no palco com o fardo nas mãos. A poesia declamada

não foi a mesma que fez para a festa, mas declamou estrofes de outras poesias de sua autoria, que lhe vinham à mente enquanto falava.

A poesia feita para a festa era a seguinte:

“Associação do coração que bate, bate, quando não puder, descansa,
O alívio de quem ama é viver na esperança,
Centro Comunitário cai um raio sobre a terra, prefiro é morrer de que ver os
inimigos falar mal de você.

Se suspiro fosse bala, como tenho suspirado, como estava o meu corpo todo
de bala varado, no coração que bate, bate quando não puder descansar.

O alívio de quem ama é viver na esperança. Cheguei agora, estou cansado,
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro continua me socorrendo.

Centro Comunitário, fecha as portas e as janelas com toda sua diretoria, eu
lhe abracei e subi para o céu em vida nas nuvens e fiz um encosto.

Dei um beijo na lua pensando que era seu rosto, meu coração está doendo e
minhas lágrimas estão descendo.

Rimas poéticas.”

A poesia de João Lucas, 89 anos, presta uma homenagem ao Centro Comunitário que freqüenta. E se dispõe a defendê-lo dos “inimigos”, visto que lhe traz esperança ante os tiroteios ocorridos no local onde mora.

Logo após, ocorreu a apresentação da peça teatral das crianças da creche; em seguida, no concreto em frente ao palco, novamente as alunas de Roger dançaram; depois, no palco, Cleiton comandou a bateria mirim; Dona Anastácia fez novo discurso de agradecimento e de felicitações ao Centro e anunciou que numa barraca, ao lado do palco, estavam oferecendo sopa de ervilha, caldo verde e o bolo, feitos na cozinha da entidade; posteriormente, o grupo de pagode do professor Décio apresentou-se; seguiu-se nova fala da presidente; e realizou-se o fechamento do evento com a banda trazida pela Prefeitura, chamando Dona Anatásia e os trabalhadores do Centro, praticamente todo público restante, para subir ao palco, cantar e dançar com eles.

Ao som da banda da Prefeitura, as barracas e os *stands* foram recolhidos e levados de volta ao Centro Comunitário. Eram onze horas da noite quando fui embora da Praça e as Kombis para o morro.

Como um grande “potlatch” (Mauss, 1988), o circuito de trocas e seu significado se completam com os eventos realizados, pelas lideranças do Centro Comunitário, no interior do morro, visto que os interlocutores e as mensagens se modificam, ainda que dentro de um mesmo repertório social. Para vislumbrar tal completude, escolhi o evento do Dia das Crianças, data constante no calendário festivo do país, e o Concurso de Gastronomia, realizado pela Coordenadoria de Desenvolvimento Social.

4.2. O Dia das Crianças

No dia 31 de outubro, uma sexta-feira, cheguei ao Centro Comunitário às nove e meia da manhã para acompanhar o processo final de preparação da festa das crianças, que aconteceria logo mais à tarde. No dia anterior, havia ficado até as onze horas da noite na entidade, vendo e ajudando a cortar as notas do “dinheiro CEACA”, criado especialmente para a festa. Esse “dinheiro” – no formato e tamanho semelhante às notas de um real -, em notas de um e cinco “CEACAS”, deveria ser trocado, durante a festa, respectivamente: a nota verde, por comida; a amarela, por roupa; a branca, por brinquedo; e a azul, por sapatos.

Algumas comidas, como bolos e cachorros-quentes, foram preparadas na própria entidade; outras, como picolés, bolos, um saco plástico contendo um pacote de biscoito salgado, um quilo de feijão e uma lata de leite em pó, foram doadas. No decorrer do mês, a secretária ligou e enviou ofícios para algumas confeitarias de Vila Isabel pedindo doações para a festa, que abrangeeria em torno de 200 crianças – número estimado para mais, visando aumentar a quantia a ser doada. Certo dia, Dona Anastácia, vendo a secretária ligar, novamente, para uma das docerias, disse:

“Às vezes, é até melhor pegar o dinheiro e comprar logo, porque pra conseguir meia dúzia de lanche se gasta mais em telefone, no ofício e com uma pessoa para ir lá levar o ofício pedindo, do que ter comprado os lanches. As pessoas prometem que vão dar e depois dão meia dúzia e acham que fizeram muito”.

Nos sistemas de trocas, o valor (aqui a quantidade) e o tempo são importantes marcadores das relações sociais: nem mais, nem menos, mas a quantia adequada; nem apressado, nem lento, mas o tempo apropriado para pedir, receber e retribuir. A adequação é o

termômetro do prestígio do Centro Comunitário, de sua liderança, mas também do proprietário do comércio. Por isso não se pode recusar a fazer nem receber as doações, sob pena de perder prestígio. Os pedidos e as doações podem ser vistos como uma troca, com interesses – materiais e simbólicos - não apenas daquele que pede, mas também daquele que dá (doa), que terá como retribuição, não apenas a propaganda de seu estabelecimento, mas o reconhecimento de seus interlocutores.

Nesse circuito, estão implicadas, além da noção de dádiva, as noções de fortuna e de sacrifício, pois quem doa(destrói) parte do que tem - visto que não se transforma em moeda econômica - estará retribuindo as dádivas alcançadas - a fortuna -, através do sacrifício de parte de sua propriedade, que por sua vez lhe trará outras dádivas.

Alguns brinquedos e materiais escolares - novos e usados - também foram doados, outros, comprados por uma das filhas de Dona Anastásia, na manhã da festa. Havia, entre eles, bonecas, bumbolês, bolas, um autorama usado. As roupas e sapatos eram aqueles doados ao bazar da entidade pela Fundação de uma grande loja de departamentos (novos, mas com pequenos defeitos) e por pessoas individuais (usados).

Selando mais um elo desse grande circuito de trocas em que o Centro Comunitário está inserido, sua presidente distribui entre as crianças (seus bens sociais) aquilo que recebeu: as dádivas. Estas retornam aos freqüentadores, materialmente, como retribuição.

No dia da festa, da entrada da entidade vi grandes bolas coloridas adornando os pilares do saguão onde aconteceria o evento. Na área central, de frente para a rua, uma faixa dizia: “Atenção crianças, vamos às compras – sexta-feira – Festa das Crianças. Conquiste muitos Ceacas”. Na borda inferior da faixa, uma folha com uma poesia e a foto de um jovem, aluno da entidade, morto pela polícia semanas antes. No portão de entrada havia, em cada lado, o mesmo cartaz. Assim, prestavam homenagem e efetivavam um protesto silencioso contra (mais) essa morte.

Nessa época, no *blog* (diário na Internet) de um dos jovens que participam do Projeto Esperança de Vida e de um dos trabalhadores havia a seguinte mensagem, não apenas relatando, mas protestando contra este tipo de incidente:

“CEACA de Luto

Deixo a notícia ser dada pelo meu aluno **Leonel**, que deixou essa mensagem no *Blog* do Ceaca. Para quem não sabe, na noite de terça dois policiais foram mortos nas imediações do Morro do Macaco, no bairro de Vila Isabel, aqui no Rio de Janeiro.

Na quarta feira, a polícia fez uma mega operação no Morro. O resultado foi a morte de inocentes, incluindo um garoto que era aluno do Ceaca-Vila (local

onde eu trabalho com o Programa de Reprodução Cultural, Lazer e Reforço Escolar):

Tristeza

Por Leonel

Estamos muito chocados com um fato triste que aconteceu na comunidade, na noite de ontem morreu o nosso amigo Lívio que fazia parte do Ceaca Vila.

Um menino de 17 anos foi confundido com traficantes por policiais e foi baleado nas costas com um tiro de fuzil, morreu horas depois no Hospital Geral do Andaraí. Lívio, mais conhecido pela comunidade como "Luca" estava num local de lazer da comunidade quando foi pego de surpresa por uma bala de fuzil; quando estava agonizando no chão, o menino foi pego pelos amigos e levado até um carro, que o levou para o Hospital, mas o menino nem sequer tinha forças para falar por que tinha perdido muito sangue; os moradores indignados perguntam as autoridades "até quando nossos filhos serão confundidos como marginais, até quando?" Lívio, o "Luca" tinha um sonho de ser um Jogador de futebol, para ajudar a comunidade, ele dizia para os familiares e os amigos: "serei alguém, não gosto de violência, violência só gera violência". (Blog do Ceaca, início de outubro)"

Na secretaria, antes da festa, uma jovem, acompanhando uma professora, separava as notas do “dinheiro Ceaca” para cada criança, conforme sua pontuação acumulada no decorrer daquele mês; a pedido de uma filha de Dona Anastácia, fui ajudá-la. Os pontos foram dados ou retirados, por cada professor, aos seus alunos individualmente, todos os dias em que tinham atividades com as crianças. As crianças ganhavam ou perdiam pontos de acordo com uma série de itens relacionados, principalmente, ao comportamento, estabelecidos por Dona Anastácia, tais como chegar no horário, fazer bagunça, entre outros. No final da marcação, cada dez pontos foram trocados por um “Ceaca”. Os pontos foram divididos entre as notas de cores diferentes, de tal maneira que cada criança “comprasse”, durante a festa, no mínimo, uma coisa de cada item. Aquelas que ganharam somente uma nota, esta foi a verde, para, pelo menos, comerem algo durante a festa.

Dona Anastácia, em pé, próxima à secretaria, na extremidade oposta ao portão de entrada, depois das quatorze horas, pegou o microfone e anunciou o início da festa, com o “concurso de desenho”. Chamou Paulo de Berlim e seus dois amigos (todos alemães) para julgarem os cartazes, confeccionados pelas crianças com folhas de árvores, flores, capim, terra. Um dos trabalhos trazia, em cima, a inscrição “Wunter Garten”. Paulo disse ao microfone que iria levar aqueles desenhos para a Alemanha e as crianças ficariam “famosas”. Simultaneamente, na secretaria, duas trabalhadoras do Centro diziam que o achavam “o maior

caô”, em função, talvez, de uma série de promessas não cumpridas - pelo menos no momento em que foi esperada essa participação -, como trazer “o pessoal da Embaixada” para julgar; ou talvez por sua própria condição de estrangeiro, que levanta dúvidas, e a ambigüidade de sua origem: “alemão”, que neste contexto alude aos inimigos. No entanto, sua presença insere os freqüentadores do Centro Comunitário no mundo. A menina vencedora do concurso foi premiada com uma lembrancinha.

Após o concurso, os alunos do professor Roger fizeram uma apresentação de dança. Seguiu-se a apresentação de Paulinho no teclado e seus alunos na flauta e, depois, cantando. Em seguida, Décio tocou violão e seus alunos cantaram.

As crianças que assistiam – e aguardavam a distribuição dos “CEACAS” –, estavam, umas sentadas, outras em pé. Havia em torno de 100 crianças, o espaço do saguão estava completamente ocupado. Muitas estavam vestidas com roupas diferentes das que freqüentam as atividades do Centro, estavam com roupas mais novas, algumas meninas estavam maquiadas e com penteados mais elaborados, próprios aos rituais.

No contexto dos eventos realizados pelo Centro Comunitário, as apresentações ganham o sentido ritual, pois são repetidas a cada um desses momentos especiais. Aqui, não estão inseridas numa situação social de resolução de conflito, como na Praça, mas sim de reforço do sentimento coletivo, do elo social, de fazer parte da mesma entidade, participar dos mesmos circuitos de trocas. Elas constroem e reforçam uma identidade, de serem iguais aos que estão se apresentando e diferentes daqueles que não fazem parte das práticas civilizatórias, não participam de “projetos sociais”.

Essa distinção foi simbolizada, nesse dia, pelas portas fechadas. Elas separavam, física e simbolicamente, aqueles que estão engajados dos que não estão; aqueles que estão sendo civilizados dos que não estão. Durante o evento, o portão de entrada foi fechado e dois jovens ficaram sentados “cuidando da portaria”, selecionando quem poderia entrar ou não. Somente era permitida a entrada de crianças que participam de alguma atividade no Centro. Do lado de fora, algumas crianças ficaram assistindo à festa que ocorria lá dentro.

Essa diferenciação esteve presente também no próprio dia escolhido para a festa, em que fica claro a quem e do quê se busca a distinção.

O final do mês foi a data escolhida para a realização desse evento, também porque nos dias 27 de setembro (Dia de São Cosme e Damião) e 12 de outubro (data oficial de comemoração do Dia da Criança é feriado nacional em homenagem à Padroeira do Brasil)

houve festas para as crianças no morro, como salientei anteriormente.¹⁵⁹ Estas foram patrocinadas pelo traficante local, com a distribuição de “mais de 40 bicicletas”. O Centro, segundo Dona Anastácia, não poderia arcar com tal despesa, não poderia concorrer. A concorrência não é apenas econômica, mas por poder, autoridade, *status* e prestígio social.

Esses circuitos de trocas, tanto dos traficantes como do Centro Comunitário, estabelecem relações sociais distinguindo sujeitos e pertenças. Embora todas as crianças do morro possam, a princípio, participar da festa - sem portas - realizada pelos traficantes, nem todas participam, assim como diversas crianças freqüentadoras do Centro Comunitário participam. Aqui, a festa é distintiva; não era uma distribuição aleatória, aberta, mas sim, àqueles que participam cotidianamente desse circuito, apenas para o seu séquito, reforçando o sentimento de pertença e o elo social. Dona Anastácia e o traficante local aumentam e mantêm seu prestígio sem necessariamente haver uma disputa direta, de confronto, mas de negociação, oscilando entre a evitação e a não evitação, como já salientei acima.

De volta ao dia 31 de outubro. Terminadas as apresentações, Dona Anastácia e Élide, uma de suas filhas, sentaram-se, lado a lado, em frente a uma pequena mesa para a distribuição dos “CEACAS”. Élide pegava um envelope (cada turma estava em um envelope), tirava o “dinheiro” de dentro, arrumava em cima da mesa, pegava cada montinho e passava à sua mãe, que, ao microfone, chamava a turma, que se amontoava em cima delas. Após, Dona Anastácia chamava a criança para entregar a ela os “CEACAS” conquistados, tornando público quantos “ceacas” a criança havia ganho e se ela “estava rica” ou não. O barulho produzido pela conversa dos presentes tornava inaudível o chamado de cada criança, o aviso do que deveria ser comprado com cada cor de nota. Os professores tentavam fazer com que as crianças ficassem mais afastadas da mesa e quietas, mas a demora as deixava bastante agitadas. Uma das professoras me perguntou porque os envelopes não foram entregues a cada educador para que ele distribuísse aos seus alunos, agilizando a distribuição. Este processo levou quase três horas para terminar.

Dona Anastácia, distribuindo as senhas das dádivas ofertadas às crianças, fez do ritual a imagem de um “potlatch”, em que é o líder que retribui as dádivas conquistadas, com outras dádivas. Estas integram o grande circuito de trocas orquestrado por capital social/capital político/capital financeiro/capital social, traduzido em crianças/projetos sociais/recursos/crianças, tendo Dona Anastácia no centro, como mediadora e líder carismática.

¹⁵⁹ Lembro ainda, a festa realizada pela Banda de Vila Isabel, no dia 27 de setembro, data de São Cosme e Damião, como expus no segundo capítulo.

As crianças, por sua vez, destruíam, simbolicamente, os presentes, como formigas num montinho de açúcar, agrupando-se e disputando, ferozmente, até o último grão – aqui, brinquedos, comidas, roupas e sapatos. As que pegaram o “dinheiro” primeiro, saíam comprando as mercadorias, “as melhores coisas”, como disse uma professora; e as últimas, já estavam bastante cansadas de aguardarem. Findada a repartição, algumas crianças vieram reclamar que faltou para elas, ou que veio menos do que sua pontuação indicava, ou queriam trocar as cores das notas. Foi preciso fazer fila na porta da secretaria para atendê-las. Elas também negociavam e trocavam entre si as notas, tornando aquele ambiente semelhante a uma feira-livre.

As crianças tinham entre cinco e treze anos, mas havia alguns jovens (de 13 a 19 anos), alunos de futebol. Outros jovens, participantes do Projeto Esperança de Vida, ficaram ajudando na organização do evento, alguns ficaram responsáveis pelos brinquedos, materiais escolares e óculos, que estavam na bancada, no saguão; a outros foram confiados os sapatos e as roupas, que estavam em uma sala de reuniões, contígua ao saguão, com a porta fechada, frente à qual se formava uma longa fila. As comidas eram distribuídas na cozinha, que nessa época, ainda era ali no saguão, do outro lado do saguão, pelas cozinheiras; as crianças se amontoavam em frente ao balcão da cozinha.

Depois que as crianças trocaram seus “dinheiros”, foram, aos poucos, indo embora. Interessante observar que foi o dinheiro a alegoria escolhida para a distribuição das dádivas. Alegoria esta que é, em nossa sociedade, o símbolo e a senha da participação e inclusão na sociedade de consumo.

Com o espaço mais vazio, o professor de violão e o de percussão pegaram seus instrumentos e deram início a um pagode. Os jovens que ajudaram na organização e um dos professores de futebol cantavam, dançavam; posteriormente, juntaram-se a eles mais alguns trabalhadores do Centro. Com a música de fundo, as cozinheiras começaram a varrer o saguão, recolher o lixo e lavaram o espaço; a festa terminou um pouco depois das seis horas da tarde.

4.3. O Festival de Gastronomia dos Idosos¹⁶⁰

O último evento a ser descrito é o Festival de Gastronomia, ocorrido no saguão do Centro Comunitário e organizado pela Coordenadoria de Desenvolvimento Social. Cheguei ao morro à tarde. Pela manhã, uma conhecida avisou-me que escutou duas pessoas falarem que houve um “conflito” no Morro dos Macacos, que alguém havia sido morto e o corpo estava lá “atirado”.

Assim, quando fui para o morro estava receosa de que estivesse ocorrendo alguma troca de tiros, mas, chegando, vi que tudo estava bem, pois as barraquinhas na entrada do local estavam todas funcionando e havia movimento de pessoas na rua.

No Centro Comunitário havia uma grande mesa com uma tolha, próxima à secretaria, com algumas cadeiras dispostas junto a ela, viradas para o meio do saguão. Élide, Dona Anastácia, Muriel e Celso conversavam próximos a esta mesa. Aproximo-me e os cumprimento, mas, à exceção de Muriel, as expressões não foram das mais receptivas – eles estavam comentando sobre o comportamento dos jovens do Projeto Esperança de Vida.

Fui até à secretaria à procura de Soraia, que não estava lá. Perguntei por ela a Muriel, que me respondeu que Soraia tinha ido à CR (na Coordenadoria Regional da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, situada na IX Região Administrativa de Vila Isabel).

Fiquei pelo saguão, enquanto Élide confeccionava um cartaz anunciando o Festival de Gastronomia, escrito em azul e preto. Comentaram, ainda, que Fiona, cozinheira da entidade, fazia aniversário nesse dia e ela mesma teria que confeitar seu bolo. Pouco depois, Fiona passou pelo saguão e eu a cumprimentei pelo seu aniversário.

Em seguida, colocaram uma espécie de cortina, verde, dividindo o saguão e deixando um lado reservado aos idosos. Dona Anastácia pediu a um senhor, que havia chegado há pouco, para trazer algumas cadeiras lá do teatro; quando ele estava descendo, carregando as cadeiras, Dona Anastácia disse a Élide: “eu acho que aquele senhor não tem condições de carregar aquelas cadeiras”, e riu. O senhor trouxe as cadeiras até o centro do saguão.

Quando Soraia chegou, dispôs, em cima da mesa, bolas coloridas, fitilhos, copos e outros materiais. Élide, Nora, Soraia, André e Jurandir – dois jovens do Projeto Esperança de Vida – começaram a encher as bolas. Em seguida, prendemos as bolas nas paredes e no teto.

Os idosos foram chegando. As senhoras que iriam participar do concurso deixavam os pratos feitos por elas, com os quais concorreriam no festival, na cozinha. Junto com o festival,

¹⁶⁰ No Anexo I, encontram-se alguns dados sobre o conjunto dos idosos entrevistados.

seriam comemorados os aniversários dos idosos nascidos em junho, julho e agosto. Soraia pediu para que eu fizesse um cartaz com o nome dos aniversariantes, numa cartolina azul; eu fiz e o afixei no mural, ao lado do cartaz do “Festival de Gastronomia CEACA”.

Passado um tempo, chegou um grupo de pessoas, fazendo bastante algazarra, cumprimentando a todos os idosos com bastante alegria, que retribuíram o contentamento em vê-los. O grupo era composto por Gurgel – coordenador da CRSMDS -; Silvana, assistente social e coordenadora do grupo de idosos; e mais três mulheres, entre elas uma nutricionista e duas assistentes sociais, as quais eu já havia encontrado no evento de comemoração da entidade, na Praça – todos trabalham na CRSMDS 2.2. (na IX RA), atuando em diferentes morros, no âmbito dos CEMASIS. Após cumprimentar os idosos, dirigiram-se até Dona Anastácia para cumprimentá-la. Depois cumprimentaram os outros trabalhadores que estavam no saguão.

Em certo momento, a nutricionista sentou-se próxima de onde eu estava, conversando com suas colegas de trabalho, e contou-nos que está com anemia; que havia descoberto há pouco, porque seu filho também está com uma “anemia muito forte” e estão fazendo tratamento com uma hematologista. Comentou que a causa da doença “não é a alimentação”, pois eles se “alimentam bem”. A procura pela causa seria somente após o exame chegar na “pontuação” que “deve estar”, mas que pode ser por causa de sua “origem européia, é origem européia, é genético, porque minha prima também teve”. E mencionou o quanto ficou “impressionada” com o fato de as pessoas “de cor” também terem anemia, que no consultório da médica que foi, “estava cheio de pessoa de cor”, mas “a deles deve ser daquele outro tipo, como é?!”; “falciforme”, respondeu uma outra; “é”, confirmou a nutricionista.

Depois Gurgel veio conversar comigo. Perguntei sobre o Festival e ele contou-me que eles o fazem uma vez por ano, em cada uma das “comunidades” que atuam, que na semana anterior foi no Cemasi da Formiga (morro na Tijuca), e no dia seguinte seria no Cemasi Ayrton Senna (em outro morro na Tijuca). No entanto, tiveram que adiar em virtude da visita de Siro Darlan (Juiz da Infância e da Juventude) ao local. Depois que são realizados em cada uma das “comunidades”, há uma “final, num clube na Tijuca”. Indaguei-lhe sobre o prêmio, ele respondeu: “coisas de utilidade doméstica, que é o que eles precisam”.

Eram quatro horas, quando Silvana anunciou que o Festival iria começar. Desculpou-se pela demora, dizendo que algumas pessoas haviam se inscrito e demoraram a chegar, outras não havia chegado ainda, mas não dava mais para esperá-las, e iniciariam. Disse, ainda, que seria servido a todos – os idosos estavam sentados nas cadeiras dispostas como num auditório – algo para comerem, enquanto os jurados apreciavam os pratos.

Uma moça da CRSMDS organizou o júri, do qual participei, sentando-nos na seguinte ordem, da direita para a esquerda: Elide, para quem Soraia pediu uma “salva de palmas” e fez um “agradecimento especial por estar dando muita força pra gente, na realização desse evento”; a nutricionista; Gurgel; Elena (filha de Dona Anastácia); eu; Delma e Muriel.

Enquanto esperávamos vir o primeiro prato, Muriel e Delma comentavam com Silvana sobre um médico a que elas irão, “para começar a tomar um remédio para emagrecer”, o mesmo que Élide já está tomando. Comentaram ainda que Élide está “muito preta, até no rosto”. Elide, então, justificou-se, dizendo que ficou lendo um livro sob o sol, no dia anterior; ao que sua irmã, Elena, lhe disse: “Você tem que passar um protetor solar porque a gente não tem mais idade para isso!”.

Delma perguntou se no festival realizado no morro da Formiga havia mais pratos inscritos do que ali. Responderam-lhe que lá foram quinze e aqui teria mais, mas, ao final, foram oito: cinco pratos salgados e três doces.

Entre um prato e outro, Muriel, brincando, pedia “uma cervejinha” para acompanhar. Em certo momento, convidou-me para comer uma feijoada num bar próximo à Praça Barão de Drummond, numa sexta-feira qualquer.

Os pratos eram trazidos, um a um, da cozinha, onde as idosas os deixaram quando chegaram, pela mesma moça que nos organizou na mesa. Primeiro era anunciado seu nome, em seguida a moça o passava a nossa frente, para vermos a “apresentação” e depois nos servia. Após todos termos apreciado a comida, e se nenhum de nós quisesse outra porção, o prato era levado para uma mesa próxima de onde estávamos e, então, servido aos idosos, por uma outra moça. Silvana nos trazia água e refrigerantes, também ofertados aos idosos.

Os pratos salgados foram julgados na seguinte ordem:

- “Goela de pato”, feito por Dona Rubia, 64 anos, que ficou na 3^a colocação. Antes desse prato vir, ficamos nos perguntando o que seria. Então, Élide nos explicou que “goela de pato” é o nome de um macarrão. O macarrão era recheado com requeijão, molho de camarão e tomate.
- “Risólis de frango”, feito por Dona Clotilde, 59 anos, que ficou na 2^a colocação.
- “Cozido de macarrão”, feito por Dona Alcida, 65 anos, ficou na 4^a colocação, era macarrão cozido na panela de pressão; os comentários, entre alguns jurados, eram que Dona Alcida “é louca”; a aparência do prato não era muito agradável, todos nós pedimos para que fosse servido somente um pouquinho.

- “Pastéis”, feitos com “massa caseira” por Morgana, 61 anos, que foi a campeã do Festival; Elena comentou: “passamos a infância comendo a comida dela, a gente gostava muito”.
- “Bolinho surpresa”, nome dado naquele momento devido à situação, pois Dona Calu, 68 anos, não iria participar, mas como muitos pratos inscritos faltaram, a colocaram. Ficou em 5º lugar. Era um bolinho, que estava com a massa crua, com salsicha.

Depois vieram os pratos doces: na seguinte ordem: “Torta de banana” enfeitada com morangos, feita por Dona Ivalda, tendo ficado na 1ª colocação. “Cuscuz”, feito por Dona Maura, 76 anos, que ficou na 3ª colocação. “Pavê” de pêssego, feito por Dona Antônia, 57 anos, que ficou na 2ª colocação. Ao final Dona Antônia veio contar-nos que no ano anterior havia tirado o “2º lugar” ali no Centro Comunitário e “2º lugar na final, com meu manjar dos deuses”. Convidou-me para ir assistir à final, que seria no fim do mês, para eu “torcer por ela”, porque cada local leva a “sua torcida”. Durante nossa avaliação e atribuição de notas aos pratos feitos pelas idosas, Soraia passava em nossa frente e nos dizia: “votem direitinho nas idosas, olha lá!”.

Ao final Gurgel assinou os certificados, impressos em folhas de papel A4, e entregue a cada uma das concorrentes. Antes da condecoração, Silvana anunciou que neste ano fariam a premiação de maneira diferente daquela do ano anterior, visto que as pessoas gastavam dinheiro para elaborar o prato e, no final, quem não ganhasse o concurso, saía com as “mãos abanando”; dessa forma, neste ano, cada uma receberia um certificado, que seria uma “recordação”. Primeiramente, foram entregues às duas senhoras que ficaram em quarto e quinto lugares, na categoria salgados, que receberam um “certificado de participação”; depois, foram entregues da terceira para a primeira colocação, àquelas que participaram na categoria doces; e, por fim, foram premiadas, seguindo a mesma ordem, do terceiro ao primeiro lugar, àquelas que concorreram na categoria salgados. De cada uma das idosas foi tirada uma fotografia no momento em que recebiam o seu certificado, junto com Silvana, Soraia e as outras duas mulheres que trabalham na CRSMDS.

As idosas expressaram em seus rostos terem ficado bastante felizes e orgulhosas com o recebimento do certificado, independente da classificação que ficaram. Elas abraçavam fortemente as pessoas que estavam lhes entregando o certificado, que, por sua vez, as parabenizavam. Em seguida, cumprimentavam, felicitavam-se umas às outras. Dona Morgana, ao dirigir-se para tomar posse de seu certificado, pediu a Silvana para anunciar que ela faz esses pastéis por encomenda, para vender. Silvana atendeu ao seu pedido.

Depois, ainda, tiramos diversas fotografias com as ganhadoras sentadas e nós, em pé, atrás delas. Nesse momento, Soraia perguntou a Dona Alcida onde estava o certificado que havia recebido há pouco; Dona Alcida respondeu-lhe e mostrou que estava guardado embaixo de sua roupa; ao que uma das trabalhadoras da CRSMDS, exclamou: “Ela guardou no coração!”.

Ainda, observei Dona Clotilde conversando com Gurgel, que a incentivava a voltar a fazer os salgadinhos para vender, pois assim não deixaria a doença abatê-la.

Terminada a sessão de fotos, Soraia anunciou que cantariam “parabéns a você” aos aniversariantes dos meses de junho, julho e agosto e para “alguém que está de aniversário hoje e que sempre nos ajuda, a Fiona!”, e a chamaram. Fiona demorou um pouco a vir e quando chegou, todos cantaram parabéns e ao final, Elena iniciou o canto: “Com quem será, com quem será que a Fiona vai casar”, e riam. Em seguida, foram ofertadas fatias de bolo, que Patrícia ia cortando, pondo em cima de uma bandeja e Soraia e Fiona iam distribuindo. Alguns jovens do Projeto Esperança de Vida, que ainda estavam na entidade, também participaram da comemoração. Um deles ajudava, servindo os refrigerantes.

Encerrado o evento, a maioria dos idosos foi embora, da mesma maneira que os trabalhadores da Prefeitura. Estes oscilavam entre a obrigação que deve ser cumprida – como quando uma das moças negou-se a ser jurada ou quando todos foram embora tão logo o evento terminou – e o divertimento que gozam nesses momentos em que estão ali, lembrando-se, inclusive, de comidas feitas pelas idosas nos anos anteriores.

Nesse dia, fui embora acompanhando Elena, que me ofereceu uma carona até o ponto do ônibus.

Cabe ressaltar que eventos como este Festival de Gastronomia, inserem os idosos num fluxo de trocas, pelo qual circulam recursos sociais (pessoas), políticos (projetos sociais) e econômicos (financiamentos), mediante o qual eles têm a possibilidade de expandir suas redes de relações sociais.

A análise de eventos não-cotidianos, as festas, auxilia na compreensão daquilo que ocorre no dia-a-dia dos freqüentadores, trabalhadores e funcionários do Centro Comunitário. Abordá-los a partir do referencial teórico sobre rituais ajuda na percepção de situações de campo que, muitas vezes, ficariam obscurecidas.

Esses eventos, inseridos em um processo social, revelam os prolongamentos dos fios de uma teia em que os sujeitos estão emaranhados; as situações sociais nas quais interagem.

Ressalto, ainda, que colocar os holofotes sobre as festas realizadas pelo Centro Comunitário realça não apenas os fatos acontecidos nesses momentos, mas, como formas de

ação e comunicação, o idioma ritual descortina diversos pequenos circuitos de trocas, às vezes, concorrentes, que se entrecruzam, formando um grande “potlatch”, em que dádivas são ofertadas, recebidas e retribuídas.

As coisas trocadas, mais do que objetos materiais, são pessoas, poder, autoridade, *status* e prestígio sociais. Os recursos sociais (pessoas), políticos (projetos sociais) e econômicos (financiamentos) formam uma tessitura, na qual sujeitos e pertenças são distinguidos, o elo social, reforçado e novos adeptos, encontrados. E mais, revelam um exercício intenso de sociabilidade, por vezes, no meio do conflito decorrente das incursões policiais, das “guerras” e “invasões” entre traficantes de áreas “inimigas”.

Emergem, ainda, as relações sociais entre os moradores do morro e os da “rua”, que em muitos momentos são transformados na dicotomia “favela”-“asfalto”. Quando professada, esta dicotomia abre caminho fértil à implantação – e que dá sentido à sustentação - de práticas civilizadoras, por parte de entidades do “asfalto”, que visam a manter essa parte da população sobre controle, visto que sob o arsenal descortês do trânsito não logram êxito.

Essas festas, quando realizadas no espaço do Centro, desnudam uma rivalidade local. O confronto latente entre as diversas lideranças evidencia a disputa pelo séquito que dá sentido aos circuitos de trocas pelos quais se mantêm (mas que pode se perder) poder, autoridade, *status* e prestígio social.

Capítulo 5. Os jovens e o “projeto social”: classificações sociais, acusações de desvio e práticas civilizatórias

Introdução

Neste último capítulo tenho como objetivo discutir um dos diversos “projetos sociais” dos quais o Centro Comunitário é palco. Tal projeto, denominado “Esperança de Vida”, dirige-se a jovens com até 18 anos. Uma suposta “situação de risco social” conduziria esses jovens ao projeto, isto é, a uma espécie de rito de passagem ao fim do qual lhes seriam abertas as portas ao mercado de trabalho. Tal classificação se sustenta sobre diversos índices, como o local de moradia e a falta de escolaridade.

Além disso, esses jovens buscam outros rótulos que os identifiquem. Por intermédio de roupas e acessórios de grifes, anéis e correntes, de tatuagens, de cortes e pinturas peculiares em seus cabelos ou como freqüentadores dos bailes *funk*, esses jovens aprendem e experimentam outros códigos existentes no morro. Essa outra identidade, embora não seja aparentemente bem-vinda no Centro Comunitário, ajuda ainda a definir o que, nos termos nativos, se entende por “risco”. Embrenhada nesta concepção de risco está a percepção da relação estabelecida entre os jovens e membros do tráfico local, muitos dos quais são seus amigos e parentes. Isto contribui para a ambigüidade desta relação: por um lado, uma identificação expressa no estilo das roupas, dos cabelos, no uso das gírias, um certo fascínio pelos símbolos da “facção criminosa”, nas músicas cantadas dentro e fora do baile *funk*. Por outro lado, um certo “medo” e tristeza de ver diversos amigos e parentes morrerem nas “guerras” entre as facções e nas disputas com policiais. Nesse sentido, é possível entender as insistências para viajarem para o sítio em Petrópolis ou para a casa em Saquarema, nos momentos dessas “invasões” e “ocupações”.

Em virtude das identidades e gostos distintos analiso a relação desses jovens com a equipe de trabalhadores do “projeto”, bem como com a presidente da entidade, que abrem, pela própria interação, espaço para os conflitos e as acusações de desvio. Aqui, o estigma conferido a estes jovens é justamente aquilo que lhes confere identidade: suas roupas, seus

cabelos, suas gírias, seus fascínios pelos símbolos ligados ao tráfico – carros, motos, armas, “novinhas¹⁶¹”.

Minha análise parte quando da minha chegada ao Centro Comunitário, as primeiras frases que escutei sobre os jovens e as primeiras atividades que desenvolvemos. Ainda, tomo como referência minhas anotações das reuniões da “equipe do projeto” das quais participei, das conversas com trabalhadores e com os jovens do “projeto”.

1. “Estou precisando de alguém para ajudar uns meninos a ler”: minha entrada nesse projeto

Como descrevi no primeiro capítulo desta tese, quando cheguei ao Centro Comunitário e propus a Dona Anastácia a realização de alguma atividade no local, para que eu pudesse desenvolver a minha pesquisa ali, ela me disse que precisava de alguém para “ajudar uns meninos a ler”, pois eles “estão com 16, 17 anos e não sabem ler”. Solicitou que eu lhes aplicasse um “teste mental”, “para saber qual a idade mental deles, porque eles têm 16,17 anos, mas têm mente de seis anos”.

Nessa primeira visita, combinei com Dona Anastácia que eu dividiria, nas tardes de quarta-feira, os jovens do Projeto Esperança de Vida com Celso, “conselheiro em dependência química” que realiza um grupo com eles.

As atividades que eu realizei com os jovens, inicialmente às quartas-feiras, e depois também em outros dias da semana, foram diversas: leitura de música acompanhada no pandeiro, leitura de pequenos textos e de rótulos de produtos alimentícios, busca e estudo do mapa do Brasil, esquete sobre a colonização do país, filmes, aula de fotografia, grupo focal sobre DST/Aids, além de assistir às atividades de Celso e participar de alguns passeios promovidos por Rogério – entre eles, ida à ALERJ (Assembléia Legislativa do Estado) para visitar uma exposição, à feira de livros realizadas no MAM (Museu de Arte Moderna), à praia do Recreio dos Bandeirantes.

Na primeira quarta-feira em que fui “ajudar os jovens a ler”, cheguei ao Centro Comunitário por volta das 13 horas e fui à secretaria procurar Dona Anastácia. Ela não estava

¹⁶¹ As “novinhas” são meninas na faixa etária dos 12 a 14 anos, e que, segundo os jovens me disseram, são aquelas que eles “vão criando para depois chegar junto”, isto é, “vai falando com ela, desde quando ela tem 11 anos, vai falando, criando e aí quando ela tem 13, 14 chega junto”, visando a manter relações sexuais. Este processo é feito, segundo eles, com duas, três ou quatro ao mesmo tempo.

lá, mas sua filha Élide, nessa época coordenadora do Projeto Esperança de Vida, pediu que eu esperasse um pouco para que arrumassem uma sala para eu trabalhar com os jovens. Enquanto eu esperava, Dona Anastácia chegou ao saguão. Nos cumprimentamos e ela disse que me apresentaria a Celso. Nesse momento, Celso chega à entidade, Dona Anastácia me apresenta a ele, explicando-lhe o que eu irei fazer. Então, entramos na secretaria e paramos em frente a uma lista com o nome dos jovens participantes do “projeto”, dia e nome das pessoas que trabalham com eles. Dona Anastácia diz quem eu devo “pegar”: João Rivaldo, Vicente, André e Amadeu. Posteriormente, quando eu e Celso estávamos conversando, ele me disse que o Hércules também deveria ficar na minha atividade. Estes cinco, mais Adoniran, foram os jovens que mais estiveram presentes nas ações que desenvolvi, mas todos os outros, pelo menos uma vez, participaram de algo que realizei.¹⁶²

Depois de acertar com Dona Anastácia e Celso quais jovens eu “ajudaria”, este último me levou até a sala de reuniões (que posteriormente foi transformada na secretaria da Faetec). Lá havia uma mesa com um computador ligado, uma outra mesa pequena, com quatro cadeiras ao redor, um armário pequeno, um arquivo de ferro e uma estante na qual eram guardados os materiais do “projeto” – na porta havia uma etiqueta com o escrito: “Projeto Esperança de Vida”. Celso abriu o armário e mostrou-me uma caixa-arquivo de papelão com papéis brancos, canetas, tesouras e cola, que eu poderia utilizar para realizar as atividades e, se eu precisasse de alguma outra coisa que não tivesse ali, eu deveria solicitar a Muriel, nessa época secretária do Centro Comunitário.

Celso mostrou-me, ainda, um livro-ata no qual, após as atividades, deveriam ser feitas anotações sobre o que havia acontecido durante o dia. Assim, sugeriu-me que cada vez que eu chegasse na entidade eu o lesse, a fim de me inteirar com os acontecimentos. Somente Celso escrevia no livro, sempre sucintamente, salientando a atividade que havia realizado. Mostrou-me, também, um caderno no qual os trabalhadores do projeto poderiam deixar recados uns para os outros.

Depois, nos sentamos ao redor da mesa e ele me perguntou o que eu queria fazer no “projeto”. Expus que gostaria de desenvolver a minha pesquisa ali e, para isso, havia conversado com Dona Anastácia para, também, realizar um trabalho no Centro Comunitário; e foi então que ela me pediu para ajudar os jovens na leitura. Ele comentou que isto era

¹⁶² No Anexo J estão relacionadas informações os jovens do “Projeto Esperança de Vida”, retiradas tanto da fichas preenchidas pela psicóloga (das quais mantive suas palavras) quanto eles passavam pela “triagem” para admissão no projeto, quanto anotações que fiz no decorrer da pesquisa, que estão na parte denominada ‘minhas anotações’ – selecionei de minhas anotações somente alguns dados. No entanto, não encontrei as fichas de todos os 33 jovens que listei no Anexo J, apenas de 27, mas tive contato com todos. Neste capítulo abordarei alguns dados contidos nessas fichas.

“bom”; mencionei meu receio, pois não era professora de leitura, mas antropóloga. Celso disse que assistiu uma disciplina de Antropologia e Sociologia na Faculdade de Psicologia que cursa, e que eu não deveria me preocupar, pois conseguiria ajudá-los.

Nesse momento, disse-me que é “conselheiro em dependência química” e trabalha no Centro Comunitário, com o grupo de jovens, mais de um dia por semana (segundas, quartas e sextas) – os trabalhadores que mais atuam junto aos jovens são Celso, Rogério e a psicóloga, que primeiramente era Camila e, depois, Raquel; além da coordenadora, que quando cheguei à entidade era Élide e, posteriormente, Sirlândia. Mais adiante abordarei a “equipe do projeto”.

Perguntei a Celso porque os jovens estavam no “projeto”; ele explicou-me: “o projeto é para meninos em situação de risco, são usuários, dependentes químicos, outros nem usam, mas estiveram envolvidos no movimento, no trânsito, e estão aqui para parar, mas é difícil, pois eles são de uma família desestruturada, os pais têm vários filhos na comunidade, às vezes, as mães também são usuárias e têm filhos de vários homens. Por isso é difícil de lidar com eles, porque eles não se concentram, qualquer coisa que acontece na rua eles querem ver, qualquer tiro que ouvem vão para janela ver, ouvem uma voz conhecida vão ver quem é. Eles ficam quietos por 45 minutos, mas depois é difícil”. Perguntei quanto tempo o grupo tem de duração, ele respondeu que duas horas. Celso alertou-me, ainda, sobre a “questão de você ser mulher, ser diferente, o jogo da sedução, se cuide”. Perguntei a ele a idade dos jovens; “17, 18 anos”, respondeu.

Por fim, comentou que, naquele dia, trabalharia com o grupo até as 15h30, porque depois atenderia a dois jovens que “estão numa situação ruim com as drogas”.

Em seguida, fomos encontrar os jovens. Celso foi chamá-los na sala de computação. Um deles, que participaria da minha atividade, veio me cumprimentar estendendo a mão; outros vieram ver quem estava ali com Celso, que me apresentou a eles. Um desses jovens estava com o cabelo bem curto, pintado de loiro, e na parte de trás havia a pintura, em marrom, do símbolo da *Nike*. Um outro jovem tinha os cabelos também bem curtos e várias linhas desenhadas com gilete, formando uma imagem.

A maioria dos jovens estava vestindo camisetas pretas, escrito, em laranja, na parte da frente “Esperança de Vida”, com o desenho de uma pomba voando e, no meio, um globo terrestre com a palavra “paz”, em branco, ao centro do globo; e na parte de trás escrito “Ceaca Vila”, em azul. Vestiam ainda bermudas e chinelos de dedo.

Então, Celso e Dona Anastácia anunciaram aos jovens quais deles ficariam na minha atividade, e Dona Anastácia pediu a um deles para ir à frente abrir a sala 4. Esta ficava no

terceiro andar, é uma sala de aula com mesas e cadeiras, um armário de ferro cadeado, uma estante, um arquivo de ferro com cadeado, um quadro negro, televisão e vídeo-cassete. Eu, Dona Anastácia e os jovens fomos para a sala. Eles sentaram e Dona Anastácia disse que me apresentaria; um deles, com quem eu havia conversado rapidamente na semana anterior, disse: “eu já conheço ela”, ao que outro se surpreendeu: “Já?!”; “sim”, confirmou o primeiro.

Depois que Dona Anastácia me apresentou a eles, fez as devidas ressalvas - aquelas que expus no primeiro capítulo-, e saiu. Então, eu lhes disse que iríamos ler jornal, mas antes nos apresentaríamos dizendo nome e idade.

O primeiro a falar foi Hércules, que perguntou se precisava dizer o nome todo. Disse-lhe, ao mesmo tempo em que outro jovem, que não. Hércules disse que estava com 18 anos. Após se apresentar, ficou rabiscando a mesa; no meio da atividade, começou a falar ao celular, os outros o olhavam e riam, então ele anunciou ao telefone que estava em “aula” e advertiu aos seus colegas: “prestem atenção que a professora está explicando”; pouco depois desligou o celular. Ele tinha muita dificuldade para ler, segundo a ficha preenchida pela psicóloga, cursou até a 3^a série do ensino fundamental; é ‘pardo’.

O segundo a se apresentar foi André, ‘negro’, estava com 17 anos. Ele conseguiu ler o jornal, apresentando poucas dificuldades na leitura, mas grande dificuldade de interpretar o que estava lendo. Quando o colega ao seu lado dizia alguma palavra errada, ele o chamava de “idiota” e ria como os outros. Segundo sua ficha, estudou até a 1^a série do ensino fundamental; a mim, ele disse que havia estudado até a 4^a série do ensino fundamental. Estava fazendo supletivo no Centro Comunitário.

Após, Vicente se apresentou. Disse que estava com 17 anos. É ‘pardo’. Estava com o cabelo bem curto, com três listras cortada à gilete de um dos lados da cabeça. Não conseguiu ler nada, não sabia ler, algumas letras ele reconhecia, outras eles trocava, como o “q” por “g” e o “r” pelo “l”; segundo sua ficha, estudou até a 2^a do ensino fundamental.

Depois foi a vez de João Rivaldo. Disse que estava com 16 anos – em sua ficha constava que ele tinha 18 anos. Apresentou muitas dificuldades ao ler o jornal, pois não sabia ler. Em sua ficha dizia que ele estudou até a 3^a do ensino fundamental; ele disse-me que havia estudado até a 2^a série. É ‘negro’.

Por fim, falou Amadeu. Disse que estava com 15 anos, é ‘negro’. Estava estudando, na 5^a série. Conseguia ler bem, no entanto, disse-me que, na escola, tinha dificuldades para entender o que a professora dizia, esquecendo em seguida o que ela havia dito. Depois da atividade, conversei com Celso, dizendo que talvez Amadeu não devesse ter ficado na sala, porque sabia ler. Ele disse que sim, e que houve uma troca, era para o Adoniran ficar ali –

Adoniran é ‘negro’, estava com 19 anos e em sua ficha constava que ele havia estudado até a 4^a série do ensino fundamental. Nas atividades seguintes Amadeu e Adoniran participaram. No início de 2004, Amadeu foi preso por estar carregando armas e drogas, e, depois de solto, voltou a atuar no tráfico.

Os jovens, nesse primeiro dia, foram bastante simpáticos e solícitos às atividades propostas, participavam querendo um falar mais que o outro.

Durante o exercício, uma moça abriu a porta da sala e ficou, por um breve período, nos olhando. Um dos jovens, então, me disse que ela também dava aula ali. Perguntei a ela, Túvia, se sua aula era naquele momento; “inicia às 16 horas”, observou. “Já são 16 horas?”, indaguei; “são 15 horas e 20 minutos”, anunciou e, sem seguida, explicou-me: “o negócio é que a psicóloga vai fazer um trabalho com meus alunos e ela quer a sala arrumada em círculo. Tem algum problema de eu ir arrumando?”; disse-lhe que ao final da atividade nós poderíamos organizar, ela disse que estava bem, sentou-se numa cadeira e ficou olhando livros e cadernos de seus alunos – depois que encerrei a tarefa perguntei se ela era professora de crianças; “sim, da 1^a série” respondeu.

Depois, desci para o saguão. Os jovens tomavam lanche: vitamina de banana e pão com margarina. Após, Celso me chamou para ir à sala de reuniões, anotar no livro o que eu havia realizado com eles. Nesse momento, comentou que estava trabalhando com os jovens o tema “família” e haviam feito, nesse dia, a “cena da mãe traindo o pai”. Disse que todos os jovens, com exceção da menina, anunciaram que se vissem ou soubessem contariam aos seus pais e iriam “bater ou brigar com a mãe”, mas caso fosse uma situação inversa, o “pai traindo a mãe”, todos achavam que estava “certo, isso é normal”. Celso salientou, novamente, que “as famílias são desestruturadas, os homens têm muitos filhos, são casados com uma e têm filhos com a vizinha, filhos espalhados na comunidade”, e isso “é passado para os jovens”, como os “traficantes que têm várias mulheres”, “é a cultura”, concluiu. Perguntei com quem os jovens moravam, Celso respondeu: “com alguém de referência, nem sempre pai e mãe [...]. Eles odeiam a família, pai, mãe, têm problemas, por isso eu trabalho também”. Comentou, ainda, que “trabalho com as famílias também, fazendo atendimento” no próprio Centro Comunitário.

Celso, ainda, relatou que trabalhou como enfermeiro numa Clínica para recuperação de dependentes químicos, em Santa Teresa, “onde a Vera Fischer ficou internada”. Depois comentou que, no dia seguinte, iria ao “Padre Severino”¹⁶³ dar uma palestra sobre “dependência química” a pedido de uma conhecida que trabalha lá.

¹⁶³ O Instituto Padre Severino é instituição para detenção e aplicação de medidas sócio-educativas a menores em conflito com a lei, situado no bairro da Ilha do Governador.

Ali no Centro Comunitário, segundo me informou, seu trabalho visa à “abstinência” do uso de álcool, tabaco e outras drogas. Acredita que deveria “ter um neuro ou psiquiatra trabalhando com eles com medicação”.

Passado algum tempo, fomos embora. No caminho até o ponto de ônibus, perguntei por quanto tempo os jovens permanecem no “projeto”; “o ideal é um ano, para depois eles andarem com as próprias pernas”, respondeu. Pouco depois, uma senhora, vindo em direção oposta à nossa, interpelou Celso, dizendo que precisava conversar com ele, Celso exclamou: “precisamos mesmo, e urgente!”. A conversa seria por causa de seu filho, Bianco, que, segundo a mãe, “está muito rebelde”. Marcaram de conversar em algum momento e se despediram. Continuamos nossa caminhada. Celso disse que Bianco “realmente está demais, rebelde, se achando o maioral e as coisas não são bem assim. O problema é que o pai é usuário de drogas e a mãe também, não que eu seja contra as drogas, mas ela afeta as crianças”. Bianco tem 16 anos, é ‘pardo’ e em sua ficha consta que estudou até a 7^a série do ensino fundamental. Chegamos ao ponto de ônibus e cada um foi embora para seu lado.

Nesse primeiro dia, Celso me explicitou, em linhas gerais, o que é o “Projeto Esperança de Vida”, a sua própria percepção de quem são os jovens aos quais ele se destina e aquilo que os colocam em “situação de risco”, que para ele é, principalmente, a “família desestruturada” e o traficante como ideal de masculinidade.

Durante as atividades seguintes, que realizei com os jovens, eles mesclavam a feitura do exercício com brincadeiras, com diálogos entre eles e com as conversas que tínhamos.

As brincadeiras eram, por exemplo, jogar bolinha de papel um no outro, às vezes, um ameaçava, dizendo para eu tomar uma atitude: “olha aí, vou jogar a cadeira nele”. Desenhavam bastante, tanto nas mesas quanto em folhas de papel. Chamavam um ao outro de “burro, não vai passar na prova” ou de “boiola”.

Certa vez, Adoniran e André estavam brincando um com o outro, até que Adoniran disse: “a gente não quer fazer nada de estudo”. “A gente tem que fazer uma coisa interessante”, dizia André. “O quê?”, perguntei. “Conversar”, respondeu André. “Sobre o quê?”, indaguei. “É só tu puxar um assunto que a gente conversa”, disse André. Então ficamos conversando sobre o que eles gostam de fazer. Eram em momentos como esses, principalmente, que eu conversava com os jovens sobre assuntos diversos relacionados ao Centro Comunitário, ao morro e às suas vidas. E, aos poucos, fui conhecendo-os e a seus gostos, bem como os objetivos do “projeto” e compreendendo o quê a “equipe” entendia por “situação de risco” na qual esses jovens estariam inseridos, isto é, quais os ícones que definem os seus “riscos”.

Durante o tempo em que realizei o trabalho de campo, o projeto passou por dois momentos, correspondentes às mudanças da coordenadora e da psicóloga. Passo, então, a apresentar o “projeto” e seus participantes.

2. “Eles chegaram no projeto drogados, melhoraram, o objetivo foi concluído”: objetivos do projeto

Nas reuniões da “equipe” que atua no “projeto” os objetivos eram constantemente relembrados e discutidos. Participei de algumas dessas reuniões e, em muitos momentos, eu era impelida a me manifestar, pois os membros da “equipe” solicitavam minhas opiniões sobre os jovens e sugestões de como melhorar as atividades. No decorrer do texto inúmeros temas e discussões abordados nessas reuniões serão expostos.

Na primeira reunião de que participei, em maio de 2003, estavam presentes: Élide, nesse momento, coordenadora do “projeto”; Rogério, que se apresentou como “reprodutor cultural”, pois desenvolvia atividades de “reprodução cultural, lazer e, às vezes, reforço escolar”; Camila, psicóloga; Celso, “conselheiro de dependência química”; Geruza, treinadora de Atletismo; o seu João e a senhora Joana, professores de inglês. Astrid, cursava pós-graduação em Educação Artística e tentava desenvolver um exercício de “arteterapia” com os jovens. Nesse dia, Astrid levou à reunião uma estudante de serviço social, com o intuito de agregá-la ao trabalho.

Nessa reunião, Élide disse a nós que o “projeto foi renovado com a Prefeitura. O projeto atendia 10 meninos e a renovação foi com mais 10, são 20 meninos agora”. Por isso queriam “fechar o ano [do projeto] em junho-julho e começar nova etapa em agosto”. Explicou, ainda, que as atividades são introduzidas “à medida” e conforme os “espaços que se tem”. E explicitou os objetivos do projeto, que são: os jovens irem se “profissionalizando e encaminhando” para o trabalho, “porque nessa idade eles querem trabalhar”. O “projeto” estaria assentado sobre cinco pilares: “cultura, esporte, educação, iniciação ao trabalho e lazer”. Em função destes eixos, a “equipe”, sobre a qual discutirei adiante, era composta por uma psicóloga, um “consultor em dependência química”, um “reprodutor cultural”, uma treinadora de atletismo, um casal de professores de inglês e diversos outros educadores e pastores.

Os trabalhadores, tendo aqueles cinco pontos de inflexão, colocavam grande ênfase no comportamento, como comentou Camila, psicóloga: o “tom maior do meu trabalho é no

comportamento”, visando a “melhorar para iniciação ao trabalho e incentivo à educação”. Ainda, uma das condições para a entrada e permanência do jovem no projeto seria ele “estar na escola”. Mais adiante discutirei a seleção desses jovens para ingressarem no “projeto”.

Assim é que, certa vez, Dona Anastácia chamou a atenção de um jovem porque descobriu que ele não estava matriculado na escola. Era para André trazer, quando descesse para a escola, a autorização do passeio que seria realizado no dia seguinte.

- “- Eu não vou à escola, disse André.
- Você está matriculado na escola?, perguntou Dona Anastácia.
- Não, disseram que eu tenho que fazer as provas ainda”, respondeu André.
- O que você quer da vida rapaz?! Está pensando o quê? Que não procurou uma escola para você?!, indagou Dona Anastácia.
- A Sirlândia disse que vai marcar as provas que faltavam para eu fazer, explicou André.
- Mas quando marcar, como você vai fazer se nem estudando está?!, questionou Dona Anastácia.
- Vou estudar com o Rogério, respondeu André.
- Ah, com o Rogério!, exclamou Dona Anastácia.”

Em seguida, Sirlândia apareceu no saguão e Dona Anastácia lhe disse que André não estava matriculado na escola. Sirlândia respondeu que, na segunda-feira, resolveria este assunto.

Cabe ressaltar, como foi lembrado nesta primeira reunião, o caráter transitório de um “projeto”, pois sua continuidade depende de ‘vontades’ e momentos políticos. O “projeto” atende a jovens, teoricamente entre 14 e 18 anos, mas, na prática, jovens com 19 e 20 anos estavam incluídos e, segundo Élide, a Prefeitura “cobra porque esses garotos ainda estão no projeto”, então, ela explicou: “eles são excedentes e são a contrapartida da instituição”, e, portanto, “não entram na contabilidade da Prefeitura”. Nesse momento, surgiu a preocupação de onde encaixar esses jovens, se em trabalhos ou cursos.

Ainda, os jovens atendidos pelo “projeto” são considerados como estando em “situação de risco social”. “Risco” este dado pelo “o uso de drogas ou com a possibilidade de isso acontecer, em situação de risco”. O “risco” está associado à própria percepção que nossa sociedade tem das drogas: “[...] a idéia é que a droga enfraquece a moral, fazendo com que os indivíduos sejam mais facilmente seduzidos, corrompidos ou enganados” (Velho, 1997a:60). Isto remete a uma representação das substâncias psicoativas como entidades dotadas de

vontade própria, que teriam o poder de fazer seus usuários cometerem atos violentos, gastarem todo o dinheiro para continuar no uso (Piccolo, 2001)¹⁶⁴.

Dona Anastácia lembrou aos trabalhadores do projeto que “do relatório, agora, que a gente vai entregar, é que vai depender se o projeto vai continuar, e também depende se quiserem economizar, porque é época de campanha [política]”.

“- É, é época de campanha, lembrou Élide.

- O que temos a nosso favor é que droga é moda!, exclamou Camila.

- A gente, como projeto, não conseguiu atrair o adolescente para ele continuar, é um fracasso, eu vejo como um fracasso [o projeto], analisou Dona Anastácia.

- Esse resultado de 100% não vai ter, concluiu Celso.

- Adolescente e droga é muito difícil, observou Camila.

- Eles continuam usando drogas, no projeto e na comunidade, comentou Dona Anastácia.

- Nós somos isso [faz, com os dedos, sinal de pequeninho] e a comunidade é iiiiiisso [grande demais], podemos controlar aqui, não lá [na comunidade], salientou Élide.

- Só quatro são dependentes químicos, outros fazem só uso esporádico, comentou Camila”.

Cabe ressaltar que com este “projeto” o Centro Comunitário se insere num quadro mais amplo de instituições que desenvolvem “projetos sociais” voltados para esse segmento populacional: jovens, pobres e moradores de favelas, que por essas mesmas características encontrar-se-iam em “situação de risco”. Risco de entrar no “mundo do crime”, de tornarem-se usuários de drogas ou aprofundaram-se em seu uso. Nesse contexto é que ganha sentido a fala de Camila, proferida durante uma reunião: “o que temos a nosso favor é que droga é moda”, o que de certa maneira colaboraria para a continuidade do “projeto”.

“Afastar os meninos do mundo do crime, tirá-los da rua, livrá-los da violência – estas têm sido as justificativas usadas pelos projetos sociais voltados para os pobres das comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, esportivas, culturais e de formação para o trabalho. Acreditam que o espaço deixado pela carência de atividades possa ser ocupado pelo crime ou pelo ócio. São várias as atividades espalhadas

¹⁶⁴ Na pesquisa que realizei em Porto Alegre junto a usuários de diferentes substâncias psicoativas, eles utilizavam a categoria “fissura”, e seu derivado “fissuração”, para referirem-se à “vontade de querer mais droga” e aquilo que “faz a pessoa fazer qualquer coisa para ter a droga”; é a “fissuração que faz tu roubar, faz tu fazer tudo”. Portanto, mediante a “fissura”, a droga dominaria o indivíduo, determinando seu comportamento.

pelo país cuja intenção é tirar moças e rapazes de situações de risco” (Gonçalves, 2003: 172)¹⁶⁵.

Dessa maneira, os financiadores do “projeto”, que se insere no âmbito do PROAP (Favela-Bairro), com financiamento do BID, e os seus trabalhadores consideram o “risco”, por um lado, inerente às condições de vida nas quais os jovens estão inseridos, como situação familiar e econômica, local de moradia, e, por outro lado, devido aos gostos desses jovens, como as pinturas nos cabelos, as roupas de marca, certo reconhecimento do *status* trazido pelo ingresso no tráfico, o baile *funk* e o uso de drogas – mais adiante abordarei as características do estilo de vida desses jovens que são vistas como o quê os colocam em “situação de risco”.

Contribuiria, ainda, para o “risco” desses jovens a sua própria família, vista como “desestruturada”, ou porque os pais são separados, ou porque têm muitos filhos com diferentes parceiros(as), como me disse Celso naquela nossa primeira conversa.

Naquela primeira reunião que participei discutiram a situação familiar dos jovens e suas “carências”, aqui entendida não apenas como de bens materiais, mas de carinho e de afeto.

“- Eles são a própria carência, são carentes, querem ser olhados, tocados, disse Camila.

– Tem assistente social aqui? Para ver a carência dentro de casa?, perguntou Mira, estudantes de Serviço Social que foi assistir à reunião.

- Muitos não têm nem mãe, salienta Camila, rindo.

- João Rivaldo não tem mãe, tem avô e avó, lembra Celso.

- Tem mãe, mas ele não quer, o que é pior, observa Camila.

- Família aqui no morro é todo mundo conhecido. Essa história de mãe deles, que chega aqui não conhece a mãe nem o pai, só do André e do Vicente que eu não conheço os pais, mas o resto conheço desde pequenininho, mas aqueles que vieram desde cedo, já vem com reunião de mãe. A maioria deles já passou até pela creche, já estão acostumados, anuncia Dona Anastácia.

- Trabalho com a família, faço reunião uma vez por semana para criar vínculo com a família e visita domiciliar, com assistente social, informou Camila.”

Ainda, a família os colocaria em “situação de risco” porque, segundo a “equipe”, alguns pais são usuários de drogas ou dependentes químicos. As drogas a que eles faziam referência não eram apenas as consideradas ilícitas – maconha e cocaína -, mas o álcool e o tabaco também. Cabe ressaltar, ainda, que embora a “equipe” não tenha explicitado, durante

¹⁶⁵ Gonçalves (2003) fez uma análise do espaço construído pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira para abrigar atividades aos jovens e realizar os “projetos sociais”, a Vila Olímpica. Este local assemelha-se, pelas suas atividades e pelo público a quem ele se destina, ao Centro Comunitário Maria Isabel.

as reuniões em que eu estivesse presente, a diferença entre “usuários de drogas” e “dependentes químicos”, posso inferir, pelas suas falas, que a distinção é dada pelo grau de comprometimento do indivíduo com a droga. O “usuário” seria aquele que estaria menos comprometido do que o dependente. O dependente químico é considerado pela Psicologia e pela Psiquiatria como sendo portador de uma doença progressiva, incurável e fatal, a dependência química.¹⁶⁶

Cabe salientar, como assinala Velho, que há uma multiplicidade de significados atribuídos ao que no senso comum se designa por ‘drogas’, o que torna difícil uma definição do conteúdo concreto abarcado por tal palavra¹⁶⁷.

“A própria noção de tóxico e o conceito de droga são altamente problemáticos e dependendo do critério e da posição do investigador podem abranger desde a heroína até o papo de anjo” (Velho, 1980b:355).

Assim, nas fichas de 27 jovens que participaram do projeto, encontrei as seguintes observações feitas pela psicóloga: quanto ao uso de drogas por parentes, seis teriam tios e primos que “usam álcool” ou “drogas e álcool”; oito que os pais, principalmente o pai, era “viciado”, “dependente químico”, “alcoólatra”; três, os irmãos usam drogas ou álcool e, num caso, “a avó e o marido usavam drogas durante a infância dos filhos”. Assim, numa reunião, Celso comentou que “o pai do Adolfo é porteiro, trabalha seis dia, fica em casa um dia e aí

¹⁶⁶ A problemática das substâncias psicoativas, no que tange à área biomédica, está inserida nas doenças/transtornos mentais e comportamentais, portanto, o sujeito é considerado um “doente” que tem o direito e o dever de submetido a tratamento. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), são consideradas substâncias psicoativas: “as substâncias de origem natural ou sintética, incluindo-se o álcool, que, uma vez utilizadas, modificam as percepções sensoriais” (UNDCP, 2000). Os principais documentos que regem seu estatuto são a Classificação (ou Código) Internacional das Doenças, o CID10 (2000), e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-IV (1995). No CID 10 existem 133 códigos na extensa categoria transtornos comportamentais, subdivididos em 9 subcategorias: intoxicação aguda, uso nocivo para a saúde, síndrome de dependência, síndrome de abstinência, síndrome de abstinência com delírio, transtorno psicótico, síndrome amnésia, transtorno residual ou de instalação tardia e transtorno mental e comportamental não especificado. As substâncias encontram-se assim divididas: álcool, opiáceos, canabinóides, sedativos e hipnóticos, cocaína, estimulantes (inclusive cafeína), alucinógenos, fumo, solventes voláteis e múltiplas drogas. No DSM-IV há a descrição de cada uma das categorias e subcategorias acima, e os critérios para a definição de “enquadramento” de uma pessoa em um desses transtornos, que incluem tanto as drogas, medicamentos quanto toxinas. Os critérios para definição incluem problemas físicos, psicológicos e sociais, e a pessoa deve apresentar um conjunto de sintomas para poder compor o diagnóstico de uma dessas subcategorias acima.

¹⁶⁷ As significações da palavra “droga” trazidas pelo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986: 611-2) abarcam todas as que aparecem espalhadas pelos diversos dicionários e encyclopédias e abrangem também as outras três palavras, que são tóxicos, narcóticos e entorpecentes: “1. Qualquer substância ou ingrediente que se usa em farmácia, em tinturaria, etc.; 2. Medicamento; 3. Produto Oficial (3), de origem animal ou vegetal, no estado em que se encontra no comércio; 4. Medicamento ou substância entorpecente, alucinógena, excitante, etc. (como p.ex., a maconha, a cocaína), ingeridos, em geral, com o fito de alterar transitoriamente personalidade: “- Você só tomou bebida ou foi alguma droga?” (Antônio Olinto, Copacabana, p.25); 5. Fig. Coisa de pouco valor; 6. Coisa enfadonha, desagradável. S.m. 7 Bras. N. E. Pop. V. diabo (2)”.

bebe o dia inteiro”. Quanto ao envolvimento com o tráfico por parte dos parentes, cinco teriam pais, irmãos e primos que estariam envolvidos no tráfico, sendo que alguns já haviam sido mortos.

Na primeira reunião Dona Anastácia salientou que: o “Arcanjo ainda não saiu da linha de risco porque tem um irmão bandido, muito respeitado por ele. E ele está uma fera porque acha que as pessoas não estão mais respeitando ele. Queria voltar porque as pessoas não respeitam mais ele na comunidade, pegam coisas dele, batem nele no futebol”. “Arcanjo tem três irmãos, um é da vida, outro está aqui e outro é do outro lado. O menor foi pego no morro com uma porção de armas de brinquedo, a polícia o prendeu”, disse Camila. “Ele estava fazendo uma ganguezinha só de arma de brinquedo”, comentou, rindo, Dona Anastácia.

Quanto aos próprios jovens, nem todos utilizariam drogas. A avaliação dos “riscos” passaria por outras questões, como no caso de Eduarda, que seria filha única e “mimada pela mãe”, e o “pai, alcoólatra”. Ainda, a discussão surgida numa reunião, revela as tensões em torno das avaliações do que é estar em “risco”.

“- Quem não usa drogas não tem que estar lá. Esse grupo que está lá vai passar por um processo de triagem, anunciou Valéria.

– Jerônimo não usa drogas, é ladrão de carro, assaltante mesmo, mora na Petrópolis, num contexto ali, está sempre no meio de bandidos, é muito de risco. [...] Um deles tem irmão bandido, pai que vive cheirando e fumando maconha, comentou Dona Anastácia.

– Qual a probabilidade dele?, indagou Miele, assistente de Valéria.

– Tem que tirar os meninos que estão tão comprometidos [com as drogas] e não querem se comprometer com o projeto, tem que tirar para não afundar os outros, observou Valéria.

– Isso é difícil porque, por exemplo, o Leonizinho [neto de Dona Anastácia], ele usa drogas, mas nunca falta à escola, está no segundo grau, disse Dona Anastácia.

– Ótimo!, exclamou Valéria;

– Talvez queira parar, mas o contexto não deixa, analisou Dona Anastácia.

– Leonizinho ainda não perdeu nada, salientou Celso.

– Será que não perdeu? Ou não quer ver sua perda?, questionou Valéria. O projeto não trabalha com dependentes, mas com usuários. Maconha ok, a cocaína aí é diferente, concluiu.

– Leonizinho não está motivado, ele acha que não tem necessidade, isso é negativo para eles; sempre está faltando alguma coisa, ressaltou Miele”.

Noutra reunião, segundo Celso, “dependente químico não tem, só usuário, e Hércules é o único usuário abusivo”. Ao que Sirlândia, que estava assumindo a coordenação do projeto, espantou-se: “eu pensava que eles usassem cocaína!”. Celso então lhe explicou: “nenhum usa porque tem medo”.

Portanto, o risco não passa somente pelo uso de drogas, mas pelo “contexto” no qual o jovem está inserido, assim como ressaltou Dona Anastácia, que pode ser entendido como a rede de relações na qual o jovem está inserido, com quem ele se relaciona. É nesse sentido, que é possível compreender a fala de Celso, naquela nossa primeira conversa: “[jovens] chegam querendo bancar o tal, dizendo que são isso ou aquilo no tráfico, o *status* que têm no tráfico, na comunidade”. Diante disso, Celso lhes adverte: “aqui dentro vocês não são ninguém, se são isso ou aquilo, são lá fora, lá em cima na comunidade, no tráfico, aqui dentro todos são iguais”.

Desta maneira, o “projeto” seria uma espécie de rito de passagem, em que eles ‘deixariam de usar drogas’, aprenderiam novas coisas e se despiriam daquilo que o ligava antes “ao mundo do crime”, inclusive de seu nome¹⁶⁸. Isso foi ressaltado ainda, quando em outra ocasião, Élide chamou Tadeu para ir para a sala de aula, em seguida falou: “Tadeu não, Aloan, Tadeu não é o nome dele, o nome dele é Aloan”. “Mas ele não tem os dois nomes?”, perguntei, tendo em vista que ele se apresentou a mim como Tadeu e um outro jovem me disse que ele teria dois registros, um foi seu pai que registrou, outro sua mãe registrou; “Não, só um. É Aloan”, respondeu Élide; ao que Muriel salientou: “Mas ele não gosta de ser chamado pelo nome, Élide”; “Mas é o nome dele”, insistiu Elide. Sua insistência, soube depois, era porque Tadeu era o “nome de guerra” de Aloan, o nome pelo qual ele era conhecido no tráfico.

Cabe ressaltar que o próprio nome escolhido para o “projeto”, “Esperança de Vida”, remete à concepção do trabalho a ser desenvolvido e o seu público destinatário: mediante as atividades civilizatórias, tem-se a “esperança” de transformar o “risco” em “vida”.

Visando a aprimorar a ‘eficácia’ e a viabilidade do “projeto”, no início de 2004 houve algumas modificações, que passou a ter a ingerência de Valéria – “gerenciadora de projetos” da entidade. Uma série de reuniões foram feitas para anunciar os novos princípios do “projeto”, demitir e admitir trabalhadores e repensar as práticas. Embora aqueles cinco pilares tenham permanecido, foi dada maior ênfase na preparação para o trabalho, com a inserção dos jovens nos cursos profissionalizantes da Faetec, principalmente cabeleireiro, manicure e padaria.

¹⁶⁸ É possível perceber esse momento em que os jovens passam no Centro Comunitário, como a fase liminar dos ritos de passagem, tal como estudada por Turner (1974). Assim, para a passagem de um *status* a outro é necessário um afastamento do meio e do *status* anterior; no entanto, ainda não ocorreu a inserção no novo *status*, permanece-se numa fase liminar onde há humilhações, como veremos no caso dos jovens, os constantes xingamentos e punições devido ao seu comportamento, despojamento dos símbolos que o ligavam a status anterior. Ainda sobre os rituais, ver entre outros, Segalen (2002).

Num primeiro encontro, foram ressaltados alguns “problemas” que o “projeto” vinha enfrentando. Devido ao fato de que alguns jovens saíam do “projeto” e passavam a trabalhar no próprio Centro Comunitário, Valéria advertiu que o “Centro não é o vínculo empregatício deles, o Centro é parceiro na empregabilidade”. Disse, ainda, que os jovens têm que saber “porque eles estão com dinheiro, com a bolsa”. Essa necessidade dos jovens tomarem conhecimento de onde viria o dinheiro estaria relacionado ao fato de que, para Valéria, o “Centro e Dona Anastácia dão tudo para eles e não cobram nada [...]. Eles têm comportamento infantil [...]. Eles não têm família”. Nesse sentido, para Olga, psicanalista que trabalhou algumas vezes com os jovens, “Dona Anastácia é a mãe que eles não tiveram [...]. A cabeça deles é uma cabeça regredida”.

Pouco depois, na discussão sobre os cursos que os jovens teriam que fazer, Dona Anastácia relatou:

- “– Eles não querem fazer o curso de padaria para aprender a fazer pão, não querem ser padeiros, mas para comer bastante pão.
- Eles não querem ser padeiro, jardineiro etc., mas eles querem ser jogadores de futebol, comprar carrão, isso é um absurdo, disse Olga.
- Todos terão que fazer panificação, senão ficam só na informática e não podem, completou Valéria.
- Em que momento eles vão estar estudando?, indagou Olga.
- O dia deles vai ter que ter 48 horas, observou Valéria.
- É preciso incutir neles a rotina, advertiu Miele.
- Trabalho e escola é o que tem que definir para eles como principal, salientou Olga.
- Essa é a proposta do trabalho, concluiu Valéria”.

Outro “problema” seria o fato de que nem todos os jovens, inseridos no “projeto”, fariam uso de substâncias psicoativas. Assim, Celso comentou que parou de levá-los “um pouco no NA, porque poucos usam drogas, três ou quatro, hoje só tem usuário de álcool”. “Mas vale também porque é uma dependência”, analisou Valéria. “Mas esses garotos não são alcoólatras, não são dependentes de álcool”, advertiu Celso. “Quando eu chamo esses garotos pro projeto, só chamo quem usa drogas, eles não precisam dizer, eu sei”, ressaltou Dona Anastácia.

Numa reunião posterior, sem a presença de Dona Anastácia, essa mesma questão surgiu, então Valéria preveniu: “se eles não usarem drogas, eles não podem ficar no projeto”.

- “– Quando comecei, o trabalho era de prevenção e não tratamento, lembrou Celso.

- Se for prevenção, o morro todo vai querer estar no projeto. Então vamos ter que repensar, observou Valéria.
- Aqui é só usuário de maconha, informou Celso.
- Será?, indagou Valéria.
- [...]
- Prevenção é muito maior. Dona Anastácia, que fez o projeto, tem entendimento que o projeto é para usuários, repreendeu Valéria.
- Eduarda participou do projeto e nunca usou drogas, recordou Celso.
- Quem trouxe ela?, questionou Valéria.
- Dona Anastácia, afirmou Celso
- Então, são aqueles outros pormenores, analisou Valéria.
- É com quem ela vai com a cara; conhece a família e quer ajudar, salientou Celso.
- Álcool pode entrar, mas ele tem que estar usando alguma droga, concluiu Valéria”.

Para organizar o trabalho, Valéria solicitou que a nova coordenadora produzisse dados quantitativos sobre o projeto e os transformasse em gráficos e tabelas para que tivessem um “resultado visível” do trabalho realizado. Diante disso, numa reunião, com Sirlândia, Rogério, Celso e eu, Rogério disse que: “Valéria tem uma visão muito empresarial, não sei como vou quantificar o meu trabalho, vai dar problema, ela pensa muito racional, como se aqui fosse uma empresa. Essa é cabeça dela”. “Eu fico entre a Dona Anastácia e a Valéria, cada uma me diz uma coisa e, às vezes, essas coisas são opostas, eu não sei o que fazer, a quem obedecer”, comentou Sirlândia. Rogério insistiu, dizendo que: “não tem como quantificar o meu trabalho, tenho certeza que Valéria espera outra coisa como resultado, porque para mim o importante não é o número de passeios que a gente fez, isso eu posso quantificar, mas sim o que isso proporciona aos garotos, e isso não é quantificável”.

Nessa reformulação houve uma apresentação do projeto e da nova coordenadora aos garotos. Foi realizada uma reunião com dez jovens no “Abrigo”, mais Valéria, Sirlândia, que seria apresentada como coordenadora, Celso, Rogério, Camila e eu. O fato de a reunião ter sido fora do Centro Comunitário agravou a tensão e o constrangimento pelo qual os jovens passaram.

Primeiramente, Valéria perguntou aos jovens: “Quem financia o projeto, de onde sai o dinheiro que vocês ganham? Não é da Dona Anastácia”. Nenhum deles respondeu. Então, Valéria os informou que o financiamento é do PROAP, e inquiriu: “O que é isso?”. Diante da negativa das respostas dos jovens, Valéria disse-lhes que o PROAP é o “Programa de Assentamento Popular”. Ocorreu o “PROAP I, que é o Favela-Bairro” e o PROAP II, em continuidade ao I, mas mais voltado para as questões de assentamento e ação social. “O dinheiro do projeto de vocês é de Prefeitura e do BID”, concluiu Valéria.

Explicou-lhes, ainda, que há um “retorno que o projeto quer, que tem que ter, que é o desenvolvimento de cada um de vocês. O que faz o projeto ser renovado são os resultados positivos: todos estudarem; conseguirem serem encaminhados para o mercado de trabalho; vocês fazerem curso profissionalizante, fazerem terapia. [...] O projeto é voltado para aqueles que querem realmente mudar a vida. E é isso que os profissionais têm em mente, estar junto com vocês no sucesso da vida”. E deu-lhes um exemplo de “sucesso”: “O Cláudio e o Leonel, hoje, eles vão ser contratados como monitores. O que a gente quer é que vocês possam evoluir também. Só assim se cresce na vida”.

Enquanto Valéria falava, os jovens a escutavam olhando para o lado, para o chão, para as cadeiras.

Depois, Valéria definiu para eles o que seria o seu trabalho: “trazer vários projetos para o Centro Comunitário, fazer reuniões de conscientização [...]. O fracasso no projeto de vocês traz uma queda no Centro Comunitário. Esse ano o projeto foi aprovado para 20 garotos, tem 21; esse um a mais é a Dona Anastácia que está bancando, porque ela tem sustentabilidade de outros projetos. Ela está bancando nas costas dela”. Ainda, Valéria os advertiu: “Vocês têm que ter autonomia, o orgulho de vocês, vocês tem que querer. Vai haver uma nova conversa com a equipe para ver se há realmente desejo de mudança [...]. Para ficar no projeto, todos têm que estar matriculados na escola; vamos fazer até reunião com a família de vocês”.

Depois que Valéria apresentou o projeto a eles e lhes fez as recomendações acima, Aloan lhe disse: “eu não quero fazer pão”.

“ - Vocês têm que fazer um curso, têm que fazer uma profissão; hoje vocês não estão dando valor, mas amanhã vocês vão estar agradecendo; isso tudo é pra criar dentro de vocês uma coisinha que desperte a motivação, que desperte vocês para a vida. Levei os meninos do Abrigo no Bob's¹⁶⁹, se vocês quiserem, levo vocês lá e já aproveito para deixar uns dois lá, disse Valéria.

- Que nem escravo!, exclamou Aloan.

- Não é que nem escravo não. Já trabalhei 12 horas em loja, ralei pra caramba pra ganhar dinheiro. O desemprego está muito grande. Você 20, de 12 mil moradores da comunidade, têm muita sorte por estarem aqui, advertiu Valéria”.

Depois da reunião, voltamos para o Centro Comunitário, os jovens retornaram um pouco depois. Na parte da tarde, Dona Anastácia nos contou que os jovens, na volta do

¹⁶⁹ Bob's é uma rede de lanchonetes *fast-food*.

“Abrigo”, foram parados pela polícia, André conseguiu sair e avisá-la, porém, quando ela ia se dirigir à Delegacia, os outros chegaram, pois “conseguiram sair”.

2.1. A “equipe”

Para levar o “projeto” à frente há uma equipe formada por alguns membros fixos, que trabalham com dias, horários e papéis bem definidos perante os jovens, e outros flutuantes, voluntários que aparecem de vez em quando para realizar alguma atividade, fazer uma palestra. Os membros fixos são: a coordenadora, a psicóloga, o “consultor/conselheiro de dependência química” e o “reprodutor cultural” – estes eram aqueles que estavam com os jovens, no mínimo, três vezes por semana. Com muita freqüência, ainda, trabalharam com os jovens uma treinadora de atletismo, um casal de idosos que davam aulas de inglês e Paulinho, fazendo “terapia ocupacional” mediante aulas de teclado, canto e artes. Como membros flutuantes estiveram, entre outros, educadores, professores de teatro, de música, pastores evangélicos. Com a reformulação do “projeto” e a implantação da Faetec no Centro Comunitário, em 2004, os trabalhadores da Faectec também passaram a dar aulas para os jovens.

Quanto aos trabalhadores fixos, há uma coordenadora, que em 2003, era Élide, filha de Dona Anastácia. Élide deixou a coordenação do projeto no final de 2003, quando assumiu o Cemasi, na Tijuca. No entanto, desde aquela primeira reunião da “equipe” que participei, ela havia manifestado vontade de deixar essa posição. Naquela ocasião ela disse: “estou saindo da coordenação do projeto porque não está dando certo e eu quero sair”. Geruza, treinadora de atletismo, questionou sua saída. Élide explicou que gostaria de deixar o cargo porque “eu estou me indispondo com os garotos, Arcanjo ficou um mês sem falar comigo e, agora, o Lindomar não fala mais comigo”. Então, Celso, Camila e Geruza chamaram sua atenção, dizendo que os jovens “não mandam em você, se eles quiserem se indispor com você, tudo bem”. Élide argüiu que “não, eu quero sair porque tem regras que eu quero que eles cumpram, e está dando muita confusão”. Pouco depois, Élide disse que “quem coordena é a Dona Anastácia”. Élide permaneceu mais alguns meses na coordenação, até sair definitivamente.

Para ocupar seu lugar, Dona Anastácia e Valéria, que, como gerenciadora geral dos projetos, encarregou-se de encontrar uma coordenadora, queriam uma assistente social, mas “não encontraram”. Então, assumiu a coordenação Sirlândia, ‘branca’, com idade em torno de 30 anos, moradora de Copacabana, estudante de Psicologia. Veio trabalhar no Centro Comunitário, selecionada por Valéria, por ter experiência no projeto Agente Jovem em outras

“comunidades”. Depois que terminou o projeto “Esperança de Vida”, no final de outubro de 2004, ela foi, segundo Paulinho, “demitida” do Centro Comunitário. No entanto, em 2005, segundo Celso, foi recontratada para trabalhar em outro “projeto” no Abrigo.

A coordenadora organizava as atividades e os horários, entrava em contato com ONGs, postos de saúdes para agendar consultas, palestras, tinha que verificar se os jovens estavam matriculados na escola e se a freqüentavam. Com a troca da coordenação, Sirlândia passou a ficar durante todo o dia no Centro Comunitário, não apenas levando à frente as tarefas acima, mas também controlando o comportamento dos jovens. E de certa maneira dos trabalhadores, pois ela passou a ficar dentro da sala onde a atividade de Celso ou Rogério estava acontecendo, ficava organizando suas pastas e papéis, telefonando para resolver situações diversas. Isto começou a incomodá-los, pois passaram a perceber como um controle e um cerceamento de sua liberdade no trato com os jovens.

A psicóloga, em 2003, era Camila, que foi demitida quando ocorreram as mudanças no “projeto”. É ‘branca’, em torno de 30 anos, moradora de Benfica, bairro na Zona Norte do Rio de Janeiro. Veio para o Centro Comunitário por indicação de Celso, seu amigo. Além da entidade, trabalhava numa “clínica para dependentes químicos” num município do interior do Estado do Rio de Janeiro. Na época em que trabalhava no Centro era “noiva” de um policial militar, que, pouco depois, foi morto, segundo Celso, por “ser policial militar”.

No lugar de Camila, após a passagem de mais de três psicólogas em um mês, pelo “projeto”, Raquel foi contratada. Segundo Rogério, logo que ela iniciou, estava com “medo”, mas depois a tranquilizaram. Ela é ‘branca’, tem em torno de 30 anos, mora no Cosme Velho, formada em Psicologia, fez sua residência num hospital psiquiátrico, em “saúde mental”. Para ela, este trabalho no Centro Comunitário era “temporário”, pois “não quero fazer carreira em comunidade”. Veio trabalhar na entidade por intermédio de uma amiga, que era amiga de Valéria, que recebeu seu currículo, “gostou” e ela foi contratada para atuar tanto no projeto como na Funlar (no “Abrigo”). Em fevereiro de 2005, Paulinho me disse que Raquel pediu demissão do Centro Comunitário, pois estaria trabalhando no Tribunal de Justiça, após ser chamada em um concurso que havia prestado.

A psicóloga atendia individualmente aos jovens, pelo menos uma vez por semana, e, quando necessário, aos seus familiares. Quando entrou Raquel, esta passou também a atender às crianças e aos familiares das crianças atendidas no “Abrigo”.

Outro membro fixo da equipe era o “consultor, conselheiro de dependência química”, Celso. ‘Negro’, 39 anos, morador de São Gonçalo – no capítulo anterior já coloquei referências sobre ele. Celso realizava reuniões de discussões sobre uso de drogas, tanto tabaco

e álcool como maconha, cocaína e outras, abordando as implicações das drogas nos comportamentos e na saúde; muitas das reuniões que realizava assemelhavam-se àquelas que acontecem em grupos de auto-ajuda de NA ou AA, onde uma pessoa que usava drogas conta aos outros a sua experiência, desde o uso até a sua rotina atual de “cara limpa”. Celso também levava membros desses grupos para “partilhar suas experiências” e, pelo menos em teoria, uma vez por semana conduzia os jovens a uma reunião de NA.

Ainda, atuava junto aos jovens, Rogério. Tem 31 anos, é ‘branco’, solteiro; mora em Jacarepaguá. É formado em História. Certo dia, Rogério contou-me que é primo de Fabíola, que por sua vez é filha da Geruza (treinadora de atletismo dos jovens), que por sua vez é irmã de criação da mãe dele. Rogério disse-me, ainda, que veio trabalhar no Centro Comunitário - após ter passado um ano em Olinda (Pernambuco) trabalhando numa ONG – porque Fabíola (que, posteriormente, havia trabalhado no Morro São João, onde foi idealizadora de um projeto) conhecia Dona Anastácia, pois é da mesma Igreja que ela, então soube da vaga e indicou Rogério. No projeto, ele atuava como “reprodutor cultural”, desenvolvendo atividades na área de “reprodução cultural, lazer e, às vezes, reforço escolar”. Levava os jovens a passeios como ao Museu de Arte Moderna, à Assembléia Legislativa do Estado, ao Paço Imperial, ao Museu de Belas Artes, a Santa Teresa para andarem de bondinho, à praia e a inúmeros outros locais. Mostrava filmes em vídeo, discutia sobre música e poesia. Quando necessário, ajudava-os a estudar para provas. Ainda, organizou um *blog* para os jovens do projeto escreverem aquilo que quisessem, inclusive, contar sobre seus passeios. Depois que acabou o “Projeto Esperança de Vida”, no final de 2004, ele disse-me que foi “remanejado” para a biblioteca.

Geruza era treinadora de atletismo dos jovens. Ela tem em torno dos 60 anos, é ‘parda’; mora no Leme. É mãe de Fabíola, voluntária no Centro Comunitário, e “tia de criação” de Rogério, “reprodutor cultural” do mesmo projeto. Segundo Fabíola, sua mãe freqüenta a Igreja Batista. Geruza os levava para praticarem corrida e outros esportes na Quinta da Boa Vista, no Maracanã e em outros locais. Solicitava que o Centro fornecesse aos jovens, antes do treino: comprimidos de levedo de cerveja, óleo de fígado de bacalhau e Karo. Certa vez, na secretaria, Meire, diante da lista comentou: “isso aqui não adianta, porque tem que ser todo dia, não somente antes de treinar”. Ao que Delma exclamou: “claro que não funciona, essa pessoa não pode ser bem certa! Falta muita coisa pra esses garotos e não será num dia que vai adiantar!”. E Meire replicava: “eles têm é que comer todo dia certas coisas que eles não têm como comer”.

Havia, ainda, Seu João e Dona Joana, um casal ‘branco’, com idade em torno dos 70 anos, americanos, mas residentes no Brasil há bastante tempo, que ministravam aulas de inglês para os jovens – mesmo para aqueles que ainda não conseguiam ler em português.¹⁷⁰

Não pude assistir às suas aulas, mas alguns jovens comentavam que gostavam, outros que queriam aprender. É possível pensar na importância estratégica das aulas de inglês, visto que esta língua é um símbolo da inserção desses jovens no mundo, ainda mais quando relacionado ao uso da Internet, que tem o inglês como língua universal, e as marcas das roupas que eles usam são escritas em inglês. Ainda, para levar adiante o processo civilizador, o inglês ocupa posição de destaque, pois como sugeriu Seu João: “poderíamos ensinar pela Internet, pois os jovens gostam. A Internet é um instrumento para eles estarem se qualificando”.

Paulinho, que desenvolvia trabalhos junto às crianças do Centro Comunitário e do Abrigo, também atuava junto aos jovens. Dava aulas de canto e artesanato, atividade denominada por Valéria de “terapia ocupacional”.

Entre os trabalhadores que denominei de ‘flutuantes’, estavam Astrid, que, na época, cursava pós-graduação em Educação Artística e tentava desenvolver um exercício de “arteterapia” com os jovens. Fabíola, que cursava pós-graduação em Educação e desenvolvia diferentes trabalhos com os jovens.

Ainda, diversos pastores evangélicos fizeram palestras ou alguma atividade com os jovens de tempos em tempos. Como Lúcio Flávio, citado no capítulo anterior, que se apresentou a mim dizendo que estava desenvolvendo um trabalho com os jovens sobre sexualidade, religião e ética.

Dona Anastácia, embora não tivesse um momento específico com os jovens, estava sempre, de alguma maneira, envolvida com eles. Muitas vezes realizava alguma reunião com eles para lhes chamar a atenção sobre comportamentos que ela não aprovava. Mas, frente a outros trabalhadores que reclamavam dos jovens, ela os ‘defendia’.

Assim, certa vez, eu e Dona Anastácia estávamos no saguão, chegou Nora e perguntou: “quem está com os garotos?”. “Celso”, respondeu Dona Anastácia. Nora, gesticulando bastante e olhando para Dona Anastácia e para a rua, disse: “a senhora tem que falar com ele para mandar eles arrumarem a sala!”. Dona Anastácia me olhava, franzindo a testa e fazendo careta, me disse baixinho: “como reclama, todo mundo reclama dos meus

¹⁷⁰ Este casal faz parte do grupo do “rearmamento moral”, ligado à Igreja Batista. Como será visto, os jovens realizaram diversos passeios a um sítio, em Petrópolis, pertencente ao grupo do “rearmamento moral”, uma “ONG internacional”, como comentou certa vez Dona Anastácia.

garotos!”, e riu. Nora insistia que Dona Anastácia tinha que conversar com o professor, porque os jovens “deixaram a sala como se tivesse passado uma tropa, uma boiada por lá”.

Devido à relação estabelecida entre Dona Anastácia e os jovens é que Celso, em uma reunião, comentou: “os garotos estão achando que isso, essa organização toda, não vai acontecer, que Dona Anastácia vai passar a mão por cima, eles não sabem do aval dela”.

“ - Ela já queria cortar quatro garotos, informou Valéria.

- Dona Anastácia queria dispensar os garotos porque o desligamento emocional dela vai ser difícil. [...] eu dei para ela o livro do Amor-Exigente¹⁷¹. Acho que alguma coisa já avançou, avaliou Celso.

- Ela viu que o vínculo dela é malévolos, observou Valéria.

- Até já sugeri que ela fosse no NARANON ou no ALANON. O Sonrisal, esse que morreu, que era dono do morro, foi criado no pátio dela, como filho, comentou Celso.

- A idéia dela é que todos são filhos dela no morro. Ela é dona de tudo, do espaço físico, inferiu Valéria.

- Ela é de movimento social, é da comunidade [...] ela se envolve com o querer de cada um, concluiu Miele”.

Noutra reunião, Sirlândia disse que: “Dona Anastácia é um empecilho ao desenvolvimento do projeto pela forma emocional com que ela lida com o projeto”.

Devido à percepção de que Dona Anastácia protegeria os jovens é que, após a entrada de Sirlândia na coordenação, esta e Valéria – a gerenciadora de projetos da entidade – queriam que todas as atividades ocorressem “lá embaixo [no “Abrigo”], para cortar vínculo com Dona Anastácia, para cortar a interferência da Dona Anastácia”. Mas isso não ocorreu, as atividades continuaram a acontecer no espaço do Centro Comunitário até o fim do projeto em 2004.

¹⁷¹O Amor-Exigente é, segundo o *site* da organização, um “grupo de apoio a familiares, professores e jovens”, é “um programa de auto-ajuda eficiente aos pais de jovens desregrados e para os profissionais que trabalham com eles”. O grupo do Amor-Exigente define sua atuação como: “um novo enfoque para verdadeiros e comprovados conceitos de educação. É uma proposta comportamental, destinada a pais, orientadores, educadores e familiares em geral como forma de prevenir e solucionar problemas com os alunos, filhos, entes queridos. Em grupos de apoio e ajuda mútua do Amor-Exigente, os pais, professores e familiares são: * encorajados a agir em vez de só falar; * desencorajados de usar violência ou agressividade; *levados a construir a cooperação familiar e comunitária” (http://www.amorexigente.org.br/index_oquee.htm). Ainda, O Amor-Exigente (AE) é, ainda, uma proposta de educação destinada a pais e orientadores, como forma de prevenir e solucionar problemas com nossos jovens, tais como: desrespeito, violência, falta de motivação, uso de álcool / drogas, abuso verbal, bomba / cola / repetição na escola, dificuldades com a Polícia, fuga de casa, destruição da casa, desestruturação da família. Enfim: qualquer problema de comportamento inadequado aos padrões da sociedade. É uma nova abordagem que enfatiza a mudança de comportamento de pais, professores, pedagogos, terapeutas, orientadores e voluntários em relação a jovens com problemas. (<http://www.geocities.com/HotSprings/Falls/7229/>).

Cabe ressaltar, como apontei anteriormente, que muitos jovens chamam Dona Anastácia de “vó”, inserindo-a numa rede de parentesco. Nesse sentido, a relação estabelecida entre eles é diferente daquela que se estabelecia entre os jovens e os trabalhadores, muitos dos quais não moravam naquele local.

Como visto, havia inúmeros conflitos entre os membros da “equipe” decorrentes de visões de mundo, formações e experiências de vida distintas. Com a entrada de Sirlândia esses conflitos se acirraram, visto que, certo dia, ela teria dito, na frente de Delma e de Fabíola, que: “a minha equipe é uma merda”. Então, numa reunião posterior, Rogério e Celso conversaram com ela sobre isso, que pediu desculpas a eles.

Nesse primeiro momento, saliento que durante as reuniões, como vimos, a “equipe” constantemente definia e redefinia a situação de desvio desses jovens, enquadrando-os nela, interpretando seus comportamentos como desviantes ou como estando em “risco” de assim se tornarem (Becker, 1977 e Goffman, 1988)¹⁷². O “risco”, embora visto como dependendo de um “contexto, era contabilizado, em certa medida, individualmente.

O ponto central da acusação de desvio era o uso de drogas, categoria esta que, como aponta Velho (1997a:61), “explicita, de imediato, a problemática de patologia individual”.

Nas fichas dos jovens, constava que 13 jovens faziam “uso esporádico” de álcool, três de tabaco, e, quanto à maconha, 14 faziam “uso esporádico” e um, “uso diário”. Não havia menção, nas fichas, ao uso de cocaína.

Quanto aos “motivos para o uso de drogas”, tais como constavam nas fichas encontrase: sete jovens disseram que utilizaram por “curiosidade”; cinco alegaram que foram “amigos/colegas”; cinco porque “viam pessoas usando”, entre essas pessoas, viram os “pais”; três devido aos “bailes”; dois por causa de “brigas familiares”; e um jovem disse que “não sabe” porque usa drogas.

Certa vez numa reunião, a “equipe” passou a discutir o comportamento de Hércules, o “único usuário abusivo de drogas” do grupo. O professor de artes-artesanato elogiou o jovem, dizendo que ele “é muito criativo”. Então, Celso lhe explicou que isto decorria do “tipo de droga que ele usa, ele vem sob efeito da droga. A maconha aumenta a percepção”. Camila passou a dar um exemplo, buscando explicar a alteração da percepção: “aquela parede é verde [e apontaram para a parede], quando você usa maconha, vê-la-á muito mais verde, refletindo o verde, brilhando, brilhando! E isso é bom para as artes, aumenta também a criatividade”.

¹⁷² O artigo de Schneider (1985) sobre crianças que eram rotuladas como “alunos excepcionais”, abordando as interações das professoras com as crianças e a maneira como o rótulo do desvio era aplicado, com sucesso, nessas crianças. Analisa, dessa maneira, o processo de diferenciação e classificação das crianças entre “normal” e “excepcional” e, a partir daí, a carreira do “aluno excepcional”.

Assim, essa classificação dos jovens como “drogados” e a leitura dos seus comportamentos como desviantes está relacionada à própria construção da categoria “drogado”, visto que:

“O drogado seria, por definição médica, um doente. A partir daí constrói-se todo um discurso sobre a anormalidade do consumo de drogas e sobre as consequências nefastas para o indivíduo e para a sociedade desse hábito, vício, dependência, etc. Além dos problemas físicos colocados aparece, com todo o vigor, a questão da doença mental. A procura de drogas já indicaria a existência de problemas psicológicos graves e a sua utilização agravia ou criaria novos sintomas da patologia. O drogado é questionado diretamente no nível de sua moral. As dimensões básicas envolvidas são suas atitudes e comportamento em relação à família e ao trabalho. [...]. De qualquer forma é um rótulo que quando acionado tem condições de explicar tudo, desde uma nota ruim na escola até a participação em uma greve” (Velho, 1997a: 61).

A associação entre uso de drogas e patologia individual era evidenciada pelas inúmeras vezes em que os jovens eram “encaminhados ao neurologista”. Nas fichas de três jovens havia as indicações feitas pela psicóloga de que “é necessária avaliação neurológica”. Nas reuniões e em outras conversas, freqüentemente surgia a “necessidade” de alguns jovens passarem por um neurologista.

Certa vez, numa reunião, a discussão foi em torno de André:

“- Não passar na prova o desestimulou, foi um baque na auto-estima. Ele se inseriu no supletivo e a gente só prejudicou ele, a gente deveria ter deixado ele no projeto e tentar inseri-lo no supletivo da escola, que é de 6 em 6 meses, cada série, avaliou Élide.
 – Acelerou e prejudicou ele, analisou Camila.
 – Ele se perde no espaço. Se ele puder ficar conversando, ele vai ficar, talvez seja algo neurológico, a gente deveria levar ele num médico para fazer avaliação, concluiu Celso.
 – Todos eles precisam [de avaliação neurológica], principalmente os que entraram por último. O grupo antigo meio que não abrange os novos, eles têm até uma coisa oposta: ‘eu vou mandar em você, você é mais novo aqui’, advertiu Camila.
 - Mas depende também um pouco, quanto tempo deixou a droga, lembrou seu João”.

Noutra reunião, Valéria, buscando reorganizar o trabalho, disse que: “Todos eles terão que passar por um neurologista”.

Em uma outra ocasião, fui conversar com Dona Anastácia, que estava no saguão, sobre as atividades que eu estava desenvolvendo com alguns jovens.

“-Por que será que eles não aprendem?, indagou Dona Anastácia.

- Eu acho que eles não têm interesse nesse assunto, respondi.

- Não. Eles são malucos, são perturbados, são muito comprometidos, eu queria ver para fazer uns exames neles, comentou Dona Anastácia.

- Eu não acho isso, acho que é uma questão de interesse, analisei.

- Não é, porque vê esse menino que veio do tráfico agora, o Aloan, ele vai em frente, os outros não, observou.

- O André não gosta, comentei.

- Esse aí é muito maluco, ressaltou Dona Anastácia.

- O Felisberto prestou um pouco atenção, disse.

- Ele também é maluco, definiu Dona Anastácia”.

Numa outra situação, em uma reunião em que Astrid expunha o trabalho que gostaria de realizar com os jovens, “trabalho de integração com tintas, dedos”, perguntou à “equipe” se não haveria problema em trazer tintas para eles trabalharem e se “algum deles é psicótico?”. Camila, a psicóloga, fez um questionamento geral: “Vicente tem personalidade meio doente?! Para mim é um ponto de interrogação”. E se voltou para Astrid e indagou: “você tem informação que isso que você quer fazer com as tintas é arteterapia? Não é assim para fazer isso”. Astrid respondeu que sim. Por fim, Camila concluiu: “esse trabalho é bom, mas mexe com eles, até para o Vicente é bom isso”.

Em função dessas avaliações e classificações realizadas pela equipe, certa vez Jurandir foi suspenso das atividades, “exceto do acompanhamento psicológico”, porque, segundo Rogério, ele “surtou em todas as aulas”.

“- Como assim?, indaguei.

- Ele surtou, respondeu Rogério.

- Mas o que aconteceu?, insisti.

- Ah, ele fica mexendo com os outros na aula, implicando, bagunçando. E a Cláudia quase foi retirada do projeto, avisou Rogério.

- Por quê?, perguntei.

- Porque Dona Anastácia não foi com a cara dela e porque o Jurandir fica implicando com as meninas [com Cláudia e com Jovelina] e elas brigaram com ele. O Jurandir vai ser encaminhado para um neurologista urgentemente, concluiu Rogério”.

Semanas depois desse dia, na saída da festa de aniversário de Dona Anastácia, eu, Delma e Celso, encontramos Muriel e Élide, num bar na Avenida Visconde de Santa Isabel. Conversamos sobre diversos assuntos - alguns dos quais já abordados anteriormente – e entre eles, Celso disse que a psicóloga, Raquel, afirmou que “o Jurandir não precisa de exame neurológico”. Imediatamente, as outras reagiram: “como não?! Todo mundo vê que precisa de

tratamento médico”. “Eu não entendo!”, exclamou Celso. “Isso é um retrocesso”, analisou Élide. “Quem precisa de médico é ela, a psicóloga”, concluiu Delma.

Não tive conhecimento se os jovens foram mesmo atendidos por um neurologista, mas durante todo tempo em que fiz o trabalho de campo essa era uma ameaça que pairava sobre eles.

Portanto, é por sua dimensão “explicativa e exorcizadora” que a “equipe” toma a ‘droga’ como categoria de acusação, avaliando, julgando e classificando os comportamentos dos jovens.

Como veremos ao longo deste capítulo, em diversos momentos ocorriam as avaliações, os julgamentos e as classificações dos comportamentos dos jovens, em suas interações com a “equipe”, como desviantes. O que estava perpassando essa interação é a visão, que ressaltei anteriormente, sobre as favelas e seus moradores: *locus* das “classes perigosas” e dos comportamentos ‘anormais’, haja vista que a “equipe” é constituída por pessoas que não moram em favelas, mas em outros bairros da cidade, encontrando-se, dessa maneira, visões de mundo e estilos de vida bastante distintos, o que possibilitava a emergência de conflitos.¹⁷³

Nas páginas seguintes apresento os jovens, a partir de alguns dados de suas fichas, mas, principalmente, a partir de minha interação com eles e observação de seus gostos e estilos de vida.

3. Os jovens

A seguir apresento algumas informações sobre quem são os jovens que participaram do “projeto”, utilizando tanto informações que coletei mediante conversas e interações com eles, quanto àquelas discriminadas nas fichas preenchidas pela psicóloga e discutidas em reuniões. Tive informações de 33 jovens que passaram pelo projeto, mas encontrei as fichas de 27. Cabe ressaltar, também, que nas fichas, nem todas as informações estavam preenchidas, bem como, em algumas questões poderia haver mais de uma resposta.

¹⁷³ Sobre a “juventude perigosa” presente nos discursos de “formuladores de políticas públicas e de entidades multilaterais e financiadores de projetos sociais” ver, entre outros, Novaes e Mello (2002).

Idade

Idade	De todos	Apenas os das fichas
13 anos	1	-
14 anos	2	2
15 anos	7	6
16 anos	4	2
17 anos	4	2
18 anos	6	6
19 anos	6	6
Sem informação	3	3
Total	33	27

Escolaridade

Escolaridade	De todos	Apenas os das fichas
1º a 4º séries do ensino fundamental	5	5
5º e 6º séries do ensino fundamental	13	13
7º e 8º séries do ensino fundamental	4	2
Ensino médio	3	1
Supletivo Ceaca	2	2
Sem informação	6	4
Total	33	27

Moradia

Mora com	Número – só os das fichas
Pai, mãe, irmãos	8
Mãe e irmãos	7
Mãe e padastro	1
Mãe	1
Mãe, padastro e irmãos	1
Avós e primos	2
Avós e tios	1
Tios e primos	1
Amiga	1
Sem informação	4
Total	27

Tipo de casa	Número – apenas os das fichas
Própria	18
Própria financiada	1
Alugada	1
Cedida	2 (irmãos)
Sem informação	5
Total	27

Saliento que diversas vezes tentei ir visitar as casas de alguns jovens, conhecer suas famílias, participar de seu cotidiano familiar, mas todas as tentativas resultaram em respostas negativas. Numa das vezes que me convidei para ir às suas casas, estava conversando com André e Adoniran. Disse a eles que eu gostaria de ir conhecer as casas e suas famílias; Adoniran, então, respondeu que morava na casa de André, que por sua vez falou que não, que são vizinhos, mas que “nunca tem ninguém em casa”. Pouco depois, disseram: “a gente mora muito lá em cima, você não vai conseguir subir”.

Adoniran, de certa maneira, provocando-me, para ver se eu subiria mesmo, lembrou dos “tiroteios”, “e se acontecesse? E se a gente passasse por um defunto?”. “Mas eles ficam assim? Vocês já passaram por algum?”, perguntei. “A gente sempre passa”, respondeu Adoniran. E comentaram que os “tiroteios estão acontecendo todos os dias, pela manhã e à tardinha, hoje já teve pela manhã”. E finalizou: “amanhã vai ter, é sempre no plantão desses de amanhã”.

Em outra situação, eu, André, Adoniran e Felisberto estávamos conversando e falei novamente que eu gostaria de ir até as suas casas. Eles responderam não e me indagaram: “fazer o quê?”. Devolvi-lhes uma questão: “vocês não vão um na casa do outro, se visitar?”; “não”, respondeu André. “E como vocês fazem para chamar um ao outro?”, perguntei. “A gente chama pelos caminhos mesmo”, afirmou Adoniran. “Quem gosta que vai na casa?”, questionou Felisberto; “ninguém gosta que vá”, respondeu Adoniran e imediatamente me perguntou “quando a gente vai na sua casa?”.

Num outra ocasião, convidei-os para fazer um churrasco na casa de algum deles, a resposta foi não, porque “aqui não é pra um, todo morro vem”, eu disse que “se aqui é assim, assim vai ser e quando acabar a carne, acabou”. Alguns concordaram em fazer, mas não em suas casas, e sim no Centro Comunitário, ou na casa de Rogério. Este churrasco não se realizou, mas aconteceu um almoço, posteriormente, na casa de Fabíola. Comentei com Dona Anastácia sobre os jovens não deixarem eu ir às suas casas e nem quererem fazer o churrasco na casa de algum deles, ela disse-me: “eles têm vergonha de suas casas”.

Dessa maneira, a casa é um espaço vetado a estranhos, e, mais, se no âmbito do Centro Comunitário eles têm suas vidas devassadas e seus comportamentos mantidos sob um controle extremamente vigilante, é possível compreender essa recusa em me levar às suas casas, visto que eu era percebida, pelos jovens, como “professora”, como integrante da “equipe”, como uma maneira de resistir a uma invasão total de suas vidas e manter espaços de relativa liberdade. Assim, conforme Adoniran comentou sobre André, este “só deixa a Élide ir na casa dele, porque ele tem medo dela” e riu; comentaram que Élide teria ido duas vezes à casa de André.

“Gosta de”

Nas fichas havia o item “gosta de”; no entanto, apenas em algumas estava preenchido. As respostas que encontrei de onze jovens, eram as seguintes: três “gostam de informática”; dois “querem ser jogadores de futebol”; um gosta de “cursos”; um “gosta de técnico em eletrônica”; um “técnico de bomba e água”; um gostaria de “ser Office-boy”; uma jovem “gosta da profissão de médico; um colocou que “gostaria de ser militar e de ser professor”, e um quer ser “professor de educação física” – este, depois que saiu deste projeto, passou a atuar como assistente dos professores de futebol no âmbito do “MEL”.

“O motivo do atendimento”

Outro item que constava nas fichas preenchidas pela psicóloga era “o motivo do atendimento”, que dizia respeito ao primeiro atendimento do jovem e à aceitação de sua entrada no “projeto”. É possível dividir as anotações deste item em dois tipos: A) o primeiro, quanto à maneira como o jovem chegou ao projeto; e B) o segundo, quanto às suas intenções em relação ao “projeto”.

Quanto à maneira como os jovens chegaram ao projeto, uma, em especial, chamou-me a atenção: “Soube do projeto por adolescente do projeto”. Este “adolescente” que o indicou era, em alguns casos, “amigo” e, em outros, parente, irmão e primo.

Foi a isto que Celso se referiu na primeira reunião da “equipe” que participei: “eles [os jovens mais antigos no projeto] que trouxeram os mais novos, porque os mais novos viam eles mudando o comportamento. Trabalhar com eles a confiança e a mútua-ajuda.”

Assim, a própria inserção do jovem no “projeto social” e na rede mais ampla do Centro Comunitário se dá mediante suas redes de relações sociais. O ingresso via rede de relações sociais também ocorreu com outros três jovens, sendo que em dois casos os pais vieram recorrer a Dona Anastácia e, em outro, foi ela mesma quem trouxe o jovem. Cabe

lembra, como expus acima, que a própria Dona Anastácia se considera como tendo trazido os jovens para o projeto: “quando eu chamo esses garotos pro projeto [...]. Um dos jovens veio por “demanda espontânea” e outro para “ser inserido no trabalho das passadeiras comunitárias”.

Quanto às suas intenções em relação ao projeto, alguns relataram mais de uma vontade pela qual o estavam buscando. A intenção mais citada, por dez jovens, foi que queriam “melhorar de vida”; entre estes, um especificou que “quero ter uma vida melhor longe do tráfico e das drogas”; cinco salientaram que querem “mudar de vida”, dentre estes uma jovem especificou que “quero deixar de ser louca”. Segundo a anotação da psicóloga, a jovem “se acha maluca porque pinta o cabelo de diferentes cores, raspa a cabeça e faz coisas doidas. Gosta de ser diferente”. Quatro jovens disseram que buscavam o projeto “para ocupar os dias, o tempo”; dois porque recebiam “convites para o lado errado”; dois para “arrumar emprego”, “ter uma profissão”; dois para “aprender coisa novas, fazer cursos, estudar, aprender com o projeto”. Ainda, houve as seguintes intenções, com um jovem mencionando cada uma delas: para “ter responsabilidade”; para “fazer novos amigos”; porque “amigos de infância estão no tráfico”; “parar com a vida de roubo”; “parar de ter as doenças que tem (dor de dente e visão)”; “agressivo com a namorada”; “pai e mãe morreram”; e um disse que “quero tirar minha família da comunidade para não conviverem com a violência”.

Motivo do atendimento
A) Como ingressaram no “projeto”
<ul style="list-style-type: none"> • “Soube por adolescente do projeto” (9); • “Pai e/ou o jovem conversou com Dona Anastácia” (3); • “Demanda Espontânea” (1); • “Entrou para ser inserido no trabalho das passadeiras comunitárias” (1).
B) Intenções em relação ao “projeto”
<ul style="list-style-type: none"> • Melhorar de vida (10) • Mudar de vida (5) • Para ocupar os dias, o tempo (4) • Convites para o lado errado (2) • Arrumar emprego, ter uma profissão (2) • Aprender coisas novas, fazer cursos, estudar, aprender com o projeto (2) • Ter responsabilidade (1) • Fazer novos amigos (1) • Amigos de infância estão no tráfico (1) • Parar com a vida de roubo (1) • Parar de ter as doenças que tem (dor de dente e visão) (1) • Agressivo com a namorada (1) • Pai e mãe morreram (1) • “Quero tirar minha família da comunidade para não conviverem com a violência” (1)

Numas das primeiras conversas que tive com os jovens, durante a realização de alguma atividade, antes mesmo de ter acesso às suas fichas, pude lhes perguntar por que entraram para o projeto. Nesse dia estavam presentes Adoniran, Aloan, André, João Rivaldo, Hércules, Amadeu e Vicente. A maioria respondeu que veio para o projeto para “mudar de vida”, “aprender mais, melhorar de vida” – o mesmo que consta em suas fichas. É possível inferir que esta resposta seja a sua senha de entrada para o projeto, visto que os jovens chegavam levados por outros jovens que já estavam inseridos, e por isso suas respostas eram as que iam ao encontro dos objetivos do próprio projeto. Aloan e Adoniran disseram que vieram para “sair do mundo do crime”, pois, para Adoniran: “aqui tem muita oportunidade de aprender coisas, de conseguir emprego”. Posteriormente, conversando com Celso, este me contou que Adoniran, quando entrou para o projeto, havia “saído do tráfico”, ele “não usa drogas nem usou, mas trabalhava no tráfico”. Disse-me, ainda, que a motivação de Adoniran para sair do tráfico foi que sua mãe “começou a passar mal, então ele foi até o cara e pediu para sair. O cara disse que ele podia sair, mas que se pegasse ele parado nas esquinas iria matar ele”, então Adoniran pediu para entrar no projeto e foi aceito. Perguntei de que maneira a mãe de Adoniran estava passando mal, e Celso me disse que “mal de saúde mesmo, porque agora não tanto, mas há uns dois meses atrás estavam morrendo direto, a polícia estava matando direto, a última a morrer foi uma menina de 12 anos, filha do dono do sacolão da esquina, de bala perdida”.

Retomando a conversa com os jovens, Vicente disse-me que veio para o projeto “para não ficar à toa no morro, como eu ficava”. Nesse dia, Aloan, que usava uma faixa elástica no meio da panturilha esquerda, entrou na sala junto com os jovens. Perguntei quem ele era, “Aloan”, apresentou-se. “O que você está fazendo aqui?”, perguntei. “Estou aqui porque Dona Anastácia disse pra mim vir”. Os outros jovens apenas o olhavam e nada falaram sobre sua presença na sala. Aloan participou ativamente de toda a atividade. Mais tarde, na secretaria, eu estava conversando com ele e perguntei o que era a tatuagem em seu braço. Aloan ficou quieto, então mexi com ele “agora tu fica quieto, mas lá [na sala] tu estavas falando pra caramba!”, ele riu e Dona Anastácia, que estava entrando na sala, sem olhar para ele, disse-lhe: “e tu não tinha nada que fazer lá!”. Eu, sorrindo, perguntei: “não era para ele estar lá na sala?”; “ele não tinha nada que estar lá!”, reafirmou Dona Anastácia. Em outro momento, conversando com Celso, este me disse que Aloan “não está no projeto, talvez ele queira entrar para participar, talvez seja do tráfico, pois, às vezes, acontece dos garotos do tráfico entrarem na sala do projeto para fugir, então é bom ter bom senso e não mandar eles saírem, até porque, quando aconteceu isso comigo, umas duas vezes, o garoto ficou pouco

tempo, uns 10 minutos, e depois saiu, dava para ver que era um negócio de fuga. Às vezes acontece isso na comunidade, os garotos aceitam”, e por isso não teriam me dito que o Aloan não participava do “projeto”; por fim, Celso comentou que não o conhecia e que, talvez, “como ele estava soltando pipa junto com os garotos, ele foi para a sala também”.

Numa reunião de equipe, Dona Anastácia comentou que Aloan “é da boca aí, seguido ele está de radinho por aí”. Élide observou que “debaixo daquela faixa, na perna, ele está com ferro”, e suspeita, assim como Dona Anastácia, que ele tenha levado um tiro. Ambas ficaram surpresas quando lhes disse que Aloan sabia ler e escrever e havia estudado, segundo ele me disse, até a 6^a série. Então, Dona Anastácia e Élide consideraram que: “ele anda rondando, quer entrar no projeto, mas agora não tem vaga”. Aloan, depois daquele dia, continuou a freqüentar o Centro Comunitário, e a participar de minhas atividades, até que foi inserido no projeto.

O ingresso, no projeto, de alguns meninos que participavam do tráfico e suas implicações, foi discutido numa das reuniões da equipe de que participei, realizada no “Abrigo”, na qual estavam presentes Dona Anastácia, Valéria, Miele, Camila, Celso, Rogério e eu. Durante a discussão, Dona Anastácia levantou a questão da dificuldade de conseguir que alguns jovens realizem determinadas tarefas, principalmente quando é necessário um deslocamento do morro, porque “alguns meninos são oriundos do tráfico e eles têm medo de sair, porque têm medo de serem reconhecidos pela polícia, que já os prenderam. Será que o Aloan não quis ir hoje na aula de inglês porque tinha que caminhar ou por medo de se expor? Esses dias, um policial estava chamando o Aloan com a arma apontada para ele, porque ele já foi preso e o policial o reconheceu”.

Numa outra conversa com os jovens, sobre o porquê de eles terem vindo ao projeto e como, Felisberto mencionou: “um amigo me falou que tinha um curso aqui no Centro”, então “eu vim e fui falar com Dona Anastácia, ela disse que era um projeto pra quem usava droga e perguntou se eu usava”; “O que você disse?”, perguntou Adoniran; “Eu disse que usava, eu fumava muita maconha e eu disse porque ela ia descobrir; até em Saquarema, uma vez, a gente [ele e outros jovens do projeto] usou”, contou Felisberto, que por fim disse: “agora não fumo mais. Essa vida não leva a nada!”.

3.1. Os jovens e seu estilo de vida

Passo, agora, a descrever certos aspectos constitutivos das identidades sociais desses jovens e do seu estilo de vida, que são os mesmos tomados pela “equipe” para estigmatizá-los

e pelos quais seus comportamentos são lidos como desviantes. Isto porque os signos de sua identidade são vistos como extremamente depreciativos, especialmente quando associados ao próprio estigma do ser negro e pobre, como vimos no primeiro capítulo.

Logo que cheguei ao Centro Comunitário e comecei a interagir com os jovens, percebi que eles têm uma estética que aponta para uma das múltiplas maneiras do ser jovem, negro, pobre, urbano e habitante do morro. Essa identidade é expressa, entre os jovens, pelo uso de roupas de “marca” – camisetas, bermudas, chinelo e bonés. E entre as jovens, por roupas colantes ao corpo, tanto calças quanto shorts, *tops* e sapatos de salto alto.

Isto remete a experiências compartilhadas da juventude e da negritude, como categorias socialmente construídas, e expressas simbolicamente pelo uso de roupas, o gosto pelo *funk*, pelo pagode, pelo uso do corpo, pelo fascínio com os símbolos das facções criminosas, tanto com as siglas quanto com as armas. Nesse sentido, o pertencimento social desses jovens é inscrito no corpo, isto é, os símbolos dessa identidade são expressos corporalmente¹⁷⁴.

Cabe ressaltar que a “juventude” não é um dado estabelecido pela natureza, portanto, pelo biológico, mas, sim, é uma categoria construída social e historicamente que toma como referência os processos biológicos vistos como universais. Assim, as divisões da população em faixas etárias são arbitrárias e estão relacionadas a tipos de organizações sociais, formas de controle de recursos políticos e representações sociais sobre como a vida deve ser periodizada e sobre cada etapa. Dessa maneira, há definições distintas, conforme as culturas, as classes e os grupos sociais (Bourdieu, 1983).

Como ressalta, também, Debert (2003: 53), “essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios”.¹⁷⁵

3.1.1. Cabelos e pêlos

Os jovens mantinham os cabelos sempre bem curtos, cortados à máquina, mas de maneira que ficasse um pouco de cabelo para pintarem, fazerem desenhos, listras. A

¹⁷⁴ Sobre o uso social do corpo e o pertencimento social inscrito no corpo, ver entre outros, Clastres (1990). O autor aborda os rituais de iniciação nas sociedades “primitivas” como forma de inscrever, pela “tortura”, as marcas dessa sociedade no corpo dos jovens iniciados, visto que o corpo “é uma memória”.

¹⁷⁵ Diversos autores tomaram a juventude e os fenômenos sociais relacionados como objeto de análise, entre outros, Bourdieu (1983); Mead (1971 e 1988); Heilborn (1984); Rezende (1990); Coelho (1990); Vianna (1997); Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001); Novaes e Mello (2002); Carvalho (2003); Zaluar (2003).

preferência por esta estética também foi salientada quando, certo dia, Lindomar, Lineu, Jerônimo, Leonel e outro, estavam na porta da cozinha do Centro Comunitário e falavam sem parar, “zoando” o filho de Patrícia, nessa época, ainda cozinheira da entidade, que o filho dela “tinha o maior cabelo blecão [de *black power*]”. “Você tem que cortar o cabelo dele!”, os jovens lhe ordenavam. Patrícia respondia que o menino, com sete anos, “não deixa cortar o cabelo dele de jeito nenhum, o que eu vou fazer?!”. Na semana seguinte, o menino apareceu com o cabelo cortado como o dos jovens.

Geralmente, um jovem cortava e pintava o cabelo do outro, nas próprias dependências do Centro Comunitário. Seguidamente, eles andavam pelo Centro Comunitário com caixas da tintura “Márcia”¹⁷⁶ na mão. Muitas vezes, durante as atividades, um deles estava com a tinta no cabelo esperando dar o tempo para retirar, ou com água oxigenada no bigode para clarear. Em outras situações, cortavam num cabeleireiro próximo dali. Certo dia, Nozimar entrou na secretaria e pediu para Dona Anastácia: “vó, me dá dinheiro para cortar o cabelo”. Ela lhe deu 2 reais.

Os jovens variavam a cor que pintavam os cabelos, com a predominância do acaju, do loiro, do descolorido e do preto. Às vezes, estavam com o cabelo pintado de marrom com bolinhas douradas por toda a cabeça. Adoniran, por exemplo, ‘negro’, numa semana estava com o cabelo pintado de acaju, na outra, de preto.

Em certa ocasião, após a atividade, eu estava encostada no portão que dá acesso à rua, olhando o que os jovens estavam fazendo, e Arcanjo aproximou-se e perguntou: “de que cor você pinta o seu cabelo, é caju, da cor do que está o meu?!”; “é vermelho acobreado, parecido com o seu”, respondi.

No segundo dia que fui ao Centro Comunitário, Leonel um jovem ‘negro’, estava com o cabelo bem curto, pintado de loiro e na parte detrás da cabeça havia o desenho da marca da *Nike* em marrom.

Num outro dia, Vicente estava com o cabelo pintado de acaju forte; João Rivaldo com os cabelos pintados de preto; e os dois, mais Hércules, estavam com os desenhos exatamente iguais ao redor da cabeça; Vicente, além deste desenho, trazia na parte detrás da cabeça um enorme símbolo da *Nike*, e, no lado esquerdo, próximo à testa, as três listras.

Outra vez, estávamos no saguão comendo pizza e João Rivaldo, também chamado de Tatú, virou-se de costas e então vi um grande “r” na parte detrás de sua cabeça e, nas laterais

¹⁷⁶ Esta é uma tintura que custa em torno de dois a três reais o tubo.

havia “TA” de um lado e “TU” do outro. Perguntei a ele o que era aquilo, João Rivaldo respondeu: “é o ‘r’ da *Redley* e o meu nome, Tatu”.

Alguns jovens traziam três listras em seu cabelo, na entrada do lado esquerdo da cabeça. Certa vez, perguntei a Vicente o que eram aquelas listras, ele disse que eram da “Adidas”. Indaguei de que maneira eles faziam, ele respondeu que com “gileté”. Noutro dia, Vicente estava com apenas uma listra desenhada, parecendo uma cobra, com comprimento maior que as outras três anteriores. Perguntei o que era, ele respondeu: “é uma linha só”. Insisti no significado, ele disse que não tinha nenhum, “é pra enfeitar, só [...] é uma linha só”, respondeu-me.

Certo dia, eu estava conversando com Celso e Leonel passou por nós; ele estava com as três listras no lado esquerdo da sua cabeça. Perguntei a Celso o que era aquilo. Ele chamou Leonel e lhe disse: “esclarece uma coisa pra ela”. Eu, imediatamente fiquei constrangida, mas como o jovem estava em minha frente esperando alguma pergunta, indaguei o que eram aquelas listras em sua cabeça. Leonel titubeou, passou a mão na cabeça e disse: “nada, só listras” – a mesma resposta que Vicente me deu no outro dia. Perguntei o que significavam, Leonel, olhando para Celso, rindo e passando a mão nas listras, disse “nada”. Depois que ele saiu, Celso deixou a incógnita, “olha só!”.

Num outro dia, cheguei ao Centro Comunitário e Armando estava com o rosto, da altura da boca até o queixo do lado esquerdo, queimado. Perguntei o que aconteceu, se tinha ido à praia, Armando respondeu que “foi com a coisa [água oxigenada] que passei para clarear o bigode e deixei tempo demais e queimou”. Certa vez, Bianco, ‘pardo’, estava com o cabelo pintado de preto e o bigode descolorido. Noutra, na biblioteca, durante a atividade de Rogério, Nozimar, que estava com água oxigenada no fino bigode para descolori-lo, de vez em quando saía para ver como estava o bigode, para não deixar passar do ponto e correr o risco de se queimar, como aconteceu com Armando.

A preocupação com sua estética contribuiu para que vários jovens entrassem nos cursos de cabeleireiro e manicure da Faetec, preferindo o de padeiro.

Um dia, após as atividades, passei na sala do curso de cabeleireiro da Faetec: Jerônimo fazia uma escova nos cabelos de uma mulher; Lindomar e Nozimar estavam por ali, observando o que Jerônimo e a professora, que cortava o cabelo de um menino, faziam; Vicente estava deitado em um dos sofás existentes na sala, com os olhos fechados. Depois fui para a sala do t@í.com, onde Rogério e Sirlândia estavam escrevendo algo no computador. Em algum momento, Nozimar entrou na sala e chamou Sirlândia para fazer uma “escova” em

seu cabelo. “Hoje não. Eu quero fazer na quinta-feira, pra ficar pronta para sexta-feira e sem a Dona Anastácia ver, vai ter que ser escondido da Dona Anastácia”, ela respondeu. “Por quê?”, perguntei. “Dona Anastácia não pode ver porque ela não deixaria, não gostaria porque é meu horário de trabalho”, explicou Sirlândia. Nozimar me chamou para fazer uma escova em meu cabelo, respondi que “não, eu não faço escova no meu cabelo”. Então, Nozimar, orgulhoso, disse: “cortei o cabelo do Rogério no corte da moda”. Eu disse a ele que não faria a escova, mas fui até a sala de cabeleireiro novamente. Jerônimo estava terminando a escova no cabelo da mulher, ela agradeceu e disse: “gostei muito”; Jerônimo ficou bastante contente. Nozimar, Félix, Lindomar e a professora o elogiavam: “o Rolmes [conhecido cabeleireiro local] vai brigar com você, porque você vai acabar roubando os clientes dele!”. A professora e a mulher repetiam: “ficou muito boa a escova”. Comentaram, então, sobre a profissão de cabeleireiro e sexualidade: “é difícil ver um garoto como cabeleireiro, a maioria das vezes é mulher ou bicha”. Os outros que estavam na sala zombaram de Jerônimo: “será que ele não é gay?!”. Falaram, ainda, sobre as mãos dos cabeleireiros, que tem que “ser ágil, ter força, mas não precisa ser forte, senão machuca a cliente”.

Pouco depois, Nozimar, Lindomar e Félix começaram a brincar com os *sprays* de água, jogando um no outro. A professora os repreendeu: “Vocês estão muito agitados hoje! Vou falar para a psicóloga que vocês estão muito agitados”. Eles respondiam que não estavam agitados. A professora dizia que sim e perguntava “por quê?”.

Em seguida, Jerônimo pediu ajuda à professora para fazer uma hidratação nos cabelos de uma moça, e ela foi ajudá-lo. Jerônimo, ou Nozimar, perguntou se eu não queria fazer uma escova em meus cabelos. “Não”, respondi, “não faço escova”. Então a professora disse a eles: “deixa, tem gente que não gosta de fazer com meninos”. “Não é isso”, respondi. “Tem gente que não está acostumada a fazer com garotos”, insistiu a professora. Então lhe expliquei que eu nunca faço escova em meu cabelo. “Por quê? Você não gosta?”, questionou a professora. “Eu gosto deles quanto mais crespo melhor, se fizesse um crespo eu faria”. Ao que a professora exclamou: “Ah, você gosta de cabelos cacheados!”; “é”, respondi. Provavelmente, a sua surpresa por eu não querer fazer escova em meus cabelos é devido ao fato de que todas as mulheres que iam ao curso de cabeleireiro para serem atendidas (pois havia um atendimento para os outros moradores), bem como diversas funcionárias e trabalhadoras do Centro Comunitário, faziam escova em seus cabelos e, para elas, poder fazer escova gratuitamente, no Centro Comunitário era interessante.

Na sala do curso de cabeleireiro tem lugar para cinco pessoas serem atendidas ao mesmo tempo. Em frente à porta há dois sofás para três pessoas, na cor azul-turquesa; ao lado

há dois espelhos grandes na parede, com duas bancadas de cabeleireiros e duas cadeiras em frente. Na parede da porta há mais três conjuntos de espelho, bancada e cadeira.

Em um outro dia, fui à sala do curso de manicure e pedicure. Havia umas dez mulheres fazendo o curso, divididas entre quem praticava e quem era o modelo para o treinamento. Jovelina, uma das jovens do “Projeto”, estava na parte de trás da sala, após uma divisória, fazendo as unhas das mãos de Lindomar, e uma outra menina fazia as dos pés de Jerônimo, que gritava e ria: “não vai tirar bifes dos meus pés”.

Além dos cabelos e pêlos, os jovens utilizam acessórios como anéis, correntes e cordões com pingentes e, com menor freqüência, brincos.

Certo dia, Vicente e João Rivaldo traziam gravados em seus braços, como tatuagens, Vicente no esquerdo e João Rivaldo no direito, os seus nomes, sobre os quais havia uma casca grossa de ferida, misturada com sangue e pus. Perguntei como eles haviam feito aquilo. Eles e Adolfo, que certa vez também fez, disseram que fizeram com “a semente de caju, tira aquele líquido de dentro e escreve”. “Dói?”, perguntei. “Arde”, responderam. Aquilo é uma queimadura provocada pelo óleo da semente.

Assim, se para os jovens os adornos e pinturas nos cabelos, fazer as unhas, usar acessórios é constitutivo de sua identidade, isso é percebido pela “equipe” e outros trabalhadores da entidade como algo negativo - próprio do estigma. Em diversas ocasiões isso foi ressaltado. Numa delas, cheguei ao Centro Comunitário e fui à secretaria. Lá estavam Muriel e alguns jovens, Adolfo e Vicente, sorrindo, pediram para eu não lhes dar faltas porque eles iriam “na cidade” fazer uma coisa para a Muriel. Esta, do outro lado do balcão, me disse que pediu a eles para irem “carregar o toner de tinta” para ela. Nesse momento, Viti entrou na secretaria e Muriel pediu a ele 1 Real para completar o que faltava para poderem comprar o toner. Após contar o dinheiro, em notas e moedas, entregou aos jovens 46 reais – o dinheiro para o toner e para suas passagens. Os dois saíram felizes. Então, fui para a minha atividade com os outros jovens, que seria ver um filme indicado por Rogério. Após a atividade, voltei à secretaria. Muriel estava desesperada porque os dois jovens “até essa hora não apareceram”, eram 17 horas. Muriel, esboçando um choro, sentada em frente a sua mesa, colocava as mãos na cabeça e dizia: “Ai meu Deus! Porque eles não chegam. Eu errei, não deveria ter feito isso, a Dona Anastácia não gosta que eles saiam, não gosta que eles façam algo na rua. Eu deveria ter ido. Se acontecer alguma coisa com eles Dona Anastácia vai me matar”. Eu e Soraia tentávamos acalmá-la, dizendo que nada iria acontecer. Mas Muriel continuava: “Eles estão sem documentos e têm os cabelos pintados, e se a polícia pegar eles? O que vai acontecer?”. Eu e Soraia continuamos tentando tranqüilizá-la, dizendo que eles já

deveriam estar chegando, que podem ter dado uma volta no centro da cidade, por isso estariam demorando e, se algo de ruim tivesse acontecido, eles já teriam telefonado. Volte e meia Muriel levantava, se dirigia até o portão de entrada da entidade, olhava para a rua e voltava para sua mesa, repetindo “porque eu fiz isso?! E se aconteceu alguma coisa. Faz tempo que ele ligaram dizendo que já tinham chegado na loja e já iriam voltar”. Lembramos a ela que Adolfo havia levado o seu celular¹⁷⁷. “E se tomaram o celular deles?!””, cogitava Muriel, “eles são bobinhos”, sentenciava. “Eles devem saber andar sozinhos, o projeto é para isso também”, lhe disse. “Mas Dona Anastácia não gosta que eles saiam daqui”, repetia Muriel.

Fomos à procura do número do telefone celular de Adolfo. Recordei que João Rivaldo tinha o número, pois, durante a atividade, os jovens haviam dito que João Rivaldo “está namorando a prima de Adolfo”. Falamos com Jurandir, que se prontificou a ir à casa de João Rivaldo pegar o número, porque nesse momento a maioria dos jovens já haviam ido embora da entidade. Fui, ainda, até à sala da informática e perguntei se alguém teria o número do celular de Adolfo. Cláudio disse que tinha e desceu até a secretaria para entregar a Muriel; ele tentou acalmá-la, dizendo que eles “sabem andar no centro, Adolfo sabe”. Muriel, então, comentou que Adolfo disse que sabia andar pelo centro da cidade e ensinaria a Vicente. Nisso, Soraia solicitou a Cláudio o número dos telefones celulares de todos os jovens que ele tinha. Ela anotou na agenda da entidade. Nesse momento, muitas pessoas estavam envolvidas no assunto – Muriel, Soraia, eu, Cláudio, Lineu, Lúcio e outros jovens –, inclusive, alguns jovens retornaram de suas casas para ficar a par da situação. Todos tentavam sossegar Muriel, que dizia: “nunca mais vou fazer isso!”; “é”, respondia Soraia; “foi uma ótima lição!”, concluiu Muriel. Depois de um longo período, em que Delma estava ao telefone, Soraia ligou para Adolfo e conseguiu falar com ele, que avisou que já estavam “dentro da comunidade”. Por alguns momentos ainda, Muriel continuou nervosa, pois eles demoraram um pouco para chegar ao Centro Comunitário.

¹⁷⁷ A maioria dos jovens estava sempre com um telefone celular na mão ou pendurado em um cordão no pescoço. Saliento que há poucas pesquisas sobre o uso social dos celulares. Uma pesquisa pioneira no Brasil é da psicóloga Nicolaci-da-Costa (2004), que levou a cabo uma investigação exploratória sobre o uso dos celulares entre jovens, de 18 a 25 anos, pertencentes às camadas médias e altas da população carioca. Segundo a autora, o uso dos telefones celulares entre esses indivíduos está relacionado, entre outros aspectos, à “adoção dos celulares para a segurança de seus portadores” e à questão do “surgimento de novas possibilidades de controle interpessoal (como aquela exercida por pais sobre seus filhos, via celulares), que são a contrapartida das também novas possibilidades de autonomia individual [...]” Nicolaci-da Costa (2004:167). No entanto, parece-me que o significado da posse e do uso de telefones celulares entre os jovens participantes do “projeto Esperança de Vida” está muito menos relacionado a estes aspectos do que a sua inserção e participação como indivíduos na sociedade de consumo, via a posse de um símbolo das novas tecnologias.

Quando Adolfo e Vicente chegaram, entraram sorrindo, provavelmente já sabiam do desespero de Muriel. Adolfo explicou a ela que tiveram que ficar esperando mais de uma hora para que o cartucho de toner fosse carregado. Muriel agradeceu a eles. Provoquei-os dizendo que ficaram dando voltas no centro; sorrindo, disseram que não. Vicente retornou de seu passeio ao centro da cidade com um par de óculos de sol novo e um pacote de tintura para cabelos. Logo após ter saído da secretaria foi à cozinha e mostrou, satisfeito, suas aquisições aos outros jovens.

Numa outra situação, fui conversar com Dona Anastácia, e, entre outras coisas, comentei que os jovens haviam me dito que sairiam do “projeto” em pouco tempo e estavam preocupados porque não teriam o que fazer. “Isso é um problema, já estou ficando angustiada com isso”, desabafou Dona Anastácia, pois “não consigo arranjar um emprego pra eles, não sei o que fazer e eu não quero deixar eles saírem antes de encontrar algo para eles”.

“- Por que a senhora não vê na Prefeitura?, sugeri.

- Mas o quê?, questionou.

- Não sei. Não tem alguma coisa que a Prefeitura possa conseguir?, inquiri.

- Vão ser funcionários públicos?!?, exclamou.

- Não, respondi, mas eles não têm convênios com locais para emprego, para colocar eles?, indaguei.

- Eles têm convênios, mas quem vai querer empregar eles. Além deles serem muito feios, ainda pintam o cabelo de vermelho e andam desse jeito. Quem vai querer dar emprego pra eles?! [Teve] um que conseguiu porque a mãe foi junto, mas eles, quem vai ir com eles? Eles não têm ninguém que se responsabilize por eles, quem vai empregá-los?”, hesitava.

- Hoje eu falei com Adoniran que a Redley e o Cantão estão chamando para trabalhar em dezembro e ele se interessou, comentei.

- O quê que adiantam esses empregos? Em janeiro já estão tudo aí na rua, no trânsito, de novo. Eu não quero esses empregos temporários, porque são só dezembro e, depois, em janeiro já estão de arma na mão de novo, dando tiro, concluiu Dona Anastácia”.

Vemos que há uma relação ambígua, na entidade, em relação aos jovens, ao mesmo tempo em que são considerados “feios”, tendo “aqueles cabelos” e “andando desse jeito”, são visto como “bobinhos”, inexperientes e percebidos como alvos potenciais e preferenciais dos policiais - justamente por apresentarem essa estética¹⁷⁸.

¹⁷⁸ Cunha (2002), entre outros, aborda a estética de jovens moradores de favelas e seu significado para eles, ao mesmo tempo em que analisa diferentes percepções e reações, principalmente a estigmatização pela sociedade abrangente, frente a esse estilo. Seeger (1980) analisou os ornamentos corporais e seus significados nas sociedades indígenas, mostrando que mediante esses ornamentos são demarcados status sociais de acordo com sexo e idade e, ainda, marcam a importância dos sentidos.

3.1.2. Nike, Redley, Kenner, Osklen: as roupas e as grifes

Como visto acima, os jovens que participam do “projeto” trazem expresso em seus próprios cabelos e corpos a adesão a um determinado estilo de roupas jovem, as roupas de grifes – “verdadeiras” ou “falsificadas” –, especialmente, as marcas *Nike*, *Redley*, *Kenner*, *Osklen*. As roupas que preferem utilizar, e com as quais estavam na maioria das vezes, são camisetas, bermudas, chinelo e bonés que trazem as etiquetas dessas grifes, associadas ao estilo esportivo e *surf wear*. Percebi que todos os jovens utilizam um chinelo de dedos igual (tira de tecido e sola de borracha fofa) da mesma marca – Kenner –, variando a cor entre preto, verde e cinza. O chinelo, segundo eles, custa 37 reais.

Estar no “projeto” permite, mediante a “bolsa” que recebem, a aquisição dessas roupas. Numa das primeiras vezes que realizei alguma atividade com os jovens, perguntei se eles ganhavam algo para participarem do “projeto”. Eles disseram que recebem 60 reais por mês. “O que vocês fazem com o dinheiro?”, perguntei. “A gente gasta”, responderam. “Como?”, indaguei. “Eu dou para minha mãe”, disse André. “Eu dou metade para minha avó e gasto o resto”, respondeu João Rivaldo. “Eu gasto”, falou Vicente. “No que vocês gastam?”, questionei. “Em roupa”, replicou Vicente. “De que tipo?”, inquiri. “Ele compra da Redley”, explicou André.

O local onde eles compram os chinelos e as roupas, segundo Amadeu, é, especialmente, embora não o único lugar, no *shopping* Iguatemi, localizado na esquina das Avenidas Barão de São Francisco e Teodoro da Silva, numa área de grande circulação do bairro de Vila Isabel, sendo uma via de ligação com a Tijuca e com o Centro da cidade, para quem vem de diversos bairros da Zona Norte.¹⁷⁹

Este *shopping* é um importante pólo comercial da Zona Norte, freqüentado pela classe média local e dos bairros adjacentes, e também pelos jovens que freqüentam o Centro Comunitário. Como será visto, os jovens mantêm com o *shopping* uma relação ambígua, pois é através dele que participam da sociedade de consumo, ao mesmo tempo em que percebem suas condições de existência e a desigualdade social, quando, como salienta Dona Anastácia,

¹⁷⁹ Este *shopping* faz parte de uma rede de empreendimentos deste tipo espalhada por diversas cidades brasileiras, pertencente a Iguatemi Empresa de *Shopping Centers* S.A., do Grupo Empresarial Jereissati. Ver, <<http://www.iguatemi.com.br/>>, acessado em <11/12/2005>. O *shopping* Iguatemi Rio foi inaugurado em 1996, possui 210 lojas, sete cinemas do grupo Cinermark, três pisos, 1.500 vagas no estacionamento, com fluxo mensal de 1.050.000 visitantes e 150.000 veículos, segundo o site da empresa, <<http://www.iguatemirio.com.br/>>, acessado em <11/12/2005>. Ainda, segundo o site, o perfil dos clientes seria: “26% pertencente à classe social A e 58% à classe social B”; “57% com idade entre 20 a 39 anos”; “54% do sexo feminino”; quanto à escolaridade, “46% possui superior completo/incompleto”; “60%” dos clientes são “solteiros”; “35%” são moradores de Vila Isabel. Sobre a localização do *shopping* no bairro, ver os Anexo A e Anexo B.

“é muito ruim a gente estar no morro descalço e ir no *shopping* e ver aquele monte de tênis na vitrine”.

Certa vez, em dezembro de 2003, eu estava no Centro Comunitário e Jovelina disse que iria ao Mercadão de Madureira comprar uma roupa. Mais tarde, nesse mesmo dia, eu a encontrei no *shopping* Iguatemi, acompanhada por um menino e uma senhora, que é sua tia. Jovelina comentou que estava vindo do Mercadão, e me mostrou as compras que fez lá: um conjunto de jeans *strecth* de mini shorts e *top* com pedrinhas de *strass* e um tênis combinando. Disse, ainda, que ali no Iguatemi iria comprar uma calça que custava 130 reais. Nesse dia, ainda vi nesse espaço uma das senhoras que freqüentam o grupo de idosas no Centro.

No *shopping* Iguatemi, as lojas preferidas pelos jovens que freqüentam o Centro Comunitário são a da Redley e a loja da Sabotage, que conforme me disseram, “vende mais barato”.

Durante nossas conversas, perguntei, ainda, se eles iam juntos ao *shopping* Iguatemi comprar suas roupas, Adoniran respondeu: “eu vou sozinho. Quase todo mundo do morro vai lá comprar”. Ainda falaram que há um chinelo que custa 40 reais, a bermuda da Redley custa 50 reais, mas a da Sabotage custa entre 20 e 25 reais.

“E vocês usam as marcas de verdade ou as de camelô?”, perguntei. “Não é de camelô”, responderam. “Quando é do camelô tem a bandeira do Brasil no lado. Essa aqui é falsa, ó”, disse Amadeu, e mostrou a etiqueta com a bandeira do Brasil ao lado da marca Osklen de sua bermuda; ao que Hércules comentou “é falsificadona”. Então, me mostraram que o boné que Hércules estava utilizando era da Redley e não era “falsificado”.

Num outro dia, os jovens estavam conversando sobre as roupas que haviam comprado há pouco, na Loja Sabotage do *shopping* Iguatemi, quando foram “assaltados”. “Como? Onde?”, perguntei. Então eles me explicaram que estavam na Loja Sabotage e a vendedora ficou perguntando o que eles iriam levar; então Vicente respondeu “nada, porque não tenho dinheiro”. “Que nada! Eu vi 50 reais aí”, disse a vendedora. Assim, Vicente disse que “tive que comprar!”. No início do mês, época em que recebiam, era comum vê-los combinando o que iriam comprar no *shopping*.

Segundo Dona Anastácia, essa proximidade do *shopping* e a freqüência dos jovens a ele é que os deixaria “revoltados”.

“[...] Um montão de adolescente, que o que mais tem nesse morro é criança e adolescente, quer dizer, aí o pessoal fica criando uma turma de gente desempregada, com fome, que tem que procurar fazer alguma coisa. Não é uma justificativa, entendeu, mas eu acho que é uma coisa que leva muito a

isso [violência]. Que vai ficando revoltado, vendo uma diferença muito grande entre o morro e assim tão próximo; eu acho que é muita, porque fica aqui, depois que tem a televisão, que tem o *shopping* do ladinho do morro, aí é muito ruim a gente estar no morro descalço e ir no shopping e ver aquele monte de tênis na vitrine. Eu acho que é essa proximidade; quando ninguém estava vendendo isso, acho que o pessoal se conformava mais e agora fica muito difícil, porque aí os garotos do morro eles querem ser iguais, e eles têm o direito de ser igual. Então eles querem ir pra praia, eles querem ter sofá, eles querem andar de tênis bom, eles querem ter um walkman, eles querem e não podem. Então tem que tomar de quem tem, eles acham que tem que tomar de quem tem. Aí vira essa guerra que está aí”.

Zaluar (1985) quando vai estudar Cidade de Deus, um conjunto habitacional carioca, encontra entre os moradores a categoria “revolta”, utilizada para expressar a insatisfação diante de suas condições de existência. Entre esses jovens, a “revolta” era a motivação para optarem pelo engajamento no “crime”, revolta contra o trabalho, principalmente, pelo trabalho de seus pais, que nunca conseguiam ascender socialmente, nem modificar suas condições de vida trabalhando arduamente. Nesse sentido, como aponta a autora, aquilo que muitas pessoas chamam de violência, eles chamam de “revolta”.

É possível pensar que a “revolta”, tanto entre os moradores de Cidade de Deus, como a aqui salientada por Dona Anastácia, inclusive, para compreender “essa guerra que está aí”, expressaria não apenas a desigualdade social, fortemente, marcada, mas a impossibilidade de troca e de processos de reciprocidade entre classes sociais distintas (Velho, 2001).

É neste sentido que Dona Anastácia comprehende a “revolta” que os jovens sentiriam, pois frente à convivência com a desigualdade social, no âmbito de um sistema capitalista de consumo, com forte difusão e generalização pela mídia de modelos culturais da classe média, os jovens buscariam ser semelhantes e ter um lugar próprio no mundo.¹⁸⁰

¹⁸⁰ Segundo Peralva (2000), essa convivência e integração dos jovens pobres ao conjunto de bens e serviços antes oferecidos somente às camadas médias estão dentro de um quadro de mudanças socioculturais ocorridas no Brasil. Dentre essas, as transformações do lugar do trabalho na vida das populações “pobres”, que deixou de ser um meio de vida (para os pais) para ser uma porta de entrada no consumo personalizado (para os jovens), tendo em vista que o acesso dos “pobres” ao consumo se ampliou em relação ao passado, no sentido de que produtos antes restritos às camadas médias são agora acessíveis às camadas populares por terem se tornado produtos de massa, com redução dos preços. Isto, associado a uma maior participação desses jovens pobres nas escolas e no lazer (praia, bailes *funk*, “rua”), ao lado de jovens das camadas médias, bem como os movimentos sociais ocorridos entre as décadas de 70 e 90 e a atuação de ONG’s em áreas diversas contribuíram para a construção de um sentimento de igualdade. Nesse ponto residiria o “paradoxo brasileiro”, justamente na integração e no sentimento de igualdade, pois eles mesmos seriam as fontes dos novos conflitos. Mais especificamente, isto ocorreria pela necessidade de o jovem “pobre, morador da favela” ser indivíduo, isto é, participar desse universo fora da favela ao lado de jovens das camadas médias, sem perder sua ligação com o local de moradia, pois é ele que dá sustentação - por intermédio da família, das redes de amizade e solidariedade - para ele ser sujeito no mundo e participar integrado da sociedade de consumo. Esse lugar, afirma Peralva, já existe no sentido de que os pobres já estariam integrados na sociedade de massa, mas os preconceitos e discriminações barrariam a efetivação de fato dessa integração e continuaria a distinção favela / cidade, uma vendendo a outra como inimiga.

No entanto, quando os jovens do “projeto” buscam uma igualdade, pelo menos, mediante o consumo, e passam a utilizar roupas semelhantes a muitos jovens da classe média, suas roupas passam a ser discriminadas, tornando-se um estigma. Nesse sentido é que encontrei observações nas fichas de alguns jovens salientando que: “Só gosta de roupas de marca”.

Numa outra ocasião, quando eu estava conversando com André, Adoniran e Felisberto e eles me contavam que, em breve, iriam sair do projeto e não tinham, ainda, algo para fazer, comentei que eu havia lido no jornal que nas lojas Redley e Cantão estavam preenchendo fichas para trabalho temporário, no período das festas de final de ano, e que eles ofereciam 30% de desconto nas compras para quem trabalha nas lojas. Adoniran empolgou-se e começou a calcular quanto ele pagaria por uma bermuda que custa 52 reais; Felisberto o ajudou a fazer a conta. Mais tarde, Adoniran perguntou se eu daria um presente de Natal para ele, então disse que queria que eu lhe desse um “boné da Redley”. “Quanto custa?”, perguntei. “33 reais”, respondeu.

3.1.3. Os jovens e as fotografias

Na busca da representação de si e expressão de sua própria imagem corporal, tiveram papel importante as inúmeras vezes que tirei fotos dos jovens, tanto em atividades e eventos no âmbito do Centro Comunitário, como em passeios e festas fora da entidade. Nos momentos em que eu estava com a câmera fotográfica, a concorrência era grande; os jovens pediam para eu bater várias fotografias suas – tinham tanta vontade de ter suas imagens registradas que tirei mais de 200 fotos, a grande maioria por insistência deles. Cada vez que eu chegava ao Centro, após alguma situação na qual havia tirado fotos, eles vinham correndo perguntando se eu as havia trazido, pedindo para ver e escolhiam quais eles queriam. Eu já levava algumas cópias para distribuir a eles.

É possível entender esse fascínio pelas suas próprias fotografias e pela dos outros também, pois diversas vezes os jovens queriam a fotografia de outro, por aquilo que salienta Koury (197:152):

“Evocada, a foto realiza o desejo de trazer situações, mantê-las sob controle, na imobilidade eterna registrada e apreendida pelo ato fotográfico. Sensação de poder, de posse sobre o outro ou sobre si mesmo registrado,

onipotencializa as relações do observador com as imagens reveladas e por ele possuídas”.

Assim, podemos compreender os pedidos que alguns jovens fizeram para que eu batesse fotografias suas em frente a carros novos, durante um passeio ao Centro da Cidade. Adoniran dizia que iria mostrar que o carro era seu e, quando os outros se juntavam a ele para a fotografia, ele dizia para eles saírem porque queria estar sozinho, o que daria maior veracidade à foto.



Foto 9 e Foto 10 - Jovens do "projeto Esperança de Vida" junto a carros em passeio ao Centro da Cidade

Fonte: Fernanda Delvalhas Piccolo

Num desses momentos, cheguei ao Centro e logo os jovens me rodearam pedindo suas fotografias. Entreguei a cada um deles as que eu havia feito para dar-lhes e peguei as outras para que vissem. Vicente queria todas as fotos nas quais aparecia, inclusive uma na qual saiu sem a cabeça. “Por que você quer a foto?”, perguntei. “Quero dar para uma ‘novinha’”, respondeu. “Mas o que ela vai fazer com um foto sua sem cabeça?”, indaguei. “Isso não importa, ela vai ter a foto!”, exclamava sorrindo. Entreguei-lhe a fotografia. Depois, ele me pediu outra, em que aparecia junto com Adoniran. Eu lhe dizia que já havia lhe dado quatro fotografias, mas ele insistia “me dá essa que eu estou com o peito estufado!”.

Noutra situação, nos preparativos para um passeio a um sítio, os jovens insistiram para que eu fosse ao passeio e tirasse fotos suas na piscina, mas teria que ser de cada um “sozinho”.

Ainda, certa vez, emprestei a câmera aos jovens e disse que poderiam bater fotos de onde quisessem. Eles foram para as proximidades do Centro Comunitário. Quando revelei o

negativo percebi que eles haviam tirado fotos postados na frente de um muro entre os desenhos do símbolo da facção criminosa com a qual o morro se identifica – TC (Terceiro Comando) – e um tanque de guerra. Levei as fotografias para eles verem. Vicente vibrou quando viu as suas ao lado do escrito “TC”.



Foto 11 e Foto 12 - Jovens entre o símbolo do Terceiro Comando e o desenho de um tanque de guerra

Fonte: Os jovens

Cabe ressaltar que os jovens, nas fotografias que tiravam sozinhos, geralmente faziam a mesma pose: eretos com os braços cruzados em frente ao corpo e o semblante sério, remetendo a um ideal de masculinidade, pois é uma pose que evoca virilidade, força e disposição para o enfrentamento, como nas fotos acima. Nas fotos que tiravam em duplas ou grupos geralmente, estavam se abraçando.

3.2. Os jovens, os traficantes locais e a facção criminosa

Como visto nas fotografias acima, os jovens têm, em certa medida, uma identificação com os símbolos da facção criminosa autoproclamada pelos traficantes locais. Percebi esta relação ainda no decorrer de algumas atividades, quando os jovens associavam aquilo que estávamos vendo ou fazendo a algo relacionado ao tráfico. Assim, certa vez, Rogério pediu que os jovens lessem a música “Mama África¹⁸¹” e respondessem a algumas questões de interpretação de texto; numa delas os jovens deveriam responder o que era “seus filhos se

¹⁸¹ Música Mama África, de Chico César: Mama África (a minha mãe), é mãe solteira / E tem que fazer mamadeira todo o dia / Além de trabalhar / Como empacotadeira nas Casas Bahia./ Mama África, tem tanto o que fazer / Além de cuidar de neném / Além de fazer dengue / Filhinho tem que entender / Mama África vai e vem, mas não se afasta de você / Quando Mama sai de casa, seus filhos de olodunzam / Rola o maior jazz / Mama tem calo nos pés, mama precisa de paz. / Mama não quer brincar mais / Filhinho dá um tempo / É tanto contratempo /No ritmo de vida de mama.

olodunzam”. Amauri respondeu: “eles deviam ser olheiros ou ficavam em casa”; depois, na discussão, ele disse: “olodunzam só pode ser olheiro”.

Numa outra atividade, quando perguntei aos jovens quem havia descoberto o Brasil, Amadeu respondeu: “quem descobriu o Morro dos Macacos foi o Pernalonga [um dos gerentes do tráfico local]”; depois, quando mostrei a eles o mapa do Brasil, no qual a região Sudeste estava nas cores rosa e vermelho, ele disse: “logo em vermelho! Tinha que estar em preto”. Vermelho é parte do nome que identifica o “Comando Vermelho”, facção criminosa “inimiga” do Terceiro Comando, que é à que os traficantes do Morro dos Macacos pertencem. Foi a isto também que, em uma visita à ALERJ, quando paramos em uma janela que dá visibilidade ao plenário, Jurandir, olhando para o seu interior e vendo vários homens vestidos com camisetas vermelhas – eram bombeiros, antes havíamos passado por eles – exclamou: “um monte de cara de vermelho, não têm futuro！”, e balançou a cabeça um pouco espantado.

Cabe lembrar, segundo aponta Alvito (2001), que as facções são uma rede de relacionamentos pessoais, de alianças estabelecidas entre chefes de tráfico de diversos locais e que se vão tornando emblemas identitários que servem como um referencial importante para os jovens, por exemplo, nos bailes *funk* para distinguir “as galeras”.¹⁸²

Numa outra atividade, Rogério pediu que eu passasse para os jovens um filme sobre a guerra de Canudos¹⁸³. Estávamos eu, André, Hércules, João Rivaldo, Jurandir, Adoniran e Amadeu. Primeiro, li um pequeno texto que Rogério havia me entregue sobre o surgimento da primeira favela no Rio de Janeiro, sobre os soldados de Canudos e a planta chamada favella. Após a leitura do texto, Amadeu exclamou: “nem eu sabia que o morro existia há tanto tempo！”. Durante o filme, os jovens ficaram bastante impacientes – o filme era lento e comprido –, João Rivaldo ficou conversando ao telefone celular, segundo Jurandir e Adoniran, com sua namorada que é prima de Adolfo. Adoniran e André ficaram brincando, dando tapinha um no outro, risadas, e Jurandir me olhava e dizia: “eles são muito bobos”. Pouco depois, começaram a brincar com uma cola e, de vez em quando, davam leves puxadas nos meus cabelos. Eu os advertia: “se vocês colarem os meus cabelos, vocês vão ver！”. “Jamais a gente iria fazer uma coisa dessas com a senhora”, tranqüilizou-me André.

No final do nosso tempo de aula, comecei a apressar o filme, pois não teríamos tempo para vê-lo inteiro. Então, Amadeu pediu que eu parasse o ‘ffw’ quando tivesse cenas de guerra. Lá pelas tantas, algum deles disse: “olha a gente dando no São João！”.

¹⁸² Sobre as facções como uma rede de relacionamentos e as construções de alianças e inimizades ver, entre outros, Barbosa (1998).

¹⁸³ O filme foi “Guerra de Canudos” (1997) do diretor Sérgio Rezende.

Em um outro dia, Rogério foi passar o filme “Ilha das Flores”¹⁸⁴ para os jovens; estavam presentes, desde o início, André, Vicente, Armando, Humberto e Jovelina, depois chegaram outros. Antes de iniciar a sessão, Rogério escreveu no quadro o nome do filme, especificando que era um “curta” de 15 minutos e utilizava a linguagem da “lógica” e da “matemática”. Todos reclamaram e Jovelina disse: “já estou cheia de cultura! Se liga, cara, passa um filme legal, de ação, com morte”. Rogério nada respondeu e passou o filme, enquanto os jovens conversavam e praticamente não olhavam para a televisão. Então, entraram mais dois jovens, fazendo uma grande algazarra. Rogério parou o filme e advertiu-os: “assim não dá, vocês têm que prestar atenção no filme” e recomeçou a passá-lo. Um pouco depois, Brenda entrou na sala e perguntou até que horas Rogério ficaria ali. “Até terminar o filme”, respondeu Rogério. “Mas até quando?”, insistiu Brenda. “Até as duas horas”, disse Rogério. Então, Brenda veio até mim, cumprimentou-me com dois beijinhos e saiu, pedindo para um dos jovens ajudá-la a abrir a porta da sala ao lado. Chegaram, em seguida, Lindomar, Nozimar e Félix. Os jovens conversaram o tempo todo. Quando terminou o filme, Vicente disse: “já acabou Rogério, eu nem vi nada!”. André reclamou que “não entendi nada”. Por sua vez, Humberto comentou: “não gostei muito do filme porque o cara não explicou direito o porquê da criação do dinheiro. Se é alguém que não sabe de nada, não vai entender e ele passava de uma coisa muito rápida para outra, muito rápido”. Rogério explicou, então, que o filme era dessa maneira porque tinha uma linguagem da “lógica” e, por isso, os outros não viram nada, porque “o filme é muito rápido, numa linguagem muito rápida, então tem que prestar muita atenção”. “Não gostei e vi o filme todo”, observou Jovelina.

3.2.1.A visão da equipe: “encantamento pelo falso poder”

A identificação dos jovens com os símbolos da facção criminosa com a qual os traficantes do morro estão associados também foi descrita nas fichas dos jovens, preenchidas pela psicóloga. Ela utilizava as seguintes frases referentes à relação deles com o tráfico e com a facção criminosa local: “Procurando trabalho no tráfico”; “Quer entrar para o tráfico – associa com saídas de carro e moto”; “Encantado com o mundo do funk, garotas e drogas, encantamento pelo falso poder”; “Só gosta de roupas de marca, se empolga com motos, inversão de valores”; “Desejo de entrar para o tráfico, vê o tráfico com deslumbramento, e poder estar com armas e fazer o que quer”; “Faz apologia ao tráfico e até às facções”.

¹⁸⁴ “Ilha das Flores” (1989) é um documentário de curta metragem brasileiro do diretor Jorge Furtado.

Na visão da equipe, o tráfico é visto como um “falso poder”, porque se opõe ao poder estabelecido pelo Estado e, principalmente, pelo seu caráter de ilegalidade. Os jovens são vistos como tendo um encantamento pelos seus símbolos, não apenas pelas armas e drogas, mas por outros símbolos associados a essa atividade: motos, garotas e roupas de grifes.

Como lembra Velho (2001: 21), “o acesso à droga e à arma é a base desse estilo de vida, que torna possível usufruir uma pauta de bens de consumo e um prestígio que facilita, entre outras coisas, o sucesso junto às mulheres e o temor entre os homens”.¹⁸⁵

Mas o que é um estilo de vida para os jovens, é visto pela “equipe” como um desvio dos padrões de normalidade e, por isso, deve ser corrigido mediante a intervenção da “equipe”.

Não apenas a “equipe”, mas outros trabalhadores do Centro Comunitário também expressavam essa percepção. Certa vez eu estava conversando com Alisson, motorista da Kombi, enquanto íamos ao Centro da Cidade buscar Cláudio. Perguntei o que ele estava achando de seu trabalho, visto que fazia mais ou menos um mês que ele estava trabalhando na entidade. “É bom, o problema é ser ali dentro, e os meninos que têm jeito de bandido, querem ser que nem bandido, falam como bandido, têm jeito. Os meninos são loucos”, respondeu. E, em seguida, me explicou: “eu não tenho esse ritmo, não sei se é porque estou mais velho, mas não consigo acompanhar e não tenho paciência, aí acabo me estressando, mas o resto é legal, as pessoas são legais”. Nesse sentido, relembrar a relação de constrangimentos durante o trajeto de ida e volta à praia do Recreio, quando Alisson ordenava aos jovens que colocassem as cabeças para dentro do veículo; não “mexessem” com as pessoas na rua. Para ver seus pedidos atendidos, os ameaçava: “ó, vocês mesmos vão estragar o passeio de vocês!”, “a polícia vai parar a Kombi” e nós iríamos nos incomodar, ainda mais estando um dos garotos com “aquele cabelo” (descolorido).

Na beira do mar, em certo momento, Alisson parou numa barraca atrás de onde tínhamos deixado nossas coisas e começou a conversar com o homem que ali trabalhava. Escutei Alisson explicar ao homem que “esses garotos são de um projeto e vieram com ela,

¹⁸⁵ Saliento que muitos desses símbolos associados ao tráfico de drogas, em nossa sociedade, como acesso a dinheiro, mulheres, enfim, a demonstração de ‘virilidade’, são apontados por Bourdieu (1983:115), no contexto francês como os motivos dos jovens de classes populares deixarem a escola e buscarem um emprego: “uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de aceder o mais rapidamente possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhes são associadas: ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido e se reconhecer como um ‘homem’”. Podemos pensar que em certa medida a busca seja semelhante, mas as maneiras diversas, lá é a busca de um emprego formal, aqui o ingresso no tráfico de drogas – e, portanto, as consequências também são distintas.

que é professora deles, e o Rogério, outro professor, para passear um pouco, que é bom!”. Os dois ainda comentaram sobre a violência no Rio de Janeiro e sobre o tráfico, quando então Alisson mencionou que estava “um pouco preocupado com o encontro deles com o pessoal de Cidade de Deus [que seria da facção criminosa inimiga]”; “de que morro eles são?”, perguntou o homem. Alisson titubeou por alguns momentos e disse: “dos Macacos”; “ah, tá!”, exclamou o homem.

No retorno do passeio, quando estávamos passando pela serra Grajaú-Jacarepaguá, próximo a um dos “morros rivais”, situado de frente para o Morro dos Macacos, Alisson dizia para Cláudia: “coloca a cabeça para dentro da Kombi, senão os caras vão ver vocês e metralhar a Kombi, ainda mais que todos os dias eles vêm a Kombi sair do Morro dos Macacos [...] fiquem quietos.” Cabe ressaltar que a Kombi é toda branca, não contendo inscrição alguma que a identifique ao Centro Comunitário ou ao Morro dos Macacos.

A relação dos jovens com os integrantes do tráfico local foi exposta um dia, durante a discussão do filme “Diário de um Adolescente”¹⁸⁶, que Celso havia passado para eles. Celso perguntou aos jovens se aquilo que assistiram, como o roubo para conseguir dinheiro para comprar drogas, brigas com a mãe, acontecia na “realidade”. Um dos jovens disse: “com meu tio acontecia”. Humberto contou que, de vez em quando, guardava um, dois quilos de maconha e armas para “os caras do tráfico” e, em função disto, tinha maconha “sempre à sua disposição, saía dos bailes e ficava conversando com os caras”. E justificando seu ingresso no “projeto” disse: “vi que eu precisava de ajuda quando eu fui comprar maconha, porque eu tinha à disposição e quando fui comprar eu vi que estava demais”.

Celso perguntou a Humberto, estendendo aos outros, o que eles poderiam fazer para “evitar que os caras oferecessem para vocês carregar, pedir favor”, e insistia para que os jovens não andassem juntos com os traficantes. Então, Humberto lhe disse: “não tem como não falar com os caras porque a gente cresceu junto, foi criado junto, a gente conversa, mas ninguém força alguém a guardar nada, faz quem quer, essa é que é a verdade. Quem não quer, não faz, e os caras não fazem nada, claro que depende do jeito que você fala, porque você pode preservar a amizade ou ganhar um inimigo! Se a pessoa fala que está ocupada, tudo bem, agora se fala, tchau! Aí arranja um inimigo! Os caras do tráfico não fazem nada porque quando eles dão alguma coisa para você guardar, segurar a arma dele, ele está te dando uma moral; se você não quiser, tudo bem, porque ele está te dando uma moral”. Em sua fala, Humberto remete às redes de relações nas quais os jovens membros do tráfico e participantes

¹⁸⁶ “Diário de um Adolescente” (1995) é um filme norte-americano do diretor Scott Kalvert.

do “projeto” estão inseridos. Nessas redes é atribuído àqueles que estão no tráfico certa autoridade e status, e é nesse sentido que quando “oferecessem” para alguém carregar sua arma ou guardar sua droga isto é visto como estando aquele que oferece “dando uma moral” àquele que se destina, isto é, este pedido é percebido como uma prova de confiança daquele que solicita o “favor” e como aumentando o prestígio daquele que o presta junto aos membros do tráfico, que, por sua vez, são seus amigos, vizinhos, parentes, enfim, cresceram juntos. Assim, não aceitar a oferta pode ser visto como uma desfeita, uma desonra à confiança depositada e ao prestígio conferido.

Jurandir também disse que foram criados juntos e Humberto ainda disse: “a gente cresceu junto, eu segui um caminho e os caras do tráfico seguiram um caminho diferente”. Por fim, nos disse que, atualmente, depois dos bailes não pára mais para ficar conversando com os traficantes, porque “eu não aprendia nada ali”.

Celso levantou a hipótese de que “se vocês estão conversando com os caras e a polícia chega, eles vão pegar vocês pra ver também, e aí?”. Humberto respondeu: “agora até que não, porque a polícia entra atirando, vem para matar, não quer nem saber quem é quem”, e os outros jovens concordaram. Jurandir exclamou: “estão matando os nossos filhos!”, e deu uma leve risada. Humberto comentou, ainda, que “até dentro de casa a gente pode morrer”, e contou o caso de uma menina que morreu assistindo à TV, dentro de casa, filha do dono do “sacolão” próximo ao Centro Comunitário. “Aí mataram dois policiais”, disse Jurandir.

Nesse momento, escutamos dois tiros e imediatamente Jurandir disse: “viu, confirmou!”; André e Humberto também disseram: “ó, confirmou”. Ouvimos mais tiros, Humberto comentou: “esses tiros não são em vão, são em algum alvo”. Jurandir correu até a janela para ver o que estava acontecendo e sentou-se ao lado de Rogério, “reprodutor cultural”, que estava com uma expressão de quem estava com certo medo, quis fechar a janela de vidro, mas os jovens disseram que não, que estava muito quente. Celso, então, disse a Rogério: “não vai adiantar fechar, porque o tiro passa o vidro”. Jurandir enrolou uma toalha de rosto e a colocava como um microfone em frente a Rogério e fazia perguntas; Rogério empurrava a mão de Jurandir. Essa cena repetiu-se mais de cinco vezes, até que Jurandir desistiu e sentou-se novamente ao lado de André. Rogério, então, encostou sua cabeça na estante atrás dele de modo a não ficar com a cabeça em frente à janela; pouco depois relaxou, em seguida olhou para a rua e voltou a encostar sua cabeça na estante.

André, que estava sentado ao meu lado, disse: “olha como ficam as crianças no CIEP!”. Ouvíamos os seus gritos, pouco depois escutamos mais uma rajada de tiros e elas gritaram mais alto.

Algum tempo depois, os tiros cessaram e não obtivemos maiores informações sobre o que estava acontecendo.

Num outro dia, eu estava chegando no morro e Cláudia, a jovem do projeto, vinha andando de bicicleta em minha direção; quando estava próxima falou: “Fernanda, revelou as fotos?”, e parou ao meu lado. Respondi que sim, que estavam ali comigo e perguntei se ela não iria ao Centro Comunitário, que lá eu mostraria as fotografias a ela. Cláudia falou que hoje não iria ao Centro, iria para casa, porque “aconteceu uma coisa com um amigo meu”. “O quê?”, perguntei. “Não posso falar aqui na rua”, respondeu olhando para trás, em direção aos garotos do trânsito, e finalizando disse: “mas você pergunta pra Sirlândia, e diz pra ela que a Cláudia disse que ela pode te contar”. Então, mostrei as fotos para ela ali e nos despedimos.

Mais tarde, na sala de reuniões do Centro Comunitário, quando Dona Anastácia estava conversando com os jovens sobre o passeio que seria realizado no dia seguinte, Nozimar entra na sala com o celular ligado e o entrega a Sirlândia, que pergunta: “quem é?”; “atende”, lhe ordena Nozimar. Sirlândia atendeu e disse: “onde você está? Está bom, depois eu ligo”. Então, desligou o telefone e o devolveu a Nozimar, e disse a Dona Anastácia que era a Cláudia, dizendo que a Suda (amiga com quem Cláudia mora) queria falar com ela. Dona Anastácia perguntou porque Cláudia não estava ali, Sirlândia respondeu que Cláudia havia lhe contado “uma história de um amigo que foi baleado e a Cláudia estava ajudando a cuidar, e a polícia foi lá [na casa em que ela mora] hoje de manhã e queria levar todo mundo”. Dona Anastácia comentou “eu avisei que essa menina iria dar problema!”. “É mesmo, Dona Anastácia falou”, disse Sirlândia. Algum dos jovens mencionou que iria avisar Cláudia do passeio do dia seguinte. Imediatamente Dona Anastácia disse que ela não iria; então, Sirlândia completou: “é, nem trouxe a autorização, nem deu resposta alguma, não está nem aí, não vai”.

Depois, quando eu estava sozinha com Sirlândia, perguntei o que estava acontecendo. Ela contou-me que “Suda, a mulher que toma conta de Cláudia, tem uma filha que é mulher de um traficante que foi preso e ela [a filha] nem pode sair de casa, e é mesmo porque tem até uns garotinhos que ficam lá cuidando”. Indaguei por que a moça não poderia sair de casa, se ela corria risco de ser morta. “Que nada, porque ele não quer”, respondeu Sirlândia. Então, continuou a contar a história, “ontem um cara foi baleado e eles levaram para a casa da Suda, que acolhe quando algum é ferido; aí, hoje pela manhã a polícia bateu lá e queria levar todo mundo, porque a polícia já vai direto na casa da Suda e a Cláudia teria que ficar em casa para ajudar a cuidar do cara. Mas, ela estava de bicicleta para lá e para cá. Então, ou ela tem que ficar em casa, ou ela tem o quê?!”, exclamou Sirlândia.

Em outra situação, Sirlândia comentou com Rogério que Jovelina estaria namorando um “bandido [...] ela trocou o Valério, que é um menino direito por um bandido”. Disse, ainda, que ouviu Jovelina dizer para Lindomar que “por isso é bom ser mulher de bandido, se é respeitada”, e por isso teriam que “ficar de olho nela”.

No final de 2003, Rogério comentou que estava bastante preocupado com Amadeu, pois o jovem ficaria dizendo que “isso aqui [o “projeto”] não vai adiantar de nada pra mim na vida, lá na rua” e estaria fumando maconha. No início de 2004, Dona Anastácia contou que, certa vez, estava chegando ao morro de madrugada, voltando de um passeio, e viu Amadeu “de arma na mão, sendo mandado por bandido”. Então, Celso lhe disse: “é, ele está formando lá no lote”. Alguns dias depois Amadeu foi preso com drogas e armas, ficou recluso por algum tempo e depois que foi solto voltou a atuar no tráfico.

Mas se há essa identificação com o tráfico e o estilo de vida associado, que possibilita que alguns jovens, mesmo tendo participado do “projeto”, como Amadeu, ingresssem nessa atividade, a relação é ambígua. Assim, em certa situação, eu, Rogério e Sirlândia estávamos conversando com os jovens. Félix e Jurandir comentavam que o irmão deste último “entrou para o tráfico”. Ainda, Jurandir, demonstrando um certo orgulho, disse: “eu também já fui bandido, formei com o Rolando”.

- “- Isso não é orgulho, advertiu Félix.
- É, não tenho orgulho, disse Jurandir.
- Se eu tivesse sido bandido um dia, eu não ficaria por aí dizendo, comentou Félix.
- É, sai do tráfico, não é mais bandido, mencionou Jurandir.
- Eu tive envolvimento com o tráfico, não era bandido, ressaltou Félix.
- Bandido não pode ir na rua, lembrou Jurandir”.

Sirlândia não entendeu que o que era “rua”, que eles estavam se referindo à categoria “rua”, como sinônimo de fora do morro. Ela perguntou se “os bandidos” não poderiam ir ali na Armando de Albuquerque, em frente ao Centro. Então Jurandir lhe explicou: “rua, ali no Iguatemi, na Vinte e Oito, não pode ir, pra comprar uma roupa não pode”.

- “- Por quê?, perguntou Sirlândia.
- Porque se eles forem vão ser reconhecidos pela polícia ou pelos alemão, explicou Jurandir.
- Pode até não ser, mas tem medo, não pode ir, observou Félix.
- É prisioneiro de si mesmo, não é? Tem poder, mas vive numa prisão, concluiu Sirlândia.
- Não, eles têm medo, não vão na rua, disse Jurandir.

- Nem todo bandido é conhecido, mas tem os X-9, disse Félix”.

Nesse diálogo, ressalta também uma distinção feita pelos jovens entre “ter envolvimento com o tráfico” e “ser bandido”. É possível pensar que “ser bandido” está relacionado com o assumir publicamente este papel social, andar armado, atirar em polícia e “nos alemão”, vender drogas, “não poder ir na rua”, entre outras ações. Já “ter envolvimento” é dado pelas próprias relações sociais estabelecidas com os “bandidos”, quando prestam “favores” a estes, como ressaltou Humberto acima, explicando que de vez em quando carregava drogas e armas para “os caras do tráfico”, visto que “a gente cresceu junto, foi criado junto”.

A ambigüidade da relação estabelecida entre os jovens e os “bandidos” era expressa, ainda, através de seus olhos, que muitas vezes brilhavam quando contavam alguma situação ruim pela qual passavam. Assim, certo dia, os jovens estavam tomando lanche e eu comecei a conversar com eles; perguntei sobre as festas do final de semana que havia passado. João Rivaldo contou que eles, com exceção de André, foram a um baile “lá em cima do morro”. Todos começaram a rir e João Rivaldo falou “o André perdeu a festa muito boa que estava!”. Imediatamente André reagiu: “boa nada, puro tiro!”. João Rivaldo, com brilho nos olhos, disse: “teve muito tiroteio”. “Foi troca de tiros?”, perguntei. “É os alemão do morro São João que deram tiro e saiu todo mundo correndo pra tudo que é lado. Eu quase levei um tiro, saí correndo e veio um tiro numa parede e o que sobrou da bala bateu no meu olho”, contava, sorrindo, João Rivaldo. “Que horror！”, exclamei. João Rivaldo virou-se e saiu rindo.

Ainda, algumas vezes os jovens, durante momentos de “guerra”, solicitavam a Dona Anastácia para que ela os levasse para outros locais, ou para a casa em Saquarema, ou para o sítio em Petrópolis.

Um dia, Dona Anastácia estava conversando com um pastor e sua assistente, que vieram realizar uma atividade com os jovens. O pastor comentou que há a necessidade de “trabalhar a evangelização, porque eles gostam é de poder, têm que ter ídolos, símbolos e os garotos do tráfico são isso, têm poder e força”, ao que Dona Anastácia concluiu: “por isso eles os idolatram, os adoram”. Ainda, Dona Anastácia comentou com o pastor que estava sem uma casa “para tirar os garotos daqui, como ontem, com aquela confusão, eles já iriam para outro local se tivesse. Tem o sítio em Petrópolis, eles vão de vez em quando, mas não se sentem bem, porque o cara que cuida do sítio põe várias restrições e eles não agem naturalmente. É importante ter esse contato fora, como era em Saquarema, que eu tinha possibilidade de ver o que eles fazem fora daqui. Sem ter um lugar, perco um pouco esse conhecimento que tinha

antes”. Mariana, a assistente do pastor, reafirmou: “é muito importante ter isso, dormir e acordar junto é muito bom, é importante”. Dona Anastácia relatou que “o dono da casa de Saquarema andou me ligando, ele tirou a casa da gente e, provavelmente, queria vender, mas seus planos devem ter sido frustrados e agora ele ligou pra gente alugar novamente talvez. Vou esperar ele ligar novamente pra negociar a casa com ele”. O pastor mencionou que “tem um sítio da Igreja que vai o pessoal, o problema é o dinheiro, porque é 5 reais por pessoa, e no mínimo são 50 pessoas, 250 reais”. “Só isso, que barato! Dá pra gente ir todo final de semana!”, exclamou Dona Anastácia, e contou que no último passeio os meninos organizaram “um bazar e, num final de semana, arrecadaram 800 reais e eu tive que colocar só 70 reais para irem nove garotos”. O pastor, então, disse: “eles podem ir e levar mais alguns jovens para ajudar”. “A gente pode ir todo final de semana!”, concluiu Dona Anastácia.

Numa outra ocasião, cheguei ao Centro Comunitário e percebi que não havia luz. Dona Anastácia e Delma estavam sentadas, no meio do saguão, olhando em direção à rua e, ao seu lado, uma escada de madeira aberta. Aproximei-me delas e perguntei: “está sem luz?”. “O Centro está em estado de sítio”, respondeu Dona Anastácia, e explicou: “teve invasão da polícia, invasão de bandido, falta de luz, a chuva, não sei onde isso vai parar! Amanhã eu tenho que sair e tenho medo de, quando voltar, não encontrar o morro aqui, não sei de que jeito vou encontrar o morro”. Delma, então, deu sua opinião: “eu acho que a senhora não tinha que sair coisa nenhuma”. “Também acho, porque não sei o que pode acontecer”, refletiu Dona Anastácia.

Olhando para a rua, Dona Anastácia comentou: “esses garotos estão tudo agitado, ficam de um lado pro outro, por causa da guerra”.

Depois saí e fui à biblioteca procurar Rogério. Lá estavam além dele, os jovens e Sirlândia. Logo que entrei na sala, João Rivaldo, sorrindo, perguntou: “trouxe as fotos?”. Em seguida os outros também perguntaram. Todos me olharam, enquanto Rogério e Jerônimo continuaram a segurar um pequeno quadro-negro, onde estavam escritas algumas coisas sobre a Páscoa. Eu disse a eles que mais tarde mostraria as fotografias do passeio que havíamos feito à praia do Recreio, porque agora eles estavam em atividade com o Rogério. Os jovens, imediatamente, disseram: “Já terminamos”. Entreguei as fotos a cada um deles e o álbum para que vissem. Sirlândia pediu-me o negativo para fazer um “mural”, mas não conseguiu olhar as fotografias, porque os jovens não passavam para ela, por mais que ela pedisse para ver.

Lindomar, olhando as fotos, comentou, sorrindo: “a gente tem que marcar outro passeio desses”. “Por que você não foi?”, perguntei. Não comprehendi direito sua resposta. Então, Jerônimo, que estava sentado ao meu lado, em diagonal, disse: “eu não fui porque eu

tinha ido para Campo Grande”. “O que você foi fazer lá?”, indaguei. “Fui na casa da minha tia”, respondeu Jerônimo.

Pouco depois, Vicente perguntou se eu também iria ao passeio que eles fariam no dia seguinte a Petrópolis. Respondi-lhe que não. “Por quê?”, indagou Vicente. “Porque eu tenho muitas coisas para fazer, não posso ficar dois dias fora”, justifiquei; mas o motivo pelo qual eu não iria ao passeio era porque não havia sido convidada.

Em seguida, Fabrício chamou outros jovens para irem conversar com Dona Anastácia. Aos poucos, eles foram saindo e descendo para a sala de reuniões, no saguão. Eu, Rogério e Sirlândia também descemos.

No final da escada estavam Muriel e Fabiana, junto ao portão, usando um crachá onde se lia “Fiscal”. Cumprimentei-as e perguntei a Muriel se estava tudo bem, visto que ela estava com uma expressão de tristeza. Muriel explicou-me que é “porque já estou de saco cheio, cheia de tudo”.

Comentei que ela estava cuidando do portão; “sim, por causa das crianças, para elas não subirem lá para cima”, expôs Muriel, devido às atividades da Faetec.

Então, entrei na sala de reuniões ao lado da escada. As luzes estavam apagadas e a porta aberta. Dona Anastácia e Simone estavam sentadas de frente para os jovens. Pouco depois, Raquel, a psicóloga, entrou na sala. Vicente, que havia ido buscar uma cadeira, entregou-a a ela, que foi se sentar no fundo da sala. Depois Vicente buscou uma cadeira para mim e uma para ele.

Sirlândia discutia alguma coisa com os jovens, e disse a Lindomar: “não adianta fazer essa cara, porque alguns vão sair, não se sabe quem ainda, é difícil”. Ele fechou o rosto e assim permaneceu, inclusive quando ela confirmou os nomes daqueles que iriam ao passeio no dia seguinte, e o dele estava. Lindomar disse que não iria. Os outros jovens perguntaram a ele: “você não vai mesmo se a gente for hoje?”, “não vou nunca”, respondeu Lindomar, olhando para o chão. Sirlândia olhou para Dona Anastácia em busca de alguma reação dela diante do comportamento do jovem, mas não obteve, naquele momento, e disse: “então...” e continuou a dizer os nomes daqueles que iriam ao passeio.

Em seguida, Dona Anastácia começou a chamar a atenção dos jovens sobre seus comportamentos: “vocês não estão chegando no horário [...] eu já disse que quem for em casa na hora do almoço não é para vir almoçar aqui no Centro, porque o almoço aqui é pra vocês não precisarem sair daqui. Se fosse no trabalho, o patrão não daria essa moleza para vocês, se fosse 10 minutos de lanche é 10 minutos de lanche, se for 1 hora de almoço é 1 hora de almoço. Se vocês não quiserem ficar aqui é só sair, aqui é uma preparação pra vida. Tem um

monte de gente precisando, como o Érico, que passou a manhã inteira aqui, mãe e filho, a mãe dele até chorou, desesperada, para ele entrar no projeto [...]. Está cheio de gente desesperada assim, e se vocês não quiserem ficar, digam para dar a vaga a outros”.

“Por que a senhora não faz o cartão de ponto, como eu sugerir?”, perguntou Humberto. “Posso até fazer, mas a questão não é essa”, respondeu Dona Anastácia. “Vocês precisam chegar a esse ponto, gente? De assinar o ponto?!” questionou, indignada, Sirlândia.

Então, Dona Anastácia começou a explicar aos jovens sobre o passeio que fariam no dia seguinte: “vocês vão para o sítio do Seu João¹⁸⁷; ele e Dona Joana já me ligaram e está tudo certo. Amanhã vocês irão lá fazer esse trabalho, como costumam ir de vez em quando. Esse sítio é de uma ONG internacional, que recebe gente o ano todo, principalmente na alta temporada. O sítio tem custos, e alguns custos são pagos pelas diárias dos hóspedes, porque é tipo um hotel, mas o sítio é muito grande e precisa de uma jardinagem, capinagem, de uma pintura, e muitas vezes eles não têm quem faça, ainda mais na baixa temporada, que não tem gente que vai para lá. Como o Centro não pode pagar a diária, que é 40 reais por pessoa, eu levo um grupo para fazer esses trabalhos e pago um pouco também. Às vezes, levo os garis comunitários comigo, mas dessa vez não vou levar porque na semana passada já pedi ao Mércio [presidente da Associação de Moradores] os garis para fazerem o concreto, virarem a laje na creche, e não tenho cara de pedir novamente ao Mércio, porque não pode tirar os garis de seu trabalho todo dia. Até pode, mas o trabalho deles na comunidade vai ficar sem fazer, ainda mais agora que teve chuva, tem mais trabalho na comunidade”.

“E nós?”, perguntou Humberto. “Eu vou levar vocês, mas o Ivonei, o homem que coordena lá, não gosta muito de receber o grupo daqui, porque numa outra vez, ele disse que algum dos garotos foi para lá fumar maconha; descobriram um lugar lá, que nem eu sabia que existia e quando a gente foi embora, o cara descobriu que alguém foi lá fumar maconha, eu não sei quem do grupo; então, ele não gosta muito, não tem o coração aberto para nos receber, o nosso grupo. Eu fico até meio assim de ir lá, mas Seu João e a Dona Joana falaram com ele, explicaram que era bom para os garotos irem para lá. Então eles me ligaram e eu disse que se o Ivonei está de coração aberto, então a gente vai. Mas vocês têm que se comportar, cada um vai ter seu quarto, sua cama para dormir. Não é que nem em Saquarema que tem colchonete e fica tudo aberto; não é para chegar lá abrindo geladeira, está tudo à disposição, não fica nada escondido, então não é para vocês mexerem. Porque quando se vai a um lugar e tem uma chave, não se entra, mas quando se vai e não tem chave alguma, tem que saber que não pode

¹⁸⁷ Este é o sítio pertencente ao grupo do “rearmamento moral”.

mexer, porque é a confiança, a confiança total. Cada um deve levar dois lençóis”, explicou Dona Anastácia. “Eu não tenho bolsa para levar, perdi a minha”, disse Jerônimo. Sirlândia lembrou que eles deveriam levar toalhas também. Dona Anastácia reforçou que: “é pra vocês levarem, porque senão, lá, as mulheres terão que lavar 30 lençóis e isso custa mais dinheiro, pois vai sabão, etc.”. Eles ficaram perguntando como eles iriam levar dois lençóis.

Dona Anastácia avisou ainda que eles sairiam no dia seguinte, às sete horas da manhã. Então, Fabrício disse: “a senhora chegou justamente no ponto em que a gente queria”, e outros o acompanharam. Dona Anastácia continuou definindo como seria: “vocês vão chegar lá, ter uma reunião, depois vão trabalhar e nem vai dar tempo para o futebol talvez”. Os jovens ficavam cochichando “quem vai falar?”. Nesse momento, Tomás, Fabrício e Humberto tomaram a iniciativa e anunciaram: “por causa da guerra que teve ontem no morro, a gente quer ir hoje, porque os caras, com certeza, irão voltar hoje à noite e a gente não sabe se a gente vai estar vivo amanhã, porque é muito tiro. E se for para sair às sete, e eles estiverem no morro, nem pensar em sair, porque é a hora que eles estão indo embora”; outro jovem lembrou: “é a hora que a polícia está subindo o morro, ainda mais que vão ver a gente descer de mochila, vão pensar certamente que a gente é traficante e vão atirar ou nos prender, principalmente, quem mora lá no lote, lá em cima, como o André, não vai conseguir sair de jeito nenhum”.

Dona Anastácia argumentou que “para ir para lá, precisa toda uma preparação: comida, ver os lençóis e as toalhas”. “Nem todos trouxeram a autorização; dois, que disseram que vão, nem levaram a autorização para casa”, salientou Sirlândia. Os jovens que estavam ali se dispuseram a avisar os outros que não estavam e levar as autorizações para as mães assinarem e depois, quando descessem, já vinham com tudo. Tomás sugeriu que eles fossem pelas 10 horas da noite, depois da escola; outros lembraram: “se tiver escola, porque ontem não teve”. “Não teve as escolas daqui, mas tem gente que estuda em outras”, mencionou Dona Anastácia. “Na escola Argentina [no Boulevard 28 de Setembro] também não teve. E mesmo que tivesse, quem vai? Como vai subir às 10 horas depois, ainda mais com mochila, em pleno tiroteio? Ninguém vai à escola!”, analisaram os jovens. Dona Anastácia disse a eles que iria pensar no assunto. Sirlândia disse que iria ver o que poderia ser feito para eles irem naquele mesmo dia para o sítio. Os jovens frisaram: “a gente não pode dormir no morro hoje, porque a gente não sabe se amanhã a gente vai estar vivo”. Então, Dona Anastácia ressaltou: “vocês até podem sair do morro hoje, mas vão voltar e passar o resto da vida aqui no morro. Essa é realidade de vocês”.

Ainda, durante a conversa os jovens disseram que não dormiram a noite inteira. Dona Anastácia comentou que “hoje, a Sirlândia não chegou de manhã porque a polícia estava no morro e ela não podia subir”.

Todo tempo que estivemos ali, dois homens, que estavam arrumando a luz, entravam e saiam da sala, medindo a corrente elétrica nas tomadas. Gritavam um para o outro se estava bom ou não, a luz apagava e acendia.

Dona Anastácia e Sirlândia comentaram sobre Jovelina. Dona Anastácia disse: “agí certo em tirá-la do projeto, ela se prejudicou por uma atitude dela, e eu sei que eles [os jovens] sabem que eu tenho razão. Ontem ela ainda andava aí na frente, metida em alguma confusão que eu ainda não sei o que é, mas vou saber”.

Os jovens e Rogério saíram da sala, e eu, Dona Anastácia, Sirlândia e Raquel permanecemos. Estas duas últimas comentaram que os jovens “estão muito agitados e não param de falar que não querem dormir aqui”. “O problema é que ir para o sítio hoje, eles não terão toda preparação que teriam amanhã, as reuniões, o trabalho, vão chegar somente para dormir e não terão toda preparação necessária, porque eles não vão estar lá para se divertir”, justificou Dona Anastácia. Raquel, indagou, “e se falasse com eles, explicasse, se eles já fossem de banho tomado?”. Dona Anastácia argumentou: “É meio difícil controlar, não tem controle, eles querem ir para a bagunça! Eles vão ficar conversando até tarde. E eles lá do sítio não querem que aquilo seja usado como refúgio, tem todo um trabalho e já está combinado deles irem amanhã. Como eu vou falar para eles não sentirem que estão sendo usados como refúgio? Nesse final de semana teve um trabalho da Igreja lá, um encontro de casais. Foi muito bom, todos gostaram, foi até gente do São João [falou baixando o tom de voz], porque tem um trabalho com crianças na Igreja e muitas vêm os pais beberem, usarem drogas, alguns pais são traficantes e, então, foram para o trabalho no sítio, teve uma equipe de trabalho, teve palestrantes; a mulher do Velasco e o Velasco também foram; até uma mulher que é traficante no São João foi, falou que quer largar a maconha, mas cada vez que ela está sem dinheiro, cai uma carga na mão dela, e ela vende para comprar comida, pasta de dente, mas quer largar”. Sirlândia, então, comentou: “que coisa, não é?! Parece uma tentação!”. “Eu até conheci um casal evangélico que faz um trabalho, há 20 anos, com usuários de drogas lá em Vargem Grande, e eu quero falar com eles para os garotos irem passar um dia lá com eles”, mencionou Dona Anastácia. E sobre os jovens disse: “se eu estivesse com uma casa alugada em Saquarema, como antes, eu pegava eles e ia para lá, sem problemas” e sugeriu que os jovens fossem dormir no “Abrigo”, “eu levo a TV pra eles não mexerem com os meninos do Abrigo”. Sirlândia disse que telefonaria para o “Abrigo” para perguntar se os jovens

poderiam dormir lá e, então, tomarem as providências. Raquel foi fazer a entrevista de triagem de Érico, que já a estava esperando.

Por fim, Dona Anastácia comentou sobre uma vaga de emprego que tem ali, mas que não poderia colocar os jovens “porque eles não têm Segundo Grau [...]. Tem os garotos que saíram do projeto, mas continuam ligados, eu não consigo desgrudá-los: o Arcanjo, o Lineu e Leonel. O Leonel, a gente até vai assinar a carteira dele, para ganhar 400 reais, mas ele continua almoçando aqui e nem poderia, porque só tem almoço para os professores do Esperança de Vida, que é único projeto que tem comida; os outros profissionais têm que pagar, é uma quantia irrigária de 2 reais, mas tem que ter e a gente não pode cobrar dele, porque ele vai ficar ofendidíssimo, eles se acham, porque foram do projeto e também porque ele é doente, doidinho, a gente fica com pena e não cobra, ele é lelé da cabeça, tem problemas mentais”. Perguntei para Dona Anastácia para o quê era vaga de emprego. “Agente de segurança”, respondeu-me.

Depois, subi para a biblioteca. Rogério estava lendo uma poesia com Humberto, e logo chegaram Tomás, Armando, André e Ivaldo, primo de Humberto. Os jovens se sentaram e começaram a conversar sobre o passeio e a “guerra”. Afirmavam que queriam ir “hoje, porque é certo que eles vão voltar hoje, vai ter a guerra”. Começaram, então, a relembrar a última “guerra”, ocorrida no ano retrasado, em 2002¹⁸⁸. Esta ocorreu “quinta, sexta e sábado. Teve muito tiro, granada, quando tiraram o Idosinho, o Doidão ficou”. “Foi bem na época que deram um golpe de Estado no Idosinho”, contou Humberto. “Não foi quando prenderam aquele [...]”, perguntou Tomás. “Foi quando deram o golpe de Estado nele, porque os próprios caras entregaram ele”, disse Humberto. Contaram ainda que naquela “guerra morreram seis pessoas”; foram dizendo quem eram e perguntando um ao outro se haviam visto os mortos.

Os jovens relataram, ainda, que na “guerra” anterior, em 2002, “invadiram a casa das pessoas”. Humberto expôs que entraram no portão de sua casa e “parecia que estavam invadindo a casa, o meu coração ficou pulando, disparado”. “Eles invadiram a casa da minha tia, com um capuz preto, um levantou o capuz e disse: ‘é nós, tia, é nós’”, declarou Tomás. Descreveram, ainda, que “mais de 100 invadiram o morro, vieram de outros cinco morros e até de São Paulo, do PCC, para ajudar e como eles vieram até aqui, eles queriam era matar,

¹⁸⁸ Esta “guerra” ocorreu em maio de 2002, quando os traficantes do Morro São João, identificados ao Comando Vermelho, e, segundo os jovens, nesse momento associados ao PCC de São Paulo, invadiram o Morro dos Macacos. Devido ao conflito, muitas pessoas saíram do morro e foram se abrigar no DETRAN, que na época emprestava suas dependências para a Escola de Samba Unidos de Vila Isabel. Esta “guerra” foi amplamente noticiada nos meios de comunicação de massa.

não iam vir e voltar sem nada, e davam tiro para todo lado, mataram inocentes”. Narraram, ainda, que “Aloan atirou em um policial e ele estava numa casa com outros dois caras se escondendo e foi o único que ficou vivo porque se escondeu embaixo do colchão. Um deles, como estava escuro, ficou em um canto da parede pensando que não iam ver ele, aí os caras estavam passando do lado de fora, disseram que ouviram barulho: ‘pára aí, tem gente aqui dentro’, abriram a porta e metralharam os dois, e o Aloan ficou vivo”. Por fim, disseram que muitas pessoas foram para o DETRAN, que na época emprestava o espaço para a Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, principalmente quem mora lá em cima. Tomás disse que foi até o DETRAN e viu João Rivaldo dormindo em cima de alguma coisa, “muitos foram para lá” na “guerra” anterior, e “ontem um monte de gente foi para a praça, porque não puderam entrar no morro”.

Pouco depois, Sirlândia entrou na sala anunciando que “Dona Anastácia disse que vocês podem dormir no Abrigo”. “Lá é até pior, porque os caras podem dar [entregá-los, denunciá-los] que eles estão lá e matarem eles, os caras daqui mesmo, porque vão ver um monte de cara indo de mochila, vão pensar o quê?!””, indagaram. “Mas por que eles iriam matar vocês?”, questionei. “Porque os caras querem matar qualquer um, e dali mesmo poderiam ‘dar’ eles”, responderam. “É, porque iriam matar vocês? Vocês ficam pela rua? Se ficarem quietos dentro de casa não tem problema!”, opinou Sirlândia. “Não tem?!””, inquiriu André, ao que se seguiram os outros: “dentro de casa é que tem, porque eles invadem, não querem nem saber, muita gente morre dentro de casa!”. “É, então não sei como ajudar vocês. A Dona Anastácia arrumou o Abrigo, mas se vocês não querem é porque querem ir pro sítio para fazer bagunça”, disse Sirlândia. “Não, a gente quer sair daqui pra não morrer, porque eles já avisaram que vão vir hoje. Eles avisam quando vão, ontem avisaram que viriam para Dona Anastácia, mas que o Leal não deu bola”, explicaram os jovens. “Por que eles avisam?”, perguntei. “Para os moradores saírem”, responderam. Os jovens contaram, ainda, que: “eles usam carros e kombis, até caminhões de entrega para invadir [...]. Às vezes, eles avisam que vêm hoje, por exemplo; aí eles não vêm, os caras relaxam, pensam: ‘ah não vieram hoje, não vão vir’, e aí eles vêm e pegam todos de surpresa”. E Sirlândia reafirmou: “É, então não sei como ajudar, a Dona Anastácia arranjou lá, mas vocês não querem, fiquem aqui mesmo no morro”.

Enquanto os jovens discorriam, Rogério, de vez em quando, me olhava e, mais tarde, me disse: “é brabo, que coisa não é?!”.

Os relatos dos jovens mesclam momentos de tristeza com um tom de orgulho, quando, por exemplo, narram algo feito contra o São João ou contra policiais.

Rogério comentou, nesse dia, que João Rivaldo faria aniversário no mesmo dia que ele, então ele pediu para a Fiona fazer um bolo para eles, vai trazer uns leites condensados e outras coisas que ela precisar.

Depois que os jovens saíram, Sirlândia considerou: “os garotos não deixam de ter razão, faz sentido o que eles dizem, mas vou fazer o quê? Ontem, eu estava lá no Abrigo e foi horrível, duas horas de tiros, aquelas rajadas; o morro, a delegacia, tudo apagado, eu fiquei com medo e hoje de manhã quando cheguei não pude nem subir, de tanta polícia, tudo apagado, os trabalhadores descendo e a polícia subindo. Aí eu fiquei no Abrigo”. Rogério comentou que passou de ônibus ali pela frente, ontem, pela uma hora da madrugada, e não vi nada”. Pouco depois ele saiu da sala.

Fiquei ali, com Sirlândia, e perguntei a ela quem havia entrado e quem havia saído do “projeto”. Sirlândia disse-me que “Nozimar, Jovelina e Valério saíram e entraram Tomás, Ivaldo e Ednardo, filho do gari comunitário”. “Por que eles saíram?”, questionei. “A Jovelina e o Valério por causa de uma briga num baile; a Jovelina estava com um cara envolvido e ficava toda hora passando pelo Valério e o empurrando. Então, numa hora ele passou uma rasteira nela, ela caiu e o cara envolvido bateu nela. Eu sei é que segunda-feira o assunto era esse aqui. Dona Anastácia ficou sabendo e tirou os dois do projeto. Jovelina veio falar comigo e com Dona Anastácia e Dona Anastácia disse que não ia mais poder ficar. Então, Jovelina disse que esse projeto era tudo para ela, mas mesmo assim Dona Anastácia não deixou ela ficar, ela foi para casa e tentou o suicídio”, narrou-me Sirlândia. “Como, com quê?”, indaguei. “Ela chegou em casa e brigou com a prima por causa de um tênis, então a avó, que estava por aqui com ela, deu vassouradas nela e ela tomou querosene, Veja, e outras coisas. A Cláudia chegou aqui correndo e chorando dizendo que a Jovelina tentou se matar e foi para o hospital do Andaraí. Ela já tinha feito isso quando namorava o Valério. Quando ele quis terminar com ela e ela disse que iria se matar, tentou, e ele acabou ficando com ela, para chamar a atenção, como agora”, avaliou Sirlândia. E completou dizendo que Jovelina “está fazendo acompanhamento psicológico aqui, mas a psicóloga já disse que vai encaminhar ela pro Piquet Carneiro, para outro lugar, e é chato, porque ela perdeu tudo o que tinha, está aqui só fazendo o desligamento”. Quanto à saída de Nozimar do “projeto”, Sirlândia contou-me que o pai deste havia lhe arrumado um emprego, “ele foi, mas os outros jovens eram, a maioria, do Comando Vermelho, e implicavam com ele, aí ele não quis ficar e pediu para voltar para o ‘projeto’ e Dona Anastácia não deixou [...]. Vou encaminhar ele para o Piquet Carneiro, para FIA, outra instituição”. “O que é o Piquet Carneiro?!””, perguntei. “É um hospital psicológico, psiquiátrico, do outro lado da Mangueira”, respondeu.

Depois disso, saímos da biblioteca, eu fui até à cozinha. Os jovens estavam ao lado, na “Casa da Árvore”, conversando sobre a “guerra”, que “os bandidos dão tiros de 1.30, 1.50, 1.80”. “Isso é o tamanho da bala?”, questionei. “Da arma. 1.30, 1.50, 1.80 é da arma; arrebenta a cabeça de uma pessoa; têm granadas, de tamanhos diferentes”, explicaram. “É?”, indaguei. “Sim, o Tomás perdeu os dedos por isso”, comentaram, e Tomás mostrou a mão esquerda, sem o dedo mínimo e o anular. Os jovens analisaram brincando: “por isso ele é queimado, é preto desse jeito”. Tomás contou que “perdi os dedos porque a granada explodiu na minha mão; eu ia atirar, vieram atirando para cima de mim, aí eu me abaixei e levantei novamente e fui atirar. Nisso, eu vi a granada explodindo e perdi os dedos”. “Você teve sorte de não perder a mão”, comentei. “Eu tive sorte de não morrer!”, concluiu, mostrando, ainda, uma cicatriz no queixo e marcas de pontos no braço direito. Tomás, descontraendo disse: “agora eu tenho poder sobre as cabeça de nêgo”, e simulou que estendendo a mão sobre ela, ela não explode, “só explode se eu estalar os dedos”, e estalou. Os jovens riram. Depois, Tomás ficou matando moscas, que os outros jovens chamavam de mosquito. Ivaldo perguntou “o que é essa coisa branca na bunda da mosca?”. “São as intimidades dela”, respondeu Tomás. Eu e Rogério rimos e este disse que traria, na próxima aula, um livro sobre os insetos.

Depois de um tempo, desci para o saguão. Átila, irmão de Lindomar, estava sentado em frente à porta do curso de panificação. Aproximei-me, ele e outros me disseram que estavam esperando o pão ficar pronto, e que estão fazendo o curso.

Posteriormente, Soraia chegou e começou a conversar com Fabiana, indagando se haveria aula naquele dia, “porque ontem não teve e eu fiquei trancada aqui até tarde por causa do tiroteio e eu passei, agora, onde meus alunos ficam e não vi ninguém. Está estranho”. Fiona aproximou-se e, junto com Fabiana, disse “na última guerra [em 2002], foram três dias direto, com muitos tiros; até mataram uma garota inocente e depois os próprios parceiros o mataram. Parece que agora mataram uma mulher grávida inocente lá do São João”; ao que Soraia exclamou: “aí, então, eles vão vir!”. “Eles ficaram pouco tempo porque acabou a munição, foi muito tiro”, comentou Fiona e depois saiu. Fátima saiu.

Ainda nesse dia, mais tarde, estávamos eu, Soraia, Brenda, Anita e Nora conversando na cozinha e, entre outros assuntos, abordaram “o tiroteio de ontem”, quando elas, exceto Nora, que estava em sua casa, estavam no Centro Comunitário. Brenda comentou: “Aretuza não pode ver um carro! Ontem teve um carro que estava saindo, deu carona e Aretuza se mandou, até esqueceu de mim. Pelo menos o Liliquinho é meu amigo e me levou até o ponto de ônibus, arriscando levar um tiro e tudo. Isso não se faz, até o meu marido ficou chateado com a Aretuza. A Aretuza só se lembrou de mim depois que chegou em casa e aí ligou, lá

pelas 11 horas, para saber como eu estava, como eu tinha chegado. Mas na hora de ir embora, entrou dentro do carro e nem se lembrou de mim!”.

Em seguida, Delma despediu-se e junto com Dona Anastácia saiu com Alisson. Nesse momento, eu e Rogério também estávamos indo embora da entidade. Passamos pela Kombi e Dona Anastácia ofereceu-nos uma carona até o Banco do Brasil, próximo ao *shopping* Iguatemi. Jerônimo pediu uma carona até a “pedreira”. Logo que ele se sentou, Alisson solicitou que ele visse “a história dentro da minha mochila, no bolso de fora, mas não é para você pegar os 50 reais que estão solto aí”. “Tá”, respondeu Jerônimo. Alisson novamente o advertiu e dirigindo foi observando Jerônimo pelo espelho retrovisor. Jerônimo retirou do bolso da mochila de Alisson um anel grosso e uma pulseira e os examinou. “Você sabe ver se é ouro?”, perguntei. “Pelo peso”, respondeu. Eu e Rogério olhamos o anel e Jerônimo disse: “Fernanda, vem escrito 24 quilates ou 7 gema, esse é melhor, vale mais do que 24 quilates”. Enquanto falava, procurava algo escrito no anel e na pulseira. Na “pedreira”, depois da descida do Terreirinho, Alisson parou para ele descer, então Jerônimo disse a Alisson: “depois eu acerto contigo”. Fomos embora. Alisson nos deixou em frente ao Banco do Brasil.

Nesse dia, logo que cheguei em casa, procurei em diversos jornais alguma notícia sobre a “guerra”, mas não encontrei menção alguma, como em diversas outras situações deste tipo que a mídia não noticiou. Isto ocorreu no final de março de 2004, quando os traficantes do morro São João “invadiram” o Morro dos Macacos, à noite, acontecendo um grande tiroteio. Por isso algumas pessoas que estavam fora do morro não puderam entrar em suas casas, esperando na Praça Barão de Drummond o cessar fogo. Pela manhã a polícia “ocupou” o Morro dos Macacos, visando a pôr fim na contenda entre os traficantes dos morros rivais, mas pela sua presença, ocorreu outro tiroteio, agora entre policiais e traficantes, e por isso, muitos trabalhadores não podiam sair para ir trabalhar. Mesmo quem trabalhava no Centro Comunitário, e não morava no local, podia entrar no morro.

Numa outra situação, em um almoço que Fabíola organizou em sua casa para os jovens, e do qual eu e Rogério participamos, nós três conversamos sobre o “projeto” e os jovens, enquanto estes brincavam. Fabíola comentou que não gostaria que Sirlândia estivesse ali, “senão já iria estar mandando nos garotos e eles estão aqui para sair um pouco da favela, para se divertir e a Sirlândia estaria dizendo ‘têm que inserir no mercado de trabalho’”. Fabíola, ainda, comentou que Sirlândia deveria ter um horário para desenvolver alguma atividade com os jovens e não apenas “ficar só mandando nos outros e falando mal da equipe e dos meninos. A Sirlândia fala alto e em qualquer lugar que a ‘minha equipe é uma merda’, e eu já disse para ela que não acho. Não tem nenhuma pedagoga na equipe, só psicólogo, e três.

E não têm planejamento, não têm nada, só querem inserir no mercado de trabalho, mas não trabalham nem a base, que é a cidadania, não trabalha nem a cidadania desses garotos”. E deu o exemplo de Jurandir, que estava ali e não quis ir junto com o filho de Fabíola na favela próxima, para comprar pipa, “porque disse que os garotos os reconheceriam”. “Tem que trabalhar isso, o direito de ir e vir”, ressaltou Fabíola, “e ficar”, completou uma amiga dela que estava presente. “Eles têm que saber que não são marcados”, insistiu Fabíola, e contou a história de um filme que quer passar para os jovens sobre “um cara que era de uma gangue e ele tinha uma marca embaixo do olho, que todo mundo via e já sabia. Mas os garotos não têm, essa marca é psicológica e tem que tirar deles, eles têm que saber que podem andar por tudo. O Velasco e o Wanderlei não têm essa marca, eles andam por tudo”. “Mas eles são de outra geração, talvez não é por isso que eles andem por tudo? Antes tinha isso?”, perguntei. “Não, isso é de agora”, responderam. “Eu fiz trabalho no São João e agora faço lá [no Morro dos Macacos] e ando de um lado para outro”, disse Fabíola. E, ainda, que “a Dona Anastácia trabalha lá no Macaco e vai à Igreja no São João, não deixa essa marca tomar conta. A prima mesmo do Fabrício, que trabalhava comigo, quando tinha que subir o São João para buscar ou levar crianças, ela ia, não deixava essa marca tomar conta, só dizia ‘a minha mãe, se souber, tem uma coisa, ela não pode saber’. Eles têm que aprender e não só inserir no mercado de trabalho”, concluiu Fabíola.

Numa das reuniões da equipe em que Dona Anastácia participou, comentei que Aloan não queria fazer o curso de padaria, como a equipe havia determinado. Valéria, então, contou que Aloan tem um tio que é padeiro e já o convidou diversas vezes para trabalhar com ele, mas Aloan não quis, “ele deve ter uma questão com o tio que ele transferiu para o pão”, concluiu Valéria. “Ele gosta de outras coisas, quer mais na vida, ele gosta de fotografia, de computador”, observei. Dona Anastácia, não gostando de meu comentário, disse: “esses garotos são perigosos, o Aloan é um, veio do tráfico, tem umas atitudes ainda do tráfico, já deu tiro em polícia, a polícia anda atrás dele porque sabe que ele deu tiro em polícia, está em liberdade assistida, de repente a gente está ajudando eles a sair daqui patrão¹⁸⁹. Com computador e informática saem daqui patrão já. Tem que ter cuidado”. E contou que Lineu, também, tinha sido do tráfico, “ele tem todo jeito de patrão, o jeito de andar, olhar, não sorri à toa, cuida muito bem do dinheiro, faz a contabilidade do t@í direitinho”, comentou. Aventaram que a função dele no tráfico deveria ser relacionada à contagem de dinheiro. Dona Anastácia disse, ainda, que Lineu saiu do projeto porque quis, pois, certa vez, ela o pressionou

¹⁸⁹ “Patrão”, aqui neste contexto, é sinônimo para “dono do morro”, isto é, o traficante do local.

“ou você faz tal atividade ou você sai”. Então, Lineu decidiu sair, mas ficou como “monitor no t@í.com”. “Ele quer ser patrão e tem todo jeito, até com a namorada, ele a trata como um patrão do morro, cuidando só de longe, só com os olhos. A menina morre de medo dele, tem um medo enorme!”, comentou Dona Anastácia. “Ele deve bater nela”, sugeriu Valéria. “O Lineu não namora na minha frente, porque ele sabe que eu não gosto, ele fica só controlando a garota, de longe”, contou Dona Anastácia e, rindo, ainda disse: “os outros tiram onda dele porque ela é gordinha, que ela vai tirar toda a água da piscina, e ele não fala nada, fica bem quieto, só olhando. E a garota é apaixonada por ele, toda hora manda torpedo apaixonado para ele”.

3.3. O baile *funk*

Os jovens, nas noites de sábado e domingo, iam ao baile *funk* realizado na quadra do CIEP. O baile, como um momento de sociabilidade, reforça o vínculo entre eles. Ainda, o *funk* é parte integrante da identidade desses jovens.¹⁹⁰

Numa primeira vez que tentei ir a um baile *funk*, os jovens me disseram que freqüentavam o baile na quadra da Escola de Samba, no Boulevard 28 de Setembro, as “matinês” nos domingos à tarde. Num domingo, fui até a quadra. Quando cheguei havia, na entrada, um carro da Polícia Militar e uma banquinha vendendo doces e bebidas. No interior da quadra não havia nenhuma movimentação, o portão de ferro estava fechado e havia um cartaz escrito, com caneta esferográfica azul: “WIANNA DISCO FUNK informa que por motivos de força maior não haverá a matinê mix nesse domingo, sendo transferido para o próximo dia 22/06/2003 – Atração: Bonde do Vinho, a confirmar”. Fui embora.

No dia seguinte, fui ao Centro Comunitário e comentei com os jovens que eu havia ido à quadra da Escola da Samba, mas estava tudo fechado. Eles me informaram, então, que o baile não é mais na quadra da Escola, é no morro, aos sábados e domingos. João Rivaldo disse: “pode vim que tu vai encontrar com a gente”. “Aqui ó, pode vim”, repetiu Vicente. Declarei que eu não saberia vir. João Rivaldo olhou-me e indagou: “tu não sabe entrar aqui na comunidade?!”. Respondi que sei, mas eu não saberia onde é o baile. Eles me explicaram.

A partir desse dia, falamos diversas vezes sobre a minha ida a um baile *funk*. Os jovens ficavam contando como era, o que acontecia e insistindo para que eu e Rogério

¹⁹⁰ Sobre *funk* e identidades juvenis ver, entre outros, Vianna (1997a, 1997b e 2000), Cechetto (1997 e 1998) e Cunha (2001).

fôssemos. Um dia, conversando com Adoniran, perguntei se somente as pessoas que moram ali iam ao baile, ele respondeu que os moradores e os “amigos, as pessoas do morro amigo daqui, do Dendê...”. Indaguei, ainda, se era necessário pagar a entrada; “só quando é equipe grande, cara, aí tem que pagar”, disse Adoniran.

Num outro dia, os jovens me perguntaram se eu iria ao baile no sábado. Respondi que iria somente se eles fossem me esperar lá na frente, na entrada do morro. André, então, me deu o número de seu telefone celular para eu ligar e combinar com ele. Nesse momento, Alice, secretária da Associação de Moradores, entrou no Centro Comunitário e os jovens anunciaram a ela que a gente – eu e Rogério – iríamos ao baile. Alice avisou-nos que tínhamos que “trazer um quilo de alimento, porque agora em todos os bailes vai ser assim”. Os jovens riam, e ela explicou: “é, quem não levar não entra, quem for com dinheiro não entra, a gente está fazendo o baile da fome zero, queremos arrecadar uma tonelada de alimento para distribuir uma cesta básica lá em cima”. Os jovens disseram, ainda, que “o baile fica bom lá pela uma, uma e meia da manhã”.

Mais tarde, nesse dia, os jovens comentaram que no baile “vai ter tiro, bandido armado, mas não é para ninguém sair”. “Se os tiros não forem em mim!”, exclamei. “São pra cima”, tranquilizaram-nos os jovens. “Mas não cai em cima da gente?”, indagou Rogério. Os jovens responderam que não.

Não fui ao baile no sábado próximo a esse dia em que combinamos. Fui dez dias depois. Nesse período, os jovens ficavam comentando que teria baile com os Racionais MCs – grupo paulista de *hip hop*, formado no final dos anos 80.

No dia anterior à minha ida ao baile, conversei com Aloan, que estava sentado em um sofá próximo à sala da informática, junto com dois jovens que não eram do “projeto”. Perguntei a ele se teria mesmo os Racionais no baile. Ele respondeu-me que não. “Vocês me enganaram esse tempo todo!”, exclamei. Um dos jovens que estava ali disse: “eles só vão em baile de Comando”. A princípio não entendi o que aquilo significava, então, Aloan completou: “o PCC de São Paulo não deixa eles virem, só em baile do Comando [Vermelho] [...]. Vai ser o baile da fome zero”, e o outro jovem mostrou-me a camiseta que vestia com o escrito: “Macacos contra a fome”, em azul. Perguntei se tinha que trazer algo, Aloan informou-me que “um quilo de alimento”.

Depois, desci para o saguão. Lá estavam Dona Anastácia e Élide. Contei a elas que eu iria ao baile com os jovens e eles estavam super empolgados e não falavam em outra coisa. “Eles querem te mostrar no baile!”, exclamou Dona Anastácia.

Nesse dia, quando eu estava indo embora, depois de um tiroteio que ocorreu, os jovens advertiram-me para que eu não fosse pela quadra do CIEP. Fui, então, pelo lado que sai na Escola Noel Rosa. Logo após o Centro Comunitário, havia um caminhão descarregando equipamentos de festas, luzes, caixas de som, havia várias mochilas penduradas na porta de trás do caminhão, que estava aberta. Pouco depois, escuto alguém gritar meu nome, olho para o lado e vejo Adoniran, na janela da Kombi, que estava chegando. Digo a ele que virei ao baile no dia seguinte. “Liga pro André”, avisou.

No dia seguinte, sábado, eu telefonei, à tarde, por volta da uma hora, para o celular de André. Uma voz feminina atendeu, pedi para falar com ele, a pessoa respondeu que ele não estava e que era sua irmã. Disse a ela, Cíntia, que eu era professora dele no Centro Comunitário e havia combinado de ir ao baile à noite com ele. “No baile aqui em Vila Isabel?”, exclamou surpresa a jovem. “É”, respondi. “Você pode dizer a hora que eu digo para ele ir te esperar e você pode vim aqui em casa esperar antes do horário”, mencionou Cíntia. Então, pedi que ela anotasse o número do meu telefone, para ela passar para André e ele me telefonar, poderia ser a cobrar, anunciei. Cíntia comentou que não sabia em que horário ele chegaria em casa, mas daria o recado.

Por volta das cinco horas da tarde, Cíntia telefonou-me a cobrar, informando que André havia telefonado para ela e não sabia a que horas chegaria em casa, pois ele “foi numa festinha”, mas se eu quisesse poderia ir ao baile com ela, porque ela também iria. Então, combinamos de nos encontrar a uma e meia da manhã, na entrada do morro, e que eu ligaria para ela quando estivesse saindo de casa. Cíntia lembrou que não sabia como eu era. “Sou branca e tenho cabelos vermelhos”, descrevi. “Ah! Tem uma foto aqui em casa entre o André e o João Rivaldo”, comentou. “Eu sou essa mesma”, confirmei. Cíntia disse, ainda, que Nozimar já havia passado por ali e ela havia comentando com ele que eu iria ao baile. Mencionei que “o João Rivaldo, o Vicente, todos me conhecem”. “Vou levar um dos meninos comigo. Anota o meu celular, porque o André tem o dele e eu tenho o meu, cada um anda com o seu”, declarou Cíntia. Ela me avisou que “o baile era pago e estavam fazendo uma campanha de alimentos, a entrada era um quilo de alimento”; “tem algum que não pode levar”, perguntei; “sal, fubá e farinha”, respondeu-me. Eu e meu companheiro levamos açúcar e feijão.

Meia-noite e meia tornei a telefonar para Cíntia. Avisei-a que eu e meu companheiro já estávamos saindo de casa. “Já?!” respondeu num tom de voz um pouco desanimado. “Sim, porque eu ainda vou esperar o ônibus e nesse horário não tem muitos”. Cíntia pediu que eu telefonasse quando chegasse em frente ao morro.

Chegamos ao local combinado por volta da uma e meia da manhã. Fui tentar telefonar para Cíntia do orelhão quase em frente à entrada do morro, mas os cartões telefônicos que eu havia levado não funcionaram. A rua estava deserta, havia dois rapazes sentados no muro que circunda o Parque Recanto do Trovador, em frente aos orelhões, eles bebiam e conversavam. Fomos até o posto de gasolina, do outro lado da rua, onde havia alguns táxis estacionados com homens, provavelmente taxistas, apoiados sobre os carros, conversando. Lá perguntei ao frentista, que estava sentado ao lado de um jovem usando gorro preto e uma roupa toda preta escrito “apoio”, se ali tinha cartão telefônico para vender. Ele disse que não. Então, atravessamos a rua em direção ao orelhão e fiquei tentando telefonar sem cartão. Nisso, o jovem que usava o gorro preto atravessou a rua e veio até o orelhão junto ao que eu estava, ficou aí por alguns segundos e retornou ao posto, em seguida ele veio novamente em nossa direção e perguntou: “quanto vocês dão num cartão?”. Disse que eu não sabia quanto custava um cartão. “O cara falou que são quatro reais”, disse o jovem. Comprei o cartão dele e, finalmente, consegui falar com Cíntia. Ela perguntou se nenhum dos jovens estava por ali. Disse que não. Cíntia, então, anunciou que já havia pedido para eles descerem e ela já iria descer. Avisei que eu estava do outro lado da rua.

Enquanto eu esperava, percebi um policial militar, atrás de um carro, olhando para o interior do morro. A rua Armando de Albuquerque, a qual ele observava, e por onde nós entrariámos, estava um breu.

Pouco depois, três garotas e Adolfo pararam na entrada da rua. Adolfo atravessou a rua e veio em nossa direção. Voltamos com ele até as jovens, nos apresentamos e nos cumprimentamos. Todas estavam carregando uma sacola com o alimento dentro. Além de Cíntia, estavam Laila e Karina. Cíntia vestia uma blusa tomara-que-caia preta, uma micro-saia jeans *strech*¹⁹¹, e uma sandália, e trazia o celular dentro da blusa. Laila vestia uma blusa de alcinha de jeans com *strech* e uma calça jeans com *strech*, com um cinto de pedrinhas *strass*. Karina estava com uma blusa preta e uma jeans com *strech*.

Fomos caminhando em direção à quadra do CIEP. Laila comentou que Cláudio já estava lá e André estava dormindo, “não dá pra contar com ele”, concluiu. Disse, ainda, que tem uma filha, que está com um ano, com Lindomar. Cíntia também tem um filho.

Chegamos em frente ao “*shopping*”, como é chamado pelos moradores o conjunto de pequenas lojas e bares construídos pelo Favela-Bairro. Havia muitos garotos e garotas parados olhando em direção à quadra do CIEP. O “*shopping*” estava com o portão fechado, formando

¹⁹¹ *Strech* é um tipo de lycra que faz a roupa ficar grudada, colada ao corpo. Esse estilo de roupa seja calça, saia, short ou blusa é usado pelas jovens tanto nos bailes *funk* como fora deles.

uma espécie de contínuo entre ele e a quadra. Os bares que ficam no interior do “shopping” estavam abertos e diversas pessoas estavam aí - a maioria jovens e negras.

“Olha o Cláudio”, anunciou Cíntia. Ele aproximou-se sorrindo e nos cumprimentamos. Perguntei a ele se eles ficaram por ali ou entravam para a quadra. “Pode ficar com elas”, declarou, afastando-se para trás, juntando-se a outros jovens. “Por quê?”, questionei. Todos riram e não obtive uma resposta. As jovens perguntaram se a gente queria entrar, respondi que elas é que sabiam. Então, olharam o relógio, disseram que já era quase duas horas e resolveram entrar. Avisei que nós ficaríamos próximos a elas durante o baile; elas disseram que não se importariam.

A entrada para a quadra estava entre o muro do Recanto do Trovador e o “shopping”, demarcada por uma mesa, e três mulheres que recolhiam os alimentos e os colocavam sobre ela. Uma das mulheres, assim como algumas pessoas na quadra, vestiam camisetas brancas, escrito em azul: “Macacos na guerra contra a fome” - igual àquela do jovem no Centro Comunitário. Entregamos os alimentos que havíamos levado e entramos.

Na quadra ainda havia poucas pessoas, e, conforme iam chegando, ficavam nas laterais, viradas para o centro da quadra, onde, nesse momento, uma senhora, aparentando em torno dos 50 anos, dançava animadamente. Pouco depois, rapidamente a quadra ficou repleta de pessoas. Em certo momento, logo após nossa chegada, um grupo de jovens armados postou-se atrás da gente. Bianco estava entre eles, segurando uma garrafa de uísque; ele passou por nós e me cumprimentou, o que, de certa maneira, me tranquilizou, pois os jovens armados veriam que eu conhecia pessoas que ali moravam, pois, devido à minha cor e, principalmente, pela maneira como eu estava vestida, pelo meu jeito de andar e não saber dançar *funk*, porque não aprendi a “técnica corporal”¹⁹² da dança, não consigo utilizar meu corpo da mesma maneira que as jovens que estavam lá, que dançavam, todas, de maneira semelhante. Assim, as pessoas percebiam que eu não era daquele local.

Minha roupa era bastante diferente daquelas que as jovens usavam: eu vestia uma camiseta *baby look* bege e uma calça corsário verde de jeans. As jovens vestiam minibusas, *tops* de *strecth*, com os seios salientes, calças ou micro-saias também de *strecth*, sapatos de salto alto e estavam maquiadas. As roupas eram nas cores branca, preta e azul; um grupo de três meninas estavam trajadas iguais: blusa de uma alça azul claro e uma mini-saia; outra

¹⁹² Refiro-me aqui às “técnicas corporais” tal como definidas por Mauss (1974:211 *et seq*): “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. Estas técnicas são aprendidas socialmente, incorporadas de tal maneira que se tornam “*habitus*” e estes “variam com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educação, as conveniências e as modas, com os prestígios”.

dupla usava blusa cor-de-rosa e saia. Muitas jovens, como Laila, carregavam uma toalha de mão e, de vez em quando, secavam o suor do rosto.

Nesse dia, teve duas “equipes de som”: quando chegamos, era a “Studio 58”, depois foi a “PIPO’S” e, no final retornou a “Studio 58”. O som era muito alto (de acordo com a minha percepção auditiva), havia duas paredes de caixas de som.

As jovens que estavam conosco começaram a dançar desde o momento em que chegamos.

Depois que estávamos por um tempo ali, Laila virou-se para mim e avisou-me que André estava encostado na caixa de som. Eu disse que iria até lá; Laila anunciou que iria nos levar, fomos atrás dela. Chegando lá, nos cumprimentamos e ele me mostrou os outros jovens do “projeto” que estavam ali: Nozimar e Adolfo. Além destes, estavam no baile: Vicente, Adoniran, Cláudio, Lineu, Leonel. Todos, em algum momento, passaram por mim e me cumprimentaram seja estendendo a mão, ou com um aceno de cabeça.

Depois de trocar poucas palavras, voltamos para onde estávamos. Ao nosso lado, quatro garotas usavam lança-perfume, abriam a boca e davam um *spray*, depois fumaram maconha e bebiam enquanto dançavam. De vez em quando, uma delas pulava e se pendurava nas costas de um jovem branco, alto, com uma pistola pendurada sobre o cós da calça, e que fumava grandes cigarros de maconha. Ainda, ao nosso redor, durante todo o tempo, muitas pessoas, tanto as garotas quanto os garotos, fumavam maconha. O baile é um espaço onde o uso de drogas é permitido, pois no cotidiano, com exceção dos jovens integrantes do tráfico, as pessoas evitam falar e usar drogas no espaço público.

Durante o baile, as pessoas estavam sempre em pequenos grupos, geralmente, só de garotos ou só de garotas, grupos mistos ocorriam quando havia algum casal entre o grupo. As pessoas, nos seus grupos, ora dançavam juntas ora ficavam conversando e dançando, ora formavam os “bondes”, isto é, constituíam uma fila na qual um colocava a mão no ombro daquele que estava à sua frente, e assim iam dançando pelo espaço do baile, fazendo algumas coreografias no meio de vários outros “bondes”. Os jovens portando armas e fuzis também faziam “bondes” e dançavam pela quadra; numa determinada música, que tinha um refrão “É rajadão de AK / É só tiro de G3 / Vamos matar o CV / Quebrar os alemão / E pegar Fernandinho Beira-Mar / Vamos tomar a Mangueira / Vamos invadir o Turano / Vamos dominar o São João”, e o som de tiros. Nesse momento, todos, circulando com os “bondes”, levantavam suas armas para o alto, enquanto as pessoas que não tinham armas levantavam, acima da cabeça, as mãos com os dedos polegar e indicador abertos em forma de “L”, e os outros dedos fechados sobre a palma da mão, como se portassem uma arma e todos

movimentavam, armas ou mãos, para cima e para baixo com os braços sempre na vertical. Aqueles que as tinham na cintura, as retiravam e faziam o mesmo movimento, de forma que olhando para cima das cabeças das pessoas era possível ver todas as armas sobre as cabeças, numa espécie de culto às armas, do qual todos participam, tanto garotos quanto garotas.

Havia dezenas de jovens armados, com diferentes modelos de armas modernas e variando entre fuzis e, principalmente, pistolas, penduradas no corpo ou numa espécie de cinto, na cintura. Alguns jovens, além da arma, traziam uma pochete pendurada. Um deles, que parecia ser um pouco mais velho, estava sozinho, usava um boné, uma pochete e portava uma arma, ficava apenas observando. Assim, como ele, havia outros jovens armados espalhados ao redor da quadra, tanto pelo lado de fora como de dentro, em prontidão, isto é, não bebiam, não usavam drogas, ficavam em vigília.

A maioria das pessoas que estavam no baile tinha idades entre 15 e 25 anos, mas havia crianças pequenas, com menos de 10 anos (algumas poucas portando armas). As crianças dançavam da mesma maneira que os jovens. Havia poucas pessoas mais velhas, a maioria destas eram as que trabalhavam nos bares e passavam pela quadra recolhendo as garrafas de cerveja.

O DJ, entre as músicas, fazia anúncios diversos, como a venda de CDs com as músicas que estavam tocando no baile, que o show dos Racionais MCs estava “confirmadíssimo” para um dia em novembro; saudava o baile no “CIEP de Vila Isabel” e parabenizava a “Associação do Morro dos Macacos” pela iniciativa de recolherem alimentos para a “guerra contra a fome”.

Em certo momento perguntei às jovens se elas gostariam de beber alguma coisa. Cíntia disse a Laila que nós queríamos beber algo e elas iriam nos levar. Indaguei novamente se elas gostariam de tomar algo também. Elas responderam que sim. “O quê?”, perguntei. “Qualquer coisa”, responderam. Nos dirigimos, então, para os bares no “shopping”. Quando chegamos no pátio do “shopping”, Lúcio, professor de informática, estava conversando e bebendo com alguns amigos. Nos cumprimentamos e ele declarou: “isso aqui é a nossa realidade”. “Eu sei, por isso eu vim conhecer”, repliquei. “Eu quero o retorno, durante a semana, agora quero que vocês se divirtam”, disse. Lúcio perguntou, ainda, por Rogério, se ele não veio. Respondi que “não”. Ao final de nossa conversa, Lúcio ofereceu sua proteção, salientando, de certa maneira, seu prestígio naquele espaço: “Qualquer coisa diz pra falar com o Lúcio”. Voltei-me às jovens e perguntei o que elas gostariam de beber, “um refrigerante, uma cerveja?”. Karina disse que não queria nada, ela não ingeriu nada durante todo o baile; Laila respondeu: “cerveja não, um refrigerante”. Eu tomei uma cerveja e elas tomaram coca-cola, a única coisa

que eu as vi ingerirem durante todo o baile. Em seguida, retornamos para a quadra. No caminho, Adoniran passou por nós e disse: “depois a gente fala contigo lá dentro, Fernanda”; não o vi mais.

Em certo momento, quando a “equipe” PIPO’S estava comandando o som, um jovem subiu em cima de um pequeno palco, próximo às caixas de som, e começou a falar várias coisas ao microfone, que eu não conseguia entender, pois ele falava muito rápido e com muitas gírias que eu não conhecia. Ele falava em cima da música que o DJ tocava, numa espécie de *funk* com *hip hop*. Pouco depois, outros dois jovens e um menino, aparentando em torno dos 10 anos, portando pistolas e com fuzis a tira-colo, subiram ao palco. Então, enquanto aquele jovem falava, estes levantavam as armas da mesma maneira como descrevi acima, seguido por todos os outros que estavam embaixo na quadra e que se voltaram para eles. Algumas coisas que consegui entender do que ele pronunciava eram agradecimentos ao: “fortalece que os amigos da Coroa, do São Carlos veio dar e está dando”, “o fortalecimento da Coroa”, “os amigos do São Carlos veio fortalecê”, e repetia isto inúmeras vezes.

Utilizando a categoria “fortalecer”, com o significado de ‘dar força’, tanto física como moralmente, o jovem agradecia ao prestígio que “os amigos”, isto é, moradores de outros morros vieram conferir ao baile. Cabe salientar que, pelo menos, naquela época, o morro da Coroa e do São Carlos identificavam-se ao Terceiro Comando, assim como o Morro dos Macacos. Muitas músicas tocadas, nesse momento, remetiam a “invadir e dominar o São João”, o morro “rival”. Passado algum tempo, um dos jovens armados disse algo ao ouvido do jovem que estava ao microfone e saiu acompanhado de outro jovem armado, permanecendo em cima do palco o jovem que falava ao microfone e o menino com o fuzil. Então, o jovem anunciou: “não se assustem” e ouvimos muitos tiros, que foram dados para o alto, ao lado da quadra. Em seguida, os dois desceram do palco e começou a ser aberto um espaço no meio da quadra e todas as pessoas passaram a olhar para cima, bem no centro da quadra, e a murmurarem: “chegou a hora da cascata”. Nesse momento, houve uma grande queima de fogos de artifício ao lado da quadra – durante todo o baile ouvimos fogos de artifício espaçados, mas essa foi concentrada – e, no alto, no centro da quadra começou a queimar a “cascata”, uma linha de fogos brancos que iam do teto até o chão, indo de um lado ao outro da quadra, e tudo ao redor, toda a quadra ficou iluminada. Depois, cessou a queima e a quadra voltou a ficar escura, somente com algumas luzes coloridas próximas às caixas de som.

Em certo momento, Cláudio aproximou-se de nós, estendeu o braço em minha direção, para me cumprimentar e, depois, falou algo ao ouvido de Cíntia, que respondeu: “Tá”. Ele, então, disse a ela: “fala agora”, e ficou esperando. Cíntia foi ao ouvido de Laila e disse-lhe

algo. Laila aproximou-se de mim e anunciou que iria embora, mas que Cíntia e Karina iriam ficar. Nos despedimos, ela foi embora e Cláudio saiu na mesma direção que ela. Em seguida, Cíntia perguntou a Karina se ela queria ir embora; “que horas são?”, indagou Karina. “Quase cinco”, respondeu Cíntia; “Vamos embora”, concluiu Karina. Cíntia aproximou-se de nós e disse para irmos embora, saímos atrás delas. Em frente ao “shopping” Cíntia perguntou se nós íamos sozinhos ou elas tinham que nos levar. “Não tem problema da gente ir sozinho?”, indaguei. “Eu levo vocês”, afirmou. Poucos passos depois, olhando em direção à rua e vendo várias pessoas saindo também, ela virou-se pra nós e sentenciou: “não tem problema vocês irem sozinhos”. Nos despedimos e agradecemos a companhia delas. Cíntia anunciou: “quando quiser vir no baile é só me ligar”. Fomos embora.

Vários jovens estavam saindo naquele momento, alguns pegavam táxi quando chegavam na Avenida Visconde de Santa Isabel, na saída do morro. Eu e meu companheiro, assim como muitos jovens, caminhamos até a Rua Teodoro da Silva, paralela à Visconde de Santa Isabel. Lá, os jovens pegavam táxi, um grupo dividiu-se em dois táxis após a tentativa frustrada de convencer o motorista a levá-los em apenas um, eles avisaram ao motorista que iam para o Rio Comprido - provavelmente para o São Carlos. Eu e meu companheiro fomos as únicas pessoas, ao que pudemos perceber, que foram embora de ônibus.

Na semana seguinte ao baile, fui ao Centro Comunitário. Antes da atividade que eu iria realizar com os jovens, fiquei conversando com eles no saguão. Bianco, que estava vestido todo de preto, de bermuda e camisa pólo, com duas correntes grossas douradas no pescoço, passou por mim e comentou: “aí, Fernanda, veio no baile!”. João Rivaldo, que estava sentado próximo, perguntou: “você veio no baile?”. Respondi que sim. “Tinha muita arma?”, indagou. Meio sem saber o que deveria ser dito, opinei: “não muita, eu acho [...]. Você não veio”. Ele, sorrindo, comentou: “fiquei dormindo, tava cheio de sono. Sábado que vem tem novamente”. Disse-lhe que agora somente viria nos Racionais MCs. Bianco, que estava por ali, indagou: “a senhora vai vir nos Racionais?”. “Sim”, respondi. “Eu consigo um ingresso pra senhora”, anunciou. Depois eles saíram.

Mais tarde, Vicente perguntou: “o que você achou do baile?”. “Eu gostei, mas quase morri...”, respondi. Lineu, imediatamente olhou-me e arregalou os olhos no segundo antes de eu terminar a frase, “...de cansada no outro dia”. E percebi que eu havia cometido uma gafe e tentei consertar: “no outro dia não fiz nada, dormi o dia inteiro, acho que já estou velha”. “Porque não veio para cá, tinha baile”, disse Vicente. E completou: “tem baile no domingo também, tem concurso [de dança], mas acaba mais cedo, porque no outro dia as pessoas têm que trabalhar”. Eles perguntaram, ainda, a que horas eu havia ido embora. “Quase cinco”,

respondi, “e vocês?”. “Às sete”, disse Vicente; “fiquei acordado até às 8 horas, mas saí do baile às 6 e meia”, comentou Lineu. Eles me convidaram para vir ao baile novamente no final de semana seguinte. Anunciei que eu viria somente nos Racionais, “será que eles vêm?”, indaguei. “Agora vêm sim, está confirmadíssimo”, disse Lineu. “Por que eles não vieram nesse?”, questionei. “Porque morreu um parente deles e eles tiveram que voltar e cancelaram oito shows aqui no Rio”, explicou Lineu.

Nesse dia, quando fui embora, Elena me deu uma carona. No caminho, comentei ter ido ao baile com os jovens e Dona Anastácia ficou braba comigo¹⁹³. “No baile *funk*?”, indagou surpresa Elena (filha de Dona Anastácia). “É”, respondi. “Faz tempo que eu não venho nesse baile”, analisou e me perguntou: “teve muito tiro?”; “não muito. Até avisaram pra não se assustar e deu poucos tiros, mas teve muitos fogos”, declarei. Foi, então, que ela me contou que, na semana anterior, Sonrisal, o “dono do morro”, havia sido solto da prisão e ela escutou “muitos fogos” em comemoração à soltura dele. “Ele tem a língua presa, como o Leonel, que não quer consertar o seu jeito de falar para ficar parecido com o dono do morro, vê se pode?!”, mencionou Elena.

Praticamente um mês após eu ter ido àquele primeiro baile *funk*, fui novamente, desta vez, sozinha. No sábado à tarde, antes de ir, telefonei para o celular de Cíntia e combinamos de ela me esperar na entrada do morro. Nós entramos às duas horas da manhã, Cíntia estava vestindo um short e uma miniblusa de jeans *strecth*. Quando estávamos indo para a quadra, comentou: “ainda bem que eu não passei por nenhum bandido quando vinha da minha casa pra cá”. O andamento do baile foi muito semelhante ao do outro, a diferença foi que não havia jovens com as armas visíveis, provavelmente porque há pouco tempo tinha ocorrido uma “ocupação policial” no morro. Assim, nesse dia, novamente não teve o show dos Racionais MCs, mas eu já sabia que não aconteceria porque, durante aquela semana, no Centro Comunitário, perguntei aos jovens e Adolfo respondeu-me: “e a polícia deixa?!”. Neste segundo baile fui embora pelas cinco e meia da manhã.

Um dos autores pioneiros na abordagem antropológica do *funk* no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, associando este estilo musical ao urbano, à juventude e à cultura popular foi Vianna (1997a[1988] e 1997b). Trabalhos posteriores, entre eles Cecchetto (1997 e 1998) e Cunha (2001), abordam uma distinção surgida entre “bailes de corredor ou de embate”, “baile normal” e “bailes de comunidade”. Nesta distinção, os dois bailes aos quais eu fui eram “bailes de comunidade”, financiados pelo tráfico, mas que não me pareceu ser um

¹⁹³ Este episódio foi relatado no primeiro capítulo da tese.

momento no qual aumentavam seus rendimentos com a venda de drogas, pois não percebi muitas pessoas da “rua” no baile. Minha percepção foi que o baile constituía-se num momento em que as pessoas que trabalham no tráfico se divertem, pois os que mais abertamente utilizavam drogas eram aqueles que estavam com as armas, no baile em que elas estavam visíveis.

Cabe salientar que na cidade do Rio de Janeiro, o *funk* tem ganhado grande atenção nos meios de comunicação de massa, sendo associado a favelas, tráfico de drogas e violência. Isto ocorre, como apontou Vianna (2000: 185 *et seq*), pela maneira como o *funk* passou a ser conhecido e familiarizado para o restante da população carioca que não freqüenta estes bailes.

“O fato de não haver uma familiaridade, para voltar a usar esse termo, com o *funk* facilita sua demonização. [...] Acho plausível afirmar que o grau de ‘exotismo’ de um fenômeno social é uma função quase direta da possibilidade de vê-lo transformado em estereótipo por grupos para os quais esse fenômeno é considerado exótico. [...]. O desconhecimento tanto de jornalistas como de leitores, para continuar falando da mídia impressa – que teve um papel decisivo na imagem que muitos grupos sociais cariocas hoje têm do *funk* – criou as condições necessárias para a fixação da imagem violenta (mas poderia ter sido qualquer outra imagem, mais ou menos fiel à complexidade da realidade) do baile *funk*”.

Mais recentemente, o *funk* tem sido incluído em novelas, seriados e filmes, ainda que de modo negativo. Neste caso, mostram jovens, principalmente, meninas das camadas médias que entram nas favelas atrás da diversão dos bailes *funk*, nos quais podem usar drogas e se encantam pelo traficante, geralmente um jovem negro, muito bonito e mau¹⁹⁴.

3.4. “Nunca gostei de polícia”: os jovens e a polícia

Cabe atentar, ainda, para a percepção e a relação estabelecida entre os jovens e a polícia. Diversas vezes os jovens do “projeto” foram detidos por policiais para averiguações.

Em meados de 2003, eu estava na sala dos computadores com alguns jovens quando Adoniran entrou rindo na sala e falando: “O Hércules rodou”. Os jovens que estavam ali

¹⁹⁴ Refiro-me, especialmente, à última novela de Glória Perez, transmitida, em 2004 e 2005, pela Rede Globo às nove horas, “América” - a mesma que falava de Vila Isabel -; a um dos episódios do seriado “Cidade dos Homens”, também transmitido pela Rede Globo, nos meses de novembro e dezembro de 2005 – este seriado teve como ponto de partida o filme “Cidade de Deus” (2002), dirigido por Fernando Meirelles com co-direção de Kátia Lund, e traz dois personagens do filme, que agora moram em outra favela da cidade; e, por fim, ao filme “Quase Dois Irmãos”, dirigido por Lúcia Murat, e veiculado no cinema em 2005.

começaram a falar sobre a prisão de Hércules, um deles disse: ele “está lá dentro da Blazer [camburão da polícia]”.

Alice, secretária da Associação de Moradores, foi utilizar um computador, e entrou dizendo que o Hércules “foi preso”. Adoniran comentava: “É bobeira do Hércules, só ele cai, os cara mesmo não. Toda hora Dona Anastácia está lá tirando ele”. E ficaram se perguntando se ela iria mais essa vez. Uns achavam que sim, outros que não, “porque ele não está mais vindo no projeto, só quer ficar de bobeira no morro”. Dona Anastácia não foi. Quando eu e Celso estávamos indo embora, nesse dia, ele perguntou a Dona Anastácia se a mãe de Hércules estava sabendo que ele tinha sido preso. Ela respondeu: “Ela foi avisada”. Fomos embora. Enquanto caminhávamos, perguntei a Celso se Hércules não estava mais no “projeto”. Celso respondeu que Hércules havia sido preso. Retruquei: “mas isso foi agora”. Então Celso replicou: “ele não está mais vindo, ele só quer ficar aí de bobeira, está fissurado em pipa”. Quando passamos ao lado da Delegacia, na saída do morro, Celso espichou os olhos, tentando saber se Hércules ainda estava lá, então comentou: “já devem ter liberado ele, a PM não está mais ali”. Indaguei se era para esta delegacia que levavam os jovens, ele respondeu que sim, e explicou-me que ali é um “presídio feminino”- seguidamente eu via pessoas carregando sacolas com mantimentos, parados em frente à 20ª Delegacia.

Naquela primeira reunião de que participei, a psicóloga Camila, Dona Anastácia e Geruza comentaram que os jovens estavam “brabos” com esta última, porque, na segunda-feira daquela semana, quando eles se dirigiam ao treino de atletismo, na Quinta da Boa Vista, a Kombi foi parada pela polícia e, segundo ela contou, “eu descii e deixei todos serem revistados [...]. Mas o que eu poderia fazer? Policial não se pode confiar”. Então, Dona Anastácia, analisando a situação disse: “os policiais agora tomam esse abuso, toda hora os policiais param a Kombi para revista, porque uma vez acharam uma arma de brinquedo. O policial queria levar o menino, eu estava junto na Kombi e fiquei até o fim, veio pai e mãe, mas ele estava sob a minha responsabilidade, eu não ia deixar eles sozinhos com o policial”.

Alguns dias depois dessa situação, cheguei ao Centro Comunitário e os jovens estavam usando um crachá que identificava a entidade, com o nome e a foto de cada um. Perguntei a um dos jovens sobre o crachá e Dona Anastácia, que estava perto, explicou-me: “agora é preciso, porque a polícia está direto pegando os meninos, batendo neles, até entrando no Centro. A polícia está demais!”. Nesse sentido, o crachá é uma forma de protegê-los contra a ação policial, visto que os identifica com uma entidade que atua civilizando-os e afastando-os do ‘crime’. Por isso Dona Anastácia ficou tão indignada com a atuação policial que parou a Kombi, vista por ela como um “abuso”, pois ela trabalha, de certa maneira, na mesma direção

que as forças policiais, contra as ações criminosas, ainda que por meios diferenciados: o Centro Comunitário, via práticas civilizatórias, e as forças policiais via repressão e prisão.

Essa percepção de que a relação entre os jovens e a polícia é conflituosa também perpassa a relação entre os trabalhadores da entidade e os jovens. Assim, no dia em que ocorreu o passeio de “confraternização dos educadores” ao sítio do Desipe (Departamento do Sistema Penitenciário), perguntei, quando já estávamos lá, se Dona Anastácia não viria. “Ela não vem porque os meninos [os jovens do “projeto”] não puderam vir, se eles não vêm, ela também não”, respondeu Élide. Mais tarde, fiz a mesma pergunta a Muriel, que me explicou: “Dona Anastácia não veio porque os meninos não foram convidados e ela queria que eles viessem. Eu até pensei em convidar, não convidei, não por preconceito, mas porque aqui é do Desipe e eu achei que eles poderiam se sentir mal, pensar alguma coisa. E Dona Anastácia também disse que aqui ia ter bebida e ela não pode levar eles em lugares onde tem bebida porque eles iam ficar com vontade. Eu disse pra Dona Anastácia que a gente bebe socialmente e que os meninos teriam que aprender a ver isso, porque bebida tem em todos os lugares. Mas, da próxima vez, eu vou marcar a confraternização com todo mundo junto”.

É mediante essas relações conflituosas estabelecidas entre os jovens e a polícia que vem a compreensão daquilo que Félix me disse certa vez – como apontei no segundo capítulo: “nunca gostei de polícia [...]. Eu prefiro os bandidos. Eu também não gosto de bandido, mas se tiver que fechar com um deles eu fecho com os bandidos, porque bandido é bandido, todo mundo sabe, ele tem uma cara só sempre, de bandido, ele mostra que é bandido. Polícia não, é falso, é pior que bandido, tem duas caras”.

4. As definições de comportamento

Na interação da “equipe” com os jovens, constantemente a “equipe” definia e controlava o comportamento dos jovens e sua condição de desviantes. Exponho essa posição porque, como aponta Becker (1977:80):

“Tratar uma pessoa como se ela fosse desviante em geral, e não especificamente, produz uma profecia que se auto-realiza. Ela coloca em movimento vários mecanismos que conspiram para moldar o indivíduo segundo a imagem que as pessoas têm dele”.

Assim, nesse movimento construíam o desvio que pretendiam civilizar, isto é, a carreira desviante desses jovens estava sendo alicerçada¹⁹⁵. Isto ocorre porque, conforme Becker (1977: 60): “os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como marginais e desviantes”. Assim, essas definições ocorreriam dentro de um sistema de acusação, que segundo Velho (1997:58), é “[...] uma estratégia mais ou menos consciente de manipular poder e organizar emoções, delimitando fronteiras”.

Aqui irei expor somente algumas dessas situações, mas elas se repetiam cotidianamente.

Juntamente com a definição dos comportamentos, com o “disciplinamento dos corpos”, como já apontei nos capítulos anteriores, havia uma preocupação em definir “punições” aos jovens.

Segundo Foucault (1987: 73 *et passim*) as punições estão inseridas em uma “economia dos castigos” estabelecida nas relações de poder entre os indivíduos, visando a “vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância”.¹⁹⁶ O que se pretende no Centro Comunitário assemelha-se ao que Foucault aponta para as prisões, um “sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deve deixar funcionar automaticamente nele”. Ou, nos termos de Elias (1994), as punições são parte das práticas civilizatórias e mediante sua aplicação visam a circunscrever e modelar as emoções, os gestos e os comportamentos individuais.

Assim, numa das reuniões de “equipe”, Astrid iniciou o debate, dizendo que “há problemas com os garotos, que eu quero entender, porque eu acho que são problemas estruturais”. “É, muitas vezes fica muito amarrado [...] acontecem coisas que os meninos fazem e não há punições, às vezes, até erros graves”, salientou Élide – na época, coordenadora

¹⁹⁵ A partir da leitura de autores como Becker (1977), que está interessado na construção das carreiras desviantes e na maneira como os desvios são produzidos, Goffman (1988), que está interessado na manipulação da identidade dos sujeitos rotulados de desviantes e estigmatizados e, no contexto brasileiro, Velho (1985), saliento que a definição do desvio e do comportamento desviante por determinada sociedade e por grupos diferentes em uma mesma sociedade é inherente à própria vida social, visto que está inserido nas relações sociais, sendo mesmo necessário, pois funciona como um controlador e regulador das ações e comportamentos sociais e individuais. Atua, ainda, como um demarcador da fronteira entre os ‘bem-vindos’ e os não ‘bem-vindos’ no grupo.

¹⁹⁶ Cabe salientar que Foucault se refere a uma outra situação, aquela referente às definições de crimes e criminosos, relacionados às prisões, “o aparelho administrativo” do cumprimento das penas e local onde há o “controle e a transformação do comportamento” dos indivíduos. Quando o autor aborda as punições, refere-se às reformas feitas na “economia dos castigos” visando a “fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir” (Foucault, 1987:76). Ressalto, no entanto, que esta reflexão ajuda, aqui no caso estudado, para compreender os processos pelos quais as punições são definidas e cumpridas.

do “projeto”. Surgiu, então, a discussão de aplicar como “punição” um “desconto no dinheiro que eles recebem, por causa do comportamento”. A princípio, Dona Anastácia e Élide foram contra, mas os outros insistiram, dizendo que esta seria “a única forma de eles obedecerem”. A partir de então, passaram a descontar parte da bolsa que eles recebiam. Por outro lado, também passaram a recompensar aqueles que tinham bom comportamento.

Esta discussão insere-se na “economia dos castigos”, pois a punição visa, ainda, à exemplificação, isto é, mediante a punição de um, outros evitarão cometer ações passíveis de serem punidas. E para isto “encontrar para um crime o castigo que convém é encontrar a desvantagem cuja idéia seja tal que torne definitivamente sem atração a idéia de um delito” (Foucault, 1987:94). No caso dos jovens, privá-los de parte do dinheiro é a única maneira, na percepção da “equipe”, de alcançar o efeito desejado. Isto porque, para eles, o dinheiro, mais do que uma necessidade econômica (que de fato eles têm), é o instrumento que permite a eles participarem da sociedade de consumo, visto que, quando recebem, vão ao *shopping* fazer compras.

Dessa maneira, certa vez eu estava no saguão do Centro Comunitário esperando o início das atividades com os jovens, quando Celso disse a eles que Dona Anastácia queria conversar com todos. Subiram para a biblioteca, eu e Celso fomos atrás. Lá, Celso ficou encostado na porta e eu fiquei ao seu lado. Pouco depois que Dona Anastácia começou a falar, Celso saiu e eu permaneci ali. Dona Anastácia, sentada de costas para a porta, de frente para os jovens sentados num círculo, falava seriamente: “Vocês merecem uma punição pelo que ocorreu sexta-feira, o que vocês fizeram está errado, vocês assumiram um compromisso, ensaiaram e não foram cantar no Banco do Brasil”. Lembrou-lhes que apenas dez, dos vinte jovens, foram e “eu fiquei com a cara no chão, porque todos ensaiaram e na hora não foram. Se não podiam ir, deveriam ter dito antes e não ter assumido o compromisso”. Lindomar argumentou com Dona Anastácia, “mas a senhora não nos deixa dizer não”. Dona Anastácia continuou dizendo: “todos ensaiaram, o professor também e ele ficou lá sem pode fazer o trabalho dele direito, porque só dez foram”. E anunciou aos jovens qual seria a “punição”: “o desconto de uma semana do que vocês recebem, no final do mês; eu tinha pensado em descontar 15 dias, mas como é Natal, e só por causa disso, vou descontar só uma semana”. Em seguida noticiou: “aqueles que foram cantar, vão receber 50 reais cada um”. Nesse momento, Dona Anastácia pediu a Vicente para ir buscar sua bolsa, que estava num dos armários da cozinha.

Quando Vicente voltou, entregou a bolsa a Dona Anastácia, que disse a todos: “vou dar 50 reais para cada um que participou, porque recebi, naquele dia, um cheque de 500 reais

e eu iria dividir entre os que foram, que bom que foram só dez! Assim ganham mais, exclamou”. Em seguida, retirou da bolsa um maço de notas de 50 reais e foi entregando, nota por nota, a cada um dos dez jovens que haviam participado do evento na sexta-feira. Cada um que recebia o dinheiro, imediatamente abria um largo sorriso e os olhos brilhavam diante daquela nota, enquanto aqueles que não foram ficaram com uma expressão fechada em seu rosto. Dona Anastácia disse, ainda, que esses que participaram na sexta-feira iriam trabalhar, ajudar no domingo seguinte na festa do “MEL” e ver a Kelly Key (cantora *pop* infanto-juvenil de grande sucesso) se apresentar na festa. Esses ficaram muito felizes por irem ver a Kelly Key, pelo dinheiro recebido e passaram a rir e “zombar” daqueles que não receberam, que ficaram mais chateados e brabos ainda por não poderem ir à festa no domingo.

Depois da conversa com os jovens, eles foram para suas atividades. A maioria ficou com Celso na biblioteca e três deles foram para a minha atividade: aula de História. Enquanto descíamos a escada, um disse que não iria fazer a prova do supletivo, mas que era “ruim em História”, por isso iria junto. Fomos para a sala de reuniões no primeiro piso.

Pedi a Dona Anastácia algumas canetas, pois um dos jovens havia pedido na secretaria, mas não obteve. Dona Anastácia disse para ligarmos o ar condicionado, porque eu estava muito queimada de sol e precisava me refrescar.

Durante e depois do exercício, os jovens conversaram sobre a festa que fizeram no final de semana, que soltaram muita pipa e por isso estavam todos doloridos; mostravam um para o outro os cortes nos dedos ocasionados por esta atividade. Além disso, planejavam o que iriam comprar, no *shopping* Iguatemi, com o dinheiro que receberam nesse dia, mais o do “projeto”, recebido na semana anterior.

Nesse dia, esses jovens me disseram que eu não iria mais vê-los, porque eles estão saindo do “projeto”. Perguntei o que eles iriam fazer depois que saíssem; responderam que iriam “procurar emprego”. Adolfo disse a eles: “tenho que procurar mesmo”.

Depois da atividade, fui até à secretaria acompanhada de Adoniran. Delma e Andréia estavam lá. Delma perguntou como André e Adoniran se saíram nos exercícios preparatórios para a prova. Respondi que correu tudo bem. Pouco depois, Adoniran saiu e Delma comentou: “ele tem capacidade, só que quer ser burro, não quer aprender; o André, não, não aprende, é devagar, principalmente, quando fica junto com o Adoniran”.

Numa outra ocasião, cheguei ao Centro Comunitário e, não vendo Dona Anastácia no saguão, pois eu buscava uma sala para realizar a atividade com os jovens, fui procurá-la. Encontrei Muriel descendo a escada, e perguntei por Dona Anastácia. Muriel respondeu-me: “ela está com os meninos, muito brava, porque eles picharam as paredes do Centro”. Fui,

então, à sala do “Serviço Civil”, abri a porta e Lineu, que estava sentado bem à porta, me avisou: “Dona Anastácia está dando esporro na gente”. Entrei. “Senta”, disse-me Dona Anastácia. Estavam na sala Vicente, André, Aloan, Adolfo, Jurandir e João Rivaldo, Felisberto, Leonel, Hércules e Jovelina.

Dona Anastácia os repreendia: “Eu pensava que vocês fossem adultos, mas são todos crianças! O projeto que vocês estão é para dar o exemplo, mas vocês fazem isso, na sala das crianças?! Eu havia emprestado a sala pra vocês ficarem estudando e quando a professora chega de manhã está tudo pichado, as paredes, as classes, escrito palavrão, puta, e com uma assinatura em vários locais da parede e um celular grandão desenhado na classe. Eu quero que digam quem foi, mas como ninguém sabe, todos vão ser punidos. Alguns jovens, nesse momento, advertiam: “é melhor falar, é melhor falar!”. Leonel apagou o que estava escrito na classe à sua frente. Aloan começou a rir e Jovelina dizia a ele: “vai apagar, vai lá apagar”. E comentou, ainda, sobre três meninas que freqüentam o “reforço escolar” que teriam participado da “pichação”. Mais tarde, Jovelina foi chamar as meninas; uma delas veio e apagou algumas pichações da parede.

Dona Anastácia analisava: “vocês são engraçados! Na hora das coisas boas vocês reivindicam para todo o grupo, na hora da punição, aí querem individual. Eu estou brava, não estou brincando. Vocês que me aguardem!”. Aloan, então, apagou o telefone celular desenhado sobre a mesa e mais algumas coisas, mas salientando que “não fui eu, mas vou apagar”. Jovelina disse a Alaon: “eu sei que foi você, porque [o desenho] é igual ao teu celular!”.

Os jovens não diziam quem foi; às vezes, algum advertia: “é melhor falar quem fez!”. Em determinado momento, Celso apareceu na sala. Dona Anastácia mandou ficar na sala somente aqueles que picharam, os outros era para saírem; ela desceu também. Permaneceram na sala: Leonel, Aloan, eu e um jovem que não participa do “projeto”, que chegou junto com Celso. Ele entrou na sala e veio a mim para se apresentar. Passado um tempo, os jovens concluíram: “Dona Anastácia não está nem aí pra gente”, e saíram.

Em outra situação, numa das primeiras reuniões de “equipe” após Sirlândia assumir a coordenação do “projeto”, ela anunciou que, juntamente com Rogério, dividiu os jovens em dois grupos: “o grupo 1 são aqueles que têm potencial com alguns que têm menos potencial, para ver se puxam eles para cima; e o grupo 2 são aqueles que são problemáticos, difíceis. A gente fez a divisão pelo comportamento”. A partir do desenvolvimento dos grupos seria atribuída uma “pontuação e aquele que tiver mais pontos ganha um prêmio no final. A cada dois meses a gente troca alguns membros do grupo”. No grupo 1, ficariam aqueles “com

potencial”: Aloan, Armando, Adolfo, Cláudia, Fabrício, Humberto, Jovelina, Jerônimo, Lindomar, Nozimar e Rômulo. No segundo grupo, ficariam: André, Amadeu, Félix, João Rivaldo, Jurandir, Jean, Vicente e Valério. Valéria, então, ponderou: “não acho bom, num primeiro momento, ser feita essa divisão por comportamento, porque um que é calminho pode ser assim porque está muito drogado. E um bagunceiro pode ser muito inteligente e ser bagunceiro por ser tão inteligente”. Em seguida, Valéria sugeriu fazer um acordo com os jovens, da mesma maneira que fez com as mães de um “projeto” desenvolvido no “Abrigo”, e citou o exemplo: “as crianças viviam sujas, doentes, com dengue e outras doenças; as mães não cuidavam; havia ratos nas casas, tinha um monte de porcaria que elas tinham que fazer e não faziam”. Depois de terem visitado as casas, viram que muitas não tinham caixa d’água e a água ficava num lugar aberto. Então, Valéria instituiu para as mães “metas de merecimento”, isto é, se as mães seguissem uma lista de coisas que Valéria estabeleceu para elas, como cuidar das crianças e da casa, irem às reuniões, elas ganhavam, por exemplo, a caixa d’água – enfim, algo de uma lista de coisas que elas precisavam. “Muitas mães não ganhavam e vinham reclamar, que não iriam ficar no projeto, não queriam mais fazer nada e eu dizia: ‘espera ai, você não ganhou porque não fez isso, isso e isso’, explicou Valéria. E justificou: “não pode dar por dar assim, tem que merecer, senão fica muito fácil”.

Após a justificação de Valéria, a “equipe” decidiu que além do que já havia sido estabelecido com os jovens, de eles ganharem dez reais se tivessem todas as presenças no mês e as faltas serem descontadas, os jovens passariam a “somente ir no passeio se fizerem por onde”. Então, Valéria salientou que “eles têm que trabalhar em equipe. O merecimento tem ser em equipe”. Sirlândia insistiu na divisão por grupos e que a pontuação seria por grupos, com uma premiação para aquele que cumprisse a “meta de merecimento”. Valéria replicou: “não pode colocar o mau e o bom, o negativo e o positivo. Não sei se essa divisão em bom e ruim seja bom. Tem que ser por planos de meta, atrelado ao merecimento”. E, por fim, Valéria sentenciou: “não é para dividir assim, porque a psicóloga ainda não atendeu eles individualmente”.

Nos meses seguintes, por exemplo, os jovens não realizaram quase passeio algum porque estavam sempre de “castigo”, o que deixava Rogério bastante incomodado, já que sua função na “equipe” era de “reprodutor cultural”, isto é, ele tinha como objetivo realizar passeios com os jovens, levá-los a locais que eles não conheciam. Certa vez, quando encontrei Rogério fora do Centro Comunitário ele comentou, indignado, que: “estão acontecendo coisas estranhas, todos estavam de castigo e não podem ir ao passeio, porque sumiu um perfume da Dona Anastácia e ela disse que ninguém vai fazer nada até o perfume aparecer de volta. Era

um perfume barato, mas ela quer de volta para que isso não aconteça e porque ela acha que eles devem ser mais responsáveis". Contou-me que o perfume havia sumido no dia em que "João Rivaldo foi pego pela polícia e levado para a Delegacia, então o pessoal do Centro foi lá retirá-lo, e foi nesse meio tempo que o perfume sumiu".

Ainda, depois disso, Valéria e Sirlândia elaboraram fichas de "avaliação comportamental individual".¹⁹⁷ Os itens a serem avaliados são divididos em quatro grupos: "adaptação aos horários", "adaptação às atividades", "relação com a equipe" e "relação com o grupo". Os itens visavam a perceber se os jovens respeitam regras e hierarquia; verificar o grau de aceitabilidade e conformidade às normas estabelecidas; e medir a agressividade, sendo que as respostas se limitavam a "sim" ou "não". As avaliações eram feitas em reuniões de "equipe", tomando dois ou três jovens de cada vez. Como não havia dia determinado para essas reuniões acontecerem, consegui participar apenas da primeira, juntamente com Sirlândia, Celso, Rogério e Raquel.

Durante essa primeira avaliação surgiram alguns comentários sobre os jovens do "projeto" em geral, tais como a discussão entre Celso e Raquel: "eles é que têm que se adaptar ao projeto", disse Celso. "Levar eles obrigados ao N.A., eles já vêm atravessados", salientou Raquel. "Eles estão nos testando. Aqui só sabem agir assim, à pancada", concluiu Celso.

Percebe-se, aliado a este "disciplinamento dos corpos" mediante uma "economia dos castigos", uma "psicologização" desses jovens, que "os vê como expressão do funcionamento das emoções e do psiquismo individual" (Duarte, 1994)¹⁹⁸. O emprego de teorias psicologizantes pode estar relacionada ao fato de a "equipe" ter três psicólogos, bem como à gerenciadora dos projetos ser também psicóloga.

¹⁹⁷ Ver Anexo K.

¹⁹⁸No entanto, esta percepção psicologizada do sujeito contrapõe-se a uma representação relacional da pessoa, tal como aponta Duarte (1988), como estando inserida na configuração cultural das classes trabalhadoras urbanas (que é possível expandir para as classes populares e nas quais os jovens estão inseridos), que é "hierárquica", "holista" e "não-individualista", ou seja, entre outras características, há uma preeminência do todo sobre as partes, isto é, do coletivo sobre o individual. São estas características que permitem às classes populares terem uma representação de corpo que é "físico-moral", ordenada por uma lógica distinta daquela que orienta a constituição de corpo sob a ótica individualista moderna (Duarte, 1988, 1994). Este autor aponta, ainda, para essa constituição, assim como para uma construção de pessoa, quando analisa o fenômeno do "nervoso" e diz que este se prende a três qualidades do universo estudado por ele. A primeira qualidade é a dos fenômenos "físicos-morais", na qual o "nervoso" é visto como um fenômeno oscilatório que articula o corpo (físico) e a mente, conferindo três capacidades ao sujeito, ao saber, "física", "mental" e "moral". Esta qualidade "físico-moral" pode extrapolar para outros fenômenos que não o "nervoso". A segunda qualidade seria a "preeminência de um modo relacional e situacional de determinação das identidades e de seu jogo" (Duarte, 1988:143), com vistas a uma série de aspectos como gênero, posição e situação desse sujeito na rede de relações sociais e familiares. E a terceira qualidade é a ordenação distintiva da qualidade dos sujeitos sociais, contrária aos pressupostos equalizantes do modo cultural dominante.

Naquele dia em que os jovens assistiram à “Ilha das Flores”, antes da exibição do filme, Sirlândia entrou na sala e disse para Renato: “agora já chega, quem chegar a partir de agora manda para casa e vai com um papel para os pais. [E voltando-se aos jovens falou] Mais uma vez por causa de vocês eu levei uma chamada da Dona Anastácia, estão me apertando, eu vou apertar vocês”, e saiu. Após o filme, Sirlândia voltou à sala e anunciou que queria conversar com os jovens: “quero saber o que está acontecendo que vocês estão chegando atrasados! Tem algum problema, ou é pra me sacanear?!”. João Rivaldo, nesse momento, fez um comentário sobre outro assunto; Sirlândia advertiu-o: “se você não escutar pode sair, mas não é para tirar onda da minha cara!”. O jovem levantou e foi caminhando em direção à porta, quando passou ao lado dela, gritou: “eu não estava tirando onda”, e saiu. Sirlândia ficou mais indignada e declarou: “fui chamada a atenção novamente por causa de vocês, e agora eu vou apertar com vocês”. Nesse momento, Brenda irrompe na sala perguntando se Rogério já havia terminado sua atividade. Este comunicou que já iria sair, que íamos para a biblioteca. Brenda avisou a ele que poderíamos ir para a sala ao lado, então Sirlândia concordou: “é, vamos que eu quero continuar essa conversa”.

Durante a troca de sala, Sirlândia informou a Rogério, na frente dos jovens, que: “João Rivaldo não tem autorização para continuar no projeto”. Os jovens foram entrando na sala ao lado e se espalhando pelas cadeiras. Eu sentei junto a eles. Sirlândia, primeiramente ficou em pé na frente da sala e depois se sentou numa cadeira ao lado de Rogério, que se sentou à mesa reservada ao professor. Em seguida, Sirlândia reiniciou seu pedido de explicação e salientou que: “Eu faço, faço, estou sempre procurando isso ou aquilo para vocês e só tomo! Não estou com o menor tesão de continuar trabalhando com vocês! Se era isso que vocês queriam, vocês estão conseguindo, porque eu estou pensando em sair daqui, não estou mais a fim de ficar aqui. Vamos, eu quero ouvir de vocês!”. E perguntava diretamente a cada jovem o que ele teria para lhe dizer; ninguém respondia. Então, Lindomar fez alguma referência ao fato de Sirlândia não querer mais trabalhar com eles, concluindo que “ninguém vai querer”.

- “- Todo mundo erra professora, errar é humano, lembrou Jovelina
- O que é errar pra vocês?, indagou Sirlândia.
- Atrasos, respondeu Jovelina.
- O que mais?, insistiu Sirlândia.
- Comportamentos, citou Jovelina.
- O que eu devo fazer, então?, questionou Sirlândia.
- Você deveria tomar um ou dois como exemplo e tirar do projeto, sugeriu Humberto.
- Ah é!, exclamou Sirlândia.
- Não. Tem que melhorar o comportamento, disse outro jovem.

- Vocês melhoraram?, perguntou Sirlândia e repetiu a questão a cada um individualmente”.

Nozimar, Lindomar e Cristiane disseram que não queriam responder, os outros falaram que “um pouco”, “sim”, “não”.

“- Eu quero ouvir de vocês o que está acontecendo, porque eu estou cansada de ser chamada a atenção por causa de vocês. Dona Anastácia fica falando que não está gostando, que vocês ficam pela rua. Tem uma hierarquia, tem alguém em cima de mim que fica me cobrando. Eu nem deveria estar aqui, deveria estar na rua vendo outros cursos, atendimento médico, outras coisas para vocês fazerem, mas não posso porque toda hora tem que estar cuidando de vocês, argumentou novamente Sirlândia.

- Tanto faz você estar aqui ou não, a gente vai continuar chegando atrasado, retrucou Lindomar.

- Ah é! É assim? Tanto faz eu estar aqui ou não?, replicou Sirlândia.

- Hoje você estava aqui e a gente chegou atrasado, insistiu Lindomar.

- Ninguém está livre de um imprevisto e, por isso, chegar atrasado, comentou Félix.

- Em uma hora não dá para ir em casa tomar banho, trocar de roupa e almoçar, analisou Humberto.

- Vocês não precisam mais trocar de roupa, porque no curso profissionalizante que era para vir de calça, ninguém está vindo! Então não precisam ir em casa, ressaltou Sirlândia.

- Por que a gente tem que vir de calça no curso se as outras pessoas da comunidade que vêm no curso vêm de bermuda, chinelo? Por que a gente tem que ser diferente? A gente não é diferente. Por que só a gente tem que vir de calça?, questionou Lindomar.

- Isso foi passado pra mim, pela Faetec, no início do curso, explicou Sirlândia.

- Terça a gente tem futebol e não vamos ficar aqui todos suados, fedendo. A gente tem que ir em casa, argumentou Humberto.

- A equipe decidiu que o prazo será de 20 minutos de atraso, depois é falta. Voltam para casa e serão descontados no final do mês. Então, se quiserem receber só cinco ou dez reais, o problema é de vocês! Quem não quiser ficar no projeto é só falar que tem um monte de gente na fila esperando para entrar. Se vocês estão aqui pra brincar ou por causa do dinheiro é só me falar, que daí eu vou encarar o problema de vocês de outra maneira! Ninguém gosta de ficar dando esporro, faltinha e tirando dinheiro de vocês, mas no mercado de trabalho é assim, vocês vão ter só uma hora para almoçar. E o objetivo final do curso é inserir vocês no mercado de trabalho, e se alguém não sabia, que fique sabendo agora!, exclamou Sirlândia”.

Olhando o horário no relógio, Nozimar perguntou: “a gente não vai pro curso profissionalizante?”. “Não, vocês vão chegar atrasados”, respondeu Sirlândia. Um dos jovens falou alguma coisa sobre isso para ela e Sirlândia os advertiu: “não é respondendo pra mim

que vocês vão mostrar que são machos”. “Eu falei com você lá embaixo sobre a minha falta, mas se você acha que é mentira o que eu falei, eu não posso fazer nada”, concluiu Félix.

“-E os cursos de informática, de computação e de inglês? Como não começaram, eu andei relaxando com o horário, porque venho para cá e fico de bobeira, disse Humberto. Enquanto ele falava, Jovelina olhou para Lindomar, apontando Humberto com a cabeça e com o canto do olho, num sinal de busca de cumplicidade frente a certa reprovação ao que Humberto dizia. Humberto, continuou: “não falam nada porque não tem [os cursos]. A gente fica sem fazer nada.

- Eu não posso sair daqui por causa do comportamento de vocês. Vou ver se os cursos irão acontecer. Alguém tem interesse em fazer o curso de padaria?, indagou Sirlândia.

- Eu tenho interesse nos cursos de informática e inglês, respondeu Humberto.

- Esses não são possíveis agora, enfatizou Sirlândia.

[...]

- Se tem vagas disponíveis e gente que quer entrar, porque você não põe outras pessoas?, indagou Humberto.

- Ainda não se sabe quem vai ficar e quem vai sair [do projeto]. Vocês custam dinheiro. A vaga de Adolfo, que foi para o Exército, é que está disponível, mas eu não vou colocar ninguém enquanto estiver essa bagunça, declarou Sirlândia.

- Você quer dizer que tudo o que está acontecendo no projeto é culpa nossa?, questionou Humberto.

- É, respondeu Sirlândia”.

Eu, que até então estava apenas observando, nesse momento, não consegui me manter imparcial, apenas como antropóloga, e me expus: “não, claro que não. Por isso a Sirlândia perguntou o que está acontecendo, ela quer saber para poder mudar aquilo que está ruim, por isso é bom falar”.

“- O problema é que a gente nem tem uma sala, seria bom ter uma sala e o professor ficar nos esperando lá, porque, às vezes, a gente nem sabe que tem atividade, que o professor está aí, porque não o vê, não sabe onde ele está, explicou Humberto.

- Isso é muito difícil, e não tem mesmo, porque as salas estão ocupadas e a Faetec ocupou muitos espaços, explicou Sirlândia.

- É muito chato dar falta, mas como hoje, quem chegou atrasado nem viu o filme, não entendeu, e a gente não vai mais ver esse filme nem trabalhar com ele, a gente queria discutir, Jovelina disse que não gostou...., comentou Rogério.

- Quê isso Rogério, fica delatando os outros!, exclamou Jovelina, atirando os braços para a frente.

- E então? Eu desisto de vocês ou continuo tentando?, indagou Sirlândia.

- Não desiste, solicitou Jurandir.

- Tanto faz, expôs Jovelina.

- Podem ir para o curso profissionalizante, liberou Sirlândia.

-Você vai ter que ir junto para explicar por que a gente está chegando atrasado, salientou Nozimar”.

Então, os jovens e Sirlândia desceram, mas em seguida retornaram avisando que não teria curso naquele dia.

Durante a “conversa”, a maioria dos jovens se manteve sério e com a cabeça baixa; alguns, de vez em quando, escreviam algo sobre a mesa.

Passado alguns dias, durante o ensaio da peça teatral que foi apresentada na festa de aniversário de Dona Anastácia no “teatro” do Centro Comunitário, em certo momento Fabíola sentou-se ao meu lado e perguntou: “Você conhece a fábula da maçã podre?”. “Não sei”, respondi, pois não sabia o que ela queria. “Que uma maçã podre contamina as outras!”, salientou. “Ah, tá”, respondi. “Eu escutei isso aqui, ontem, e fiquei chocada! Nunca pensei em escutar isso aqui, e de alguém que trabalha com educação; isso é um horror！”, exclamou. “Quem disse isso？”, questionei. “A coordenação”, respondeu Fabíola. “Sobre quem？”, perguntei. “Do Jurandir. Então eu disse para a Sirlândia: ‘Não é. Não se pode comparar com uma fruta, porque ele é uma pessoa, e a fruta não se mexe, não pode mudar, ele pode. Não se deve dizer isso’. Ela ainda me disse que: ‘esse educador fica fazendo essas coisas [teatro, peças], mas ele tinha era que fazer preparação para o trabalho’. Eu disse pra Sirlândia que também achava que tinha que fazer a preparação para o trabalho, mas isso é importante, porque eles [os jovens] não sabem interagir, não sabem nem conversar! E isso ajudaria para o trabalho”， analisou Fabíola.

Nesse mesmo dia, após a apresentação teatral, dois rapazes saíram caminhando de mãos dadas. Fabíola olhou para mim e para Rogério e comentou: “eles são assim, se abraçam, andam de mão, têm um afeto um com outro. Por quê? Você deve fazer uma pesquisa sobre isso”, sugeriu-me Fabíola, pois, segundo ela, “em nenhum outro lugar eu vi jovens se deixarem abraçar”.

5. “Inserir no mercado de trabalho”

Como apontei em diversos momentos neste capítulo, uma das preocupações de Dona Anastácia, e um dos objetivos do “projeto”, era inserir os jovens no “mercado de trabalho” formal, preferencialmente. Assim, salientou Valéria: “a porta de saída dos garotos é o emprego”.

No entanto, alguns aspectos eram expostos como entraves a essa inserção: a baixa escolaridade dos jovens e o não interesse de muitos deles pelo tipo de trabalho oferecido: padeiro, vendedor de verdura. Lembro quando Valéria se ofereceu para levá-los para conhecer o Bob's e aproveitaria para deixar “uns dois por lá”; Aloan, imediatamente, exclamou: “Que nem escravo!”.

Ainda no capítulo anterior, quando eu conversava com André, Felisberto e Adoniran sobre suas expectativas após a saída do “projeto”, este último declarou: “[...] vou alimentar os cão [...]. Vou voltar pro tráfico, porque não tenho emprego e não vou ficar acordando cedo para ir procurar emprego”.

Cabe lembrar, como apontou Zaluar (1985), que o trabalho, nas classes populares, é percebido entre a escravidão - principalmente, entre os jovens - e a dignidade pessoal - para os pais de família, provedores do lar. Nesse sentido, surge uma visão “negativa” do trabalho entre os jovens, na qual quem trabalha é visto como “otário”, pois o trabalho é uma escravidão, já que seus pais trabalham cada vez mais e ganham cada vez menos. Segundo a autora, muitos desses jovens que vêem o trabalhador como “otário”, na maioria das vezes, são os que optam pela vida de “bandido” como demonstração de sua “revolta” a essa vida árdua de trabalhador.

Durante o trabalho de campo, muitos jovens deixaram o “projeto” por motivos diversos: 10 jovens porque ultrapassaram a idade permitida para permanecerem no “projeto”, completando 19, 20 anos; três foram “expulsos por mau comportamento”; três arrumaram “emprego”; um pediu para sair e um outro abandonou o “projeto”. Daqueles que obtive alguma informação do que fizeram após sua saída: três foram prestar serviço militar obrigatório; um ingressou no tráfico de drogas; dois ficaram sem fazer “nada”; outros dois começaram a trabalhar e, pouco depois, deixaram seus empregos – entre estes, Nozimar que, como apontei acima, seu pai havia lhe arrumado um emprego, “ele foi, mas os outros jovens eram, a maioria, do Comando Vermelho, e implicavam com ele, aí ele não quis ficar”. E alguns passaram a ocupar funções dentro do Centro Comunitário, Leonel foi ser assistente do professor de futebol do “projeto MEL”; Cláudio e Arcanjo passaram a atuar como “monitores” das aulas de informática; depois Arcanjo atuou na Faetec; Lineu assumiu a posição de “monitor” do t@í.com; e Leonizinho, foi contratado no Abrigo. Um outro jovem, João Rivaldo, por algum tempo foi inserido no “Projeto Passadeiras Comunitárias” para ser o entregador. Ele deveria buscar e devolver as roupas passadas pelas idosas nas casas dos clientes. Pouco tempo após iniciar esse serviço, João Rivaldo não quis mais, segundo Dona

Anastácia, porque ele tinha que buscar roupa na casa da Eliana, e ele disse que era “muito longe”.

Numa reunião da “equipe” Dona Anastácia citou o exemplo dos jovens que saíram do “projeto” e, atualmente, trabalhariam na entidade: “o Lúcio, ele era do projeto, começou como professor de informática e agora se acha muito importante porque é coordenador de informática. Mas ele não vai ficar muito tempo aí, porque daqui a pouco alguém descobre ele e tira ele daqui, porque um cara assim tão bom não vai ficar muito tempo aí, ganhando esse pouquinho de dinheiro que ele ganha aí”.

Em outra reunião de “equipe” discutiram, ainda, a situação de Tomás, jovem que estava cursando o ensino médio. Rogério iniciou, lembrando que: “a gente leva para eles, toda hora, a equipe frisa toda hora, que eles têm que se preocupar para com o mercado de trabalho, crescer; mas na prática isso não aparece”. E comentaram que Tomás “quer fazer faculdade, mas tem percepção de que não vai conseguir, porque mora aqui. O nível dele é maior, é mais elevado”. Ao que Raquel analisou: “ele se desmotivou por isso, por ter visto que o grupo é menor”. “Mas aí ele está ficando pra trás com isso”, concluiu Celso. “Tomás está chateado pela questão de que deixa de ir às festas porque não tem roupa, não tem tênis. Se eu deixar de ir também por isso, não vou nunca!”, exclamou Rogério.

Em outra ocasião, durante a atividade de Celso, Humberto levantou algumas questões sobre o tema “emprego”. Estavam na sala, ainda, Aline - uma psicóloga que atuou menos de um mês no “projeto”-, Sirlândia, Armando e André.

“- Nós vamos sair com emprego? Tem gente aqui há dois, três anos e não consegue. Eu não quero ficar aqui mais de um ano, estou aqui só pra me preparar, fazer curso e arranjar logo um emprego, ressaltou Humberto.

- Teve gente que foi fazer o curso de garçom e fez alguns trabalhos. O Arcanjo, o Cláudio, o Leonizinho e Lineu estão aqui trabalhando, informou Celso.

- Mas de office-boy a gente não precisa estar aqui para conseguir, a gente consegue fácil, tem aí fora. A gente está aqui porque quer ter opção de escolhas. Alguns optaram por ser garçom, mas outros querem outras escolhas. Me inscrevi no curso de microcomputador na Faetec e não começou, estou de bobeira, isso não tem lógica!, analisou Humberto.

- Estão aqui não só para conseguir trabalho, mas para se manter também, para viver na sociedade, respondeu Celso.

- Meu objetivo aqui é fazer informática avançada, montagem e manutenção de micro e inglês, replicou Humberto”.

Ainda nessa discussão, André e Humberto reclamaram do horário do almoço, que “é apenas uma hora. Não dá para ir em casa tomar banho”.

“- Trabalhamos com a realidade, a realidade da comunidade em escolaridade é essa, os empregos que conseguirão não terão mais de uma hora de almoço. Vocês têm que se adaptar, considerou Celso.

- Não estou vendo aqui me adiantar; porque já perdi dois anos na escola, estou na 6^a série ainda. O tempo tem que ser mais aproveitado. Tem tardes que a gente fica aqui de bobeira, a mesma coisa que a gente estivesse na rua, a gente não está aprendendo nada, comentou Humberto”.

Humberto pediu, ainda, o “diploma do curso de contabilidade” que feito no “Centro de Oportunidade de Trabalho – COT”, situado dentro do Centro Comunitário, e o Wanderlei, responsável pelos certificados, “foi viajar e deixou aqui o diploma, mas sem um carimbo. Por que ele não adiantou?”. Comentou ainda que “falta tempo para terminar o colégio, mas quero fazer os cursos antes para depois não ficar na correria. O que conta também no diploma, para conseguir um emprego, é o nome: entre a Faetec, o Senac e o Centro Comunitário, o que conta? A Faetec vai deixar o Senac e o Centro Comunitário de lado. Que Centro Comunitário é esse?”, questionou Humberto. “Você pode pedir uma declaração, se é de extrema urgência, você pode fazer isso”, sugeriu Celso. “Não é de extrema urgência, mas é uma coisa que já poderia estar comigo. Coisas assim é que eu não aturo, entendeu? Aqui, nós estamos tendo um preparo, aqui não é trabalho. No trabalho a gente também vai ter um preparo, uma adaptação. Trabalho tem regras, limites, metas. O principal é a meta. Por exemplo, o trabalho em loja, a esposa do meu pai é gerente de loja, tem que atingir a meta, tem que dar vantagem para seus patrões. E tem regras: pode fazer isso, não pode fazer aquilo, por exemplo, numa loja não pode pressionar o cliente; não pode obrigar o cliente a comprar”, explicou Humberto.

“- Em relação ao patrão, tem regras?, questionou Celso.

- Obedecer ao patrão, você tem que obedecer a ele. Se não obedecer, você vai estar desacatando a ele. Isso é uma regra, não é?!, disse Humberto.

- Obedecer ao patrão é primordial, afirmou Celso.

- Com certeza. Mas tem limites, lembrou Humberto.

- Dá exemplos, solicitou Celso.

- Trabalhar além do horário de trabalho, porque aí já é exploração e exploração é crime, ressaltou Humberto.

- O que é limite?, perguntou Celso.

- O limite é em relação às regras. Primeiro tem que ter consideração com seu patrão, declarou Armando.

- O respeito é o limite. Antes de trabalhar, mesmo eu precisando daquele trabalho, eu tenho que conhecer os limites, as regras e aí, mesmo eu precisando, eu posso optar, eu posso escolher. Se eu não concordar com as regras, eu não vou ficar. Não pode se atirar em qualquer coisa também. A gente tem um compromisso com o Centro Comunitário, que ele tem que

manter a gente aqui com cursos, mas a gente também tem um compromisso com a gente mesmo. A gente tem que se preparar para emprego, a gente não está aqui à toa, reivindicou Humberto.

- E o uso de drogas?, questionou Celso.
- Essa regra até já é lei, porque usar droga é proibido, afirmou Humberto.
- Emprego é *chic*, o que tem é trabalho. Emprego é ganhar muito e trabalhar pouco. Tem várias coisas extra-muros, vocês não estão cercados aqui, declarou Celso.
- Vocês não respondem a nada que a gente dá pra vocês, alegou Sirlândia.
- A gente está tentando fingir que não existem esses que não querem nada para conseguir algo para aqueles que querem. Acreditando em quem está aqui dentro e esquecendo quem está lá fora, sentenciou Aline.
- Não concordo, falamos ontem do Jurandir, iam tirar ele, mas ele é quem mais precisa, porque normal ele não é, porque quem faz o que ele fez não é normal!, exclamou Humberto.
- Olha, pra dizer se ele é normal ou não, tem que ter conhecimento que nem você, nem eu temos. Só um médico, evidenciou Aline.
- É a ordem natural, aqueles que não querem nada vão ver depois aqueles que estão crescendo e vão querer, supôs Sirlândia.
- Quem está dentro e não quer nada com nada, está jogando essa oportunidade fora, porque não são todos que têm essa oportunidade; espero que eles acordem antes que seja tarde, concluiu Aline”.

A partir da discussão acima se comprehende porquê os jovens não querem trabalhar em “empregos”, que segundo a “equipe” é a “realidade” deles, porque são empregos que exigem baixa qualificação, mas nos quais as pessoas trabalham muito e percebem pouca remuneração. Nesse sentido, os jovens não visualizavam a possibilidade de alcançar os objetivos que declararam quando entraram no “projeto”, e que constavam nas suas fichas: “mudar de vida” e “melhorar de vida”.

Diante disso, é possível vislumbrar, ainda, que os jovens, pelo menos alguns, tinham expectativas ou “projetos” para o futuro, e estar no “projeto social” era visto como um momento para alargar seu “campo de possibilidades” e, com isso, como visto acima, “melhorar de vida” e “mudar de vida”. No entanto, seus “projetos” se diferenciavam daqueles que a “equipe” tinha para eles, que visava, de certa maneira, a restringir seu “campo de possibilidades” quando estavam, a todo momento, tentando conformá-los e adaptá-los à “realidade da comunidade”, tal como visto sob a perspectiva da própria “equipe”, e não transformar suas condições de existência. Dessa divergência de perspectiva é que os conflitos entre os jovens e a “equipe” ganhavam espaço.¹⁹⁹

¹⁹⁹ Sobre a noção de “projeto” e “campo de possibilidades” ver, especialmente, Velho (1994), que se refere a um espaço no qual as pessoas se movem mediante suas escolhas, que são orientadas por crenças, valores, gostos, interesses, experiências pessoais e, também, coletivos. Assim, a partir de um “campo de possibilidades” os indivíduos constroem seus “projetos”, de forma mais ou menos consciente, devido aos condicionamentos sociais, culturais e históricos.

Considerações finais

Neste momento, primeiramente, retomarei os principais tópicos abordados durante a tese e, em seguida, colocarei ênfase em alguns pontos para reflexão à guisa de considerações finais.

No decorrer do primeiro capítulo apontei diversas negociações para minha entrada e posterior permanência em campo. Nessas tentativas e estabelecimentos das diversas relações sociais entre mim, meus mediadores (possíveis e de fato) e as pessoas que estava pesquisando, diversos aspectos estiveram presentes, muito além de simplesmente ir lá e coletar dados. Expectativas, pré-noções, trocas, desapontamentos e valores de ambos os lados, na maioria das vezes de natureza distinta, interagiram e contribuíram na construção da etnografia.

Assim, longe de um sentimentalismo ou subjetivismo, tentei objetivar uma prática, a da pesquisa de campo, e seus processos de negociações, nos quais tiveram lugar meus diversos Docs (Foote-Whyte, 1993), mediadores, que me colocaram em contato com os “nativos”, traduziram para mim os códigos locais, mas também filtraram aquilo que eu deveria ouvir, ver e anotar.

Com o decorrer do texto foi possível também perceber que a minha aceitação no campo e desenvolvimento da pesquisa passou mais pelo conteúdo e pela maneira como as relações sociais foram se estabelecendo entre mim e meus interlocutores, do que por razões, exclusivamente, de conhecimentos científicos. Isto porque as razões que levaram aos encontros, e também desencontros, eram diferentes. Enquanto eu queria concluir a pesquisa de campo, pois está em jogo a minha obtenção do título de doutora em Antropologia, meus interlocutores tinham outros motivos para entrar nessa relação, seja a promoção do bairro no desempenho de sua função, seja ajudar amigos ou, ainda, construir e fixar uma memória local.

Outra questão, que ficou visível no decorrer do texto, foi a intersubjetividade, se a subjetividade de meus interlocutores estava presente, a minha também estava (Velho, 1997a); pois, a pesquisa é “contaminada por simpatias pessoais e políticas”, como ressalta Becker (1977). Assim é que em muitos momentos me surpreendi, em outros me emocionei e em algumas ocasiões senti constrangimento.

É nesse sentido que perpassa a relação de pesquisa, uma dimensão de poder, expressa, entre outros, por uma distância social e de objetivos. Dessa maneira, como aponta Bourdieu (1997b: 699), para compreender o meu outro (o “nativo”) tenho que ser “capaz de me colocar

em seu lugar em pensamento”. Este foi meu esforço constante e permanente no trabalho de campo e na elaboração desta tese.

Ao longo do segundo capítulo, apresentei o bairro de Vila Isabel e o Morro Parque Vila Isabel mediante a história e memória oficiais, assim como não oficiais, que emergiram de uma série de eventos comemorativos. Estes, ainda, atuaram na construção de identidades sociais dos moradores e, nas narrativas relatadas, foram revelados os elementos pelos quais os moradores de Vila Isabel se distinguem dos “outros” bairros. A história do morro, ignorada na história e na memória oficial do bairro, foi acionada pelos seus moradores, havendo o intuito, em especial, da presidente do Centro Comunitário, em fixar essa história, oficializando-a conforme sua versão dos acontecimentos. Portanto, esses foram momentos de disputa pela legitimidade de narrar a história e a memória dessas localidades.

A partir daí foi possível perceber o contexto no qual as relações sociais entre os moradores do bairro e os do morro são estabelecidas. Aqui, pela compreensão da gramática “nativa”, com suas categorias: “favela”, “asfalto”, “comunidade”, “rua” e “morro”, procurei falar da própria (di)visão da cidade do Rio de Janeiro e de setores que a habitam, de seus conflitos e de seus diálogos; de suas interações e sociabilidade.

A “comunidade” serviu como ponto de partida para revelar as outras categorias. Cabe enfatizar que a necessidade de conceituar esse termo está relacionada à busca de compreensão dessa palavra, visto que ela é polissêmica e tem seus múltiplos significados apreendidos no contexto em que é evocada. Conceituar também é tentar o afastamento do senso comum, que toma sua significação como dada, e perceber de que maneira sua acepção é construída socialmente.

Na relação entre o asfalto (representação da ordem, da civilidade, do medo, da solução) e sua localidade oposta, a favela (vista como a desordem, a incivilidade, a violência), o que está sendo enfatizado é o conflito. Essa terminologia - vinda de fora - busca, na representação da “cidade partida”, os termos para colocar em oposição, em conflito aberto, os moradores dessas duas localidades. O ponto de interseção da cidade, atualmente, é “a violência” – categoria construída para produzir a “cidade [bi]partida”; outros tempos já foi a feiúra arquitetônica, as doenças que a favela traria, quando, então, se propôs a sua erradicação.

Nesse contexto, a “comunidade” ganha o sentido de uma estratégia discursiva para dirimir os conflitos, pois é nela que o Estado, as ONGs e outras instituições podem atuar, mediante “projetos sociais”. Aqui, a favela passa a ser a “comunidade”, deixa de ser vilã e

passa também a ser vítima – dos narcotraficantes e toda sorte de “violência” aí instaurada, real e imaginária.

É como “comunidade” que a favela ganha espaço e consegue competir por bens políticos (os projetos sociais), econômicos (os financiamentos) e sociais (o prestígio). Disputa não somente entre “comunidades” distintas, mas entre a favela e a classe média do bairro, que tem meios de impor sua visão de mundo e construir determinada identidade para o bairro, tentando mantê-la por meio de rituais e produção de livros.

Quando os moradores das favelas falam da “rua” e do morro, o morro assume o sinônimo de casa, onde “já conheço todo mundo e todo mundo me conhece”; “porque ninguém rouba”; “é o melhor lugar para se morar”. Por isso, o drama da invasão gera tanto medo nos moradores, pois a invasão da sua “casa”, seja por traficantes rivais, seja pela polícia - isto é, pelo estrangeiro - desarruma, vasculha, quebra a hierarquia da “casa” - do morro. É a lógica da “rua”, a impessoalidade, invadindo o morro.

A “rua” não é apenas a oposição, é o complemento do morro. Não é o conflito aberto como o é quando o asfalto é a referência; a rua é o lugar onde, segundo os moradores do morro, “não se tem com quem falar”, “não se tem a polícia invadindo, mas há roubos, grades e janelas fechadas”.

No terceiro capítulo coloquei o foco sobre o Centro Comunitário Maria Isabel, como elemento da organização do Morro Parque Vila Isabel e espaço privilegiado para o exercício da sociabilidade. Apontei para a articulação de diferentes redes sociais que definem códigos de comportamentos, perpassados por distintos pertencimentos religiosos e políticos, no âmbito da instituição.

O Centro Comunitário está inserido num quadro mais amplo de entidades de “assistência social”, sendo uma das instituições centralizadoras dos “projetos sociais”, que, por sua vez, explicitam a relação entre favela e bairro, assim como favela e cidade. Na dinâmica dos projetos sociais tem-se, de um lado, o agente financiador, o Estado (Prefeitura e governos estadual e federal) e as instituições que o fomentam (Banco Interamericano de Desenvolvimento, Banco Mundial, entre outros); de outro, o público-alvo, as “comunidades carentes”, os indivíduos em “situação de risco social”. “Risco” cotidianamente definido pelas “equipes”, que atuam nesses projetos, considerando como o índice maior do “risco” o próprio local de moradia e estilo de vida daqueles a quem estes projetos se destinam.

Apresentei, ainda, a estrutura física e social do Centro Comunitário, como ocorreu seu surgimento e o porquê do seu nome. Em seguida, visando à compreensão das dinâmicas externas e internas do Centro Comunitário, sua “vocação” para a área educacional, pela qual é

possível implementar as práticas civilizatórias, abordo momentos da trajetória da presidente da entidade, Dona Anastácia. Uma “mulher política” que desempenha um papel de mediadora entre o Centro Comunitário, seus freqüentadores e os poderes públicos. No âmbito da instituição atua como “polícia feminina”, “disciplinando corpos” e administrando uma “economia dos castigos”, isto é, define quais comportamentos são adequados e quais não o são, controlando mediante a publicização das punições e advertências. Colabora na sua representação deste papel sua pertença religiosa à Igreja Batista. Ainda, mediante sua atuação religiosa, ultrapassa fronteiras e desenvolve “projetos sociais” no morro São João, “rival” ao Morro dos Macacos pela identificação dos traficantes a facções criminosas opostas, respectivamente, Comando Vermelho e Terceiro Comando.

Assim, discuti a construção e a manutenção da liderança de Dona Anastácia, que, em diversos momentos, assume um caráter carismático. Dona Anastácia também atuou, junto com seu marido, na fundação da Associação de Moradores, da qual, posteriormente, foi presidente, por duas vezes. Hoje, ela visa a distinguir as áreas de atuação e os modos de agir das duas entidades, devido às supostas ligações das lideranças da Associação com os traficantes locais.

No capítulo seguinte, dou continuidade à reflexão sobre o Centro Comunitário, apresentando alguns funcionários (aqueles que recebem seus salários pela instituição) e trabalhadores (aqueles que atuam no Centro, mas os recebem por outras instituições, como Prefeitura e ONGs) e as interações sociais estabelecidas por eles. Para isto, utilizo tanto a descrição de um dia, como a análise do almoço cotidiano, momento privilegiado, quando ficam evidenciadas as relações de poder, a manutenção e atribuição de prestígio e da hierarquia e, em função disto, as tensões.

Nessas interações e conflitos, um aspecto importante é a religião. Dona Anastácia, batista atuante, alega que o Centro Comunitário não adota crença religiosa com vista ao recebimento de freqüentadores de qualquer religião. Na prática, os freqüentadores e os visitantes são, em sua maioria, evangélicos, de distintas denominações, e cultos são realizados no espaço da entidade.

O Centro Comunitário, como cenário de distintos “projetos sociais”, financiados pelos governos e ONGs, que muitas vezes enviam funcionários para atuar no âmbito da instituição, é palco de negociações e disputas políticas. Muitos candidatos a mandatos políticos procuram o Centro Comunitário em busca de adesão à sua candidatura.

Os moradores que freqüentam a entidade percebem o tempo, assim como acontecimentos e melhorias ocorridas no local, mediante menções aos políticos, à época que

estavam no poder, principalmente a Carlos Lacerda, Leonel Brizola e César Maia - este último associado ao Programa Favela-Bairro -, iniciando com a expressão: “no tempo do...”.

Neste contexto, analisei alguns eventos rituais realizados tanto no espaço do Centro Comunitário como fora dele, na praça central de Vila Isabel. Esses eventos revelam os prolongamentos dos fios de uma teia em que os sujeitos estão emaranhados, onde interagem e participam de pequenos circuitos de trocas, às vezes, concorrentes, que se entrecruzam, produzindo um grande *potlatch*, onde dádivas são dadas, recebidas e retribuídas.

As benesses trocadas, mais do que objetos materiais, são reconhecimento pessoal, poder, autoridade, *status* e prestígio sociais. Além disso, nessa tessitura, composta por recursos sociais (pessoas), políticos (projetos sociais) e econômicos (financiamentos) as pertenças são distinguidas, o elo social, reforçado, e novos adeptos, conquistados. Revelam, ainda, um exercício intenso de sociabilidade, por vezes no meio do conflito decorrente das incursões policiais, das “guerras” e “invasões” entre traficantes de áreas “inimigas”.

Conforme o local de realização dos eventos, diferentes rivalidades se avivam. No espaço do Centro, desnuda-se uma rivalidade local entre distintas lideranças, que disputam o séquito que dá sentido aos circuitos de trocas pelos quais se mantêm (mas podem se perder) poder, autoridade, *status* e prestígio social. Na praça, evidenciam-se as ambigüidades entre os moradores do morro e os da “rua”, que em muitos momentos são transformados na dicotomia “favela”-“asfalto”. Esta, quando professada, abre caminho fértil à implantação de práticas civilizatórias por parte de entidades do “asfalto”, que visam a manter essa parte da população sob controle, visto que sob a mira do trânsito não logram êxito.

Para compreender de que maneira essas práticas civilizatórias, denominadas “projetos sociais”, são levadas a cabo, analisei, no quinto capítulo, um desses “projetos”, denominado “Esperança de Vida”. Este destina-se a jovens entre 14 e 18 anos que estariam numa suposta “situação de risco social”. O “risco” é definido pela “equipe”, isto é, as pessoas que atuam no “projeto”. Tal classificação e o processo de estigmatização desses jovens se assenta sobre distintos indicadores, como a falta de escolaridade, e como reflexo do estigma que é imposto à favela, principalmente por aqueles que não moram nesse local: “chaga” incrustada na cidade, “reduto de bandidos, marginais”, enfim, símbolo da “incivilidade”, da “barbárie”, como, reiteradamente, os meios de comunicação de massa referem-se a este local.

Os jovens, por outro lado, buscam outros rótulos de identificação: roupas e acessórios de grifes, cortes e pinturas peculiares em seus cabelos, ou como freqüentadores dos bailes *funk*, experimentam outros códigos existentes no morro.

Sob a perspectiva da “equipe”, essa identidade e essas experiências são produto e produtoras, também, do “risco”, associadas a uma percepção do “perigo” advinda da relação estabelecida entre os jovens e membros do tráfico local, muitos dos quais são seus amigos e parentes, “cresceram juntos”. Em virtude de distintas perspectivas, a dos jovens, a da “equipe” e a da presidente da entidade, a interação deles abre espaço para conflitos e acusações de desvio.

Outro aspecto dessa configuração é a relação ambígua que os jovens mantêm com o tráfico. Por um lado, eles demonstram um fascínio por seus símbolos e da “facção criminosa” associada ao local: armas, drogas, dinheiro, “novinhas” (meninas), as gírias utilizadas, as músicas cantadas dentro e fora do baile *funk*. Por outro lado, expressam medo e tristeza ao verem amigos e parentes serem mortos nas “guerras” entre as facções e nas disputas com policiais. As “ocupações” policiais, pela forma também violenta com que ocorrem, acrescentam mais tensões ao cotidiano.

Nesse capítulo, ressalto, ainda, minha participação e interação com os jovens, com a “equipe” e com a presidente da entidade. Em alguns momentos não me foi possível apenas observar, visto que estava inserida em um ambiente onde as pessoas, continuamente, estavam intervindo, agindo, assumindo posições e tomando atitudes. Nesse espaço, ser uma mera espectadora me colocava numa posição incômoda e divergente; por isso, em alguns momentos tive também que expor minhas opiniões e escolher, enfim, de que lado eu estava.

Agora chamo a atenção para outros dois aspectos: o primeiro, a relação entre os moradores do morro e os do bairro; e o segundo, alguns apontamentos sobre o tema da “violência”. Ambos revelam as ambigüidades da vida social.

Voltando à reflexão inicial da relação entre os moradores do morro e do bairro, tomo como mote o *shopping* Iguatemi. Ao freqüentá-lo, os jovens mantêm contato com o restante do bairro e participam da sociedade de consumo, inclusive, internacional, no contexto de um sistema capitalista com forte difusão e generalização, pelos meios de comunicação, de modelos culturais da classe média como sendo acessíveis a todos. A busca dos jovens em serem semelhantes é expressa, por exemplo, pelas marcas das roupas que costumam vestir: *Nike*, *Redley*, *Kenner*, entre outras.

A ambigüidade reside no fato de que, quando vão ao *shopping*, as suas condições de existência e as desigualdades sociais são perceptíveis, seja no atendimento dispensados a eles ou, como salienta Dona Anastácia, “é muito ruim a gente estar no morro descalço e ir no *shopping* e ver aquele monte de tênis na vitrine”.

O sentido da “revolta” dos jovens estaria atrelado tanto à convivência com a desigualdade social, quanto a sua participação (ou o desejo) na sociedade de consumo, meio pelo qual os jovens buscariam ter um lugar próprio no mundo (Zaluar, 1985; Peralva, 2000).

No entanto, quando passam a utilizar, de fato, os modelos culturais semelhantes, por exemplo, via consumo de roupas de grife, isso é revertido num estigma. Peralva (2000) aponta para esse processo, enfatizando que, ao partilharem dos mesmos lugares que as camadas médias – escola, lazer (como praia, bailes *funk*) - se acentuam os processos de preconceito e discriminação, mais particularmente, contra “favelado e negro”, desencadeando conflitos, algumas vezes com brigas e outras ações, pela necessidade de ambos afirmarem sua identidade e liberdade. Nesse sentido, os novos conflitos seriam expressos pela revolta das condições gerais de “individuação”, que refletiria na busca de um lugar no mundo, principalmente, os jovens das camadas populares. Isto contribui para que continue e, de certa maneira, se construa nas representações e, às vezes, nas práticas sociais, a distinção favela / cidade, uma vendo a outra como inimiga. Colabora para isto o preconceito racial existente em nossa sociedade, que durante séculos apontou o negro como “marginal”, “bandido” e “ser inferior”.

Isso conduz ao segundo ponto, mais especificamente ao que se refere à relação entre desigualdade social e violência, pois, conforme Dona Anastácia: “Não é uma justificativa, entendeu, mas eu acho que é uma coisa que leva muito a isso [violência]. Que vai ficando revoltado, vendo uma diferença muito grande entre o morro e assim tão próximo”.

Ainda no tocante à questão da violência, a própria maneira como a abordei merece agora atenção. Não fiz um capítulo ou subcapítulo à parte porque procurei abordar a questão inserida no cotidiano dos freqüentadores do Centro Comunitário, pois, muitas ações consideradas violentas acontecem aí, e não apartadas do dia-a-dia.

Faço essa ressalva porque, quando se fala em violência, muitas vezes, na mídia e no senso comum de nossa sociedade, pensa-se nela como algo “anormal”, que não tem lugar de ser e acontecer. No entanto, deve-se atentar para que os conflitos são inerentes à vida social e remetem às diferenças existentes entre os indivíduos em suas relações sociais, sejam essas de classe, gênero, etnia, religiosa, ou outras e a violência, muitas vezes, é a expressão desses conflitos. Contudo, nem todos os conflitos culminam em atos denominados de violência, principalmente os ligados à ameaça ou ao uso de força física e, além disso, muitos dos conflitos são resolvidos por meio da violência ritualizada, isto é, ordenada por regras preestabelecidas, como na luta de boxe. Os que têm seu limite em ações consideradas violentas – dentro e fora do âmbito ritual –, ligam-se a uma dimensão do poder – isto é, o

desejo de impor sua vontade sobre a dos outros –, que perpassa todas as relações sociais, mas, nesse caso, associa-se às desigualdades nas condições de vida, de existência, de crença, enfim, aos diferenciais de poder. Como se percebe, o fato social violência é complexo, pois está relacionado a uma série de fenômenos e situações, além da própria conceituação ser complicada, pois o que é considerado como violento por um grupo social, pode não ser por outro.²⁰⁰

Nesse sentido, sem querer diminuir a importância de situações geradoras de grande violência e conflito, devem-se compreender as falas sobre atos violentos, especificamente no que se refere ao tráfico de drogas e à ação policial, contextualmente inseridas.

Assim que se comprehende que, por um lado, Dona Anastácia percebe seu cotidiano como perturbado por tiroteios, a ponto de ir morar em outro local, e considere que “infelizmente, agora está assim bastante violência. É uma pena ver tantos garotinhos pequenos envolvidos no tráfico, isso é uma pena!”. E, por outro lado, não estar em disputas abertas com os traficantes, reconhecendo a posição social que eles ocupam nesse espaço e o *status* que lhes é conferido, mesmo porque, segundo uma de suas filhas, Dona Anastácia foi “mãe de leite” do “dono do morro”, “bandidão”, morto meses depois de minha entrada em campo. Este fato aponta, ainda, que o ingresso no tráfico, e o tornar-se “bandidão”, é uma escolha num “campo de possibilidades” no qual há diferentes coerções, mas ainda assim é uma escolha.

Cabe aqui uma pequena reflexão sobre os efeitos desta posição ocupada pelos traficantes na estrutura social do morro. A eles é conferida uma posição de destaque na hierarquia e, por isso, as relações que estabelecem com os outros moradores são marcadas pela ambigüidade. E, então, características como idade, gênero e pertencimento religioso influenciam na percepção que os outros moradores têm dos traficantes. Assim, certa vez escutei de uma senhora evangélica: “não concordo com nada disso”, referindo-se à atuação do tráfico; mas também ouvi que “por isso que é bom ser mulher de bandido, se é respeitada”, como disse uma jovem; ou, ainda, como disse Dona Anastácia, muitas jovens “disputam os traficantes, os traficantes são os melhores, os mais queridos” para elas. Lembro também o medo e o fascínio dos jovens que participam do “projeto”.

Ou, na conversa entre duas idosas, quando da realização de um dos grupos focais, uma chegou, sentou-se e parecia não conseguir se equilibrar na cadeira. Perguntei a ela se a cadeira

²⁰⁰ Este parágrafo se baseia nas leituras de Elias e Dunning (1992); Velho (2000); Velho e Alvito (2000); Vianna (2000).

estava ruim. “Não, eu estou nervosa”, respondeu. “Por quê?”, indaguei. “Porque tinha um com uma arma ali embaixo, perto da entrada”. Então, as outras idosas disseram a ela “é assim mesmo”. A senhora retrucou: “eu tenho horror a arma, porque eu já levei um tiro”, ao que outra senhora comentou: “é, quando já se passou por isso sabe o que é, fica com medo”. O tiro que atingiu a senhora foi dentro de um ônibus, quando ela trabalhava de cobradora e houve um assalto, então um “detetive”, que estava no ônibus, atirou no assaltante, que por sua vez, alvejou o “detetive”. Nisso, dois tiros acertaram a senhora.

A ambigüidade advém, ainda, do fato de que, no Morro dos Macacos, pelo menos enquanto eu fazia o trabalho de campo, os indivíduos que atuam no tráfico eram do local e, portanto, faziam parte do cotidiano e das relações pessoais, sendo vizinhos, amigos e parentes.

Eles são preferidos aos policiais, que entram nesse local não distinguindo quem pertence ao tráfico ou não. Esta situação já foi descrita em outras etnografias, como a de Alvito (2001) na favela de Acari, onde, segundo o autor, as ações policiais, consideradas cada vez mais violentas, com suas estratégias e visões de uma “guerra” urbana, não visualizam as distinções internas das favelas; por exemplo, não distinguem trabalhadores de traficantes.

Mesmo quando a ação policial se exerce sobre pessoas que atuam no tráfico, ela é vista sob críticas, porque o alvo da ação é alguém que é, ou poderia ser - pela possibilidade aberta à entrada dos jovens -, filho, irmão, enfim, parente de alguém.

Assim, certo dia, no Centro Comunitário, três senhoras comentaram sobre um episódio recém-ocorrido. Dona Vilma disse a Dona Eulália que o morro estava “cheio de polícia” e “pegaram um garoto, que devia ter problema e bateram muito nele, arrastaram o garoto e ele chamava a mãe. Nessa hora eles lembram que têm mãe!”. Dona Eulália, escutando, disse: “desde que cheguei, senti alguma coisa no ar”. Em seguida, abaixou-se, colocou a mão em frente à boca e olhou para os lados. Dona Vilma, então, exclamou: “a polícia é ingrata!”. Pouco depois, Dona Eulália foi embora e Dona Raimunda aproximou-se. Comentou: “não estou muito boa hoje porque pouco antes a polícia bateu num rapaz”, e contou-me o que viu, que os policiais bateram muito no jovem e “escorria sangue pelos olhos e pela boca. Os gritos dele eram horríveis!”. Enquanto ele apanhava, sua mãe gritava e chorava pedindo para os policiais não o matarem; pouco depois, a mãe desmaiou e foi levada ao hospital. Então Dona Raimunda disse que não ficou sabendo se o jovem havia morrido ou não, mas “se ele sobreviver vai ter muito que contar”. Durante o conflito, Dona Raimunda disse que escutou um policial dizer ao outro para irem até uma determinada casa “pegar fulano, ladrão de carro [...]. Por Deus que eu ouvi! Me deu aquela vontade de ir avisar pra ele se cuidar, porque estão atrás dele”. Por fim, mencionou que os policiais não deveriam ter feito aquilo com o jovem:

“faz pena! Por causa da mãe. Eu tenho netos e filhos, que graças a Deus não estão nisso, mas nunca se sabe...!”.

Devido ao espaço ocupado pelos membros do tráfico é que não é possível fazer política, campanhas e ações sem ter algum tipo de negociação com estas pessoas.

Para finalizar, ainda que essa discussão seja infundável devido à sua complexidade, cabe lembrar que a violência, nos termos atuais que temos visto no Rio de Janeiro, se dá dentro de um quadro de crise das relações sociais, e ainda, pode ser considerada como expressão das relações de diferença, da confrontação de culturas distintas, como a representada pela oposição asfalto *versus* morro (Bresciani, 1994, Velho 2000).

No entanto, ressalto que não é possível esquecer o que Dona Anastácia me disse, em nosso primeiro encontro, após eu ter lhe dito que Antropologia é o estudo do homem, não individualmente, mas em grupo, em sociedade, de como as pessoas vivem. E disse-lhe que queria pesquisar o bairro e a favela. “É difícil”, ela comentou. “Por quê?” Perguntei. Foi aí que recebi uma lição similar àquela que aprendi nas primeiras aulas desta disciplina: “Porque na favela cada um pensa de um jeito, tem os funkeiros, os puxadores, os crentes, é muita variedade, diversidade, não é tudo igual”, afirmou Dona Anastácia.

Portanto, o “morro”, como os moradores denominam o local onde moram, ou a “favela”, como é chamada em diferentes contextos, são heterogêneos, não passíveis de qualquer tipo de redução, muito menos aquela que atrela esta localidade à violência.

Por fim, ressalto que a vida social é um processo em permanente mudança, e aquilo que escrevi nesta tese é uma parte desse processo sempre em transformação. Dessa maneira, descrevê-la ou apreendê-la numa etnografia é possível, como apresentei aqui, desde que seja levado em conta que, antes de nós estarmos lá, esses processos já existiam e, depois de nossa saída, eles continuarão, num eterno devir. Por isso é pertinente terminar esta tese com a apropriação do nome de um filme: “E a vida continua...”.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Maurício. **A evolução urbana do Rio de Janeiro.** 3º ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.
- ALVIM, Rosilene. Meninos de rua e criminalidade: usos e abusos de uma categoria. In: ESTERCI, Neide; FRY, Peter e GOLDENBERG, Mirian (orgs.) **Fazendo antropologia no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.189-204.
- ALVITO, Marcos. **As cores de Acari:** uma favela carioca. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- _____. A honra de Acari. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) **Cidadania e violência.** 2º ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ: FGV, 2000. p.148-165.
- ARIÈS, Philippe. A família e a cidade. In: VELHO, Gilberto e FIGUEIRA, Sérvulo A.(orgs.) **Família, psicologia e sociedade.** Rio de Janeiro: Campus, 1981. p.13-23
- BALANDIER, Georges. Homens e Mulheres ou a Metade Perigosa. In: _____. **Antropo-lógicas.** São Paulo: Cultrix, 1976. p.19-66.
- BANTON, M. Etnogênese. In: _____. **A idéia de raça.** Lisboa: Edições 70, 1979. pp.153-173.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bella (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos.** São Paulo: Global, 1987. p. 159-193.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. A cidade dos velhos. In: VELHO, Gilberto (org.) **Antropologia urbana:** cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.43-57.
- _____. Memória e Família. **Estudos Históricos**, v.2, n.3, pp.29-42, 1989.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. (orgs.) **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998. p.185-250.
- BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** 3º ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- _____. **Uma teoria da ação coletiva.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX e A Paris do segundo Império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio (org.) **Walter Benjamin.** 2º ed. São Paulo: Ática, 1991[1938]. p.30-43 e 44-122.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** 17º ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: as validité méthodologique, sés potentialités. **Cahiers internationaux de sociologie**, v. LXIX, p.197-225, 1980.

BLAY, Eva Alterman. Mulheres e movimentos sociais urbanos no Brasil: anistia, custo de vida e creches. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.26, pp.63-70, 1980.

BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bella (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas** – métodos. São Paulo: Global, 1987. p. 195-223.

BOMBART, Jean Pierre. Les cultes protestants dans une favela de Rio de Janeiro. **América Latina**, v. 12, n.3, pp.137-159, jul.-set., 1969.

BORGES, Antonádia. **Tempo de Brasília**: etnografando lugares-eventos da política. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: NUAP/UFRJ, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1979.

BOTT, Elisabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. 2º ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.183-191.

_____. **Razões Práticas** - Sobre a Teoria da Ação. Campinas, Papirus, 1997a. 1º reimpressão.

_____. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997b. p.693-713.

_____. A Dominação Masculina. **Educação e Realidade**,v.20, n. 2, pp.133-184, jul/dez, 1995.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Rio de Janeiro: Difel: Bertrand Brasil, 1989.

_____. Conclusion: Clases y Enclasamiento. In: **La Distinción** - Criterio y bases sociales del gusto. Espanha: Taurus Humanidades, 1988. p. 478-495.

_____. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.112-121.

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade das multidões, a cidade aterrorizada. In: PECHMAN, Robert Moses (org.) **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 9-42.

BRIOSCHI, Lucila R. e TRIGO, Maria H.B. Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n.7, p.631-637, jul., 1987.

BRITO, Joaquim Pai de. A cidade exposta. In.: CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA; Luís Vicente e COSTA, António Firmino (orgs.) **Etnografias Urbanas**. Portugal: Oeiras, 2003. p. 43-51

_____. O fado: etnografia na cidade. In: VELHO, Gilberto (org.) **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.24-42.

BURGOS, Marcelo Baumann. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.25-60.

CARVALHO, Maria Carmo. Expressões psicadélicas juvenis. In.: CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA; Luís Vicente e COSTA, António Firmino (orgs.) **Etnografias Urbanas**. Portugal: Oeiras, 2003. p. 167-178

CASTRO, João Paulo Macedo. “**Não tem doutores na favela, mas na favela tem doutores**”: padrões de interação em uma favela do subúrbio carioca nos anos 90. Rio de Janeiro, UFRJ/MN, PPGAS, 1998 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O rito e o tempo: a evolução do carnaval carioca. In: ESTERCI, Neide; FRY, Peter; GOLDENBERG, Mirian (orgs.) **Fazendo Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.75-91

_____. Espetacularidade, significado e mediação: as alegorias no carnaval carioca. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.31-43, 2001.

CECCHETTO, Fátima Regina. Galeras *funk* cariocas: os bailes e a constituição do ethos guerreiro. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.145-165

_____. As galeras *funk* cariocas: entre o lúdico e o violento. In: VIANNA, Hermano (org.) **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1997. p.95-118

CENTRO DE SAÚDE. **Código Internacional de Doenças**: CID 10. Disponível em <<http://www.cid10.hpg.com.br>>. Acessado em <08/09/2000>.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p.63-79.

CHAVES, Miguel. **Casal Ventoso**: da gandaia ao narcotráfico. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999.

CLASTRES, Pierre. Da tortura nas sociedades primitivas. In: _____. **A sociedade contra o Estado**. 6º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 123-131.

CLIFFORD, James. Notes on (Field)notes. In: SANJEK, Roger (ed) **Fieldnotes: the makings of Anthropology**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1990. p. 47-70.

COELHO, Maria Cláudia Pereira. Jovens atores e jovens católicos: um estudo sobre metrópole e diversidade. In: VELHO, Gilberto (org.) **Individualismo e juventude**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1990. p.27-46 (Comunicação do PPGAS n.18)

CONINCK, Frédéric e GODARD, Francis. L'approche biographique à l'épreuve de l'interprétation: les formes temporrelles de la causalité. **Revue française de sociologie**, v. XXXI, p.23-53, 1989.

COPANS, Jean. **L'enquête ethnologique de terrain**. Paris: Nathan, 1999.

CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António Firmino. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (org.) **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 58-79

COSTA, António Firmino. Estilos de sociabilidade. In.: CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA; Luís Vicente e COSTA, António Firmino (orgs.) **Etnografias Urbanas**. Portugal: Oeiras, 2003. p. 121-129

_____. **Sociedade de Bairro**: dinâmicas sociais da identidade cultural. Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 1998 (Tese de Doutorado em Sociologia).

COSTA, Maria Alice Antunes. Sinergia e capital social na construção de políticas sociais: a favela da Mangueira no Rio de Janeiro. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, n.21, pp.147-163, nov. 2003.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga e SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Nem soldados, nem inocentes**: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

CUNHA, Christina Vital. **“Ocupação evangélica”**: efeitos sociais do crescimento pentecostal na favela de Acari. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGSA, 2002 (Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia).

CUNHA, Eugênia Vasconcellos Paim. **Viva a nossa comunidade**: um estudo de fé e política na Rua Jordão. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS, PPGSA, 1991 (Dissertação de Mestrado em Sociologia)

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Bonde do mal: notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela do subúrbio carioca. In: MAGGIE, Yvonne e REZENDE, Claudia (orgs.) **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.83-153.

_____. Cinco vezes favela – uma reflexão. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: FGV: Ed. UFRJ, 2000. p189-218.

DaMATTA, Roberto. O poder mágico da música de carnaval: Decifrando mamãe eu quero. In: _____. **Conta de Mentirosa**: sete ensaios de antropologia brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P.59-89

_____. Sobre comidas e mulheres. In: _____. **O que faz o Brasil, Brasil?** 2º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.49-64.

_____. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. In: NUNES, Edson (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.23-35

DaMATTA, Roberto e SOÁREZ, Elena. História e sociologia do jogo do bicho. In: _____. **Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p.59-100.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p.49-68

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EdUSP, 1998.

_____. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectivas, 1976.

DUARTE, Luis Fernando Dias. A outra saúde: mental, psicossocial, físico-moral?. In: ALVES, Paulo C. E MINAYO, Maria C.de S. (orgs.) **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994. p.83-90. 1º reimpressão.

_____. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: CNPq, 1988.

_____. Pouca Vergonha, Muita Vergonha sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, José Sérgio Leite (org.) **Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: Museu Nacional / UFRJ, 1987. p.203-226.

_____. Pluralidade religiosa nas sociedades complexas e “religiosidade” das classes trabalhadoras urbanas. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 41, p.55-65, ago., 1983.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. **Algumas formas primitivas de classificação**. Contribuições para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, Marcel. **Ensaios de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981. p.399-455.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** (V. I): uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador** (V. II): formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p.223-256.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: São Paulo, 1970.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- EPSTEIN, A. L. Gossip, norms and social network. In: MITCHELL, J. Clyde (org.) **Social network in urban situations: analyses of personal relationships in Central African towns**. Manchester: Manchester University Press, 1969. p.117-127
- EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Os Nuer**. 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- _____. **Bruxaria, oráculos e magia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FERNANDES, Florestan (org). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Edusp, 1973.
- FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p.207-222.
- FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- _____. Bandidos e Mocinhos: antropologia da violência no cotidiano. **Humanas**: revista do IFCH, Porto Alegre, UFRGS, v.16, n. 2, p. 67-89, jul./dez., 1993.
- _____. Cavalo Amarrado Também Pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vértice, , ano 6, n 15, p.27-39, fev. 1991.
- Aliados e Rivais na Família: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila porto-alegrense. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vértice, v. 2, n. 4, p.88-104, jun. 1987a.
- _____. Mulher chefe de família? **Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v.1, n. 2, p. 261-268, 1987b.
- FOOTE-WHYTE, William. **Street Corner Society**: the social structure of an italian slum. 4º ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. 15º ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 13º ed. Rio de Janeiro: Record, 2002 [1936].
- FRÚGOLI JR, Heitor. A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n.52, p. 107-216, jun. 2003.
- FRY, Peter. Feijoada e *Soul-food* 25 anos depois. In: ESTERCI, Neide; FRY, Peter e GOLDENBERG, Mirian (orgs.) **Fazendo antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.35-54.

- _____. Feijoada e *Soul-food*: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. In: _____, **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 47-53.
- GARCIA, Joana. A filantropia empresarial: ou de como transformar o negócio em social. **Estudos de Política e Teoria Social**, Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Serviço Social, v.1, n.1, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GLUCKMAN, Max. **Rituais de rebelião no sudoeste da África**. (mimeo)[s/d].
- GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 7º ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **A vila olímpica da verde-e-rosa**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- GOULD, Stepen Jay. **A falsa medida do homem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n.14, pp.108-130 mai/jun/jul/ago, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HASENBALG, Carlos A. A pesquisa sobre migrações, urbanização, relações raciais e pobreza no Brasil: 1970/1990. In: MICELI, Sérgio (org.) **Temas e problemas da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Sumaré: FAPESP; Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1992. p. 21-29.
- _____. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p.235-249.
- HEILBORN, Maria Luíza. A cidade como cena. **Anuário Antropológico 85**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp.318-325, 1986.
- _____. **Conversa de portão**: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Rio de Janeiro, UFRJ/MN, PPGAS, 1984 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).
- HÉRITIER, Françoise. **Masculin/Féminin - la pensée de la différence**. Paris: Edition Odile Jacob, 1996.
- HEYE, Ana Margarete. **Mata Machado**: um estudo sobre moradia urbana. Rio de Janeiro, UFRJ/MN, PPGAS, 1979 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social)

HUGHES, Everett. Teaching as field work. In: HUGHES, Everett . **The sociological eye**. 2º ed. New Brunswick: Transaction Publishers, 1993. p. 566-576.

INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS. **Anuário Estatístico 95-97** – Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro: SMU: IPP: DIC, 1997. (CDRoom)

JABOR, Juliana de Mello. **Do amor ético**: um estudo sobre pessoa e família entre batistas. Rio de Janeiro: Museu Nacional/ UFRJ / PPGAS, 2005 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

JANKOWSKI, Martín Sánchez. 1991. In the organization; The media and gangs: imagem construction and myth management. In: _____. **Islands in the street**: gangs and american urban society. California: University of California Press. p. 63-100; 284-310.

JONES, Gareth Stedman. História: a pobreza do empirismo. In: BLACKBURN, Robin (org.) **Ideologia na Ciência Social**: ensaios críticos sobre a teoria social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.89-108.

KNAUTH, Daniela Riva, VÍCTORA, Ceres Gomes e LEAL, Ondina Fachel. A Banalização da Aids. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p.171-202, outubro de 1998.

KOSMINSKI, Ethel. Pesquisas qualitativas – a utilização da técnica de histórias de vida de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.38, n.1, p.30-36, jan., 1986.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia: realidade e ilusão. **Política e Trabalho**, n. 13, pp.145-153, set., 1997.

KUSCHNIR, Karina. Trajetória, projeto e mediação na política. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (org.) **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p.137-164.

_____. **O cotidiano da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LEAL, Ondina F. e BOFF, Adriane de M. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. M. (orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará:ABIA:IMS/UERJ, 1996.p.119-135.

LECLERC, Gérard. La sociologie et les indigènes. In.: _____. **L'observation de l'homme**: une historie des enquêtes sociales. Paris: Éditions du Seuil, 1979. p. 51-80.

LEEDS, Anthony. Poder local em relação com instituições de poder supralocal. In: LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth. **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.26-54

LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth. **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEEDS, Elizabeth. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.233-276.

LEITE, Márcia da Silva Pereira. **Para além da metáfora da guerra:** percepções sobre cidadania, violência e paz no Grajaú, um bairro carioca. Rio de Janeiro, UFRJ, PPGSA, 2001 (Tese de doutoramento em Sociologia).

LEROI-GOURHAN, A. Memória em expansão. In: _____. **O Gesto e a Palavra**. V. 2, Lisboa: Edições 70, 1983.

LÈVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Vol.2. São Paulo: EPU: EDUSP, 1974. p. 01-48.

LUCAS, Maria Elisabeth. Identidade Sonora. In: GONZAGA, Sergius (org.) **Nós os Gaúchos** 2. Porto Alegre: EdUFRGS, 1994. P. 139-143

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à brasileira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.33, pp. 25-38, jan./jun., 2004.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência. ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 277- 298.

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. **O povo sabe votar:** uma visão antropológica. Petrópolis: Vozes; Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

MAGGIE, Yvonne. **Guerra de Orixá:** um estudo de ritual e conflito. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. “Aqueles a quem foi negada a cor do dia”: as categorias cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p.225-234.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores) p.17-33.

MAUSS, Marcel. A alma, o nome e a pessoa. In: _____. **Ensaios de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999 [1929].

_____. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988 [1950].

_____. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MAYER, Adrian C. A importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas. In: _____, FELDMAN-BIANCO, Bella (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas** – métodos. São Paulo: Global, 1987. p. 127-158.

MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes, 1971.

MEDINA, Carlos Alberto., A favela como uma estrutura atomística: elementos descritivos e constitutivos. **América Latina**, v. 12, n. 3, pp.112-136, jul./set. 1969.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. In: LANDIM, Leilah (org.) **Sinais dos tempos**: tradições religiosas no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1989. p.37-86.

MISSE, Michel. **As ligações perigosas**: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~missee>>. Acessado em <30/07/2000a>.

_____. Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas. Trabalho apresentado no **Seminário Brasil em perspectiva**: os anos 90, no IFCS-UFRJ, em 26 de março de 1993. Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~missee>>. Acessado em <30/07/2000b>.

_____. O Rio como um bazar: mercados informais ilegais e mercadorias políticas no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no Fórum de Pesquisa n.26, na **XXII Reunião Anual da Associação Brasileira de Antropologia**, em Brasília, D. F., realizada entre 16 e 19 de julho de 2000c.

MITCHELL, J. Clyde. **The Kalela Dance**: aspectos of social relationships among urban africans in Northern Rhodesia. 3º ed. Manchester: Manchester Universit Press, 1968.

_____. The concept and use of social networks. In: MITCHELL, J. Clyde (org.) **Social network in urban situations**: analyses of personal relationships in Central African towns. Manchester: Manchester University Press, 1969. p. 1-50.

_____. Networks, norms and institutions. In: BOISSEVAIN, Jeremy e MITCHELL, J. Clyde (orgs.) **Network analysis studies in human interaction**. Paris: Mouton, 1973. p.2-35.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n.2, pp.165-174, mai./ago., 2004.

NIETHAMMER, L. Conjunturas de identidade coletiva. **Ética e História Oral**, São Paulo, PUC, n.15, abril, 1997.

NOVAES, Regina Reyes. Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens. In: FRIDMAN, Luís Carlos (org.) **Política e cultura**: século XXI. Rio de Janeiro: ALERJ: Relume-Dumará, 2002. p.63-98.

_____. NOVAES, Regina Reyes (coord) **Com a palavra, os moradores!** Pesquisa qualitativa em comunidades e bairros da Grande Tijuca. Rio de Janeiro: Agenda Social: IBASE, 2000.

NOVAES, Regina e MELLO, Cecília Campello de A. Jovens do Rio: circuitos, crença e acessos. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 57, a. 21, 2002.

O'DONNEL, Guilhermo. Argentina: a macropolítica e o cotidiano. **Lua Nova**, v.4, n.2, pp.38-48, abr./jun., 1988.

OLIVEN, Ruben George. A Mulher Faz e Desfaz o Homem. **Ciência Hoje**, v. 7, n. 37, nov. 1997.

PALMEIRA, Moacir. Política e tempo: nota exploratória. In: PEIRANO, Mariza (org.) **O dito e o feito: ensaio de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: NUAP/UFRJ, 2002. p.171-177.

_____. Política, facção e voto. In: PALMEIRA, Moacir e GOLDMAN, Márcio (org.) **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra-capa, 1996. p.41-56.

_____. Voto: racionalidade ou significado? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 20, ano 7, pp. 26-30, out., 1992.

PARK, Robert Erza. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano em meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) **O fenômeno urbano**. 4ºed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 [1916]. p.26-67

PARK, Robert Erza e BURGESS, Ernest W. Comunidade e sociedade como conceitos analíticos. In: FERNANDES, Florestan (org). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Edusp, 1973 [1925]. p.144-152

PEIRANO, Mariza G.S. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. "This horrible time of papers": documentos e valores nacionais. **Série Antropologia**, Brasília, UNB, n. 312, 2002.

_____. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, Mariza (org.) **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

PERALVA, Angelina. **Violência e Democracia**: o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Particularidades e generalizações: reflexões a partir da pesquisa urbana entre usuários de drogas em Porto Alegre. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.) **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.55-68

_____. “Se deixar a droga levar...”: um estudo sobre as trajetórias sociais de usuários de drogas em uma vila de Porto Alegre. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS, 2001. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social)

PICCOLO, Fernanda Delvalhas e KNAUTH, Daniela Riva. Uso de drogas e sexualidade em tempos de Aids e redução de danos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n.17, junho de 2002.

POLLACK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, v.2, n.3, pp.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val Di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.103-130.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Favelas cariocas, um tema comum a Dodsworth e Lacerda. **Rio Estudos**, n. 144, Instituto Pereira Passos, jan., 2005 (Coleção Estudos da Cidade).
 (disponível em<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/114_favelas%20cariocas,%20um%20tema%20comum%20a%20dodsworth%20e%20lacerda.PDF>, acessado em 09/11/2005)

_____. Das remoções à Célula Urbana: evolução urbano-social das favelas do Rio de Janeiro. **Cadernos da Comunicação**, Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 3, p.272-286, mar., 1987.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

REZENDE, Claudia Barcellos. Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias urbanas. In: VELHO, Gilberto (org.) **Individualismo e juventude**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1990. p.07-24 (Comunicação do PPGAS n.18)

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz e LAGO, Luciana Corrêa do. A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. **São Paulo em Perspectiva**, v.15. n.1, p.144-154, jan./mar. 2001.

RICO, Elisabeth de Melo. A responsabilidade social empresarial e o Estado: uma aliança para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 4, pp.73-82, 2004.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: UFRGS, ano 1, n. 1, p.11-46, 1995.

ROUANET, Sérgio Paulo. Identidade e diferença: uma tipologia. **Revista Sociedade e Estado**, v. IX, n.1-2, jan./dez., 1994.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SALEM, Tânia. Mulheres faveladas: “com a venda nos olhos”. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, Rio de Janeiro: Zahar, n.1, pp.49-99, 1981.

SANSONE, Lívio. Negritudes e racismo globais? Uma tentativa de relativizar alguns dos novos paradigmas “universais” nos estudos da etnicidade a partir da realidade brasileira. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, pp.227-237, jun./1998.

_____. As relações raciais em *Casa-Grande & Senzala* revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p.207-217.

SANTOS, Alexandre Mello, LEITE, Márcia Pereira e FRANCA, Nahyda (orgs.) **Quando memória e história se entrelaçam**: a trama dos espaços na Grande Tijuca. Rio de Janeiro: Ibase, 2003.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos e VOGEL, Arno (coord.) **Quando a rua vira casa**. 2º ed. Rio de Janeiro: IBAM/FINEP, 1981.

SARDAN, Jean-Pierre Olivier de. La politique du terrain: sur la production de données en anthropologie. **Enquête**, v.1, pp.71-109, 1995.

SCHNEIDER, Dorith. “Alunos excepcionais”: um estudo de caso. In: VELHO, Gilberto (org.) **Desvio e Divergência**: uma crítica da patologia social. 5º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.52-81.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n. 2, p.71-99, jul./dez, 1995.

SEEGER, Anthony. O significado dos ornamentos corporais. In: _____. **Os índios e nós**: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 43-57.

SEGALA, Lygia. **O riscado do balão japonês**: trabalho comunitário na rocinha (1977-1982). 2 vols. Rio de Janeiro, UFRJ/MN, PPGAS, 1991 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SENTO-SÉ, João Trajano. A política retorna à praça: notas sobre a brizolândia. FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Rio de Janeiro**: uma cidade na história. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.151-166.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: MAGGIE, Yvonne e REZENDE, Claudia (orgs.) **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.213-243.

SILVA, Helenice Rodrigues. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória **Revista Brasileira de História**, v.22, n. 44, São Paulo, pp. 425-438, 2002

SILVA, Hélio R.S. O menino, o medo e o professor de Saarbrucken. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) **Cidadania e Violência**. 2º Rio de Janeiro: EdUFRJ: FGV, 2000. p.26-48

SILVA, Luiz Antônio Machado. O significado do botequim. **América Latina**, v. 12, n.3, pp.160-182, jul.-set., 1969.

SILVA, Patrícia Fernanda Gouveia. **Mulheres –comunitárias, personae – viajantes. Classe, gênero, identidade e participação popular**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2003 (Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia).

SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.33, pp. 159-166, jan./jun., 2004.

_____. La sociabilité: exemple de sociologie pure ou formale. In: _____ **Sociologie et épistémologie**. Paris: PUF, 1991. p.121-136.

_____. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.) **Georg Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) **O fenômeno urbano**. 4ºed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979 [1902]. p.11-25.

_____. Freedom and individual. In: LEVINE, Donald (org.) **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971. p.217-226.

SLOB, Bart. **Do barraco para o apartamento**: a “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro. Universiteit Leiden, 2002 (Trabalho de Conclusão de Curso)

SOROKIN, Pitirim. Espaço social, distância social e posição social. In: CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio (orgs.) **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. 11º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977 [1927]. p.223-230.

SOUZA, Rogério Ferreira. **Tecendo o passado**: memórias da favela. Morro dos Macacos – Zona Norte do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UNIRIO, PPGMS, 2004 (Dissertação de Mestrado em Memória Social).

STRAUSS, Anselm L. Interações. In: _____. **Espelhos e máscaras**: a busca de identidade. São Paulo: EdUSP, 1999. p.61-98.

SULPINO, Maria Patrícia Lopes. A construção do nordeste nas músicas de forró. **Conceitos**, João Pessoa, v.5, n.7, pp.108-112, jan./jun., 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de., A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme

C. e TORRES, Lílian de Lucca (orgs.) **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996. p. 124-155.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (org). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Edusp, 1973[1944]. P.96-116

TRAJANO FILHO, Wilson. O poder da invisibilidade. **Anuário Antropológico 93**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p.205-239, 1995.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNDCP. Disponível em <<http://www.undcp.org/adhoc/brazil/tipos.htm>>. Acessado em <09/08/2000>.

VAITSMAN, Jeni. Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda. **Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ, v.5, n.2, pp.303-319, 1997.

VALLADARES, Licia do Prado. **L'invention de la favela**. Université Lumière – Lyon II (Habilitation à dirige des recherches), 2001.

_____. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, n.44, pp.05-34, out./2000.

_____. **Passa-se uma casa**: análise do Programa de Remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Associações voluntárias na favela. **Ciência e Cultura**, SBPC, v.29, n.12, pp.1390-1403, dez.1977.

VALLADARES, Licia do Prado, CHINELLI, Filippina e MEDEIROS, Lídia. Introdução. In: VALLADARES, Licia do Prado e MEDEIROS, Lídia. **Pensando as favelas do Rio de Janeiro, 1906 – 2000**: uma bibliografia analítica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: FAPERJ: Urbandata, 2003. p. 9-26

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.) **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p.13-27.

VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) **Cidadania e violência**. 2º ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: FGV, 2000. p.11-25.

_____. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 4º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a.

_____. Drogas e construção social da realidade. In: BAPTISTA, Marcos e INEM, Clara (orgs.) **Toxicomanias**: abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro: NEPAD/UERJ: Sette Letras, 1997b. p.9-13.

- _____. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. **Subjetividade e sociedade:** uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto (coord.) **O desafio da cidade:** novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980a. p.13-22.
- _____. Uma perspectiva antropológica do uso de drogas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 29, n 6, pp.355-358, nov./dez., 1980b.
- _____. **A utopia urbana:** um estudo de antropologia social. 3º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 [1973].
- VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) **Cidadania e violência.** 2º ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: FGV, 2000.
- VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.) **Mediação, cultura e política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- VELHO, Gilberto e MACHADO, Luiz Antônio. Organização social do meio urbano. **Anuário Antropológico 76**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p.71-82, 1977.
- VENTURA, Zuenir. **Cidade partida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- VIANNA, Hermano. O *funk* como símbolo da violência carioca. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) **Cidadania e violência.** 2º ed. Rio de Janeiro: EDUFRJ e FGV, 2000. p. 179-188.
- _____. **O mundo funk carioca.** 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 [1988].
- _____. (org.) **Galeras cariocas:** territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1997.
- VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e abusos da história oral.** 2º ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.33-41.
- WEBER, Max. **Economía y Sociedad.** 2. Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- _____. A política como vocação; A sociologia da autoridade carismática. In: _____. **Ensaios de sociologia.** 5º ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p.97-153; 283-291.
- WHYTE, William Foote. **Street Corner Society:** the social structure of an italian slum. 4º ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1993 [1943].
- WIRTH, Louis. Os desafios da cidade e da metrópole. In: FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e sociedade:** leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Edusp, 1973 [1944]. p. 501-514

_____. Delineamento e problemas da comunidade. In: FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Edusp, 1973b [1956]. p. 82-95

ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.

_____. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

Referências Bibliográficas sobre Vila Isabel

Anuário de Vila Isabel 95, ano 1, nº 1, 1995.

ARAGÃO, Nilde Hersen. **Vila Isabel**: terra de poetas e compositores. Rio de Janeiro: Conquista, 1997.

BLANC, Aldir. **Vila Isabel**: inventário da infância. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: RioArte, 1996.

BORGES, Delane e BORGES Marilane da Silva. **A Vila de Isabel e Drumond a Noel**. Rio de Janeiro: s/ed., 1987.

CRULS, Gastão. Jardim Zoológico. In: _____. **Aparência do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p.752-756

GASPAR, Márcia Vianna. A Vila de Isabel, Amélia e Drumond. In: SANTOS, Alexandre Mello, LEITE, Márcia Pereira e FRANCA, Nahyda (orgs.) **Quando memória e história se entrelaçam**: a trama dos espaços na Grande Tijuca. Rio de Janeiro: Ibase, 2003. p.53-62

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio de Janeiro**. 3º ed. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1959. p. 340

MAURÍCIO, Augusto. Barão de Drummond (fundador de Vila Isabel). In: _____. **Meu Velho Rio**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, Secretaria Geral de Educação e Cultura, s/d.p.81-85.

MÁXIMO, João e DIDIER, Carlos. **Noel Rosa**: uma biografia. Brasília: UnB: Linha Gráfica Editora, 1990.

LIONS Clube R.J. Vila Isabel. **Coletânea de crônicas de Vila Isabel**. Rio de Janeiro: Lions Clube R.J. Vila Isabel, 1979.

RUZANY, Maria Helena e ASMUS, Carmem Ildes Rogrigues Froes (orgs.) **Estudo Epidemiológico da comunidade do Complexo dos Macacos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

Sites visitados**Sobre o bairro**

<http://www.vilaisabel.com.br>

<http://www.portaldevilaisabel.com.br/>

Sobre o Instituto Pão de Açúcar

<http://www.Institutopadeacucar.com.br/interno.asp?canal=conheca&id=oquee>

http://www.institutopadeacucar.com.br/interno.asp?canal=casas&id=vila_isabel

http://www.institutopadeacucar.org.br/interno.asp?canal=programas&id=acordes_vila

Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro

<http://www.rio.rj.gov.br/habitação/favelabairro>, acessado em 20/04/2002

sobre o Favela-Bairro <www.rio.rj.gov.br/habitacao/favelabairro>

Sobre o Agente Jovem: <<http://www.rio.rj.gov.br/smas/>>, acessado em 05/11/2005.

Sobre Dados religiões no Rio de Janeiro: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>,
acessado em 07/11/2005.

Amor-exigente

http://www.amorexigente.org.br/index_oquee.htm

<http://www.geocities.com/HotSprings/Falls/7229/>

Jornal O Globo

http://www.infoglobo.com.br/mercado_perfilleitores.asp, acessado em 02/10/2005

http://www.infoglobo.com.br/mercado_distribuição.asp, acessado em 02/10/2005

Shopping Iguatemi

<<http://www.iguatemi.com.br/>>, acessado em <11/12/2005>,

<<http://www.iguatemirio.com.br/>>, acessado em <11/12/2005>

Anexos

ANEXO A – MAPA VILA ISABEL

ANEXO B – LOCALIZAÇÃO SHOPPING IGUATEMI



Fonte:www.

ANEXO C – FOLDERS DAS PROGRAMAÇÕES 130 ANOS DO BAIRRO DE VILA ISABEL



PREFEITURA
SUBPREFEITURA
TIJUCA E VILA ISABEL

130 ANOS
DE CANTOS
E ENCANTOS
DA VILA



Reduto da boa música e da boemia carioca, o bairro de Vila Isabel chega aos 130 anos e se mantém inspirador e vanguardista. Cenário de ricas histórias, o bairro de Noel Martinho da Vila e de tantos outros mestres... ainda canta e encanta seus moradores e frequentadores.

A Subprefeitura da Tijuca e Vila Isabel comemora a data especial, com atividades culturais, recreação e lazer para toda a família.

O Subprefeito Luiz Humberto convida os moradores e visitantes a participarem das comemorações.

APOIO



PROGRAMAÇÃO

19/09 (19h30m) - Praça Barão de Drumond
Show com Faixa de Beldim e Moacyr Luz

26/09 (18h às 21h) - Instituto Pão de Açúcar
(Rua Artur da Costa, s/nº - Boulevard)
Cerimônia de abertura com apresentação da Orquestra Pão de Açúcar da MPB executando clássicos de Noel Rosa (sob regência do maestro Áccio Flávio); Haverá, também, o show "MPB na Vila" com o cantor Alexandre Moreira, apresentação teatral de grupo "As Velhas da Vila", além de performances de dança rememorando histórias e personagens do bairro.

27/09 (9h às 14h) - Praça Barão de Drumond.
"Vila Cidadão" com serviços de saúde, recreação infantil, espetáculos de dança e teatro. Encerrando a programação matinal, apresentação da escola de samba mirim Herdeiros da Vila.

28/09 (19h às 22h) - Praça Maracanã
"A Vila conta e conta sua história" com o grupo teatral "Arte em Cena" e show da 'Velha Guarda Musical da Vila Isabel.'

28/09 (15h às 23h) - Boulevard 28 de Setembro,
esquina com a Rua Visconde de Abaeté
Atrações de música, teatro e oficinas de recreação, sob o comando da equipe do Projeto "Palco Sobre Rodas", da Secretaria Municipal das Culturas.

29/09 (às 20h) - Basílica N. Sª de Lourdes
Apresentação da Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro

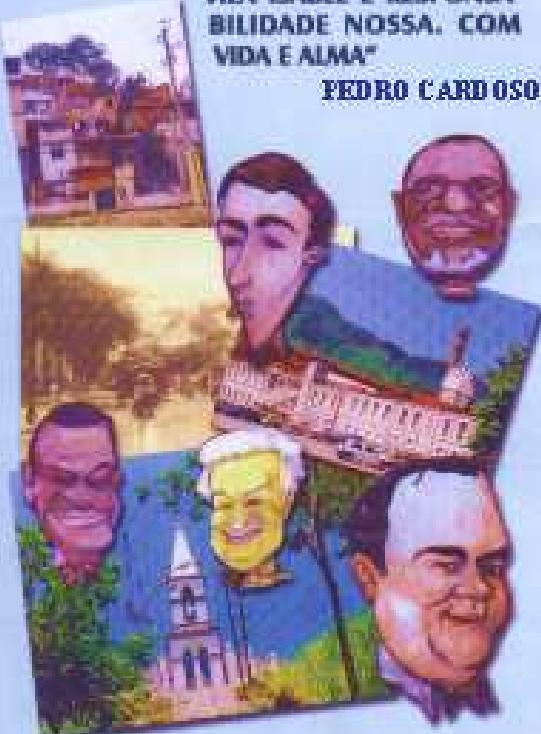
SUBPREFEITURA DA TIJUCA E VILA ISABEL
 Rua Conde de Barão, 744 - 3º andar
 Telefone: 2571-9340 / 9749

“A

QUI TODA A CIDADE SE ENCONTRA E VAMOS CONSTRUINDO UM AMBIENTE FAVORÁVEL À COMUNHÃO E À PAZ EM VILA ISABEL. CADA UM DA SUA MANEIRA, COM SUA SENSIBILIDADE E SUA HISTÓRIA. PARA NÓS É VALIOSO QUE AS FAMÍLIAS, OS VIZINHOS E AMIGOS REFORÇEM SEUS LAÇOS MAIS FORTES, QUE SE PRESERVEM INTACTAS A CULTURA E A SIMBOLIA DAS NOSSAS RUAS E QUE SE MANTENHA A MÍSTICA QUE O NOME DO BAIRRO SEMPRE TEVE.

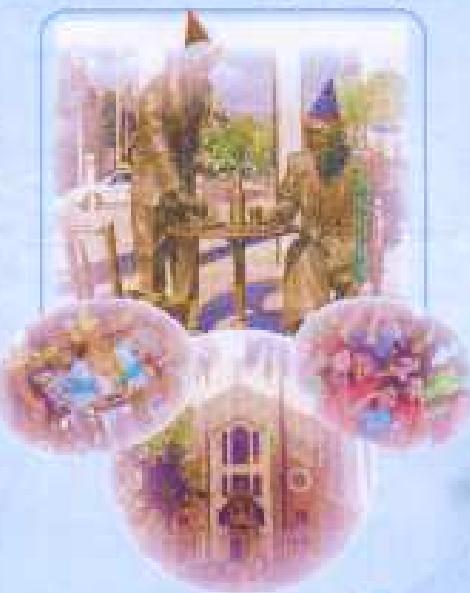
VILA ISABEL É RESPONSABILIDADE NOSSA. COM VIDA E ALMA”

PEDRO CARDOSO



Vila Isabel 130 anos!

As famílias do bairro
celebram com alegria e orgulho



Programação

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO
MANDATO DO VIREADOR PEDRO CARDOSO



ANEXO D – CÓPIA DA LEI DO VENTRE LIVRE



Barão de Drummond

João Baptista Vianna Drummond – Fundador de Vila Isabel

Era Oficial da Imperial Ordem da Rosa

O Barão de Drummond, deliberadamente, ao criar em sua fazenda, o novo bairro (1873) consagrou, a Lei do Ventre Livre, em seus nomes, no Boulevard, nas ruas, transformando Vila Isabel em monumento do ideal abolicionista, fato histórico que se comemora em 2003.



Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871)

O projeto da Lei do Ventre Livre foi proposto pelo gabinete conservador presidido pelo visconde do Rio Branco em 27 de maio de 1871. Por vários meses, os deputados dos partidos Conservador e Liberal discutiram a proposta. Em 28 de setembro de 1871, a Lei nº 2040 após ter sido aprovada pela Câmara, foi também aprovado pelo Senado. Embora tenha sido objeto de grandes controvérsias no Parlamento, a lei representou, na prática, um passo timido na direção do fim da escravatura.

ANEXO E – “FOLHA DO PERNAS”

ANEXO G – NOTÍCIAS DE JORNAIS SOBRE O MORRO DOS MACACOS E VILA ISABEL

01: Do Jornal O Globo, retiradas do Arquivo O Globo, período 2002-2005

A: “troca de tiros”; “tiroteios”; “guerra”; “episódios de violência”; ações dos “bandidos” e dos “traficantes”

Nº	Data	Manchete	Detalhes	Dados editoriais
001	09/01/2002	TRAFICANTES FAZEM EXIBIÇÕES DE DEBOCHE E DESRESPEITO À LEI	... incursão à Favela da Divinéia, matou Gílson numa troca de tiros. Em 1997, um santuário de azulejos brancos, com um metro e meio de altura e uma cruz no topo, foi construído pelos traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel. O santuário, ficava na parte alta da Rua Senador Nabuco, com três fotos de traficantes mortos em confrontos com a polícia. Um deles era Edson da Conceição ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 399 palavras Caderno: Primeiro Caderno
002	20/01/2002	VIOLÊNCIA DAS FAVELAS ATINGE PREÇO DE IMÓVEIS	... de Vila Isabel pretende vender imóvel Há um ano morando num apartamento de quarto e sala na Rua Luiz Barbosa, de frente para o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, uma psicóloga está pensando seriamente em vender o imóvel. Nem o IPTU barato - R\$ 69,30 à vista este ano - faz com que mude de idéia. Ela vive no apartamento onde morou sua mãe por sete anos: - A situação piorou. ... 2ed ... da quantidade de vezes que mostrou o mesmo apartamento. Moradora de Vila Isabel pretende vender imóvel Há um ano morando num apartamento de quarto e sala na Rua Luiz Barbosa, de frente para o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, uma psicóloga está pensando seriamente em vender o imóvel. Nem o IPTU barato - R\$ 69,30 à vista este ano - faz com que mude de idéia. Ela vive no apartamento onde	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Selma Schmidt Tamanho: 1044 e 1038 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.28
003	24/01/2002	O PREÇO DO SOSSEGO: HÁ GRANDE PROCURA PELA ÁREA, CUJA ATMOSFERA LEMBRA CIDADES DO INTERIOR	... tem, acima de tudo, paz, segundo os seus moradores. Mesmo cercado por favelas como a do Morro dos Macacos e da Divinéia, o bairro preserva em seu chamado miolo uma atmosfera de cidade pequena, com poucos carros circulando e raros estabelecimentos comerciais. - Devido a este clima de cidade do interior, ruas como a Marechal Jofre e a Júlio Furtado são mais procuradas do que, por exemplo, a .	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: William Helal Filho Tamanho: 317 palavras Caderno: Tijuca
004	12/03/2002	BALEADA DENTRO DE CASA	Para marido, tiro que atingiu sua mulher foi disparado no Morro de São Carlos A dona de casa Elisa Lima de Oliveira, de 46 anos, foi atingida por uma bala perdida na perna esquerda ontem de madrugada. Ela dormia em seu apartamento na Rua Santa Amélia, no Rio Comprido, com as janelas abertas, quando foi ferida. O advogado Astênio Evangelista de Oliveira, de 46 anos, marido da vítima, ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 356 palavras Caderno: Primeiro Caderno
005	02/04/2002	CONFRONTO: CRIMINOSOS ROUBAM CARRO NA TIJUCA E LEVAM ADOLESCENTE DE 14 ANOS, MENINO DE 10 E O MOTORISTA	... caminho e que o carro poderia ser recuperado na tarde de ontem no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Por isso, a polícia suspeita que os três ladrões participaram da tentativa de invasão do Morro da Casa Branca, na Tijuca, feita por traficantes na madrugada de ontem. Levados para a 19ª DP (Tijuca), os jovens estavam atônitos ontem à tarde. O menino contou que pensou que ia ser morto pelos ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Gustavo Goulart Tamanho: 594 e 596 palavras Caderno: Primeiro Caderno

		2 ed CONFRONTO: ADOLESCENTE DE 14 ANOS, MENINO DE 10 E MOTORISTA FICAM EM PODER DE TRÊS ASSALTANTES E SÃO AMEAÇADOS		
006	09/04/2002	NOVO GOVERNO: EM TRÊS DIAS NO COMANDO DO ESTADO, BENEDITA DA SILVA JÁ ENFRENTOU DOIS CONFLITOS EM FAVELAS	... Morro do São João. Antes de sair, o bando ainda atirou contra veículos que estavam estacionados nas proximidades e lançaram granadas no meio da rua. Foram mais de três horas de combate. O bando estacionou os carros no fim da Rua Assaré e subiu o morro já dando tiros para o alto. A quadrilha entrou em casas do Morro da Matinha e São João. Torturaram moradores, quebraram objetos, roubaram ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 769 palavras Caderno: Primeiro Caderno
007	10/04/2002	TRÁFICO MANDA FECHAR OITO ESCOLAS PÚBLICAS e 2 ed MEDO DO TRÁFICO FECHA COMÉRCIO NA TIJUCA	... e estão em guerra com bandidos rivais que dominam a venda de drogas no Morro dos Macacos. Uma delas, a Escola Municipal Duque de Caxias, na Rua Marechal Jofre, no Grajaú, funcionou de manhã, mas a diretora teria decidido fechar a porta depois de receber telefonemas avisando que a escola seria invadida pelos traficantes. Nervosa, ela pediu ajuda à Polícia Militar. Quatro carros do 6º BPM ... e 2 ed ... e estão em guerra com bandidos rivais que dominam a venda de drogas no Morro dos Macacos. Uma delas, a Escola Municipal Duque de Caxias, na Rua Marechal Jofre, no Grajaú, funcionou de manhã, mas a diretora teria decidido fechar a porta depois de receber telefonemas avisando que a escola seria invadida pelos traficantes. Nervosa, ela pediu ajuda à Polícia Militar. Quatro carros do 6º BPM ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Tamanho: 432 palavras e 451 palavras Caderno: Primeiro Caderno
008	19/04/2002	POLÍCIA CEMITÉRIO CLANDESTINO E DESENTERRA DUAS OSSADAS EM FAVALA	Corpos seriam de vítimas da quadrilha que controla o morro em Vila Isabel. Duas ossadas foram desenterradas ontem por agentes da Polinter que encontraram pela manhã um cemitério clandestino no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Os dois corpos ainda não estão identificados. Segundo policiais, os mortos seriam vítimas da quadrilha do traficante conhecido como Scooby, chefe do tráfico de ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 304 palavras Caderno: Primeiro Caderno
009	05/05/2002	COLUNA PANORAMA E	Econômico Mundos paralelos O Morro dos Macacos é uma favela dominada pelo Terceiro Comando. É cercada por áreas controladas pelo Comando Vermelho, por isto vive em guerra. Pinel é o hospital psiquiátrico mais conhecido do Rio. Lemos Brito, uma prisão com 600 detentos. Camp Mangueira, um centro de menores aprendizes da favela. Rodrigo Baggio circula por todos estes lugares como velho ...	Jornal: Globo Editoria: Economia Edição: 1 e 2 Autor: Míriam Leitão Tamanho: 913 palavras Caderno: Primeiro Caderno
010	19/05/2002	VIOLÊNCIA FAZ MOTORISTAS TEREM FOBIA DE TÚNEL	Constantes arrastões, tiroteios e assaltos provocam pânico e obrigam a mudanças em horários e itinerários As vias do medo. Nas últimas duas semanas motoristas foram surpreendidos por dois arrastões no Túnel do Joá, tiroteios no Túnel Santa Bárbara e assalto no Túnel Noel Rosa. Se antes muitos já evitavam os túneis e corredores expressos por fobias, a situação hoje na cidade é outra: os ..	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 3 Autor: Elenilce Bottari Tamanho: 1053 e 921 palavras Caderno: Primeiro Caderno
011	25/05/2002	VIOLÊNCIA: BANDIDOS	Tiroteio em favela deixa 4 bairros em pânico Seis pessoas são mortas e três ficam feridas durante invasão de traficantes ao Morro dos Macacos, em Vila	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Jorge Martins Tamanho: 830 palavras Caderno:

		CHEGARAM A USAR LAJE DE CARCERAGEM DA POLINTER PARA FAZER DISPAROS CONTRA QUADRILHA RIVAL	Isabel Quatro horas e meia de intenso tiroteio, com seis mortos - inclusive uma mulher - e três feridos. Este foi o resultado da invasão do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, por traficantes do Morro São João, no Engenho Novo, ontem de ...	<i>Primeiro Caderno p. 18</i>
012	26/05/2002	GUERRA DO TRÁFICO OBRIGA MORADORES A ABANDONAR O MORRO DOS MACACOS	Famílias deixaram suas casas sob ameaça de bandidos do São João Dezenas de famílias do Morro dos Macacos, no Grajaú, foram obrigadas a abandonar suas casas no fim da tarde de ontem, depois que traficantes do Morro São João ocuparam a favela e expulsaram os bandidos rivais. Segundo moradores, que chegaram a ouvir tiros, os bandidos invadiram o morro no momento em que muitos estavam no ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 3 Autor: Paulo Henrique Prudente Tamanho: 317 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.22</i>
013	27/05/2002	ARCEBISPO CELEBRA MISSA PERTO DE FAVELA EM GUERRA	... Scheid condenou a violência e ouviu reclamações dos moradores do morro A onda de violência que tomou conta do Morro dos Macacos, no Grajaú, favela onde desde a última sexta-feira os tiroteios são diários, não intimidou o arcebispo do Rio, dom Eusébio Scheid. Ontem de manhã, ele subiu até o ponto mais alto do Morro do Pau da Bandeira, vizinho ao dos Macacos, para celebrar missa na capela na capela Nossa Senhora da	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 e 3] Autor: Tamanho: 294 e 295 e 299 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
014	27/05/2002	FAMÍLIAS DO MORRO DOS MACACOS CONTINUAM EM ABRIGOS IMPROVISADOS	Moradores voltam a suas casas de dia, mas abandonam o lugar à noite Dezenas de famílias que tiveram de deixar às pressas o Morro dos Macacos, no Grajaú, na tarde de sábado continuam abrigadas na quadra da escola de samba Unidos de Vila Isabel, na Avenida Vinte e Oito de Setembro. Até a noite de ontem, cerca de 300 pessoas já haviam chegado ao local. Ontem, durante o dia, 40 policiais ..	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Flávia Monteiro Tamanho: 543 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
015	27/05/2002	MORADORES ABANDONAM MORRO DOS MACACOS COM MEDO DE CONFRONTOS	Cerca de 300 pessoas procuram abrigo na escola de samba Vila Isabel Dezenas de famílias que tiveram de deixar às pressas o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, na tarde de sábado voltaram ontem a procurar abrigo na quadra da escola de samba Unidos de Vila Isabel, na Avenida Vinte e Oito de Setembro. Cerca de 300 pessoas já estavam na quadra da escola no início da noite de ontem. Quarenta .	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 3 Autor: Flávia Monteiro Tamanho: 558 palavras Caderno: Primeiro Caderno p. 11</i>
016	28/05/2002	TRÁFICO VOLTA A IMPOR O MEDO	... No início da Rua Navarro, um dos principais acessos ao Morro do Fallet, moradores e veículos foram revistados pela polícia. Cúpula da PM faz operação em favelas Em Vila Isabel, moradores do Morro dos Macacos continuam como reféns do tráfico. Desde sexta-feira, quando seis pessoas foram mortas durante a invasão do morro pela quadrilha rival do Morro São João, no Engenho Novo, famílias ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Jorge Martins Tamanho: 670 e 667 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
017	28/05/2002	VIOLÊNCIA DE BANDIDOS GERA OS REFUGIADOS DO TRÁFICO	Moradores do Morro dos Macacos continuam em abrigos improvisados sem poder voltar para casa Anoitecia no Morro dos Macacos ontem quando o porteiro X., de 24 anos, abandonou a favela com a filha de 8 meses, a mulher, o irmão e três sobrinhos. Fugindo da guerra do tráfico que assombra a comunidade desde sexta-feira, eles levavam colchonetes, sacolas de roupa e comida. No rosto, medo e ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 678 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
018	29/05/2002	CONTRA DESEMPREGO	... que as autoridades darão um basta na violência nesta cidade maravilhosa; mas não é isso que presenciamos ainda. Sentimos na pele - ou melhor, nos nossos ouvidos - a invasão de traficantes do Morro de São João ao Morro dos Macacos. E no sábado, dia 25, às 19h25m, no cruzamento das ruas Barão de São Francisco com Maxwell, no Andaraí, fomos vítimas de um assaltante visivelmente drogado e ...	<i>Jornal: Globo Editoria: opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 1626 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>

019	30/05/2002	VIOLÊNCIA: POLICIAIS DO BATALHÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS (BOPE) COMEÇAM A FAZER INCURSÕES EM 16 FAVELAS	... ao Morro dos Macacos, foram liberados mais cedo. Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria municipal de Educação, isso aconteceu por causa de ameaças de traficantes. Uma aluna da 6ª série contou que quase não está tendo aula desde o início da semana. Na Escola Municipal Mário de Andrade, na Rua Joubert de Carvalho, muitos alunos faltaram, segundo funcionários. Já a Escola Municipal No	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 584 palavras Caderno: Primeiro Caderno
020	30/05/2002	VIOLÊNCIA: MULHER TERIA SIDO ATINGIDA POR 3 BALAS PERDIDAS DURANTE TIROTEIO ENTRE PMS E TRAFICANTES DO SÃO CARLOS	... do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, mais uma noite de violência levou moradores a abandonarem suas casas. O soldado Alexandre Pontes, do Bope, foi baleado no ombro esquerdo durante um confronto com traficantes no Morro Pau da Bandeira. Ele foi operado e está internado no Hospital Central da PM: - Foi um tiroteio rápido de, no máximo, dois minutos. Nossos policiais, mesmo com o colega ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 603 palavras Caderno: Primeiro Caderno
021	30/05/02	Como na guerra	Cita Morro dos Macacos	Jornal06/ Cartas dos leitores
022	02/06/2002	EXPULSOS DA ESCOLA PELO TRÁFICO	... semana passada após intenso confronto de traficantes no Morro dos Macacos. Na Escola Assis Chateaubriand e no Ciep Salvador Allende (dentro da favela), a evasão em 2001 foi de 8,02% e 8,74%, respectivamente. Este ano, com milhares de famílias obrigadas a deixar o morro às pressas, tirando seus filhos da escola, o fim do ano poderá trazer números ainda piores. A rede municipal de ensino do .	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Antônio Werneck Tamanho: 1070 palavras Caderno: Primeiro Caderno p. capa e 18
023	05/06/2002	TRAFICANTE QUERIA EXPLODIR PAREDES DE BANGU 4	... teria sido adiado porque o líder do grupo, Adriano Ferreira dos Santos, o Tienea, achava que não havia explosivos suficientes. Para desviar a atenção da polícia, os bandidos pretendiam invadir o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e o Morro do Juramento, em Vicente de Carvalho, no mesmo momento da explosão. Após investigações, os policiais prenderam ontem o ex-PM Marcelo Scorsa, o Pitbul; ..	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 240 palavras Caderno: Primeiro Caderno
024	11/06/2002	MANOBRA LIBERTARAM ASSASSINO	... Geral - teria comandado há menos de um mês a invasão do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, em que seis pessoas foram mortas. Entre 1996 e 2002, quatro juízes passaram pela 31ª Vara Criminal. Todos enfrentaram o mesmo problema. Nesse período, o advogado de Elias Maluco, Nicolino Lagruta, foi assassinado, assumindo seu lugar Paulo Roberto Pedrini Cuzzuol. No decorrer do processo, segundo ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 838 palavras Caderno: Primeiro Caderno
025	23/06/2002	POLÍCIA APREENDE BAZUCA ANTITANQUE, GRANADA E COCAÍNA EM BONSUCESSO	... mais seguro da PM, o Brucutu blindado usado pelo Batalhão de Operações Especiais (Bope). Na madrugada de ontem, Sérgio Paula da Cunha, de 20 anos, que trabalhava no projeto Favela-Bairro no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, foi morto com quatro tiros dentro de um ônibus da linha Méier-Nova Iguaçu, quando passava por Ricardo de Albuquerque. O rapaz foi morto pelo soldado Alan Araújo ...	J Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 339 palavras Caderno: Primeiro Caderno
026	23/06/2002	PM MATA OPERÁRIO DO FAVELA-BAIRRO DEPOIS DE UMA DISCUSSÃO EM ÔNIBUS	Tenente da Polícia Militar é morto por traficantes em favela de Cordovil O servente de obras Sérgio Paulo da Cunha, de 20 anos, que trabalhava no projeto Favela-Bairro no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, foi morto com quatro tiros na madrugada de ontem num ônibus da linha Méier-Nova Iguaçu, quando passava por Ricardo de Albuquerque. Os tiros foram disparados pelo soldado Alan Araújo ...	J Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 3 Autor: Tamanho: 330 palavras Caderno: Primeiro Caderno
027	04/07/2002	MATERIAL	... da Justiça. PRISÃO EM VILA ISABEL Adriano dos Santos Miranda, o Filé, foi	J Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1

		IRREGULAR FERRO-VELHO EM	preso na manhã de ontem por policiais do Grupamento Especial Tático Móvel (Getam) da Tijuca, durante uma incursão no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Os PMs disseram que ele estava com pistola calibre 9 milímetros, farta munição, 17 papelotes de cocaína e a contabilidade do tráfico.	Autor: Tamanho: 208 palavras Caderno: Primeiro Caderno
028	26/07/2002	TERRITÓRIO LIVRE PARA O TRÁFICO	... o vice-presidente da associação de moradores e mestre de bateria da escola de samba Império Serrano, Antônio Carlos Soares de Araújo, o Macarrão, foi assassinado a tiros na noite de anteontem. No Morro dos Macacos, em Vila Isabel, traficantes invadiram uma casa, levando duas famílias a ficarem escondidas durante cinco horas e meia num matagal, até serem resgatadas por policiais civis e ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Solange Duart:Solange Duarte Tamanho: 1553 palavras Caderno: Primeiro Caderno
029	26/07/2002	PODER PARALELO: SECRETÁRIO DE SEGURANÇA PÚBLICA NEGA CRISE E DIZ QUE HOUVE APENAS UM ERRO DE INTERPRETAÇÃO	... traficantes Durante cinco horas e meia, duas famílias, num total de cinco adultos e seis crianças, ficaram escondidas num matagal na noite de anteontem para não serem mortas por traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Com um celular, uma das vítimas conseguiu chamar a Polícia Militar, mas o oficial de plantão teria afirmado que só subiria o morro de manhã. As famílias foram ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 e 3 Autor: Jorge Martins Tamanho: 762 e 779 palavras Caderno: Primeiro Caderno
030	04/08/2002	FAMÍLIA É OBRIGADA A FUGIR DA FAPELA BEIRA-MAR APÓS NEGAR FAVOR AO TRÁFICO	... incursão policial, foram embora. Amedrontado, X. pegou a família e fugiu da favela pedindo ajuda a dois policiais militares de uma patrulha na Rodovia Washington Luís. Mas, tal como aconteceu no Morro dos Macacos há 11 dias, os policiais se recusaram a dar cobertura à família alegando que eram apenas dois contra dez traficantes. Depois de andar por meia hora, a família conseguiu abrigo e ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 284 palavras Caderno: Primeiro Caderno
031	07/08/2002	FAMÍLIA É EXPULSA DE FAPELA POR TRAFICANTES	... que teve problemas de coração e estava saindo do Hospital Universitário do Fundão. Afirmou que não sabia por que estava sendo acusado e desligou o telefone. Nos últimos 15 dias duas famílias do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e uma, da Favela Beira-Mar, em Caxias, tiveram ajuda da polícia para se mudar depois que foram ameaçadas pelo tráfico. Legenda da foto: PM MONTA guarda na ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Costa Tamanho: 655 palavras Caderno: Primeiro Caderno
032	11/08/2002	'TENHO QUE VIVER ESCONDIDA COMO UM BANDIDO'	... escondido na casa de amigos, mas não poderei ficar por muito tempo. Eles estão com medo porque continuo sendo ameaçado pelos traficantes. Não sei para onde vou - desabafou o pedreiro Y., morador do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, que, no mês passado, foi obrigado a deixar sua casa por ter sido acusado pelos traficantes de ser informante de policiais. Na opinião do sociólogo Dario, os ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Taís Mendes Tamanho: 822 palavras Caderno: Primeiro Caderno
033	15/08/2002	QUAIS AS ÁREAS MAIS VIOLENTAS NO SEU BAIRRO?	... na Universidade Estácio de Sá. Tenho pena dos jovens que estudam ali. Evito passar por essa rua e pela Barão de Itapagipe, principalmente à noite. (Jorge Cardoso, publicitário) A área do Morro dos Macacos anda violenta. Os tiroteios tiram o sossego dos moradores, não só das ruas asfaltadas como da própria favela. Basta lembrar as famílias que foram expulsas recentemente e receberam ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 270 palavras Caderno: Tijuca
034	02/09/2002	FLAGRANTE	... em flagrante ao tentar roubar o toca-fitas do Gol LMK-9595, às 2h de ontem, na Avenida Borges de Medeiros, na Lagoa. TIROTEIO Policiais do 6º BPM (Tijuca) trocaram tiros com traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, na noite de sábado. O tiroteio deixou um ferido.	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 69 palavras Caderno: Primeiro Caderno
035	27/09/2002	ELEIÇÕES RIO DE JANEIRO	... do Morro dos Macacos. E está expulsando sempre. A gente sabe o que sai nos jornais, mas essa é a rotina. Virou controle econômico. Se uma	Jornal: Globo Editoria: O país Edição: 1, 2 e 3 Autor: Tamanho: 1457, 1466 e 1311 palavras

			determinada boca de fumo vende mais, eles vão lá. Mas como a senhora imagina que seria essa ocupação por 20 anos. Teria uma delegacia no morro? SOLANGE: Estratégias. DPO (Destacamento de Policiamento Ostensivo) em morro já existe. E não estou dizend ... e ... do Morro dos Macacos. E está expulsando sempre. A gente sabe, sai nos jornais, mas essa é a rotina. Virou controle econômico. Se uma determinada boca de fumo vende mais, eles vão lá. Mas como a senhora imagina que seria essa ocupação por 20 anos. Teria uma delegacia no morro? SOLANGE: Estratégias. DPO (Destacamento de Policiamento Ostensivo) em morro já existe. E não estou dizendo ...	<i>Caderno: Primeiro Caderno</i>	
036	03/10/2002	BINA AMEAÇAS ESCOLAS BINA AMEAÇAS	CONTRA ÀS e 2 ed CONTRA	... O posto atende a 240 pacientes por dia. Em Vila Isabel, o feirante Carlos Alberto da Cruz, de 42 anos, foi baleado quando passava pela esquina das ruas Petrocochino e Torres Homem, na subida do Morro dos Macacos, onde policiais e marginais trocaram tiros. Os bandidos teriam descido o morro para ordenar o fechamento do comércio. Legenda da foto: BLITZ EM em frente a supermercado da ... 2 ed = + na Tijuca apo	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Ruben Berta Tamanho: 698 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
037	01/11/2002	MAIS SEGURANÇA NA ORLA		... à tarde por mais de duas horas, queimando roupas e colchões e depredando as celas em protesto contra a falta d'água. Policiais civis cercaram o lugar e foram recebidos a tiros por traficantes do Morro dos Macacos. A PM ocupou a favela. Com a situação controlada, os bombeiros começaram a apagar o fogo. Um carro-pipa da Defesa Civil estadual chegou depois para encher a caixa d'água.	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 229 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
038	02/11/2002	PRESAS POLINTER TRANSFERIDAS	DA SÃO	... mas elas foram contidas. Nada foi encontrado na vistoria. Minutos depois, novo susto: tiros foram disparados no Morro dos Macacos, situado atrás da Polinter. PMs subiram a favela, mas até o início da noite ninguém havia sido preso.	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 351 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
039	30/11/2002	O ASSASSINO DO 2.990		... 700. Cena carioca Dois dias depois de ter seu carro furtado, uma professora recebeu em casa uma ligação de celular a cobrar às 23h. Era um policial avisando que o carro estava na subida do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e pedia para ela ir lá buscá-lo. Mas fez um apelo especial, em tom de súplica: - Não demora muito, não. É perigoso ficar parado aqui a esta hora. Labirint	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Guimarães Tamanho: 839 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
040	30/11/2002	DOIS MORTOS E UM FERIDO EM TIROTEIO NO MORRO DOS MACACOS, EM VILA ISABEL		Traficantes disputam controle da favela e polícia intervém no confronto Duas pessoas morreram, um PM ficou ferido e um traficante foi preso durante um tiroteio na madrugada de ontem no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Traficantes rivais disputavam o controle do morro a bala. PMs e policiais civis intervieram para acabar com o confronto e o tiroteio durou três horas. Várias pessoas não ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 444 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
041	05/12/2002	MENOR BALEADA		Uma menor de 17 anos foi baleada na perna ontem de manhã durante tiroteio entre policiais militares do 6º BPM (Tijuca) e traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Com ela, segundo a PM, foram apreendidos uma pistola calibre 7,65 e um radiotransmissor. A adolescente é acusada de ter atirado contra os policiais no confronto. INDENIZAÇÃO NEGADA A Justiça negou o recurso de ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 113 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
042	11/12/2002	NATAL MAIS POBRE		... exagerados e deveriam estar voltados à solução dos problemas que foram tão bem retratados no episódio. FELIPE LAZARO (via Globo On Line, 8/12),	<i>Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 1718 palavras Caderno: Primeiro</i>

			Rio Não é de hoje Sou vizinha há anos do Morro do Salgueiro e confesso que não me surpreendi em nada com as imagens exibidas pela televisão sobre a ação dos traficantes. Todos sabem muito bem o que ocorre lá em cima, pois é preciso vende .	<i>Caderno</i>
043	17/02/2003	CASAL É BALEADO POR TRAFICANTES EM VILA ISABEL	Vítimas pedem ajuda a PMs e bandidos atiram na patrulha Um casal foi baleado ontem de madrugada por traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Mesmo depois de atingidos, Tiago Aurélio Martins da Silva, de 21 anos, e uma menor de 16 conseguiram fugir e foram perseguidos pelos bandidos. Na Rua Torres Homem, nas proximidades do Túnel Noel Rosa, o casal pediu socorro a policiais do 6º ..	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho:198 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
044	24/02/2003	PROTESTO FECHA A MARECHAL RONDON	... 8h, depois que dois moradores do morro foram seqüestrados por traficantes do Morro dos Macacos, de uma facção rival. Manifestantes atiraram pedras contra ônibus Os manifestantes mais exaltados chegaram a atirar pedras e pedaços de pau contra alguns ônibus, assustando os motoristas e os passageiros. Assim que a manifestação começou, policiais militares do 3º BPM (Méier) foram chamados e	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 381 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
045	05/03/2003	VIOLÊNCIA: MENÇÃO A 'VERMELHO' NA LETRA SALGUEIRO DETONOU CONFUSÃO	... promovido pela Riotur no Boulevard Vinte e Oito de Setembro, em Vila Isabel, terminou em pancadaria generalizada na madrugada de ontem. O motivo foi a quebra de um acordo verbal entre traficantes do Morro dos Macacos e os organizadores da festa para que não fossem apresentados sambas de comunidades controladas pela facção rival, Comando Vermelho. O tumulto começou à 1h55m, pouco antes do ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Luiz Ernesto Magalhães Tamanho:286 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
046	22/04/2003	MICROÔNIBUS DA PM É EMBOSCADO POR 'BONDE'	... Teixeira de Alencar, de 12 anos, por uma bala perdida. A menina via TV na sala de casa, no morro, quando foi atingida na cabeça. Ela foi levada para o Hospital do Andaraí, onde morreu. Segundo o tio Cosme Moreira de Jesus, Bianca foi atingida por um tiro de pistola calibre 7,65. Comércio recebe ordem para fechar Depois do tiroteio, moradores desceram a favela e mandaram o comércio do ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 833 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
047	19/05/2003	FALSAS BLITZES ASSUSTAM MOTORISTAS	... até 4h na rua. É claro que a polícia na rua acaba encontrando marginais e o papel dela é enfrentá-los. Duas radiopatrulhas do 6º BPM (Tijuca) foram alvejadas por tiros disparados por bandidos do Morro dos Macacos durante um ronda, no início da manhã de ontem, na Rua Senador Nabuco, em Vila Isabel. COLABOROU: Bruno Porto	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Jorge Martins Tamanho: 336 palavras Caderno: Primeiro</i>
048	08/06/2003	GUERRA DE FACÇÕES CHEGA ÀS RUAS	... preso) desta última vez, um vagabundo roubou uma senhora na Lapa. Conseguimos pegar ele, que disse que era do Morro dos Macacos, dominado por outra facção. Ele levou muita madeirada. Vocês não permitem que uma pessoa de outra facção assalte na sua área? X: Se alguém assaltar na área do nosso comando, morre na hora. Aquele dos Macacos teve as pernas e a cabeça quebradas. Éramos sete ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Paula Autran Tamanho: 957 palavras Caderno: Primeiro</i>
049	12/06/2003	VIOLÊNCIA DEIXA MARCAS NA VILA	Intimidados por tiroteios e assaltos, moradores pedem BPM para o bairro. Tiroteios freqüentes à noite no Morro dos Macacos, um posto de saúde assaltado por bandidos armados e um shopping center crivado por sete balas. O rastro da violência em Vila Isabel está alarmando moradores e ressuscitou uma velha reivindicação, a de um batalhão de polícia para o bairro. Nos vidros da fachada do ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 285 palavras Caderno: Tijuca</i>
050	12/06/2003	REFLEXOS DO MEDO: UNIDADE MUNICIPAL É INVADIDA POR DOIS BANDIDOS EM	... o namorado de uma funcionária estava rondando os corredores do posto. Funcionários acharam que era o assaltante e se trancaram em suas salas - conta. A suspeita é de que os bandidos vieram do Morro dos Macacos. Moradores de ruas próximas a essa favela reclamam de tiroteios à noite.	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 425 palavras Caderno: Tijuca</i>

		PLENA LUZ DO DIA	Embora indignados com a violência, a maioria evita falar sobre o assunto abertamente, por medo de ...	
051	10/08/2003	SETE TIROTEIOS EM MADRUGADA VIOLENTA NO RIO E EM NITERÓI	... que se dirigia para o local foi atacada a tiros por traficantes do Campo do Abóbora, na Rua Viúva Cláudia, no Jacaré. Com a chegada da polícia ao túnel Noel Rosa, os bandidos fugiram em direção ao Morro dos Macacos. Um Celta preto e uma moto foram roubados na Estrada das Canárias, na Ilha do Governador, por três homens armados em um Uno Mille. Em Niterói, traficantes do Morro do Estado .	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Jorge Martins Tamanho: 421 palavras Caderno: Primeiro</i>
052	16/09/2003	MENINA ATINGIDA POR DISPARO DE FUZIL EM MORRO	... e atingiu o figado e o diafragma. Polícia investiga guerra de facções Segundo investigações da 25ª DP (Engenho Novo), o tiro foi disparado na guerra entre as facções rivais do tráfico do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e do Morro do Encontro. - É comum os dois lados trocarem tiros. Vamos investigar os responsáveis pelo tráfico no Morro dos Macacos para poder chegar até o ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 167 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
053	15/10/2003	POLICIAIS CIVIS SÃO MORTOS A TIROS EM ESQUINA NO GRAJAU	... Os dois policiais se formaram há menos de um ano na Academia de Polícia. O local do crime fica perto do Morro dos Macacos. Flávio era o dono do carro e morreu ao volante do veículo. Fábio foi morto na calçada, pois teria saído do carro para trocar tiros com os bandidos.	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Flávia Duarte Tamanho: 276 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
054	16/10/2003	PRESO UM DOS ACUSADOS DE MATAR 2 POLICIAIS	... ferido ao praticar o crime, estava internado no Hospital Miguel Couto e foi denunciado por outro bandido O bandido Fernando Capeta, um dos suspeitos de participar do assassinato dos policiais civis Flávio do Lago Jobim e Fábio Batista da Silva, foi localizado pela polícia e detido ontem de manhã no Hospital Miguel Couto, onde estava internado. Ele procurou o hospital anteontem à noite ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 431 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
055	17/10/2003	PAI VÊ FILHO SER MORTO EM VILA ISABEL	... do lugar onde, na noite de terça-feira, dois inspetores foram assassinados, possivelmente por traficantes do Morro dos Macacos. Os dois irmãos chegavam de uma reunião de trabalho. André desceu do carro para abrir o portão da garagem. Nesse momento, os dois homens o abordaram, dizendo "perdeu". Houve uma pequena discussão e os bandidos atiraram. André levou sete tiros. Alexandre, que estava	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: José Martins Tamanho: 386 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
056	24/11/2003	HELICÓPTERO CAI EM COPACABANA	... aeronave caiu de uma altura de cerca de quatro metros. Além do piloto, havia três policiais da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) na aeronave, mas ninguém se feriu. O helicóptero vinha do Morro dos Macacos, em Vila Isabel e seguia para a base, na Lagoa, quando os policiais aproveitaram para fazer um treinamento no Morro dos Cabritos. O coordenador do Core, delegado Rodrigo Oliveira, e 2ed ... Tivemos muita sorte pois o local da queda fica muito perto de um penhasco. Ainda tentei manobrar, mas os comandos não responderam - disse o piloto. O helicóptero vinha de uma operação policial no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e seguia para a base, na Lagoa, quando os policiais aproveitaram para fazer um treinamento no Morro dos Cabritos, segundo informações da Secretaria de Segurança.	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Flávio Pessoa Tamanho: 412 e 424 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
057	30/11/2003	BALA PERDIDA: JOVEM PEDE SEGURANÇA PARA POPULAÇÃO E MUDANÇAS NA LEI	... de sua bicicleta num posto de gasolina no Jacaré. Havia um tiroteio entre policiais e bandidos que assaltavam o posto. CRIANÇA: Durante tiroteio no Morro dos Macacos, em 21 de abril, Bianca Teixeira de Alencar, de 12 anos, morreu atingida por uma bala perdida enquanto assistia à TV. PONTO: A aposentada Juracy Florentina Luiz, de 81 anos, que estava num ponto de ônibus em Caxias, foi ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Selma Schmidt Tamanho: 679 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>

058	26/12/2003	DETETIVE É MORTO COM 17 TIROS EM VILA ISABEL	... da Polícia Civil no Morro dos Cabritos, em Copacabana. Os bandidos levaram a aliança de André, um radiotransmissor, um relógio e sua pistola PT 40. Depois, roubaram um Gol, fugindo em direção ao Morro dos Macacos. Equipes da Core e da PM, com apoio de um helicóptero, cercaram a região e a favela na tentativa de localizar os criminosos. Do alto do morro, traficantes atiraram contra o ...	Jornal: Globo Autor: Editoria: Rio Tamanho: 516 palavras Edição: 1 Caderno: Primeiro Caderno
059	27/12/2003	POLÍCIA DIVULGA OS RETRATOS FALADOS DE 2 DOS ASSASSINOS DE POLICIAL CIVIL	Testemunhas viram os bandidos fugir para o Morro dos Macacos A polícia divulgou ontem os retratos falados de dois dos assassinos do policial civil André Luiz Raposo, de 25 anos, morto anteontem na porta de casa, na Rua Torres Homem, em Vila Isabel. As descrições dos bandidos foram fornecidas por um casal que teve o seu Gol roubado momentos depois na esquina da Torres Homem com a Rua ... 2 ed ... Marques Pereira, de 25 anos, foi morto numa falsa blitz em Campinho. Policiais civis de várias delegacias tentaram prender integrantes da quadrilha. Um dos 30 detidos numa operação policial no Morro dos Macacos logo após o crime tinha as características fornecidas, mas, levado à 20ª DP (Grajaú), não foi reconhecido pelas testemunhas. Todos os outros detidos já foram liberados. A polícia ..	Jornal: Globo Autor: Editoria: Rio Tamanho: 416 palavras e 413 palavras Edição: 1 e 2 Caderno: Primeiro Caderno
060	07/01/2004	POLÍCIA PRENDE ARMEIRO TRAFICANTES DE DO DENDÊ	... também é acusado de fornecer armas para morros de Vila Isabel e do Caju Policiais da 37ª DP (Ilha do Governador) prenderam, anteontem, o traficante Pedro Salustino Filho, de 35 anos, no Morro do Dendê, na Ilha do Governador. O bandido é acusado de ser armeiro do tráfico, fornecendo armas e munições para os morros do Dendê, dos Macacos, em Vila Isabel; e para a Favela do Caju. O ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 170 palavras Caderno: Primeiro Caderno
061	08/01/2004	QUE MELHORIAS VOCÊ ESPERA PARA 2004 NA REGIÃO?	... trabalhar e criar nossos filhos. Tudo isso, no entanto, depende da boa vontade das autoridades e da ajuda de Deus. (Rodrigo Moura, engenheiro mecânico) Sonho com o fim dos tiroteios noturnos no Morro dos Macacos e das balas perdidas, que matam nossas crianças até mesmo dentro de casa. (Maria Rosa Mendes, dona de casa) Gostaria que em 2004 a Tijuca recuperasse seus cinemas de rua. Sinto .	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 268 palavras Caderno: Tijuca p.02
062	29/01/2004	BAILES LEVARÃO EM CONTA ÁREAS RIVais	... confrontos entre facções. A estratégia nem sempre é bem-sucedida. Ano passado, um baile no Boulevard Vinte e Oito de Setembro, em Vila Isabel, terminou em tumulto provocado por traficantes do Morro dos Macacos. Eles ficaram irritados porque um dos artistas cantou o samba do Salgueiro, cuja comunidade era controlada por facção rival. Apesar da confusão, o baile, um dos mais tradicionais ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Luiz Ernesto Magalhães Tamanho: 379 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.21
063	13/02/2004	POLICIAIS ACUSADOS DE MATAR JOVEM EM FAVELA	Morador foi baleado na cabeça ao deixar casa no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Delegado nega operação Parentes e amigos de Antônio Cláudio Carvalho Rocha, de 22 anos, acusaram policiais civis pela morte do rapaz, ocorrida na tarde de anteontem no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Desempregado há três meses, Antônio fazia serviços de bombeiro hidráulico numa casa em construção e ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Cristiane de Cássia Tamanho: 863 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.02 e 20
064	14/02/2004	COMISSÃO DA ALERJ VAI APURAR MORTE DE RAPAZ	... Carvalho Rocha, de 22 anos. Desempregado há três meses, o jovem acabara de sair de uma casa em obras, onde fazia serviço de bombeiro hidráulico, quando foi baleado, na tarde de quarta-feira, no Morro dos	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 182 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.25

			Macacos, em Vila Isabel. Parentes e amigos da vítima acusam policiais civis pela morte do rapaz. Ontem, o deputado Alessandro Molon (PT), presidente da comissão, conversou com uma irmã ...	
065	19/02/2004	SUSPEITO PRESO	Suspeito de ser um dos bandidos do Morro dos Macacos que mataram o inspetor André Luis Raposo, da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core), em 25 de dezembro passado em Vila Isabel, Wallace Teixeira da Silva, de 23 anos, foi preso ontem por policiais da 20ª DP (Vila Isabel). Wallace estava usando o relógio que pertencia ao policial. Em depoimento na delegacia, ele negou a autoria do ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 132 palavras Caderno: Primeiro Caderno
066	08/03/2004	BALAS PERDIDAS FEREM 3 NA ILHA E SOLDADO DURANTE CONFRONTO NA PENHA	... gerente-geral do tráfico, foi encontrado mais tarde em uma clínica particular de Bonsucesso. Em Vila Isabel, soldados do 6º BPM (Tijuca) ficaram acuados por cerca de dez traficantes que desciam o Morro dos Macacos. Os bandidos fugiram. Às 14h, moradores da Favela Passa Quatro, em Honório Gurgel, tentaram fechar a Avenida Brasil. O protesto ocorreu porque um adolescente teria sido agredido	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 271 palavras Caderno: Primeiro Caderno p. 10
067	25/03/04	Preso em Magé	Morro dos Macacos, prisão ex-chefe	http://arquivoglobo.globo.com 24/Rio
068	26/03/04	Um ano sem Gabriela	Tiro na 28 de setembro	http://arquivoglobo.globo.com Rio
069	07/05/2004	SOLDADO DA PM É ASSASSINADO POR DESCONHECIDO	... para assaltar motoristas. O sargento Edmilson Braga Almeida e o soldado Rui ficaram feridos por estilhaços e foram medicados no Hospital do Andaraí. Os bandidos conseguiram fugir em direção ao Morro dos Macacos.	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 236 palavras Caderno: Primeiro Caderno
070	12/05/2004	TEMA EM DEBATE: A CRISE DO RIO	... grupo. Felizmente, minha indignação não foi determinada por tragédia pessoal. Encontrou seu limite no drama que a cidade viveu na Páscoa. Deprimida e debruçada sobre a minha varanda, em frente ao Morro Dois Irmãos, lamentava minha impotência diante do inaceitável estado de coisas. Subitamente, percebi que não estava tão impotente assim: afinal a "varanda das lamentações" é um enorme outdoor,	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Paulo de Barros Stewart Tamanho: 1586 palavras Caderno: Primeiro Caderno
071	03/06/2004	BALAS PERDIDAS VIRAM ARTIGO COMUM NA GRANDE TIJUCA	... lamenta. Balas perdidas também viraram rotina na vizinhança onde Edson Linhares morou durante 22 anos, na Rua Visconde de Santa Isabel. Segundo ele, os tiroteios entre policiais e traficantes do Morro dos Macacos já deixaram marcas em paredes de diversas casas. Para fugir dos tiros, ele preferiu se afastar dos amigos e se mudou para uma rua mais calma, no Grajaú. - Está impossível viver	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Rafael Pinna Tamanho: 425 palavras Caderno: Tijuca
072	03/06/2004	A VIDA EM RISCO: UM ANO DEPOIS DE TIROTEIO, ESTUDANTES TENTAM VOLTAR À NORMALIDADE	... mais quer ficar no campus até muito tarde. A área onde está a Estácio, vizinha ao Morro do Turano, não por acaso é apontada pela polícia como sendo uma das mais críticas da região, ao lado do Morro dos Macacos. O comando do 6º BPM (Tijuca) reconhece que a Grande Tijuca é uma das áreas mais atingidas por balas perdidas da cidade, devido à quantidade de morros que cercam a região e à ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 452 palavras Caderno: Tijuca
073	13/06/04	Zonas de insegurança BPM para a Vila é uma das metas	Vila Isabel	Jornal11/12/jornais de bairro
074	23/06/2004	TIROTEIO ENTRE TRAFICANTES E PMs FECHA TÚNEL NOEL ROSA	Bandidos do Morro dos Macacos atiram em policiais O Túnel Noel Rosa, que liga Vila Isabel a Sampaio, foi fechado por duas vezes na manhã de ontem, por causa de tiroteios entre PMs e traficantes do Morro dos Macacos. Pedestres saíram correndo, motoristas desviaram às pressas e policiais se abrigaram atrás de muros. Alguns tiros chegaram a atingir muros de casas da	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 287 palavras Caderno: Primeiro Caderno

			Rua Torres Homem. Numa ...	
075	08/07/2004	SAIBA MAIS SOBRE OS CONFLITOS	Guerras do tráfico em pelo menos cinco pontos da cidade estão aterrorizando moradores da Zona Norte à Zona Sul. Em plena Sexta-Feira Santa, traficantes do Morro do Vidigal tentaram invadir a Rocinha. Doze pessoas foram mortas na guerra iniciada naquele dia. E os conflitos parecem não ter chegado ao fim. A morte de um traficante na Rocinha, há duas semanas, trouxe à tona os riscos de uma nova ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 396 palavras Caderno: Primeiro Caderno
076	29/07/2004	SUJEIRA NA RUA	... de uma terra de ninguém. Tiroteios noturnos são freqüentes e a ação de policiais portando fuzis faz parte do dia-a-dia dos moradores. Sejam militares ou civis, eles atiram a esmo para o alto do Morro dos Macacos e a população local sofre as consequências do revide dos marginais entocados em suas fortalezas. Pessoas são atingidas, crianças ficam em pânico e portarias são alvejadas. Carlo ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 176 palavras Caderno: Tijuca
077	10/08/2004	CONTROLE DA IMPRENSA	... a governadora precisa colocar seus filhos em lugar seguro. Não sei se quero esperar a boa vontade política para dar um basta à violência. Mobilizar a classe média para educar a população carente do morro levaria muito tempo. E tem uma coisa: eu só ajudo a educar a molecada se a elite largar a cocaína, que movimenta o negócio ilegal. Não sei se posso esperar tanto. Se este é o preço a ser pago	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 2339 palavras Caderno: Primeiro Caderno Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 2339 palavras Caderno: Primeiro Caderno
078	18/08/04-Quarta-feira	Tragédia na Vila Sobre mudança de Martinho da Vila	Vila Isabel	http://arquivoglobo.globo.com20/RIO
079	20/08/2004	BALAS PERDIDAS DEIXAM 3 FERIDOS EM VILA ISABEL	... - afirmou o comandante. Comandante nega tentativa de invasão de favelas O tenente-coronel Weber Collyer negou ter havido uma tentativa de invasão do Complexo dos Macacos por traficantes do Morro da Mangueira. Segundo essa versão, os traficantes estariam agindo em represália a uma tentativa de invasão da Mangueira, no sábado, por bandidos de Vila Isabel. - Essa informação só chegou ..	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 457 palavras Caderno: Primeiro Caderno p. Capa e 14
080	20/08/2004	MARTINHO DIZ QUE FALTA LIDERANÇA	... precisa ler mais. Saber um pouco da história dessa cidade. Compreender como e por que as favelas se formaram e, principalmente, como a droga entra nesses locais. Há três dias ouço o tiroteio no Morro dos Macacos e fico pensando sobre o drama que essas famílias vivem - disse o músico. Sobre a informação de que estaria se mudando para a Barra da Tijuca devido à violência em Vila Isabel, o ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 279 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.14
081	20/08/2004	UMA COISA É UMA...	... é contada por gente informada. Terça, quando Rosinha assinava a cessão do terreno onde será erguida a quadra da Unidos de Vila Isabel, um helicóptero da PM quase foi abatido por bandidos do Morro dos Macacos. Caro Getúlio... Chegou ontem ao Palácio do Catete, no Rio, com 50 anos de atraso, uma carta da empresa Proteste para Getúlio Dornelles Vargas. No envelope, registrado, ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Guimarães Tamanho: 886 palavras Caderno: Primeiro Caderno
082	21/08/2004	VILA ISABEL VIVE MAIS UM DIA DE GUERRA	Adolescente é ferido por bala perdida no Morro dos Macacos. À noite, tiroteio fecha duas avenidas de Benfica Pelo segundo dia consecutivo, houve intensa troca de tiros entre policiais e traficantes no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Um adolescente de 13 anos ficou ferido e a PM fechou por meia hora a Rua Visconde de Santa Isabel e o Túnel Noel Rosa no fim da manhã, causando um grande ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Fernanda Pontes Tamanho: 454 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.17
083	22/08/2004	ACEITAR O SACI	... mortos. Terça/quarta: guerra num morro no bairro de Ramos. Polícia troca pesado tiroteio com o bandido responsável pela invasão da Rocinha em abril,	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 2262 palavras Caderno: Primeiro

			que causou 12 mortes. Quarta/quinta: guerra no Morro dos Macacos em Vila Isabel. Polícia tenta impedir invasão de criminosos vindos do morro da Mangueira e bandidos reagem a bala. Granadas são lançadas contra a polícia. Crianças e adultos ...	<i>Caderno</i>
084	22/08/2004	VIOLÊNCIA DEIXA FAVELA SEM POSTO DE VACINAÇÃO	Moradores do Morro dos Macacos têm que ir a outras unidades RIO e BRASÍLIA. O posto de vacinação que todo ano funciona na Associação de Assistência à Criança Surda, no Morro dos Macacos, não foi montado ontem. Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria municipal de Saúde, a prefeitura optou por não abrir uma frente de atendimento no local por prevenção, devido à guerra do tráfico que ..	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Joana Ribeiro Tamanho: 453 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.27</i>
085	22/08/04	Guerra do Rio	Morro dos Macacos e outros locais	<i>Jornal06 carta leitores</i>
086	29/08/2004	MORADORES DE FAVELA PROTESTAM CONTRA VIOLÊNCIA	Manifestação pela paz reúne cem pessoas do Morro dos Macacos Gritando palavras de ordem contra a violência, cerca de cem moradores do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, desceram para o asfalto ontem pela manhã para pedir paz. Vestidos de branco, eles se reuniram no antigo Jardim Zoológico do bairro e, de mãos dadas, deram um abraço simbólico, na esperança de trazer tranqüilidade para a ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 203 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
087	09/09/2004	ADOLESCENTE É ASSASSINADO NA PORTA DE ESCOLA	... cerca de 600 alunos entrarem em sala. Wallace foi atingido por cinco tiros disparados por um homem que passou de bicicleta. O assassino, segundo policiais do 6º BPM (Tijuca), seria um traficante do Morro dos Macacos. Ele teria fugido pela Rua Jorge Rudge, um dos acessos ao morro. A vítima morava no Morro de Mangueira, cujos traficantes são rivais do bando do Morro dos Macacos. Ex-aluno, ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 576 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
088	23/09/2004	CRIMINOSOS DITAM LEIS NAS FAVELAS	... do Barbante, em Inhoaíba, dominada por uma facção criminosa rival. A 12 de outubro de 2001, traficantes do Morro do Urubu, em Pilares, expulsaram moradores de suas casas. Duas semanas antes, no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, traficantes invadiram uma casa, levando duas famílias a ficarem escondidas durante cinco horas e meia num matagal, até serem resgatadas por 30 policiais civis. Na .	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 234 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
089	14/10/2004	IMAGEM REALIDADE	E ... que tem que ficar em casa, privando-se de ver seus amigos e aproveitar a vida, para não correr risco de ser assassinado. Não é ele que escuta quase toda noite uma trágica sinfonia de tiros vindos do Morro dos Macacos, que fica próximo a meu apartamento. Não é ele que tem que se contentar em possuir um carro velho, para evitar ser assaltado. Enfim não é ele que passa pelo estresse cotidiano de	<i>Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 2440 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
090	14/10/2004	O PERIGO QUE SE ESCONDE NA ESQUINA	... que fica em Vila Isabel, como um dos pontos mais perigosos do bairro, onde os assaltos são freqüentes. A praça fica na Rua Engenheiro Gama Lobo, uma via residencial próxima a um dos acessos ao Morro dos Macacos. Os assaltos, segundo conta o professor Aldo Guerra, morador da região, costumam acontecer entre o fim da tarde e a madrugada. O pouco movimento e a fraca iluminação pública ajudam .	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Maia:Eduardo Rodrigues Maia Tamanho: 346 palavras Caderno: Tijuca</i>
091	30/10/2004	'SÓ SAIO QUANDO TOMAR UM TIRO'	Hoje minha filha saiu de casa chorando. Minha família não agüenta mais morar aqui. Mas eu não vou sair. Vim nos anos 70 para o Rio de Janeiro, cidade que amo muito e onde construí uma família que hoje toma tiro dentro de casa. Estou afastado do trabalho há um ano e meio devido à Síndrome de Pânico. Eu entendo o medo deles, mas este aqui é nosso patrimônio. Eu demorei 30 anos para t	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Pedro Luiz Tamanho: 197 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>

092	30/10/2004	CASAL DESALOJADO É PELA VIOLÊNCIA	Família se muda após apartamento ser atingido por projétil de fuzil Quando alugou um apartamento no Grajaú, o arquiteto Rodrigo viu da janela um pedaço do Morro dos Macacos, mas não se preocupou porque a favela ficava a um quilômetro da sua casa, na Rua Uberaba. Na segunda-feira, ele aprendeu que tiros de fuzil têm um alcance maior do que ele imaginava: um projétil atravessou o vidro da ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 271 palavras Caderno: Primeiro Caderno
093	31/10/2004	QUATRO PMS MORTOS EM MENOS DE TRÊS HORAS	... soldados José Leonardo Ferreira Nobre e Luís Valmir Leite Bastos passaram a madrugada patrulhando na esquina entre as ruas São Francisco Xavier e Oito de Dezembro, no Maracanã, acesso ao Morro dos Macacos. Às 6h30m, eles deixaram o local em direção ao quartel e pararam em frente a uma padaria no número 665 da São Francisco Xavier. Os policiais nem chegaram a descer e foram ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Cristiane de Cássia Tamanho: 526 palavras Caderno: Primeiro Caderno
094	31/10/2004	TRAGÉDIA À VISTA	... antecipatos como Vila Isabel agora têm seus imóveis sendo vendidos (quando conseguem) desvalorizados e os bondes vêm aterrorizando toda a vizinhança. Não se vê polícia nas ruas mais próximas do Morro dos Macacos, tais como Torres Homem, Luís Barbosa, Silva Pinto, Senador Nabuco, Conselheiro Otaviano, Petrocochino e tantas outras, onde bocas-de-fumo funcionam 24 horas por dia sem serem ...	Jornal: Globo Editoria: Opinião Autor: Tamanho: 2312 palavras Caderno: Primeiro Caderno Edição: 1
095	07/11/2004	NA LINHA DE TIRO	... em Vila Isabel, os buracos de balas nas paredes e muros dos prédios perto dos morros de São Carlos e dos Macacos dão uma idéia do drama dos moradores. No dia 29 passado, uma operação policial no Morro dos Macacos deixou um saldo de pelo menos 70 perfurações de tiros em prédios residenciais e estabelecimentos comerciais da Rua Visconde de Santa Isabel: traficantes atiraram em direção aos ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ruben Berta Tamanho: 1110 palavras Caderno: Primeiro Caderno
096	27/11/2004	A GUERRA DO RIO: AMBULATÓRIO DO INCA É FECHADO DURANTE O CONFRONTO PARA NÃO PÔR EM RISCO A VIDA DOS DOENTES	... mudar ou blindar janelas Unidade do Instituto Nacional do Câncer, que abriga pacientes em estado terminal, está na linha de tiro As constantes trocas de tiros entre traficantes e policiais no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, vêm deixando em pânico pacientes e funcionários de uma unidade Instituto Nacional do Câncer (Inca), que fica na Rua Visconde de Santa Isabel, uma das mais ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Costa Tamanho: 565 palavras Caderno: Primeiro Caderno
097	27/11/2004	BAGDÁ É AQUI...	Diálogo captado ontem à tarde pelo rádio de uma equipe da TV Globo em Vila Isabel, no Rio, logo depois de a polícia ter matado quatro bandidos no Morro dos Macacos: - Ai, hein! Vocês estão f... Vão ter de comprar quatro coroas de flores amanhã - disse o PM. - É mesmo? Espera um pouco - respondeu o traficante. ...Continuando Silêncio. Até que se ouve um barulho de bala ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Guimarães Tamanho: 881 palavras Caderno: Primeiro Caderno
098	27/11/2004	A GUERRA DO RIO	... passa algum policial eles não fazem nada. ELAINE HELEODORO DA CONCEIÇÃO (via Globo Online, 26/11), Rio Sete horas do dia 26/11. Acordei ao som de tiros no Grajaú. Mais um dia de guerra no Morro dos Macacos, como sempre. No dia anterior, no trabalho em Manguinhos, ouvi tiros, como sempre. Talvez da guerra em Benfica ou na Vila do João, ou em Mandela ou na favela de Manguinhos. Depois	Jornal: Globo Editoria: Opinião Autor: Tamanho: 2252 palavras Caderno: Primeiro Caderno Edição: 1
099	28/11/2004	ITAGIBA CULPA A PREFEITURA POR TIROTEIOS EM FAVELAS	... Vila Isabel, os traficantes foram novamente flagrados armados e um corpo foi deixado na mala de um Focus, na esquina das ruas Visconde de Santa Isabel com Mendes Tavares, um dos acessos ao Morro dos Macacos. No Vidigal, policiais trocaram tiros com bandidos na mata que dá acesso à Rocinha. No Morro de São Carlos, uma gradada foi jogada contra patrulha do 1º BPM (Estácio).	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 Autor: Tamanho: 269 palavras Caderno: Primeiro Caderno

100	30/11/2004	A ETERNA GUERRA	... Alegria e da Barreira do Vasco invadiram o Parque Arará e trocaram tiros com rivais. A polícia interrompeu o tráfego na Avenida Brasil por quase uma hora. Sexta-feira, a guerra entre traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, chegou ao asfalto. Durante operação conjunta das polícias Civil e Militar, uma troca de tiros aconteceu na Rua Petrocochino (se estivesse vivo, conseguiria Noel ..)	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 514 palavras Caderno: Primeiro Caderno
101	02/12/2004	DETETIVE REAGE A ASSALTO, MATA BANDIDO E MORRE	... circulam armados pelas ruas Várias pessoas testemunharam o crime, mas temem falar com medo de represálias. Um idoso contou que os bandidos circulam armados em ruas próximas ao Morro dos Macacos. - Se nós formos vistos falando qualquer coisa, podemos sofrer represálias. A gente aqui tem boca, mas não pode falar - disse ele. O corpo do detetive foi velado na Academia ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 265 palavras Caderno: Primeiro Caderno
102	09/12/2004	TEMA EM DISCUSSÃO: CRIMINALIDADE NO RIO	... agravamento dos episódios de violência que com tanta freqüência abalam o Rio. A guerra de traficantes da Rocinha e do Vidigal, a troca de tiros na Avenida Brasil ou na Linha Vermelha, o tiroteio no Morro dos Macacos, os assaltos a turistas, as balas perdidas e a sensação geral de insegurança são uma constante. Vidros escuros e sempre fechados nos carros, freqüência menor dos restaurantes à	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: : Marcelo Itagiba Tamanho: 669 palavras Caderno: Primeiro Caderno
103	13/01/2005	TIROTEIO E PÂNICO NO MARACANÃ	... chegou a ser atingida por uma bala perdida na Niemeyer. Em Vila Isabel, próximo ao local onde ontem houve o fechamento de duas avenidas, um confronto entre policiais e traficantes de drogas do Morro dos Macacos fechou o Túnel Noel Rosa e a Rua Visconde de Santa Isabel, em agosto do ano passado. No tiroteio um adolescente de 13 anos ficou ferido por uma bala perdida. A Rua Leopoldo Bulhões .	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Jorge Martins: Tamanho: 331 palavras Caderno: Primeiro Caderno
104	04/05/2005	ADOLESCENTE BALEADA EM TROCA DE TIROS EM VILA ISABEL	RIO - Rejane Matos da Silva, de 19 anos, foi baleada na manhã desta quarta-feira durante uma troca de tiros entre policiais militares e traficantes no Morro dos Macacos. A adolescente estava na localidade conhecida como Parque Vila Isabel e foi levada para o Hospital do Andaraí. Ela não corre risco de morrer. A polícia militar continua fazendo operação no Morro dos Macacos.	Plantão Ana Cláudia Costa - O Globo

B: “Operação” policial, “Ocupação” policial, “Força-tarefa”, “Incursão” da polícia à “favela”

Nº	Data	Manchete	Detalhes	Dados editoriais
001	11/04/2002	TRAFICANTES MONTAM BARRICAADA PERTO DE POSTO POLICIAL NO ACESSO A MORRO	... do Grajaú na madrugada de segunda-feira, as favelas amanheceram ontem sem polícia. Segundo a PM, apenas o Morro dos Macacos foi ocupado à tarde. O comandante-geral da PM, coronel Francisco Braz, determinou a permanência de patrulhas em frente às escolas que suspenderam as aulas por causa da guerra entre os traficantes: - A PM tem que dar segurança para que as aulas transcorram ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Taís Mendes Tamanho: 316 palavras Caderno: Primeiro Caderno
002	27/05/02	Força-tarefa faz plano para deter violência.	Cita Morro dos Macacos PF diz que ação acabará com medo que o carioca tem de sair de casa	Jornal Capa, /Rio
003	30/05/02	Anunciadas incursões em 16 favelas.	Cita Morro dos Macacos Um dia após tiroteio, clima no Catumbi continua tenso, com lojas e escolas fechadas	Jornal14/Rio
004	31/05/2002	OPERAÇÃO INQUIETAÇÃO	... começou a disputa de traficantes por pontos de venda de drogas em Santa Teresa. No dia seguinte, os tiroteios deixaram quatro feridos e provocaram o fechamento do Túnel Santa Bárbara, o segundo maior eixo viário entre as zonas Norte e Sul. No mesmo dia, o comando da PM convocava dois mil policiais de licença, alertando para a ameaça ao direito de ir e ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Taís Mendes Tamanho: 1247 e 1249 palavras Caderno: Primeiro Caderno p. capa e 12
005	01/06/2002	BOPE APREENDE ARMAS DE MADEIRA NO FALLET	... a operação aconteceu de manhã nas favelas Fallet e Fogueteiro, no Catumbi. À tarde, foi a vez dos morros da Mineira, Zinco e São Carlos, na área do Estácio. À noite, os policiais vasculharam o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e o da Matriz, no Engenho Novo. O tenente Tramontini disse que outras favelas poderão ser incluídas no roteiro das incursões. A Rua Itapiru, no Rio Comprido, qu ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Taís Mendes Tamanho: 462 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.15
006	20/06/02	Sobre o funcionamento de uma cabine da PM em frente ao shopping Iguatemi	Vila Isabel	Jornal02/Jornais de bairro
007	22/07/2002	CONFRONTO ENTRE POLÍCIA E TRÁFICO ASSUSTA VILA ISABEL	Operação no Morro dos Macacos era para buscar corpo de rapaz Moradores das proximidades do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, ficaram assustados com mais de meia hora de tiroteio intenso entre policiais e traficantes, por volta das 17h de ontem. Policiais da 20ª DP (Grajaú) foram surpreendidos por disparos de bandidos quando retiravam para perícia o corpo de um rapaz de 17 anos, ... E 1 ed Operação no Morro dos Macacos era para buscar corpo de rapaz Moradores das proximidades do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, ficaram assustados com mais de meia hora de tiroteio intenso entre policiais e traficantes, por volta das 17h de ontem. Policiais da 20ª DP (Vila Isabel) foram surpreendidos por disparos de bandidos quando retiravam para perícia o corpo de um rapaz de 17 anos, ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 2 e 1 Autor: Ruben Berta Tamanho: 211 e 213 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.13
008	26/07/2002	PM RECEBE PEDIDO DE AJUDA, MAS NÃO SOBE MORRO	... traficantes Durante cinco horas e meia, duas famílias, num total de cinco adultos e seis crianças, ficaram escondidas num matagal na noite de anteontem para não serem mortas por traficantes do Morro dos Macacos, em	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Jorge Martins Tamanho: 725 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.14

			Vila Isabel. Com um celular, uma das vítimas conseguiu acionar a Polícia Militar, mas o oficial de plantão teria afirmado que só subiria o morro de manhã. As famílias foram ...	
009	26/07/2002	CANDIDATA QUER REUNIÃO PARA DISCUTIR AÇÕES DE EMERGÊNCIA NA SEGURANÇA	... Dizer que vai acabar com os homicídios fazendo fila para tirar carteira de identidade ou cortando cabelo chega a ser patético. Sobre as críticas de que a PM teria se recusado a subir o Morro dos Macacos para socorrer uma família ameaçada pelo tráfico, a governadora, que disputa a reeleição, disse que a Polícia Civil foi à favela para reforçar o policiamento porque a Polícia ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Tamanho: 355 e 354 palavras Caderno: Primeiro Caderno
010	26/07/2002	IMPOSTO DE RENDA I	... atrás, o pessoal da Civil descobriu que colegas fardados deduraram ao DAC que o helicóptero deles voava baixo demais na Barra da Tijuca. Como se sabe, policiais civis acusaram a PM de não subir o Morro dos Macacos por medo. Dom Antonio Feliz que nem vereador em primeiro mandato com a subida de Ciro Gomes, ACM falará segunda-feira para mil empresários paulistas convocados pela ADVM,	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Guimarães Tamanho: 825 palavras Caderno: Primeiro Caderno
011	27/07/2002	SALADA INDIGESTA	... que, apesar da função prioritariamente investigativa da Polícia Civil, ordenou a operação e salvou vidas. DANIEL COSTA (via Globo On Line, 25/7), Rio Que ocupação policial é essa no Morro dos Macacos que permite o livre trânsito de traficantes para intimidar uma família? Essa é mais uma daquelas ações em que a polícia ocupa a favela somente para as câmeras de televisão. A prova ...	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 1430 palavras Caderno: Primeiro Caderno
012	27/07/2002	AUTOCRÍTICA	... a recusa da PM a instalar um polígono de segurança em Senador Âmara por considerar a área crítica; e a omissão de policiais militares que se negaram a subir o Morro dos Macacos para salvar uma família ameaçada por traficantes. (Crítica interna feita pelo jornalista Luiz Garcia, distribuída todas as manhãs na Redação do GLOBO)	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 241 palavras Caderno: Primeiro Caderno
013	27/07/2002	PM INTERVÉM NA TIJUCA	... dia depois de os policiais do 6º BPM (Tijuca) se recusarem a subir de noite o Morro dos Macacos, no Grajaú, para resgatar duas famílias acuadas por traficantes, o comandante-geral da Polícia Militar, Francisco Braz, exonerou o tenente-coronel Ipurinan Calixto Nery do comando do batalhão. Oficialmente, a exoneração de Calixto foi uma mudança de rotina. Mas boa parte do oficialato da PM ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Renato Garcia Tamanho: 1143 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.16
014	28/07/2002	ASSUNTO SEMANA DA	... inteira, com sucessivos aumentos na cotação da moeda americana, que passou de R\$ 3 na sexta-feira. FOTO DA SEMANA A imagem que causou maior impacto nos leitores foi a de um policial civil, no Morro dos Macacos, protegendo a saída de uma família que fora expulsa da favela por traficantes. A foto, publicada na primeira página da edição do dia 26, atraiu a atenção de 42% dos consultados pel	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 174 palavras Caderno: Primeiro Caderno
015	28/07/2002	CORONEL PROMETE INSPECIONAR AÇÃO POLICIAL	Morro permanecia ontem sem qualquer sinal de ocupação O novo comandante do 6º BPM (Tijuca), coronel Murilo Leite Lira, prometeu verificar amanhã como está sendo feita a ocupação policial do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, onde duas famílias foram ameaçadas por traficantes na noite de quarta-feira. O coronel Murilo substituiu o coronel Ipurinan Calixto Nery, exonerado anteontem, um dia ..	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 3 Autor: Tamanho: 171 palavras Caderno: Primeiro Caderno
016	29/07/2002	O RIO, DE QUATRO	... vez mais Sobre a notícia de que a polícia do Rio usará um dirigível para	Jornal: Globo Editoria: Segundo Caderno Edição: 1

			combater o crime, tia Norma, que é do tempo do Hindemburg, é categórica: - Já posso ver esse zepelim sobrevoando o Morro dos Macacos, a Cidade de Deus. Será visto de longe, não vão nem mais precisar de olheiro. Olha lá, o bagulhão voador. Pega o míssil que a gente comprou do Saddam. BUUUUMMM!!! Alvo mais ...	Autor: Mauro Rasi Tamanho: 890 palavras Caderno: Segundo Caderno
017	31/07/2002	POLICIAIS DE TROPA DE ELITE EM EXIBIÇÃO	... que as operações da Core ocorrem principalmente em áreas conflagradas. Foram os policiais da coordenadoria que resgataram na semana passada uma família que estava sendo ameaçada por traficantes no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Legenda da foto: A DESCIDA de rapel de um helicóptero na simulação	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Dimmi Amora Tamanho: 283 palavras Caderno: Primeiro Caderno
018	01/08/2002	DUAS HISTÓRIAS DO MORRO	... do poder do tráfico sem manifestar pasmo com a informação de que a Polícia Militar se recusou a socorrer duas famílias - cinco adultos e seis crianças - escondidas no mato fugindo de traficantes do Morro dos Macacos. Era de noite, e a PM só poderia subir o morro à luz do dia. Por sorte, os fugitivos, que tinham um celular, recorreram à Polícia Civil e foram resgatados. E, pasmem, já passava	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Luiz Garcia Tamanho: 741 palavras Caderno: Primeiro Caderno
019	13/08/2002	GOVERNO JÁ PUNIU OUTROS POLICIAIS	... tenente-coronel Ipurinan Calixto, por exemplo, perdeu o comando do 6ºBPM (Tijuca) no dia 26 passado, quando PMs do batalhão se recusaram a fazer o resgate de uma família ameaçada por traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Já o coronel Venâncio Moura perdeu o cargo depois que o Bope entrou em Vigário Geral. Houve tiroteio e, além de o percussionista Paulo Negueba ter sido baleado, ..	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 263 palavras Caderno: Primeiro Caderno
020	15/08/2002	NOVAS ESTRATÉGIAS NO MORRO E NO ASFALTO	... Até as comemorações de aniversário vão ser proibidas? Na semana retrasada, uma festa junina foi vetada pela PM. Vamos levar o caso ao Ministério Público. A Associação de Moradores do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, reforça as críticas à determinação do 6º BPM. - Os policiais andam de arma na mão e isso intimida a comunidade. O que o morro precisa é de uma ocupação social - ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Fradkin Tamanho: 317 palavras Caderno: Tijuca
021	18/08/2002	CONDECORAÇÃO PARA POLICIAIS QUE COMBATEREM CORRUPÇÃO	... militares da Tijuca levou à queda do comandante do 6º BPM (Tijuca). Os PMs se recusarem a subir o Morro dos Macacos, no Grajaú, à noite, para resgatar duas famílias ameaçadas por traficantes. Sem o apoio da PM, os moradores acabaram resgatadas por policiais civis. Oficialmente, a PM diz que a troca do comando foi uma decisão de rotina. A corregedoria também investiga morte de pelo ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Antônio Werneck Tamanho: 840 palavras Caderno: Primeiro Caderno
022	18/10/2002	CDS APREENDIDOS	... camelôs. Os CDs estavam junto a brinquedos, baterias de telefone e outros produtos expostos na calçada da Rua Sete de Setembro. MENORES NO TRÁFICO Policiais do 6º BPM (Tijuca) que ocupam o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, apreenderam ontem na favela 66 trouxinhas de maconha e um rádio de comunicação numa casa da Rua Senador Nabuco. Quatro menores que estavam na casa foram ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 148 palavras Caderno: Primeiro Caderno
023	06/12/2003	PRESOS 23 DA ELITE DA PM	... o bandido Leandro Nunes Botelho, "gerente" do tráfico no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, em troca de R\$ 20 mil. A extorsão aconteceu no dia primeiro de dezembro durante uma operação supostamente legal realizada pelo Bope no morro. Com o bandido preso, os policiais negociaram sua liberdade com a quadrilha usando o aparelho celular do próprio traficante. Com os 23 PMs detidos ontem ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Antônio Werneck Tamanho: 738 palavras Caderno: Primeiro Caderno
024	12/12/2003	PF PRENDE POLICIAL CIVIL ACUSADO DE EXTORSÃO	... caso Na sexta-feira passada, 23 PMs do Batalhão de Operações Especiais (Bope) foram presos sob a acusação de, em troca de R\$ 20 mil, terem libertado Leandro Nunes Botelho, "gerente" do tráfico no Morro dos Macacos,	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Selma Schmidt Tamanho: 527 palavras Caderno: Primeiro Caderno

			em Vila Isabel. A prisão foi possível porque agentes da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) haviam grampeado o celular do traficante e flagraram a extorsão. O bandido	
025	24/01/2004	'A POLÍCIA NÃO VAI FAZER O PAPEL DE BANANA'	Garotinho defende sua política de confronto com os bandidos O secretário de Segurança Pública, Anthony Garotinho, voltou ontem à carga na defesa de sua estratégia de partir para o confronto com bandidos. Depois de mais uma megaoperação de madrugada em morros da cidade - o alvo ontem foi o Morro dos Macacos, em Vila Isabel - Garotinho anunciou que não quer uma polícia de bananas: - A ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Vera Araújo Tamanho: 465 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.16
026	24/01/2004	A GUERRA CONTINUA: MORTOS 3	Policia enfrenta o tráfico no Morro dos Macacos e revida ataque em Acari A política do confronto adotada pelo secretário de Segurança, Anthony Garotinho, resultou em mais baixas nas fileiras do tráfico, pela segunda madrugada consecutiva. No Morro dos Macacos, em Vila Isabel, dois traficantes foram mortos num tiroteio com a polícia e outros três foram presos. Em Acari, nas proximidades da ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Costa Tamanho: 631 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.16
027	24/01/04	Megaoperação em Vila Isabel deixa dois mortos	Morro dos Macacos	Globo Online
028	27/01/2004	RECUPERAR ESPAÇOS	A SECRETARIA de Segurança desenvolve sua operação de entrada em áreas onde atuam traficantes de drogas. Isso resulta em conflitos como o de sexta-feira, no Morro dos Macacos. EXPLICA Osecretário de Segurança Anthony Garotinho: "A polícia vai continuar com a política de recuperar as áreas da cidade para a população. Essa história de dizer que fulano é dono de tal área acabou". ESPEREMOS .	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 147 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.16
029	06/02/04	Fora do jogo. Estes a polícia á tirou de campo só em janeiro de 2004.	Morro dos Macacos Propaganda do Governo do Estado sobre prisão de Scooby e outros	jornal29/economia
030	25/03/2004	SARGENTO MORTO	... EM MAGÉ Policiais da Delegacia de Roubos e Furtos (DRF) prenderam anteontem, em Magé, o traficante Niebson Silva dos Santos, de 43 anos. Segundo a polícia, ele foi chefe do tráfico no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, na década de 90. Em sua casa, a polícia encontrou munição calibre 38 e pacotes de maconha enterrados no quintal. Na ficha penal de Niebson, constam 24 anotações ...	Jornal: Globo Autor: Editoria: Rio Tamanho: 143 palavras Edição: 1 Caderno: Primeiro Caderno
031	26/03/2004	DELEGACIA DE ENTORPECENTES SOB INTERVENÇÃO	... dos Macacos, o da Beira-Mar e este último. Eu então senti que era hora de fazer uma intervenção direta. Vou pôr o delegado Allan Turnowski para reorganizar a DRE. O delegado Túlio Pelosi é um excelente policial, mas não estava conseguindo controlar sua delegacia. Eu já tinha avisado para o delegado que não ia mais tolerar ações desastrosas da DRE. Foram três casos num curto período de tempo	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Antônio Werneck Tamanho: 804 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.17
032	27/03/2004	DRE: POLICIAIS SERÃO SUPERVISIONADOS	... ter outro desfecho se houvesse alguém mais experiente na equipe. No caso do Morro dos Macacos e da Favela Beira-Mar, onde pessoas foram mortas durante troca de tiros, um policial mais velho saberia que não se pode atirar quando há pedestres na rua. Os mais novos podem ter se afobado - disse Turnowski. Delegado nega ter havido falhas no treinamento Segundo o delegado, o fato de os ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Maria Elisa Alves Tamanho: 737 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.27
033	24/08/2004	COMANDANTE SOBE O MORRO	Coronel diz que não haverá invasão em favela de Vila Isabel O comandante-geral da Polícia Militar, coronel Hudson de Aguiar, subiu ontem o Morro dos Macacos, em Vila Isabel, para acompanhar a ocupação policial que vem sendo	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 271 palavras Caderno: Primeiro Caderno p.15

			feita desde a tentativa de invasão da área por uma quadrilha rival de traficantes, na quinta-feira passada, quando três pessoas foram feridas. Ontem de manhã, quando o .	
034	14/10/2004	A GUERRA DO RIO	Um golpe no tráfico Polícia Civil mata no Morro de São Carlos o bandido mais procurado do estado Após três meses de investigações, nove inspetores e dois delegados mataram ontem, numa operação que durou 20 minutos, o traficante mais procurado do Rio. Segundo a polícia, Irapuan David Lopes, o Gangan, de 34 anos, foi morto durante uma troca de tiros com agentes da 22ª DP (Penha) e do ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Aloysio Balbi Tamanho: 963 palavras Caderno: Primeiro Caderno
035	14/10/2004	A GUERRA DO RIO: DE ACORDO COM POLICIAL, CHEFE DO TRÁFICO ESTAVA TENTANDO SE ESTABELECER COMO COMERCIANTE	... das bocas-de-fumo do Complexo de São Carlos, já que outros traficantes de expressão da quadrilha foram presos. Gilson estaria com a missão de proteger o São Carlos das investidas dos traficantes do Morro da Mineira, de uma facção rival. - O Gangan era a estabilidade dessa estrutura do tráfico. Ele estava se estabelecendo como comerciante. A morte dele vai quebrar essa estrutura e pode haver	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Aloysio Balbi Tamanho: 641 palavras Caderno: Primeiro Caderno
036	16/10/2004	PM OCUPA MORRO, TRAFICANTE ATIRA GRANADA E 4 PESSOAS FERIDAS SAEM	... prometeu adotar linha-dura na repressão ao crime Um bandido e três mulheres saíram feridos numa operação de policiais do 6º BPM (Tijuca) e do Batalhão de Operações Especiais (Bope) no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. As mulheres foram feridas por uma granada atirada por um dos traficantes. A operação, que durou mais de três horas, marcou o início da chamada tática linha-dura qu ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 401 palavras Caderno: Primeiro Caderno
037	28/10/2004	'O CRIME NÃO PODE SE SENTIR À VONTADE'	... de trabalho que tinha no comando do 22º BPM (Maré). Não deixar que o crime se sinta à vontade, porque, quando isso acontece, fica muito mais difícil combatê-lo. Na primeira sexta-feira, já subimos o Morro dos Macacos. Vai ser assim quase todo dia - diz, citando também os morros do Borel, do Salgueiro e do Andaraí como os mais problemáticos. O crime no asfalto também será combatido com vigor	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Maia:Eduardo Rodrigues Maia Tamanho: 374 palavras Caderno: Tijuca
038	30/10/2004	UMA RUA QUE FICA NA LINHA DE TIRO DO TRÁFICO	Pelo menos 70 balas atingem prédios em Vila Isabel, durante operação da PM no Morro dos Macacos Uma operação policial no Morro dos Macacos para prender traficantes deixou ontem um saldo de pelo menos 70 perfurações de tiros em prédios residenciais e estabelecimentos comerciais da Rua Visconde de Santa Isabel, em Vila Isabel. Para tentar impedir que policiais do 6º BPM (Tijuca) subissem ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Elenilce Bottari Tamanho: 644 palavras Caderno: Primeiro Caderno
039	31/10/2004	POLICIAMENTO DEIXA O MORRO DOS MACACOS	Um dia depois do tiroteio entre policiais e traficantes do Morro dos Macacos que deixou perfurações de balas em vários prédios, o sentimento entre os moradores da Rua Visconde de Santa Isabel, em Vila Isabel, foi de medo. Ontem pela manhã, não havia policiamento no local. O tiroteio deixou pelo menos 70 perfurações de tiros em prédios residenciais e estabelecimentos comerciais. Num dos ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 173 palavras Caderno: Primeiro Caderno
040	06/11/2004	TIROTEIOS LEVAM PÂNICO A RUA DE VILA ISABEL	Confrontos entre PMs e traficantes deixam 3 mortos e 4 feridos Uma operação do 6º BPM (Tijuca) no Complexo dos Macacos, em Vila Isabel, levou pânico ontem a quem passava pela Rua Visconde de Santa Isabel, uma das principais vias do bairro. Houve dois intensos tiroteios entre PMs e traficantes, às 9h e às 17h. Três pessoas morreram, incluindo um bandido apontado pela	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 189 palavras Caderno: Primeiro Caderno
041	27/11/2004	A GUERRA DO RIO	Batalha em Vila Isabel Violência extrapola os limites do morro e traficantes enfrentam policiais no asfalto A guerra entre traficantes do Morro dos	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Célia Costa Tamanho: 892 palavras Caderno:

			Macacos, em Vila Isabel, já ultrapassou os limites da favela e chegou ao asfalto. Na manhã de ontem, durante uma operação conjunta das polícias Civil e Militar, a troca de tiros aconteceu na Rua Petrocochino, onde havia pessoas passando e ...	<i>Primeiro Caderno</i>
042	29/11/2004	TERROR NO BAILE FUNK	... disputa pelo controle nas favelas, que já causou a morte de 27 pessoas, dura quase oito meses. Aquele foi o segundo confronto no Vidigal em 48 horas. Na sexta-feira, a guerra entre traficantes do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, chegou ao asfalto. Durante uma operação conjunta das polícias Civil e Militar, uma troca de tiros aconteceu na Rua Petrocochino. Na madrugada de quinta-feira, um	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Ana Cláudia Costa Tamanho: 1137 e 1133 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
043	08/01/2005	AÇÃO MOBILIZA 500 PMS EM VILA ISABEL	Incursão no Morro dos Macacos termina com apreensão de 1 carro e 3 motos Um carro e três motocicletas foram apreendidos ontem numa megaoperação montada pela PM no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Apesar dos 500 policiais mobilizados para a incursão, ninguém foi preso e não foram apreendidas drogas ou armas. A operação começou ainda de madrugada, por volta das 2h. Participaram policiais ..	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Ana Cláudia Costa Tamanho: 331 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
044	21/01/2005	TENTATIVA DE SAQUE	... nacional de Segurança, Luiz Fernando Corrêa. Eles acertarão os detalhes da participação das forças federais em operações especiais de combate ao tráfico no Rio, como as realizadas recentemente no Morro dos Macacos e na Rocinha.	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Tamanho: 168 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
045	21/03/2005	TIROTEIO DEIXA UM MORTO NO MORRO DOS MACACOS	Operação de rotina do 6º BPM (Tijuca) ontem de manhã no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, terminou com a morte do bandido Samuca, gerente do tráfico. Outro bandido, o Marreco, foi baleado, além de um homem identificado como Paulo Roberto de Souza, de 20 anos. Os dois estão internados no Hospital do Andaraí. Apartamentos da Rua Visconde de Santa Isabel foram atingidos por tiros. Um deles o d .	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 168 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>

C: “Projetos Sociais”, “Intervenções”, “Doações”, “Cidadania”

Nº	Data	Manchete	Detalhes	Dados editoriais
001	03/01/2002	FAVELA BAIRRO CHEGARÁ AO MORRO DO TURANO ESTE ANO	... A promessa é do subprefeito do bairro, Luiz Humberto Côrtes Barros. Segundo ele, o projeto está sendo traçado. No Morro dos Macacos, em Vila Isabel, onde dois barracos foram soterrados na véspera de Natal, as intervenções já começaram: - Todas as comunidades da região terão o Favela Bairro. No momento, estamos concluindo a construção de 70 casas para transferir as famílias das áreas d ..	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 264 palavras Caderno: Tijuca
002	22/06/2002	AULA DE CIDADANIA COM PROJETO DE INFORMÁTICA	... de um núcleo de informática em sua comunidade em Duque de Caxias. Outro formado pelo CDI foi Lúcio, do Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Um dos primeiros alunos do curso oferecido pelo empresário em 1996, ele hoje é responsável pelas turmas. Encerrando o projeto Educando o Cidadão do Futuro, a atriz Malu Mader entrevistará no próximo dia 27, na Escola Municipal República ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 314 palavras Caderno: Primeiro Caderno
003	04/07/2002	CAMPANHA PARA REVITALIZAR BOULEVARD O	... herança cultural do bairro: - Todo mundo já ouviu falar de Vila Isabel por causa do Noel ou do Martinho. Quero levantar o astral dos moradores e mostrar que a Vila não se resume aos confrontos no Morro dos Macacos. Além dos serviços já oferecidos pela R.A., será criado o Serviço de Apoio ao Cidadão (SAC). Os moradores poderão participar depositando críticas e sugestões em urnas que serão	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 295 palavras Caderno: Tijuca
004	25/07/2002	LIÇÕES GRÁTIS DE AJUDA AO PRÓXIMO	... de bufê, grupo jovem de evangelização e de esportes. - Temos um grupo voltado para mulheres jovens. Elas devem estar estudando e recebem R\$ 50 para fazer cursos de capacitação profissional. Já no Morro dos Macacos, ajudamos jovens a deixarem as drogas - completa irmã Adma. Onde ajudar ENDEREÇO: Rua Barão do Bom Retiro 2.059, no Grajaú. TELEFONES: 2258-7898, 2258-7890 e 2578-1556 ..	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 246 palavras Caderno: Tijuca
005	01/08/2002	EXPLORAÇÃO ILEGAL: MENINOS SAEM DAS SALAS DE AULA PARA OS SINAIS DE TRÂNSITO ATRÁS DE DINHEIRO	... as crianças fogem para casas de parentes em outras favelas - afirma a supervisora Ana Maria Cabral. Legenda da foto: AS CRIANÇAS atendidas pelo Peti praticam atividades artísticas à tarde, para que não fiquem nas ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 325 palavras Caderno: Tijuca
006	01/08/02	Trabalho infantil nas ruas desafia assistência social.	Região Grande Tijuca, cita Peti de Vila Isabel Região concentra o segundo maior índice município	Jornal Capa e 08-10/Jornais de bairro-Tijuca
007	12/12/2002	NATAL RECHEADO DE BRINQUEDOS	'Seja Noel!' fará doações a instituto de reabilitação e à Santa Cabrini Mãe da pequena Diana, de 2 anos, a dona de casa Ana Lúcia de Lima, moradora do Morro dos Macacos, encarava a triste perspectiva de não ter condições de presentear a menina e seus outros três filhos neste Natal. O desalento deu lugar à alegria ao saber que será uma das beneficiadas pela campanha "Seja Noel!", de doação .	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 355 palavras Caderno
008	19/12/2002	ESTRELAS DO MUNICIPAL DANÇAM NA CINELÂNDIA	... junto com 300 alunos que estão sendo formados pelo projeto Dançando Para Não Dançar, desenvolvido nas comunidades de Mangueira, Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Rocinha, Babilônia, Chapéu Mangueira, Morro dos Macacos, Tuiuti e Jacarezinho. O espetáculo comemora o oitavo ano de	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 192 palavras Caderno: Guia do Centro

			existência do projeto com a montagem de "Coppélia", que ganhou uma adaptação especial dos professores do "Dançando" ..	
009	05/01/2003	FALE A VERDADE	... melhorar. E rapidamente. Quem garante é a psicanalista Lulli Milman, da Uerj, que coordena há um ano um projeto de prevenção à saúde mental e a problemas de inserção social entre mães e crianças do Morro dos Macacos, na Tijuca. Inspirada na experiência da francesa Françoise Dolto de facilitar a circulação da palavra entre mães e seus filhos de até 4 anos, Lulli conseguiu em um ano resultados .	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornal da Família Edição: 1 Autor: Márcia Cezimbra Tamanho:578 palavras Caderno</i>
010	09/01/2003	DOAÇÕES SUPORTE FISCALIZAÇÃO	... Conheço uma pessoa que recebe 30 cestas básicas, fica com duas e vende o resto no Morro dos Macacos. Esse tipo de malandragem precisa acabar, pois prejudica quem está na fila para receber cestas básicas - pondera. A Rede de Informações não começará do zero. Segundo Gerlane Veras, coordenadora regional da Área de Planejamento 2.2 (que engloba a Grande Tijuca) da SMDS, já há 129 instituições .	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Fradkin Tamanho: 511 palavras Caderno: Tijuca</i>
011	20/02/2003	PROJETO DA VILA OLÍMPICA NA BERLINDA	... mantidos. TRÂNSITO ESTÁ ENTRE AS PREOCUPAÇÕES na página 3 Legenda da foto: A QUADRA fica perto do Morro dos Macacos: violência em questão	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Flávia Monteiro Tamanho: 237 palavras Caderno: Tijuca</i>
012	20/02/2003	RECANTO DO ESPORTE: NETO DO BARÃO DE DRUMMOND APROVA A INICIATIVA, MAS FAZ RESSALVAS	... que três mil pessoas passem diariamente pela vila olímpica. - O trânsito, que já é tumultuado, tende a piorar. O projeto é importante, mas qualidade de vida é fundamental. A proximidade com o Morro dos Macacos é outra questão levantada pela professora Magali Magalhães da Silva: - É preciso investir em segurança para garantir o bem-estar dos freqüentadores. Segundo o secretário Ruy	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Flávia Monteiro Tamanho: 310 palavras Caderno: Tijuca</i>
013	11/04/2003	RETRATOS DO BRASIL / EXCLUSÃO DIGITAL	... nas mãos de dezenas de alunos nas escolas de informática e cidadania que a instituição mantém pelo país. Foi aproveitando máquinas e softwares doados, por exemplo, que os valentes técnicos do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, conseguiram criar um roteador capaz de segurar a operação das 32 máquinas da casa, em rede, a custo zero. Uma economia calculada em, pelo menos, R\$ 3 mil. Como .	<i>Jornal: Globo Editoria: Economia Edição: 1 e 1 Autor: e Nélson Vasconcelos Tamanho: 619 e 616 palavras Caderno: Caderno Especial:suplemento especial:Retratos do Brasil:Exclusão Digital</i>
014	05/06/2003	FUTURO NO ESPORTE: CLUBES ADOTAM POLÍTICA DE DESENVOLVER SEUS ATLETAS PARA NÃO PERDÊ-LOS	... que está acontecendo e conversar com alguns pais de alunos. Já levei três meninos para fazer teste para o time mirim do Vasco e também dou bolsas para alguns que moram em comunidades carentes como o Morro dos Macacos. O esporte pode ser a chance de essas crianças mudarem de vida - conta. Os núcleos do Vasco organizam uma partida anual em que os melhores alunos disputam com os do clube, em .	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Fradkin Tamanho: 261 palavras Caderno: Tijuca</i>
015	27/07/2003	UM PROJETO PARA JOVENS DO MORRO DOS MACACOS	Casa das Artes vai oferecer vagas para 240 alunos da região Crianças e adolescentes do Complexo do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, serão o público alvo da Casa das Artes de Vila Isabel, que será inaugurada na terça-feira. A proposta do projeto é oferecer para 240 alunos, entre 6 e 17 anos, formação cultural complementar, por meio de núcleos de Pesquisa Artística e de Registro ...	<i>Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho:255 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
016	28/08/2003	VISÃO ECONÔMICA	... de informática e outras atividades - explica a idealizadora, Anja Oest. Em Vila Isabel, o Centro Maria Isabel oferece aulas de informática e, eventualmente, outros cursos, para moradores do Morro dos Macacos. Ex-alunos estão empregados em supermercados e num hospital. Legenda da foto: A IDEALIZADORA DO PROGRAMA Comunidade Virtual, Anja Oest, faz uma demonstração para os parceiros	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 190 palavras Caderno: Tijuca</i>
017	04/09/2003	'BOOM' DE CORES: CRIANÇAS	Jovens guiados pela inspiração	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 202 palavras Caderno: Tijuca</i>

		ADOLESCENTES DO MORRO DOS MACACOS SE FAMILIARIZAM COM A CRIAÇÃO	Na Casa da Vila desenhos retratam cotidiano de medo	
018	11/09/2003	JOVENS LANÇAM LIVRO SOBRE VILA ISABEL	Toda criança é artista, o problema é permanecer artista depois de crescer. A frase proferida pelo espanhol Pablo Picasso pode ser facilmente aplicada às crianças e aos adolescentes que aprendem a desenhar, dançar e tocar instrumentos na recém-fundada Casa das Artes de Vila Isabel.	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 251 palavras Caderno: Tijuca
019	13/09/2003	SESC PROMOVE SEMINÁRIO	Adolescentes do Morro dos Macacos recuperam a memória e os personagens do bairro A história, os personagens e a boemia notória da terra de Noel estão no livro "O resgate da história de Vila Isabel", escrito por 28 jovens da comunidade do Morro dos Macacos. A publicação é o resultado prático de um projeto desenvolvido durante as aulas da Escola de Informática e Cidadania (EIC) e conta como .	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 73 palavras Caderno: Primeiro Caderno
020	15/09/2003	FILMES HIGH-TECH PARA COMUNIDADES CARENTES	... carentes que, após atuarem no filme "Cidade de Deus", participaram de workshops de produção e edição de fitas. - Já fizemos um projeto-piloto no laboratório com alunos da comunidade do Morro dos Macacos, que trabalharam como assistentes do Nós do Cinema no documentário de curta-metragem "Sapukay". Ele mostra a relação de uma comunidade indígena perto de Angra dos Reis com o acesso ...	Jornal: Globo Editoria: Informáticaetc Edição: 1 Autor: André Machado Tamanho: 508 palavras Caderno: Informáticaetc
021	09/10/2003	QUATRO INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS NA REGIÃO	... e o Lar São Francisco. - A terceira idade é mais frágil e precisa de mais cuidados. Produtos de saúde são muito bem-vindos - diz Anastácia, presidente do Centro Maria Isabel, que atua no Morro dos Macacos. No dia 21, às 16h, o Iguatemi fará um bingo cujas cartelas poderão ser trocadas por doações à campanha. COMO PARTICIPAR DOAÇÕES SHOPPING TIJUCA: Avenida Maracanã 987.	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 337 palavras Caderno: Tijuca
022	06/11/2003	PREPARAR TERRA É O PRIMEIRO PASSO	... de materiais, aproveitamento integral de alimentos e utilização de fibras em construção, entre outras. Ao primeiro grupo caberá a preparação da terra e a demarcação dos canteiros. Morador do Morro dos Macacos, Joelson Nunes, de 18 anos, ouviu falar do projeto por meio de um amigo que participou de outras iniciativas da Casa de Vila Isabel. Empolgado, ele pretende se inscrever nas ...	Jornal: Globo Autor: Flávia Monteiro Tamanho: 268 palavras Caderno: Zona Sul Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1
023	04/12/2003	SAMBISTAS PARTICIPAM DO SEJA NOEL!	... sambista de primeira linha que tem como hábito ajudar quem precisa é Martinho da Vila. - Moro em um condomínio em Vila Isabel e sempre recolhemos doações e mandamos para a comunidade do Morro dos Macacos, por meio da associação de moradores. É muito importante ajudar. Se todos colaborarem, podemos melhorar a vida das pessoas menos favorecidas pela sorte. Por isso, eu vou doar - ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 388 palavras Caderno: Tijuca
024	09/12/2003	AMEAÇA FECHA VILA OLÍMPICA	... (ao lado do Morro da Providência), Vila Kennedy e Mato Alto (Jacarepaguá). A manutenção das vilas em áreas carentes para incentivar a prática esportiva pela população é um dos argumentos que a prefeitura costuma apresentar em eventos internacionais para demonstrar o interesse da cidade pelos Jogos Pan-Americanos de 2007. E também são citadas na campanha do Rio para sediar as Olimpíadas de .	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Luiz Ernesto Magalhães Tamanho: 1318 palavras Caderno: Primeiro Caderno

025	11/12/2003	CAMPANHA SEJA NOEL! AJUDA CRIANÇAS DE VILA ISABEL	Brinquedos serão distribuídos no Morro dos Macacos Neste Natal, crianças do Morro dos Macacos e do Complexo do Turano vão ganhar brinquedos doados à campanha Seja Noel! até o dia 24. A iniciativa é uma parceria dos Jornais de Bairro do GLOBO, do Grupo Sendas e do movimento Viva Rio. Duas instituições indicadas pelo Viva Rio repassarão os brinquedos para a garotada. Uma delas é o Centro .	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 211 palavras Caderno: Tijuca
026	19/12/2003	BALÉ PARA A CIDADE PARTIDA	... bailarinos escolhidos entre os 340 alunos da Cia. Dançando para Não Dançar. Criado em 1995, o projeto que leva aulas de balé clássico a favelas da cidade já funciona em dez comunidades, entre elas Morro dos Macacos, Cantagalo, Mangueira e Tuiuti. Depois da apresentação na Praia do Flamengo, Ana Botafogo e Roberta Márquez seguem para o Teatro Municipal, onde, às 18h, encerram a temporada da	Jornal: Globo Editoria: Rio Show Edição: 1 Autor: Adriana Pavlova Tamanho: 329 palavras Caderno: Rio Show
027	26/02/2004	CAMPANHA AJUDA DE CRIANÇAS A ADULTOS	... vão para instituições do Borel e dos Macacos Os livros doados à campanha "Parceiros da leitura" podem abrir novas portas não só para crianças, mas também para jovens e adultos do Borel e do Morro dos Macacos. Lançada há duas semanas, a iniciativa - uma parceria dos Jornais de Bairro do GLOBO, do Viva Rio e de 18 shoppings do Rio, da Baixada, de Niterói e da Região Serrana - vai destina ..	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 392 palavras Caderno: Tijuca
028	11/03/2004	CONSTRUÇÃO DE VILA OLÍMPICA AGORA SÓ DEPENDE DE EMENDA	... Lazer, o projeto que irá transformar o Parque do Trovador, antigo Jardim Zoológico da cidade, num centro de esportes e lazer, ocupando uma área de aproximadamente 36 mil metros quadrados, próximo ao Morro dos Macacos, aguarda apenas a liberação de uma emenda feita pela Câmara dos Vereadores para que as obras comecem. O processo de licitação ocorreu no fim do ano passado e o custo está estimado	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 160 palavras Caderno: Tijuca p.09
029	05/04/2004	PROJETO PATROCINADO PELA DEVON DO BRASIL PREVINE PROBLEMAS DE SOCIALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA INFANTIL	... como o fracasso escolar e a violência infantil P exploradora de petróleo americana Devon Energy plantou uma árvore no Brasil. Mais especificamente no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, no Rio. É lá que, desde outubro de 2001, seu patrocínio ajuda a fazer dar frutos a primeira Casa da Árvore, um projeto de extensão do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ...	Jornal: Globo Editoria: Nenhuma Edição: 1 Autor: : Paula Autran Tamanho: 767 palavras Caderno:CadernoEspecial:Suplemento Especial:Razão Social
030	05/04/2004	ESSO, CIEE E CDI FIRMAM PARCERIA PARA AJUDAR JOVENS DE BAIXA RENDA A ENTRAR NA UNIVERSIDADE	... carentes do Rio - Mangueira, Morro dos Macacos, em Vila Isabel, e Vila Kennedy. Os estudantes do segundo ano vão receber noções de escolha profissional e gestão de carreira, com discussões sobre vocação, possibilidades de aproveitamento no mercado, critérios mais utilizados para a decisão e planejamento profissional. - Haverá no CIEE um workshop sobre escolhas profissionais e um ...	Jornal: Globo Editoria: Nenhuma Edição: 1 Autor: Aydano André Motta Tamanho: 634 palavras Caderno:Caderno Especial:Suplemento Especial:Razão Social
031	05/04/04	Lançada pedra fundamental da Vila Olímpica de Vila Isabel	Parque Recanto do trovador/VilaIsabel	Jornal online
032	08/04/2004	COMEÇAM OBRAS NA VILA OLÍMPICA DE VILA ISABEL	... é oferecer instalações com alta tecnologia para despertar o interesse pela prática de esportes na região. A Vila Olímpica ocupará uma área de aproximadamente 36 mil metros quadrados, próxima ao Morro dos Macacos. O processo de licitação foi realizado no fim do ano passado e o custo das obras está estimado em cerca de R\$ 3,8 milhões. A vila olímpica terá capacidade para receber oito mil ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 217 palavras Caderno: Tijuca
033	27/04/2004	MACHISMO AFETA	... entrevistaram 780 jovens no Rio Foram entrevistados 780 jovens de 14 a	Jornal: Globo Editoria: O País Edição: 1

		SAÚDE DE JOVENS BRASILEIROS	24 anos de três comunidades do Rio de Janeiro - Complexo da Maré, Bangu e Morro dos Macacos. Os pesquisadores dizem que o resultado pode ser estendido à média do pensamento dos jovens pobres de outros centros urbanos. Após uma pré-entrevista, os jovens participaram, por seis meses, de oficinas e discussões sobre ...	Autor: Lisandra Paraguassu Tamanho: 396 palavras Caderno: Primeiro Caderno
034	07/07/2004	ARRAIÁ NA HÍPICA	... alimento não perecível. Crianças até 5 anos não pagam. ONG ITALIANA Um seminário sexta-feira no Hotel Pestana Rio Atlântica encerrará as atividades do projeto Educar Trabalhando, realizado no Morro dos Macacos pela ONG italiana Associação de Voluntários para o Serviço Internacional (AVSI), com o apoio da União Européia. Serão apresentados os resultados das atividades desenvolvidas	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Tamanho: 119 palavras Caderno: Primeiro Caderno
035	18/08/04	Vila Isabel recebe área para seu centro cultural	Vila Isabel/ Escola de samba Projeto de Oscar Niemeyer, orçado em R\$10 milhões, abrigará a nova sede da escola	Jornal17/RIO
036	03/03/2005	MORRO DA DIVINÉIA GANHA REFLORESTAMENTO	... em busca de solução para dois graves problemas da Grande Tijuca: a degradação ambiental e o crescimento de favelas. A Secretaria municipal de Meio Ambiente iniciou o reflorestamento de áreas do Morro da Divinéia, no Grajaú. A próxima etapa, segundo o secretário Ayrton Xerez, será a Reserva Florestal do Grajaú, a partir do fim de abril. Além da Divinéia, integram há mais tempo o projeto ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Maia: Eduardo Rodrigues Maia Tamanho: 179 palavras Caderno: Tijuca
037	03/03/2005	MUDAS: TAREFA ESTÁ LIGADA A CONDIÇÕES DO TEMPO E DO SOLO	... que é uma espécie suscetível a incêndios que podem devastar grandes áreas. Entre as áreas de reflorestamento existentes hoje na Grande Tijuca a mais antiga área de reflorestamento é a do Morro dos Macacos, de 1990, com 11,2 hectares e 31.200 mudas. Vila Isabel tem ainda frentes de trabalho no Morro Pau da Bandeira e do Morro de São João, com 34.120 e 33.700 mudas plantadas, ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Maia: Eduardo Rodrigues Maia Tamanho: 413 palavras Caderno: Tijuca

D: Assuntos diversos

Nº	Data	Manchete	Detalhes	Dados editoriais
001	25/04/2002	JORNais DE BAIRRO / 20 ANOS	... de Proteção Ambiental e serão removidos. Para abrigar aqueles moradores, a prefeitura está construindo moradias populares em outras localidades. No fim de março, a prefeitura também interveio no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Em dezembro do ano passado, fortes chuvas causaram deslizamentos em duas colinas do morro e causaram uma morte. As duas colinas afetadas e outros pontos onde há ..	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 245 palavras Caderno: Tijuca
002	09/06/2002	NOS ANOS 30, SAMBISTAS MARGINAIS E NA LAPA CONVIVERAM	Problemas do pagodeiro Belo com a Justiça ilustram o quanto mudaram o samba e a malandragem cariocas Belo e Vado, Wilson Batista e os irmãos Meira. É verdade: as relações entre a música popular e o submundo não começaram anteontem. A música e os músicos envolvidos é que mudaram. Do mesmo modo que mudou a freqüência com que as relações se deram ao longo do tempo.	Jornal: Globo Editoria: Segundo Caderno Autor: João Máximo Tamanho: 800 palavras Caderno: Segundo Caderno Edição: 1
003	13/06/02	Um toque caipira nas ruas da região	Vila Isabel decoração temática, concursos e shows de forró agitam as festas	Jornal10/Jornais de bairro
004	07/08/2002	VENTOS DE ATÉ 90KM/H DERRUBAM ÁRVORES, TUMULTUAM TRÂNSITO E FECHAM ESTRADA	... uma árvore derrubou parte da grade de uma clínica. Poste cai sobre muro e deixa moradores de morro sem luz Em Vila Isabel, um poste caiu sobre um muro na Rua Conselheiro Otaviano. Parte do Morro dos Macacos ficou sem luz. No Maracanã, uma árvore caiu na Rua São Francisco Xavier, atrapalhando o tráfego. No interior, durante mais de 40 minutos um temporal castigou o Sul do estado, ...	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 Autor: Dicler Simões Tamanho: 357 palavras Caderno: Primeiro
005	09/09/2002	ESCURIDÃO DE ATÉ 40 HORAS e 2 ed ATÉ 40 HORAS SEM LUZ	... ao Morro do Salgueiro, na Tijuca. Em Vila Isabel, a Light também demorou bastante para restabelecer o fornecimento de energia. O engenheiro de telecomunicações Amauri Pinto contou que ele e seus vizinhos da Rua Oito de Dezembro ficaram sem luz das 5h até as 20h de sábado e das 6h30m até 19h de ontem. - A gente comprehende que essas tempestades possam causar tantos transtornos, mas acho ..	Jornal: Globo Editoria: Rio Edição: 1 e 2 Autor: Jacqueline Costa Tamanho: 1739 e 1738 palavras Caderno: Primeiro Caderno
006	03/10/2002	PREVENÇÃO PARA COMBATER TEMPORAIS	... Corremos risco de perder mercadorias durante as chuvas - diz Nilson Samyn, presidente da associação. O que está sendo feito ENCASTAS: A Geo-Rio realizou obras preventivas de contenção no Morro Dona Marta (R\$ 81 mil); no Morro da Babilônia (R\$ 99 mil); e na Rua Casuarina, na Lagoa (R\$ 76 mil). Em Santa Teresa, foi iniciada mês passado a canalização do valão Jorge da Silva, no valor de ...	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Ana Lúcia Borges Tamanho: 430 palavras Caderno: Zona Sul
007	23/01/2003	HÁ ENCASTAS COM RISCO DE DESLIZAMENTO NO SEU BAIRRO?	... e de Vila Isabel têm muitas encostas. Não é preciso ir a essas comunidades para observar que há casas em lugares perigosos. Da rua mesmo elas podem ser vistas. No ano passado, houve deslizamentos no Morro dos Macacos e várias famílias ficaram desabrigadas. Espero que este ano a história não se repita. Deveria haver uma ação preventiva para organizar as moradias nos morros. Caso contrário, a ..	Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 276 palavras Caderno: Tijuca
008	26/05/2003	DÍVIDA ANTIGA	... das favelas no Rio, principalmente as do meu bairro de origem: Borel, Formiga, Salgueiro. A construção de prédios nas fraldas dos morros deveria ter sido iniciada há muito tempo. Um exemplo é o Morro dos Macacos: no lado de Vila Isabel ele é populoso, pois a subida ao lado da entrada do Túnel Noel	Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 1752 palavras Caderno: Primeiro Caderno

			Rosa facilitou o acesso. No entanto, no lado do bairro Sampaio o morro é completamente livre ...	
009	18/09/2003	FORMAÇÃO URBANA: ESTUDIOSOS VÊEM NA REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA UM ANTÍDOTO CONTRA VIOLÊNCIA	... tinha características rurais. Com o surgimento de linhas de bonde, adquiriu função residencial. A grande concentração de fábricas desencadeou a formação de vilas operárias. O bairro é cercado pelo Morro do Andaraí. GRAJAÚ O Grajaú desfruta de uma imagem de "cidade do interior", com relações estreitas entre a vizinhança, convívio social reforçado ainda pela existência de igrejas, clubes,	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Fradkin Tamanho: 437 palavras Caderno: Tijuca</i>
010	29/01/2004	FOLIA DEMOCRÁTICA: CONFIRA O ROTEIRO COMPLETO DOS BLOCOS	... DE VILA ISABEL: Desfile no dia 21, com concentração a partir das 10h na Associação Atlética de Vila Isabel (Boulevard Vinte e Oito de Setembro 160). BLOCO BALANÇO DOS MACACOS: A concentração é no Morro dos Macacos, mas o bloco percorre a Avenida Vinte e Oito de Setembro no domingo e na terça-feira de carnaval, a partir das 18h EU SOU EU E JACARÉ É BICHO D'ÁGUA: O desfile está marcado par	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Eduardo Fradkin Tamanho: 345 palavras Caderno: Tijuca</i>
011	04/03/2004	DISCURSO VAZIO	... à governadora reprovar a educação pública. Eu, professora concursada da rede estadual, é que reprovo o governo Rosinha Matheus. É lamentável o estado em que se encontram as escolas. Trabalho numa no Morro dos Macacos e, além de duas únicas visitas da Cesgranrio no ano passado, o que mais recebemos são tiros e balas perdidas. ANDREIA CASIMIRO DE ABREU MONIZ MARTINS (via Globo Online, 2/3)	<i>Jornal: Globo Editoria: Opinião Edição: 1 Autor: Tamanho: 2343 palavras Caderno: Primeiro Caderno</i>
012	04/03/04	Vila já teve 5 casos de dengue em 2004	Recanto do Trovador/ Dengue	http://arquivoglobo.globo.com03/Jornais de bairro
013	04/03/04	Defesa Civil	Defesa Civil/ IX RA	http://arquivoglobo.globo.com10/Jornais de bairro
014	04/03/04	Vitória: com enredo sobre Paraty R\$800mil, escola de Martinho volta ao especial após 4 anos	Escola de Samba	http://arquivoglobo.globo.com05/Jornais de bairro
015	04/03/04	Carta do leitor sobre escola no morro dos macacos	Morro dos Macacos/Escolas	http://arquivoglobo.globo.com06/Carta dos leitores
016.	11/03/04	Onde há proliferação de mosquito no seu bairro	Vila Isabel e outros	http://arquivoglobo.globo.com02/ jornais de bairro
017	13/03/04	Contos do Rio	Contos/Vila Isabel citada	http://arquivoglobo.globo.com06/Prosa e verso
018	23/03/04	Hospitais do Município sob risco de colapso	Hospital Psiquiátrico Jesus citado	http://arquivoglobo.globo.com18/Rio
019	25/03/04	Em que Igreja você assistiu ao casamento mais bonito?	Uma cita a Igreja Nossa Senhora de Lourdes	http://arquivoglobo.globo.com Jornais de bairro
020	25/03/04	Rio-água faz apenas trabalho paliativo	Cita Vila Isabel no orçamento	http://arquivoglobo.globo.com Jornais de bairro
021	25/03/04	Navegação em festa	Escola de samba/ enredo 2005	http://arquivoglobo.globo.com03/segundo Caderno

022	30/03/04	Calçadas estão desniveladas	Vila Isabel/ Caçadas musicais	http://arquivoglobo.globo.com04/serviço
023	23/04/04	Dia de São Jorge é comemorado com tiros e fogos de artifício	Morro dos Macacos	Jornal online
024	15/07/2004	ONDE HÁ ÁREAS DE RISCO DE DESLIZAMENTO DE ENCOSTAS?	... Gonçalves, professora) "Da Rua São Miguel é possível avistar inúmeras casas em situação de risco. É comum, quando cai qualquer chuvinha, vermos caminhões e carros do Corpo de Bombeiros subindo o Morro do Borel para socorrer vítimas de deslizamentos. Outra cena corriqueira é a presença de técnicos da Defesa Civil tentando convencer moradores a deixarem suas casas. Mas o problema se repete .	<i>Jornal: Globo Editoria: Jornais de Bairro Edição: 1 Autor: Tamanho: 269 palavras Caderno: Tijuca</i>
025	14/08/04-sábado	César pede mas não leva apoio da Vila Isabel	Vila Isabel/ Escola de samba; eleições Martinho da Vila e presidente da escola dizem que não tem candidato; secretário estadual é co-autor do enredo de 2005	Jornal12/ O País
026	15/08/04-Domingo	Martinho: calçada na Vila	Vila Isabel/ Praça Barão de Drummond	Jornal31/RIO
027	17/08/04-Terça-feira	Prefeitura tomba capela e convento	Vila Isabel/ Convento Nossa Senhora da Ajuda Decretos garantem preservação de exemplares da arquitetura religiosa	Jornal16/Rio
028	19/08/04-Quinta-feira	Um tira-gosto bem picante	Planeta do Chope/Vila Isabel	http://arquivoglobo.globo.com21/Tijuca

02: Notícias de outros jornais e de outros períodos

A) “Tiroteio”, “Episódios de violência”, “Força-tarefa”, “Incursões policiais”

Nº	Nome jornal	Data	manchete	O que fala	Como consegui
001	O Globo	07/10/1975	Vila Isabel. Outro bairro que virou passagem Polícia aconselha: não vá ao Morro dos Macacos Uma sala de estar para aposentados No comércio, só os amigos compram Três apitos, agora a fabrica silenciou		Xerox jornal – do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro12
002	O dia	29/08/01	Tiroteio assusta moradores de Vila Isabel. RIO - A disputa pelo domínio dos pontos de vendas de drogas, no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, na Zona Norte da cidade, rachou o Terceiro Comando e desencadeou uma guerra com seguidos confrontos nos últimos dois dias.	Morro dos macacos	http://ultimosegundo.ig.com.br/useg/odia/artigo/0,,1008290,00.html
003	O dia	09/04/02	Guerra que não acaba Traficantes aterrorizam cinco favelas. Duas pessoas morrem. Uma criança de 10 anos e um PM são feridos Dois mortos em ataque de bonde no Engenho Novo	Morro dos Macacos, São João e outro	Jornal07/polícia
004	Jornal do Brasil	09/04/02	A segurança vai subir o morro Novo secretário promete que a polícia militar atenderá a qualquer chamado da população: seja no asfalto ou na favela Tráfico apavora três bairros Invasores matam mulher grávida no Engenho Novo	Morro dos Macacos, São João e outro	Jornal15/Cidade
005	Jornal do Brasil	10/04/02	PM vai usar diálogo contra tiros. Novo comandante-geral da Polícia Militar avisa que vai resolver conflitos nas favelas conversando com a comunidade. Reféns da violência. Moradora de Vila Isabel em rotina marcada por tiroteios.	Favelas diversas. Depoimento moradora de Vila Isabel	Jornal17/Cidade
006	Jornal do Brasil	11/04/02	Tráfico obriga escola a ter janelas blindadas. Colégio particular da Tijuca protege alunos enquanto escola pública fecha	Sobre colégios diversos e cita Vila Isabel	Jornal17/Cidade
007	Jornal do Brasil	12/04/02	Vila Isabel Ladrões espancam policial militar	Vila Isabel	Jornal15/Cidade
008	Estadão	26/07/02	Pequenos grupos de policiais não têm como subir morro, diz entidade	Morro dos Macacos	http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2002/jul/26/236.htm
009	O Dia (on line)	29/07/02	Tráfico afasta moradores	Morro dos Macacos	http://odia.ig.com.br/universitarios/mat290702.htm
010	Estadão	06/08/02	Traficantes expulsam seis famílias de favela do Rio	Cita Morro dos Macacos	http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2002/ago/06/273.htm

011	Band (online)	29/11/02	Traficantes disputam a tiros o controle do tráfico de drogas no Rio	Morro dos Macacos	http://www.band.com.br/jband/291102traficantes.asp
012	Estadão (online)	29/11/02	Pelo terceiro dia, traficantes trocam tiros em favela do Rio	Morro dos Macacos	http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2002/nov/29/134.htm
013	Estadão	30/11/02	Traficantes causam pânico na zona norte do Rio Foi a terceira noite consecutiva de tiroteios no Morro dos Macacos, em Vila Isabel	Morro dos Macacos	http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/11/30/cid023.html
014	Estadão	30/11/02	Pânico e morte na guerra dos traficantes Tiroteio no Morro dos Macacos, na zona norte do Rio, foi travado entre duas facções do Terceiro Comando	Morro dos Macacos	http://www.jt.estadao.com.br/editorias/2002/11/30/ger024.html
015	O dia online	18/09/03	Tiros apavoraram Vila Isabel. Confronto entre agentes e bandidos do Morro dos Macacos deixou policial ferido na cabeça. Cinco escolas fecharam	Morro dos Macacos	http://odia.ig.com.br/odia/policial/pl180905.htm
016	Extra	25/10/03	Fuga após acidente	Vila Isabel	http://arquivoglobo.globo.com05/geral
017	O DIA	03/12/03	Prisão para 21 policiais militares. Um PM é preso por vender armas ao tráfico e outros 12, por não fornecer número de celulares ao comando. Mais 8 serão detidos por exigir propina	Morro dos Macacos	internet
018	Jbonline	26/12/03	Policial é executado em Vila Isabel. Bandidos atingem agente da Core com 17 tiros. Polícia prende 30 suspeitos no Morro dos Macacos	Morro dos Macacos	Jbonline.terra.com.br
019	Extra	07/01/04	Traição no tráfico Sangol é morto em Vila Isabel	Morro dos Macacos/assassinato de Sangol	http://arquivoglobo.globo.com07/geral
020	O dia	24/01/04-Sábado	Mais dois mortos na guerra do tráfico Homens foram baleados durante troca de tiros com a polícia em Vila Isabel. Desde Quarta-feira, 16 pessoas morreram.	Morro dos Macacos	Jornal10/Polícia
021	Jbonline	24/01/04	Cerco em Vila Isabel Polícia invade o morro e mata dois em troca de tiros	Morro dos Macacos	http://jbonline.terra.com.br
022	Extra	24/01/04	Polícia mata dois no Morro dos Macacos	Morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com09/Geral
023	RJTV	05/02/04	Preso traficante que controlava o tráfico no Morro dos Macacos	Morro dos Macacos	http://redeglobo.globo.com/RJTV/O_19125,VRVO-3114-41077-20040205-341,00htm
024	Povo	06/02/04 - sexta-feira	Traficante é acusado de executar policiais	Morro dos Macacos/Prisão Scooby- chefe tráfico	Jornal08/Polícia
025	O Dia	06/02/04	Cruel, violento e traidor Matador de policiais, bandido assassinou chefe para tomar seu lugar	Morro dos Macacos/Prisão Scooby – chefe tráfico	Jornal14/polícia

026	O Dia	06/02/04	Fora do jogo. Estes a polícia á tirou de campo só em janeiro de 2004.	Morro dos Macacos Propaganda do Governo do Estado sobre prisão de Scooby e outros	Jornal07/Mundo
027	Extra	12/02/04	Policiais encontram corpo em Vila Isabel	Morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com10/Geral
028	JBonline	13/02/04	Itagiba determina que corregedoria investigue morte no Morro dos Macacos	Morro dos Macacos	jbonline
029	Extra	13/02/04	Versão Contestada	Morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com10/geral
030	Extra	13/02/04	Policiais da DRE são acusados de matar homem no Macacos	Morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com10/geral
031	Extra	04/03/04	Defesa civil realiza palestra	Defesa Civil/IX RA	http://arquivoglobo.globo.com02/serviço
032	Extra	08/03/04	Corpo deixado em Vila Isabel	Morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com11/economia
033	Extra	25/03/04	Preso traficante Teta, ex-chefe do Macacos	Morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com08/geral
034	Extra	26/03/04	Lengeda de uma foto morro dos macacos		http://arquivoglobo.globo.com10/geral
035	Extra	26/03/04	Para Gabriela, com saudades	Tiro na 28 de setembro	http://arquivoglobo.globo.com11/Geral
036	Extra	27/03/04	DRE	Cita morro dos macacos	http://arquivoglobo.globo.com08/Geral
037	Extra	27/03/04	Defesa Civil fecha bordel ao lado do convento	Praça Barão de Drummond/convento	http://arquivoglobo.globo.com08/Geral
038	Extra	20/08/04	Guerra e pânico em Vila Isabel Mangueira X Macacos	Morro dos Macacos	Jornal Capa
039	Extra	20/08/04	Moradores sitiados Guerra do tráfico chega ao quinto dia no Macacos Pelo menos uma mulher e dois menores são vítimas de balas perdidas Martinho faz crítica às autoridades Comandante nega tentativa de invasão	Morro dos Macacos Declaração do Martinho da Vila	Jornal07/geral
040	Povo	20/08/04	Tráfico ataca 'caveirão' do Bope com tiros e granadas	Morro dos Macacos	Jornal Capa
041	Povo	20/08/04	Polícia não deixa tráfico respirar Morro dos Macacos PM invade após guerra entre rivais	Morro dos Macacos (pg. 6) e outros locais	jornal06 e 07 / polícia
042	O dia	20/08/04	A declaração de guerra do mal Disputa de bandidos deixa dois feridos em vila Isabel. Bonde tortura moradores de Nilópolis e traficantes impõem luto na Zona Oeste Granadas no blindado da PM Mulher baleada dentro de casa Depoimento Armamento e drogas no alto do morro	Vila Isabel, outros, Morro dos Macacos	Jornal12/ O dia /nossa Rio

043	Jornal do Brasil	20/08/04	Guerra do tráfico atinge inocentes	Morro dos Macacos	Jornal Capa
044	Jornal do Brasil	20/08/04	Tiroteio fere três e fecha túnel em Vila Isabel Estilhaços de granadas destroem parte do carro do Batalhão de Operações Especiais Durante o tiroteio 150 crianças ficaram ilhadas	Morro dos Macacos	jornal A21/Cidade
045	Extra	21/08/04	O morro dos Macacos, em Vila Isabel, viveu ontem mais um dia de guerra:[...]	Morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com01/Primeira
046	Extra	21/08/04	Sofre quem mora lá na Vila No segundo dia de operação para acabar com a guerra no Macacos, rua é interditada e escolas fecham...	Morro dos Macacos Vila Isabel	http://arquivoglobo.globo.com12/Geral

B) Temas diversos: “projetos sociais”, “identidade do Bairro”, “problemas”

Nº	Jornal	Data	manchete	O que fala	Como consegui
001	Diversos	1937	Compilação de notícias sobre a morte de Noel Rosa em diversos jornais	Morte de Noel Rosa	http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj37.htm
002	O Globo	28/09/1966	Vila Isabel: 94 anos		Xerox jornal – do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro Rio de bairro em Bairro
003	Jornal do Brasil	29/09/1973	Vila Centenária		Xerox jornal – do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro
004	O Globo	27/04/1975	Zona Norte da saudade, residência da cidade A Vila. Ainda tem feitiço		Xerox jornal – do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro
005	O Globo	06/09/01	Favela Bairro II começa em três morros da Vila Programa prevê obras nas redes e água, esgoto, drenagem e ações de cunho social	Morro os Macacos, Pau da Bandeira, Parque Vila Isabel	Jornal09/jornais do bairro
006	Extra	08/09/01	Vila Isabel será atendida	Sobre do asfalto obras na 28 de setembro	Jornal04/Sua resposta
007	Jornal do Brasil	17/03/02	Carioquice além-túnel Jornal americano recomenda a turistas atrações de bairros da Zona Norte. Não é de hoje que o povo da Zona Sul atravessa o Rebouças para curtir um samba em Vila Isabel ou comer queijo	Vila Isabel e outros	Jornal25/Cidade
008	O Estadão	01/06/02	Projeto conduz favela à era digital	Morro dos Macacos	http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2002/jun/01/209.htm
009	O dia online	16/09/02	Na cadência dos sambas. Região tem fome de cultura e será incluída no roteiro turístico da cidade graças ao ritmo que sai dos bares e até das pedras as calçadas.	Sobre Vila Isabel, traz dados locais	http://odia.ig.com.br/sites/diacombairro/vilaisabel.htm
010	Governo do Estado	10/02/03	Quatro famílias recebem o Cheque Cidadão das mãos de Romário	Cita moradora do Morro dos macacos	http://www.portalbangu.com/noticias-Rio
011	Extra	16/10/03	Nosso lar	Vila Isabel	http://arquivoglobo.globo.com
012	Extra	24/10/03	Calçadas são destruídas	Vila Isabel/Calçadas Musicais	http://arquivoglobo.globo.com04/Serviço
013	Extra	03/02/04	Coluna retratos da vida	Escola de samba	http://arquivoglobo.globo.com06/Geral
014	Extra	04/02/04	Dudu Nobre dá show e Luciana perde coroa para bombom	Escola de samba	http://arquivoglobo.globo.com07/Geral
015	Extra	04/03/04	Defesa civil realiza palestra	Defesa Civil/IX RA	http://arquivoglobo.globo.com02/serviço
016	Extra	23/03/04	Rua sem luz em Vila Isabel	Armando de Albuquerque – morro dos Macacos	http://arquivoglobo.globo.com serviço
017	Extra	15/08/04	Homenagem para Martinho	Vila Isabel/ Praça Barão de Drummond	Jornal11/geral
018	Povo	20/08/04	Rir, de graça André Lucas, filho de Chico Anysio, fará show em Vila Isabel	Vila Isabel	Jornal06/Rio Alegre
019	Extra	21/08/04	Filha de peixe...	Filha Martinho da Vila	http://arquivoglobo.globo.com01/Cultura

020	Extra	22/08/04	Quase 77 mil crianças são vacinadas no município	Morro dos Macacos/sem posto	http://arquivoglobo.globo.com13/Geral
021	Extra	23/10/04	Bueiros causam alagamentos	Vila Isabel	http://arquivoglobo.globo.com04/servico

**ANEXO G – ANOTAÇÕES SOBRE ALGUNS TRABALHADORES DO CENTRO
COMUNITÁRIO**

* **Nome:** Altino.

Função: Motorista Kombi do Abrigo

Anotações gerais: Tem em torno de 40 anos. Como ele me disse certa vez, no passeio dos Educadores, ele é “branco com cabelos pretos”²⁰¹. Nesse passeio ainda me contou que tem duas irmãs que moram na Suíça, casadas com suíços e possuem cidadania daquele país. Disse-me que já foi visitá-las. Falou-me ainda que mora no Alto da Boa Vista, para o lado da Tijuca e trabalha no Abrigo. Comentou que suas colegas de trabalho no Abrigo ficam “apavoradas” ao saber que ele vai ao Centro Comunitário no morro, devido “aos tiros”, dos quais elas têm “medo”, mas ele retruca dizendo ser o seu trabalho.

* **Nome:** Alisson.

Função: Motorista da Kombi do Centro Comunitário

Anotações gerais: Tem em torno de 30 anos, ‘pardo’. Certa vez, quando fomos buscar um jovem no Centro da Cidade, Alisson contou-me que era caminhoneiro e antes de ir trabalhar no Centro Comunitário, estava trabalhando na CMDS, na sede da IX Região Administrativa, na Avenida Visconde de Santa Isabel, ligado a uma ONG que “demitiu todo mundo”. Emtão, a Eliana, filha de Dona Anastácia, o conhecia: “Eliana já conhecia meu trabalho e me convidou para trabalhar aqui [...] a Eliana é uma grandona também aqui dentro”. E explicou-me que ela “não fica muito aqui porque ela é funcionária da Prefeitura e não pode, mas ela também é poderosa, ela faz parte dos grandão, manda aqui também”. Depois que pegamos o jovem, ambos foram conversando. Alisson comentou que sua namorada trabalha no Abrigo.

Nesse dia, Alisson ainda me disse que mora sozinho em Vista Alegre e leva 1h20min de ônibus para chegar ao Centro Comunitário; na sexta-feira vem de moto, levando uns 30 minutos. Não vem sempre de moto, porque não tem habilitação.

Nessa época, fazia um mês que estava trabalhando ali. Perguntei o que ele estava achando do trabalho, ao que ele respondeu: “é bom, o problema é ser ali dentro [do morro] e os meninos, que tem jeito de bandido, querem ser que nem bandido, falam como bandido; os meninos são loucos e eu não tenho esse ritmo, não sei se é porque eu estou mais velho, mas não consigo acompanhar e não tenho paciência, então acabo me estressando, mas o resto é legal, as pessoas são legais”.

* **Nome:** Andréia.

Função: “Educadora infantil”.

Anotações gerais: Tem 28 anos, é ‘branca’. Mora há 24 anos no morro. Casada com Viti, professor de *silk-screen*, tem duas filhas. Ela é evangélica. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário. Segundo Celso, em seu telefonema em novembro de 2005, Andréia não estaria mais trabalhando no Centro Comunitário, pois teria ganhado “mais uma menina”.

²⁰¹ Como observei no primeiro capítulo, devido ao fato de eu não ter problematizado junto ao universo pesquisado a questão da cor, não tenho dados sobre sua autopercepção racial. Nesse sentido, utilizarei os termos ‘branco’, ‘pardo’ e ‘negro’/‘negra’ conforme o senso comum e minha avaliação, portanto sujeito a outras interpretações conforme outros interlocutores e outras percepções, por isso sinalizarei com o uso de aspas simples, em situações nas quais elas próprias não tenham utilizado alguma categoria. Quando as próprias pessoas fizerem referência a sua cor ou a cor de outros utilizarei aspas duplas.

*** Nome:** Aretuza.

Função: Trabalha na alfabetização de adultos.

Anotações gerais: Tem em torno de 25 anos, ‘branca’. Mora em outro morro, no Andaraí. Veio trabalhar no Centro Comunitário por intermédio de Brenda, sua amiga. É afiliada à religião batista. Cursa Faculdade de Biologia.

*** Nome:** Brenda.

Função: “Educadora infantil”.

Anotações gerais: Tem em torno de 25 anos, ‘negra’. Mora em outro morro, no Andaraí, pertencente à “facção rival” daquela do Morro Parque Vila Isabel. Casada, seu marido é paranaense. Contou-me que ela e seu marido têm uma casa em Guarapuava/PR e ele quer voltar a morar lá, mas ela não “porque minha família está toda aqui, sou acostumada aqui e não sei se irei gostar de lá”. Ela é afiliada a religião batista.

*** Nome:** Celso.

Função: “Consultor de dependência química” do Projeto Esperança de Vida.

Anotações gerais: Tem 39 anos, é ‘negro’. Casado, mora em São Gonçalo. Cursa Faculdade de Psicologia. Certa vez, conversando com Celso, perguntei como ele veio trabalhar no Centro Comunitário. Disse-me que começou como “estagiário do projeto de violência doméstica”, nesse período, os projetos estavam iniciando e ele se prontificou a ajudar no projeto Esperança de Vida, que aborda o uso de drogas, visto que “essa é a minha área”. Disseram-lhe que “a equipe estava fechada”; passado algum tempo, a pessoa que coordenaria o projeto “não se identificou e me chamaram”. “Estou nesse projeto há dois anos, quando tive que decidir entre o estágio de violência e o projeto, escolhi o projeto que é minha área”.

Percebi em certo momento, lendo o livro do projeto em que trabalha, no qual os membros da “equipe” anotam suas atividades e recados uns para os outros, que Celso escrevia ao lado de sua assinatura “+24 horas”, adágio dos freqüentadores do AA (Alcoólicos Anônimos) ou NA (Narcóticos Anônimos). Numa ocasião, perguntei a ele se participava de algum desses grupos, respondeu-me que era membro do NA. Seu trabalho com os jovens visa à prevenção e a abstinência do uso de álcool e outras drogas dos jovens que participam do projeto.

Em 2005, conforme me contou por telefone em novembro de 2005, desligou-se no início do ano do Centro Comunitário e foi trabalhar em Minas Gerais, numa clínica para dependentes químicos. No momento em que me telefonou, estava trabalhando com um paciente, em atendimento residencial 24 horas por dia, na Barra da Tijuca/RJ. Seria um trabalho temporário, mas ganharia um bom salário. Disse ainda, que já havia concluído a Faculdade de Psicologia.

*** Nome:** Cleiton.

Função: Professor de percussão.

Anotações gerais: Tem 27 anos, é ‘negro’. Mora no morro, casado. É filho do Mestre de Bateria da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, na qual também ocupa um lugar de destaque, como diretor de bateria. No carnaval de 2004 foi o Mestre de Bateria do Bloco Balanço do Macaco.

Certa vez, antes de um dos ensaios da Escola de Samba, eu e Cleiton estávamos conversando e ele me contou que Dona Anastácia iria lhe dar dinheiro para que ele pudesse tirar sua “carteira de músico”, que tem um custo de 300 reais. Nessa época, ele falou que

estava estudando bastante para passar no teste, pois “a carteira é muito importante pra mim”, porque lhe confere a profissionalização como músico. Comentando sobre o projeto que ele trabalha, no Centro Comunitário, disse: “não ensino apenas samba para as crianças”, mas outros ritmos também.

Foi por seu intermédio que eu desfilei na Escola de Samba em 2004 e 2005.

*** Nome:** Camila

Função: Psicóloga do Projeto Esperança de Vida, de janeiro de 2003 ao início de 2004, quando foi demitida devido às mudanças ocorridas no projeto.

Anotações gerais: Tem em torno de 30 anos, é ‘branca’. Mora em Benfica, bairro na Zona Norte do Rio de Janeiro. Veio para o Centro Comunitário por indicação de Celso, seu amigo. Na primeira reunião do projeto que participei, no Centro Comunitário, Camila ficou bastante ansiosa para ir embora quando viu que eram seis horas da tarde, a todo o momento dizia que queria ir embora logo e tentava ligar para sua casa. Celso, tentando acalmá-la, disse-lhe que “não é necessário” telefonar para casa. Camila, com os olhos arregalados disse a ele: “como não!? Eu trabalho numa área de risco, saio às 5 horas e já são 6 horas, eu já deveria estar em casa!”.

*** Nome:** Delma.

Função: Coordenadora do Projeto MEL.

Anotações gerais: Tem em torno de 45 anos, ‘parda’. Delma, segundo me contou, ocupa um “cargo político”. Ela mora entre a Tijuca e Vila Isabel. Está geralmente com uma expressão facial fechada, não ri e resmunga a todo o momento sobre as coisas que acontecem no Centro Comunitário. Segundo Celso, em seu telefonema em novembro de 2005, Delma não estaria mais trabalhando na entidade.

*** Nome:** Élide.

Função: Em 2003 era coordenadora do Projeto Esperança de Vida, em 2004 passou a coordenar um CEMASI da Prefeitura, ocupando, ainda, um cargo de confiança.

Anotações gerais: Tem em torno de 40 anos, é “negra”. Élide é filha de Dona Anastácia. É funcionária pública municipal. Namora o irmão do marido de Muriel. Mora na mesma rua que Dona Anastácia, fora do morro. Tem dois filhos, dos quais, a menina trabalha no “Abrigo”. Cursou uma especialização em Educação na UFF e desejava fazer um mestrado.

Segundo me disse certa vez “a minha terra é em Monte Amaro”, onde possui “uma casinha”, para a qual vai, às vezes, e “durmo o tempo todo”.

Eu a encontrei em todos os ensaios da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, na qual ela também desfilou. Em dezembro de 2003, a encontrei no bairro de Osvaldo Cruz, participando da festividade “o trem do samba”. Lá ela me disse que um grupo de trabalhadores do Centro Comunitário se organizou e foi para Osvaldo Cruz.

*** Nome:** Eliana.

Função: Coordenadora do “Abrigo”.

Anotações gerais: Tem em torno de 45 anos, é ‘negra’. Filha de Dona Anastácia; namorada de Branco, que foi motorista da Kombi do Centro Comunitário. É católica e ocupa uma posição atuante dentro de sua igreja. É funcionária pública municipal. Mora na mesma rua que Dona Anastácia.

*** Nome:** Elena.

Função: Não tem função específica no Centro Comunitário, mas “ajuda” em diversos momentos e eventos.

Anotações gerais: Tem 38 anos, é “negra”. Filha de Dona Anastácia. Participa de todos os eventos do Centro Comunitário. Funcionária pública municipal, trabalha na Câmara de Vereadores. Participa do movimento negro, tendo como conhecidos alguns vereadores ligados a tal movimento. Tem uma filha. Mora numa outra rua do bairro de Vila Isabel, que não aquela onde estão situados sua mãe e seus irmãos. A encontrei seguidamente nos ensaios da Escola de Samba Unidos de Vila, na qual desfilamos na mesma ala, e nos ensaios do Bloco Balanço do Macaco. Comentou, certa vez, que foi “criada dentro da igreja batista”.

*** Nome:** Fiona.

Função: Cozinheira do Centro Comunitário.

Anotações gerais: Tem em torno de 45 anos, é ‘negra’. Mora no morro. Separada, mora com a filha, o genro e o neto. Segundo Dona Anastácia, Fiona trabalhou naquela primeira creche da Associação de Moradores. Atua ainda hoje numa outra creche coordenada por Dona Anastácia. Em 2003 terminou o supletivo do 2º grau e pretendia cursar Faculdade de Pedagogia. É evangélica.

*** Nome:** Fabíola.

Função: Realiza trabalho voluntário no Projeto Esperança de Vida.

Anotações gerais: Tem em torno de 40 anos, é ‘parda’. Mora no bairro Lins de Vasconcellos, próximo ao Morro Parque Vila Isabel. Casada, tem dois filhos. É filha de Geruza, treinadora de atletismo do Projeto Esperança de Vida. E prima “de criação” de Rogério, “reprodutor cultural” daquele mesmo projeto. Freqüenta a Igreja Batista, durante muito tempo, freqüentou a mesma igreja que Dona Anastácia, depois mudou de Igreja. Conhece, e é amiga, de Elide, Velasco e Elena, filhos de Dona Anastácia, “há muitos anos”, “desde a adolescência”. Em certa ocasião, disse-me ainda que estudou numa das escolas do Morro Parque Vila Isabel, do C.A. até a 4º série. Cursou especialização em educação. Foi “idealizadora” de um projeto no Morro São João (identificado a “faccção rival” do Morro Parque Vila Isabel), local onde também realizou a pesquisa para sua especialização.

*** Nome:** Fabrícia

Função: Trabalha na secretaria da Faetec.

Anotações gerais: Tem 27 anos, é ‘negra’. Neta de Dona Anastácia, mora no morro. Tem uma filha, que participa de um dos projetos para crianças do Centro Comunitário. Filha do presidente do bloco Balanço do Macaco – filho de Dona Anastácia – e de Ceci, auxiliar de cozinha na entidade. Seu irmão, Leonizinho, foi participante do Projeto Esperança de Vida.

*** Nome:** Geruza.

Função: Treinadora de atletismo no Projeto Esperança de Vida.

Anotações gerais: Tem em torno de 60 aos, é ‘parda’. Mora no Leme. Mãe de Fabíola, voluntária no Centro Comunitário, e “tia de criação” de Rogério, “reprodutor cultural” do mesmo projeto. Segundo Fabíola, sua mãe freqüenta a Igreja Batista.

*** Nome:** Helen.

Função: Trabalha no projeto sobre violência doméstica.

Anotações gerais: Tem em torno de 35 anos, é ‘negra’. Foi Helen quem me apresentou a Dona Anastácia. Trabalha lá no centro no projeto sobre violência doméstica, que primeiro funcionou no Centro Comunitário, depois passou para o “Abrigo”. Trabalha também no Conselho Tutelar da CR 2.2, voltada para erradicação do trabalho infantil e violência doméstica. Quando eu a conheci, ela morava no morro, logo depois, devido “à violência”, mudou-se para uma casa numa vila, próxima do viaduto de Madureira. A conheci por intermédio de Jandira, assistente social que trabalhou por sei anos no morro, que, por sua vez conheci somente por telefone, mediante Marcos, que foi meu colega numa disciplina do curso de doutorado.

*** Nome:** Lúcio.

Função: Coordenador da EIC (Escola de Informática e Cidadania), ligada ao CDI (Comitê para Democratização da Informática) e professor de informática.

Anotações gerais: Tem 23 anos, é ‘branco’. Mora no morro. Cursa Ciências Sociais. Organizou o livro “Resgate da memória de Vila Isabel” e o Sarau Poético. Um dos principais idealizadores da Dinamocoop – a Cooperativa da qual inúmeros trabalhadores do Centro participam. Ele é um dos responsáveis pelo setor de informática do Centro Comunitário.

*** Nome:** Lionda.

Função: Professora de desenho para crianças.

Anotações gerais: Tem em torno de 25 anos, é ‘negra’. Mora no morro. Ministra aulas de desenhos também no outro Centro Comunitário, coordenado por Viti. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário. É evangélica.

*** Nome:** Mário.

Função: professor de capoeira.

Anotações gerais: Tem 28 anos, é ‘negro’. Mora no morro. Além de professor de capoeira, já atou na entidade como professor de *street dance*. Sua namorada também mora no morro. Tinham planos de casar.

*** Nome:** Mauro.

Função: Coordenador do Projeto MEL.

Anotações gerais: Tem em torno dos 40 anos, é ‘negro’. Mora no morro. É casado. Segundo me disse, num dos ensaios da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, ocupa um “cargo político” - é um dos coordenadores do MEL - , explicando-me que: “sou tipo um assessor do Rodrigo Maia”. Ele trabalha, no Centro Comunitário, com Delma, com quem tem algumas disputas. Ele é um dos diretores do Bloco de Carnaval Balanço dos Macacos e, durante os ensaios do mesmo, era ele quem recebia os políticos e outros convidados. Segundo sua esposa, ele é “muito festeiro, está sempre na rua, nas festas”. Durante o carnaval, no dia do desfile dos blocos carnavalescos no Boulevard 28 de Setembro, ele estava trabalhando na organização do evento, utilizando um crachá da Prefeitura Municipal.

*** Nome:** Muriel.

Função: Em 2003 era secretária do Centro Comunitário, em 2004 secretária da Faetec e depois coordenadora do Programa Agente Jovem.

Anotações gerais: Tem em torno de 35 anos, é ‘negra’. Mora no morro, mas em outra parte, distante do Centro Comunitário. Tem dois filhos (gêmeos). É casada com um policial militar, que é irmão de um agente do Desipe, que por sua vez namora Élide, filha de Dona Anastácia. Todos, exceto Élide, moram no morro, próximo ao Túnel Noel Rosa. Quando eu iniciei a etnografia no Centro Comunitário, Muriel era secretária; depois, no ano de 2004, passou a ser secretária da Faetec e, posteriormente, devido a um desentendimento com o coordenador geral da Faetec, passou a ocupar a função de coordenadora do Programa Agente Jovem. Em certa ocasião, conversando com ela na secretaria, perguntei de que maneira ela veio trabalhar na entidade. Muriel contou-me que conhece a Élide e o Velasco - ambos filhos de Dona Anastácia - “da época do colégio, conheço a família há muito tempo”. Disse que, em certa situação, ficou desempregada e Élide a convidou para trabalhar ali, alertando-a: “mas é trabalhar com a minha mãe”; Muriel, então, disse-me que Dona Anastácia “não é má pessoa”, mas “tem que saber lidar com ela, que quando ela está quieta, nem falo com ela, aprendi a ver”. Muriel ainda falou-me que há dias em que diz a dona Anastácia: “tenho vontade de sair correndo daqui” e Dona Anastácia lhe responde: “então sai, pode sair correndo”. Comentou ainda que Dona Anastácia é “uma pessoa difícil”. Narrou-me que, antes de trabalhar no Centro Comunitário, trabalhou quatro anos na Casa de Crianças Surdas e Mudas - localizada próxima à entrada do morro -, mas “a Prefeitura começou a não pagar o salário, ficava até três meses sem receber e decidi sair; primeiro pedi uma licença e depois saiu definitivamente. Depois que eu saiu é que as coisas começaram a melhorar lá, começaram a pagar bem e em dia, eu tentei voltar, mas não consegui, aí já havia pedido demissão”. Após ter passado quatro anos sem trabalhar, pois não conseguia nada, Élide a convidou para trabalhar no Centro Comunitário. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário.

Eu sempre a encontrava com seu marido, cunhados e cunhadas nos ensaios da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel.

*** Nome:** Meire.

Função: Em 2003 era cozinheira do Centro Comunitário e à tarde trabalhava na creche organizada por Dona Anastácia, em 2004 passou a ser a secretária do Centro Comunitário.

Anotações gerais: Tem 46 anos, é ‘negra’. Mora em Cascadura (bairro na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro). Casada, tem uma filha. Estuda à noite em Botafogo (bairro na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro), num curso de “formação de professores”. Segundo me disse Fabíola, certa vez, Meire é batista e freqüenta a mesma igreja que Dona Anastácia. Segundo Celso, em seu telefonema em novembro de 2005, Meire teve que retirar o seio devido a um câncer e esteve “muito mal”; ele disse-me que “nem sei se ela está viva”, pois ela saiu do Centro Comunitário e “colocou Dona Anastácia na Justiça” do Trabalho.

*** Nome:** Magra

Função: cozinheira do Centro Comunitário.

Anotações gerais: Tem em torno de 45 anos, é ‘negra’. Mora no morro. É separada e diz que não quer mais homem em sua vida “nem para casar, nem para namorar”. Trabalha também como auxiliar de enfermagem no Hospital do Andaraí. É evangélica.

*** Nome:** Nora.

Função: “Educador infantil”.

Anotações gerais: Tem em torno de 25 anos, é ‘parda’. Mora no morro. Tem um filho. Cursa Faculdade de Pedagogia. É evangélica, freqüentadora da Assembléia de Deus. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário.

*** Nome:** Paulinho.

Função: professor de artes, teclado e flauta.

Anotações gerais: Tem em torno de 25 anos, é ‘pardo’. Solteiro. Mora em Guadalupe (bairro da Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro). Em 2003, ministrava aulas somente para as crianças, tanto do Centro Comunitário, como do “Abrigo”; em 2004, passou a ministrar aulas também para os jovens do Projeto Esperança de Vida. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário. Trabalha ainda na Prefeitura, fazendo “recolhimento de pessoas na rua” e encaminhando-as para Abrigos da Prefeitura.

*** Nome:** Patrícia.

Função: Em 2003 era auxiliar de cozinha e limpeza geral; em 2004 passou a trabalhar na secretaria da Faetec.

Anotações gerais: Tem em torno de 25 anos, é ‘negra’. Tem um filho. Mora no morro. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário. É evangélica.

*** Nome:** Roger.

Função: Professor de dança.

Anotações gerais: Tem em torno de 25 anos, é ‘branco’. Não mora no morro.

*** Nome:** Raquel.

Função: Psicóloga em 2004 e 2005 do Projeto Esperança de Vida.

Anotações gerais: Tem em torno de 30 anos, é ‘branca’. Mora no Cosme Velho (bairro da Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro). Cursou residência em residência em saúde mental, num hospital no Engenho de Dentro (bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro). Certa vez estávamos conversando, e perguntei como ela veio trabalhar no Centro Comunitário. Ela contou-me que tinha terminado a residência há pouco tempo, estava em casa e uma amiga lhe telefonou, dizendo que uma amiga (Valéria, “gerenciadora de projetos do Centro”) estava precisando de currículos e lhe indicou. Então, Raquel telefonou Valéria, que gostou de seu currículo e Raquel foi contratada mediante recursos da Funlar (Fundação Municipal Francisco de Paula, vinculada à Secretaria Municipal de Assistência Social). Segundo Raquel, para ela este trabalho era “apenas temporário”, porque “é uma experiência legal ficar aqui, mas não é o que quero, não quero fazer carreira em comunidade”, pois “é bom, mas não tem tempo para nada, que fica ali todos os dias e eu quero fazer um mestrado e ter um consultório”. Em 2005 passou num concurso público para psicóloga do Tribunal de Justiça, segundo contou-me Paulinho.

*** Nome:** Rogério.

Função: “Reprodutor cultural” do Projeto Esperança de Vida.

Anotações gerais: Tem 31 anos, é ‘branco’. Solteiro; mora em Jacarepaguá. É formado em História. Certo dia, Rogério contou-me que é primo de Fabíola, que por sua vez é filha da Geruza (treinadora de atletismo dos jovens), que por sua vez é irmã de criação da mãe dele. Rogério ainda disse que veio trabalhar no Centro - após ter passado um ano em Olinda / Pernambuco trabalhando numa ONG – porque Fabíola (que trabalhou no Morro São João, onde foi idealizadora de um projeto e disse que aqui é muito assistencialista, essa coisa de dar comida, etc) conhecia Dona Anastácia, pois é da mesma Igreja que ela, então soube da vaga e indicou Rogério.

Organizou um *blog* para os jovens do projeto e era o responsável pelos passeios que eles faziam.

Depois que acabou o Projeto Esperança de Vida, no final de 2004, ele disse-me que foi “remanejado” para a biblioteca.

Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário.

* **Nome:** Reinaldo.

Função: Professor de futebol do projeto MEL.

Anotações gerais: Tem em torno de 50 anos, é ‘branco’. Mora na favela, casado, tem um filho. Sua esposa trabalha no Hospital do Andaraí.

* **Nome:** Branco.

Função: Em 2003 era motorista da Kombi do Centro Comunitário.

Anotações gerais: Tem em torno de 45 anos, é ‘branco’. Namorado de Eliana, filha de Dona Anastácia. Saiu de sua função de motorista da Kombi porque abriu um bar e lanchonete em Saquarema.

* **Nome:** Soraia.

Função: “Dinamizadora do grupo de idosos”.

Anotações gerais: Tem em torno de 30 anos, é ‘negra’. Soraia mora em São Gonçalo, trabalha no Centro Comunitário como “dinamizadora do grupo de idosas” e ainda trabalha na Prefeitura, na Delegacia do Idoso. Há dez anos trabalha em “comunidades”. Seu trabalho no Centro era, em 2003, como “professora terceirizada da prefeitura”, em 2004 passou a receber também pela Faetec, desenvolvendo um trabalho de alfabetização de adultos, principalmente, da terceira idade. Na época da pesquisa estava namorando um policial militar. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário.

* **Nome:** Sirlândia.

Função: Em 2004 assumiu a coordenação do Projeto Esperança de Vida

Anotações gerais: Tem em torno de 30 anos, é ‘branca’, reivindica descendência alemã: “minha avó veio da Alemanha no último navio antes da 2ª guerra mundial”. Mora em Copacabana, cursa Psicologia; casou-se em outubro de 2005, no mês em que acabou o Projeto. Sua entrada no Centro Comunitário foi bastante conturbada, devido à demissão, “que ninguém” esperava, de Camila, a psicóloga na época, visto que a culpabilizaram pela demissão. Anteriormente havia trabalhado como supervisora do Agente Jovem em outra “comunidade”.

*** Nome:** Túvia.

Função: professor de do reforço escolar.

Anotações gerais: Tem 23 anos, é ‘parda’. Ela é do Estado do Espírito Santo. Cursa Pedagogia e não mora no morro. Tem alguma ligação com a família de Dona Anastácia, visto que, em várias ‘brincadeiras’, disseram que ela é “da família”.

*** Nome:** Viti

Função: professor de silk-screen no Centro Comunitário

Anotações gerais: Tem em torno de 35 anos, é ‘branco’. Viti mora no morro, é coordenador de outro Centro Comunitário no local. Faz trabalhos autônomos de garçom, para o qual, muitas vezes, convida alguns jovens do Centro Comunitário para participar. É casado com Andréia, “educador infantil” e tem duas filhas. Participa da Dinamocoop – a Cooperativa empreendida a partir do Centro Comunitário. Segundo Celso, em seu telefonema em novembro de 2005, Viti não estaria mais atuando no Centro Comunitário Maria Isabel, estaria somente no outro Centro; e teria mais uma filha.

*** Nome:** Velasco.

Função: Responsável pelos gastos do Centro Comunitário

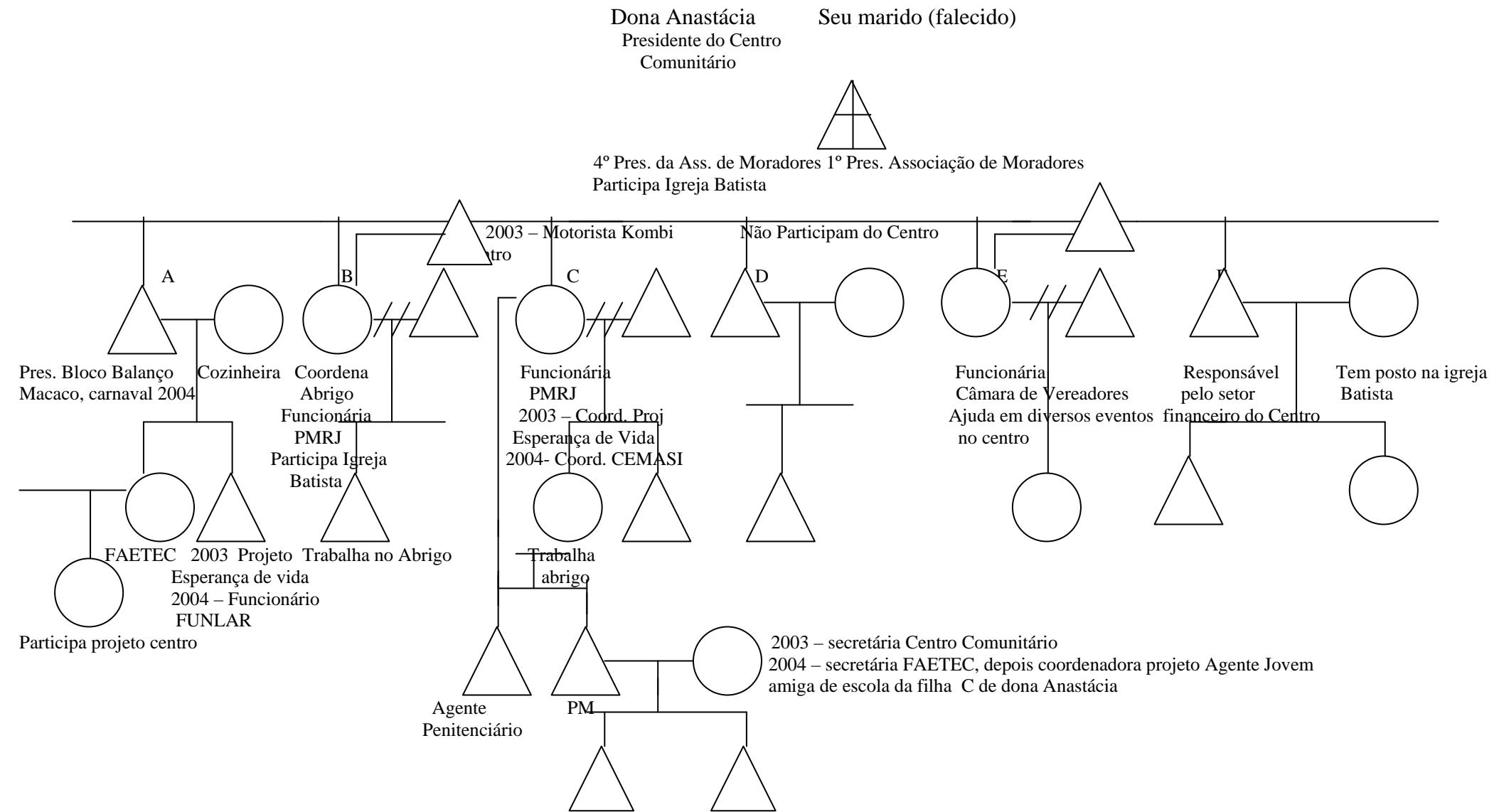
Anotações gerais: Tem 36 anos, é ‘negro’. Filho de Dona Anastácia. É casado, tem um casal de filhos, controla os gastos do Centro Comunitário. Ele e sua esposa são os únicos, segundo Dona Anastácia, que freqüentam a Igreja Batista como ela. Ele, segundo um rapaz que conheci, foi Conselheiro Tutelar. Ele também mora na mesma rua que Dona Anastácia.

*** Nome:** Valéria,

Função: “Gerenciadora de projetos” do Centro Comunitário.

Anotações gerais: Tem em torno de 30 anos, é ‘branca’. Ela trabalha no “Abrigo”, é psicóloga com formação em recursos humanos; especificamente a partir de 2004, passou a gerenciar os projetos sociais do Centro Comunitário. Não mora no morro.

**ANEXO H – REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS DOS TRABALHADORES E
FUNCIONÁRIO DO CENTRO COMUNITÁRIO**



A) Leoni - No carnaval 2004, era o presidente do Bloco Balanço do Macaco. Foi o último filho a sair da favela, em 2004 é que foi morar fora da favela. Vai muito pouco ao Centro Comunitário. Ainda no Carnaval de 2004, ajudou a organizar a escola na avenida.

Ceci – No final de 2003 e em 2004 trabalhou como cozinheira no Centro

Leoni Júnior – Em 2003, quando chegou, era um dos 20 jovens do Projeto Esperança de Vida; em 2004 foi chamado a servir ao quartel, mas não foi, pois conseguiram emprego para ele na FUNLAR – ligado ao Abrigo.

Fabrícia - final de 2003 e em 2004 trabalhou na secretaria da FAETEC, no interior do Centro Comunitário

Filha Fabrícia – participava de atividades para crianças no centro.

B) Eliana – coordenadora (responsável) pelo Abrigo do Centro Comunitário; funcionária da Prefeitura do Rio, possui um cargo na Igreja Batista.

Branco (namorado Eloá) – em 2003 era o motorista da Kombi do Centro; depois saiu dizendo que iria abrir um bar/ restaurante em Arraial do Cabo

Filho Eliana – trabalha no Abrigo

C) Elide – em 2003 era coordenadora do Projeto Esperança de Vida; é funcionária da Prefeitura do Rio; em 2004 assumiu a coordenação de um CEMASI da Prefeitura

Leonides (namorado Elide) – agente penitenciário

Filho Elide -

Filha Elide – trabalha no Abrigo

D) Wudson – ele e sua mulher não participam do Centro

Mulher Wudson

Filho Wudson

E) Elena – funcionária da Câmara de Vereadores; participa dos eventos no Centro; participa do movimento negro;

Eninho, namorado Elena

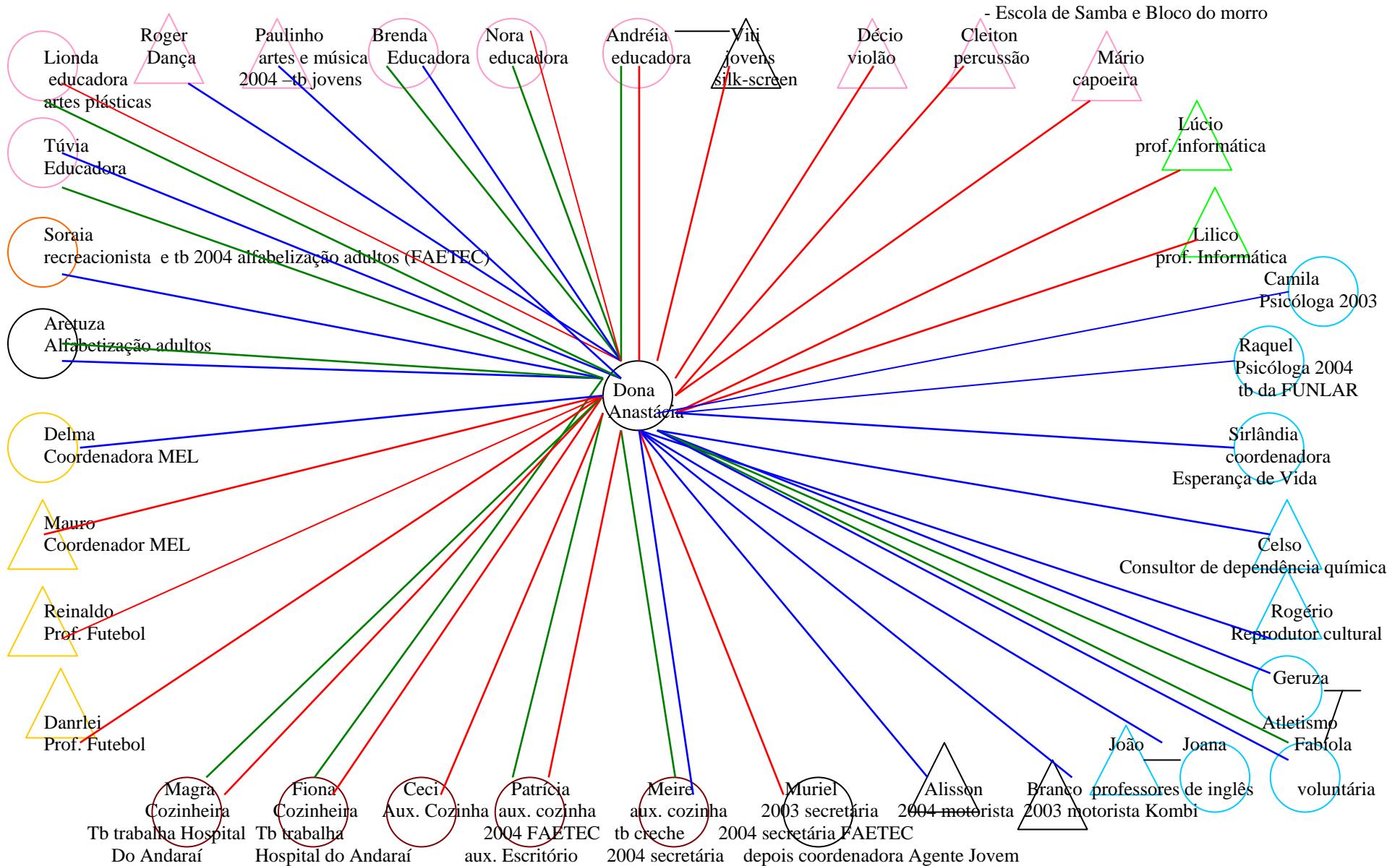
Esmeralda – filha Elena

F) Velasco – responsável pelo setor financeiro do Centro Comunitário

mulher Velasco – possui um cargo na mesma Igreja Batista que Dona Anastácia

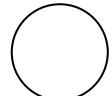
Filho Velasco -

Filha Velasco -

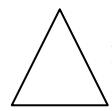


Legenda Trabalhadores do Centro Comunitário: Foram incluídos aqueles trabalhadores e funcionários que mais freqüentemente eu encontrava no Centro Comunitário, ficando fora da figura muitos voluntários, funcionários e trabalhadores do Centro e os funcionários da Faetec, que entraram junto com a instalação da entidade em 2004; não foram incluídos, ainda, os trabalhadores do “Abrigo” e da Creche.

Figuras:



mulheres



homens

Cores figuras:



Atendem às crianças, em turnos da manhã e tarde



Atende aos idosos, principalmente, na quarta-feira, à tarde



Trabalham no Projeto MEL, financiado pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro



Trabalham na cozinha do Centro Comunitário



Trabalham no Projeto Esperança de Vida, que faz parte do PROAP II (favela-bairro), da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro



Trabalham na informática, projeto do CDI (Comitê para democratização da informática)



Outros, especificado no local.

Cores linhas:



Trabalhadores que moram na favela



Trabalhadores que moram em outros locais da cidade do Rio de Janeiro, bem como fora do município do Rio



Trabalhadores que freqüentam a Igreja Batista, ou outra Igreja Evangélica, como a Presidente do Centro Comunitário Dona Anastácia

ANEXO I – TABELA COM OS DADOS DOS IDOSOS

Tabela dados idosos entrevistados

Total: 30

Sexo

Feminino	28
Masculino	02

Idade

50 – 60 anos	06 [53(2); 55; 57(2); 59]
61 – 70 anos	12 [61; 62; 64(2); 66; 67; 68; 69(4); 70]
71 – 80 anos	11 [72; 73; 74; 75(3); 76(2); 77; 78; 80]
Acima de 80 anos	01 [89]

Tempo de moradia

Menos de 20 anos	04 [15; 16; 18; 20]
21 a 30 anos	05 [23(2); 26; 30(2)]
31 a 40 anos	06 [35; 36; 38; 40(3)]
41 a 50 anos	04 [43(2); 47; 48]
51 a 60 anos	08 [51(2); 53(2); 55; 59; 60(2)]
Não lembra	03

Idade com que veio morar na favela (aproximado)

Nasceu aqui	01
“me criei aqui”	01
Com até 10 anos	01 [9]
Com 11 até 15 anos	01 [13]
Com 16 até 20 anos	03 [19; 20(2)]
Com 21 até 30 anos	09 [21(2); 23(2); 26(2); 27; 29; 30]
Com 31 até 40 anos	04 [33; 36; 40(2)]
Com 41 até 50 anos	06 [41; 44; 45; 47; 48; 49]
Com 51 até 60 anos	01 [55]
Não lembra o tempo de moradia	03

Tabela dados idosos não entrevistados, mas colhidos por tentativa de entrevista em grupo

Total: 24

Sexo

Feminino	20
Masculino	04

Idade

50 – 60 anos	03 [53; 60(2)]
61 – 70 anos	09 [63; 66(6); 67; 68]
71 – 80 anos	07 [71; 73(3); 75(2); 78]
Acima de 80 anos	04 [81; 82(2); 89]
Não lembra	01

Tempo de moradia

Menos de 20 anos	04 [01; 10; 13; 20]
21 a 30 anos	05 [21; 27; 29; 30(2)]
31 a 40 anos	05 [mais de 30; 32; 33; 35; 40]
41 a 50 anos	05 [41; 44(2); 45; 47]
51 a 60 anos	03 [51(2); 53]
Mais de 60 anos	02 [63; 76]

Idade com que veio morar na favela (aproximado)

Nasceu aqui	0
“me criei aqui”	0
Com até 10 anos	02 [03; 06]
Com 11 até 15 anos	04 [11; 13; 15(2)]
Com 16 até 20 anos	0
Com 21 até 30 anos	06 [23; 24; 25; +-26; 27; 30]
Com 31 até 40 anos	02 [31; 38;]
Com 41 até 50 anos	04 [44; 46; 47; 50]
Com 51 até 60 anos	01 [53]
Com mais de 60 anos	03 [65; 66; 68]
Não lembra o tempo de moradia	02

**ANEXO J – ANOTAÇÕES SOBRE OS JOVENS DO PROJETO ESPERANÇA
DE VIDA**

01

Nome: Armando

Data da Ficha: 10/2003

Data de Nascimento: 12/03/1988 [15 anos em 2003]

Religião: Cristã

Escolaridade: 8º série

Gosta de: informática

Mora com: pai – porteiro

Mãe – secretária

Dois irmãos; uma irmã que trabalha realizando faxinas.

Casa: própria

Renda familiar: mais ou menos R\$ 600,00

Motivo do atendimento: demanda espontânea. O pai conversou com dona Anastácia; é primo do promotor Cláudio. Fala de convites para o lado errado.

Uso: álcool – uso esporádico

Minhas anotações:

* É ‘negro’.

02

Nome: André

Data da Ficha: 03/2003

Data de Nascimento: 19/08/1985 [18 anos em 2003]

Escolaridade: 1º série primária, parou de estudar em 2000

Gosta de: cursos

Mora com: mãe – desempregada

Pai – faxineiro

Três irmãs

Casa: alugada

Renda familiar: mais ou menos R\$ 200,00

Motivo do atendimento: soube por adolescente do projeto (Lineu).

Uso: tabaco e álcool – uso esporádico

Motivação para o uso: “amigos”

Minhas anotações:

* Uma de suas irmãs participa de um projeto social, realizado na Central do Brasil.

* Quando iniciei minha pesquisa ele estava no Projeto há três meses.

Na primeira vez que realizei alguma atividade com eles, perguntei até que série eles haviam estudado. André disse que estudou até a 4º série e, no momento, faz supletivo no Centro Comunitário.

* Certa vez, contou-me que tem uma tia que mora no Complexo do Alemão e que foi batizado

na Igreja da Penha por esse motivo.

- * No final de 2004 foi servir o quartel.
- * É ‘negro’.

03

Nome: Aloan

Data da Ficha: 08/2003

Data de Nascimento: 22/06/1986 [17 anos em 2003]

Escolaridade: parou na 6º série

Gosta de: técnico de eletrônica

Mora com: avó – 63 anos – empregada doméstica

Tia - desempregada

Tio – 21 anos – trabalha estamparia

Três primos – entre 11 e 14 anos

Mãe mora em Nova Iguaçu há 1 ano mais ou menos; pai falecido há 13 anos.

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: tem tio que usa álcool, mas não tem contato com ele. Tem irmã mais velha e três mais novos que moram com a mãe e o atual marido. Foi detido pelos policiais com drogas e rádio transmissor.

Uso: experimentou maconha com 15 anos; álcool.

Motivação para uso: curiosidade

Minhas anotações:

* Quando chegou ao Centro Comunitário apresentou-se como Tadeu.

* O comentário entre a equipe era que Aloan matou policial e estava na condicional, tendo que, periodicamente, apresentar-se no órgão responsável.

* Quando o conheci, Aloan estava com a perna enfaixada do tornozelo a virilha, pouco depois utilizava somente uma tornozeleira. Certa vez, eu e Celso perguntamos o que havia acontecido, ele respondeu que “foi tiro”.

*É ‘negro’

04

Nome: Amadeu

Data da Ficha: 03/2003

Data de Nascimento: 07/01/1988 [15 anos em 2003]

Escolaridade: 5º série

Gosta de: quer ser jogador de futebol

Mora com: mãe – 42 anos - cozinheira

Dois irmãos – 1 curso do CEACA

Casa: própria

Renda familiar: 2 salários mínimos

Motivo do atendimento: irmão do Arcanjo que participa do Projeto Esperança de Vida.

Pai falecido há 1 ano de câncer; mãe está com um filho preso; um irmão usa drogas

Uso: com 14 anos – maconha – uso esporádico

Motivação: curiosidade.

Minhas anotações:

* Quando iniciei a pesquisa ele já estava no projeto. No início de dezembro de 2003, Rogério, “reprodutor cultural” do Projeto, disse-me que estava “preocupado” com Amadeu, porque ele “fica dizendo que isso aqui não vai adiantar de nada para ele na vida, lá na rua” e ele “está fumando maconha”. Pouco tempo depois, no início de 2004, Amadeu saiu do projeto e ingressou no tráfico de drogas; sendo, em seguida, preso. Depois que foi solto voltou a atuar no tráfico.

* É ‘negro’.

05

Nome: Adoniran

Data da Ficha: 04/2003

Data de Nascimento: 10/03/1984 [19 anos em 2003]

Escolaridade: 4 ° série

Gosta de:

Mora com: mãe – 41 anos – desempregada
Irmão – 22 anos - professor

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: através dos promotores do projeto; medo de sair dom projeto e não ter emprego.

Obs. Tem filha de 8 meses; já trabalhou como Office-boy.

Uso: 17 anos – maconha.

Motivação para uso: ver pessoas usando; tio e primos usam drogas e álcool; conheceu pai com 10 anos, que vivia preso e envolvido com tráfico; já teve envolvimento com tráfico; não quer contato com mãe da filha porque ela só queria ir para o baile; bate na namorada – para ele é normal.

Minhas anotações:

* Na primeira vez em que participou de alguma atividade que realizei, perguntei se ele havido estudado e até que série, ele disse 5º para 6º e agora está fazendo supletivo no Centro Comunitário, junto com André.

* É ‘negro’.

06

Nome: Adolfo

Data da Ficha: 07/2003

Data de Nascimento: 04/02/1985 - é do ceará [18 anos em 2003]

Escolaridade: 8º série

Mora com: mãe - doméstica
Pai – cozinheiro
Dois irmãos

Casa: própria

Motivo do atendimento: trazido pelos promotores do projeto; pai usa álcool; pai bate na mãe; suas avós moram no Ceará, veio para o Rio com 3 anos, ‘tentar a vida’; entrou no projeto para ser inserido no trabalho das passadeiras.

Uso: 15 anos – álcool e cigarro –

Motivação para uso: festas com amigos, gozação.

Minhas anotações:

- * Segundo Celso, o pai de Adolfo é porteiro, trabalha seis dias e fica em casa um dia e aí bebe o dia inteiro.
- * Trabalhou de entregador de roupas do Projeto Passadeiras Comunitárias.
- * No final de 2004 foi servir o quartel.
- * Soube em novembro de 2005, por um telefonema de Celso, que Adolfo foi morto, retalhado com a serra elétrica, no morro dos Macacos, porque havia roubado um fuzil do quartel onde estava servidno e vendido para o grupo da facção criminosa rival ao Morro dos Macacos, assim, quando voltou ao morro após ser expulso do quartel, foi assassinado.
- * É ‘negro’.

07

Nome: Bianco

Data da Ficha: 04/2003

Data de Nascimento:

Escolaridade: 7º série

Mora com: mãe – doméstica
Pai - gari

Casa: própria – 6 quartos.

Motivo do atendimento: pai viciado; entrar no projeto para ocupar os seus dias, fazer novos amigos, mudar de vida. Irmã mora com o marido na casa ao lado. Tem mais um irmão. Seus amigos de infância são do tráfico e perdeu um primo que fazia parte ‘deste mundo’.

Em 06/03 pais procuraram Élide porque ele estaria procurando trabalho no tráfico – ele continua; entrar para o tráfico – associa com saídas de carro e moto. Irmão que é bandido – pais não sabem que ele anda com esse irmão.

Uso: 13 anos maconha - Motivação do uso: tristeza; brigas familiares

Minhas anotações:

- * Em fevereiro de 2004, Dona Anastácia comentou que Bianco “bateu numa garota aqui em frente ao Centro e a garota também bateu nele”; diante disso, Dona Anastácia o “mandou embora” e depois, segundo ela, “a mãe dele deve ter levado ele para alguma tia, o que eu sei é que ele não ta no morro”. Nunca mais o vi e nem tive notícias sobre ele.
- * Tem 16 anos.
- * É ‘pardo’.

08

Nome: Cláudia [não encontrei sua ficha]

Minhas anotações:

- * Ingressou no projeto em 2004.
- * Certo dia, Sirlândia comentou que a mãe de Cláudia “morreu porque tomou soda cáustica”.
- * É ‘negra’.

09

Nome: Érico [não encontrei sua ficha]

Minhas anotações:

- * Ingressou no projeto em meados de 2004.
- * Numa das vezes nas quais realizei uma atividade com ele, conversamos sobre assuntos diversos e ele contou-me que: tem 15 anos; está na 5º série; veio morar no Morro dos Macacos quando estava com três anos de idade, vindo da Rocinha; para ele sua “mãe foi burra em vir para cá, lá [na Rocinha] é melhor, tem praia, tudo”. Ele mora com sua mãe, que está “doente, com a perna inchada” e ela havia ido ao médico “tirar água do joelho”. Seu pai mora na Rocinha com outra mulher. Disse que seu pai também está doente, pois caiu de um andaime, do 3º andar, na obra [pintura] em que estava trabalhando na Tijuquinha (Barra); seu pai chegou a ficar uma semana no hospital, agora já está melhor. Comentou que: “se ele morresse, o patrão teria que pagar uma grana alta”.

Tem uma irmã com 25 anos de idade que mora no morro dos Macacos também, em outra casa. E uma, por parte de mãe, que mora num condomínio em Nova Itaboraí. Ela tem 35 anos.

Sirlândia então disse que a mãe dele “não quer trabalhar, tem serviço de faxineira, empregada doméstica, mas ela não quer, prefere ficar pedindo”. E comentaram: “logo, logo ele vai ter que trabalhar”.

- * É ‘branco’.

10

Nome: Fabrício

Data da Ficha: 10/2003

Data de Nascimento: 11/11/1987 [16 anos em 2003]

Escolaridade: 6º série

Gosta de: gostaria de ser Office-boy

Mora com: mãe – 35 anos – doméstica

Padrasto – 47 anos – marceneiro

Casa: própria financiada

Renda familiar:

Motivo do atendimento: tem mais dois irmãos que não moram na mesma casa. Para vir para cá foi perguntar para Dona Anastácia, pois queria fazer o curso. Amigo que morreu por bala perdida. Mãe acredita que ele usa drogas; não fala com o padrasto.

Uso: 14 anos – álcool Diz nunca ter usado drogas. Uso esporádico.

Minhas anotações:

- * É ‘negro’.

11

Nome: Félix [não encontrei sua ficha]

Minhas anotações:

- * tem 17 anos e estava na primeira série do segundo grau.
- * É ‘branco’.

12

Nome: Hércules

Data da Ficha: 03/2003

Data de Nascimento: 11/06/1984 [19 anos em 2003]

Religião: católico

Escolaridade: 3º série primária

Gosta de:

Mora com: mãe

Padrasto – peixeiro

Três irmãs – 13, 7 e 3 anos

Casa: própria

Renda familiar: mais ou menos R\$350,00

Motivo do atendimento: pai desempregado; relata querer ajuda para poder ter uma vida melhor, longe do tráfico e drogas. Pais separados, mas moram juntos um do outro. Já fez uso com o pai. Foi ao N.A. Gosta muito de paquerar.

28/03/2003 – está com a namorada grávida e tem um filho. Omite fatos de sua vida e diz : ‘Dona Anastácia não pode saber’. Voltado para área sexual, quer ser chamado de ‘pega geral’ Reclama uso de bebida pela mãe.

18/07 – grupo fala sobre seu mau cheiro

24/07 – no dia 23/07 foi pego pela polícia soltando pipa na laje, outro menino disse que ele era do tráfico. Pego sem drogas; chorou na delegacia.

Uso: 10 anos – maconha – uso diário

Motivação: porque seu pai fazia uso de maconha, como também alguns amigos.

Obs.: É necessária avaliação neurológica.

Minhas anotações:

- * Participou da bateria do Bloco do Balanço do Macaco e, em 2005, da Escola Unidos de Vila Isabel.
- * Estava cursando a 3º série primária, à noite, no Brizolão.
- * Quando se apresentou para mim, disse que veio para o projeto mediante seu primo, que também participou do projeto.
- * Em meados de 2003, eu estava na sala dos computadores com alguns jovens quando Adoniran entrou rindo na sala e falando: “O Hércules rodou”. Os jovens que estavam ali começaram a falar sobre a prisão de Hércules, um deles disse: ele “está lá dentro da blazer [camburão da polícia]”.

Então Celso disse que Hércules não estava mais vindo ao projeto, porque “ele só quer ficar aí de bobeira, está fissurado em pipa”. Quando passamos ao lado da delegacia, na saída do morro, Celso espichou os olhos tentando saber se Hércules ainda estava lá, então comentou: “já devem ter liberado ele, a PM não está mais ali”. Indaguei se era para esta delegacia que levavam os jovens, ele respondeu que sim e explicou-me que ali é um “presídio feminino”- seguidamente eu via pessoas carregando sacolas com mantimentos parados em frente a delegacia.

*Saiu do projeto no início do 2004, porque havia completado 19 anos.

*Logo após ter saído do projeto foi trabalhar num lava-carro na Boulevard 28 de setembro.

*Segundo Celso contou-me, por telefone em novembro de 2005, Hércules estava no hospital porque levou dois tiros quando estava “roubando na rua”. Conforme me disse Hércules estaria roubando próximo ao morro São João e os próprios traficantes do local atiraram nele.

* É ‘pardo’.

13

Nome: Humberto [não encontrei sua ficha]

Minhas anotações:

* Ingressou no projeto em 2004.

* 16 anos em 2004.

* Estava na 6º série.

*Após o término do projeto em outubro de 2004, passou a fazer parte de um outro projeto, que era uma pesquisa da Kellog Brasil. Disse-me que utilizavam palm-tops e “a gente ganha muito dinheiro”.

* É ‘pardo’.

14

Nome: Ivaldo [não encontrei sua ficha]

Minhas anotações:

* Primo do Humberto – entraram ao mesmo tempo no projeto, em 2004. Estava com 13 anos. Ficou pouco tempo no projeto.

* É ‘pardo’.

15

Nome: Jovelina

Data da Ficha: 08/2003

Data de Nascimento: 24/06/1988 [15 anos em 2003]

Escolaridade: 6º série, não gosta de estudar, quer fazer teatro.

Gosta de: da profissão de médico

Mora com: avó – 49 anos – do lar

Avô – 50 anos – segurança

Primos – 14 e 15 anos

Prima – 12 anos

Casa: própria

Renda familiar: mais ou menos R\$ 300,00

Motivo do atendimento: mãe doméstica, não mora com ela; pai falecido há 12 anos; veio por Dona Anastácia, para ‘mudar a forma de ser, quero deixar de ser maluca’; se acha maluca pois ‘pinta o cabelo de diferentes cores, raspa a cabeça e faz coisas doidas’, gosta de ser diferente e ter ‘bons pensamentos’. Avó conta que foi expulsa da Escola Argentina e também do Equador. Avô usa drogas e álcool; primo de 15 anos usa maconha

Avó faz parte do projeto Família Acolhedora na Regional, tem 8 filhos, um falecido; 21 netos – 1 deles que mora com ela está envolvido com o tráfico.

O pai de Jovelina morreu de overdose, mas ela não sabe.

Avó e o marido usavam drogas durante a infância dos filhos.

Em 18/09/2003 Jovelina não apareceu e, segundo Élide, a avó disse que ela fez um aborto.

Obs.: se veste de forma vulgar e foi repreendida

Uso: 14 anos – maconha ; bebe cerveja e vinho em bailes.

Motivação para uso: por curiosidade

Minhas anotações:

* Ela desfilou na Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, em 2005, na mesma ala que eu.

* Dona Anastácia retirou Jovelina do projeto porque ela e seu ex-namorado, Valério, que também participou do projeto brigaram.

* É ‘negra’.

16

Nome: Jerônimo

Data da Ficha: 10/2003

Data de Nascimento: 03/04/1989 [14 anos em 2003]

Escolaridade: 6º série

Gosta de:

Mora com: mãe – doméstica

Pai – desempregado – são separados

Irmã – 19 anos – desempregada

Irmã – 16 anos

Sobrinha – 2 anos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: perguntou ao Nozimar se tinha vaga. Desejo de aprender coisas novas e poder melhorar de vida. Tio e pai usam álcool.

Uso: 14 anos – maconha e álcool.

Motivação uso: curiosidade e bailes

Minhas anotações:

* Segundo Dona Anastácia, Jerônimo “não usa drogas, é ladrão de carro, assaltante mesmo”.

* É ‘pardo’.

17

Nome: Jean

Data da Ficha: 07/2003

Data de Nascimento:

Escolaridade: 7º série

Gosta de:

Mora com: pai – cobrador

Mãe – trabalha na creche

Irmãs – 19 e 18 anos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: veio por amigos. Relata querer ocupar seu tempo e também ter mais responsabilidade. Primo uso drogas, foi do tráfico, faleceu, viu-o morrer.

Uso: 12 anos – cerveja e vinho

Motivação uso: curiosidade

Minhas anotações:

* Primo do Jurandir.

* É ‘negro’.

18

Nome: João Rivaldo

Data da Ficha: 03/2003

Data de Nascimento: 13/03/1985 – não tem documentos [18 anos em 2003]

Escolaridade: 3º série – parou em 1999.

Gosta de:

Mora com: avó e avô - aposentado, que são bem idosos, têm dificuldades de locomoção.

Tia – 27 anos

Primo – 22 anos – desempregado

Primos – 10 e 10 anos

Primas – 10 e 13 anos

Casa: própria – precária

Renda familiar:

Motivo do atendimento: veio por Lineu, do projeto, por desejo de melhorar de vida, poder estudar e fazer cursos. Irmão de 16 anos usa drogas, não tem contato com esse irmão. Mãe mora perto; pai saiu fugido da comunidade e não pode entrar mais.

No seu aniversário ganhou um tênis da profa. Geruza, mas devolveu porque a profa. não perguntou o nº que calçava diretamente para ele, perguntou para outra pessoa. Disse que não gostou do tênis.

Uso: 15 anos - álcool

Motivação: ‘não sei’

Minhas anotações:

- * Na primeira atividade que realizamos, ele se apresentou e me disse que tinha 16 anos; que estudou, quando pequeno, até a 2º série primária e havia voltado a estudar no Brizolão.
- * No início de dezembro de 2003, foi “pego pela polícia” e levado para a delegacia. Dona Anastácia e Celso foram imediatamente retirá-lo.
- * É ‘negro’.

19

Nome: Jurandir

Data da Ficha: 07/2003

Data de Nascimento: 16/08/não sabe – 15 anos

Escolaridade: 6º série

Gosta de:

Mora com: mãe – 32 anos – doméstica

Pai – 40 anos – porteiro

Quatro irmãos mais velhos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: veio para ‘ocupar o tempo’. Tio usa álcool e cocaína

Uso: já usou maconha.

Obs. Encaminhamento para neurologista

Minhas anotações:

* É ‘negro’.

20

Nome: Leonel

Data da Ficha: 09/2003

Data de Nascimento: 30/07/1984 [19 anos em 2003]

Escolaridade: supletivo do CEACA

Gosta de: quer ser professor de educação física

Mora com: irmã – 26 anos – doméstica – 1 salário
Sobrinha – 7 anos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: veio para ‘parar de ter as doenças que tem e melhorar de vida’. Irmão usa drogas.

Doença – dor de dente e visão. Diz que hoje tem horror de maconha devido a um uso quando ele ‘quase enlouqueceu’, ‘eu vi tudo grande e distorcido’.

Em 21/02/2003 – houve guerra na comunidade.

Irmão desempregado. Eles vivem da pensão dos pais que ele, Leonel, tem direiro até os 21 anos. 10/10/2003 – levado no Pinel, medicado com Imprimina 25 mg e Diazepam 5 mg – talvez síndrome do pânico.

Mãe morreu por causa do uso de álcool e o pai morreu atropelado por estar embriagado.

Uso: 05 – tabaco e maconha – uso semanal

Motivação: porque ‘ficava junto com as pessoas que usavam’

Minhas anotações:

- * Em 2004 passou a ser professor assistente de futebol, ligado do Projeto MEL.
- * É ‘negro’.

21

Nome: Leonizinho Data da Ficha: 03/2002

Data de Nascimento: 14/06/1986 [17 anos em 2003]

Escolaridade:

Gosta de:

Mora com: mãe – educadora da creche

Pai – motorista

Irmã – 20 anos

(namorada – 21 anos)

sobrinha – 5 anos

Casa: alvenaria – 4 quartos

Renda familiar:

Motivo do atendimento: pai dependente químico; veio para voltar a ter abstinência da maconha e melhorar de vida.

Trabalhou na secretaria e quer dinheiro para poder ter roupas boas e sair com mulheres.

Briga com pai no ano passado – pai bateu na mãe.

Já foi ‘líder jovem’ na Igreja [Batista]; voltou a freqüentar a Igreja.

Pai e tios usam.

Uso: 13 anos – maconha – uso diário, noturno. Lança-perfume no baile.

Motivação uso: por problema e aborrecimento; no início foi por curiosidade.

Minhas anotações:

- * Neto de Dona Anastácia

- * Estava cursando o ensino médio.

- * Após sair do projeto, passou a trabalhar no Abrigo.

- * É ‘negro’.

22

Nome: Lindomar Data da Ficha: 09/2003

Data de Nascimento: 09/09/1988 [15 anos em 2003]

Escolaridade: 6º série

Gosta de: gostaria de ser técnico em bomba e água (o padrasto é)

Mora com: mãe – 35 anos – faxineira

Irmão – 1 ano

Irmã – 18 anos

Casa:

Renda familiar:

Motivo do atendimento: agressivo com a namorada; trabalha para ter dinheiro.

Uso: nega uso de drogas; álcool

Minhas anotações:

* Tem uma filha

* É ‘negro’.

23

Nome: Nozimar

Data da Ficha: 09/2003

Data de Nascimento: 13/02/1988 [15 anos em 2003]

Escolaridade: 6º série

Gosta de: gostaria de ser militar; gosta de informática e quer ser professor

Mora com: pai – 42 anos – vendedor

Mãe – 35 anos – do lar

Irmãos – 14, 8 e 3 anos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: trazer melhorias para sua vida; ocupar seu tempo e estudar.

Encantado com o mundo do funk, garotas e drogas. Encantamento pelo ‘falso poder’.

Tio usa drogas

Uso: não usa drogas; experimentou álcool

Minhas anotações:

* É ‘pardo’.

24

Nome: Rômulo

Minhas anotações:

* 16 anos. Era ligado à Associação de Moradores.

* Ingressou no projeto em 2004.

* É ‘branco’.

25

Nome: Tomás

Minhas anotações:

* Ingressou no projeto em 2004, com 17 anos.

- * Cursava o ensino médio.
- * É ‘negro’.

26

Nome: Valério

Data da Ficha: 10/2003

Data de Nascimento: 26/01/1989 [14 anos em 2003]

Escolaridade: 6º série

Gosta de: informática

Mora com: mãe – 36 anos - auxiliar de enfermagem – separada

Irmã – 16 anos

Irmão – 6 anos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: Nozimar o convidou para entrar no projeto. Diz que o “pai não é ninguém”. Veio para “mudar a vida e parar de usar drogas”. Pai usa álcool, irmão maconha; vida ilícita. Em 27/11/2003 mudou-se para a casa do pai.

Só gosta de roupas “de marca”. Se empolga com motos, inversão de valores.

Uso: 13 anos maconha

Motivação: bailes

Minhas anotações:

- * Dona Anastácia o retirou do projeto porque ele “bateu” em Jovelina, sua ex-namorada, que também estava no projeto.

- * É ‘negro’.

27

Nome: Vicente

Data da Ficha: 03/2003

Data de Nascimento: 14/08/1985 [18 anos em 2003]

Escolaridade: 2º série, parou de estudar em 2000.

Gosta de: quer ser jogador de futebol

Mora com: mãe - trabalha

Pai – desempregado

Irmã – 7 anos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: veio por amigo (Lineu), para “melhorar de vida”, “aprender com o

projeto”.

Quer tirar sua família da comunidade para não conviverem com a violência.

Desenho com pessoas com armas atirando.

Briga com o pai.

Uso: 13 anos – maconha. Usa há dois anos.

Motivação: “por curiosidade”.

Obs.: Indicação para avaliação neurológica, psiquiátrica e fonoaudióloga.

Minhas anotações:

* No primeiro dia em que realizei uma atividade com ele, Vicente disse que estudou até a 2º série primária e depois foi expulso por falta.

* Segundo Celso, Vicente não é usuário de drogas.

* É ‘pardo’.

As fichas abaixo estavam no “arquivo morto”, pois os jovens já haviam saído do projeto:

01

Nome: Felisberto

Data da Ficha: 10/2003

Data de Nascimento: 19 anos

Religião:

Escolaridade: 6º série

Gosta de:

Mora com: irmã – 21 anos

Cunhado – 20 anos

Mãe – 47 anos

Sobrinho – 3 anos

Casa: própria

Renda familiar:

Motivo do atendimento: veio para “parar com a vida de roubo e poder melhorar”.

Mãe internada motivos psiquiátricos, ele acredita que é por ela estar envolvida com macumba. É assim desde que ele era pequeno.

Pai mora em Água Santa.

Fez curso de garçom no CEACA; quando criança trabalhou como ajudante mecânico.

20/06/2003 – desejo de entrar para o tráfico, recebe convite de amigos.

Frequentava a Igreja – o pastor lhe contou que seu pai era “da vida” e Felisberto teria hereditariedade. Vê o tráfico com deslumbramento e “poder de estar com armas e fazer o que quer”.

25/07/2003 – Está na Igreja e gostando.

08/08 – mãe saiu da instituição psiquiátrica.

Saiu do projeto em novembro de 2003. Ficou no encaminhamento do curso de Buffet da Casa da Cidadania e está fazendo estágio.

Uso: 15 anos – vinho; 16 anos – maconha e resolveu parar.

Motivação: colegas

Minhas anotações:

- * É evangélico.
- * Veio para o projeto por intermédio de um amigo.
- * É ‘negro’.

02

Nome: Cláudio

Data da Ficha: 09/2003

Data de Nascimento: 17/10/1984 [19 anos em 2003]

Escolaridade:

Gosta de: informática

Mora com: mãe – 43 anos – empregada doméstica
 Irmãos – 20 e 23 anos – desempregados
 Cunhada – 15 anos – desempregada
 Sobrinho – 1 ano

Casa: própria

Renda familiar: 1 salário e meio

Motivo do atendimento: veio porque “quer mudar a vida e arrumar emprego”.

Irmão usa drogas.

Mãe vai à Igreja.

14/02 – faz apologia à comunidade e até às facções. “o governo não presta”; “os ricos tinham que dar aos pobres”.

Dificuldades financeiras. Faltam coisas.

27/03 – responsável pela sala de internet.

Saiu do projeto em novembro, ficando como monitor de informática.

Uso: 17 anos – maconha

Motivação: colegas

Minhas anotações:

- * Celso contou-me que realizou um “trabalho diferente” com Cláudio, “porque ele é usuário de drogas e agora está em abstinência”. O trabalho desenvolvido é mediante “a metodologia minnesota dos 12 passos” [do Alcoólicos e Narcóticos Anôminos – grupos de auto-juda]. Disse-me ainda que Cláudio parou de usar drogas.
- * Cláudio faz parte da Cooperativa formada a partir do Centro Comunitário.
- * Depois que saiu do projeto passou a trabalhar na escola de informática do Centro Comunitário, como monitor.
- * Fez cursos de filmagens mediante o CDI.
- * Um de seus irmãos, segundo Dona Anastásia, é “soldado do tráfico”.

* É ‘negro’.

03

Nome: Arcanjo

Data da Ficha: 04/2003

Data de Nascimento: 22/05/1984 [19 anos em 2003]

Escolaridade: supletivo CEACA

Gosta de:

Mora com: mãe – trabalha como cozinheira
Dois irmãos

Casa: cedida por uma tia, pequena com dois cômodos, piso chão batido, pois a que moravam desabou.

Renda familiar:

Motivo do atendimento: veio porque “quer buscar melhorias para sua vida”, busca “ter uma profissão”.

pai desapareceu quando eram pequenos.

Tem uma filha de 2 meses – mãe da filha foi apenas um caso.

Seus dois irmãos usam drogas.

Saiu do projeto em novembro/2003, ficando como monitor de informática.

Uso: 16 anos – maconha – não usa mais

Minhas anotações:

* Namorava Eduarda, que também participava do Projeto.

* Irmão de Amadeu, que participou do projeto e depois ingressou no tráfico.

* Foi contratado pela Faetec, como membro da cooperativa.

* É ‘negro’.

04

Nome: Leônicio

Data da Ficha: 04/2003

Data de Nascimento: 21/11/1985 [18 anos em 2003]

Escolaridade:

Gosta de:

Mora com: mãe – desempregada
irmão

Casa: própria - construída em cada da casa da cunhada.

Renda familiar: ele ganha 100,00 por mês

Motivo do atendimento: veio para “mudar de vida e melhorar”.

Desvio mental – após um ano – alta médica.

27/01 – namorada grávida (uma das). Filha nasceu em junho.

Faz curso de Buffet.

Saiu do projeto em novembro de 2003.

Uso: 10 anos – álcool.

Motivação: porque sempre viu o pai beber e saia com os amigos e bebiam.

Minhas anotações:

* É ‘branco’.

05

Nome: Lineu

Data da Ficha: 09/2003

Data de Nascimento: 28/04/1985 [18 anos em 2003]

Escolaridade: 5º série

Gosta de: gostaria de ser eletricista

Mora com: tia – empregada doméstica
Primas – 17,10 e 08 anos

Casa: própria – 1 cômodo

Renda familiar:

Motivo do atendimento: pai e mãe morreram. Tem muitos tios e alguns irmãos.

Centro se mobilizou para fazer casa para ele e dois irmãos. Irmão e tio usam drogas e álcool.

19/09 – tio vendo possibilidade deles se mudarem para o Méier.

14/11 – ainda vendo mudança;

para ele saída da comunidade é um crescimento.

Saiu do projeto no mês de dezembro, seguindo um próprio pedido do mesmo. Ficou como monitor na sala de internet.

Uso: 15 anos – maconha. Usa há dois anos; uso semanal.

Motivação: “por ver as pessoas usando”.

Minhas anotações:

* Depois que saiu do projeto passou a trabalhar como monitor da informática.

* É ‘negro’.

06

Nome: Eduarda

Data da Ficha:

Data de Nascimento:

Escolaridade:

Gosta de:

Mora com: mãe.

Casa:

Renda familiar:

Motivo do atendimento: Tem uma tia que usa álcool e o pai é alcoólatra. Já experimentou álcool. Pai bebe muito. Pai e mãe são separados. É filha única e mimada pela mãe.

Os garotos a chamam de metida.

Namorado ciumento.

Cursos na FIA.

15/08 – falaram sobre sua saída.

Uso: nunca usou drogas.

Minhas anotações:

* Namorava Arcanjo, também participante do Projeto.

* Veio para o projeto mediante Dona Anastácia.

* É ‘negra’.

**ANEXO K – FICHAS DE AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL INDIVIDUAL
(ABRIL/2004)**

Avaliação Comportamental Individual (Esperança de Vida)

Nome da criança: _____
 Avaliador: _____ Período: _____

		Abril		Maio		Junho	
		SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
A) ADAPTAÇÃO AOS HORÁRIOS							
1. Costuma chegar ao projeto no horário pré-estabelecido							
2. Costuma sair pontualmente para as atividades externas							
3. Realiza as refeições na hora determinada							
4. Costuma ser pontual para as atividades do projeto							
5. Costuma ser pontual para as reuniões de grupo							

		Abril		Maio		Junho	
		SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
B) ADAPTAÇÃO ÀS ATIVIDADES							
1. Participa das atividades com os educadores							
2. Aceita realizar as atividades escolares							
3. Participa das atividades extras (passeios, esporte, etc)							
4. Comporta-se adequadamente nas atividades em grupo							
5. Costuma produzir positivamente durante as atividades							
6. Veste-se adequadamente para as atividades							
7. Aceita participar das reuniões de grupo							
8. Aceita participar das reuniões que abordem a dependência química							
9. Contribui com sua participação nas reuniões e atividades							

		Abril		Maio		Junho	
		SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
C) RELAÇÃO COM A EQUIPE (profissional)							
1. Respeita as determinações da equipe							
2. Possui um relacionamento de confiança com a equipe							
3. Aceita as repreensões							
4. Evita reagir com agressividade física							
5. Evita reagir com agressividade verbal							
6. Colabora durante as atividades							
7. Costuma verbalizar seus pensamentos com a equipe							

	Abril	Maio	Junho			
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
D) RELAÇÃO COM O GRUPO (colegas)						
1. Evita reagir com agressividade física com o grupo						
2. Evita reagir com agressividade verbal com o grupo						
3. Costuma ter uma postura conciliadora nas brigas						
4. Evita brigar com os colegas						
5. Costuma procurar o grupo para as atividades						
6. Estabelece relação de confiança com os colegas						
7. Interage com todo o grupo						
8. Aceita as normas estabelecidas pelo grupo						
9. Contribui com sua participação nas reuniões e atividades						
10. Possui uma liderança positiva frente ao grupo						